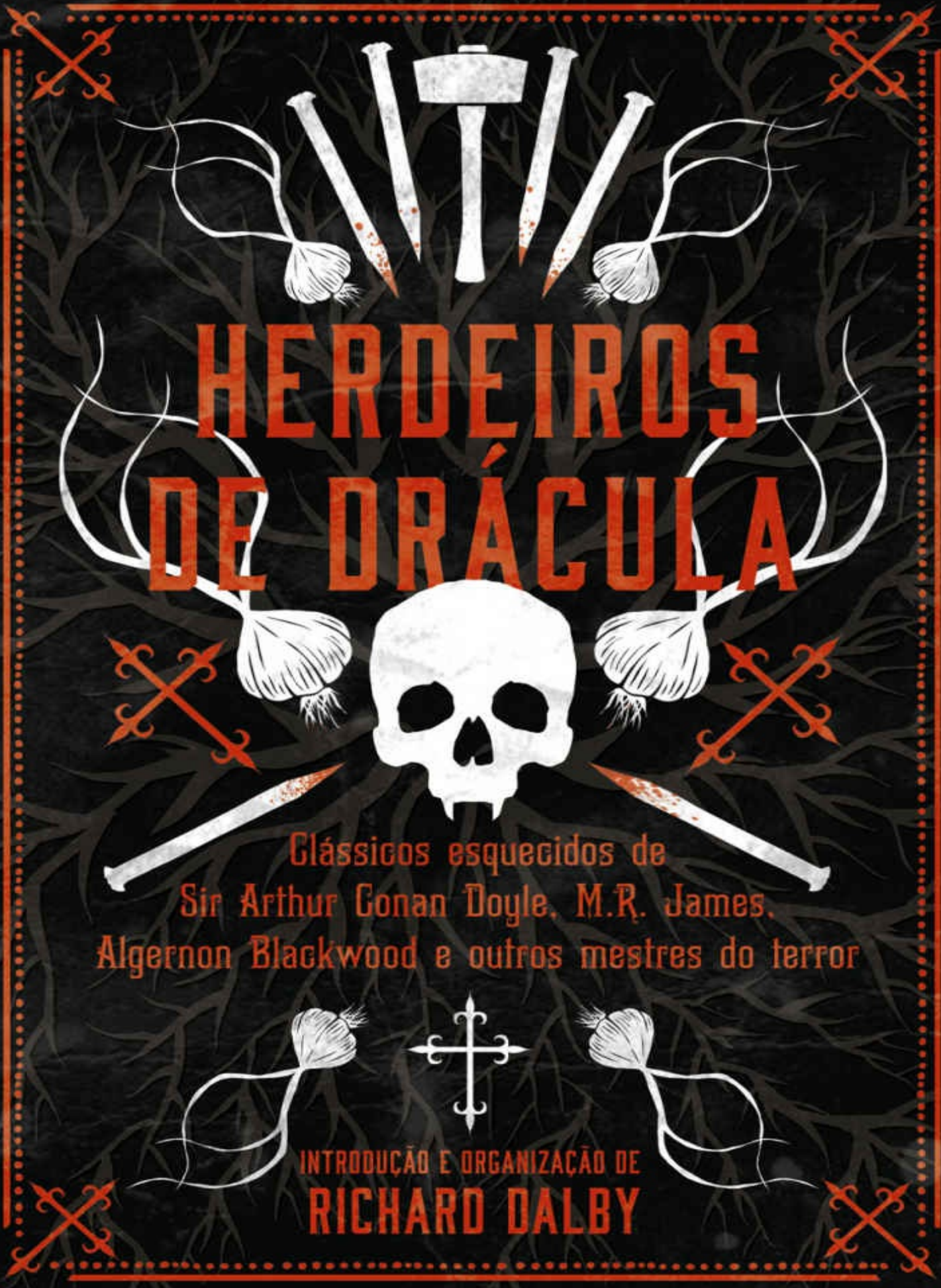




HERDEIROS DE DRÁCULA

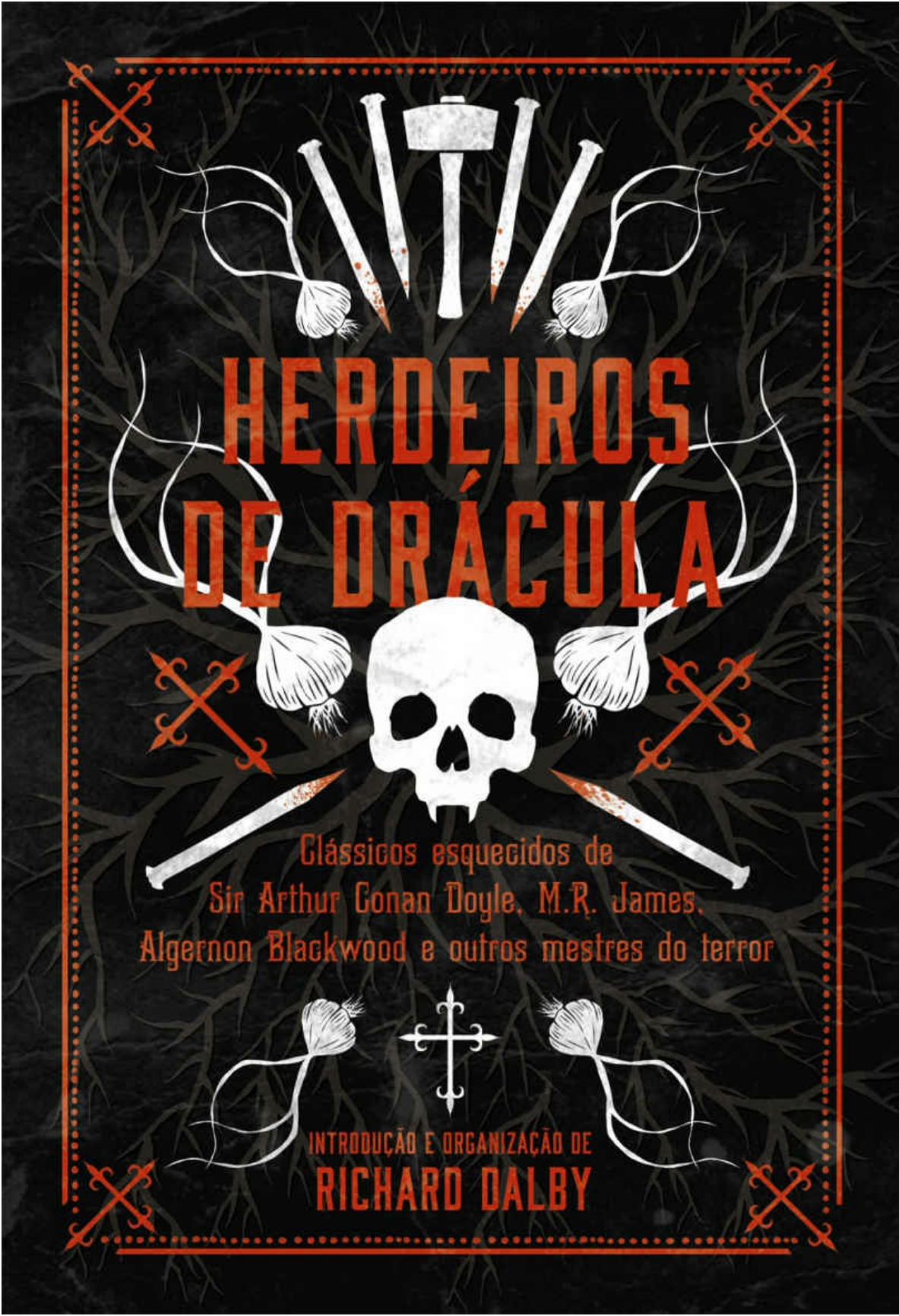


Clássicos esquecidos de
Sir Arthur Conan Doyle, M.R. James,
Algernon Blackwood e outros mestres do terror



INTRODUÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE
RICHARD DALBY





HERDEIROS DE DRÁCULA

Clássicos esquecidos de
Sir Arthur Conan Doyle, M.R. James,
Algernon Blackwood e outros mestres do terror

INTRODUÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE
RICHARD DALBY

HERDEIROS DE DRÁCULA

INTRODUÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE
RICHARD DALBY

TRADUÇÃO DE
FLORA PINHEIRO E MARIANA KOHNERT



Rio de Janeiro, 2017

Título original: Dracula's Brood
Seleção, introdução e notas © Richard Dalby 1987

“A estranha morte de Morton” de Algernon Blackwood reproduzida com permissão de A.P. Watt Ltd.

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Harper Collins Brasil, um selo da Casa dos Livros Editora LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D139h

Dalby, Richard

Herdeiros de drácula / Richard Dalby; tradução Flora Pinheiro, Mariana Kohnert. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

Tradução de: Dracula's brood
ISBN

1. Ficção inglesa. I. Pinheiro, Flora. II. Kohnert, Mariana. III. Título.

17-44167

CDD: 823

CDU: 821.111-3

Rua da Quitanda, 86, sala 218 – Centro – 20091-005
Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3175-1030

SUMÁRIO

[Prefácio](#)

[Os últimos senhores de Gardonal](#)
[William Gilbert](#)

[O destino de madame Cabanel](#)
[Eliza Lynn Linton](#)

[A árvore assassina](#)
[Phil Robinson](#)

[O Vampiro](#)
[Vasile Alecsandri](#)

[O mistério da Campagna](#)
[Anne Crawford](#)

[O mistério de Ken](#)
[Julian Hawthorne](#)

[Solto](#)
[Mary Cholmondeley](#)

[A parasita](#)
[Sir Arthur Conan Doyle](#)

[A boa Lady Ducayne](#)
[Mary E. Braddon](#)

[Um dedo morto](#)
[Sabine Baring-Gould](#)

[Vontade](#)
[Vincent O'Sullivan](#)

[O quarto de pedra](#)

[H.B. Marriott Watson](#)

[A donzela vampira](#)

[O velho retrato](#)

[Hume Nisbet](#)

[Marsias em Flandres](#)

[Vernon Lee](#)

[Uma história não científica](#)

[Louise J. Strong](#)

[O travesseiro de penas](#)

[Horacio Quiroga](#)

[A estranha morte de Morton](#)

[Algernon Blackwood](#)

[Aylmer Vance e a vampira](#)

[Alice e Claude Askew](#)

[O sumagre](#)

[Ulric Daubeny](#)

[O poço das lamentações](#)

[M.R. James](#)

[A árvore da morte](#)

[Barry Pain](#)

[Outra selvagem?](#)

[E. Heron-Allen](#)

[A pedra viva](#)

[E.R. Punshon](#)

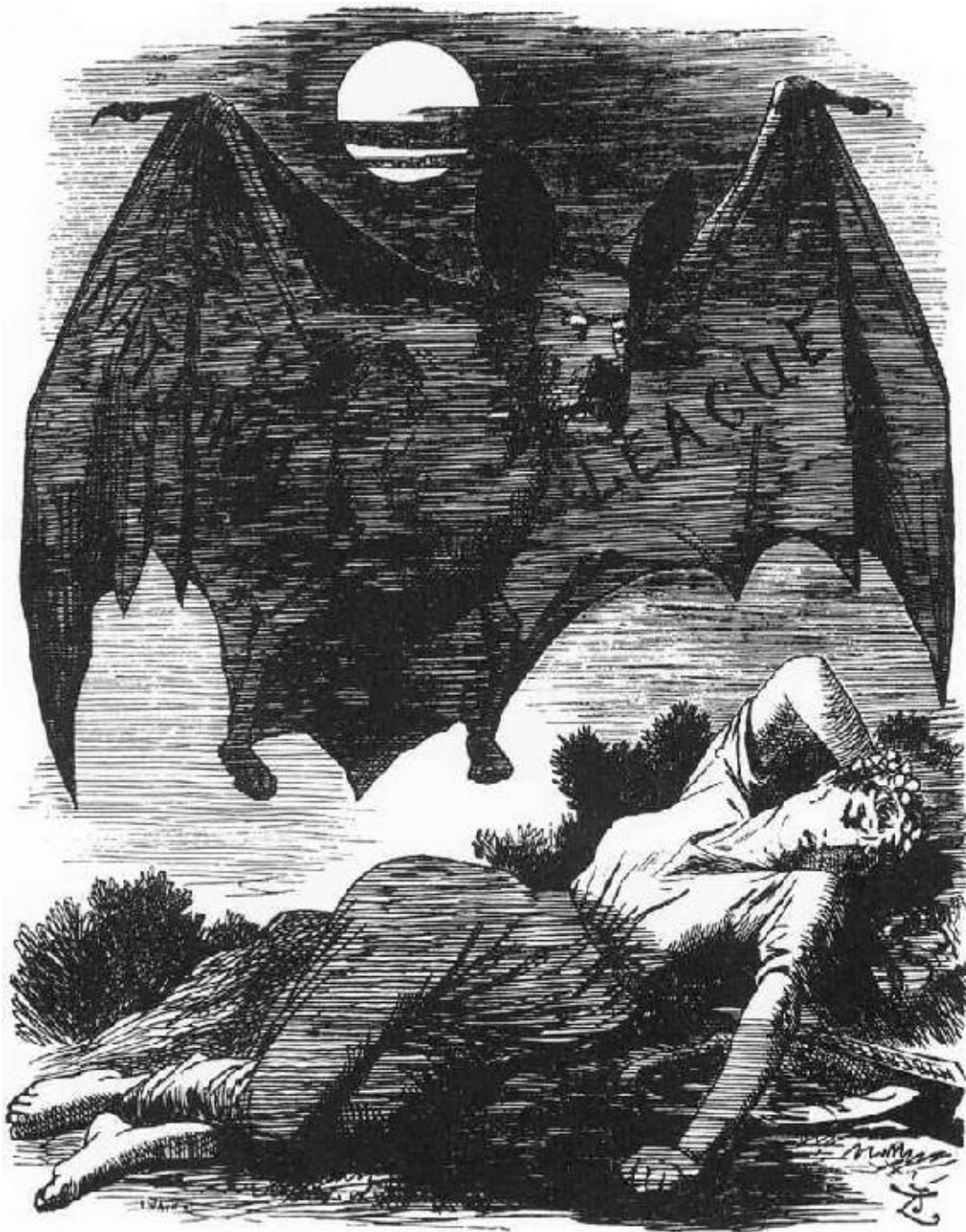
[Princesa da escuridão](#)

[Frederick Cowles](#)

[Sobre o organizador](#)

[Autores presentes na coletânea](#)

[Colofão](#)



O “VAMPIRO” IRLANDÊS

Ilustração por John Tenniel, de Punch (24 de outubro, 1885)

PREFÁCIO

O OBJETIVO DESTA ANTOLOGIA é mostrar o grande interesse por vampiros na literatura durante a Era Vitoriana, na Inglaterra, demonstrar a influência dessas obras em Bram Stoker e o ímpeto que *Drácula* deu a esse segmento de ficção de terror na primeira metade do século XX.

O nome “Drácula” tem sido sinônimo de terror há mais de quinhentos anos. Suas façanhas foram descritas em detalhes no *best-seller* inglês do final da Era Tudor, de autoria de Richard Knolles, intitulado *The Generall Historie of the Turkes* (1603) [História geral da civilização turca], um calhamaço de 1190 páginas que passou por várias edições durante os três séculos seguintes. Knolles descreveu a família de Drácula com riqueza de detalhes: “O Drácula de Valachia, um homem muito experiente na arte da guerra”, e seus filhos “Wladus Dracula” e “Drácula, o irmão mais novo de Wladus” — conhecidos respectivamente como Vlad II, Vlad, o Empalador e Radu, o Belo. A crueldade de Drácula ao lidar com seus inimigos mortais foi esmiuçada no livro: “vinte mil cadáveres de homens, mulheres e crianças. . . empalados em estacas afiadas”. Sabemos pelas notas de Stoker sobre *Drácula* que uma das referências para o seu romance clássico foi o livro *Account of the Principalities of Wallachia and Moldavia* (1820) [História dos principados da Valáquia e da Moldávia], escrito pelo cônsul britânico em Bucareste, William Wilkinson. E o próprio Wilkinson reconheceu que seu livro se baseava, por sua vez, nos escritos de Richard Knolles.

Outros autores, incluindo Horace Walpole, Samuel Johnson, Shelley e Byron, conheceram Drácula através de Knolles. Johnson escreveu em seu periódico *Rambler*: “Na minha opinião, nenhum escritor pode contestar a superioridade de Knolles, que em seu livro sobre a história turca exibiu todas as qualidades que uma narrativa poderia ter”. E, antes de sua morte em Missolonghi, Byron escreveu: “O livro do velho Knolles foi uma das minhas primeiras leituras prazerosas na infância. Acredito que foi uma grande influência no meu desejo posterior de visitar a região do Levante e talvez tenha dado o colorido oriental observado em minha poesia”.

Setenta anos mais tarde, Knolles e Wilkinson foram fundamentais para Stoker em sua pesquisa sobre Drácula, assim como a ajuda prestada pelo professor húngaro Arminius Vambery (a quem Van Helsing se referia em *Drácula* como “meu amigo Arminius da Universidade de Budapeste”) e seu colega Ion Bogdan, biógrafo de Vlad Tepes (1896). Ambos podem ter supervisionado a primeira tradução húngara do *Drácula* de Stoker, publicada em Budapeste em 1898.

Artigos sobre vampiros se proliferaram nas revistas semanais e mensais muito populares durante a Era Vitoriana. Um deles, intitulado “Vampiros e ghouls” (publicado em *All the Year Round*, em 20 de maio de 1871), descreve casos em diferentes áreas afetada nos países danubianos e na Grécia. A conclusão foi que “todas as histórias de vampiros, *ghouls* e lobisomens encontram sua resolução em uma combinação de três causas: algum tipo de epidemia supersticiosa entre pessoas ignorantes; algum fenômeno como um transe ou sono epiléptico; ou as doenças monomaniacas especiais que devem ser estudadas pela medicina”.

Francis Hindes Groome, um estudioso de romani, discutiu a crença cigana em vampiros em seu livro, *Gypsy Folk-Tales* [Contos do folclore cigano]. No idioma deles, o termo *ciohano*, que significa “vampiro”, é idêntico ao turco-romani, *tchovekhano*, uma aparição ou espectro.

Muitas figuras famosas não duvidavam da existência de vampiros. Horace Walpole (em *Letters*, vol. 1, p. cix) revelou que o rei George I acreditava piamente em vampiros. Em um prefácio especial de *Drácula* (que foi suprimido da edição inglesa, mas posteriormente adicionado à edição islandesa), Stoker escreveu: “Estou convencido, sem sombra de dúvida, de que os eventos aqui descritos ocorreram de verdade, por mais inacreditáveis e incompreensíveis que possam parecer à primeira vista [...] Afirmo mais uma vez que essa misteriosa tragédia aqui descrita é fiel em todos os aspectos factuais, embora, naturalmente, em certos pontos eu tenha chegado a uma conclusão diferente das dos envolvidos nos acontecimentos.” (As reações de seus amigos não foram registradas.)

Registros “reais” de vampiros continuam a aparecer até os dias de hoje. Diz-se que uma das mais intrigantes “pragas” ocorreu em Cagayan Sulu, uma ilha remota nas Filipinas. O relato de Ethelbert Skertchley (em 1896) foi adaptado por Andrew Lang em seu livro *The Disentanglers* [Os desembaraçadores], e mais tarde foi um grande favorito de M.R. James

(conforme registrado pelo comandante R.T. Gould em seu ensaio fascinante sobre o assunto).

POR ESCOLHA, esta antologia deixa de fora todos os clássicos mais célebres do gênero, que são encontrados com facilidade em outras coletâneas e vêm sendo reimpressos há anos: “O vampiro” (John Polidori), “Carmilla” (J. Sheridan Le Fanu), “Porque o sangue é vida” (F. Marion Crawford), “A tumba de Sarah” (F.G. Loring), “Sra. Amworth” e “O quarto na torre” (E.F. Benson), “O convidado de Drácula” (Bram Stoker) e trechos do imenso romance *Varney, o Vampiro* (escrito por um anônimo, mas que foi creditado ao autor de *Grace Rivers*, James Malcolm Rymer).

Em vez disso, selecionei alguns dos exemplos mais negligenciados do gênero vampírico, inclusive de alguns nomes muito conhecidos: Arthur Conan Doyle, Algernon Blackwood, Julian Hawthorne, Vernon Lee, Eliza Lynn Linton, Sabine Baring-Gould, Mary Braddon e Mary Cholmondeley. E também escritores injustamente deixados de lado: Ulric Daubeny, Anne Crawford (irmã de F. Marion Crawford), Frederick Cowles, William Gilbert (pai de W.S. Gilbert), Edward Heron-Allen e Vincent O’Sullivan. Vários deles eram amigos de Stoker, incluindo Doyle, Gilbert, Heron-Allen, Hawthorne e Braddon. Os vampiros clássicos tradicionais podem ser encontrados nas histórias de Gilbert, Crawford, Hawthorne, Nisbet, Blackwood, Cowles, Askews e outros, mas diversas outras formas vampíricas sanguinárias são descritas nas demais histórias, desde estacas a árvores, de pedras a um peixe e até mesmo um travesseiro de penas.

Além das criaturas sedentas de sangue, há os vampiros “humanos” ou parasitas cujo alimento é a alma, ou o velho que necessita da força dos jovens. Winifred Graham, em sua autobiografia, citou seu amigo — a grande autoridade em vampiros, Montague Summers —, para falar desse aspecto:

Já conheço bem o fenômeno [dos “vampiros psíquicos”]. Em geral são boas almas, mas que (muitas vezes acidental e inconscientemente) sugam e esgotam a vitalidade mental das pessoas próximas. Não são personalidades tediosas, como você já observou. Conheço um homem, um indivíduo espirituoso e esperto, bondoso e gentil, que é assim. Depois de uma visita dele, eu tenho, sem exagero, que ir para a cama e descansar. Ele não faz ideia que isso acontece. Conheço esses vampiros há anos e já vi esse problema ser discutido inúmeras vezes. Não acho

que exista uma explicação “científica”, mas há uma explicação psicológica. É simples: são vampiros psíquicos. Há também seres muito mais terríveis, homens e mulheres que represam o fluxo de vida de outras pessoas e mantêm sua vitalidade se alimentando de terceiros. Isso beira a bruxaria.

Um dos melhores exemplos desse tipo na literatura inglesa é “O parasita”, de Arthur Conan Doyle, que aparece nesta antologia. (Também apareceu na série “Acme Library” junto com *The Watter’s Mou* [A foz do rio], de Bram Stoker.)

Os vampiros psíquicos aparecem com tanta frequência no final da ficção vitoriana e eduardiana quanto os vampiros tradicionais. Nessa categoria estão: “A Borrowed Month” (1886) [Mês emprestado], de Frank Stockton; “The Princess Daphne” (1888) [A princesa Daphne], de E. Heron-Allen; “Old Aeson” (1891) [O velho Aeson], de A. Quiller-Couch; “The Blood of the Vampire” (1897) [O sangue do vampiro], de Florence Marryat; e “Luella Miller” (1903), de Mary Wilkins. A palavra “vampiro”, que significa “parasita” em termos políticos, era muito usada em periódicos e cartuns vitorianos. Por exemplo, o irlandês “vampiro” retratado por John Tenniel em *Punch*, no dia 24 de outubro de 1885 (ver ilustração da folha de rosto), exhibe um morcego cujo rosto lembra muito o de Stoker!

Pelas sugestões e pelos conselhos úteis sobre esta seleção, sou muito grato a Doris Cowles, Brian Frost, Hugh Lamb, David Simeon e Jessica Amanda Salmonson.

Richard Dalby
1987

William Gilbert

Nos dias atuais, William Gilbert (1804-1890) é conhecido apenas como o pai de William Schwenk Gilbert, da famosa parceria “Gilbert e Sullivan”, mas ele foi um importante romancista nos anos 1860 e 1870. Muitas de suas histórias seguiam o molde de Dickens, abordando o contraste entre a vida dos ricos e dos pobres. Ele também escreveu uma série de contos sobre o oculto e o sobrenatural para a revista *Argosy*, nos quais aparecia Innominato, um italiano excêntrico, além de mago e astrólogo, que agia como uma espécie de oráculo e era consultado por vários personagens nas histórias. “Os últimos senhores de Gardonal”, um dos melhores contos da metade do século XIX que retrata um vampiro, foi publicado pela primeira vez na *Argosy* entre julho e setembro de 1867. O conto foi reimpresso na coleção de Gilbert intitulada *The Wizard of the Mountain* [O Mago da Montanha] para o Natal daquele ano. Bram e Florence Stoker conheciam bem os dois Gilbert, pai e filho, e frequentavam a belíssima casa de W.S. Gilbert em Harrow, Grim’s Dyke. W.S. Gilbert, quando mais novo, ilustrou várias obras de seu pai.

OS ÚLTIMOS SENHORES DE GARDONAL

I

UM DOS ELEMENTOS mais pitorescos no vale Engadina são as ruínas do castelo Gardonal, próximo a uma vila chamada Madaline. Nos tempos feudais, era a sede de uma família de barões, donos de todo o vale, que, como o castelo, havia passado de pai para filho ao longo de muitas gerações. Os últimos herdeiros eram irmãos, dois jovens bem-apessoados, de bom porte e de aparência distinta, mas cuja natureza era mais diabólica que humana — eram extremamente cruéis, gananciosos e tiranos. No início de sua vida, o pai deles tinha sido cuidadoso com seu patrimônio. Também fora excepcionalmente justo com os servos de suas propriedades que, como consequência, alcançaram um nível de conforto e prosperidade incomum aos que se encontravam no poder de senhores feudais do país, que em sua maioria eram arbitrários e muito exigentes. Por muitos anos, já mais velho, ficara sujeito a uma doença grave que o confinara ao castelo, e a administração de suas posses e de seus servos caíram nas mãos dos filhos. Embora o velho barão tivesse lhes dado poder, estava longe de renunciar à sua autoridade. Exigia um relato detalhado da maneira como os dois desempenhavam os diferentes deveres que lhes fora confiado, e, tendo uma forte suspeita do caráter dos filhos — e da possibilidade de irem longe para esconder seus erros —, ele encarregou certas pessoas de vigiar os dois e de mantê-lo informado sobre a veracidade dos relatos que faziam. Esses indivíduos, talvez sabendo que o velho tinha poucos anos de vida, davam uma descrição muito favorável sobre a conduta dos jovens nobres, o que, é preciso admitir, não foi de todo repreensível, durante a vida de seu pai. Ainda assim, em muitas ocasiões eles manifestavam sua natureza diabólica, como que para mostrar aos servos o que lhes aguardava em um futuro não muito distante.

Após a morte do Barão, Conrad, o mais velho, herdou o castelo Gardonal e o vale da Engadina inteiro, enquanto Hermann, o mais novo, ficou com algumas propriedades extensas que o pai possuía no distrito de Bresciano,

pois mesmo nessa época havia muito comércio entre os habitantes do norte da Itália e os da Engadina. O velho barão também pôs em seu testamento que caso um dos filhos morresse sem deixar herdeiros, o outro ficaria com suas propriedades.

Como determinado, Conrad tomou posse do castelo e de seu terreno e Hermann ficou com as propriedades ao sul dos Alpes, que, embora menores que as do irmão mais velho, ainda eram bastante valiosas. Apesar da diferença de valor entre os legados deixados aos irmãos, os dois se davam bem — e parecia que continuariam assim caso seus gostos não se alterassem — e as montanhas que o separavam tendiam a manter a paz.

Não se passara nem uma semana desde que Conrad havia se tornado senhor feudal da Engadina e os habitantes já tinham descoberto, para sua tristeza, como ele era diferente do velho barão. Em vez de manter a mesma quantidade de guardas armados que seu pai, Conrad aumentou o número para trezentos homens, nenhum deles nativo do vale. Eles foram selecionados com todo o cuidado dentre a legião de bandidos boêmios, alemães e italianos, que naquela época infestavam as fronteiras dos Grisões, ou que haviam encontrado um refúgio natural nas montanhas — eram homens capazes de qualquer atrocidade e incapazes de mostrar compaixão. Desses malfeitores, o barão escolheu especialmente para sua guarda pessoal aqueles que desconheciam a língua falada pelos camponeses da Engadina, pois assim seriam menos susceptíveis às súplicas ou desculpas que pudessem ser dirigidas a eles enquanto cumpriam seu dever. Embora fosse natural supor que a manutenção de um corpo de guardas tão extenso pudesse implicar em uma grande despesa, tal conclusão seria errônea, pelo menos no que dizia respeito ao novo barão, que era tão avarento quanto era tirânico. Ele conseguiu sustentar seus soldados impondo um imposto muito oneroso aos seus camponeses, além de seus impostos feudais comuns. E aí dos infelizes aldeões que, fosse por não poderem ou por se sentirem injustiçados, não pagassem cada centavo da quantia que lhes era cobrada. Quando isso acontecia, um grupo de soldados imediatamente era enviado para a aldeia inadimplente para cobrar os impostos, com permissão para morar de graça em algum aposento livre até que o dinheiro fosse pago. Os soldados conheciam bem o seu dever e não retornavam até ter cumprido sua missão. Muitas vezes eram impiedosos, fazendo uso da tortura ou de qualquer meio que quisessem empregar. Depois de conseguirem cobrar os impostos do barão, os soldados aplicavam um castigo adicional, roubando tudo de valor

que o pobre camponês tivesse que valesse a pena carregar, e, não raro, apenas por pura maldade, destruíam o que ficava para trás. Muitas eram as queixas que chegavam aos ouvidos de Conrad a respeito do comportamento cruel de seus guardas, mas nenhuma reparação era feita. O barão decidira que nenhum crime cometido por aqueles sob seu comando seria indenizado, desde que tal crime ocorresse na cobrança de impostos atrasados.

Mas as violências e as crueldades de Conrad não se limitavam ao vale da Engadina. No verão, quando a neve nas montanhas derreteu, liberando a estrada para seus soldados e seus despojos, o barão mandou seus homens pilharem o lado italiano dos Alpes. Lá, roubavam e cometiam todo tipo de atrocidade, ficando impunes, e, quando tinham recolhido o suficiente, retornavam ao castelo. Na verdade, as queixas foram tantas que chegaram às autoridades de Milão. Com seu atraso costumeiro, o governo não tomou qualquer medida efetiva para punir os infratores até que o inverno se estabeleceu, e atravessar as montanhas naquela época teria sido quase impossível, ainda mais para um exército. Quando a primavera voltou, tomou-se mais cuidado, e o assunto, pelo qual as pessoas aos poucos perderam interesse, foi por fim esquecido sem que providência alguma fosse tomada. Afinal, os distritos onde as atrocidades tinham sido cometidas mal eram vistos pelo governo milanês como sendo de fato italiano, pois o povo tinha começado a ser contagiado por uma heresia que lembrava muito o protestantismo dos dias atuais, e seu idioma não era o da Itália, mas sim um dialeto próprio. Assim, o governo começou a considerar desaconselhável tentar punir o barão, apesar de ser merecido, ainda mais em nome daqueles que, afinal de contas, eram pouco dignos da proteção que exigiam. A única atitude real que tomaram para castigar o barão foi fazer com que o Papa o excomungasse — o que fez com que tanto o Papa quanto os seus seguidores passassem pelo ridículo, já que Conrad não professava nenhuma religião.

Em uma de suas viagens para saquear o vale da Valtellina, o barão viu perto de Bormio uma jovem de beleza extraordinária. Na ocasião, ele só estava acompanhado de dois de seus homens, ou a teria sequestrado e levado para Gardonal. Talvez tivesse tentado mesmo assim, caso ela não estivesse cercada por um grupo de camponeses que trabalhavam em alguns campos pertencentes ao pai da moça. Conrad também estava ciente de que a milícia da cidade, que já esperava sua visita, estava armada e, caso alguém soasse um alarme, poderia chegar ao local em poucos minutos. Como, além de seu autoritarismo, ele tinha também certa astúcia, apenas tentou conversar com a

jovem. Quando seus avanços foram recebidos com frieza, ele se contentou em perguntar a um dos camponeses o nome da moça e onde ela morava. A resposta foi que seu nome era Teresa Biffi e que era a filha de um fazendeiro bem-sucedido, que morava com a esposa e quatro filhos (Teresa era a mais velha) em uma casa na extremidade de suas terras.

Assim que o barão recebeu essa informação, foi embora e seguiu para a casa do fazendeiro, examinando-a com muita atenção. Viu que era de tamanho considerável, uma construção de pedra, com barras de ferro nas janelas inferiores e uma forte e bem-feita porta de carvalho que podia ser trancada com segurança por dentro. Depois de ter andado em volta da casa (o que fez sozinho), ele reencontrou seus dois soldados, que tinham recebido ordens de se manterem a certa distância, em um ponto onde não pudessem ser vistos com facilidade, para não levantar suspeitas.

— Ludovico — disse o barão a um deles, seu tenente, que sempre o acompanhava em suas expedições —, memorize bem esta casa, pois um dia desses ou, mais provavelmente, uma noite dessas, você pode ter que fazer uma visitinha.

Ludovico apenas respondeu que estaria sempre a postos para executar qualquer missão na qual seu senhor lhe desse a honra de cumprir. E o barão deixou o local com seus homens.

O modo como a beleza de Teresa Biffi tomara conta dos pensamentos de Conrad realmente parecia resultar de um feitiço. Seu amor por ela, em vez de diminuir com o tempo, parecia aumentar a cada dia. Finalmente, resolveu fazer dela sua esposa e, cerca de um mês depois que a vira, pediu que seu tenente Ludovico fosse até o fazendeiro pedir a mão de sua filha em seu nome. Nem lhe ocorrera que seu pedido podia ser negado. Sem demora, Ludovico partiu em sua missão, chegou à casa do fazendeiro no tempo previsto e entregou a mensagem do barão. Para a grande surpresa do tenente, entretanto, recebeu de Biffi uma recusa definitiva. Ludovico não se atreveria a retornar com uma resposta tão desagradável ao seu senhor, então passou a descrever os ganhos que o agricultor e sua família teriam se a proposta fosse aceita. De acordo com o tenente, não só Teresa seria uma dama da mais alta sociedade, dona de grandes riquezas, tanto em ouro quanto em joias, como também os outros membros de sua família seriam enobrecidos e, cada um deles, à medida que crescessem, receberiam títulos do barão, além de grandes propriedades no vale da Engadina.

O fazendeiro ouviu Ludovico pacientemente. Quando o tenente terminou, o homem respondeu:

— Diga ao seu senhor que recebi a mensagem e que estou disposto a admitir os inúmeros ganhos que eu e minha família poderíamos ter ao aceitar a oferta. Diga que, embora eu não seja nem nobre nem rico, apesar de também não ser pobre... mas ainda assim, mesmo que fosse tão pobre quanto o mendigo cego pelo qual vocês passaram direto na estrada a caminho daqui, eu recusaria a oferta desse canalha infame. Você diz, com razão, que ele é conhecido por seu poder e sua riqueza, mas esta última foi obtida roubando ricos e pobres indefesos, e seu poder aumentou após contratar um bando de ladrões e traidores, que estão sempre dispostos a assassinar qualquer um a seu mando. Aí está minha resposta, e quanto mais cedo você deixar nossa vizinhança, melhor, pois garanto que qualquer um conhecidamente a serviço do barão Conrad não vai ser bem-recebido entre as pessoas que vivem aqui.

— Então, você rejeita a proposta? — perguntou Ludovico.

— Rejeito e sem a menor hesitação — respondeu o fazendeiro.

— E você quer que eu transmita a mensagem nos termos que foram empregados?

— Sem omitir uma palavra. Mas, se quiser incluir alguns sinônimos da descrição que fiz, fique à vontade.

— Cuidado — advertiu Ludovico. — Ainda há tempo de repensar sua decisão. Se insistir que eu leve essa mensagem ao barão, é claro que assim o farei. Mas você deve se preparar para encontrar o Criador o mais rápido possível, pois o barão não é homem de deixar um insulto desses passar. Escute o que eu digo e aceite a oferta antes que seja tarde demais.

— Não tenho como dar outra resposta — disse Biffi.

— Então, eu sinto muito — comentou Ludovico, com um suspiro pesado.

— Não tenho outra escolha. — E montou seu cavalo e foi embora.

Não se deve pensar que os conselhos de Ludovico ao fazendeiro, assim como as súplicas e os argumentos oferecidos, tenham sido motivados por um bom coração. Pelo contrário, Ludovico percebeu logo ao ouvir a primeira recusa do agricultor que não havia chance de ele aceitar a proposta. Por isso, durante o resto da conversa, se pôs a examinar com toda a atenção o interior da casa, tomando nota de como ela poderia ser mais facilmente invadida, pois julgou, com razão, que em pouco tempo poderia ser mandado de volta em uma missão muito menos pacífica.

Nada poderia ser maior que o ódio do barão ao receber a mensagem.

— Seu covarde! — disse ele para Ludovico. — Você deixou o desgraçado com vida depois de ele mandar uma mensagem dessas para o seu senhor?

— O que o senhor acha que eu deveria ter feito?

— Poderia ter enfiado sua adaga no coração dele, não poderia? — sugeriu Conrad. — Sei que fez isso a uma velha por uma provocação muito menor. Talvez se a mulher de Biffi tivesse atendido a porta você teria sido mais corajoso.

— Caso eu tivesse agido por impulso — começou Ludovico —, teria matado o sujeito na hora, mas não teria conseguido trazer a jovem comigo, pois havia muita gente na casa e nos campos. Então pensei que era melhor trazer para o senhor a resposta dele. Peço um favor, e espero que Vossa Excelência me conceda: se o sujeito for punido, que o senhor me permita fazê-lo, como recompensa por ter controlado meu gênio tão bem quando ouvi a mensagem.

— Talvez você tenha sido sábio, Ludovico — reconheceu o barão, depois de alguns momentos de silêncio. — No momento, estou transtornado demais com a impertinência daquele desgraçado para conseguir pensar com clareza no assunto. Vamos conversar melhor amanhã.

No dia seguinte, o barão despachou seu tenente, dizendo:

— Ludovico, tenho agora uma missão para você que, acredito, será de seu agrado. Reúna seis homens de confiança e parta hoje à tarde para Bormio. Passe a noite em alguma aldeia no caminho, mas não diga nada sobre o que vai fazer. Amanhã de manhã, deixem a aldeia, mas saiam separadamente, para que não sejam vistos juntos, evitando suspeitas. Encontrem-se perto da casa do fazendeiro e tentem chegar, se possível, antes do anoitecer, pois é muito provável que tenham que atacar a casa e é melhor se familiarizar bem com os arredores antes. Mantenham-se escondidos, ou vão estragar tudo. Depois de estudarem bem o local, afastem-se um pouco e fiquem escondidos até a meia-noite, pois então toda a família estará em seu primeiro sono e será menos difícil do que se comessem mais tarde. Eu gostaria que você entrasse na casa sem usar a força, mas, se não for possível, pode entrar do jeito que achar melhor. Capture a garota e não lhe faça mal. Se o pai dela tentar resistir, mate-o, mas só se não houver alternativa, pois não quero que sua filha fique com raiva de mim. No entanto, não deixe que nada o impeça de capturá-la. Queime a casa ou faça o que quiser, mas traga-a para mim. Se você executar sua missão prontamente e de modo satisfatório, prometo a você

e aqueles que o acompanharem uma recompensa mais que generosa. Agora vá e comece a se preparar para partir o mais rápido possível.

Ludovico prometeu executar sua missão exatamente como o barão mandara, e logo deixou o castelo acompanhado por seis dos maiores malfeitores que conseguiu encontrar entre os outros soldados.

Embora no calor do momento Biffi tivesse mandado uma mensagem desafiadora ao barão, mais tarde o fazendeiro começou a ficar preocupado com como ela seria recebida por ele. Não se arrependia de ter recusado a proposta, mas sabia que Conrad era um homem extremamente cruel e vingativo e, com toda a certeza, tentaria alguma retaliação. Sua única chance de defesa era deixar as trancas de sua casa o mais seguras possível e estar sempre acompanhado de no mínimo um de seus trabalhadores, para que pudesse mandá-lo pedir ajuda em Bormio e acordar os vizinhos próximos, caso sofresse um ataque. Todos prometeram ajudá-lo como podiam, sem hesitação, pois ele possuía grande fama entre os habitantes da região devido à coragem que demonstrara ao recusar com tanta indignação o pedido de casamento feito pelo barão.

Por volta da meia-noite, um dia depois de Ludovico deixar o castelo, Biffi foi acordado por alguém batendo à porta de sua casa e pedindo para entrar. Era Ludovico, que, depois de falhar em sua tentativa de entrar furtivamente, mandou seus homens se esconderem e resolveu fazer uso da traição em vez da força. Quando Biffi perguntou quem era, Ludovico respondeu que era um pobre viajante perdido e implorou abrigo pela noite, pois estava tão exausto que não poderia dar mais um passo.

— Sinto muito — disse Biffi —, mas não posso deixar que entre antes do raiar do dia. A noite está quente e agradável, você pode dormir na palha perto das janelas e pela manhã eu o deixarei entrar e lhe darei um bom café da manhã.

De novo e de novo Ludovico pediu para entrar, mas foi em vão — Biffi continuou irredutível. Por fim, no entanto, o capanga perdeu a paciência e, de repente, mudando de postura, berrou em um tom ameaçador:

— Se você não me deixar entrar, seu safado, vou queimar sua casa com você dentro. Tenho comigo, como pode ver, muitos homens para me ajudar a cumprir minha ameaça. — Ele apontou para os homens, que foram se aproximando. — Então, é melhor você me deixar entrar agora mesmo.

Biffi percebeu na mesma hora o caráter da pessoa com quem estava lidando. Portanto, em vez de responder, ele se afastou da janela e foi avisar as

outras pessoas da casa. Falou com o trabalhador que ele tinha contratado para passar a noite e disse que ele deveria escapar por uma das janelas dos fundos e correr para acordar os habitantes nas proximidades e alertá-los de que sua casa estava sendo atacada pelo barão e seus homens. O trabalhador deveria implorar para que pegassem em armas e fossem ajudá-lo o mais rápido possível. Depois disso, o trabalhador deveria seguir para Bormio e repetir a mensagem. O pobre homem tentou cumprir as ordens de seu senhor, mas, ao cair da janela, aterrissou com tanta força no chão que se machucou e só conseguia se mover com dificuldade. Ao tentar rastejar, foi visto por alguns dos homens do barão, que o mataram.

Ludovico, ao ver que não conseguiria entrar em casa furtivamente ou por meio de ameaças, tentou forçar a porta, mas ela estava com uma barricada tão firme por dentro que ele não conseguiu abri-la. Enquanto isso, Biffi e sua família empurravam pedaços de madeira e móveis pesados contra a entrada, fortificando-a ainda mais. Ludovico, ao perceber que não conseguiria entrar pela porta, mandou seus homens procurarem uma escada, para tentarem chegar às janelas do andar de cima — as do térreo eram pequenas, altas e bem protegidas, como era comum nas casas italianas da época —, mas, apesar de todos os seus esforços, nenhuma escada foi encontrada. Ludovico se perguntou qual deveria ser seu próximo passo. Estava ficando tarde, e ele sabia que, se não conseguissem entrar logo, ao amanhecer os lavradores a caminho do trabalho iriam alertar os vizinhos. Por fim, um dos homens sugeriu que, como nos fundos da casa havia uma boa quantidade de palha, eles poderiam colocá-las em pilha junto à porta da frente e atear fogo. Segunde ele, ao verem as chamas, os moradores ficariam mais que felizes em fugir pelas janelas do primeiro andar.

Tão logo foi formulada, a sugestão foi aceita. O combustível seco foi empilhado junto à porta, a uma altura de mais de um metro, e, golpeando uma pedra de pederneira contra o punho de uma espada sobre algumas folhas secas, fez-se o fogo, que logo foi transferido para a pilha. Como a palha estava bem seca, a pilha pegou fogo em alguns segundos. Mas a armadilha não teve o efeito que Ludovico desejara. Sim, a família correu em direção às janelas da frente da casa, mas, ao verem as chamas se erguendo de modo tão feroz, recuaram, apavorados. Enquanto isso, os gritos das mulheres e das crianças — que àquela altura já tinham perdido todo o autocontrole — se misturaram ao crepitar das chamas, que, além de incendiarem a madeira e os

móveis do outro lado da porta, alcançaram a forragem e o milho indiano armazenado no térreo.

Ludovico logo percebeu que a casa inteira estava em chamas e que a situação estava ficando desesperadora. Não só havia o perigo de o fogo alertar os vizinhos por conta da luz que emitia, mas também, refletiu ele, seu senhor ficaria furioso se a menina acabasse morrendo no incêndio. O tenente ficou pensando no castigo que ele e os homens sob seu comando receberiam caso voltassem de mãos vazias. Ele começou a gritar para que Biffi e sua família se jogassem pela janela, prometendo que ele e seus homens os salvariam. Demorou até que ele fosse compreendido, mas por fim Biffi levou os dois filhos mais novos até a janela, baixando-os o máximo possível, e os deixou cair nos braços de Ludovico e seus homens. As crianças chegaram ao chão sãs e salvas.

Biffi voltou para buscar o resto de sua família e viu Teresa ali perto. Segurou a mão da filha para que ela o seguisse e estavam quase chegando à janela quando a moça ouviu o grito de sua mãe, uma enferma que vivia acamada. Sem hesitar, a moça deu meia-volta e foi ajudá-la, para a grande decepção dos homens do lado de fora, que não poderiam ser mais indiferentes ao destino do restante da família e pensavam que estavam prestes a capturar sua presa. Ansioso, Ludovico aguardava que Teresa reaparecesse, mas esperou em vão. As chamas se espalharam por completo e até mesmo o telhado estava tomado pelo fogo. Os gritos dos moradores já não eram ouvidos, abafados pela fumaça ou perdidos no crepitar do fogo. O brilho das chamas iluminava a paisagem próxima e distante.

Por acaso estava passando por ali um camponês que residia a cerca de meio quilômetro da casa de Biffi e que precisava percorrer uma longa distância até o trabalho. O homem, que havia levantado mais cedo do que de costume, viu as chamas e foi acordar os vizinhos da aldeia, que se armaram imediatamente e partiram para a cena da tragédia, imaginando, já com bastante certeza, que aquilo era obra de um incendiário. O alerta também foi dado em outra aldeia, e de lá chegou a Bormio, e logo um grupo de homens armados tinha sido reunido para ajudar a extinguir as chamas. Ao chegarem à casa, encontraram uma montanha de cinzas — não havia ninguém à vista, pois Ludovico e seus homens já haviam fugido.

O dia nasceu e os camponeses ali reunidos tentavam explicar o incêndio. No início, tenderam a achar que se tratava de um acidente, mas ao examinarem o local encontraram o trabalhador assassinado e também as duas

crianças que conseguiram escapar e, assustadas, se esconderam em um matagal. Com bastante dificuldade, conseguiram extrair delas o suficiente para saber que o incêndio fora provocado por um bando de ladrões que tentaram pilhar a casa. Suspeitaram imediatamente do barão Conrad, mas não tinham provas além de sua má fama.

Assim que Ludovico descobriu que alguém fora alertar os vizinhos, ele e seus homens correram para procurar seus cavalos, que ficaram escondidos entre algumas árvores a cerca de um quilômetro e meio da casa de Biffi. O sol começava a nascer e já era possível distinguir alguns elementos da paisagem, mas ainda não conseguiam enxergar distâncias maiores com clareza. De repente, um dos homens apontou para uma figura indistinta vestida de branco mais adiante. Ludovico parou para tentar ver o que poderia ser aquilo, e, assim como seus homens, observou-a com toda a atenção. A figura parecia tentar fugir deles.

— É a garota — disse um dos homens. — Ela conseguiu escapar. Está com o mesmo vestido de quando apareceu na janela com o pai. Dei uma boa olhada nela, sei que não estou errado.

— É ela mesmo — confirmou outro. — Eu também vi.

— Espero que estejam certos — falou Ludovico. — Se estiverem, vai ser muita sorte, pois se voltarmos sem ela não seremos bem-recebidos pelo barão.

Eles apertaram o passo. Porém, por mais rápido que fossem, a figura vestida de branco andava com a mesma velocidade. Ludovico começou a suspeitar de que era Teresa tentando fugir deles e ordenou que os homens corressem o mais rápido que podiam. Por mais que tentassem, entretanto, a figura mantinha a mesma distância deles. Outra característica curiosa era que conforme o dia foi ficando mais claro, a figura se tornou menos distinta. Quando os homens alcançaram seus cavalos, ela parecia ter esvanecido.

II

ANTES DE MONTAREM em seus cavalos, Ludovico decidiu ter uma conversa com os homens sobre o que deveriam fazer. Seria melhor retornar ou procurar pela garota nas redondezas? Ambas as alternativas pareciam oferecer certo risco. Se adiassem a partida, poderiam ser atacados pelos

camponeses que, sem dúvida, já estariam atrás deles. Se voltassem para o barão sem Teresa, sofreriam uma punição severa pelo fracasso. Por fim, Ludovico teve a ideia de que uma mentira bem contada poderia servir para aplacar a raiva de Conrad, embora jamais fosse ajudá-los a escapar da fúria dos camponeses. Ele ordenou que os homens montassem em seus cavalos, decidido a dizer ao barão que Teresa havia escapado do incêndio e lhes pedido ajuda, mas que, quando um grupo armado de Bormio apareceu, ela aceitou a proteção deles. Grande parte dessa história seria defendida por seus homens, que estavam convencidos de que a figura de vestido branco era a garota que viram com tanta clareza. Na viagem de volta, Ludovico e seus homens tiveram bastante dificuldade para atravessar as montanhas, por conta de uma nevasca intensa (pois já era fim de outono). No dia seguinte, eles chegaram ao castelo de Gardonal.

É difícil descrever a raiva do barão ao ouvir que seus homens tinham falhado. Ordenou que Ludovico fosse jogado em uma masmorra, onde ficou por mais de um mês, e da qual só foi libertado porque Conrad precisava de seus serviços para uma expedição que exigia habilidade especial e coragem. Os outros homens também foram punidos, embora com menos severidade do que seu líder, que, é claro, eles culpavam pelo fracasso.

Por algum tempo após o retorno de Ludovico, o barão se ocupou em criar planos não só para proteger Teresa (pois acreditava piamente no que Ludovico dissera sobre sua fuga), mas também para se vingar dos habitantes de Bormio pelo papel que haviam desempenhado no caso. Foi para executar seus planos que ele tirou Ludovico da prisão.

EM UMA MANHÃ após o fim do inverno, quando o sol da primavera derretia a neve nas montanhas, três homens que pareciam burgueses respeitáveis, ainda que sujos da viagem, chegaram ao Santuário e pediram para falar com o Innominato. Alguém foi dar o recado no castelo e voltou logo depois, dizendo que seu senhor gostaria que os visitantes fossem levados até ele imediatamente. Quando chegaram ao castelo, encontraram o Innominato já pronto para recebê-los com um uma farta refeição e bebidas para refrescar os viajantes. A princípio, os recém-chegados pareciam contidos, mas essa reserva logo desapareceu diante da afabilidade do astrólogo. Depois de comerem algumas das iguarias que foram servidas, o Innominato perguntou o

motivo da visita. Um deles, que claramente fora escolhido como porta-voz, levantou-se da cadeira e disse a seu anfitrião:

— Nossa delegação veio até Vossa Excelência a pedido dos habitantes de Bormio para implorar por seu conselho e por sua ajuda com uma situação difícil. No final do outono do ano passado, o barão Conrad, senhor feudal da Engadina, estava em nossa vizinhança por alguma razão não muito honesta quando por acaso viu uma jovem muito bonita, chamada Teresa Biffi, cujo pai morava em uma grande propriedade a meia légua da cidade. Ao que parece, foi amor à primeira vista para o barão, que mais tarde enviou um mensageiro ao pai da moça com um pedido de casamento. Biffi, já conhecendo muito bem a má fama do pretendente, recusou sem hesitação a proposta, e o fez com palavras tão indignadas que despertou a ira do tirano. Decidido a não somente roubar a menina, mas também a se vingar dos insultos, ele mandou um grupo armado atacar a casa do fazendeiro na calada da noite. Eles tentaram arrombar a porta e, quando não tiveram sucesso, assassinaram um servo que tinham saído para pedir ajuda em uma aldeia vizinha. Os homens incendiaram a casa e, com exceção de dois filhos que conseguiram escapar, toda a família, incluindo a própria jovem, morreu queimada. Parece, no entanto, que Conrad recebeu uma notícia falsa, com certeza de seus próprios homens, dizendo que a moça tinha escapado e estava sob a proteção de alguns dos habitantes de Bormio. Ele enviou outro grupo de homens armados que chegou na calada da noite à casa do *podestà* e conseguiu capturar seu único filho, um menino de quinze anos, e então o levaram para o castelo do barão. Eles deixaram um recado dizendo que, a menos que lhe entregassem Teresa Biffi até o primeiro dia de maio, não só o jovem seria morto, como também o barão se vingaria de toda a cidade. Após essa última atrocidade, pedimos ajuda ao governo de Milão outra vez, mas, apesar de terem nos recebido com muita cortesia e prometido nos auxiliar, temos bons motivos para duvidar dessa ajuda. Até o momento não foram tomadas quaisquer providências, nem mesmo um único soldado foi enviado, mesmo que o prazo para o menino ser morto esteja quase acabando. Os habitantes da cidade já ouviram falar de sua grande sabedoria e poder, da sua disposição a ajudar qualquer um que se encontre em perigo e a proteger os fracos e oprimidos. Por isso nos mandaram para implorar por sua proteção. O barão é um homem sem escrúpulos e não hesitaria em cumprir suas ameaças.

O Innominato, que ouvira o porta-voz com toda a paciência e atenção, disse que não tinha soldados ou guardas às suas ordens, enquanto o barão,

cujas atitudes cruéis eram de conhecimento geral, tinha muitos.

— Mas, Vossa Excelência é um homem sábio e, pelos relatos que ouvimos, temos certeza de que pode nos proteger.

— O seu caso é muito triste, admito, e vocês precisam ser protegidos das maquinções do barão. Não vou fingir que não tenho meios de ajudá-los. Diga ao pobre *podestà* que ele não precisa mais se preocupar com a segurança do filho e que vou obrigar o barão a libertar o garoto. Minha arte me diz que o menino ainda está vivo, embora preso em um calabouço. Quanto aos amigos que os mandaram até aqui, pode garantir que o barão não lhes fará mal. Vocês só precisam fazer com que o barão fique sabendo que Teresa Biffi foi trazida até mim e que ele nunca vai encontrá-la sem minha permissão.

— Mas Teresa Biffi morreu com o pai — argumentou o porta-voz. — E o barão vai se vingar tanto do senhor quanto de nós quando descobrir que você não pode lhe dar a garota.

— Não precisa ter medo, apenas faça o que digo — respondeu o Innominato. — Se seguir minhas instruções, prometo que não terá nada a temer. Quanto mais cedo fizer o que falei, melhor.

A delegação retornou para Bormio e relatou como fora a reunião com o Innominato. Embora o resultado da missão mal fosse considerado satisfatório, os moradores decidiram, após muita conversa, seguir o conselho do astrólogo. Mas como colocar o plano em prática ainda era um grande desafio. A solução veio de um dos principais habitantes da cidade — um homem de muita coragem — que se ofereceu para levar a mensagem do Innominato para o barão. A oferta foi aceita na mesma hora, com gratidão, e no dia seguinte ele começou sua jornada. Logo que chegou ao castelo de Gardonal e explicou o motivo pelo qual estava ali, foi levado até o salão principal do castelo, onde Conrad o aguardava cercado por seus homens armados.

— E, então? — perguntou o barão, assim que o mensageiro chegou. — Os habitantes de Bromio finalmente recuperaram a razão e decidiram me entregar Teresa?

— Não, barão, pois não estamos com ela. Só posso lhe dizer onde o senhor talvez consiga alguma informação sobre a moça.

— E onde seria isso?

— A única pessoa que conhece o paradeiro de Teresa é um célebre astrólogo que vive em um castelo próximo a Lecco.

— Ah, você deve estar querendo me aborrecer — repreendeu Conrad de modo severo. — Deve ser um homem muito tolo ou ousado para tentar uma coisa dessas.

— Não sou nem um nem outro, Vossa Excelência, e nem estou tentando aborrecê-lo. Disse apenas a verdade, pura e simples.

— E como ficou sabendo disso?

— O próprio Innominato me disse.

— Então, vocês foram pedir ajuda dele contra mim! — exclamou o barão, furioso.

— De modo algum, Vossa Excelência. É verdade que fomos nos aconselhar com ele sobre a melhor forma de agir caso o senhor nos atacasse e cumprisse sua ameaça de executar o filho do *podestà*.

— E o que ele respondeu?

— O que eu disse ao senhor, que apenas ele sabe como encontrar Teresa Biffi e que será impossível tirá-la da proteção dele sem permissão.

— Ele mandou essa mensagem para me desafiar?

— Acredito que não, Vossa Excelência.

O barão ficou em silêncio por alguns momentos. Então, perguntou ao visitante quantos homens armados o Innominato tinha sob seu comando.

— Nenhum, acredito eu. Pelo menos, não havia ninguém à vista quando a delegação de nossa cidade foi vê-lo.

O barão voltou a ficar em silêncio, imerso em seus pensamentos. Teria preferido qualquer outro oponente que não o Innominato, cuja fama ele conhecia. Temia sua sabedoria mais do que o poder de qualquer nobre — independentemente da quantidade de soldados que pudesse usar contra ele.

— Tenho uma forte suspeita de que estão tentando me enganar. Se eu tiver razão, vou me vingar. Você será detido — continuou, com um súbito olhar feroz para o mensageiro — como refém enquanto visito o Innominato. Se eu não tiver sucesso com ele, você morrerá no cadafalso junto com o filho do seu querido *podestà*.

O mensageiro protestou em vão, argumentando que aprisioná-lo ia contra o código de honra de um cavaleiro, mas o barão não quis ouvir, e o pobre homem foi retirado do salão e jogado em uma cela.

Embora Conrad não gostasse da ideia de conversar com o Innominato, ele logo iniciou os preparativos para a visita, e no dia seguinte começou sua viagem, acompanhado apenas por quatro de seus soldados. Deve-se ressaltar que muito provavelmente ele teria evitado encontrar o Innominato em

qualquer outra circunstância, tamanha a antipatia que sentia por ele. Parecia estar agindo por força do destino. Era como se algum poder maior inexplicável o impelisse em sua tentativa de capturar Teresa.

A estrada escolhida pelo barão como rota para o castelo do Innominato era bastante tortuosa. Em primeiro lugar, o nobre não achou prudente passar pela Valtellina. Além disso, achou que se visitasse seu irmão no caminho conseguiria mais detalhes sobre o caráter do homem misterioso que iria visitar, pois os habitantes de Bergamo saberiam mais sobre ele do que aqueles no vale da Engadina.

Conrad chegou ao castelo do irmão e confirmou os relatos sobre o poder e a habilidade incríveis do astrólogo. Depois de passar um dia com o irmão, o barão partiu para Lecco. Ficou dois dias na cidade sob um codinome, à espera de notícias do soldado que enviara para verificar se o Innominato possuía guardas em seu castelo. Como era um homem muito traiçoeiro, Conrad esperava que os outros também fossem. O soldado voltou e contou que se esforçara muito em sua investigação e estava convencido de não haver soldados no castelo, também não havia qualquer grupo armado — o Innominato contava apenas com seus poderes ocultos para se defender.

Certo de que não havia nada a temer, o barão deixou Lecco, acompanhado por seus homens, e em poucas horas chegou ao Santuário, onde seu pedido para uma reunião foi transmitido ao astrólogo. Depois de algum tempo, o Innominato respondeu que estava disposto a recebê-lo, mas apenas se ele fosse sozinho, já que seus homens não seriam recebidos no castelo. Conrad hesitou por alguns momentos, não muito feliz com a ideia de se colocar à mercê de um homem que poderia ser um adversário muito perigoso, e quem sabe até traí-lo. Seu amor por Teresa Biffi, no entanto, fez com que aceitasse o convite, e ele acompanhou o mensageiro até o castelo.

O Innominato recebeu seu convidado com uma cortesia fria. Sem sequer convidá-lo para se sentar, perguntou o motivo da visita.

— Talvez eu não seja estranho a você — começou o barão. — Sou senhor da Engadina.

— Para ser honesto, seu nome e reputação são bem conhecidos. Quem me dera não fossem.

— Lamento muito ouvi-lo falar nesse tom — disse o barão, com evidente esforço para controlar a raiva crescente. — Uma pessoa na minha posição acaba criando inimigos, mas muito me surpreende um homem com a sua

reputação sendo tão preconceituoso sem ter investigado as acusações contra mim.

— Está enganado a meu respeito. Mais uma vez: qual o motivo desta visita?

— Tomei conhecimento — começou o barão —, por uma mensagem enviada por aquele bando de insolentes de Bormio, de que você conhece a pessoa que está com uma jovem chamada Teresa Biffi. Eu lhe pergunto se é verdade.

— Não mandei a mensagem com esses termos exatos. Mas, admitindo que seja verdade, devo primeiro perguntar por que deseja saber.

— Não vejo problema algum em responder. Não tenho nada a esconder. Quero que ela se torne minha esposa.

— Se é assim, estou disposto a ajudá-lo. Mas com uma condição: deve soltar o mensageiro que tão injustamente prendeu em suas masmorras, assim como o filho do *podestà*, conceder-lhes uma escolta para que voltem em segurança para Bormio, e precisa prometer deixar aquele distrito em paz. Se fizer isso, prometo que Teresa Biffi não só se tornará sua esposa como também trará consigo um dote e um traje de casamento magníficos até mesmo para a posição elevada que você prometeu dar a ela.

— Juro solenemente que assim que o casamento for feito, o delegado de Bormio e o filho do *podestà* deixarão o meu castelo livres e desimpedidos, e que, além disso, enviarei uma forte escolta para mantê-los a salvo no caminho.

— Vejo que já está tramando uma traição. Mas não vou, de modo algum, alterar minha oferta. Uma semana após os dois retornarem a Bormio em segurança, Teresa Biffi chegará ao castelo de Gardonal para a cerimônia de casamento. Agora que você conhece minhas condições, exijo que aceite ou recuse a proposta.

— Que garantia vou ter de que você vai manter seu lado do acordo?

— Minha palavra, e nenhuma outra.

Após fazer silêncio por um momento, o barão respondeu:

— Aceito sua oferta. Mas deixe-me ser bem claro, senhor astrólogo. Se não cumprir sua promessa, mesmo que você tivesse dez vezes o poder que possui, eu deixarei de me vingar. Sou um homem que cumpre minhas ameaças.

— Tudo o que estou disposto a conceder... — começou o Innominato com bastante frieza — O que quero dizer é que, caso você tenha os meios de cumprir suas ameaças, o que no momento não tem... Não pense que só

porque não estou cercado por um bando de malfeitores não sou o mais poderoso. Você não faz nem ideia de como está indefeso em minhas mãos. Olhe para este pássaro. — Ele pegou uma gaiola de madeira pendurada em um prego na parede e exibiu o pardal em seu interior. — Ele está tão em meu poder quanto você. Na verdade, até menos, pois agora vou dar a ele muito mais do que daria a você.

Enquanto falava, o Innominato destrancou a porta da gaiola. O pardal disparou pela janela e logo sumiu de vista.

— Aquele pássaro vai segui-lo até eu retirar o poder dele — explicou o astrólogo. — Não lhe desejo mal por duvidar de mim. A falsidade é uma parte tão grande de sua natureza que você não consegue acreditar na sinceridade dos outros. Não vou puni-lo pela traição que, tenho certeza, você logo vai começar a tramar sem antes lhe dar um aviso justo, já que, sendo tão traiçoeiro, você sempre suspeita que os outros também vão traí-lo. Assim que começar a pensar em quebrar sua promessa de libertar os prisioneiros, ou começar a articular traições ou vinganças contra mim, aquele pardal aparecerá diante de você. Se deixar os maus pensamentos de lado na mesma hora, nada de mau acontecerá, caso contrário, um terrível castigo logo vai se abater sobre você. Não importa onde estiver, o pássaro vai encontrá-lo, e nenhuma habilidade sua poderá lhe fazer mal.

O barão deixou o castelo do Innominato e partiu para Lecco com seus homens, onde passou o resto do dia organizando sua viagem de volta para casa. Retornar pela mesma rota tortuosa que o levava a Lecco seria uma jornada demorada, e o barão estava ansioso para chegar ao seu castelo, libertar os prisioneiros e dar início aos preparativos para seu casamento com Teresa Biffi. Por outro lado, passar pelo vale Valtellina com seus homens — de longe o caminho mais curto — o deixaria exposto a muitos perigos. Resolveu dividir o grupo e mandou três de seus homens voltarem ao castelo do seu irmão para devolver os cavalos que pegaram emprestado. Ele e o quarto homem (um alemão que não falava uma palavra sequer de italiano e, portanto, não iria traí-lo) se disfarçariam de comerciantes tirolezes, retornando ao próprio país. Ele também comprou duas mulas e algumas provisões para a viagem, para que não precisassem descansar em nenhuma das aldeias pelo caminho, onde haveria o risco de serem vistos e atacados.

Na manhã seguinte, Conrad partiu com seu soldado e as duas mulas em uma embarcação que contratara para levá-los até Colico. No início de sua viagem, o barco, tripulado por seis homens, viajou pelo lado oriental do lago.

Entretanto, depois de algumas milhas, o vento, que até então fora moderado, aumentou tanto que os remadores começaram a ficar cansados. O capitão estava determinado a cruzar o lago, pois as montanhas do outro lado ajudariam a protegê-los do vento. Na metade do caminho, avistaram as torres do castelo do Innominato. A visão do castelo fez o barão pensar na conversa que tivera com o astrólogo e o modo desafiador do outro homem. Quanto mais olhava para as torres, mais sentia raiva de Innominato, até que se levantou de súbito e exclamou em voz alta, para grande surpresa dos homens no barco:

— Algum dia nos encontraremos novamente, seu patife insolente, e vou me vingar pelos insultos de ontem.

As palavras mal haviam sido proferidas quando um pardal, aparentemente levado pelo vento para longe da terra firme, pousou no barco por um momento e depois alçou voo. Na mesma hora, o barão se lembrou da advertência do Innominato e da mensagem que o pássaro estava comunicando. Com uma sensação muito parecida com o medo, ele tentou mudar o rumo de seus pensamentos e estava prestes a desviar o olhar do castelo quando os remadores do barco gritaram um aviso. Conrad percebeu que um navio à vela pesado, quatro vezes maior que o deles, avançava velozmente devido ao vento forte, e iria atingi-los em cheio. Ele e os homens teriam morrido afogados, mas, felizmente, o capitão ouviu o grito de alerta dos remadores e, na mesma hora, virou o leme, o que salvou suas vidas, embora o barco do barão tenha sido atingido com tanta violência que quase afundou.

O barão Conrad tinha recebido uma advertência de que a ameaça do Innominato não fora vã e, sabendo que estava à sua mercê, resolveu tentar não ofendê-lo em pensamentos outra vez. O barco seguiu viagem e chegou em segurança a Colico à tarde, onde desembarcaram o barão, seu guarda e as duas mulas, e sem demora o grupo retomou sua jornada. Eles continuaram em frente até o anoitecer, quando começaram a pensar em onde deveriam passar a noite. Examinaram as redondezas, mas não conseguiram encontrar qualquer moradia ou abrigo, e uma chuva pesada começou a cair. Decidiram seguir viagem e já tinham aceitado o fato de passar a noite ao ar livre quando avistaram um casebre cuja porta estava aberta, mostrando a fraca luz de uma lareira em seu interior. Conrad resolveu pedir permissão ao dono da casa para passar a noite ali. Para ter certeza de que não havia perigo, mandou seu guarda investigar se era uma casa isolada ou se fazia parte de uma aldeia. Se

este fosse o caso, ele teria que tomar cuidado para não ser visto. Seu guarda se afastou para obedecer às ordens e não demorou a voltar com a notícia de que a casa era isolada e que não encontrara sinais de qualquer outra moradia nas redondezas. Satisfeito, o barão foi até a porta do casebre e pediu aos moradores que lhe dessem abrigo durante a noite, prometendo-lhes uma generosa recompensa na manhã seguinte. O camponês e sua esposa — um casal velho, de aspecto frágil e adoentado — ofereceram alegremente todo o abrigo que o casebre miserável poderia proporcionar. Depois de amarrarem as mulas nos fundos da casa e trazerem suas bagagens e um pouco de forragem seca para fazer uma cama para o barão e seu guarda, eles prepararam uma refeição com os alimentos que os seus hóspedes haviam trazido. Após o jantar, Conrad e o guarda foram dormir.

Na manhã seguinte, levantaram-se cedo e seguiram viagem. Depois de algumas horas na estrada, o barão, que estivera conversando com seu guarda, fez silêncio de repente, distraído por seus pensamentos. Caminhou alguns passos à frente do homem, lembrando-se das condições impostas pelo Innominato, e começou a se perguntar se não seria possível, de alguma forma, evitá-las. Assim que seus pensamentos seguiram nessa direção, um pardal passou voando perto da cabeça da mula, e logo em seguida seu guarda o alcançou, tocou seu ombro e apontou para um grupo de oito ou dez homens armados a uns quatrocentos metros de distância que vinham em sua direção. Conrad, com medo de que alguns dos moradores da região tivessem se unido para atacá-lo, viu que não havia tempo a perder. Na mesma hora, ele e o guarda se esconderam no bosque em um ponto onde não seriam vistos e de onde seria possível vigiar os soldados. Ele percebeu que quando os homens se aproximavam de seu esconderijo, pararam e começaram a examinar os rastros deixados pelos cascos das mulas. Ficaram conversando por algum tempo, como se não soubessem bem que caminho tomar, e por fim o líder do bando ordenou que seguissem em frente. Assim que os desconhecidos passaram, o barão saiu do bosque.

Nada mais digno de nota ocorreu naquele dia. Tarde da noite, passaram por Bormio, felizmente sem serem vistos. Chegaram com segurança ao pé da montanha, e ao amanhecer começaram a subida. Era um belo dia, calmo, e o sol brilhava. O barão, já imaginando que os possíveis perigos de sua viagem haviam terminado, estava de bom humor, conversando de modo despreocupado com o guarda. Quando já estavam a uma altura considerável, o caminho se estreitou, de modo que não era mais possível andarem lado a

lado, então o barão foi na frente. Ficou calado e pensativo, e o casamento não lhe saía da cabeça, além de suas estimativas sobre quanto tempo levaria para o mensageiro e o garoto chegarem a Bormio. De repente, ocorreu-lhe que os homens que ele enviaria para escoltar os reféns poderiam, depois de terem entregue os dois, esconder-se nas imediações até depois da celebração do casamento e, em seguida, voltar para o castelo com algum outro refém, para que Conrad pudesse exigir outras formas de reparação pelo insulto que pensava ter recebido. Embora o plano estivesse apenas começando a se formar, sem que o barão tivesse muita intenção de pô-lo em prática, recebeu na mesma hora uma prova de que o poder do astrólogo ainda o seguia. Um pardal posou no chão mais à frente e não se moveu até que sua mula estivesse mais perto, quando então alçou voo e passou bem perto de seu rosto. O barão continuou a observá-lo e, ao olhar para cima, pensou ter vislumbrado um leve tremor em um dos imensos acúmulos de neve no pico de uma das montanhas. Na mesma hora, o plano desapareceu de sua mente. Gritou um aviso para o guarda e ambos apertaram o passo, escapando por pouco de serem soterrados por uma avalanche que no instante seguinte caiu no trecho do caminho onde estavam.

O barão, então, se convenceu do imenso poder do Innominato, e seu medo era tão grande que ele decidiu jamais contemplar qualquer traição contra o outro homem, ou sequer cogitar qualquer pensamento sobre uma possível vingança.

No dia seguinte à sua chegada ao castelo de Gardonal, Conrad ordenou que o mensageiro e o filho do *podestà* fossem levados até ele. Com um tom muito suave e cortês, disse que lamentava muito o inconveniente que tinham passado, mas que o comportamento dos habitantes de Bormio não lhe dera escolha. Sim, era obrigado a admitir que o mensageiro falara a verdade, embora, depois da visita ao Innominato, continuasse a acreditar que os habitantes de Bormio não tivessem sido corretos com ele ou mesmo que fossem completamente inocentes. Ainda assim, não queria ser severo e estava disposto a cultivar relações amigáveis com eles, se prometessem parar de insultá-lo — era impossível dizer a que afronta ele estava se referindo.

— Ao mesmo tempo, para ser justo comigo mesmo — continuou ele (já manifestando sua natureza avarenta) —, acho que não devo permitir que vocês retornem sem o pagamento de um resgate justo.

Ele mal tinha pronunciado essas palavras quando um pardal entrou pela janela, passou voando pelo corredor duas ou três vezes, e saiu pela mesma

janela pela qual entrara. Todos que notaram o pássaro o olharam com indiferença — exceto o barão. Ele sabia muito bem que era um aviso do astrólogo. Olhou ao redor para ver que acidente poderia ter acontecido se ele tivesse seguido essa linha de pensamento. Nada de estranho ocorreu após a partida do pássaro. O barão mudou o rumo da conversa na mesma hora e disse a seus prisioneiros que estavam livres para partir assim que desejassem e que, para evitar qualquer acidente infeliz no caminho, mandaria uma escolta de quatro homens para protegê-los. Cumpriu a promessa à risca, e alguns dias depois os homens voltaram, relatando que o mensageiro e o filho do *podestà* tinham chegado em segurança ao seu destino.

III

ASSIM QUE SEUS prisioneiros partiram, o barão deu início aos preparativos para o casamento, pois, embora detestasse o Innominato do fundo de seu coração, ainda assim acreditava que ele cumpriria sua promessa. Sua certeza foi confirmada por um mensageiro enviado pelo astrólogo para informá-lo de que na quarta-feira seguinte a noiva chegaria com sua comitiva, e que o aviso fora dado para que tudo estivesse pronto para a cerimônia.

Conrad não mediu esforços para organizar um casamento imponente e magnífico. A capela do castelo, que estava em mau estado devido ao abandono, foi restaurada, o altar, redecorado, e as paredes ganharam tapeçarias. O salão foi preparado para um banquete de pompa, que seria oferecido após a cerimônia. Montou-se um palanque para onde a noiva seria conduzida quando chegasse, e sobre ele foram colocadas duas cadeiras imponentes, onde o barão e a noiva iriam se acomodar.

Quando chegou o dia do casamento, tudo estava pronto para receber a noiva. Como não fora informada uma hora certa para a sua chegada, todos os que participariam de alguma maneira da cerimônia estavam prontos desde o raiar do dia. Conrad, muito entusiasmado, subiu ao topo da torre de observação para poder gritar suas ordens assim que avistasse a comitiva na estrada. As horas foram passando e Teresa não chegava, e o barão começou a ficar preocupado.

Por fim, se dissipou a névoa que estivera obstruindo a vista de boa parte do vale, e todo o nervosismo do barão desapareceu, pois avistou ao longe um

grupo de viajantes a caminho do castelo, alguns montados a cavalo e outros a pé. A noiva vinha na frente com um imponente palafrém branco, o rosto coberto por um véu grosso. De cada lado dela, vinha a cavalo um escudeiro de trajes magníficos. Atrás dela, cavalgava uma dama de companhia e dois servos. Por fim, vinham várias mulas de carga. O barão deixou a torre e foi até os portões do castelo para recebê-la. Quando lá chegou encontrou um dos escudeiros — o homem havia avançado a pedido de sua senhora — esperando para falar com ele.

— Lady Teresa me pediu para perguntar se o senhor faria a gentileza de deixá-la trocar de vestido antes de vê-lo.

Conrad concordou de boa vontade e foi para o salão onde ocorreria a recepção do casamento. Pouco tempo depois, Teresa chegou ao castelo e, depois que a ajudaram a descer do palafrém, a jovem prosseguiu com a dama de companhia e uma serva (contratada pelo barão) para seu aposento particular, enquanto dois dos muleteiros iam buscar o pesado baú com seu vestido de noiva.

Em menos de uma hora, Teresa saiu de seus aposentos para ser apresentada ao barão e foi conduzida até ele por um dos escudeiros. Assim que entrou no salão, todos os presentes exclamaram com admiração, tão extraordinária era sua beleza. Conrad, sem fôlego, foi até ela, mas, antes de poder ficar cara a cara com a moça, Teresa se ajoelhou, e assim ficou até que ele a fez se levantar.

— Não se ajoelhe diante de mim, querida — pediu ele. — Nós é que deveríamos nos pôr de joelhos diante da sua beleza, não o contrário.

Ele segurou a mão da moça e a levou para uma das cadeiras no palanque, então se sentou ao seu lado e ordenou que a cerimônia de apresentação começasse. Um a um, os convidados foram apresentados a Teresa, e ela cumprimentou cada um deles com graça e amabilidade, o que a fez subir no conceito deles.

Quando a cerimônia de apresentação terminou, o barão ordenou o início da procissão e, levando Teresa pela mão, a conduziu até a capela. Os convidados seguiram o casal. Quando todos se acomodaram em seus devidos lugares, o padre oficializou a cerimônia e o casal recém-casado, junto com os criados e os convidados, entrou no salão do banquete. Embora a refeição fosse esplêndida, a atenção dos convidados estava mais no barão e na noiva do que na comida. Teria sido difícil encontrar um casal mais bonito. A Conrad, como já foi dito, não faltava beleza, nem de rosto nem de corpo. Já a beleza da

noiva parecia quase sobrenatural. Nem os trajes esplêndidos do casal atraíam tanta atenção quanto seus traços delicados.

Depois que a surpresa e a admiração diminuíram um pouco, o banquete progrediu de modo mais satisfatório. Todos estavam animados, e o salão parecia tomado pelo bom humor e pela alegria. Até mesmo o barão parecia mais gentil, e poucos que o vissem naquele momento imaginariam se tratar do tirano severo e de sangue frio que ele de fato era. Seu semblante estava iluminado por seu bom humor e simpatia. Embora sua atenção estivesse voltada para a noiva, ele não se esqueceu dos convidados e chegou até a se levantar algumas vezes para pedir que os servos atendessem a um ou outro pedido. Por fim, seu olhar examinou as mesas, como se estivesse à procura de alguém, e então fez um gesto para o mordomo, que, como responsável por todos os outros servos, avançou para receber suas ordens.

— Não estou vendo os escudeiros de Lady Teresa — disse o barão.

— Vossa Excelência — respondeu o homem —, eles não estão aqui.

— Como assim? — perguntou o barão, com alguma impaciência. — Você deveria tê-los acomodado no salão conosco. Onde eles estão?

— Vossa Excelência — começou a responder o mordomo, já esperando uma explosão, ao ver a expressão no rosto do barão —, eles foram embora. Toda a comitiva deixou o castelo imediatamente depois de descarregarmos as mulas e Lady Teresa ter deixado seus aposentos. Eu estava inspecionando os lugares que tinha preparado para eles quando um servo veio me informar que os escudeiros e os demais tinham ido embora do castelo. Na mesma hora fui atrás deles implorando para que voltassem, pois eu tinha certeza de que Vossa Excelência gostaria que comparecessem ao banquete. Mas eles me disseram que receberam ordens expressas de deixar o castelo assim que Lady Teresa estivesse acomodada em segurança. Mais uma vez, pedi para que ficassem, mas de nada adiantou. Eles seguiram seu caminho e voltei sozinho.

— Bando de cães mal-educados! — disse o barão com raiva. — Umas chicotadas lhes ensinariam boas maneiras.

— Não fique com raiva deles — pediu Teresa, pousando delicadamente a mão sobre a do marido. — Eles só estavam obedecendo às ordens de seu senhor.

— Eu juro que um dia vou me vingar daquele miserável por mais essa afronta!

Assim que proferiu essas palavras, Conrad olhou em volta à procura do pardal, mas o pássaro não apareceu. Essa ausência o deixou ainda mais

alarmado do que se ele tivesse aparecido, pois começou a temer que a vingança do astrólogo estivesse prestes a se abater sobre ele sem nem mesmo o aviso habitual. Teresa, ao perceber sua expressão preocupada, fez todo o possível para acalmá-lo, mas não conseguiu. Ele continuou a olhar em volta, preocupado, tentando descobrir, se possível, de que lado o ataque poderia vir. Estava prestes a levar uma taça aos lábios quando lhe ocorreu que o vinho poderia estar envenenado. Ele se recusou a tocar na comida pela mesma razão. A ideia de morrer no auge de sua felicidade o desarmou. Graças ao efeito calmante de Teresa, assim como a ausência de quaisquer consequências visíveis da fúria do Innominato, ele por fim se tranquilizou e a festa prosseguiu.

Muito antes de o banquete terminar, o barão e sua esposa saíram do salão e foram para o terraço do castelo em seus aposentos particulares. Estava quase anoitecendo. A temperatura era agradável e não se via uma nuvem no céu. Durante algum tempo, passearam juntos pelo terraço e depois se sentaram em um banco. Ali, com o braço ao redor da cintura de sua esposa e a cabeça de Teresa apoiada em seu ombro, os dois ficaram observando o sol se pôr atrás das montanhas. O sol estava quase sumindo quando o barão tomou a mão da esposa.

— Como está gelada, querida! Vamos entrar.

Teresa não respondeu, apenas se levantou e seguiu o marido até o quarto que dava para o terraço. O aposento era iluminado por um grande lampião pendendo de uma corrente presa ao teto. Quando estavam quase debaixo do lampião, cujo brilho se tornava mais forte à medida que a luz do dia diminuía, Conrad voltou a passar o braço pela cintura da esposa e, afetuosamente, a fez pousar a cabeça em seu peito. Assim ficaram por alguns instantes, tranquilos e felizes.

— Você me ama mesmo, Teresa? — perguntou o barão.

— Se eu o amo? — Teresa enterrou o rosto no peito do marido. — Se eu o amo? Sim, meu amor, mais que tudo. Só estou aqui por sua causa. Se você morrer, eu também morrerei.

Ao ouvir sua resposta, Conrad, mais feliz do que nunca, murmurou:

— Beije-me, meu amor.

Teresa continuou com o rosto junto ao peito do marido. O barão, querendo vencer a timidez da esposa, pôs a mão no queixo dela e levantou seu rosto, preparando-se para beijá-la.

Conrad parou, horrorizado, pois a luz do lampião acima de suas cabeças não mostrava mais os traços angelicais de Teresa, e sim o rosto terrível de um cadáver que havia passado algum tempo no túmulo e cujo único sinal de vida nos olhos mortos era uma luz brilhante fantasmagórica. Conrad tentou correr e gritar por ajuda, mas foi em vão. Teresa passou um braço ao redor da cintura dele, prendendo-o com firmeza, e erguendo o outro, cobriu a boca dele com a mão grudenta. Ela o jogou com força no chão e, levando os lábios ao pescoço do marido, sugou o sangue dele bem devagar. O barão, incapaz de se mover ou gritar, estava ciente do terrível destino que o aguardava.

Conrad passou algumas horas nos braços de sua esposa vampira. Por fim, ficou tonto e desmaiou. O sol já havia nascido quando ele recobrou a consciência algumas horas mais tarde. Ele se levantou, horrorizado e pálido, e olhou em volta apavorado para ver se Teresa ainda estava por perto, mas o corredor estava vazio. Por alguns minutos, ficou sem saber o que fazer. Decidiu sair dos aposentos, mas estava tão fraco que mal conseguia caminhar. Foi cambaleante em direção ao pátio. Cada pessoa que encontrava pelo caminho o cumprimentava com o mais profundo respeito, embora não conseguissem esconder a surpresa, tão diferente estava o barão do jovem atlético que tinham visto na noite anterior. Ele ouviu o riso alegre de um grupo de crianças e se apressou na direção do barulho. Para sua surpresa, encontrou Teresa, com sua beleza da véspera, brincando com várias crianças, cujas mães as haviam trazido para conhecê-la. As mulheres estavam encantadas com a bondade e brandura que a baronesa mostrava a seus filhos.

O barão permaneceu imóvel durante alguns momentos, olhando estarecido para a esposa, e ficou se perguntando se os acontecimentos da noite anterior não teriam sido apenas um pesadelo. Mas como explicar a sensação de fraqueza? Teresa, no meio da brincadeira com as crianças, levantou a cabeça e notou a presença do marido. Ela soltou uma exclamação de prazer quando o viu, e, pegando no colo um dos meninos com quem estivera brincando, correu até o barão.

— Conrad, meu amor, veja que gracinha! Não parece um anjinho?

O barão olhou desesperado para a esposa, mas não respondeu.

— Meu amor, aconteceu algum problema? Não está se sentindo bem?

Conrad não respondeu, apenas deu meia-volta e saiu cambaleando às pressas, enquanto Teresa o olhou ir embora com uma expressão preocupada. Ele continuou a andar o mais rápido possível até chegar à pequena sala de estar onde passava as manhãs dando ordens aos seus servos, e se sentou em

uma cadeira para tentar se recuperar do choque. Ludovico, que todas as manhãs ia ver seu senhor para receber suas ordens, entrou na sala e, após uma reverência respeitosa, ficou em silêncio, aguardando ser chamado, sem deixar de reparar em como ele estava mudado. Depois de um tempo, o barão perguntou por que Ludovico o encarava.

— Me perdoe a impertinência, Vossa Excelência — disse Ludovico —, mas temi que o senhor estivesse doente. Devo ter me enganado.

— O que o faz pensar que não estou bem? — perguntou o barão.

— Está muito mais pálido do que o normal, milorde, e há uma pequena marca no seu pescoço. Espero que não tenha se ferido.

Ao ouvir a resposta de Ludovico, o barão percebeu que os eventos da noite não tinham sido apenas uma alucinação. Que prova mais definitiva poderia haver do que a marca dos dentes de sua esposa vampira em seu pescoço? Percebeu que deveria decidir o que fazer em seguida, e a urgência de sua difícil situação o ajudou a se concentrar. Resolveu visitar um monge famoso que vivia nas montanhas a quatro léguas de distância e que era conhecido não só por levar uma vida regida pela religiosidade, mas pelo seu poder de exorcizar espíritos malignos. Quando decidiu seu próximo passo, pediu a Ludovico que providenciasse para ele uma mula bem adestrada, pois o caminho até o monge era uma subida difícil e traiçoeira.

Ludovico fez outra reverência e, depois de ter sido informado de que não havia novas ordens, saiu da sala, perguntando-se por que seu senhor desejava uma mula adestrada quando só cavalgava os cavalos mais geniosos. A conclusão a que chegou foi de que o barão devia ter sido acometido com alguma doença séria e estava se preparando para ir atrás de algum médico habilidoso.

Assim que Ludovico saiu, o barão chamou um dos criados que ia passando e ordenou que lhe trouxesse o café da manhã, esperando que, com uma boa refeição, recuperasse as forças para a viagem que estava prestes a fazer. Funcionou, em certa medida, embora mais pelo vinho que bebeu do que por qualquer outra coisa, pois não estava com fome e comeu muito pouco.

Foi para o pátio do castelo, evitando a esposa. Encontrou a mula já preparada, montou e começou a viagem. Durante algum tempo, seguiu calma e lentamente, pois ainda estava fraco, mas, quando chegou à parte mais alta das montanhas, a brisa fria pareceu revigorá-lo. O barão se pôs a pensar em como poderia se livrar da horrível vampira com quem tinha se casado, de cuja existência ele não duvidava mais. Suas especulações sobre o assunto o

mantiveram distraído até chegar a um caminho estreito na encosta de uma montanha muito alta. Era difícil manter a mula pisando firme, e o barão teve que tomar cuidado para não cair. Mas ele não estava mais com medo. Continuava a pensar em como faria para se separar de Teresa e em como se vingaria do Innominato por tê-lo traído, assim que estivesse livre. Quanto mais planejava sua vingança, mais animado ficava, até que exclamou em voz alta:

— Seu desgraçado! Assim que eu me livrar daquele demônio que você me mandou, juro que vou queimá-lo vivo em seu castelo, um castigo justo pela sua bruxaria.

O barão mal terminara de pronunciar a ameaça e o caminho por onde estava passando cedeu, fazendo-o deslizar até a beirada de um precipício. O barão conseguiu pular de cima da mula, que, assim como as rochas, deslizou montanha abaixo. Desesperado, ele tentava se agarrar a qualquer coisa, mas todos os apoios foram cedendo, e ele continuou a escorregar em direção ao precipício, seus esforços para se salvar tornando-se cada vez mais frenéticos conforme ele se aproximava da morte certa. Estava com as pernas pendendo sobre o abismo, agarrado a uma pedra um pouco mais firme que as outras, retardando momentaneamente a queda. Apavorado, olhou para o terrível vazio abaixo de si, quando sua mente foi invadida por memórias muito vívidas. Um camponês infeliz, que havia caçado em suas terras sem permissão, enforcado no galho de uma árvore, ainda se debatendo enquanto sua esposa e filhos imploravam em vão para que o barão o perdoasse.

A lembrança foi substituída por um menino com uma faca na mão, apunhalando a própria mãe por algum desaforo que ela lhe dissera.

Uma pequena aldeia, cujos habitantes morreram todos em suas casas, pois o barão, mal-humorado, ordenara que seus homens levassem todas as provisões, apesar da proximidade do inverno. Uma nevasca se abatera sobre a aldeia logo depois, e os habitantes, presos em suas casas, acabaram morrendo de fome.

Seus pensamentos voltaram ao presente. O barão fitou o precipício terrível abaixo dele, como uma boca aberta pronta para engoli-lo, quando viu, como em um sonho, Biffi, o fazendeiro, cercado por esposa e filhos em sua casa, aparentemente felizes e tranquilos.

Assim que essa imagem lhe veio à mente, a pedra que agarrava começou a se soltar, e tudo parecia perdido quando um pardal de repente pousou perto dele e depois voou para longe.

— Salve a minha vida! — gritou o barão. — E juro que vou manter tudo em segredo.

Assim que o barão gritou sua promessa, um pastor de cabras, trazendo um bastão comprido na mão, apareceu na encosta acima dele. O homem percebeu o perigo que o barão corria e, com todo o cuidado, porém sem poupar esforços, desceu para ajudá-lo. Ele conseguiu descer até uma saliência cerca de um metro acima, quase ao lado do barão, a quem ele estendeu o longo bastão. Conrad o agarrou com força suficiente para derrubar o pastor com ele precipício abaixo, não fosse o outro um homem tão forte. Com alguma dificuldade, o barão alcançou a saliência na pedra, e o pastor foi subindo, sempre trazendo o barão consigo, até um lugar seguro. Assim que o barão saiu de perigo, começou a olhar em volta, desesperado, até ficar tonto e desmaiar.

Quando recobrou os sentidos, o barão estava tão fraco que logo ficou claro que seria impossível voltar ao castelo naquela noite. Acompanhou o pastor até sua cabana nas montanhas, onde aceitou pernoitar. O homem fez o possível para receber bem seu ilustre convidado e preparou um jantar com seus melhores ingredientes. Mas mesmo que o pastor tivesse cozinhado as iguarias mais requintadas, a comida ainda teria parecido insípida para Conrad, que estava sem apetite. A noite logo caiu e o pastor preparou uma cama de folhas cobertas por um manto na qual o barão, exausto, passou a noite sem que nada perturbasse seu sono.

Na manhã seguinte, o barão acordou bem repousado depois da noite de descanso e se preparou para voltar ao castelo, acompanhado pelo pastor, a quem tinha prometido uma recompensa generosa. Ele desistiu de visitar o monge, temendo despertar a raiva do Innominato, de cujo poder o barão vinha recebendo diversas provas muito convincentes. Ele chegou em casa em segurança e o pastor foi dispensado depois de receber a recompensa prometida. Ao entrar no pátio do castelo, o barão encontrou sua esposa, que parecia triste e preocupada, cercado pelos servos do castelo. Assim que o viu, Teresa soltou um grito alegre de surpresa e correu para abraçá-lo, mas o barão a empurrou rudemente para longe e foi direto para a sala onde dava suas ordens pela manhã. Como também ficou sabendo da chegada de seu senhor, Ludovico foi vê-lo imediatamente.

— Ludovico — disse o barão assim que o viu —, quero que você faça algo para mim agora mesmo, sem contar para ninguém. Vá preparar dois bons cavalos para uma viagem, um para você e outro para mim. Prepare também

provisões e equipamentos para uma jornada de dois ou três dias. Assim que tudo estiver pronto, deixe o castelo sem falar com ninguém e espere por mim a uma légua montanha acima, onde em menos de duas horas irei até você. Cumpra minhas ordens e, se assim fizer, garanto que sua obediência será recompensada.

Ludovico deixou o barão para dar início aos preparativos. Assim que saiu, um servo entrou na sala e perguntou se Lady Teresa poderia entrar.

— Peça a sua senhora que me perdoe — respondeu o barão, com um tom muito gentil e cortês. — Agora estou muito ocupado cuidando de assuntos urgentes, mas esperarei ansiosamente por ela hoje à tarde.

Quando foi deixado sozinho, Conrad começou a planejar melhor o que faria no futuro. Decidiu visitar Hermann, seu irmão, e consultá-lo sobre como lidar com aquela horrível emergência. Caso não achasse uma solução melhor, ofereceria a Hermann o castelo de Gardonal e todo o vale da Engadina, desde que recebesse uma anuidade suficiente para se sustentar dentro do padrão de vida ao qual estava acostumado. Pretendia em seguida ir para um país distante, algum lugar onde o terrível monstro com quem se casara não pudesse ir atrás dele. É claro que não tinha qualquer intenção de receber Teresa à tarde, só tinha adiado o encontro para fugir do castelo sem grandes inconveniências.

Cerca de uma hora após a partida de Ludovico, Conrad saiu do castelo por uma porta escondida, o mais rápido que sua fragilidade física permitiu, e foi atrás de Ludovico, que já o esperava com os cavalos a postos. O barão montou e, seguido por seu tenente, pegou a estrada para onde morava seu irmão, onde chegou bem depois de três dias de viagem. Hermann recebeu o irmão com grande prazer, embora tenha ficado muito surpreso com sua aparência.

— Meu caro Conrad, o que houve com você? Está tão pálido, parece fraco e abatido. Esteve doente?

— Pior que isso, mil vezes pior — respondeu Conrad. — Vamos para um lugar aonde possamos conversar a sós e lhe contarei tudo.

Hermann levou o irmão até uma sala mais reservada, na qual Conrad contou a terrível desgraça que lhe acontecera. Hermann ouviu com toda a atenção e a princípio não pôde deixar de se perguntar se o irmão não estava com as faculdades mentais alteradas, mas ele explicou tudo de maneira tão detalhada e lúcida que suas suspeitas logo desapareceram. Quanto à proposta de Conrad, sobre passar o vale da Engadina para o irmão em troca de uma

anuidade, Hermann prometeu considerá-la. Entretanto, antes de tomarem qualquer decisão, ele o aconselhou a visitar sua rica propriedade à beira-mar, que ficava a dezesseis quilômetros de Gênova. Lá, tranquilo e recluso, o barão poderia recuperar suas forças.

Conrad agradeceu ao irmão por seu conselho e aceitou a oferta de bom grado. Dois dias depois, ele partiu e ao final da semana chegou à propriedade após uma viagem sem grandes obstáculos.

No dia de sua chegada, depois de passear pela bela mansão e também pelos jardins do terreno, Conrad estava sentado diante de uma janela com vista para o mar. A tarde estava deliciosamente calma e ele se sentia tranquilo e seguro, como há muito tempo não acontecia. O sol estava afundando no mar e a lua já começava a surgir, as estrelas brilhando uma a uma no céu sem nuvens. Ocorreu-lhe que aquela imagem do sol se pondo nas águas lembrava muito o momento em que ele quase caíra do precipício. O pensamento mal tinha sido formulado quando alguém o tocou no ombro. Conrad se virou e viu parada diante dele, com sua beleza majestosa, sua esposa Teresa.

— Meu querido Conrad — disse ela, em tom afetuoso —, por que me tratou de maneira tão cruel? Não foi nada gentil de sua parte me abandonar de repente sem dar o menor indício de suas intenções.

— Seu demônio! — acusou o barão, levantando da cadeira de um pulo. — Saia daqui! Por que está me assombrando?

— Não seja tão áspero comigo, meu caro marido. Para atender ao seu desejo, fui tirada de meu túmulo. Se você morrer, eu também morrerei.

— É a minha morte que você quer. Mais uma noite como aquela e serei um cadáver.

— Não, querido Conrad. Eu tenho o poder de prolongar indefinidamente a sua vida. Basta beber isso — ela pegou uma taça de prata da mesa atrás de si — e amanhã todos os efeitos negativos terão passado.

Conrad pegou a taça da mão dela e estava a ponto de levá-la aos lábios quando parou de súbito, e, tremendo, a pôs de volta sobre a mesa.

— É sangue — disse ele.

— É mesmo, meu amor. O que mais seria? Minha vida depende da sua, do seu sangue, e, se você morrer, eu também morrerei. Beba, eu imploro — continuou ela, oferecendo-lhe a taça outra vez. — O sol já está se pondo, em um minuto não haverá mais luz do dia. Beba, Conrad, eu imploro, ou esta noite será a sua última.

O barão pegou a taça de sua mão outra vez para levá-la aos lábios, mas não conseguiu beber, e a colocou sobre a mesa de novo. Um raio de luar puro entrou pela janela, como que para provar que a luz do dia se fora. Teresa se transformou em uma terrível vampira outra vez. Ela avançou no marido e, jogando-o no chão, cravou os dentes na ferida ainda não cicatrizada na garganta dele. Na manhã seguinte, quando os criados entraram na sala, acharam o cadáver caído no chão, mas Teresa não estava à vista, e nunca mais se ouviu falar dela.

Pouco mais resta a ser dito. Hermann se tornou o novo senhor do castelo de Gardonal e do vale da Engadina, e tratou seus vassalos com uma tirania ainda maior do a do irmão. Por fim, os camponeses desesperados organizaram um levante contra ele e Hermann foi morto. O vale depois foi incorporado pelo Cantão dos Grisões.

Eliza Lynn Linton

Eliza Lynn Linton (1822-1898) tinha, na opinião de Rider Haggard, “uma das mentes mais perspicazes e brilhantes de sua época, e será, penso eu, lembrada pela história”. Ela era famosa tanto por seus romances quanto por seu trabalho como jornalista, e se preocupava muito com a posição da mulher moderna na sociedade, escrevendo muitos ensaios sobre o assunto. “O destino de madame Cabanel”, seu estudo convincente das superstições primitivas, foi publicado pela primeira vez na revista semanal *All the Year Round* (16 de dezembro de 1872), e também apareceu em sua coletânea de contos, *With a Silken Thread* (1880). A crença em bruxas e vampiros ainda era muito difundida no século XIX, especialmente em lugares remotos. Um caso semelhante ocorreu na Irlanda quinze anos depois que esta história foi publicada, quando Bridget Cleary foi torturada e assassinada pela própria família, que pensou que ela tinha sido abduzida por fadas e trocada por uma com a sua aparência.

O DESTINO DE MADAME CABANEL

A ALDEIAZINHA DE PIEUVROT, na região da Bretanha, ainda não havia sido invadida pelo progresso ou iluminada pela ciência. Seus habitantes eram simplórios, ignorantes e supersticiosos, e os luxos da civilização lhes eram tão estranhos quanto suas descobertas modernas. Trabalhavam duro a semana inteira no solo ingrato de onde tiravam seu parco sustento. Iam à missa na pequena igreja de pedra aos domingos e dias santos e acreditavam em tudo o que o padre lhes dizia, e também em muitas outras coisas que ele não dizia. O desconhecido não lhes parecia magnífico, mas sim diabólico.

O único vínculo entre eles e o mundo exterior da intelectualidade e do progresso era o *monsieur* Jules Cabanel, o dono da aldeiazinha por excelência: prefeito, juiz de paz e todos os cargos públicos em um só homem. Ele às vezes ia para Paris, de onde voltava trazendo inúmeras novidades que despertavam inveja, admiração ou medo, dependendo da inteligência de seu ouvinte.

Monsieur Jules Cabanel não era tão charmoso ou bem-apessoado quanto os demais representantes de seu sexo, mas era considerado um bom homem. Baixo, atarracado e de testa grande, com o cabelo bem negro cortado curto e uma barba espessa, além de tender à obesidade e ser apaixonado pelas coisas boas da vida, ele precisava ter algumas virtudes para compensar sua falta de encantos físicos. No entanto, não era mau, tinha apenas uma aparência comum e não muito atraente.

Aos cinquenta anos, continuava um dos solteirões da vizinhança. Tinha resistido a todas as insinuações feitas por mães à caça de um bom marido para suas filhas e mantivera intacta sua liberdade e seu estado civil. Talvez sua bela governanta, Adèle, tivesse algo a ver com sua solteirice persistente. Na Veuve Prieur, corria à boca pequena que esse era o caso, mas ninguém se atrevia a insinuar nada na presença dela. Era uma mulher orgulhosa e reservada, com noções equivocadas sobre a própria importância, que ninguém se dava ao trabalho de contestar. Assim, quaisquer que fossem os rumores, nem a governanta nem seu patrão os ouviam.

Foi então que de repente, Jules Cabanel, que passara mais tempo do que de costume em Paris, voltou para casa trazendo uma esposa. Adèle teve apenas 24 horas de antecedência para preparar a inusitada recepção. Parecia uma grande missão, da qual deu cabo com sua costumeira determinação silenciosa. Arrumou os quartos de acordo com as preferências de seu patrão e até teve a iniciativa de acrescentar um buquê de flores aos adornos habituais na mesa da sala de visitas.

“Que flores mais estranhas para uma noiva”, pensou consigo mesma a jovem Jeannette, uma criada que às vezes era chamada para ajudar a arrumar a casa, quando notou os crisântemos — chamados na França *de la fleur de veuves* —, as papoulas vermelhas e o punhado de beladonas e acônitos — que, como até mesmo uma menina ignorante como Jeannette sabia, não eram flores típicas de se dar a uma noiva ou que carregassem qualquer significado matrimonial. Entretanto, lá estavam elas, onde Adèle as colocara, e se *monsieur* Cabanel quis insinuar algo com sua franca expressão de desgosto ao mandar a governanta tirar as flores dali, sua esposa pareceu não entender, apenas sorrindo com aquele olhar vago de alguém que está participando de uma cena sem compreender o que está fazendo.

Madame Cabanel era estrangeira, uma inglesa, jovem, loira e linda como um anjo.

— A beleza do diabo — disseram os pieuvrotineses, com um tom entre desdém e medo, pois para eles essas palavras tinham um peso maior do que quando as usavam normalmente. Como eram morenos, desnutridos, baixos e magros, os habitantes não conseguiam entender aquela figura rechonchuda, alta e pálida. Como era diferente deles, era mais provável que fosse algo maligno do que bom. A primeira impressão negativa só ficou mais forte quando se observou que, embora fosse à missa com pontualidade louvável, a recém-chegada não conhecia o missal e fazia o sinal da cruz errado. A beleza do diabo, de fato!

— Oras! — bufou Martin Briolic, o velho coveiro do pequeno cemitério. — Com aqueles lábios vermelhos, as bochechas rosadas e os ombros gordos, ela mais parece um vampiro, como se vivesse de sangue.

Tal comentário foi feito certa noite na *Veuve Prieur* com um ar de convicção irretorquível, pois Martin Briolic era considerado o homem mais sábio da região. Tinha mais renome que o próprio padre — que era considerado sábio à sua maneira, mas não tanto quanto Martin —, e nem mesmo *monsieur* Cabanel, que também era tido como um homem sábio,

embora não tanto quanto Martin ou o padre. Ele sabia tudo sobre o clima e as estrelas, sobre as plantas que cresciam nas planícies e os animais selvagens e tímidos que as comiam. Também tinha o poder da adivinhação e era capaz de encontrar as fontes de água subterrânea mais fundas, apenas se guiando por sua baguete. Ele também sabia onde encontrar tesouros na véspera de Natal, bastava ser rápido e corajoso o suficiente para entrar na fenda da rocha no momento certo e sair rapidamente antes que fosse tarde demais. Ele vira com os próprios olhos as Mulheres de Vestido Branco dançando ao luar e também os pequenos duendes dando cambalhotas brincalhonas pelo poço na beira da floresta. E sua intuição o fizera suspeitar de qual dos homens de coração negro de La Crèche-en-bois — a aldeia rival — era sem dúvida um lobisomem, e ninguém o questionou. Martin Briolic tinha outros poderes ainda mais místicos, então sua desaprovação carregava peso, ainda que, seguindo a irracionalidade injusta da má natureza, sua aprovação não tivesse peso algum.

Fanny Campbell ou, como era chamada agora, madame Cabanel, não teria chamado atenção na Inglaterra, ou mesmo em qualquer lugar que não fosse tão morto, ignorante e, portanto, fofoqueiro como a aldeiazinha de Pieuvrot. Ela não tinha qualquer passado romântico obscuro, e sua história era bem comum, embora triste à própria maneira. Era apenas uma órfã que se tornara governanta, muito jovem e muito pobre, cujos patrões a abandonaram em Paris, sozinha e quase sem um centavo, após uma briga. Ela se casara com *monsieur* Jules Cabanel pois era o melhor que podia fazer diante das circunstâncias. Como não amava ninguém, não foi difícil ser conquistada pelo primeiro homem que se mostrou bondoso em seu momento de necessidade, e a moça aceitou seu pretendente mais velho, com idade mais compatível para ser seu pai do que seu marido, de consciência limpa, determinada a cumprir seu dever com alegria e lealdade — tudo isso sem se considerar uma mártir ou uma vítima especial sofrendo uma grande crueldade. No entanto, sua decisão fora tomada sem saber da bela governanta, Adèle, nem do sobrinho da mulher, com quem *monsieur* Cabanel era tão bondoso — ele lhe dera um teto e uma educação sob a tutela do padre. Talvez, se possuísse todas essas informações, a jovem tivesse pensado duas vezes antes de se colocar sob o mesmo teto de uma mulher que lhe oferecera papoulas, heliotrópios e flores venenosas como um buquê de noiva.

Se fosse preciso apontar a característica predominante de madame Cabanel, seria seu temperamento tranquilo. Era possível notá-lo nos traços e nas

curvas indolentes de seu rosto e em sua postura, em seus olhos azuis suaves e no sorriso plácido constante. Isso apenas irritava o temperamento francês de Adèle, mais petulante e especialmente desgostoso. Parecia impossível irritar madame Cabanel, ou mesmo fazê-la perceber quando estava sendo insultada, segundo dizia a governanta com o mais profundo desdém. E, justiça seja feita, a governanta não poupou esforços para ajudar a outra a entender suas ofensas. Mas madame Cabanel aceitava com uma doçura incansável toda a arrogância de Adèle e sua insubordinação. Na verdade, ela se mostrou grata que tantos problemas fossem tirados de suas mãos e que Adèle tão gentilmente assumisse os deveres de senhora da casa.

Essa vida preguiçosa e tranquila — um período durante o qual todos os talentos de madame Canabel estavam de certa forma adormecidos, enquanto ela apreciava onde seus últimos anos de privação e ansiedade a tinham levado — resultou, como era de se esperar, em um aumento de sua beleza que tornou seu frescor e sua condição física ainda mais notáveis. Os lábios ficaram mais vermelhos, as bochechas, mais rosadas, os ombros, mais rechonchudos do que nunca. Porém, enquanto ela desabrochava, a saúde da pequena aldeia minguava, e mesmo o habitante mais antigo não se lembrava de uma temporada com tantas doenças e mortes. Até mesmo a saúde de *monsieur* Cabanel se deteriorou um pouco, e a do pequeno Adolphe, muito.

A piora da saúde geral em aldeias sem sistema de esgoto não era incomum nem na França nem na Inglaterra, assim como o triste definhamento de crianças francesas. Entretanto, Adèle tratou esses acontecimentos como algo fora do normal e, quebrando sua reserva costumeira, falou para quem quisesse ouvir sobre a estranha fragilidade que se abatera não só sobre Pieuvrot mas também sobre a casa dos Cabanel, e como ela acreditava que não se tratava de uma situação comum. Quanto ao seu pequeno sobrinho, ela não conseguia nomear a misteriosa doença nem encontrar um remédio para tratá-lo. Havia algo de estranho ali, ela dizia, e Pieuvrot nunca mais fora a mesma desde que os tempos mudaram. Jeannette notara como a governanta ficava sentada olhando para a senhora inglesa, uma expressão assassina surgindo em seu belo rosto quando ela dava as costas para a estrangeira de aspecto saudável e se voltava para a criança magricela definhando. Aquela expressão, contara Jeannette, lhe dava calafrios e deixava sua pele toda arrepiada.

Certa noite, Adèle, sem conseguir mais suportar, foi até a casa do velho Martin Briolic para lhe pedir uma explicação — e uma cura.

— Calma, sra. Adèle — disse Martin, embaralhando as cartas de tarô ensebadas e pondo-as em trios sobre a mesa. — Sim, a questão é mais complexa do que parece à primeira vista. Vejo uma pobre criança adoecer de repente. Deve ser isso, não? E não foi provocada por homem algum? Deus envia doenças para todos nós, é o que sustenta o meu trabalho. Mas o pequeno Adolphe não foi tocado pelo bom Deus. Vejo o dedo de uma mulher maldosa nessa situação. Veja só! — Ele embaralhou as cartas e as distribuiu de modo ansioso e distraído, as mãos murchas tremendo, murmurando palavras que Adèle não conseguia decifrar. — São José e todos os santos nos protejam! A estrangeira... a inglesa... chamada madame Cabanel, está longe de ser uma madame de verdade. Ah, que horror!

— O que foi, sr. Martin? O que está querendo dizer? — exclamou Adèle, agarrando o braço do homem. Seus olhos negros estavam enlouquecidos, as narinas dilatadas pela respiração forte, os lábios finos comprimidos contra os pequenos dentes quadrados. — Explique direito!

— Uma *vrykolaka* — sussurrou Martin.

— Eu sabia! Ah, meu pobre Adolphe! Maldito o dia em que *monsieur* Cabanel trouxe aquele demônio branco para casa!

— Aqueles lábios não são tão vermelhos por acaso, sra. Adèle! — exclamou Martin, assentindo com a cabeça. — Já olhou para eles? Estão molhados de sangue! Foi o que falei desde o começo, assim como as cartas. Tirei “sangue” e “mulher pálida e má” na noite em que *monsieur* Cabanel a trouxe para casa, e pensei comigo mesmo: “Ah, Martin, você está no caminho certo!” E, sra. Adèle, nunca me desviei! Uma *vrykolaka*, é isso que as cartas dizem, sra. Adèle. Uma vampira. Você vai ver só, logo teremos prova de que as cartas revelaram a verdade.

— E quando tivermos? — perguntou Adèle em um murmúrio rouco.

O velho voltou a embaralhar as cartas.

— Quando tivermos, sra. Adèle? Conhece aquele poço abandonado perto da floresta? Aquele em que os diabinhos ficam correndo, onde as Mulheres de Vestido Branco torcem o pescoço de quem aparecer por ali à noite? Talvez elas deem cabo da mulher inglesa de *monsieur* Cabanel. Quem sabe?

— Talvez... — repetiu Adèle em tom sombrio.

— Tenha coragem, mulher valente! Elas vão cuidar disso.

O único lugar bonito de verdade em Pieuvrot era o cemitério. A floresta escura e sombria era grandiosa à sua maneira misteriosa, e havia também a ampla planície onde era possível passear por um dia longo de verão sem

jamais chegar ao seu final. Mas dificilmente uma jovem iria até lá sozinha. Quanto ao restante do cenário, os pífios trechos de terra cultivada que os camponeses criaram a partir dos detritos da área ao redor, onde plantavam suas colheitas mingradas, não eram uma visão muito impressionante. A sra. Cabanel, apesar da indolência que a tomara, ainda possuía o amor inato da mulher inglesa por caminhadas e ar fresco e, portanto, visitava o pequeno e belo cemitério com frequência. Ela não tinha qualquer apego sentimental em relação a ele. Não conhecia nenhum dos mortos nas covas estreitas nem se importava com eles, mas gostava de ver os canteiros de flores e as grinaldas de perpétuas. O local ficava a uma distância perfeita de sua casa e a vista para a planície, a floresta e as montanhas além também era bonita.

Os moradores de Pieuvrot não entendiam aquilo. Era inconcebível para eles que qualquer pessoa sã quisesse visitar o cemitério — não apenas no dia dos mortos ou para adornar o túmulo de algum ente querido —, mas apenas para se sentar ao ar livre, vagar entre os túmulos e ficar olhando em direção à planície e às montanhas nas pausas para descanso.

— Era como se... — interrompeu-se Lesouëf, procurando pela palavra certa.

Ele estava na *Veuve Prieur*, onde os locais se reuniam todas as noites para discutir os pequenos acontecimentos do dia. Há três meses, desde que se mudara para a aldeiazinha, o principal assunto era sempre madame Cabanel: seus costumes estranhos, seu desconhecimento maligno do missal, seus crimes misteriosos. Esses tópicos eram sempre pontuados por piadas e perguntas indiscretas, como “Será que a sra. Adèle estava gostando?” e “E o pequeno Adolphe, como fica quando nascer um herdeiro legítimo?”. Alguns chegavam a comentar que *monsieur* Cabanel era muito corajoso de criar dois gatos-bravos sob o mesmo teto. Qual seria o desfecho de tal situação? Com certeza não acabaria bem.

— Ela passeia pelos túmulos como se fosse o quê, Jean Lesouëf? — perguntou Martin Briolic. Ele se levantou e continuou a falar com uma voz baixa, porém perfeitamente compreensível. — Eu mesmo respondo, Lesouëf: era como se fosse uma vampira! Aquela mulher tem lábios e bochechas vermelhos, e o sobrinho da sra. Adèle está definhando diante de nossos olhos. A mulher tem lábios e bochechas vermelhos e passa horas sentada entre túmulos. Conseguem desvendar o mistério, meus amigos? Para mim, é claro como nosso abençoado sol.

— Ah, sr. Martin, era essa a palavra. Era como se fosse uma vampira! — concordou Lesouëf, estremecendo.

— Como uma vampira! — repetiram todos com um grunhido.

— Falei desde o início que ela era uma vampira — disse Martin Briolic. — Não se lembram? Desde o início.

— Realmente, disse mesmo! E estava certo! — disseram.

Assim, a hostilidade com que a jovem inglesa fora recebida e com a qual era vista pela comunidade desde sua chegada em Pieuvrot tinha encontrado um foco. A semente que Martin e Adèle plantaram de modo tão sedutor começava a brotar. Os locais estavam dispostos a acusar de ateísmo e imoralidade qualquer um que ousasse duvidar daquela conclusão e tentasse dizer que madame Cabanel não passava de uma jovem sem nada de especial, apenas pálida e saudável — não uma vampira que sugava o sangue de uma criança e que vivia entre os túmulos para se alimentar também dos que foram enterrados recentemente.

O pequeno Adolphe ficou cada vez mais pálido e magro. O feroz sol de verão massacrava os habitantes desnutridos em seus casebres de barro cercados por detritos. E a saúde de *monsieur* Cabanel, antes tão boa, ia se deteriorando como a dos demais. O médico, que morava em Crèche-en-bois, sacudiu pesarosamente a cabeça após seu exame e disse que o caso era sério. Quando Adèle o pressionou a dizer o que havia de errado com a criança e com *monsieur* Cabanel, o homem respondeu com evasivas, ou o fez com palavras que ela era incapaz de entender ou pronunciar. A verdade era que o médico era um homem crédulo e desconfiado que gostava de criar as próprias hipóteses e depois tentava prová-las. Ele suspeitava que Fanny estivesse envenenando o marido e a criança. Embora jamais fosse dizer tal coisa a Adèle, não queria tranquilizá-la com uma resposta definitiva de que não encontrara nada de estranho.

Quanto ao *monsieur* Cabanel, ele não era um homem desconfiado ou de muita imaginação. Tratava-se de um homem que levava a vida tranquilamente e tentava não se preocupar muito por medo de magoar os outros. Era um homem egoísta, mas não era mau. Era governado por seus prazeres e não podia conceber, muito menos tolerar, qualquer oposição ou falta de amor e respeito por si mesmo. Ainda assim, amava a esposa como jamais amara outra mulher. Apesar da aparência grosseira e da sua mediocridade, amava-a com toda a intensidade e paixão poética que a natureza lhe dera, que, embora não fossem em grande quantidade, ao menos

em qualidade eram sinceras. Mas essa qualidade foi posta à prova quando os dois, primeiro Adèle e depois o médico, começaram a fazer insinuações sobre influências diabólicas — vindo dela — e atitudes desleais com as quais ele deveria tomar cuidado — vindo dele —, principalmente ao comer e a beber, e também como seus alimentos eram preparados e por quem. Adèle acrescentou algumas insinuações sobre a deslealdade da mulher inglesa e sobre como o diabo gostava de cabelos claros e peles alvas. Embora amasse muito a mulher, aquele veneno constante acabou fazendo algum efeito. Dizia muito sobre sua firmeza e lealdade que o efeito tenha sido tão pequeno.

Entretanto, certa tarde, Adèle, em desespero, ajoelhou-se a seus pés — Fanny tinha saído para seu passeio diário — e disse:

— Por que me trocou por ela? Eu, que o amava, que era fiel a você, e você me deixa por ela, que fica passeando entre túmulos, que bebe o seu sangue e o do nosso filho, que só tem a beleza do diabo a lhe oferecer e seque o ama!

Algo em suas palavras pareceu tocá-lo.

— Fui um tolo! — respondeu ele, encostando a cabeça no ombro de Adèle e começando a chorar.

O coração de Adèle se encheu de alegria. Será que ela voltaria a reinar? Sua rival seria deposta?

Daquela tarde em diante, *monsieur* Cabanel mudou de atitude em relação à esposa, mas a jovem tinha um temperamento tão dócil e pouco desconfiado que nem reparou, ou, se notou alguma mudança, seu amor pelo marido era tão raso — não passava de um sentimento amigável e despreocupado — que não se abalou diante da frieza e grosseria com que ele passou a tratá-la, e aceitou a mudança com a mesma boa natureza com que aceitava tudo. Teria sido mais sábio chorar, fazer uma cena e brigar com *monsieur* Cabanel. Teriam entendido melhor um ao outro, e os franceses gostavam da emoção de brigar e fazer as pazes.

Como tinha um bom coração, madame Cabanel ia muito à aldeia para oferecer ajuda aos doentes. Mas nenhum deles, nem mesmo os mais pobres — na verdade, principalmente eles — a recebiam bem ou aceitavam sua ajuda. Se ela tentasse reconfortar uma das crianças moribundas, a mãe, tremendo, pegava o filho no colo na mesma hora. Se tentasse consolar os adultos doentes, eles a fitavam com olhos sem brilho, horrorizados, murmurando fracamente em patoá palavras que ela não conseguia entender. Mas sempre repetiam a mesma coisa: *vrykolaka*.

“Como essas pessoas odeiam ingleses”, pensava ela ao ir embora, talvez um pouco desanimada, mas fleumática demais para se preocupar ou se incomodar profundamente.

Em casa era a mesma coisa, se quisesse ser bondosa com o menino, Adèle recusava com fervor. Certa vez, chegou a arrancá-lo dos braços de Fanny, exclamando “*Vrykolaka* maldita! Na minha frente?”. Um dia, preocupada com o marido, Fanny se ofereceu para fazer uma xícara de chá inglês, o que fez o médico lhe lançar um olhar penetrante. Adèle começou a bater panelas, dizendo, em tom insolente, embora com lágrimas nos olhos:

— Não está sendo rápido o suficiente para você, madame? Só seria mais rápido se me matasse primeiro!

Fanny não respondeu, pensando apenas que o médico era mal-educado por encará-la de modo tão fixo, e que Adèle estava tendo um de seus acessos de mau humor. Como era diferente das empregadas inglesas!

Mas *monsieur* Cabanel, quando ficou sabendo do que aconteceu, chamou Fanny e lhe perguntou, em uma voz mais afetuosa do que vinha usando nos últimos tempos:

— Você não me faria mal, faria, querida esposa? Estava querendo apenas demonstrar seu amor e sua bondade, não é?

— Mal? Que mal eu faria? — respondeu Fanny, arregalando os olhos. — Que mal eu faria ao meu único e melhor amigo?

— E eu sou seu amigo? Seu amante? Seu marido? Você me ama mesmo? — perguntou *monsieur* Cabanel.

— Meu querido Jules, quem mais seria? — perguntou, beijando-o.

— Deus a abençoe! — exclamou o marido com fervor.

No dia seguinte, *monsieur* Cabanel teve que viajar para cuidar de assuntos urgentes. Disse que passaria dois dias fora e tentaria retornar o mais cedo possível. E assim sua esposa ficou sozinha com seus inimigos, sem nem mesmo a parca proteção que sua presença poderia oferecer.

Adèle tinha saído. Era uma noite quente de verão e o pequeno Adolphe tinha passado o dia ainda mais febril e inquieto do que de costume. Foi piorando ao longo do dia e, embora Jeannette, a criada, tivesse recebido ordens de não deixar Fanny tocar no menino, ela ficou cada vez mais preocupada com a piora da criança. Quando madame Cabanel ofereceu ajuda, Jeannette abandonou de bom grado aquele fardo que lhe era pesado demais, deixando que a inglesa pegasse o menino nos braços.

Depois de um tempo sentada ali com o menino no colo, dizendo palavras doces e o acalmando com uma cantiga de ninar, o pior de seu sofrimento diminuiu e o menino pareceu pegar no sono. Mas, enquanto estivera se remexendo mais cedo, a criança havia mordido o lábio e a língua, e um pouco de sangue escorria de sua boca. Ele era um menino bonito, e sua doença tão grave tinha lhe deixado com um aspecto frágil que apenas o tornava mais adorável. Fanny se debruçou sobre ele e beijou o rosto pálido e tranquilo — fazendo com que o sangue nos lábios dele molhasse os dela.

Ainda estava debruçada sobre ele — seu coração ficara tocado por uma força misteriosa, e Fanny pensava em como logo seria mãe — quando Adèle, seguida pelo velho Martin e alguns outros moradores, entrou no quarto.

— Olhem só para ela! — gritou a mulher, agarrando o braço de Fanny com uma das mãos e forçando seu queixo para cima com a outra. — Entramos bem na hora! Amigos, olhem para meu filho, morto nos braços dela, o sangue dele nos lábios dela! Precisam de mais alguma prova? É uma vampira! Alguém pode negar o que está diante de seus olhos?

— Não! — gritou a multidão rouca. — Ela é uma vampira, uma criatura amaldiçoada por Deus, inimiga do homem! Levem este monstro até o poço! Ela deve morrer para pagar por todos que matou!

— Deve morrer, assim como matou o meu menino! — vociferou Adèle, e todos os que haviam perdido um parente ou um filho durante a epidemia ecoaram suas palavras. — Deve morrer por ter matado minha família!

— Do que estão falando? — perguntou madame Cabanel, enfrentando a multidão com a coragem de uma mulher inglesa. — Que mal eu lhes fiz, que motivo lhes dei para virem atrás de mim, na ausência do meu marido, com esses olhares de ódio e essas palavras insolentes?

— Que mal fez? — exclamou o velho Martin, aproximando-se dela. — Sua arte é a bruxaria, você enfeitiçou nosso amigo, e, como a vampira que é, esteve se alimentando de nosso sangue! Não tivemos prova disso neste exato momento? Olhe para a sua boca, *vrykolaka* maldita! E aqui jaz a vítima, que a acusa em sua morte!

Fanny riu com desdém.

— Não vou nem me dignar a rebater essas loucuras — disse, erguendo o queixo. — Vocês são homens ou crianças?

— Somos homens, madame — respondeu Legros, o moleiro. — E, como homens, devemos proteger os mais fracos. Tínhamos nossas suspeitas, com

toda a razão, especialmente eu, com três pequenos que foram para o céu antes da hora. Agora estamos convencidos.

— Isso tudo porque consolei uma criança à beira da morte e fiz o possível para acalmá-lo... — falou madame Cabanel, em um tom de partir o coração.

— Chega de falar! — exclamou Adèle, arrastando-a pelo braço que ela jamais tinha soltado. — Vamos jogá-la no poço, meus amigos, ou os seus filhos vão morrer como o meu e os do bom Legros!

Foi como se a multidão tivesse sido atingida por um tremor, e os moradores soltaram um rugido que soou como uma maldição.

— Para o poço! Devolvam esse demônio para os outros!

Rápida, Adèle prendeu os braços cuja beleza e forma tinham lhe provocado tantos ciúmes e sofrimento, e antes que a garota pudesse gritar de novo, Legros cobriu sua boca com a mão forte. Embora para ele e os demais presentes dar fim àquele monstro não fosse o mesmo que assassinar uma pessoa, ainda assim os moradores não queriam ser perturbados pelos gritos que pareciam tão humanos. Silencioso e lúgubre, o cortejo seguiu para a floresta com seu fardo vivo, silenciosa e indefesa como um cadáver. A não ser por Adèle e pelo velho Martin, a questão não era de uma animosidade pessoal, mas sim um instinto de autopreservação alimentado pelo medo. Eram carrascos, não inimigos, os executores de uma lei mais rigorosa que a permitida pelas leis nacionais. Um por um, eles foram se afastando, e no fim sobraram seis pessoas, dentre elas Legros e Lesouëf, que havia perdido a única irmã.

O poço ficava a quase dois quilômetros da casa dos Cabanel. Era um lugar sombrio e solitário, aonde nem o mais corajoso dos homens daquele vilarejo ousaria ir sozinho depois do cair da noite, mesmo acompanhado pelo padre. Mas a quantidade de pessoas dá coragem, dissera o velho Martin Briolic, e uma meia dúzia de homens robustos, liderados por uma mulher como Adèle, não temia nem lobisomens ou as Mulheres de Vestido Branco.

Caminhando o mais rápido que podiam carregando aquele fardo, em um silêncio absoluto, o cortejo atravessou o pântano, com uma ou duas pessoas levando tochas, pois a noite estava escura e o caminho tinha seus perigos. Foram se aproximando do destino fatal, e sua vítima foi ficando mais pesada. Já tinha parado de se debater e agora estava inerte nos braços de seus captores. Mas ninguém mencionou o fato ou fez qualquer comentário. Nada disseram. Mesmo entre os que haviam ficado, mais de um começou a se perguntar se tinham mesmo feito a coisa certa ou se não deveriam ter

confiado na lei. Só Adèle e Martin permaneciam resolutos. Legros também continuava decidido, mas, enfraquecido e humano, estava triste pelo que se sentia obrigado a fazer. Quanto a Adèle, o ciúme como mulher, sua angústia como mãe e o medo provocado pela superstição eram tamanhos que ela não teria levantado um dedo para aliviar o sofrimento da vítima ou para tentar ver em madame Cabanel uma mulher igual a si própria, em vez de uma vampira.

O caminho ficou mais escuro conforme a distância entre eles e o local da execução diminuía. Finalmente, chegaram até o poço onde aquele monstro assustador, aquela vampira — a pobre e inocente Fanny — seria jogada. Quando aqueles que a carregavam soltaram a menina, a luz das tochas iluminou seu rosto.

— Meu Deus! — exclamou Legros, tirando seu chapéu. — Ela morreu!

— Vampiros não morrem — falou Adèle. — Ela só parece ter morrido. Pergunte ao sr. Martin.

— Um vampiro só morre quando é carregado por espíritos malignos ou é enterrado com uma estaca enfiada no corpo — sentenciou Martin Briolic.

— Não estou gostando disso — comentou Legros. Outras pessoas do grupo assentiram.

Eles tiraram o pano que cobria a boca da pobre jovem. A luz bruxuleante iluminava os olhos azuis entreabertos, o rosto branco com a palidez da morte, e a humanidade voltou ao grupo, fazendo-os tremerem como se um vento gélido soprasse sobre eles.

De repente, ouviram o som de cascos de cavalo trovejando pela planície. Contaram dois, quatro, seis cavaleiros, e o grupo agora tinha apenas quatro homens desarmados, além de Martin e Adèle. Ao se verem entre a vingança humana e o poder e a maldade dos demônios da floresta, a coragem deles desapareceu e os homens entraram em pânico. Legros correu em direção à floresta escura. Lesouëf logo o seguiu. Os outros dois fugiram para a planície enquanto os cavaleiros se aproximavam do poço. Apenas Adèle continuou firme, segurando a tocha acima da cabeça, querendo mostrar sua vingança passional e o corpo de sua vítima. Ela não queria se esconder. Tinha cumprido seu objetivo e se orgulhava disso. Então, os cavaleiros foram até eles. Jules Cabanel estava na frente, acompanhado pelo médico e quatro guarda-caças.

— Desgraçados! Assassinos! — gritou *monsieur* Cabanel, descendo do cavalo e indo até a esposa. Ele beijou o rosto pálido.

— Senhor — disse Adèle. — Ela merecia morrer. É uma vampira, matou nosso filho.

— Sua tola! — exclamou *monsieur* Cabanel, afastando a mão que Adèle lhe estendia. — Ah, minha querida! Você jamais feriria ninguém, pessoa ou animal, e agora foi assassinada por homens que são piores que animais!

— Ela estava matando você! — acusou Adèle. — Pergunte ao médico. Por que ele estava doente, senhor?

— Não tentem me arrastar para essa infâmia — respondeu o médico, desviando o olhar do cadáver. — Fosse lá o motivo da doença, ela não deveria ter sido trazida até aqui. Você se fez de juíza e carrasca, Adèle, e será punida pela lei.

— E o senhor concorda? — indagou Adèle.

— Concordo — respondeu *monsieur* Cabanel. — A lei deve puni-la pela vida inocente que tirou de maneira tão cruel. Você e esses tolos e assassinos que a ajudaram!

— E o nosso filho, não vai ser vingado?

— De quem você quer se vingar? De Deus? — repreendeu *monsieur* Cabanel.

— E os anos que passamos juntos?

— Eu me arrependo amargamente — *Monsieur* Cabanel se virou para encarar a esposa morta.

— Então, já não tenho serventia — falou Adèle, amarga. — Ah, meu pequeno Adolphe, foi bom você ter ido antes de mim!

— Espere, madame Adèle — disse Martin.

Mas antes mesmo que alguém pudesse estender a mão, Adèle pulou e caiu com um grito no poço onde pretendia sepultar madame Cabanel. Ouviram seu corpo atingir a água com um barulho surdo, como se tivesse caído de um lugar bem alto.

— Não podem provar nada contra mim, Jean — disse o velho Martin para o guarda que o havia detido. — Não tapei a boca dela nem a carreguei até aqui. Sou o coveiro de Pieuvrot, *ma foi*, e pobre de vocês quando morrerem sem mim por perto. Eu terei a honra de cavar o túmulo de madame Cabanel, Jean. E podem ficar me olhando de cima, pois esses riquinhos não sabem de nada. Ela é uma vampira e ainda vou cravar uma estaca em seu corpo! Vocês querem saber mais do que eu? E se nós não a prendermos, ela vai sair do túmulo e sugar o nosso sangue, é o que os vampiros fazem.

— Silêncio! — ordenou o guarda que estava no comando. — Os assassinos serão mandados para a prisão e não quero ouvir um pio.

— Os benfeitores e heróis serão jogados na prisão! — corrigiu o velho Martin. — É assim que o mundo recompensa os melhores!

E ele viveu o resto de seus dias pensando assim, até morrer em uma cadeia em Toulon, insistindo até o último suspiro que tinha prestado um serviço ao mundo, livrando-o de um monstro que não teria deixado sequer um sobrevivente em Pieuvrot para perpetuar sua linhagem. Mas Legros e Lesouëf passaram a ter sérias dúvidas de seus atos naquela noite escura de verão na floresta. Apesar de continuarem a dizer que não deveriam ter sido punidos, pois tinham bons motivos, com o passar do tempo os dois foram perdendo a fé no velho Martin Briolic e em sua sabedoria, e gostariam de ter deixado a lei seguir o próprio curso sem intervir — deveriam ter usado sua força para moer a farinha da aldeia e remendar os calçados dos habitantes e se concentrado em levar a vida de acordo com os ensinamentos do padre e os pedidos de suas mulheres.

Phil Robinson

Philip Stewart Robinson (1847-1902), escritor e naturalista renomado nascido em Chunar, na Índia, sempre assinou seus escritos como “Phil Robinson”. Ele foi pioneiro na literatura anglo-indiana e publicou livros como *In My Indian Garden* [Em meu jardim indiano], *Tigers at Large* [Tigres à solta], *The Valley of Teetotum Trees*, dentre outros. Várias de suas histórias continham elementos vampíricos, incluindo “A árvore assassina”, “Medusa” e “O último dos vampiros” (*Contemporary Review*, 1893). “A árvore assassina” apareceu pela primeira vez em sua coleção *Under the Punkah*, em 1881. Foi um dos primeiros contos do gênero que tratava de plantas e vegetação sanguinárias, dos quais exemplos posteriores incluem “The Purple Terror” [O terror roxo], de Fred M. White, e “The Pavilion” [O pavilhão], de E. Nesbit.

A ÁRVORE ASSASSINA

[Antes de expor este artigo ao ridículo da Grande Mediocridade — pois muitos, temo, vão considerar esta história inacreditável —, eu gostaria de expressar uma opinião sobre a credulidade, uma opinião que não me lembro de ter visto antes. É o seguinte. Colocando a suprema Sabedoria e a Falta Dela em dois extremos, e eu mesmo no meio exato entre os dois pontos, foi uma surpresa descobrir que, quanto mais perto de um extremo ou do outro, maior a credulidade dos que lá estavam. É um paradoxo — quanto mais tolo ou mais sábio um homem, mais crédulo ele é. Faço essa observação para apontar àqueles da Grande Mediocridade, caso não tenham percebido, que a credulidade por si só não é vergonhosa ou desprezível, e que o que determina se o sujeito está mais próximo da Sabedoria ou da Falta Dela é a forma e não a essência de sua crença. Portanto, de acordo com o grau de incredulidade ao ler a história a seguir, o leitor pode medir, como desejar, sua sabedoria ou a falta dela. Z. Oriel]

PEREGRINE ORIEL, meu tio por parte de mãe, era um grande viajante, como seus patronos pareceram prever. Ele revirara os sôtãos e os porões da terra com algo além do comprometimento comum. Mas, ao narrar suas viagens, ele infelizmente não tinha a cautela de Xenofonte de separar o que de fato vira do que ouvira dizer, e por isso os vereadores de Brunsbüttel (para os quais havia mostrado um ornitorrinco capturado por ele na Austrália, sendo então condenado como “um importador de pragas artificiais”) não foram os únicos céticos diante das histórias do velho.

Sendo assim, teria acreditado no conto da árvore assassina, da qual ele mal escapara com vida? Ele a descreveu como “mais terrível que as upas”. “Uma planta terrível no coração de uma floresta da Núbia, cuja sombra majestosa e mortífera fazia adoecer todas as árvores vizinhas, que se alimentava dos animais selvagens que, perseguidos por predadores ou exaustos pelo sol do meio-dia, tentavam se abrigar sob ela. Também se alimentava dos pássaros

inocentes que adentravam o círculo encantado de seus domínios ou tentavam se refrescar nas bases de suas grandes flores de cera. Também se alimentava de pessoas, embora com menos frequência, quando um nativo tentava se proteger de uma tempestade, queria aliviar os pés machucados pela vegetação do entorno ou até mesmo tentar colher o fruto maravilhoso que pendia maduro da folhagem verde.” E que fruto! “Um formato oval, casca dourada esplêndida, tão abundantes e ricos que pesavam os galhos da árvore. A folhagem brilha com um orvalho estranho que goteja no chão o dia inteiro, nutrindo a grama sob a árvore, que em pontos é tão alta que seu verde intenso, alimentado por sangue, surge entre a folhagem dos galhos, como um guarda-costas ciumento protegendo o terrível segredo do interior sepulcral, e também cresce por entre as raízes pretas da planta assassina, formando um bonito quadro de verde-vivo.”

Foi assim que ele descreveu a planta e, outro dia, lendo uma enciclopédia botânica, descobri que os naturalistas de fato conhecem uma família de plantas “carnívoras”, mas vejo que são em maioria muito pequenas e se alimentam apenas de insetos. Meu tio por parte de mãe, entretanto, não sabia nada disso, pois viveu em uma época anterior à descoberta das plantas carnívoras hoje conhecidas, e seu conhecimento da árvore assassina teve como base sua experiência terrível, e tentou explicar sua existência segundo as próprias teorias. Negando a rigidez de todas as leis da natureza, exceto uma, a de que o mais forte tentará se alimentar do mais fraco, e “aceitando essa lei apenas para fazer uma descoberta mais geral”, ele argumentou que — uma vez que qualquer distribuição parcial da capacidade de autodefesa presumiria uma parcialidade indigna do Criador, e uma vez que os instintos dos animais e dos vegetais são análogos — “o mundo inteiro deve ser tão consciente quanto é ciente”. Indo mais a fundo em sua teoria (pois para ele era mais que uma simples hipótese), concluiu que “se houver necessidade por conta de um perigo iminente ou de algum interesse próprio urgente, qualquer animal ou vegetal poderia com o tempo revolucionar sua natureza. O lobo passaria a se alimentar de plantas ou a se proteger em árvores, e mesmo a violeta aprenderia a se defender com espinhos ou a capturar insetos”.

Transcrevo, a seguir, o relato de meu tio:

Como podemos defender que no homem a percepção resulta em sensações, mas continuamos a acreditar que os animais, que possuem audição, visão, tato, olfato e paladar, não têm consciência para

acompanhar seus sentidos? E, se em todo o mundo dos “seres animados” se manifesta o dom da autodefesa contra a morte e os ataques aos mais fracos, por que os “seres inanimados”, que lutam pela existência como os outros, ficam indefesos e desarmados? Não acredito que esse seja o caso. As açucenas estrangulam as outras árvores e sugam seus nutrientes. A outra árvore, por sua vez, para matar seu parasita vampírico de fome, recua os nutrientes para suas raízes, que se espalham e brotam em um novo ponto, redirecionando sua seiva para lá. As açucenas então caem dos galhos mortos e atacam os brotos verdes frescos que brotam no chão abaixo — e assim a batalha continua. Outro exemplo é a figueira-dos-pagodes, pois qual é a diferença entre o anseio feroz com que suas raízes se direcionam a poços distantes e o triste esforço do camelo para encontrar o oásis ou do exército de Senaqueribe para salvar o Nilo?

Se as plantas com sentidos têm consciência? Viajei quilômetros pelas planícies, observando-as, e depois de tanto tempo olhando-as, quase fiquei com medo de que as plantas tomariam coragem e se voltariam contra mim, pois o tapete verde passava a um tom acinzentado diante de meus pés, tornando-se menos vivo conforme eu caminhava. Foi estranho como senti uma aversão universal, e teria chegado a discutir com as plantas. Mas para quê? Bastava eu esticar a mão e a minha sombra já aterrorizava o vegetal. Os arbustos se desmontavam cada vez que eu fazia menção de lhes dizer algo. E até mesmo as moitas mais robustas, às quais timidamente apelei, afundavam em súplicas pálidas. Folha alguma queria me fazer companhia. Soltei um suspiro que adoeceu a vida ao redor. Minha mera presença a deixava paralisada, e, finalmente, tive a felicidade de chegar a uma vegetação menos tímida e pude sentir a grama alta ressentida que começou a retaliar o descuido que a teria esmagado. No entanto, o mundo vegetal tem suas vinganças. Você pode prender o porquinho-da-índia em uma gaiola, mas jamais poderá ter um basilisco como bichinho de estimação. A pequena planta dormideira em seu jardim diverte seus filhos (que também vão achar interessante ver um besouro espetado com um alfinete), mas como conseguiria transplantar uma árvore capaz de capturar um cervo correndo, derrubar os pássaros que voam perto dela e até mesmo sugar o sangue de um homem, até que seu corpo se torne tão frágil quanto a sua mente, até suas características de “ser animado” não serem suficientes para salvá-lo do terrível abraço de — meu Deus! — uma árvore “inanimada”?

Há muitos anos, minha natureza inquieta me levou à África Central, em uma jornada partindo de onde o Senegal se esvazia no Atlântico até o Nilo, contornando o deserto do Saara e chegando à Núbia, a caminho da costa leste. Eu estava acompanhado por três nativos, dois deles irmãos, e o terceiro, Otona, um jovem das terras altas do Gabão, que ainda não tinha saído da adolescência. Um dia, depois de deixar minha mula com os dois homens, que estavam montando a barraca onde eu passaria a noite, peguei minha arma, e eu e o rapaz seguimos em direção a uma floresta de samambaias, que avistei mais ao longe. Quando nos aproximamos, percebi que a floresta era cortada por uma grande clareira e que, pastando no lado sombreado, havia um pequeno rebanho de antílopes, que dão uma refeição excelente, então decidi me esgueirar atrás deles. Embora não soubesse o perigo que corria, o rebanho era desconfiado e se mantinha sempre à frente, e, dessa maneira, os animais me levaram por pouco mais de um quilômetro e meio pelos limites da floresta. Ao fazer uma curva, notei uma árvore solitária que crescia no meio da clareira — uma única árvore. Na mesma hora, percebi que nunca tinha visto uma planta igual àquela, mas, querendo garantir meu jantar, demorei apenas o tempo suficiente para satisfazer minha curiosidade ao ver uma árvore tão frondosa crescendo em um ponto onde apenas samambaias secas pareciam sobreviver.

Os cervos estavam entre mim e a árvore, e, ao olhar para eles de novo, vi que pretendiam atravessar a clareira. Do outro lado, havia uma abertura na floresta, pela qual meu futuro jantar certamente escaparia. Então, atirei no rebanho antes que perdesse minha chance. Acertei uma corça jovem, e o resto do rebanho, assustado, disparou em direção à árvore, deixando para trás a corça ferida. Mandei que Otona, o garoto, fosse capturá-la, mas, ao vê-lo se aproximar, a pequena corça se levantou e tentou seguir o rebanho. Os demais cervos tinham chegado até a árvore, mas, de repente, em vez de passar por baixo dela, desviaram e seguiram mantendo distância.

Eu tinha ficado louco? Ou a planta realmente tentara agarrar um cervo? Eu vi, ou pensei ter visto, a árvore se agitar com violência e, embora as samambaias em volta permanecessem imóveis no ar parado da noite, suas folhas foram balançadas por algum deslocamento de ar repentino na direção do rebanho, quase até o chão. Levei a mão aos

olhos, fechei-os por um momento e olhei outra vez. A árvore estava tão imóvel quanto eu!

O menino tinha continuado a perseguir a jovem corça e já estava perto da árvore. Ele estendeu as mãos para agarrá-la, o que a fez disparar, desesperada. Ele correu atrás, e ela escapou outra vez. Logo, o garoto e a corça foram parar debaixo da árvore.

E assim minhas dúvidas foram sanadas.

A árvore se mexeu, inclinando-se para a frente, e seus galhos tocaram o chão, envolvendo, diante de meus olhos, caçador e caça. Eu estava a menos de cem metros e pude ouvir o grito agoniado de Otona, preso entre os galhos. Houve um segundo grito estrangulado e então, silêncio. O único sinal de vida eram as folhas agitadas que tinham engolido o rapaz.

Gritei seu nome, mas não tive resposta. Insisti em chamá-lo outra vez, mas meus berros eram os de um animal selvagem apavorado ao sofrer um ferimento fatal. Nem todos os terrores do mundo poderiam ter-me feito desviar os olhos daquela árvore terrível ou sair do lugar. Devo ter passado cerca de uma hora ali, pois a sombra da floresta já se alongava em direção à clareira quando a imobilidade do medo passou. Meu primeiro impulso foi me esgueirar para longe, temendo que a árvore notasse minha presença. Mas quando recuperei a razão, consegui me obrigar a caminhar em sua direção. O garoto podia ter caído na toca de algum predador ou talvez a comoção na árvore tivesse sido provocada por alguma serpente gigantesca em seus galhos. Eu me aproximei da árvore silenciosa — a grama sob meus pés estranhamente ruidosa —, e o canto das cigarras na floresta fazia com que o ar parecesse pulsar ao meu redor com ondas sonoras. Não demorei a ver a verdade terrível diante de mim, aquela descoberta assustadora.

Ela notou minha presença a uns cinquenta metros de distância. Percebi uma movimentação furtiva entre as folhas grossas, o que me fez pensar em uma besta selvagem despertando depois de um longo sono, uma serpente enrolada, deslizando com movimentos inquietos. Você já viu abelhas penduradas em um galho — um aglomerado de abelhas agarradas umas às outras —, e, ao balançar o galho, ou ao agitar o ar, fez com que aquela massa começasse a se fragmentar, cada inseto afirmando seu direito individual de se mexer? E você se lembra de como, sem que sequer uma abelha abandonasse o aglomerado, aquela massa se tornou

mais viva, mais raivosa e assustadora, com todos aqueles movimentos distintos?

Cheguei a menos de vinte metros da árvore. Cada galho tremia, murmurando por sangue, e, como ela estava presa por suas raízes, cada um de seus galhos desejosos se estendia em minha direção. Era como um monstro marinho terrível que os homens do norte tanto temiam, e que, ancorado em alguma rocha submersa, estende os braços ansiosos, incolor como o próprio mar, e tão implacável quanto — o disforme Polifermo tateando, tentando agarrar suas vítimas.

Cada folha estava agitada e faminta. Eram como mãos inquietas, as palmas carnudas se curvando e depois se esticando, juntando-se e em seguida se afastando, grossas, impotentes, mãos sem dedos — eram mais como lábios e línguas do que mãos — com pequenas reentrâncias no centro. Fui me aproximando aos poucos, um passo de cada vez, até ver que as cavidades também se mexiam, abrindo e fechando.

Eu estava a menos de dez metros do galho mais distante. Cada folha tremia de expectativa. Aquela agitação era horrível — repugnante, mas fascinante ao mesmo tempo. Em frenesi por causa da comida tão próxima, as folhas se voltaram umas contra as outras. As pequenas cavidades ficaram frente a frente e começaram a sugar com uma força que as tornou mais finas, juntando duas folhas em uma, e esse enfrentamento as fazia parecer uma concha dupla que se contorcia como um verme verde até que, por fim, desmaiavam com a violência do ataque e se separavam devagar, como sanguessugas cheias caindo de sua vítima. Um orvalho pegajoso brilhava nas reentrâncias de cada folha, então pareceu transbordar e começar a escorrer. O som desse líquido pingando de folha em folha fazia parecer que a árvore estava murmurando para si mesma. Os lindos frutos dourados que pendiam dos galhos também foram atacados pelas folhas, uma de cada lado, sendo completamente envoltos, e então, de repente, soltos. Vi uma folha maior, vampiresca, sugar os sucos de uma menor, até deixá-la inerte e esvaziada, como uma carcaça abandonada por uma doninha.

Assisti à luta terrível até que meus olhos, cansados de encarar intensamente, recusaram-se a funcionar e não sei nem dizer o que vi. Mas a árvore diante de mim parecia ter se tornado uma besta viva. Mais acima, notei um grande galho, e cada uma das suas mil mãos pegajosas tentava me alcançar ali embaixo, retorcendo-se. Ele se esticava, tremia,

balançava e tentava. Atirava-se em minha direção, desesperado. Os galhos menores, enlouquecidos diante de minha carne, eram jogados de um lado para o outro, na agonia de um desejo frenético. As folhas se retorciam como as mãos de alguém levado à loucura pelo sofrimento. Senti o orvalho vil das veias tensas cair sobre mim. Minha roupa começou a emanar um odor estranho. O chão sob meus pés brilhava por conta dos fluidos animais.

Será que o medo tinha me deixado catatônico? Será que minha razão havia me abandonado quando eu mais precisava dela? Não sabia dizer, mas a árvore parecia viva. Inclinando-se em minha direção, parecia estar se desenraizando do solo macio e vindo até mim. Um monstro gigante cheio de bocas murmurando que queriam o meu sangue estava vindo até mim!

Ao me ver diante da morte iminente, fiz um esforço desesperado para salvar minha vida e comecei a atirar na criatura horrenda que se aproximava. Para meus sentidos fragilizados, o som pareceu distante, mas o coice da arma me fez voltar à razão, e recarreguei na hora. Os tiros atingiram o corpo macio da criatura. O tronco começou a tremer ao ser ferido, o que sacudiu a árvore inteira. Uma fruta caiu — ela escorregou pelas folhas, rígida e com veios inchados, como se tivessem sido esculpidos. Vi um galho grande descer, e, sem emitir um som, foi decepado do tronco inchado e afundou suavemente, ainda em silêncio, por entre as folhas úmidas. Atirei de novo, e outro pedaço foi incapacitado — morto. A cada tiro, o terrível vegetal perdia suas forças. Continuei a atacar a árvore mecanicamente, matando galhos e folhas. Minha fúria foi aumentando com a carnificina e, quando minha munição acabou, diante de mim restavam apenas destroços da árvore, como se um furacão tivesse passado por ali. No chão, havia uma pilha de galhos, ainda estrebuchando, ofegantes. Sobre eles caíam, como lágrimas moribundas, alguns dos últimos ramos que foram atingidos, enquanto de pé no meio deles, com líquido escorrendo de todas as partes, estava o tronco reluzente.

Meus tiros atraíram até ali um dos meus homens, montado em minha mula. Mais tarde, ele me contou que não ousou se aproximar por achar que eu tinha perdido a cabeça. Desembainhei minha faca de caça e comecei a lutar *contra folhas*. Sim, não parece muito, mas cada folha reagia, viva e terrível. Mais de uma vez, minha mão foi agarrada e

mordida por lábios afiados. Sem saber que meu companheiro estava ali, parti para cima da folhagem caída e, em um último frenesi, alcancei o tronco macio e deslizei minha faca pela seiva que começava a endurecer. Então, caí, esgotado, e desmaiei no meio das folhas ainda ofegantes.

Meus homens me carregaram de volta para o acampamento e, depois de procurarem Otona em vão, ficaram esperando que eu despertasse. Duas ou três horas se passaram antes que eu conseguisse falar, e vários dias até ser capaz de relatar aquela história terrível. Os dois se recusavam a chegar perto da árvore. Ela estava morta, pois, quando chegamos, um pássaro vistoso, que estivera se alimentando dos frutos em decomposição entre a pilha de galhos, alçou voo, ileso. Conseguimos remover parte da folhagem apodrecida, e, sob as folhas mortas ainda amolecidas pela seiva, empilhados em volta das raízes, encontramos os restos horríveis de refeições anteriores, e — a última — o cadáver do pequeno Otona. Tirar todas as folhas teria demorado muito, então enterramos o corpo como estava, com uma centena de folhas vampíricas ainda presas a ele.

Essa foi a história que meu tio contou sobre a árvore assassina e que transcrevi aqui.

Vasile Alecsandri

A poesia vampiresca era um gênero amplamente difundido na Europa Oriental, especialmente na Moldávia, na Romênia e na Hungria, ao longo do século XIX. Por vezes, alguns poemas com essa temática chegavam até revistas britânicas, e dentre estes “O vampiro” é um clássico exemplo. Vasile Alecsandri (1821-1890) foi um poeta romeno, nascido na Moldávia, e o primeiro escritor importante a se dedicar à coleta de canções populares romenas. “O vampiro” foi publicado na *English Illustrated Magazine* em novembro de 1886, e com certeza Bram Stoker teria lido esse poema, já que sua irmã mais velha, Matilda, contribuiu com um artigo sobre “Sheridan and Miss Linley” para o mesmo volume da revista.

O VAMPIRO

Perto da borda do penhasco, no alto
Contra o céu, em ressalto,
Vees tu uma cruz arruinada,
Repleta de musgo, pelo tempo tomada,
Escura, em desolado abandono,
Por temporais perdido forma e sono?

Dela folha de grama não cresce perto,
Nem camponês ali fica, é certo.
Até o obscuro pássaro da noite
Evita em seu voo fazer-lhe corte,
Assustado pelo gemido clemente
Que surge da pedra urgente.

A todo lado, em noites pálidas,
Várias criaturas de luzes lívidas
Cintilam num tremor que revela
Aos seus pés um fantasma, que ajoelha
E se exalta, reclama aos prantos,
Maldizendo Deus e os santos.

Desavisado viajante, tenhas cuidado
Com o espectro que vagueia ao teu lado;
Fecha teus olhos, apressa teu cavalo
E que ele siga num tropejo sem abalo;
Porque debaixo da cruz, mal respiro,
Se deita corpo obscuro de vampiro!

*

Mesmo com a noite escura e fria

História de amor a ser contada seguia,
A flutuar em sussurros amenos pelo ar.
Donzela honrada, jovens a amar,
Selados votos de ardente paixão
Com seus lábios, em confessa devoção.

Vagando, pálida, silhueta se vê
Paira por perto; o que pode ser?
Pesado ao olho, branco como neve,
Ladeia num guardar que não é breve
Como sentinela. Quando se vira
Altivo se debela; espada ele atira.

“Não me deixes esta noite, amada,
Fiques até que seja manhã iluminada!”
Lamenta a donzela em tamanho lamúrio:
“Amor, minha alma teme tão mau augúrio!
Não enfrentes este vampiro assaz pavoroso,
A esta mística hora ainda mais poderoso”.

*

Palavra alguma ele disse, mas logo fispou
E a súplica de sua dama ao seu peito levou;
Beijou lábios e bochechas e beijou também o olhar seu
Desatento aos gemidos e às lágrimas que ela verteu;
Balançou sua mão, com gesto contente
Montou — sorriu — e logo seguiu em frente.

*

Quem atravessa a planície em púrpura cor
Desbravando o caminho com força e vigor
Como demônio feroz, que pela treva faz voo
Criado pela Escuridão em seio de mau agouro?
É ele, que a deixou em tremenda necessidade —
Seu amante, em cavalo branco feito tenra idade!

O disparo em toda sua força selvagem
Tenta derrubar o cavalo todo coragem

Que baforeja desafio ao cansaço
E se esforça adentro. Veja! Abaixo
Pelo passadiço, à margem do rio, no rebento
Voam flamas pequenas, tremulam ao relento!

Agora se aproximam, logo retrocedem,
Seguidas pelo animal, cuja sede se confere;
Ele se aproxima da cruz arruinada! Um choque,
Uma súplica, um barulho de tenebroso toque,
No leito rochoso do pequeno riacho,
Do cavaleiro e cavalo não sobrou tacho.

Das nefastas profundezas surgem doentes,
Berros blasfemos e gritos estridentes
Que retornam em eco por ares de sombrio ardil.
E, como uma serpente vinda de longínquo covil,
Brandindo alto, de sangue manchado, um punhal
O vampiro se levanta de seu túmulo sepulcral!

Anne Crawford

O clássico de Francis Marion Crawford, “Porque o sangue é vida” (1905), é uma das histórias de vampiro mais conhecidas de todos os tempos, mas “O mistério da Campagna”, escrito por sua irmã mais velha, Anne, quase vinte anos antes, não apareceu em muitas coletâneas. Anne Crawford, baronesa Von Rabe (1846-1912), não se dedicou à carreira literária com o mesmo zelo que seus irmãos, F. Marion Crawford e Mary Crawford (sra. Hugh Fraser, autora de *A Diplomatist's Wife in Many Lands* e várias outras obras, incluindo *The Satanist* [O Satanista], um estudo notável sobre o culto ao diabo na Itália). “O mistério da Campagna” foi publicado pela primeira vez pela *Unwin's Annual for 1887* (no Natal de 1886), sob o pseudônimo “Von Degen”, junto com o conto de seu irmão, “By the Waters of Paradise” [Às margens do paraíso]. Quatro anos depois, T. Fisher Unwin republicou a história de Anne (com outro conto, “A Shadow on a Wave”) [Um sombra na onda] na série Pseudonym Library, ainda sob o pseudônimo “Von Degen”. É, sem dúvida, um dos contos de vampiros mais artísticos e interessantes que foram publicados na década que antecedeu *Drácula* e merece ser mais conhecido.

O MISTÉRIO DA CAMPAGNA

I

*Relato de Martin Detaille sobre os
acontecimentos em Vigna Marziali*

OUÇO A VOZ DE MARCELLO, suplicante, talvez porque após anos separados eu tenha reencontrado um velho conhecido que esteve envolvido em sua estranha história. Tenho certa ânsia de contá-la, e pedi ajuda ao sr. Sutton. Ele anotou as circunstâncias da época e está disposto a juntar suas observações às minhas, para que Marcello possa ser lembrado.

Certo dia de primavera, ele apareceu no meu pequeno estúdio entre os arbustos e os becos verdes da Villa Medici.

— Venha, *mon enfant* — disse ele —, guarde suas tintas. — E, sem cerimônia, já foi tirando a paleta da minha mão. — Estou com um carro esperando lá fora, e hoje nós vamos em busca de uma casa de eremita.

Ele já estava lavando meus pincéis, o que suavizou meu coração, porque odeio limpá-los sozinho. Então, tirou minha jaqueta de veludo e pegou meu respeitável casaco que estava pendurado na parede. Deixei que me vestisse como a um filho. Nós sempre fazíamos suas vontades, e ele sabia disso. Logo estávamos sentados na carruagem, passando pela Via Sistina a caminho de Porta San Giovanni, o local que pedira para o cocheiro ir.

EU DEVO CONTAR a minha história como posso, pois, embora meus companheiros tenham dito que me expresso bem, escrever é outra coisa. O sr. Sutton me pediu para usar o idioma dele, o inglês, pois esqueceu o meu e não se sente muito confiante, embora tenha prometido corrigir meus erros, mas aviso que o que tenho para dizer pode soar ridículo, e muitos riem quando leem sobre Marcello. Digo a ele que quero escrever essa história para meus compatriotas, não os dele, e ele me lembra que Marcello teve muitos amigos

ingleses que ainda estão vivos, e que os ingleses não se esquecem como nós. Não adianta tentar discutir com ele, os ingleses também não dão o braço a torcer como nós, e, portanto, atendo a seu pedido. Acho que ele tem as próprias razões e não está me contando, mas deixo para lá. Traduzirei a história para o meu idioma, para o meu povo. As frases em inglês me parecem sempre caminhar de lado, ou tentando espiar a esquina ou ficando de cabeça para baixo, e elas têm pequenos rabichos como uma pipa. Vou tentar não recorrer ao meu idioma, mas ele deve perdoar meus tropeços. Com certeza, não tenho intenção de ofendê-lo. Agora que me expliquei, posso continuar.

Quando passamos em frente a Porta San Giovanni, o cocheiro diminuiu o ritmo, mas Marcello nunca foi prático. Como poderia ser, eu lhe pergunto, com uma ópera na cabeça? Então, seguimos naquele ritmo arrastado enquanto ele olhava para a frente com um ar distraído. Finalmente, quando chegamos à parte em que as pequenas vilas e vinhedos começam, ele deu início à busca.

Todos vocês já conhecem as propriedades da área: portões de ferro com nomes enferrujados ou iniciais talhadas neles, e, mais além, caminhos ladeados por rosas e lavanda que conduzem a pequenas mansões abandonadas, com árvores e uma área deserta na parte de trás dando para a Campagna, um local tão ermo que você poderia ser assassinado e ninguém o ouviria gritar. Paramos em vários desses portões e Marcello passou algum tempo olhando, mas nenhuma das casas era o que ele queria. Ele não parecia duvidar de que acabaria encontrando algo que estivesse mais a seu gosto, mas estava errado. Ele descia e corria até o portão, então voltava e dizia:

— O formato das janelas prejudicaria minha inspiração.

Ou então:

— Esta pintura amarela estragaria meu dueto no segundo ato.

Chegamos a uma que possuía uma atmosfera que ele gostou bastante, mas havia calêndulas crescendo no caminho até ali, e ele odiava essas flores. Então, seguimos viagem, até que comecei a achar que não encontraríamos mais nada para rejeitar. Por fim, chegamos a uma casa que serviria, embora fosse muito afastada, e fiquei pensando em como seria irritante viver tão isolado do resto do mundo, com nada além de oliveiras melancólicas e carvalhos — acho que são chamados de azevinhos — para lhe fazer companhia.

— Eu vou morar aqui e ficar famoso! — declarou ele, decidido, enquanto puxava a vareta de ferro que tocava uma grande campainha. Esperamos, e então ele tocou de novo, impaciente, e bateu o pé.

— Ninguém mora aqui, *mon vieux*! Venha, está ficando tarde, e está tão úmido, e você sabe que a umidade para a voz de um tenor...

— Então, — ele bateu o pé de novo e me interrompeu, irritado: por que você resolveu ser tenor? Mas que estupidez! Um baixo seria mais sensato, nada prejudica a voz de um baixo. Mas não é o caso, e você ainda se diz meu amigo! Pode ir para casa sem mim.

Mas como eu poderia voltar, a pé?

— Pode ir cantar aquelas musiquinhas românticas para as suas inglesas magricelas! — continuou ele. — Elas vão agradecer com uma xícara de chá nojento e você estará no céu! Pois este aqui é o meu céu, e daqui não saio até o anjo abrir a porta!

Ele estava muito irritado e irracional, e era nesses momentos em que eu mais o amava, então protegi minha garganta com meu lenço de bolso e cantei uma ou duas passagens para tentar conservar minha voz naquele ar úmido.

— Quietos! Silêncio! — exclamou ele. — Não consigo ouvir se tem alguém vindo.

Alguém chegou, algum caseiro de aspecto durão, ou um *guardiano*, como são chamados na Itália, e nos olhou como se nos achasse loucos. Um de nós de fato era, mas não eu. Marcello falava italiano muito bem, com um sotaque francês, é verdade, mas o homem o entendeu, especialmente quando ele segurou a bolsa de dinheiro na mão. Eu o ouvi dizer várias coisas impulsivas e persuasivas de uma vez só, ele pôs uma peça de ouro na mão estendida ansiosa do *guardiano*, e os dois se viraram para a casa. O homem estava com os ombros curvados de resignação, e Marcello olhou por cima do ombro e me disse:

— Pode voltar para casa na carruagem, ou vai acabar se atrasando para aquela sua festa inglesa horrorosa! Vou passar a noite aqui.

Ma foi! Acatei sua dispensa e fui embora, pois uma voz tenor é tão tirânica quanto uma mulher ciumenta. Além disso, estava furioso, mas ri mesmo assim. Ele tinha o temperamento de um artista, o que nos parecia absurdo, sublime e extremamente irritante, mas tal irritação nunca durava muito, e todos sentíamos que, se fôssemos mais parecidos com ele, nossos quadros valeriam mais. Eu não tinha chegado ao portão da cidade quando minha raiva esfriou e comecei a me recriminar por abandoná-lo naquele lugar isolado com

uma bolsa cheia de dinheiro, pois ele não era nada pobre, o que devia tentar o caseiro sombrio a matá-lo. Não seria nada difícil matá-lo enquanto dormia e enterrá-lo sob as oliveiras ou em alguma catacumba abandonada, tão comuns nas fronteiras da Campagna. Sem dúvida, haveria centenas de lugares convenientes. Parei o cocheiro e lhe disse para voltar, mas ele balançou a cabeça e disse algo sobre ter que estar de volta à Praça de São Pedro às oito horas. O cavalo começou a coxear, como se tivesse compreendido as palavras de seu dono e fosse seu cúmplice. O que eu podia fazer? Disse para mim mesmo que era o destino, e deixei que me levasse de volta à Villa Medici, onde tive que pagar uma pequena fortuna por nosso passeio maluco, e então ele foi embora, o cavalo não mais coxeando, deixando-me para trás, perplexo diante de uma tarde tão estranha.

Dormi muito mal, embora minha canção de tenor tivesse sido aplaudida, e fiz sucesso com as moças inglesas. Tentei não pensar em Marcello, e ele não me incomodou até a hora de dormir, mas então não consegui pegar no sono direito, como já mencionei.

Eu o imaginava já assassinado, enterrado à noite pelo *guardiano*. Visualizava o homem arrastando seu corpo, seu belo rosto batendo nas pedras, levando-o pelos corredores escuros e abandonando-o, todo sanguento, enterrado sob um arco preto em um canto, e depois voltando para contar as peças de ouro. Mas acabei adormecendo e sonhei que Marcello estava de pé no portão, batendo o pé, e então não dormi mais. Eu me levantei assim que o dia raiou, me vesti e fui ao meu estúdio no final do caminho ladeado por loureiros. Peguei minha jaqueta de pintor e me lembrei de como ele a tinha tirado dos meus ombros. Peguei os pincéis que ele tinha lavado para mim. Estavam apenas meio limpos, afinal, e endurecidos por causa da tinta e do sabão. Fiquei feliz por poder sentir raiva dele, e praguejei um pouco, pois tive certeza de que se eu ainda podia brigar com ele é porque ele estava vivo. Então, peguei meus estudos de seu rosto para o quadro de Mucius Scaevola segurando a mão sobre o fogo que eu estava fazendo, e o perdoei na hora, pois quem poderia olhar para aquele rosto e não amá-lo?

Trabalhei com o fogo da amizade no meu pincel e dei o meu melhor para moldar seus traços naquela expressão de desprezo e teimosia que eu tinha visto diante do portão. Não poderia ter sido mais adequado ao meu tema! Será que eu o tinha visto pela última vez? Você deve estar se perguntando por que não deixei o meu trabalho de lado e fui ver se ele estava bem, mas eu tinha vários motivos para não fazê-lo. Não faltava muito para nossa

exposição anual e eu mal tinha começado meu quadro, e meus companheiros apostaram que não ficaria pronto a tempo. Eu estava esperando meu modelo para o Rei dos Etruscos, um homem que cozinhava castanhas na Piazza Montanara e que tinha concordado em posar para mim como um grande favor. Mas, para dizer a verdade, a manhã começara a dissipar meus temores fantasiosos. Eu tinha uma boa luz para trabalhar, sem nada de sentimental nela, e não era dado a fantasias. Então, quando me sentei no meu cavalete, disse a mim mesmo que tinha sido um idiota e que Marcello estava são e salvo. O cheiro das tintas me ajudou a me sentir mais prático. Pensei que a qualquer momento ele entraria em meu estúdio, já cansado de seu capricho, e até mesmo estava me preparando para lhe dar um pequeno sermão. Alguém bateu na minha porta e falei “*Entrez!*”, pensando que era ele, mas não, era Pierre Magnin.

— Há um homem estranho, um homem do campo, procurando por você — informou ele. — Chegou com seu endereço anotado em um pedaço de papel sujo na letra de Marcello, e também trouxe uma carta, mas não quis me entregar. Disse que precisa ver “il signor Martino”. Ele daria um excelente modelo para um assassino! Venha falar com ele e o mantenha ocupado enquanto faço um esboço de sua cabeça.

Segui Magnin pelo jardim até lá fora, pois o porteiro não tinha deixado o recém-chegado entrar, e encontrei o *guardiano* da noite anterior. Ele sorriu com os dentes brancos. — Bom dia, *signore* — cumprimentou como um bom cristão. Aqui em Roma ele não parecia um assassino, apenas um camponês estúpido. Tinha um carrinho de camponês esperando por ele, e havia amarrado seu cavalo desgrehado em um aro de metal preso à parede. Estendi a mão para a carta e fingi achar difícil de ler, pois vi Magnin de pé com seu caderno de esboços à sombra do hall de entrada.

Segue abaixo o conteúdo do bilhete. Eu ainda o tenho e eu vou copiá-lo aqui. Estava escrito a lápis em uma folha que Marcello tirara do bloquinho em seu bolso.

Mon vieux! Passei uma ótima noite aqui, e o homem me deixará ficar pelo tempo que eu desejar. Nada vai me acontecer, apenas ficarei divinamente tranquilo, e já tenho um *motif* famoso na minha cabeça. Vá pegar algumas roupas para mim e todos os meus manuscritos, e também bastante papel de música e algumas garrafas de Bordeaux, e entregue-os ao meu mensageiro. Seja rápido!

A fama está prestes a me envolver! Se quiser me visitar, espere oito dias. O portão não será aberto se chegar mais cedo. O *guardiano* é meu escravo e recebeu instruções para matar qualquer intruso que, tentando se passar por meu amigo, queira entrar sem ter sido convidado. Ele vai me obedecer, pois confessou que já matou três homens.

(Claro que isso era uma piada. Eu conhecia o senso de humor de Marcello.)

Quando vier, passe antes no correio e traga minhas cartas. Estou mandando minha autorização. E não se esqueça das canetas e da tinta! Seu Marcello.

Não havia o que fazer a não ser trancar o meu estúdio, pular no carrinho, contar o que acontecera a Magnin, que já tinha terminado o esboço, e partir para obedecer a essas ordens. Dirigimos até onde Marcello estivera hospedado na Via del Governo Vecchio, e lá fiz uma trouxa com tudo em que pude pensar. A proprietária me atrasou com suas mil perguntas sobre quando o *signore* retornaria. Marcello tinha pago pelo quarto antecipadamente, então ela não precisava se preocupar com o aluguel. Quando contei onde seu inquilino estava, ela balançou a cabeça de um lado para outro, falou muito sobre o ar ruim naquela área e exclamou “Pobre *Signorino!*” de forma melancólica, como se ele já estivesse enterrado, e olhou com tristeza para nós pela janela quando fomos embora. Ela me irritou e me fez sentir supersticioso. No canto da Via del Tritone, desci, dei um franco para o homem por puro sentimentalismo e gritei: “Dê minhas lembranças ao *Signore!*”, mas ele não me ouviu, apenas se afastou enquanto eu desejava ir com ele. Marcello era um fardo para nós, às vezes, mas o amávamos mesmo assim.

OS OITO DIAS PASSARAM mais rápido do que eu esperava, e a quinta-feira veio, clara e ensolarada, o dia de minha viagem. À uma hora, fui até a Piazza di Spagna e fiz um trato com um cocheiro com um cavalo bem-alimentado, lembrando-me do quanto a falta de bom senso de Marcello havia me custado na outra semana, e seguimos a um bom passo para o Vigna Marziali — quase me esqueci de dizer o nome. Meu coração batia forte, embora eu não soubesse por que sentia tanta emoção. Quando chegamos ao portão de ferro,

o *guardiano* atendeu a porta assim que toquei a campainha, e eu mal tinha pisado no longo caminho ladeado por flores quando vi Marcello vindo me encontrar a passos rápidos.

— Eu sabia que você viria — disse ele, pegando meu braço, e então caminhamos juntos em direção à casa cinzenta, que tinha uma espécie de pórtico e várias varandas, e um relógio de sol na frente. Havia janelas gradeadas no térreo, e o lugar, para meu alívio, parecia seguro e habitável. Ele me disse que o homem não dormia lá, mas sim em uma pequena cabana mais para o lado da Campagna, e que ele, Marcello, trancava as portas todas as noites, o que também me deixou aliviado.

— O que você come? — perguntei.

— Ah, carne de cabra, feijões e polenta com queijo pecorino, e há muito pão preto e vinho azedo — respondeu, sorrindo. — Como você vê, não estou morrendo de fome.

— Não se sobrecarregue, *mon vieux* — falei. — Você vale mais do que sua ópera jamais valerá.

— Pareço sobrecarregado? — quis saber, virando-se para que eu pudesse examinar seu rosto na luz externa. Ele pareceu um pouco ofendido com aquele meu comentário sobre sua ópera, e percebi que fora tolice minha.

Olhei bem seu rosto, e ele retribuiu o olhar de modo quase desafiador.

— Não, ainda não — respondi um pouco contrariado, porque não poderia dizer que ele parecia, mas seu olhar estava um pouco inquieto, voltado para dentro, e uma sutil olheira começava a surgir sob seus olhos. Parecia um pouco mais magro, e era como se uma névoa pairasse sobre sua beleza, tornando-a estranha e distante. Estávamos de pé em frente à porta. Ele a abriu, e o *guardiano* nos seguiu a passos lentos e ecoantes.

— Aqui é o meu céu — disse Marcello, e entramos na casa, que era como todas as outras daquele estilo. Havia um salão com reboco em baixo relevo e a escada adornada com fragmentos antigos levava aos quartos do segundo andar. Marcello subiu rapidamente e o ouvi trancar uma porta lá em cima e tirar a chave, então ele desceu de volta para me encontrar na escada.

— Aqui é onde eu trabalho — disse, abrindo uma porta baixa. A chave estava na fechadura, logo, não podia ser o cômodo que eu tinha ouvido Marcello trancar. — Não acha que vou escrever como um anjo aqui?

O raio de sol que entrava no quarto me deixou cego depois do corredor escuro, então a princípio só consegui piscar como uma coruja, até que meus

olhos se acostumaram e vi um cômodo grande, quase vazio, a não ser por uma mesa e cadeira rústicas, e a cadeira estava coberta de pautas manuscritas.

— Você está procurando a mobília — comentou ele, rindo. — Está do lado de fora. Olhe aqui! — E ele me levou para uma porta caindo aos pedaços, o vidro grosso esverdeado, que dava para uma varanda de ferro enferrujada. Ele tinha razão, o mobiliário estava do lado de fora: isto é, uma visão divina estava diante de meus olhos. As Montanhas da Sabina, as colinas Albanas e a vasta Campagna, com suas torres medievais e os escombros dos aquedutos, e a planície diante do mar. Tudo isso brilhava tranquilamente à luz do sol. Agora entendia como ele conseguia escrever ali. A varanda continuava pela parede adjacente, e quando viramos à direita vi um corredor de azevinhos que levavam a um bosque de loureiros altos — muito antigo, ao que parecia. Havia esculturas e até mesmo alguns sarcófagos antigos, e mesmo dali de cima eu conseguia ouvir o filete de água que se derramava de uma máscara antiga sobre uma calha longa e robusta. Vi o *guardiano* moreno ocupado com suas couves e cebolas, e ri ao me lembrar de como o confundi com um assassino. Ele carregava consigo um pequeno saco de relíquias, que balançava em seu peito bronzeado, e parecia muito inocente quando se sentou em uma pilastra velha caída para comer um pedaço de pão preto com uma das cebolas de que acabara de colher e cortar com sua faca, que em nada lembrava uma adaga. Mas não dei voz a esses pensamentos, pois Marcello teria rido deles. Estávamos de pé observando o homem, que agora bebia da fonte com as mãos em concha, quando Marcello se debruçou na varanda e gritou um longo “Ohé!”. O *guardiano* preguiçoso levantou os olhos, assentiu e então se levantou devagar da pedra, onde estivera meio ajoelhado para alcançar o jato de água.

— Vamos jantar — falou Marcello. — Eu estava esperando você.

Marcello ouviu os passos pesados do homem na escada, e o *guardiano* entrou com uma refeição estranha em uma cesta.

Havia queijo pecorino, feito a partir de leite de ovelha, pão preto duro como pedra, uma grande tigela de salada aparentemente composta de ervas daninhas e uma salsicha que empestou a sala com seu cheiro de alho. Então, o homem desapareceu e voltou com um prato de carne de cabra cozida, pouco apetitosa, e uma massa de polenta fumegante, e eu suspeitava que estava cheia de óleo.

— Não falei que estava vivendo bem? Agora você vai ver — disse Marcello.

Tudo estava péssimo, mas eu tive que comer, e foi uma felicidade ter um vinho forte e amargo para fazer descer a comida com gosto de terra e raízes. Quando terminamos, eu perguntei:

— E sua ópera? Como vai?

— Não quero ouvir uma palavra sobre esse assunto! — exclamou ele. — Você viu como ando escrevendo! — Ele mostrou a pilha de manuscritos. — Mas não quero tocar no assunto. Não quero perder minhas ideias nas palavras.

Esse não era o Marcello que eu conhecia, que em geral gostava de discutir seu trabalho. Olhei para ele, surpreso.

— Venha — chamou ele. — Vamos descer para o jardim e você pode me contar sobre os nossos amigos. O que andam fazendo? Magnin encontrou uma modelo para sua Clitemnestra?

Atendi ao seu pedido, como sempre fazia, e nos sentamos em um banco de pedra atrás da casa, com vista para o bosque de loureiros, e conversamos sobre pinturas e os estudantes. Eu queria andar pelo corredor de azevinhos, mas ele me impediu.

— Se você tem medo da umidade, não vá por ali — advertiu ele. — O lugar mais parece uma tumba. Vamos ficar aqui apreciando esta vista divina.

— Tudo bem, vamos ficar aqui — respondi, resignado como sempre. Ele acendeu um charuto e me ofereceu em silêncio. Se ele não queria conversar, eu podia ficar em silêncio. De vez em quando, ele fazia algum comentário superficial, e eu respondia com outro. Quase me pareceu que nós, amigos do peito tão antigos, havíamos nos tornado dois estranhos que mal se conheciam há uma semana — era como se tivéssemos passado tanto tempo longe que tínhamos nos afastado. Havia algo nele que eu não conseguia entender. Sim, aqueles dias que ele passara sozinho tinham posto um afastamento de anos e uma espécie de timidez, ou melhor dizendo, cerimônia, entre nós dois! Não me parecia mais natural dar tapinhas em suas costas e fazer as brincadeiras inofensivas de sempre. Ele também deve ter sentido meu retraimento, porque parecíamos crianças que haviam aguardado uma brincadeira ansiosamente e agora não sabiam como brincar.

Fui embora às seis horas. Não foi como me despedir de Marcello. Eu me sentia como se fosse encontrar meu velho amigo em Roma naquela noite, e ali só estivesse uma sombra dele. Ele me acompanhou até o portão e apertou minha mão, e, por um segundo, o verdadeiro Marcello me olhou de detrás de

seus olhos, mas não gritamos uma última palavra quando comecei a me afastar. Eu só dissera:

— Me avise quando me quiser de volta!

E ele respondera:

— Obrigado!

No caminho de volta para Roma, senti um arrepio. Sua mão me parecera gelada, e fiquei me perguntando o que estava acontecendo com ele.

Naquela noite, falei de minha preocupação com Pierre Magnin, que balançou a cabeça de um lado para outro e declarou que a malária devia estar se apoderando dele, que muitas vezes pessoas manifestam um comportamento ligeiramente estranho como um dos sintomas.

— Ele não pode continuar lá! Devemos tirá-lo daquele lugar o mais rápido possível! — exclamei.

— Nós dois conhecemos bem Marcello, e você sabe como é impossível fazê-lo mudar de ideia... Deixe-o lá, uma hora ele se cansa desses caprichos. Não vai morrer por causa de uma leve malária, e uma noite dessas ele aparece por aqui, feliz como sempre.

Mas ele não apareceu. Trabalhei arduamente em minha pintura e a terminei, só faltavam os últimos retoques, e ele ainda não havia aparecido. Talvez fosse por ter me esforçado demais pintando ou talvez eu tenha ficado tempo demais sentado em um lugar úmido — e eu insisto em buscar uma causa mais material do que emocional... Bem, fosse lá o motivo, fiquei mais doente do que jamais estivera na minha vida. Era quase como se o crepúsculo tivesse me engolido — e me lembro bem dele, embora tenha me esquecido do que aconteceu depois, ou, melhor dizendo, nunca descobri, porque fui encontrado inconsciente por Magnin. Ele me contou que assim continuei por um bom tempo, e depois fiquei delirante e só falava de Marcello. Eu tinha falado que era quase o crepúsculo, mas era o momento em que o sol vai embora e as cores atingem sua tonalidade verdadeira. Os artistas conhecem bem, e eu estava retocando os últimos detalhes em meu quadro, prestando especial atenção ao rosto de Mucius Scaevola, ou melhor dizendo, Marcello.

O resto da pintura não saiu mal, mas esse rosto, que deveria ter sido o principal, parecia desbotado, fundo. Era como se tivesse ficado mais e mais pálido, afastando-se de mim, ou como se um véu o cobrisse, e seus olhos pareciam fechados. Não me assusto facilmente, e sei que existem métodos peculiares de pintura que criam ilusões de ótica sob certas luzes, pois essa minha impressão passou no instante seguinte, e o crepúsculo cinza se

instalou. Eu me afastei para examiná-lo melhor. Então os lábios, que tinham ficado quase brancos, abriram-se um pouco e soltaram um suspiro! Uma ilusão de ótica, óbvio. Devo ter ficado muito doente e delirante, pois imaginei um verdadeiro suspiro, ou, melhor dizendo, uma espécie de arfar exausto. Foi então que desmaiei, suponho, e quando recobrei os sentidos estava em minha cama, com Magnin e sr. Sutton de pé em meu quarto, e uma *Soeur de Charité* andando devagar por entre garrafas de remédios, falando em voz baixa. Abri minhas mãos, e elas estavam magras e amareladas, com unhas longas e pálidas. Ouvi a voz de Magnin, que soava muito distante, dizendo: “*Dieu Merci!*” E agora, o sr. Sutton vai contar o que só descobri muito tempo depois.

II

O relato de Robert Sutton sobre os acontecimentos em Vigna Marziali

DETAILLE ME É MUITO querido, e fico feliz em lhe ser útil, mas nunca partilhei de sua admiração por Marcello Souvestre, embora sempre tenha apreciado suas qualidades. Com certeza, ele era muito promissor, devo dizer. Mas era um sujeito estranho e volúvel, não era o tipo de rapaz que nós ingleses fazemos questão de tentar entender. É meu trabalho escrever histórias, mas, como jamais precisei de personagens desse tipo, nunca os estudei com muito afinco. Como falei, fico feliz em ser útil a Detaille, que é um bom camarada, e deixei meu trabalho de lado com a maior boa vontade para ficar ao seu lado quando estava acamado. Magnin sabia que eu era amigo dele e acertadamente veio até mim quando descobriu que a doença de Detaille era séria e provavelmente prolongada. Eu o encontrei em um estado delirante, falando sobre Marcello.

— Diga-me qual é o *motif*! Sei que é uma *Marche Funèbre*!

E então começava a cantar uma melodia peculiar, que, como tenho um bom ouvido para a música, anotei, e não se parecia com nada que eu já tivesse ouvido antes. A irmã de caridade me olhou com olhos severos, pois não conseguia entender que para nós tudo é grão para o moinho, e essa tendência à observação se torna um automatismo para nós. O pobre Detaille continuava

repetindo essa curiosa melodia sem parar, e então parava e parecia olhar para sua pintura, então chorava que ela estava desaparecendo.

— Marcello! Marcello! Você está desaparecendo também! Me deixe ir até você! — Ele estava fraco como um recém-nascido e não podia sair da cama, a menos que tivesse um rompante de força delirante. — Eu não consigo ir! Eles me amarraram! — Ele pareceu tentar morder uma corda invisível em seus pulsos, e então explodiu em lágrimas. — Será que ninguém pode ir por mim e me trazer um recado seu? Ah! Se eu ao menos soubesse que você está vivo!

Magnin olhou para mim. Eu sabia no que ele estava pensando. Ele não abandonaria seu amigo, mas eu precisava ir. Não me importo de reconhecer que não fui obrigado. Ficar sentado ao lado da cama de Detaille ouvindo seus devaneios me deixava debilitado, e o que Magnin queria que eu fizesse me pareceu problemático, mas não desinteressante para um escritor, então concordei em ir. Eu já tinha ficado sabendo sobre o estranho isolamento de Marcello pelos próprios Magnin e Detaille, e o último lamentava abertamente o fato nos jantares da Academia, onde eu era um convidado frequente.

Eu sabia que seria inútil tocar a campainha no portão de Vigna Marziali. Não só eu não seria convidado a entrar como também despertaria a raiva e a suspeita de Marcello — nem por um segundo pensei que ele não estivesse vivo, embora suspeitasse que estivesse fraco, pois os homens de sua nacionalidade têm dificuldade de manter o equilíbrio. As pessoas estranhas são ainda mais estranhas no final do dia e à noite. Os seus nervos perdem o poder de resistir, e qualquer um consegue tirar vantagem deles. Então, decidi tentar descobrir algo à noite, julgando também que seria mais fácil passar despercebido. Eu sabia que Marcello gostava de vagar quando deveria estar na cama, e não duvidava que fosse ter um vislumbre dele, e isso era tudo de que eu precisava.

Meu primeiro passo foi sair pela Porta San Giovanni para uma longa caminhada, e fiz isso no início da manhã, andando com firmeza até chegar a um portão de ferro à direita da estrada, com os dizeres “Vigna Marziali” acima dele. Então, passei direto pelo portão, e só parei quando cheguei a um pequeno caminho com arbustos que ia em direção à Campagna, à direita. O caminho era coberto por seixos, bastante reservado por conta da hera e dos arbustos que o ladeavam, e trazia marcas das últimas chuvas pesadas. Quase não havia pegadas, então achei que devia ser pouco usado. Segui por esse caminho com cautela, olhando para a frente e também para trás, por cima do

ombro, um hábito remanescente de minhas andanças solitárias nos Abruzos. Eu trazia um revólver comigo — meu velho amigo — e não temia homem algum. Mas comecei a sentir um interesse dramático no meu empreendimento e decidi que não queria ser perturbado por surpresas desagradáveis. O caminho me levou mais longe na planície do que havia esperado, pois os arbustos bloqueavam a vista. Quando cheguei ao final e dei meia-volta, Vigna Marziali estava à minha esquerda, mas bem afastada. Eu vi de relance que, atrás da pequena mansão cinza, um caminho ladeado por azevinhos levava a um bosque de loureiros. Após o bosque, havia algumas hortas de alimentos e uma cabana de palha entre elas, provavelmente pertencente a um jardineiro. Olhei em volta à procura de um canil, mas não vi nenhum, e concluí que não havia cães de guarda. Depois das pequenas hortas, havia um amplo gramado, delimitado por uma cerca, que eu poderia pular se tomasse distância. Agora eu estava familiarizado com o caminho até ali, mas não pude resistir a andar um pouco mais. Ainda bem que fiz isso, pois vi que do lado de dentro da cerca havia um pequeno córrego, bem cheio na época por conta das chuvas, profundo demais para atravessar andando e largo demais para que eu pudesse pular por cima dele. Mas me pareceu que seria fácil usar uma das tábuas da cerca como ponte. Medi a largura do riacho com os olhos e decidi que as tábuas da cerca tinham a altura necessária, então peguei o mesmo caminho de volta e cheguei a tempo de encontrar Detaille ainda delirante.

Como ele não conseguia entender o que estava acontecendo, me parecia uma grande tolice ir até lá para tentar lhe trazer conforto, mas talvez ele logo recuperasse as faculdades mentais, e, além disso, comecei a me interessar pela missão. Concordei com Magnin que era melhor eu comer e descansar para voltar a Vigna naquela mesma noite. Disse à minha senhoria que eu estava indo para o campo e que devia voltar no dia seguinte, e fui para Nazarri, onde me abasteci de sanduíches e enchi meu frasco com algo que eles chamavam de xerez, pois, embora não gostasse muito de vinho, temia o ar frio da noite.

Eram cerca de sete horas da noite quando comecei a viagem, e repeti o trajeto da manhã. Quando cheguei, ocorreu-me que ainda estava muito claro para que eu passasse despercebido pelo córrego, então me acomodei sob alguns arbustos, e fiquei protegido pela espessa cortina de hera.

Eu devia estar fora de forma e cansado pela caminhada da manhã, pois adormeci. Quando acordei, estava escuro. As estrelas brilhavam, e quando

respirei uma névoa úmida abriu caminho pela minha garganta. Eu estava rígido e com frio. Tomei um gole do xerez, que achei horrível, mas me esquentou. Toquei meu relógio de repetição, que anunciou que faltavam quinze minutos para as onze, levantei, me sacudi das folhas e dos arbustos e segui em frente. Quando cheguei à cerca, sentei no chão e comecei a repensar meu plano. O que eu esperava descobrir? O que havia para ser descoberto? Nada! Nada além de que Marcello estava vivo, e isso não era uma descoberta, pois eu já tinha certeza disso. Eu era um idiota e me deixara seduzir pela natureza dramática e misteriosa da situação, e um rato sairia daquela montanha de precauções! Bem, pelo menos eu poderia tirar algo da situação descrevendo o meu comportamento absurdo em alguma história futura, e, como não era suficiente para um capítulo, eu precisava de mais vivência. “Vamos!”, falei comigo mesmo. “Você é um idiota, mas essa pode ser uma boa lição.” Levantei a tábua superior da cerca sem fazer barulho. Havia uma pequena escadinha, e as tábuas foram movidas com facilidade. Abaixei minha ponte com certa dificuldade e atravessei com todo o cuidado, então fui até o bosque de loureiros o mais rápido e silenciosamente possível.

Estava um breu, e meus olhos aos poucos se acostumaram à escuridão. Não havia muito para se ver, afinal. Alguns assentos de pedra em um semicírculo, e alguns pedaços de colunas de pé com bustos antigos sobre eles. Um pouco à direita, havia uma espécie de arco, com uma escada levando para o subterrâneo, provavelmente a entrada de uma catacumba. No meio do local, estava uma mesa de pedra, não muito grande, fixa na terra. Não havia ninguém, disso eu tinha certeza, e ali me sentei, já acostumado à escuridão, para comer meus sanduíches, pois estava morrendo de fome.

AGORA QUE EU TINHA chegado tão longe, nada ia acontecer para me recompensar pelo meu esforço? De repente, me pareceu absurdo esperar Marcello sair e performar qualquer que fosse a loucura que estivesse planejando ali fora, diante de meus olhos, apenas para minha satisfação pessoal. Não sei por que supus que algo aconteceria no jardim, apenas me parecera o lugar adequado. Resolvi chegar mais perto e ficar vigiando a casa, e, se visse alguma luz no interior, saberia que ele estava lá. Qualquer idiota teria bolado esse plano, mas um escritor cria o cenário do drama e espera que seus personagens se comportem como fantoches. É apenas quando sou surpreendido que sinto que eles estão vivos. Quando cheguei ao final do

caminho de azevinhos, a casa estava diante de mim. Encontrei mais repolhos e cebolas depois de deixar as árvores e percebi que, naquele espaço aberto, eu poderia ser visto facilmente por qualquer um que estivesse de pé na varanda que ficava logo acima. Quando recuei até os azevinhos, uma luz na janela do segundo andar, não a da varanda, se acendeu de repente, porém ela logo foi desligada, e vi um brilho através do vidro oval da porta do andar de baixo.

Só tive tempo de me esconder atrás do tronco mais grosso perto de mim quando a porta se abriu. Aproveitei o seu rangido para subir na árvore levemente inclinada como um gato, onde me deitei em um dos galhos.

Como eu esperava, Marcello saiu. Estava muito pálido e caminhava mecanicamente, como um sonâmbulo. Fiquei chocado ao ver como seu rosto estava magro à luz da vela ainda acesa em sua mão, que formava sombras profundas em suas bochechas ossudas e em seus olhos fixos, que pareciam queimar de forma selvagem e não verem nada. Os lábios estavam bastante brancos e tão repuxados que eu conseguia ver seus dentes brilhantes. Então, a vela caiu de sua mão, e ele se aproximou devagar, a passos curiosamente regulares, em direção aos azevinhos escuros, enquanto eu o observava de cima. Mas acho que ele mal teria reparado em mim, mesmo que eu estivesse em seu caminho. Quando ele passou, desci da árvore e o segui. Eu havia tirado meus sapatos e consegui andar em silêncio absoluto — e também tinha certeza de que ele não olharia para trás.

Marcello seguiu no mesmo ritmo mecânico até chegar ao bosque. Lá, eu me ajoelhei atrás de um velho sarcófago na entrada e fiquei esperando. O que ele ia fazer? Ficou imóvel, sem olhar em volta, como se o relógio em seu interior parasse de súbito. Marcello estava se tornando psicologicamente interessante, afinal de contas. De repente, ele ergueu os braços, como os homens fazem quando são feridos mortalmente no campo de batalha, e eu já esperava vê-lo desabar no chão. Em vez disso, Marcello deu um passo à frente.

Olhei para onde ele estava indo e vi uma mulher que devia ter se escondido ali enquanto eu estava esperando perto da casa. A desconhecida saiu da escuridão, aproximou-se devagar e pousou a cabeça no ombro dele, abraçando-o apertado, e seu rosto ficou escondido contra o pescoço dele.

Então era isso! Eu tinha ido até ali para espionar um simples caso amoroso! Sua ópera e sua reclusão por causa do trabalho, sua recusa autoritária de ver Dettaille, a menos que o convidasse primeiro — tudo não passava de uma fachada para uma intriga vulgar que, por razões que apenas ele conhecia, não

podia viver na cidade. Fiquei furioso! Se Marcello ficava andando feito sonâmbulo toda noite naquele buraco úmido, não era de se admirar que ele estivesse com uma aparência doentia e um ar enlouquecido! Eu sabia muito bem que Marcello não era santo. Por que seria? Mas não esperava que fosse um tolo! Ele já tivera muitos casos, e como costumava ser discreto sem ser excessivamente misterioso, ninguém jamais havia metido o nariz onde não era chamado, nem deveríamos começar agora. Eu disse a mim mesmo que a culpa era daquela mistura de sangue francês e italiano. Ele tinha a constituição frágil e leviana dos franceses e o amor dos italianos pelas artimanhas! Repassei todos os detalhes da minha misteriosa missão. Devo admitir que a raiz da minha raiva foi uma certa decepção dramática por não encontrá-lo morto, e julguei desprezível todo o esforço que dispendi para chegar a essa conclusão ridícula: Marcello com uma mulher nos braços. Eu não conseguia ver o rosto dela, pois seu corpo estava envolto da cabeça aos pés em algum tecido escuro, mas pude ver que era alta e esbelta, e que um par de mãos brancas saía da capa. Sob meu olhar atento, ainda indignado, o casal seguiu em frente e, ainda abraçados, os dois começaram a descer os degraus. Então, nem mesmo a solidão do bosque de loureiros era capaz de satisfazer o amor insano de Marcello por segredos! Continuei onde estava por um tempo, me esgueirei até a escada por onde eles haviam desaparecido e fiquei escutando. Porém, tudo estava silencioso. Acendi um fósforo com todo o cuidado e olhei para baixo. Conseguia ver os degraus mais próximo, porém mais adiante a escuridão os engolia. Devia ser uma catacumba, como eu havia imaginado, ou quem sabe um antigo banho romano que Marcello tinha deixado confortável o suficiente, sem dúvida — e havia até a chance de ter um lanche esperando por eles lá embaixo. Meu estômago vazio me disse que eu poderia tê-lo perdoado na hora se ele dividisse tal refeição comigo. Eu estava com tanta fome quanto com raiva, e me sentei em um dos bancos de pedra para terminar meus sanduíches.

Nem me ocorreu esperar o retorno dos dois pombinhos apaixonados. Eu já tinha descoberto tudo, e não passava de uma grande farsa! Eu só queria voltar a Roma antes que minha raiva esfriasse e contar a Magnin sobre a perda de tempo que aquela missão fora. Se ele quisesse discutir comigo, melhor ainda!

Passei o caminho todo preparando minhas críticas aos franceses, mas esse rompante virou gelo quando descobri que o portão estava fechado. Não tinha pensado em pegar um passe, e Magnin deveria ter me lembrado. Mais um motivo para ficar com raiva dele! Apreciei esse ressentimento, e foi ele que

me manteve aquecido enquanto eu andava de um lado para outro. Havia algumas casas e até pequenas lojas de comida fora do portão, mas nenhuma janela acesa à vista, e eu não queria chamar atenção batendo nas portas no meio da noite. Decidi me esgueirar por trás do muro. Àquela altura, eu já estava me acostumando a me esconder, e me acomodei do modo mais confortável possível com o meu sobretudo, tomei outro gole do meu xerez e esperei. Finalmente, o portão foi aberto e passei, tentando não passar a impressão de que havia passado a noite toda fora, como um bandido. O guarda me olhou com desconfiança, sem dúvida se perguntando onde estava a minha bagagem. Se eu tivesse de mochila, poderia ter sido confundido com um turista inglês ingênuo ou louco que tivesse imprudentemente decidido viajar a pé de Frascati ou Albano. Entretanto, um homem de sobretudo com as mãos nos bolsos, voltando pelo portão da cidade ao amanhecer, como se retornasse de um passeio, confundiu os oficiais, que me olharam e deram de ombros.

Por sorte, encontrei um cocheiro que havia madrugado na Praça São João de Latrão, pois eu estava morto de cansaço, e logo cheguei ao meu quarto na Via della Croce, onde minha senhoria me deixou entrar na hora. Então, tive o conforto de tirar minhas roupas úmidas do orvalho da noite e ir para a cama. Minha raiva tinha diminuído um pouco, e eu não temia que sua temperatura caísse apenas por ceder ao meu desejo esmagador de dormir. Uma hora ou duas não fariam grande diferença para Magnin — ele que ficasse pensando que eu ainda estava em Vigna Marziali! Eu precisava dormir, não importava o que ele achasse.

Dormi por várias horas, até que fui acordado pela minha senhoria, Sora Nanna.

— Há um *Signore* aqui que quer vê-lo — disse ela.

— Sou eu, Magnin! — falou uma voz atrás dela. — Eu não podia mais esperar você! — Ele parecia abatido e ansioso. — Detaille ainda está delirante, pior do que antes. Me conte logo, pelo amor de Deus! Por que não me diz o que houve? — E ele me sacudiu pelo braço como se pensasse que eu ainda estava dormindo. — Você não tem nada a dizer? Deve ter visto alguma coisa! Viu Marcello?

— Ah, vi, sim.

— E?

— Ele estava muito confortável, e bem vivo. Estava nos braços de uma mulher.

Eu ouvi minha porta bater e um feroz “*Sacré gamin!*”, e depois passos rápidos nos degraus da escada. Fiquei feliz por ter provocado essa reação e me virei para voltar a dormir me sentindo quase benevolente em relação a Magnin, que naquele momento devia estar galgando as Escadarias da Praça da Espanha dois degraus de cada vez e morrendo de calor. Não havia nada que eu pudesse fazer para ajudar Detaille, pobre garoto! Ele não conseguiria entender minhas novidades. Quando dormi o suficiente, levantei-me, tomei um banho para me refrescar, comi e fui visitar Detaille. Não era culpa dele eu ter sido feito de tolo, então sentia pena do rapaz.

Eu o encontrei delirante como na véspera, até pior, como Magnin dissera. Ele não parava de dizer:

— Marcello, tome cuidado. Ninguém pode salvar você... — Falava baixinho, sem forças, mas não parava de repetir as frases, movendo os pés de modo peculiar, como se estivesse percorrendo, exausto, um longo caminho, sem jamais desistir de alcançar seu objetivo. Então, parou e começou a soluçar como uma criança: — Meus pés doem tanto — murmurou com uma voz de dar pena. — Estou tão cansado! Mas estou indo! Eles estão me seguindo, mas eu sou forte! — A isso se seguiu uma luta violenta com seus perseguidores invisíveis, e então ele recomeçava a cantar, o que alternava com os fracos gritos de advertência. Sua voz de cantor era bem diferente da com que falava. Ele ficou cantando a melodia que chamara de *Marcha Fúnebre*, que se tornara tão desagradável para mim. Se fosse de fato uma marcha fúnebre, não era a de um enterro cristão. Enquanto ele cantava, as lágrimas escorreram por seu rosto, e Magnin as secava com a ternura de uma mulher. Nos intervalos da música, ele apertava as mãos sem muita força, pois estava muito fraco, a não ser quando o delírio provocava rompantes violentos, e disse em uma voz de partir o coração: — Marcello, nunca mais vou ver você de novo! Por que nos deixou?

Finalmente, quando ele se aquietou por um momento, Magnin saiu de seu lado, acenando para a freira substituí-lo, e me levou para outra sala, fechando a porta atrás dele.

— Agora me conte exatamente como você viu Marcello — pediu ele.

Relatei toda a minha experiência absurda — no entanto, deixei de lado minha irritação pessoal, pois ele parecia infeliz e desgastado demais para que eu conseguisse sentir raiva dele. Magnin me fez repetir várias vezes a minha descrição do rosto e da postura de Marcello quando ele saiu de casa. Isso pareceu impressioná-lo mais do que o encontro romântico.

— Os doentes têm intuições estranhas — comentou ele em tom sério. — Continuo a achar que Marcello está muito doente e em perigo. *Tenez!* — Foi até a porta e chamou “*Ma Soeur!*” em voz baixa. Ela entendeu e, depois de arrumar as cobertas e secar as lágrimas de Detaille mais uma vez, ela veio sem silêncio até nós, o lenço úmido ainda na mão. Era uma mulher bem alta e de aparência forte, com olhos pretos penetrantes e muito autocontrole. Era estranho que tivesse adotado o nome Claudius em vez de um mais feminino.

— *Ma Soeur* — começou Magnin —, a que horas ele se levantou da cama e nós tivemos que segurá-lo por um bom tempo?

— Um pouco depois das onze e meia — respondeu ela.

Então, Magnin se virou para mim.

— E a que horas Marcello saiu para o jardim?

— Bem, talvez um pouco depois das onze e meia — respondi com relutância. — Acho que tinham se passado uns 45 minutos desde que liguei o meu relógio. Mas não tenho certeza! — Eu detestava quando as pessoas tentavam explicar coincidências misteriosas, e era isso que eles estavam fazendo.

— Tem certeza do horário, *Ma Soeur*? — perguntei, um pouco áspero.

Ela olhou para mim com os grandes olhos pretos bem calmos. — Ouvi a Trinità de Monti bater a meia hora logo antes do que aconteceu — respondeu ela.

— Pode fazer a gentileza de contar ao sr. Sutton o que foi que aconteceu? — pediu Magnin.

— Só um momento, *monsieur*. — Ela foi a passos rápidos e delicados até Detaille, ergueu-o com seu braço forte e levou um copo a seus lábios, do qual ele bebeu mecanicamente. Então, ela voltou até nós e ficou parada onde podia vê-lo através da porta aberta.

— Ele não ouve nada. — Ela pendurou o lenço sobre uma cadeira para que pudesse secar. Ela continuou: — Às onze e meia, meu paciente estava muito inquieto, mais até do que antes. Deviam ter se passado quatro ou cinco minutos desde que o relógio tinha terminado de bater quando, de repente, ele ficou bastante quieto, e então começou a tremer tanto que a cama balançava com ele. — Ela falava inglês muito bem, como as freiras costumavam falar. — Ele continuou tremendo tanto que pensei que ia ter um ataque, então pedi que o sr. Magnin se preparasse para buscar o médico, mas a tremedeira parou nessa hora e o paciente ficou imóvel, com o cabelo arrepiado e os olhos saltados, apesar de não ver nada, pois verifiquei movendo a vela diante dele.

De repente, o paciente pulou da cama e correu para a porta. Não sabia que ele era tão forte. Antes que ele alcançasse a porta, eu o segurei em meus braços, pois ele está muito leve, e consegui trazê-lo de volta para a cama, embora ele tenha resistido, como uma criança. O sr. Magnin entrou no quarto na hora em que ele tentou se levantar de novo, e nós o seguramos na cama até o surto passar, mas ele continuou gritando o nome do *monsieur* Souvestre por um bom tempo. Depois disso tudo, ele sentiu muito frio e ficou exausto, como era de se esperar, e lhe dei um pouco de caldo de carne, embora não fosse a hora.

— Acho melhor você contar a história completa à irmã — sugeriu Magnin, virando-se para mim. — É melhor a enfermeira ficar sabendo de tudo.

— Está bem — concordei. — Mas não acho que essa seja a linha de trabalho dela.

A freira respondeu ela mesma:

— Tudo o que diz respeito aos nossos pacientes é nosso trabalho. Nada me choca.

Então ela se sentou, enfiando as mãos nas mangas compridas, preparada para ouvir meu relato. Repeti tudo o que havia contado a Magnin. Ela nem tirou os olhos brilhantes do meu rosto e ouviu com toda a tranquilidade, como se fosse um médico ouvindo o relato de um caso difícil, embora me parecesse quase um sacrilégio descrever o comportamento de um jovem apaixonado a um irmã de caridade.

— O que me diz, *Ma Soeur*? — perguntou Magnin, depois que eu terminei.

— Não digo nada, *monsieur*. Basta eu ter tomado conhecimento. — Ela tirou as mãos das mangas, pegou o lenço, já seco àquela altura, e voltou em silêncio para o seu lugar ao lado da cama.

— Eu me pergunto se a choquei, no fim das contas — disse eu para Magnin.

— Ah, não — respondeu meu amigo. — Elas veem todo tipo de coisa, e uma *soeur* é tão abstrata quanto um confessor. Elas não se permitem sentimentos pessoais. Eu já vi *Soeur* Claudius ouvir, imperturbável, os delírios mais escandalosos, apenas fazendo o sinal da cruz sob seu hábito diante das blasfêmias mais chocantes. Foi no fim do verão, quando o pobre Justin Revol morreu. Você não estava aqui. — Magnin levou a mão à testa.

— Você parece doente. Tente dormir um pouco, eu fico com ele.

— Está bem. Mas não vou conseguir descansar a menos que você prometa se lembrar de cada palavra que ele disser, pois quero ouvir tudo o que se

passou quando eu acordar. — Ele se deixou cair no sofá duro e pegou no sono imediatamente. Quanto a mim, que tinha ficado tão irritado com ele apenas algumas horas antes, pus uma almofada sob sua cabeça para deixá-lo mais confortável.

Fui me sentar no quarto para ouvir os murmúrios delirantes de Detaille enquanto *Soeur Claudius* lia seu livro de orações. Estava escurecendo e vários acadêmicos apareceram para visitar o amigo doente e balançar a cabeça com pesar. Olhavam em volta à procura de Magnin, mas eu apontava para o outro cômodo com o dedo nos meus lábios e eles assentiam com a cabeça e iam embora na ponta dos pés.

Não tive a menor dificuldade em me lembrar das palavras de Detaille e repeti-las para Magnin quando este acordou, pois nosso amigo falava sempre a mesma coisa. Outra irmã chegou naquela noite, e como *Soeur Claudius* só voltaria no dia seguinte ao meio-dia, ofereci-me para dividir a vigília com Magnin, que, muito nervoso e exausto, parecia pensar que o ataque da noite anterior se repetiria. A nova irmã era uma moça pequena e delicada, que ficou com lágrimas nos gentis olhos castanhos ao examinar o homem doente, e que fazia o sinal da cruz de vez em quando, apertando o crucifixo que pendia das contas em sua cintura. No entanto, ela era calma e útil, tão pontual quanto *Soeur Claudius* em administrar os remédios.

O médico veio à noite e prescreveu uma mudança de medicamentos. Ele não disse o que pensava do estado de seu paciente, mas declarou que tínhamos que esperar por uma crise. Magnin tinha pedido que fossem buscar um jantar para nós, e nos sentamos juntos em silêncio, nenhum dos dois com fome. Ele continuou olhando o relógio.

— Se a crise se repetir hoje à noite, ele vai morrer! — concluiu ele, pondo a cabeça entre os braços.

— Ele vai morrer por um motivo muito tolo, então — respondi com raiva, pois pensei que ele estava prestes a chorar, como os franceses costumam fazer, e eu queria irritá-lo para evitar aquilo. Então continuei: — Ele vai morrer por causa de um *vaurien* que está passando vexame por conta de um caso que não vai durar uma semana! Souvestre pode ter a febre que quiser! Só não me peça para ir cuidar dele.

— Não é a febre, é um medo horrível e vago que estou sentindo. Talvez ficar ouvindo os devaneios de Detaille tenha me deixado nervoso. Ouça! Bateram onze horas. Precisamos ficar vigilantes.

— Se você acha mesmo que ele vai ter outro ataque, é melhor avisar à irmã — sugeri. Ele acatou a sugestão e descreveu em poucas palavras o que poderia acontecer.

— Está bem, *monsieur* — respondeu ela, e se sentou com toda a calma perto da cama. Magnin se postou na altura da cabeça de nosso amigo e fiquei perto dele. Os únicos barulhos eram os lamentos incessantes de Detaille.

Agora, antes que eu continue meu relato, devo fazer uma pausa para pedir que acredite em mim. Será quase impossível, sei disso, pois eu mesmo já ri de histórias semelhantes, e nenhuma garantia teria me convencido de que eram dignas de crédito. Mas eu, Robert Sutton, juro que isso realmente aconteceu. Não posso fazer mais que isso. Mas é a verdade.

Nós estávamos observando Detaille com toda a atenção. Ele estava deitado de olhos fechados, muito inquieto. De repente, ficou imóvel, começou a tremer, exatamente como *Soeur Claudius* havia descrito. Era um tremor curioso e uniforme, no corpo todo, e a cama de ferro tremia como se mãos fortes a estivessem balançando dos dois lados. Então, veio a rigidez absoluta que ela também tinha descrito, e não estou exagerando quando digo que o cabelo dele se arrepiou — foi de fato o que aconteceu, literalmente. Uma lâmpada lateral marcava a sombra de seu perfil na parede à esquerda de sua cama, e, enquanto eu olhava o contorno imóvel que parecia pintado na parede, vi o cabelo subir devagar até que a linha da testa ficou diferente — uma mudança abrupta em vez de um arco suave. Seus olhos se abriram, encarando algo, e depois seu olhar se tornou assustado, mas era certo que ele não nos via.

Prendemos o fôlego e esperamos pelo que poderia acontecer em seguida. A pequena freira estava perto dele, seus lábios comprimidos e um pouco pálidos, mas ela continuava calma.

— Não tenha medo, *ma souer* — sussurrou Magnin.

E ela respondeu em um tom prático:

— Não estou com medo, *monsieur*. — E se aproximou ainda mais de seu paciente, e tomou as mãos deles, rígidas como as de um cadáver, entre as suas, para aquecê-las.

Coloquei a mão sobre o peito de meu amigo. Seu coração batia tão fraco que quase pensei que tinha parado, e quando aproximei o rosto de seus lábios não senti sua respiração. Parecia que a rigidez duraria para sempre.

De repente, sem qualquer aviso, ele se atirou com enorme força e de um só pulo foi parar quase no meio do quarto, afastando nós três como se não

passássemos de folhas ao vento. Eu o alcancei em um segundo e lutei com todas as minhas forças para evitar que ele chegasse à porta. Magnin fora jogado para trás e caiu sobre a mesa, quebrando as garrafas de medicamentos. Ele tinha se apoiado na mão e correu para me ajudar com o sangue escorrendo de um corte no pulso. A pequena irmã também disparou até nós. Detaille a tinha feito cair de joelhos, mas agora, com o instinto de uma enfermeira, tentava cobrir o peito dele com um xale. Nós quatro devíamos ter sido uma visão curiosa!

Quatro? Nós éramos cinco! Marcello Souvestre estava diante de nós, na frente da porta! Todos nós o vimos, pois lá estava ele. Seu rosto pálido estava voltado em nossa direção, impassível. As mãos pendiam ao lado do corpo, tão brancas quanto o rosto. Apenas seus olhos tinham vida e estavam fixos em Detaille.

— Graças a Deus, você veio! — exclamei. — Não fique aí parado feito um idiota! Venha nos ajudar!

Mas ele não moveu um dedo. Fiquei furioso, e, abandonando minha posição, fui até ele, fazendo menção de arrastá-lo até nós. Minhas mãos estendidas acertaram a porta com força, e algo que parecia uma teia de aranha me envolveu. Parecia cobrir minha boca e os meus olhos, me cegando e sufocando, e depois se rasgou e flutuou para longe de mim.

Marcello tinha desaparecido!

Detaille tinha escapado dos braços de Magnin e jazia no chão, como se seus braços e pernas tivessem se quebrado. A irmã tremia violentamente, ajoelhada ao lado dele, tentando levantar a cabeça de seu paciente. Nós nos entreolhamos, levantamos Detaille em nossos braços e o levamos de volta para a cama, enquanto *Soeur Marie* recolhia os cacos dos remédios em silêncio.

— Você também viu isso, *ma soeur*? — perguntou Magnin em um sussurro rouco.

— Sim, *monsieur*! — respondeu ela com a voz trêmula, apertando o crucifixo. Então, acrescentou em um tom mais controlado: — Posso enfaixar seu pulso? — E, embora seus dedos vacilassem um pouco e a mão dele não parasse de tremer, o curativo saiu perfeito.

Magnin foi para a sala ao lado, e eu o ouvi se deixar cair pesadamente em uma cadeira. Detaille parecia dormir. Sua respiração estava regular. Os olhos estavam fechados de modo tranquilo, e as mãos pendiam relaxadas sobre a colcha. Ele não tinha se mexido desde que o pusemos de volta na cama. Fui

em silêncio até onde Magnin estava sentado no escuro. Ele não se moveu, mas disse:

— Marcello morreu.

— Morreu ou está morrendo — respondi. — E precisamos ir até ele.

— Isso — concordou Magnin. — Precisamos ir até ele, mas vai ser em vão.

— Nós iremos assim que o sol nascer. — E então fizemos silêncio de novo.

Quando raiou o dia, Magnin encontrou outro amigo para ficar em seu lugar, e falou à *Soeur Marie*:

— Não há por que falarmos do que se passou à noite.

— Você está certo, *monsieur* — respondeu ela com sua voz calma, o que nos fez sentir que podíamos confiar nela. Detaille ainda dormia. Era essa a crise que o médico esperava? Talvez, porém com certeza não de uma forma tão assustadora. Insisti que meu amigo tomasse café da manhã antes de partirmos, e eu também comi, embora não tenha sentido o gosto da comida.

Contratamos uma carruagem fechada, pois não sabíamos o que traríamos para casa conosco — embora nenhum de nós tenha verbalizado esse pensamento. Ainda era de manhã cedo quando chegamos a Vigna Marziali, e não tínhamos trocado uma palavra durante do o caminho. Toquei o sino da campainha enquanto o cocheiro nos olhava com curiosidade. O *guardiano* — de quem Detaille já falou — atendeu na hora.

— Onde está o *Signore*? — perguntei do lado de fora do portão.

— *Chi lo sa?* Está aqui, claro. Ele não saiu da Vigna. Devo chamá-lo?

— Chamá-lo? — Eu sabia que nenhuma voz mortal poderia chegar aos ouvidos de Marcello, mas tentei pensar que ele ainda estava vivo.

— Não. Vamos entrar. Queremos fazer uma surpresa. Ele vai gostar.

O homem hesitou, mas por fim abriu o portão e eu e Magnin entramos, deixando a carruagem esperando por nós lá fora. Fomos direto para a casa. A porta dos fundos estava escancarada. Houve uma tempestade na noite anterior, que espalhou folhas e galhos das árvores no hall de entrada. Estavam espalhados pela soleira, o que indicava que a porta ficara aberta desde a tempestade. O *guardiano* nos deixou sozinhos, provavelmente para escapar da raiva de Marcello por ter permitido a nossa entrada, e subimos as escadas sem obstáculos. Magnin foi na frente, porque conhecia melhor a casa do que eu, graças à descrição de Detaille. Ele havia mencionado um quarto no canto com a varanda, e tentamos acreditar que Marcello poderia estar lá dentro, absorto em seu trabalho, mas não o chamamos.

Ele não estava lá. Seus papéis estavam espalhados sobre a mesa como se tivesse se sentado ali para escrever recentemente, mas o tinteiro estava seco e empoeirado, não devia estar sendo usado há dias. Fomos em silêncio vasculhar os outros cômodos. Talvez estivesse dormindo? Mas, não! Achamos sua cama feita, então ele não podia ter dormido nela naquela noite. Os quartos estavam todos destrancados, exceto um, e a porta fechada fez nossos corações acelerarem. Marcello não estava lá dentro, pois não havia chave na fechadura. Vi a luz do dia brilhando através do buraco da fechadura. Chamamos por ele, mas não houve resposta. Batemos bem alto, mas não ouvimos sinal de que havia alguém lá dentro. Por fim, pus meu ombro contra a porta, que era velha e rachada em vários lugares, e conseguiu arrombá-la.

Lá, encontramos um suporte para esculturas, e sobre ele havia uma peça coberta com um pano branco. Também encontramos ferramentas de modelagem no chão. Ao vermos o pano, ainda úmido, ficamos sem fôlego. Poderia estar lá há algumas horas, não mais que um dia. Não o levantamos.

— Ele ficaria furioso — comentou Magnin, e assenti com a cabeça, pois no mundo das artes é quase um crime desvendar o trabalho de um escultor em sua ausência. Não expressamos nossa surpresa diante do fato de Marcello estar trabalhando em uma escultura: nossas bocas pareciam ter sido proibidas de falar. O pano estava colado ao objeto sob ele, e conseguimos perceber o esboço da cabeça de uma mulher e o busto arredondado, então o deixamos escondido. Havia uma pequena escada em espiral e nós a subimos e descobrimos uma espécie de belvedere com uma vista fantástica. Era um pequeno terraço aberto no telhado da casa, e logo vimos que não havia ninguém lá em cima.

Já tínhamos revistado a mansão inteira, que tinha uma planta simples, visto que fora construída para funcionar como uma moradia de verão. Nos debruçamos sobre a balaustrada, de onde conseguíamos olhar o jardim. Também estava vazio, exceto pelo *guardiano*, deitado entre seus repolhos de braços cruzados atrás da cabeça, meio adormecido. O bosque de loureiros era o que eu tinha em mente desde o início, só que nos parecera mais natural ir à casa primeiro. Descemos a escada em silêncio e seguimos em direção às árvores.

Quando nos aproximamos, o *guardiano* andou até nós preguiçosamente.

— Vocês encontraram o *Signore*? — perguntou ele, e o rosto estúpido e calmo me fez ter certeza de que ele, pelo menos, não era responsável pelo desaparecimento.

— Não, ainda não. Mas tenho certeza de que o encontraremos mais cedo ou mais tarde. Talvez ele tenha ido dar uma volta. Vamos esperar por ele. O que é isso? — perguntei, tentando parecer despreocupado. Estávamos de pé perto do pequeno arco que você já conhece.

— O arco? Nunca fui lá, mas dizem que é antigo. Os senhores querem ir lá? Posso buscar uma lanterna.

Assenti e ele foi até sua cabana. Eu trazia algumas velas em meu bolso, pois pretendia explorar o lugar caso não encontrássemos Marcello. Foi por aqueles degraus que ele havia desaparecido na outra noite e eu já tinha pensado em ir lá, mas mantive segredo sobre minhas velas, pois elas dariam à nossa busca um ar premeditado que despertaria a curiosidade do caseiro.

— Quando foi a última vez que você viu o *Signore*? — perguntei quando ele voltou com a lanterna.

— Levei seu jantar ontem à noite.

— A que horas?

— Foi na hora da Ave-Maria, *Signore* — respondeu ele. — Ele sempre janta nesse horário.

Seria inútil fazer mais perguntas. Ele não era muito observador e seria capaz de mentir para nos dizer o que queríamos ouvir.

— Deixe-me ir na frente — disse Magnin, pegando a lanterna. Começamos a descer os degraus. Um ar frio e ao mesmo tempo sufocante parecia encher nossos pulmões, e uma escuridão completa nos aguardava lá embaixo. Os degraus, como pude ver à luz de minha vela, eram modernos, assim como a abóbada acima deles. Havia uma placa na entrada e, apesar do meu nervosismo, fiz uma pausa para lê-la, talvez porque fiquei feliz em adiar por alguns segundos o que nos esperava. Dizia o seguinte:

Questo antico sepolcro Romano scopri il Conte Marziali nell' anno 1853, e piamente conservò.

Ou seja:

O conde Marziali descobriu este antigo sepulcro romano no ano de 1853 e o manteve piamente preservado.

Li esses dizeres em menos tempo do que levei para registrá-los aqui, e disparei atrás de Magnin, cujos passos soavam distantes abaixo de mim. Ao apertar o passo, uma rajada de ar frio apagou minha vela, e tive que passar a tatear a parede, horivelmente escura e úmida. Foi quando meu coração gelou com um grito vindo lá de baixo — um grito aterrorizado!

— Onde você está? — gritei, mas Magnin estava me chamando e não conseguia me ouvir. — Eu estou aqui. Estou no escuro!

Estava descendo o mais depressa possível, mas a escada fazia curvas.

— Eu o encontrei!

— Vivo? — gritei.

Não houve resposta.

Desci os últimos degraus e me vi cara a cara com o brilho da lanterna. Vinha de uma entrada baixa, onde encontrei Magnin olhando para a escuridão. Ao ver seu rosto, iluminado pela lanterna que ele segurava, soube que nossos medos tinham se concretizado.

Sim, Marcello estava lá. Deitado no chão, encarando o teto, morto e já rígido, como pude ver de relance. Ficamos de pé em volta dele, sem dizer uma palavra, então me ajoelhei e o toquei, por pura formalidade, e disse, como se já não soubesse:

— Ele morreu há algumas horas.

— Ontem à noite — completou Magnin horrorizado, porém com certa satisfação, como se dissesse “Viu? Eu avisei”.

Marcello estava deitado com a cabeça ligeiramente jogada para trás, sem expressão em seus belos traços. Parecia alguém que morreu de exaustão — que passou, inconsciente, da vida para a morte. Seu colarinho estava desabotoado e uma parte de seu peito, de um branco horrível, estava visível. Logo acima do peito havia uma pequena mancha.

— Me dê a lanterna — sussurrei ao chegar mais perto. Era uma mancha bem pequena, de um tom arroxeado, e devia ter mudado de cor durante a noite.

Examinei a mancha com o máximo de atenção e concluí que o sangue tinha sido sugado para a superfície, onde uma pequena picada ou incisão fora feita. O leve derrame sob a pele me fez chegar a essa conclusão. Uma pequena gota de sangue coagulado fechava a ferida quase imperceptível. Eu a cutuquei com um dos fósforos de Magnin. Era um ferimento bem superficial, portanto não poderia ser o furo de uma adaga, por mais fino que fosse, ou uma ferida de bala. Ainda assim, era estranha, e ao mesmo tempo nós olhamos em volta para ver se não havia alguém escondido lá embaixo, ou talvez uma segunda saída. Seria loucura supor que o assassino, se houvesse mesmo um, permaneceria ali com sua vítima. Será que Marcello estivera envolvido com uma bela *contadina*, uma camponesa, e sua morte fora obra da vingança de

uma amante ciumenta? Mas aquilo não era uma facada. Será que uma gota de veneno na pequena ferida era suficiente para matá-lo?

Vasculhamos o local, e vi que os olhos de Magnin estavam cegos pelas lágrimas, e seu rosto, tão pálido como o do cadáver que jazia no chão, cujas pálpebras eu tinha tentado fechar em vão. A câmara era baixa, com um belíssimo reboco em baixo relevo, no mesmo estilo do monumento que ficava não muito longe dali, seguindo a mesma estrada. Gênios alados, grifos e arabescos, esculpidos com uma delicadeza impressionante, cobriam as paredes e o teto. Não havia outra porta além da qual tínhamos entrado. No centro, havia um sarcófago de mármore, com as figuras características esculpidas sobre ele: de um lado, Hércules conduzindo uma figura velada, do outro, ninfas e faunos dançando. No meio, estava a seguinte inscrição, gravada fundo na pedra, ainda parcialmente cheia de pigmento vermelho:

D. M.
VESPERTILIAE·THC·AIMA-
TOΠΩΤΙΔOC · Q · FLAVIVS ·
VIX·IPSE·SOSPES·MON·
POSVIT

— O que é isso? — sussurrou Magnin. Eram apenas uma picareta e um pé de cabra, iguais aos que as pessoas do campo usavam para remover seus blocos de tufa calcária, e seu pé havia esbarrado neles. Quem teria trazido aquelas ferramentas ali para baixo? Elas deviam pertencer ao *guardiano*, que dissera nunca ter estado ali, e eu tinha acreditado nele, conhecendo o horror italiano a lugares escuros e solitários. Mas o que Marcello estaria fazendo com aquilo? Não nos ocorreu que a curiosidade arqueológica pudesse tê-lo levado a tentar abrir o sarcófago, cuja tampa nunca tinha sido levantada, pelo que indicava a expressão “piamente preservado”.

Quando me levantei depois de examinar as ferramentas, meus olhos caíram sobre a linha de argamassa, na junção da tampa com a pedra, e notei que parte dela fora removida, talvez com a picareta caída a meus pés. Eu a escavei com minhas unhas e percebi que estava se desfazendo. Sem uma palavra, peguei a ferramenta. Magnin instintivamente seguiu meus movimentos com a lanterna. Não sei dizer o que nos impeliu. Eu não estava pensando, sentia apenas um desejo irresistível de ver o que havia ali dentro. Vi que grande parte da argamassa havia sido destruída, e que pequenos

fragmentos dela estavam no chão, o que eu não notara antes. Não demorei muito para terminar. Arranquei a lanterna da mão de Magnin e a pus no chão, de onde iluminou bem o rosto morto de Marcello, e com a ajuda de sua luz encontrei um pequeno vão entre a tampa e o sarcófago, por onde enfiei o pé de cabra, e o golpeei com a picareta. A pedra soltou uma lasca. Magnin tremia.

— O que você está fazendo? — perguntou ele, olhando para Marcello, caído no chão.

— Me ajude! — pedi, e juntamos nossas forças para mover o pé de cabra. Eu sou um homem forte e senti uma espécie de fúria cega quando a pedra se recusou a ceder. E se o pé de cabra quebrasse? Com outro golpe, ele entrou mais ainda, então passamos a usá-lo como alavanca, e nos penduramos nele, nossos braços estendidos até que cada músculo estivesse em seu limite. A pedra se moveu um pouco e, quase desmaiando, paramos para descansar.

Do teto pendia uma corrente de ferro enferrujada que um dia devia ter tido uma lâmpada na ponta. Montei no sarcófago e preendi nossa lanterna ali em cima.

— Agora! — falei, e voltamos a atacar a tampa. Ela se levantou, e nós a empurramos até que ela caiu do outro lado com um baque ensurdecedor. As paredes chegaram a tremer, e fiquei surdo por um momento, enquanto pequenos pedaços de reboco choviam do teto. Depois da pausa para nos recuperarmos do choque, nos debruçamos sobre o sarcófago.

A luz iluminava o interior, e vimos — como posso dizer? Nós vimos deitada ali dentro, em meio a trapos puídos, uma mulher, perfeita como se estivesse viva, o rosto levemente rosado, lábios macios e vermelhos e um peito de pérola viva, que pareceu se erguer como se agitado por algum sonho delicioso. Os trapos pobres que a envolviam formavam um contraste terrível com essa figura encantadora, fresca como a manhã! Suas mãos estavam ao seu lado, as palmas rosadas um pouco viradas para fora, os olhos fechados com a paz de uma criança adormecida, e o longo cabelo, de um ruivo brilhoso sob a luz da lanterna, estava trançado, e das tranças escapavam algumas mechas encaracoladas sobre sua testa. Eu podia ter jurado que nas veias azuis daquele peito perfeito corria sangue vivo!

Estávamos paralisados, e Magnin se debruçou sobre a borda, pálido como a morte, mais pálido que aquele rosto vivo, quase sorridente, no qual seus olhos estavam fixos. Não tenho dúvidas de que eu estava tão pálido quanto ele diante daquela visão inexplicável. Enquanto olhava para ela, os lábios

vermelhos pareceram ficar mais vermelhos. *Estavam* mais vermelhos! Os pequenos dentes perolados apareciam entre eles. Eu não os tinha notado antes, e foi nesse momento que vi uma gota vermelha escorrer até o queixo arredondado e, dali, cair sobre seu pescoço. Horrorizado, olhei para o cadáver vivo, até que meus olhos não aguentaram mais a visão. Ao desviá-los, encontraram mais uma vez a inscrição, mas agora eu conseguia ver — e entender — tudo. “Para Vespertilia” — isso estava em latim, e até mesmo o nome em latim da mulher sugeria algo maligno que flutuava no crepúsculo. Mas o horror da natureza daquela coisa tinha ficado oculto aos olhos romanos sob o grego τηςαίματοπωτίδος. “A bebedora de sangue, a mulher vampira”. E Flavius — seu amante — *vix ipse sospes*, que mal tinha se salvado de seu abraço mortal, a havia enterrado aqui e selado seu sepulcro, confiando no peso da pedra e na força da argamassa para aprisionar para sempre o belo monstro que ele amara.

— Assassina maldita! Você matou Marcello! — E uma súbita e vingativa calma me envolveu. — Me dê a picareta — pedi a Magnin. Ainda consigo me ouvir dizendo essas palavras. Ele a pegou e me entregou como em um sonho. Parecia mal conseguir raciocinar, e sua testa brilhava de suor. Peguei minha faca e, usando a madeira do cabo da picareta, fiz uma estaca fina e afiada. Então, escalei a lateral do sarcófago, mal sentindo repugnância, meus pés pisando nos trapos da Vespertilia, que foram esmagados como cinzas sob minha bota.

Examinei por um momento aquele peito branco, mas apenas para escolher o melhor ponto, onde a rede de veias azuis brilhava como turquesas veladas, e então, com um único golpe, cravei a estaca pontiaguda na pele alva e a afundei com o peso de meu calcanhar.

Ela soltou um grito pavoroso, tão alto e horrível que pensei que meus ouvidos tinham estourado, mas mesmo naquele momento não senti medo nem choque. Há certos momentos em que tais sentimentos não podem nos tocar. Parei e olhei de novo para o rosto dela, que agora passava por uma mudança assustadora — assustadora e moribunda!

— Vampira vil! — falei, com minha raiva concentrada. — Agora não vai fazer mal a mais ninguém. — E então, sem olhar para trás, para seu rosto maldito, saí do sarcófago.

Levantamos Marcello, e o levamos bem devagar pela escada íngreme — não foi uma tarefa fácil, pois a escada era estreita e ele estava muito rígido. Vi que os degraus eram antigos até o final do segundo lance de escadas.

Acima, a passagem moderna era um pouco mais ampla. Quando chegamos ao topo, o *guardiano* estava deitado sobre um dos bancos de pedra. Ele não queria perder sua gorjeta. Eu lhe dei alguns francos.

— Veja só, encontramos o *Signore* — tentei dizer com naturalidade. — Ele está muito fraco, e vamos levá-lo para a carruagem.

Eu tinha coberto o rosto de Marcello com meu lenço, mas o homem sabia tão bem quanto eu que ele estava morto. Aqueles pés rígidos contavam a própria história, mas os italianos hesitam em se envolver em assuntos dessa natureza. Eles têm um medo infantil da polícia, de modo que o caseiro apenas respondeu:

— Pobre *signorino*! Ele está muito doente, é melhor levá-lo para Roma. — Ele se manteve a uma distância segura de nós enquanto seguíamos pelo caminho de azevinhos com nosso fardo gélido, e ele não nos acompanhou até o portão, pois não queria ser visto pelo cocheiro que estivera cochilando em sua carruagem. Com alguma dificuldade, acomodamos Marcello na carruagem enquanto o cocheiro nos olhava com desconfiança. Enquanto deslizava uma peça de ouro para sua mão, expliquei que tínhamos encontrado nosso amigo muito doente e pedi para que nos levasse a Via del Governo Vecchio. Ele guardou o dinheiro no bolso e pôs os cavalos em trote, enquanto ficamos sentados ao lado do corpo rígido, que balançava como uma boneca quebrada a cada pedra na estrada. Quando chegamos à Via del Governo Vecchio, ninguém nos viu levá-lo para a casa. Não havia degrau antes da porta, e estávamos tão juntos um do outro que foi possível esconder nosso fardo de olhos curiosos. Quando o levamos para o seu quarto e o deitamos em sua cama, percebemos que seus olhos estavam fechados, talvez por conta do movimento da carruagem, embora não fosse muito provável. A senhoria agiu como eu esperava, pois, como já mencionei, conheço bem os italianos. Ela também fingiu que o *signore* estava muito doente e se ofereceu para chamar um médico e, quando achei melhor dizer que ele tinha morrido, a mulher declarou que ele devia ter expirado naquele exato momento, pois tinha visto Marcello olhar para nós e fechar os olhos. Ela sempre lhe dissera que ele comia muito pouco e acabaria ficando doente. Sim, fora a fraqueza e aquele ar ruim do campo que o tinham matado, até porque ele trabalhava demais. Quando ela estabeleceu com sucesso essa ficção, com a qual ficamos felizes em concordar — pois também não queríamos a publicidade de uma investigação —, ela saiu para se entreter com fofocas.

Assim morreu Marcello Souvestre, e também morreu Vespertilia, a bebedora de sangue, finalmente.

NÃO HÁ MUITO MAIS a contar. Marcello jazia plácido e belo em sua cama, e os outros alunos vieram para olhá-lo em silêncio, se ajoelharam por um momento para fazer uma oração, fizeram o sinal da cruz e o deixaram para sempre.

Fomos o mais rápido possível para Villa Medici, onde Detaille estava dormindo sob o olhar satisfeito da irmã Claudius. Ela se levantou quando entramos e veio até nós na soleira da porta.

— Ele vai se recuperar — murmurou ela.

E estava certa. Quando ele acordou e abriu os olhos, Detaille nos conheceu na hora, e Magnin, aliviado, soltou um “Graças a Deus”.

— Eu estive doente, Magnin? — perguntou nosso amigo, a voz muito fraca.

— Você teve um pouco de febre — respondeu Magnin na hora. — Mas já passou. Aqui está o sr. Sutton, ele veio visitá-lo.

— Marcello veio? — Foi a próxima pergunta.

Magnin o olhou com firmeza.

— Não — respondeu apenas, deixando que seu rosto contasse o resto da história.

— Ele morreu, então?

Magnin apenas baixou a cabeça.

— Pobre amigo! — murmurou Detaille para si mesmo, então fechou os olhos pesados e pegou no sono.

Poucos dias depois do funeral de Marcello, fomos à funesta Vigna Marziali para trazer de volta seus pertences. Quando recolhi o manuscrito da ópera, meu olhar caiu sobre uma passagem que me pareceu a mesma que Detaille ficara repetindo em seu estado delirante, e que eu havia anotado. O mais estranho foi que, quando o lembrei da melodia mais tarde, ele afirmou que nunca a tinha ouvido, e insistiu que Marcello não o deixara examinar seu manuscrito. Quanto ao busto velado no outro quarto, nós o deixamos onde estava, para se decompor sem jamais ser visto.

Julian Hawthorne

Julian Hawthorne (1846-1934) foi um escritor e editor muito produtivo por sessenta anos, com uma tendência para o estranho e o fantástico, como seu pai mais conhecido — Nathaniel Hawthorne — antes dele. Um de seus melhores contos com essa temática é a história pouco conhecida de uma vampira irlandesa, “O mistério de Ken”, que apareceu em sua coleção, *David Poindexter's Disappearance* [O desaparecimento de David Poindexter] (1888). Julian Hawthorne conhecia Bram Stoker e era sempre convidado para ir ao Liceu durante suas visitas a Londres. Publicado nove anos antes de *Drácula*, este conto pode ter inspirado Stoker. Histórias sobre vampiros na Irlanda são muito raras.

O MISTÉRIO DE KEN

EM UMA FRIA NOITE de outubro — o último dia do mês, e fazia um frio incomum para aquela época do ano —, decidi visitar meu amigo Keningale por uma ou duas horas. Keningale era um artista (além de músico amador e poeta), e tinha um estúdio charmoso em um anexo à sua casa, onde costumava passar as noites. O estúdio tinha uma ampla lareira, imitando as lareiras tradicionais das mansões elisabetanas, na qual ele acendia um fogo alegre quando a temperatura pedia. Isso me caíria muito bem, pensei, ir até lá fumar cachimbo e conversar na frente da lareira com meu amigo.

Fazia bastante tempo que não tínhamos uma conversa dessas — na verdade, desde que Keningale (ou Ken, como era chamado por seus amigos) voltara da sua visita à Europa no ano anterior. Ele fora para o exterior, como afirmara na época, “para fins de estudo”, e ao ouvir isso todos nós sorrimos, pois Ken, até onde o conhecíamos, faria qualquer coisa que não estudar. Ele era um jovem de temperamento alegre, sempre animado e comunicativo, com uma mente brilhante e versátil, e possuía uma renda de doze ou quinze mil dólares por ano. Cantava, tocava, desenhava e pintava com muita habilidade, e alguns de seus bustos e estatuetas eram mesmo bem-feitos, considerando que ele nunca estudou arte formalmente. Mas ele não era dado ao trabalho. Era bem-apegoado, de boa altura e compleição física, ativo, saudável, com um perfil muito bem-feito e olhos claros expressivos. Ninguém ficou surpreso com a sua ida à Europa, ninguém acreditava que ele faria muito por lá, exceto se divertir, e poucos esperavam vê-lo de volta a Nova York tão cedo. Keningale era um desses homens que acha que combina com a Europa. Assim, lá foi ele. Depois de alguns meses, chegaram até nós os rumores de que Ken estava noivo de uma jovem bela e rica de Nova York que conhecera em Londres. Foi a única notícia que tivemos dele até que, pouco tempo depois, ele apareceu de novo na Quinta Avenida, para a surpresa de todos. Não deu uma resposta satisfatória para quem perguntou por que tinha se cansado tão rápido do Velho Mundo. Quanto ao suposto noivado, cortou qualquer alusão a ele e deixou claro que não queria tocar no assunto. Corria à

boca pequena que a dama o havia abandonado, mas, por outro lado, ela mesma voltou para casa não muito tempo depois, e, apesar de ter muitas oportunidades, jamais se casou.

Qualquer que fosse o motivo, logo notamos que Ken não era mais o sujeito despreocupado e alegre de antes. Pelo contrário, parecia ter se tornado sério, mal-humorado, antissocial, e muitas vezes taciturno e retraído, mesmo na companhia de seus amigos mais íntimos. Evidentemente, algo tinha acontecido com ele, ou ele havia feito algo, mas o quê? Teria cometido um assassinato? Teria se juntado aos niilistas? Ou talvez a explicação fosse seu caso de amor com final infeliz? Alguns declararam que a fase ruim era apenas isso, uma fase, algo temporário, que logo passaria. No entanto, até o presente, no momento em que escrevo esta história, essa fase não passou, apenas se tornou mais sombria e ameaça se tornar permanente.

Nesse meio tempo, nós nos esbarramos duas ou três vezes no clube, na ópera ou na rua, mas eu ainda não tivera oportunidade de me reaproximar dele. Antes de sua partida, nossa relação fora razoavelmente próxima, e eu não achei que ele se recusaria a retomar a amizade nos termos de antes. Entretanto, as coisas que eu tinha ouvido a seu respeito e as mudanças que eu mesmo vira em meu antigo amigo acrescentavam certo suspense, uma curiosidade, ao prazer com que eu aguardava aquela noite. Sua casa ficava uns quatro quilômetros mais afastada do que a maioria das habitações na Nova York daquela época, e, durante minha rápida caminhada ao entardecer naquele dia frio sem nuvens, tive tempo para repassar em minha mente tudo o que eu sabia sobre Ken e adivinhara a respeito de seu caráter. Afinal, sempre houvera algo em sua natureza — lá no fundo, adormecido por conta da atividade de seu espírito animal —, algo estranho e segregado, capaz de se desenvolver nas condições certas — e virar o quê? Estava me fazendo tal pergunta quando cheguei à sua porta, e foi com alívio que senti seu aperto de mão cordial no momento seguinte, e sua voz me deu as boas-vindas em um tom que indicava gratidão diante de minha companhia. Ele me levou na mesma hora para o estúdio, pegou meu chapéu e minha bengala, e depois pôs a mão em meu ombro.

— Fico feliz em vê-lo. — E repetiu ele, com seriedade incomum: — Muito feliz em vê-lo e sentir você aqui comigo, ainda mais esta noite.

— Por que esta noite em especial?

— Ah, não importa. Ainda bem que você não me avisou com antecedência que estava vindo: o despreparo é tudo, como diria o poeta. Agora, com você

aqui para me ajudar, posso beber um copo de uísque e água e fumar meu cachimbo. Esta teria sido uma noite sombria para mim se eu tivesse ficado sozinho.

— E em meio a todo esse luxo! — comentei, olhando para a lareira acesa, as cadeiras baixas e magníficas e todos os acessórios ricos e suntuosos da sala. — Eu acho que até um assassino condenado ficaria confortável aqui.

— Não duvido. No entanto, não faço parte dessa categoria. Mas você realmente esqueceu que dia é hoje? É véspera de novembro, quando, segundo a tradição, os mortos se levantam e caminham entre nós, e fadas, gnomos e seres espirituais de todos os tipos têm mais liberdade e poder do que em qualquer outro dia do ano. Dá para ver que você nunca esteve na Irlanda.

— E eu não sabia até agora que você também esteve lá.

— Sim, eu estive na Irlanda. Sim... — Ele parou, suspirou e pareceu perdido em pensamentos, dos quais, no entanto, logo se desvencilhou com esforço, e foi até o armário no canto da sala para pegar licor e tabaco. Enquanto ele estava ocupado, fiquei examinando o estúdio, reparando nos vários objetos belos, grotescos e curiosos. Muitas coisas estavam lá para entreter observadores e despertar a admiração, pois Ken era um grande colecionador, com excelente gosto e com os meios financeiros para materializá-lo. De todos, o que mais me interessou foram alguns estudos de um rosto feminino, feito grosseiramente a óleo, e, a julgar pelo estado em que os encontrei, o artista não pretendia que fossem exibidos ou analisados. Havia três ou quatro desses estudos, todos da mesma pessoa, em diferentes poses e figurinos. Em um, a cabeça estava envolta por um capuz escuro, cuja sombra escondia parcialmente os traços do rosto. Em outro, a mulher parecia estar espiando por de trás de uma treliça, sob o fraco luar. No terceiro estudo, estava vestida com trajes elegantes, o cabelo e as orelhas adornados por joias, assim como o busto branco como a neve. As expressões eram tão variadas quanto as poses: um olhar recatado e contemplativo, um olhar sutilmente convidativo, uma expressão apaixonada, e por fim um jeito de elfa, levemente furtivo. Em qualquer pose, o semblante despertava uma fascinação singular e comovente, não apenas pela beleza, embora essa fosse muito marcante, mas pelo seu próprio jeito.

— Você conheceu a modelo no exterior? — perguntei. — Ela claramente o inspirou, o que não me admira nem um pouco.

Ken, que estava misturando as bebidas, não tinha notado meus movimentos. Olhou para cima e respondeu:

— Não era para serem vistos. Não estou satisfeito com eles e pretendo destruí-los, mas não conseguia descansar enquanto não fizesse algumas tentativas de reproduzir... O que você perguntou? No exterior? Sim e não. Todos eles foram pintados aqui nas últimas seis semanas.

— Esteja você satisfeito com eles ou não, são de longe os seus melhores trabalhos.

— Bem, deixe-os de lado e me diga o que acha desta bebida. Acho que está perfeita para você. Afinal, ela só existe porque você está aqui hoje. Não consigo beber sozinho, e esses retratos não são companhia suficiente, embora, até onde sei, ela possa muito bem sair da tela hoje à noite e se sentar naquela cadeira. — Ao ver meu olhar interrogativo, ele logo acrescentou, rindo: — É véspera de novembro, você sabe, qualquer coisa pode acontecer, desde que seja estranha o suficiente. Bem, um brinde a nós.

Cada um tomou um gole de sua bebida fumegante e aromática e pousamos nossos copos com aprovação. O ponche estava excelente. Ken abriu uma caixa de charutos, e nos sentamos diante da lareira.

— Agora só precisamos de um pouco de música — comentei depois de um breve silêncio. — Aliás, Ken, você ainda tem aquele banjo que lhe dei antes de você ir para o exterior?

A pausa antes de responder foi tão longa que comecei a pensar que ele não tinha ouvido a pergunta.

— Tenho — respondeu ele, finalmente. — Mas nunca mais fará música.

— Quebrou, foi? Não dá para consertar? Era um bom instrumento.

— Não está quebrado, mas vai ser impossível salvá-lo. Você pode ver por si mesmo.

Ele se levantou e foi para o outro lado do estúdio, onde abriu um cofre de carvalho preto e de lá tirou um objeto comprido embrulhado em um pano de seda amarelo e desbotado. Ele o entregou para mim e, quando terminei de desembulhá-lo, vi algo que poderia ter sido um banjo um dia, mas que agora estava longe disso. Possuía todas as marcas possíveis da passagem do tempo. A madeira do pescoço estava esfarelada e esburacada pela ação de cupins. O cabeçote estava coberto de fungo verde e pendia em frangalhos. O anel do aro, de prata sólida, estava tão enegrecido e manchado que parecia ferro dilapidado. As cordas tinham sumido, e a maioria dos parafusos de afinação tinha caído de suas bases apodrecidas. Parecia ter sido produzido antes do grande dilúvio e ficado esquecido na proa da Arca de Noé desde então.

— É uma relíquia curiosa. Onde você a encontrou? Eu não sabia que o banjo tinha sido inventado há tanto tempo. Esse aí não pode ter menos de duzentos anos, talvez seja até bem mais velho que isso.

Ken sorriu com pesar.

— Tem razão, esse banjo tem no mínimo duzentos anos. No entanto, é o mesmo banjo que você me deu há um ano.

— Duvido muito, já que aquele banjo foi feito sob encomenda a meu pedido para ser seu presente.

— Eu sei. Mas duzentos anos se passaram desde então. Sim, é um absurdo, é impossível, mas estou falando a verdade. Esse banjo, que foi feito no ano passado, existiu no século XVI e ficou apodrecendo até hoje. Calma. Apenas me dê um momento e vou convencê-lo. Você lembra que seu nome e o meu, assim como a data, foram gravados no aro de prata?

— Sim. E também botei uma marca minha.

— Muito bem — disse Ken, começando a esfregar um ponto do anel de prata com o canto do pano de seda amarelado. — Olhe isto aqui.

Peguei o instrumento decrepito das mãos dele e examinei o ponto que Ken havia esfregado. Por incrível que pareça, lá estavam os nomes e a data, da mesma maneira que eu havia gravado. Além disso, estava também minha marca, que eu havia feito com ponta-seca não mais que um ano e meio antes. Depois de estar convencido de que não havia erro, deitei o banjo sobre meus joelhos e olhei perplexo para meu amigo. Ele continuava sentado, fumando com uma espécie de compostura sombria, os olhos fixos nas toras queimando na lareira.

— Estou confuso, confesso. Vamos lá, qual é a brincadeira? Que método você descobriu para, em apenas alguns meses, produzir a decadência de séculos nesse pobre banjo? E por que fez isso? Já ouvi falar de um elixir para reverter os efeitos da passagem do tempo, mas a sua receita parece funcionar de outra maneira, fazendo com que o tempo acelere duzentas vezes mais rápido que a velocidade normal em determinado lugar, enquanto corre na sua velocidade de sempre em outros lugares. Revele seu mistério, mago! Mas agora, falando sério, Ken, como é que isso aconteceu?

— Sei tanto quanto você. Ou você, eu e o resto do mundo estamos loucos ou então houve um milagre tão estranho quanto qualquer outro na história. Como posso explicar? Existe um ditado comum, uma experiência comum, que afirma ser possível, em certas ocasiões difíceis ou excepcionais, viver anos em um momento. Mas essa é uma experiência mental, não física, e que

se aplica, em todos os casos, apenas aos seres humanos, e não a objetos de madeira e de metal. Então, você imagina que tudo não passou de algum truque ou ilusão. Se é esse o caso, não sei qual é o segredo. Jamais ouvi falar de um composto químico capaz de deixar um pedaço de madeira nesse estado em alguns meses ou mesmo alguns anos, sendo que a transformação desse instrumento não ocorreu em anos ou meses. Há exatamente um ano, nessa mesma hora, o banjo estava como se tivesse acabado de sair das mãos do criador, e apenas 24 horas depois... estou lhe dizendo a verdade pura e simples... estava como você o vê agora.

O tom grave e sério que Tom dava a essa surpreendente afirmação era claramente sincero. Ele acreditava em cada palavra que saía de sua boca. Eu não sabia o que pensar. É claro que meu amigo poderia estar louco, embora ele não exibisse sintomas comuns. No entanto, mesmo que esse fosse o caso, ainda havia o banjo, uma testemunha silenciosa que não o contradizia. Quanto mais eu refletia sobre o assunto, mais inconcebível me parecia. Duzentos anos em 24 horas, eram esses os termos da equação proposta. Ken e o banjo afirmavam que a equação era verdadeira, enquanto todo o conhecimento e a experiência mundiais afirmavam ser impossível. Qual era a explicação? O que é o tempo? O que é a vida? Eu me senti começando a duvidar da realidade de todas as coisas. Então esse era o mistério que deixara meu amigo tão lúgubre desde o seu retorno do exterior. Não era de se admirar que estivesse mudado. Era surpreendente que não estivesse ainda mais mudado.

— Pode me contar a história completa?

Ken deu outro gole em seu copo de uísque e água e esfregou a barba castanha.

— Até agora, não contei a ninguém sobre isso, e pretendia jamais tocar no assunto. Mas vou tentar lhe dar uma ideia. Você me conhece melhor do que qualquer outra pessoa. Vai entender o que for possível, e talvez esse desabafo me traga até algum alívio, pois é uma lembrança horrível para carregar sozinho, isso eu posso dizer.

Então, sem novo prefácio, Ken relatou a história a seguir. Ele era, devo dizer de passagem, um contador de histórias nato. Sua voz ganhava tons profundos e persistentes, e ele era capaz de aumentar o efeito cômico ou comovente de uma frase apenas enfatizando uma sílaba em particular. Seu rosto ganhava expressões solenes ou engraçadas com a mesma facilidade, e a forma e a cor de seus olhos os tornava perfeitos para transmitir diferentes

graus de emoção. Sua expressão triste era extremamente séria e comovente, e, quando Ken recontava alguma passagem misteriosa de sua história, ficava com um olhar incerto, melancólico e explorador que tinha um apelo irresistível à imaginação. Mas eu estava interessado demais em sua história para reparar em tais recursos adicionais na época, embora eles sem dúvida tenham me afetado.

— Eu deixei Nova York no Inman Line, aquele navio a vapor, você se lembra. Cheguei por Le Havre, na França, visitei os pontos turísticos famosos no continente e cheguei a Londres em julho, no auge da temporada. Tinha bons contatos e conheci várias pessoas agradáveis e famosas. Dentre elas, uma jovem dama, conterrânea minha... você sabe a quem me refiro... que despertou meu interesse, e antes que sua família fosse embora de Londres, nós anunciamos nosso noivado. Tivemos que nos separar momentaneamente, pois ela ainda iria conhecer o restante da Europa, enquanto eu queria aproveitar a oportunidade para visitar o norte da Inglaterra e a Irlanda. Desembarquei em Dublin no dia primeiro de outubro e, depois de passear pelo campo, fui parar no condado de Cork duas semanas mais tarde.

“Aquela região abriga algumas das paisagens mais deslumbrantes já vistas por olhos humanos, e parece ser menos conhecida pelos turistas do que vários lugares bem menos pitorescos. É também uma região solitária: durante minhas caminhadas não encontrei estrangeiros e vi poucos nativos. Parecia-me incrível que uma região tão bonita fosse tão erma. Depois de caminhar várias milhas irlandesas é que a pessoa se depara com dois ou três casebres e, com bastante frequência, um ou mais desses estão sem o telhado, e as paredes não passam de escombros. Os poucos camponeses que a gente vê, no entanto, são afáveis e hospitaleiros, ainda mais quando ouvem que você vem dos Estados Unidos, aquele Céu na Terra para onde a maioria de seus amigos e parentes foi antes deles. Parecem simplórios à primeira vista, mas são uma raça tão estranha e incompreensível quanto qualquer outro povo no mundo. Eles são tão supersticiosos, crédulos a respeito de fadas, magos e presságios, quanto os homens a quem São Patrício fazia suas pregações, e ao mesmo tempo são astutos, céticos, sensatos e grandes mentirosos. Em minhas andanças, não conheci outro povo do qual tenha gostado tanto da companhia, ou me mostrado tanta bondade, curiosidade e também repugnância.

“Por fim, cheguei a um lugar na costa, que não vou especificar além de dizer que não fica muito longe de Ballymacheen, na costa sul. Eu já conhecia Veneza e Nápoles, já dirigi pela Cornice Road, já passei um mês na ilha de

Mount Desert, e garanto que todos esses lugares juntos não são tão lindos quanto o porto antigo dessa cidade, tão brilhante, de cores profundas, com um brilho suave e prateado, rodeado por colinas altas e com penhascos escuros se elevando do mar azul e límpido. É um lugar muito antigo, que perdurou além de seu propósito inicial. Deve já ter tido entre dois e três mil habitantes. Hoje, tem entre quinhentos ou seiscentos. Metade das casas não passa de escombros ou já desapareceu. Várias ainda de pé estão vazias. Todos os habitantes são pobres, e a maioria vive na mais absoluta miséria. Andam descalços e com as cabeças descobertas, as mulheres em capas pretas ou azul-escuras singulares, os homens com uma roupa tão esquisita que apenas um irlandês seria capaz de compor tal figurino, e as crianças, passeiam para cima e para baixo quase nuas. As únicas pessoas que parecem viver com algum conforto são os monges, os sacerdotes e os soldados no forte. Sim, há um forte na cidade, construído sobre as ruínas colossais de um forte que poderia ter servido ao reinado de Eduardo, o Príncipe Negro, ou talvez fosse até anterior a isso, em cujas seteiras cobertas de musgo ficam postados canhões, que de vez em quando disparam um tiro no penhasco oposto ao porto apenas como prática. A guarnição é composta por uns dez homens e três ou quatro oficiais e suboficiais. Suponho que haja algum esquema de revezamento, mas aqueles que eu vi pareciam ter se tornado figuras permanentes no cenário.

“Eu me hospedei em uma pousadinha excelente e antiga, a única no lugar, e fazia as refeições em um salão de jantar de 4,5 metros por três, com um retrato de Jorge I (uma pintura envernizada para preservá-la) pendurado acima da lareira. Na minha segunda noite ali, após o jantar, um jovem cavalheiro entrou — o salão de jantar era público, claro — e pediu pão, queijo e uma garrafa de cerveja escura de Dublin. Nós começamos a conversar. Ele me contou que era um oficial do forte, tenente O’Connor, e que ótimo soldado irlandês ele era. Depois de me contar tudo o que sabia sobre a cidade e a área rural das redondezas, sobre seus amigos e sobre ele próprio, o jovem indicou que estava disposto a ouvir qualquer história que eu escolhesse contar, e tive o prazer de tentar ficar à altura de sua franqueza. Nos tornamos excelentes amigos e tomamos algumas doses do uísque de Kinahan, e o tenente fez grandes elogios a meus compatriotas, a meu país e, principalmente, a meus charutos. Quando chegou a hora de ele ir embora, eu o segui — pois havia uma esplêndida lua lá fora — e me despedi na entrada do forte, depois de prometer ir até lá no dia seguinte para conhecer os demais oficiais.

“— E preste atenção no caminho de volta, meu jovem! — gritou ele para mim quando dei meia-volta para seguir para a pousada. — O cemitério é de dar medo, e você tem grande chance de encontrar a mulher sombria por lá!

“O cemitério era um lugar desolado na encosta da colina, próximo ao forte: trinta ou quarenta lápides rústicas, pouquíssimas das quais continuavam inteiras, enquanto muitas estavam tão degradadas pelo tempo que mais pareciam pedras naturais erguendo-se do solo. Não sabia quem era essa tal de mulher sombria, e também não me demorei para perguntar. Nunca tive medo de fantasmas, e, de fato, embora o caminho que devesse passar fosse muito ruim por alguns lugares, sem contar uma ponte em ruínas que atravessava um riacho bem fundo e pela qual tive que passar correndo, cheguei a minha pousada sem contratempos.

No dia seguinte, compareci a meu compromisso no forte, e não tive motivo para me arrepender. Todos os meus sentimentos amigáveis foram retribuídos na mesma medida, graças, talvez, ao sucesso feito por meu banjo, que levei comigo e que era uma novidade popular entre todos os que me ouviram tocá-lo. As pessoas mais proeminentes no meu novo círculo social, além do meu amigo, o tenente, eram o major Molloy, que estava no comando, um veterano agitado, com um rosto que parecia o pôr do sol, e o cirurgião, o dr. Dudeen, um gênio com um senso de humor seco e um vasto repertório de anedotas e contos folclóricos como nunca vi igual. Nós nos divertimos muito naquela e em outras ocasiões. O final de outubro transcorreu rapidamente e fui obrigado a lembrar que eu era viajante dos Estados Unidos na Europa e não residente na Irlanda. O major, o cirurgião e o tenente protestaram cordialmente diante da minha decisão de partir, mas, como não havia o que fazer, eles marcaram um jantar de despedida no Halloween, lá no forte.

Eu queria que você tivesse estado naquele jantar comigo! Foi a mais pura essência da camaradagem irlandesa. O dr. Dudeen estava inspirado. O major estava se saindo melhor do que o melhor dos romances de Lever. O tenente esbanjava bom humor, fazendo provocações alegres e elogios sentimentais a uma ou outra jovem bonita das redondezas. Quanto a mim, toquei o banjo como nunca fiz antes, e os outros se juntaram para cantar o refrão com uma força nos pulmões que você não vê fora da Irlanda. Uma das histórias com as quais o dr. Dudeen nos agraciou foi sobre o Kern de Querin e sua esposa, Ethelind Fionguala, “de ombros brancos”. A dama, ao que parecia, estava noiva de um tal O’Connor (ao ouvir isso, o tenente bateu nos próprios lábios), mas foi roubada na noite de casamento por um grupo de vampiros, que

naquela época eram um dos problemas que assolavam a Irlanda. Mas, enquanto eles a carregavam, inconsciente, para aquele jantar onde ela seria não uma convidada, mas a refeição, o jovem Kern de Querin, que estava por ali caçando patos, encontrou o grupo e atirou neles até ficar sem munição. Os vampiros fugiram, e Kern carregou a bela dama, ainda inconsciente, até sua casa.

“— E, por coincidência, sr. Keningale — observou o médico, esvaziando o cachimbo —, você passou pela mesma casa a caminho aqui. Aquela com o arco escuro na parte de baixo, e a grande janela saliente com mainel na ponta, você deve se lembrar, dando para a rua como se... como posso dizer ...

“— Pare de descrever a maldita casa, caro dr. Dudeen — interrompeu o tenente. — Você deve ter percebido que estamos morrendo de vontade de saber o que aconteceu com a doce Miss Fionguala, Deus a livre e guarde, quando ela estava segura no andar de cima...

“— Meu Deus, eu mesmo posso contar, sr. O’Connor — exclamou o major, girando o copo para fazer circular o restante do uísque. — É uma questão a ser resolvida com princípios gerais, conforme disse o coronel O’Halloran quando perguntaram o que ele faria se ele tivesse sido o duque o’Wellington, e os prussianos não tivessem chegado na hora certa em Waterloo. Meu Deus, eu mesmo vou...

“— Major, por que você fica interrompendo o médico, e por que o sr. Keningale está aí ouvindo a história e deixou o copo dele ficar vazio...? Deus nos acuda! A garrafa está vazia!

“Na balbúrdia que se seguiu a essa terrível descoberta, a história do médico acabou ficando de lado. E antes que ele pudesse recuperar o fio da meada, percebi que já estava tão tarde que me vi obrigado a me retirar. Levou algum tempo para ouvirem e compreenderem minha decisão, e mais tempo ainda para pô-la em prática. De modo que já passava da meia-noite quando me vi de pé no ar puro fora do forte, com as despedidas de meus companheiros ainda ecoando em meus ouvidos.

“Considerando que eu tinha passado uma noite úmida em um ambiente fechado, eu estava em bom estado, e, portanto, quando tropecei e caí depois de alguns metros, pus a culpa na irregularidade da estrada e não na regularidade com que bebi durante o jantar. Quando me levantei, achei ter ouvido uma risada e na hora pensei que o tenente, que me acompanhara até o portão, estivesse achando graça de meu acidente, porém, ao olhar ao redor, percebi que o portão estava fechado e não havia ninguém à vista. A risada,

além disso, parecia ter vindo de algum local próximo, e o timbre era mais feminino que masculino. Claro que eu devia ter me enganado, pensei. Não havia ninguém por perto: minha imaginação estava me pregando peças, ou então havia mais verdade do que poesia na afirmação de que o Halloween é como um carnaval dos espíritos desencarnados. Não me ocorreu naquele momento que tropeçar é visto pelos irlandeses supersticiosos como um mau agouro, e, se eu tivesse me lembrado, isso só teria me feito rir. De qualquer forma, escapei ileso da queda, e segui meu caminho na mesma hora.

“Acontece que estava muito difícil encontrar o caminho, ou melhor dizendo, parecia que eu tinha seguido pelo caminho errado. Não o reconheci. Eu poderia ter jurado (embora soubesse não ser verdade) que eu nunca o tinha visto antes. A lua havia aumentado, embora sua luz ainda estivesse parcialmente obscurecida pelas nuvens, mas nem as imediações nem a região me pareciam familiares. Havia colinas escuras e silenciosas dos dois lados da estrada, que seguia para baixo, como se fosse me levar para as entranhas da Terra. O lugar estava vivo com ecos estranhos, de modo que, às vezes, eu parecia estar passando entre murmúrios e sussurros misteriosos, e uma fraca risada selvagem parecia reverberar entre as colinas. Correntes de ar mais frio chegavam pelos desfiladeiros e acariciavam meu rosto como se fossem dedos. Comecei a me sentir ansioso e inseguro, embora não houvesse uma causa concreta para isso. No máximo eu me atrasaria para chegar em casa. Com o instinto perverso daqueles que estão perdidos, apertei o passo, mas me sentia impelido a olhar por cima do ombro de vez em quando, com a sensação de estar sendo seguido. Mas não havia viva alma à vista. A lua, no entanto, estava mais alta, e as nuvens que vagavam lentamente pelo céu se arrastavam para as sombras sombrias do vale nu, que ocasionalmente assumiam formas que pareciam a vaga aparência de formas humanas gigantescas.

“Não sei quanto tempo passei andando, mas então, de repente, eu me vi perto do cemitério. Estava situado no contraforte de uma colina, e não havia cerca ao seu redor, nem nada para protegê-lo dos curiosos. Havia algo nele que me fez achá-lo familiar. Devo tê-lo confundido com o cemitério que eu via quando passava a caminho do forte, que na verdade ficava a apenas algumas centenas de metros dali, embora eu já devesse ter caminhado vários quilômetros. Ao chegar mais perto, notei que as lápides não pareciam tão antigas e desgastadas quanto as do outro. Mas o que mais chamou minha atenção foi a figura meio debruçada meio sentada sobre uma das lápides

maiores, perto da estrada. Era uma mulher de preto e, quando cheguei mais perto — pois estava a alguns metros dela —, vi que ela usava o *calla*, aquele manto com capuz, a vestimenta mais comum e mais antiga das mulheres irlandesas, sem dúvida de origem espanhola.

“Fiquei um pouco sobressaltado diante dessa aparição tão inesperada e tão estranha àquela hora da noite em um lugar isolado e sinistro. Sem nem pensar, parei diante dela e a olhei com toda atenção. Mas o luar a iluminava por trás, e o capuz profundo de seu manto obscurecia seu rosto tão completamente que eu não conseguia discernir nada além do brilho de um par de olhos, que pareciam retribuir meu olhar com vivacidade.

“— Você parece bem à vontade aqui. Pode me dizer onde estou?

“Nesse momento, a figura misteriosa soltou uma leve risada, que, embora musical e agradável, tinha um timbre e uma entonação que fizeram meu coração disparar mais do que aquela longa caminhada, pois o riso era idêntico (ou assim imaginei) ao que ecoara em meus ouvidos quando tropecei e caí uma ou duas horas antes. Tirando isso, era a risada de uma jovem, e, ao que parecia, bonita. No entanto, tinha um quê selvagem, ardiloso e zombeteiro que parecia não humano, ou, pelo menos, parecia pertencer a um ser sem as moléstias e limitações da nossa espécie. Mas eu estava convencido de que essa minha impressão se devia a circunstâncias misteriosas e estranhas.

“— Claro, senhor — disse ela. — Você está no túmulo de Ethelind Fionguala.

“Ao dizer isso, ela se levantou e apontou para a inscrição na lápide. Eu me inclinei mais um pouco e consegui, sem muita dificuldade, decifrar o nome, e a data indicava que a falecida devia ter passado para o outro reino entre dois e três séculos antes.

“— E quem é você? — Foi a minha próxima pergunta.

“— Eu me chamo Elsie — respondeu ela. — Mas me diga: onde você está indo bem na véspera de novembro?

“Eu lhe disse meu destino e perguntei se ela poderia me dizer como chegar até lá.

“— Na verdade, é para lá que eu vou — respondeu Elsie. — Basta me seguir e tocar esse seu instrumento bonito e nossa caminhada vai passar rapidinho.

“Ela apontou para o banjo que eu trazia debaixo do braço envolto em um pano. Como ela sabia que era um instrumento musical eu não fazia ideia. Talvez, pensei, ela tivesse me visto tocá-lo enquanto eu caminhava pela

cidade. De qualquer maneira, não me opus ao trato e até insinuei que lhe daria uma recompensa mais substancial quando chegássemos. Ao ouvir isso, ela riu de novo e fez um gesto peculiar levando a mão acima da cabeça. Desenrolei meu banjo, dedilhei as cordas e comecei a tocar uma melodia animada, ao som da qual seguimos caminho, Elsie um pouco na frente a passos leves. Na verdade, seus passos eram tão leves que ela tinha um andar flexível e ondulante, que a fazia parecer flutuar na minha frente como um espírito. A extrema brancura de seus pés atraiu meu olhar, e fiquei surpreso ao descobrir que, em vez de estarem descalços, como supus, seus pés usavam chinelos de cetim brancos, bordados com fios de ouro.

“— Elsie — comecei, apertando o passo para emparelhar com ela —, onde você mora? E o que faz para ganhar a vida?

“— Eu moro sozinha — respondeu ela. — E se quiser mesmo saber como me mantenho, você vai ter que ver por si mesmo.

“— Você costuma caminhar pelas colinas à noite com esses sapatos?

“— E por que não? E onde o senhor conseguiu esse lindo anel de ouro que está usando?

“O anel, que não valia muito, tinha chamado minha atenção em uma velha loja de curiosidades em Cork. Era uma antiguidade, um modelo muito antigo, que podia muito bem ter pertencido (como o vendedor me garantiu) a um dos primeiros reis ou rainhas da Irlanda.

“— Você gostou?

“— O senhor não gostaria de me dar de presente? — perguntou ela, em um tom insinuante, virando a cabeça.

“— Talvez, Elsie, mas com uma condição. Eu sou um artista, pinto quadros de pessoas. Se você prometer vir ao meu estúdio e me deixar pintar um retrato seu, eu lhe dou o anel e um pouco de dinheiro.

“— E você vai me dar o anel agora? — perguntou Elsie.

“— Sim, se você prometer.

“— E vai tocar sua música para mim?

“— Pelo tempo que você quiser.

“— Mas talvez eu não seja bonita o suficiente para você — disse ela, olhando-me de relance sob o capuz escuro.

“— Eu aceito correr o risco — respondi, rindo. — No entanto, não me incomodo de dar uma espiadinha agora para poder me lembrar de você depois. — Ao dizer isso, levantei uma mão para empurrar seu capuz para

trás. Mas Elsie se esquivou, não sei como, e riu pela terceira vez, na mesma cadência divertida e zombeteira.

“— Me dê o anel primeiro, então poderá me ver — replicou ela, persuasiva.

“— Estenda a mão, então. — E tirei o anel do dedo. — Quando nos conhecermos melhor, Elsie, você vai parar de ser tão desconfiada.

“Ela estendeu uma mão esbelta e delicada. Deslizei o anel para o dedo indicador dela. Na mesma hora, ela deixou cair um pouco o manto, proporcionando o vislumbre de um ombro branco e de um vestido que parecia, naquela quase escuridão enganosa, ser de um material rico e sofisticado. Também vi, ou assim imaginei, o brilho de pedras preciosas.

“— Cuidado onde pisa! — advertiu Elsie de repente em um tom brusco.

“Olhei em volta e só então percebi que estávamos parados no meio de uma ponte em ruínas que atravessava um córrego rápido e bastante profundo. O parapeito de um dos lados da ponte estava quebrado, e, realmente, eu devia ter estado prestes a pisar em um buraco. Atravessei a ponte em ruínas com todo o cuidado. Porém, quando me virei para ajudar Elsie a terminar a travessia, ela não estava à vista.

“O que teria acontecido com a jovem? Chamei seu nome, mas não houve resposta. Olhei em todas as direções, mas não vi sinal dela. A não ser que tivesse mergulhado no abismo a nossos pés, não havia onde ela se esconder, pelo menos não consegui descobrir o lugar. Ela havia desaparecido, e como seu desaparecimento devia ter sido premeditado, cheguei à conclusão de que era inútil tentar encontrá-la. Ela surgiria de novo quando quisesse — ou não. Ela havia me passado a perna com muita habilidade, e eu tiraria o possível da situação. A aventura talvez valesse o que paguei com o anel.

“Ao continuar meu caminho, fiquei bem aliviado ao perceber que sabia onde estava. A ponte que tinha acabado de atravessar não era outra senão a que eu já tinha mencionado. Eu estava a um quilômetro e meio da cidade, e o caminho diante de mim estava claro. Além disso, a lua havia dispersado as nuvens e brilhava, linda. Quaisquer que fossem suas outras falhas, Elsie tinha sido um guia confiável. Ela havia me tirado das profundezas das terras élficas e me devolvido ao mundo material. Com certeza, fora uma aventura singular, e fiquei repassando-a em meus pensamentos com uma sensação de prazer misterioso enquanto continuava a caminhada, cantarolando e dedilhando o banjo. Mas espere! Que passos leves eram aqueles atrás de mim? Pareciam os de Elsie, mas não, não era ela. A mesma impressão — ou alucinação —, no

entanto, se repetiu várias vezes antes de eu chegar aos arredores da cidade: a impressão de pés leves caminhando atrás de mim ou ao meu lado. Tal produto da imaginação não me deixou nervoso. Pelo contrário, fiquei satisfeito ao pensar que estava sendo assombrado e me entreguei aos devaneios românticos e benignos.

“Depois de passar por uma ou duas casas sem telhado e cobertas de musgo, entrei na rua estreita e sinuosa que leva à cidade. Um pouco mais a frente, a rua se alarga, como se fosse para dar ao viajante mais espaço para observar uma casa antiga e impressionante ao norte. A casa fora construída em pedra, em um estilo nobre, que lembrava um pouco certos palácios da antiga nobreza italiana que eu tinha visto em minha viagem ao país, e provavelmente fora construída por imigrantes italianos ou espanhóis do século XVI ou XVII. A cornija das janelas e a porta em arco eram ricamente esculpidas, e na frente da construção havia um escudo feito em alto relevo, embora eu não conseguisse enxergá-lo. O luar iluminando aquela casa pitoresca apenas aumentava sua beleza, e, ao mesmo tempo, fazia com que parecesse uma visão que poderia se dissolver a qualquer momento, quando a lua deixasse de brilhar. Devo ter passado na frente daquela casa muitas vezes, embora não tivesse uma lembrança distinta dela. Até então, não a havia examinado de olhos abertos, por assim dizer. Apoiado na parede do lado oposto da rua, contemplei-a preguiçosamente. A janela no canto era mesmo imponente e fina. Ela se projetava do andar de cima, lançando uma pesada sombra oblíqua. As barras em forma de diamante da treliça eram bem fortes. Quantas vezes, no passado, aquela treliça não fora aberta por alguma mão delicada, revelando o semblante encantador de uma jovem bem-nascida a seu admirador, que a esperava ao luar? Aqueles foram tempos corajosos. Que já tinham passado há muito. A grande casa ficara vazia por sabe-se lá quantos anos. Agora, morcegos e cupins eram os únicos habitantes. Onde estariam aqueles que a haviam construído? E quem seriam eles? Provavelmente, até o nome deles já havia sido esquecido.

“Enquanto eu continuava a olhar para cima, no entanto, uma possibilidade surgiu em minha mente, e logo ela amadureceu e se tornou uma convicção. Não era a casa que o dr. Dudeen havia descrito naquela mesma noite como tendo sido a morada de Kern de Querin e sua noiva misteriosa? Ali estava a janela saliente, a porta em arco. Sim, sem dúvida, era a mesma casa. Soltei uma baixa exclamação de interesse e prazer renovados, e minhas especulações se tornaram ainda mais criativas, e também mais definidas.

“O que teria acontecido com a bela dama depois que Kern a levou para casa, inconsciente em seus braços? Será que ela se recuperou, e os dois se casaram e viveram felizes para sempre? Ou àquilo teria se seguido uma tragédia? Eu me lembrava de já ter lido em algum lugar que as vítimas de vampiros em geral também se tornavam vampiros. Então, meus pensamentos se voltaram para o túmulo no lado da colina. Com certeza aquele cemitério ficava em terreno pagão. Por que ela foi enterrada lá? Ethelind do ombro branco! Ah! Por que eu não tinha vivido naquela época? Pelo menos alguma magia misteriosa podia me levar até eles, e assim, eu viria até aquela mesma rua à meia-noite e, pararia embaixo de sua janela e dedilharia delicadamente as cordas da minha bandurra, até que ela abrisse a janela com cautela e olhasse para baixo. Que visão doce! Mas o que impedia que eu vivesse essa experiência? Uma mera diferença de alguns séculos. Será que o tempo, do qual zombam os poetas e os filósofos, era tão rígido e real que um pouquinho de fé e imaginação não poderia superá-lo? Em todo o caso, eu tinha meu banjo, o descendente legítimo e linear da bandurra, e a memória de Fionguala merecia uma cantiga de amor.

“Então, depois de afinar o instrumento de novo, comecei a tocar uma antiga canção de amor espanhola, que eu havia descoberto em uma biblioteca mofada durante minhas viagens, e completado com uma melodia minha. Cantei baixinho, pois a rua deserta fazia ecoar até o som mais leve, e minha música deveria chegar apenas aos ouvidos de minha dama. As palavras eram calorosas, aquecidas com o fogo da antiga cavalaria espanhola, e derramei sobre ela toda a paixão dos amantes dos antigos romances. Com certeza, Fionguala, com seus ombros brancos, ouviria, despertaria de seus sonos de séculos, viria até a janela atrás da treliça e olharia para mim! O quê? Que luz e que sombra eram aquelas que pareciam passar de um cômodo ao outro dentro da casa abandonada, aproximando-se da janela? Será que uma ilusão do luar estava pregando uma peça em meus olhos, ou o batente estava se movendo, se abrindo? Não, não era um delírio, não havia qualquer engano dos meus sentidos. Havia uma mulher, jovem, linda e ricamente vestida, debruçando-se da janela e acenando para que eu me aproximasse.

“Espantado demais para estar consciente do meu espanto, avancei até ficar diretamente debaixo da janela, e o rosto da jovem, ao se inclinar para mim, não estava a mais que o dobro da altura de um homem acima do meu. Ela sorriu e beijou as pontas dos dedos. Algo branco flutuou de sua mão e caiu no

chão aos meus pés. No momento seguinte, ela se retirou e ouvi a treliça ser fechada.

“Peguei o que ela tinha deixado cair: era um lenço de renda delicado, amarrado a uma chave de bronze elaborada. Estava óbvio que aquela era a chave da casa, e ela estava me convidando a entrar. Desamarrei o lenço, que tinha um leve perfume delicioso, como o aroma floral de um jardim antigo, e me virei para a porta em arco. Não senti apreensão, e quase estranhamento algum. Tudo estava acontecendo conforme eu desejara que acontecesse, e como deveria ser. A Idade Média estava viva outra vez, e, quanto a mim, quase sentia um manto de veludo pendurado sobre meus ombros e um florete preso à minha cintura. Em pé diante da porta, enfiei a chave na fechadura, girei-a e senti a porta destrancar. No instante seguinte, ela foi aberta, aparentemente pelo lado de dentro. Assim que entrei, a porta se fechou, e fiquei sozinho na casa, no escuro.

“No entanto, não estava sozinho! Quando estendi a mão para me orientar no escuro, outra mão, macia, delicada e fria, insinuou-se gentilmente na minha e me convidou a avançar. Foi o que fiz, de boa vontade. A escuridão era impenetrável, mas eu conseguia ouvir o farfalhar de um vestido perto de mim, e o mesmo perfume delicioso que eu sentira no lenço estava no ar que eu respirava ali dentro, enquanto a mão pequena que segurava a minha alternadamente intensificava e relaxava o aperto de seus dedos macios e frios. Assim, a passos leves, atravessamos o que presumi ser um corredor comprido e irregular, e subimos a escada. Em seguida, passamos por outro corredor, até que finalmente paramos e uma porta se abriu, e do interior do cômodo emanava uma luz suave, na qual entramos ainda de mãos dadas. A escuridão e a dúvida chegavam ao fim.

“O quarto era de um tamanho imponente e estava decorado com um esplendor antigo. As paredes estavam cobertas de tapeçarias em tons pastéis. Velas aglomeradas ardiam em candeeiros de prata polida, e sua luz era refletida e multiplicada por espelhos altos nos quatro cantos da sala. As vigas pesadas do teto escuro de carvalho se cruzavam perpendicularmente, formando quadrados, e haviam sido talhadas em detalhes. A cor das cortinas e os ornatos das cadeiras era damasco. Em um extremo da sala havia um sofá otomano largo, e diante dele uma mesa, sobre a qual estava posta, em enormes bandejas de prata, uma refeição magnífica, o vinho já servido em copos de cristal. Logo ao lado havia uma imensa lareira, com espaço suficiente para queimar troncos inteiros de árvores. No entanto, não estava

acesa, em seu interior havia apenas uma pilha de cinzas, e o quarto, apesar de magnífico, estava frio — frio como um túmulo, ou como a mão da dama que me conduzia —, e meu coração sentiu um arrepio sutil.

“Mas a jovem! Como era linda! Examinei a sala apenas de passagem, pois meus olhos e meus pensamentos estavam focados nela. Estava vestida de branco, como uma noiva, e diamantes brilhavam em seu cabelo escuro e sobre o colo do peito, branco como a neve. O rosto encantador e os lábios finos estavam pálidos, e pareciam ainda mais pálidos pelo contraste com o brilho de seus olhos. Ela me olhou com um sorriso estranho e furtivo. Havia em sua postura e em sua aparência algo familiar em meio à estranheza, como uma música ouvida há muito tempo e lembrada em outro lugar, em outra situação. Pareceu-me que algo em mim a reconhecia e a conhecia, sempre a conhecera. Ela era a mulher de meus sonhos, que eu já tinha encontrado em visões, cuja voz e cujo rosto me assombravam desde a infância. Se já tínhamos nos encontrado antes, do jeito que os seres humanos se encontram, eu não sabia dizer. Talvez eu a estivesse procurando às cegas pelo mundo inteiro, e ela estivera me esperando naquele quarto esplêndido, sentada ao lado das brasas já apagadas até que todo o calor tivesse saído de seu sangue, para então ser restaurado pelo calor que o meu amor podia lhe dar.

“— Eu achei que você tinha esquecido de mim — disse ela, assentindo com a cabeça como se em resposta ao meu pensamento. — Já está tão tarde, a nossa única noite no ano juntos! Como meu coração se alegrou ao ouvir sua voz querida cantando a música que conheço tão bem! Beije-me! Meus lábios estão tão frios!

“Realmente, estavam frios — frios como os lábios da morte. Mas o meu calor pareceu revivê-los. Eles ficaram com uma cor fraca, e suas bochechas também ficaram levemente rosadas. Ela respirou mais fundo, como alguém que se recupera de uma longa letargia. Era a minha vida que a estava alimentando? Se sim, eu estava pronto para abrir mão dela. Ela me puxou para perto da mesa e apontou para os frios e para o vinho.

“— Coma e beba alguma coisa — disse ela. — Você veio de longe, precisa comer.

“— Você vai se juntar a mim? — perguntei, servindo o vinho.

“— Você é o único alimento que eu quero. Esse vinho é ralo e frio. Se me desse um vinho vermelho e quente como o seu sangue, aí eu viraria o copo de uma vez só.

“Ao ouvir essas palavras, não sei por quê, um calafrio percorreu meu corpo. Ela parecia ganhar vitalidade e força com o passar do tempo, mas o quarto suntuoso me pareceu cada vez mais frio.

“Ela estava de excelente humor, batendo palmas e dançando ao meu redor como uma criança. Quem era ela? E eu ainda era eu mesmo, ou ela estava zombando de mim ao falar como se fôssemos dois antigos amantes? Por fim, ela parou diante de mim, de braços cruzados. Eu vi no dedo indicador da mão direita o brilho de um anel antigo.

“— Onde você conseguiu esse anel? — perguntei.

“Ela balançou a cabeça e riu.

“— Você tem se mantido fiel? — perguntou ela. — É o meu anel, o anel que nos une, que você me deu quando começou a me amar. É o anel de Kern, o anel de fadas, e eu sou sua Ethelind. Ethelind Fionguala.

“— Que assim seja — respondi, deixando de lado dúvidas e medos, e me deixando cair sob o feitiço de seus olhos inescrutáveis e lábios sedutores. — Você é minha, e eu sou seu, e vamos ser felizes pelo tempo que tivermos.

“— Você é meu, e eu sou sua — repetiu ela, assentindo com a cabeça, um sorrisinho quase élfico nos lábios. — Venha se sentar aqui do meu lado e cante aquela doce música que cantou para mim há tanto tempo. Ah, agora vou viver por cem anos.

“Sentamos no sofá otomano, e enquanto ela se acomodava confortavelmente nas almofadas, peguei meu banjo e comecei a cantar. A letra e a melodia ressoaram pela sala de pé direito alto, ecoando. E, diante de mim, enquanto eu cantava, vi o rosto e a figura de Ethelind Fionguala, com seu vestido de noiva e joias, olhando-me com olhos ardentes. Não estava mais pálida, e sim corada e quente, e a vida ardia como uma chama dentro dela. Era eu quem havia ficado frio e sem sangue, mas eu teria cantado para ela até o meu último suspiro sobre um amor que jamais morrerá. Entretanto, minha visão embaçou, a sala pareceu escurecer, Ethelind pareceu se iluminar e se apagar, indistinta, como as últimas cintilações do fogo. Eu vacilei na direção dela e me senti perder a consciência, a cabeça apoiada em seu ombro branco.”

Aqui, Keningale fez uma pausa de alguns momentos em sua história, pôs mais lenha na lareira e continuou:

— Acordei não sei quanto tempo depois. Eu estava em um quarto amplo e vazio em um prédio em ruínas. Tapos que um dia tinham sido tapeçarias

pendiam das paredes, e teias de aranhas acinzentadas e empoeiradas cobriam as janelas, que já não tinham vidro e haviam sido cobertas com tábuas que apodreceram com a idade. Através de suas fendas, entravam raios pálidos de sol e um ar frio. Um morcego, perturbado pela claridade ou por mim, soltou-se da tapeçaria mofada que estava perto de mim e, depois de voar circulando minha cabeça, partiu em seu voo silencioso para um canto mais escuro. Quando me levantei de modo instável da pilha de detritos sobre a qual eu estivera deitado, algo que descansara sobre meus joelhos caiu no chão com um baque. Eu o peguei, vi que era meu banjo, no estado que você o vê agora. Bem, isso é tudo o que tenho para contar. Minha saúde estava muito deteriorada. Todo o sangue parecia ter sido drenado das minhas veias. Eu estava pálido e abatido, e o frio... Ah, aquele frio — murmurou Keningale, aproximando-se do fogo e estendendo as mãos para aquecê-las. Nunca vou esquecê-lo. Acho que vou levá-lo para o túmulo.

Mary Cholmondeley

Mary Cholmondeley (1859-1925) foi uma notória romancista do movimento “New Woman” dos anos 1890, cujo romance mais famoso *Red Pottage* (1899) causou um frenesi devido ao ataque à hipocrisia da classe média. O conto pouco conhecido “Solto” apareceu na revista *Temple Bar* em abril de 1890, e foi reimpresso na edição norte-americana de *Moth and Rust* (1902), mas curiosamente *não* na edição britânica. Foi positivamente comparado ao clássico conto vampiresco de F.G. Loring “The Tomb of Sarah” [A tumba de Sarah] (1900), escrito uma década depois de “Solto”. Em 1902, Mary Cholmondeley se viu obrigada a se defender por impresso contra as acusações de plágio por causa do conto de Loring.

SOLTO

*Os mortos se curvam conosco! Embora rigorosa e fria
A terra parece agarrá-los, ainda estão conosco.*

HÁ ALGUNS ANOS, ingressei em arquitetura e fiz um passeio pela Holanda, estudando os prédios daquele interessante país. Eu não estava, então, ciente de que não basta absorver a arte. A arte também precisa absorver você. Jamais duvidei que meu entusiasmo passageiro por ela seria correspondido. Quando descobri que era uma amante severa, que não respondeu a minha atenção no mesmo instante, naturalmente a transferi para outro altar. Há outras coisas no mundo além da arte. Agora sou jardineiro paisagista.

Mas, naquela época, estava engajado num flerte violento com a arquitetura. Tinha um companheiro nessa aventura, o qual, desde então, se tornou um dos principais arquitetos da atualidade. Ele era um homem magro, de aparência determinada, com expressão irritadiça e maxilar marcante, de fala lenta e absorto no próprio trabalho a tal ponto que eu rapidamente o achei entediante. O homem possuía um poder silencioso de superar obstáculos que poucos vezes vi igual. Desde então, ele se tornou meu cunhado, por isso sei bem, pois meus pais não gostaram muito dele e se opuseram ao casamento, e minha irmã não gostou nada dele e o rejeitou diversas e diversas vezes. Mas, mesmo assim, por fim se casaram.

Desde aquela época penso que um dos motivos para ter me escolhido como companheiro de viagem foi por estar reunindo coragem para o que em seguida ele chamou de “uma aliança com minha família”, mas a ideia não me entrou no coração na ocasião. Poucas vezes conheci um homem mais descuidado com suas vestes, e, apesar de todo o calor de julho na Holanda, reparei que ele jamais aparecia sem um colarinho alto, engomado, o qual nem mesmo a moda sustentava naqueles dias.

Eu costumava provocá-lo a respeito dos colarinhos altos e perguntava por que os usava, mas sem obter resposta. Certa noite, enquanto caminhávamos

de volta para as acomodações em Middleberg, eu o ataquei pela trigésima vez a respeito do assunto.

— Por que diabo os usa? — perguntei.

— Você, acredito, já me fez essa pergunta muitas vezes — respondeu meu amigo, com seu ritmo lento e preciso —, mas sempre em ocasiões em que eu estava ocupado. Agora estou livre e contarei.

E ele contou.

Escrevi o que ele disse, o mais perto das palavras dele quanto me lembro.

HÁ DEZ ANOS, foi solicitado que eu lesse um trabalho sobre afrescos ingleses no Instituto dos Arquitetos Britânicos. Eu estava determinado a fazer o melhor trabalho possível, até o mínimo detalhe, então consultei muitos livros sobre o assunto e estudei todos os afrescos que consegui encontrar. Meu pai, que fora arquiteto, me deixara, ao morrer, todos os trabalhos e cadernos dele sobre arquitetura. Eu os pesquisei diligentemente e achei em um deles um esboço suave e inacabado de quase cinquenta anos que me interessou em particular. Sob o esboço estava anotado, com a letra clara e pequena de meu pai: *Afresco da parede leste da cripta. Igreja da Paróquia. Wet Waste-on-the-Wolds, Yorkshire (via Pickering).*

O esboço era tão fascinante para mim que decidi ir até lá ver o afresco pessoalmente. Tinha apenas uma vaga ideia de onde ficava Wet Waste-on-the-Wolds, mas estava ambicioso pelo sucesso do trabalho. Estava quente em Londres, e parti em minha longa jornada, não sem um pouco de prazer, com meu cão Brian, uma criatura malhada grande e comum, como meu único companheiro.

Cheguei a Pickering, em Yorkshire, durante a tarde, e comecei uma série de experimentos com ramais locais que terminaram, após diversas horas, quando me vi entregue a uma pequena estação no fim do mundo a uns 15 quilômetros de Wet Waste. Como nenhum tipo de transporte passaria, joguei a mala no ombro e parti por uma longa estrada branca que se estendia ao longe sobre o mundo despido de árvores. Devo ter caminhado por horas, por cima de uma extensão de pântano coberta por urze, quando um médico passou por mim e me deu uma carona até um quilômetro e meio de meu destino. O quilômetro e meio foi longo, e estava bastante escuro quando vi o fraco brilho de luzes à frente e descobri que tinha chegado a Wet Waste. Foi muito difícil conseguir abrigo; mas, por fim, persuadi o dono de uma taverna

a me dar uma cama e, bastante cansado, me deitei nela o mais rápido possível, por medo que o homem mudasse de ideia. Caí no sono ao som de um pequeno córrego sob minha janela.

Acordei cedo na manhã seguinte, e logo após o café da manhã perguntei qual era o caminho até a casa do clérigo, a qual descobri ser próxima. Em Wet Waste, tudo era próximo. A cidade inteira parecia composta de uma fileira espaçada de casas de pedra cinza de um andar, da mesma cor dos muros de pedra que separavam os poucos campos cercados da terra vazia ao entorno, e das pequenas pontes sobre o rio que corria por um lado da ampla rua cinza. Tudo era cinza. A igreja, cuja torre baixa que eu via a certa distância, parecia ter sido construída da mesma pedra — assim como a residência paroquial, quando me aproximei dela, acompanhado, pelo caminho, de uma multidão de crianças toscas e malcuidadas que olhavam para Brian e eu com uma curiosidade petulante.

O clérigo estava em casa e, depois de um breve atraso, minha entrada foi permitida. Deixando Brian tomando conta de meu material de desenho, segui o criado até um quarto revestido por painéis baixos, no qual, diante de uma janela com grade, um homem muito velho estava sentado. A luz da manhã se projetava sobre a cabeça branca e baixa dele, curvada sobre uma confusão de papéis e livros.

— Sr. hã...? — disse o homem, erguendo a cabeça devagar, com um dedo marcando a página do livro.

— Blake.

— Blake — repetiu ele, depois de mim, e ficou calado.

Eu falei para o homem que era arquiteto, que viera estudar um afresco na cripta da igreja dele, e pedi pelas chaves.

— A cripta — replicou o velho, subindo os óculos e olhando para mim com esforço. — A cripta está fechada há trinta anos. Desde... — E ele se interrompeu de repente.

— Eu ficaria muito grato pelas chaves — falei, de novo.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não — respondeu o homem. — Ninguém mais entra lá.

— Uma pena — observei —, pois vim de longe com esse único objetivo. — E contei ao homem sobre o trabalho que me fora pedido que lesse, e o esforço que fazia para isso.

O velho ficou interessado.

— Ah! — disse ele, apoiando a caneta e retirando o dedo da página à frente. — Entendo isso. Também fui jovem um dia e cheio de ambição. Os caminhos me levaram a lugares de certa forma solitários, e há quarenta anos cuido das almas nesse lugar, onde, realmente, vi pouco do mundo, embora eu mesmo não seja estranho aos caminhos da literatura. Talvez você tenha lido um panfleto, escrito por mim, sobre a versão síria das Três Epístolas Autênticas de Inácio?

— Senhor — falei —, tenho vergonha de confessar que não tenho tempo de ler nem mesmo os livros mais célebres. Meu único objetivo na vida é minha arte. *Ars longa, vita brevis*, sabe.

— Está certo, meu filho — respondeu o velho, evidentemente desapontado, mas me olhando com gentileza. — Existe uma diversidade de dons, e se o Senhor lhe deu tal talento, cuide dele. Não o coloque em um guardanapo.

Eu disse que não o faria se o homem pudesse me emprestar as chaves da cripta. Ele pareceu espantado com minha insistência no assunto e estava indeciso.

— Por que não? — murmurou o velho consigo mesmo. — O jovem parece ser um bom jovem. E a superstição, o que é senão a desconfiança em Deus!

O velho se levantou devagar e, depois de tirar um grande molho de chaves do bolso, abriu com uma delas um armário de carvalho no canto do quarto.

— Devem estar aqui — murmurou de novo, olhando para dentro —, mas a poeira de muitos anos engana aos olhos. Veja bem, meu filho, se entre esses pergaminhos houver duas chaves, uma é de ferro, muito grande, e a outra de aço, e de aparência longa e fina.

Fui ajudá-lo avidamente e logo encontrei em uma gaveta dos fundos duas chaves amarradas juntas, as quais o clérigo reconheceu de imediato.

— São essas — falou ele. — A longa abre a primeira porta na base da escada que desce contra a parede externa da igreja, logo ao lado da espada entalhada na parede. A segunda abre, mas é difícil de abrir e de fechar, a porta de ferro dentro da passagem que dá para a própria cripta. Meu filho, é necessário para seu trabalho que entre ali?

Respondi que era sim, muito.

— Então, leve-as e à noite me traga de volta — concluiu o clérigo.

Avisei que talvez fosse por vários dias seguidos e perguntei se o homem não me permitiria ficar com as chaves até terminar meu trabalho, mas sobre isso ele foi firme.

— E — acrescentou o velho — tenha o cuidado de trancar a primeira porta na base dos degraus antes de destrancar a segunda, e tranque a segunda também enquanto estiver lá dentro. Além disso, quando sair, tranque a porta de ferro interior assim como a de madeira.

Prometi que o faria e, depois de agradecer ao homem, saí às pressas, feliz com meu sucesso em conseguir as chaves. Depois de encontrar Brian e meu material de desenho à espera na varanda, fugi da vigilância da escolta de crianças ao tomar o caminho privado estreito entre a casa paroquial e a igreja, que estava próxima, erguida sobre um quadrado de teixos antigos.

A própria igreja era interessante, e reparei que devia ter sido erguida sobre as ruínas de uma construção anterior, a julgar pelo número de fragmentos de pedras de acabamento e de arcos, que exibiam vestígios de entalhes muito antigos, e que agora estavam embutidos nas paredes. Havia cruzeiras entalhadas também, em alguns lugares, e uma delas me chamou a atenção, sendo flanqueada por uma grande espada. Foi quando tentei olhar com mais atenção para isso que tropecei e, ao olhar para baixo, vi aos pés um lance de escada de pedra estreita, esverdeado por musgo e fungos. Obviamente, aquela era a entrada da cripta. Desci imediatamente os degraus, tomando cuidado com onde pisava, pois a escada era úmida e escorregadia nas beiradas. Brian me acompanhou, já que nada o faria ficar para trás. Quando cheguei à base da escada, me vi quase na escuridão e precisei acender a luz antes de encontrar o buraco da fechadura e a chave certa para colocar ali. A porta, que era de madeira, abriu para dentro com relativa facilidade, embora um acúmulo de mofo e lixo no chão do lado de fora mostrassem que não era usada há muitos anos. Depois de passar por ela, o que não foi nada fácil, pois não abria mais do que vinte centímetros, tranquei a porta atrás de mim, embora teria preferido deixá-la aberta — já que para algumas mentes há uma sensação desagradável quando se está trancado em qualquer lugar, caso uma saída súbita pareça aconselhável.

Mantive a vela acesa com alguma dificuldade e, depois de apalpar pelo caminho por uma passagem baixa e, é claro, úmida, cheguei a outra porta. Um sapo estava diante dela, e parecia estar ali há cem anos. Quando abaixei a vela até o chão, o sapo olhou para a luz com olhos arregalados e recuou devagar até uma fenda na parede, deixando contra a porta uma pequena marca na lama seca que gradualmente acumulara lodo em torno do corpo do animal. Reparei que essa porta era de ferro, com uma longa tranca, a qual, no entanto, estava quebrada. Sem demora, enfiei a segunda chave na fechadura

e, ao abrir a porta com considerável dificuldade, senti o sopro frio da cripta no rosto. Devo dizer que senti um arrependimento momentâneo ao trancar a segunda porta assim que entrei, mas senti que era meu dever fazê-lo. Então, deixando a chave na fechadura, peguei a vela e olhei ao redor. Eu estava de pé em uma câmara baixa e selada, com um teto arrestado escavado da rocha sólida. Era difícil ver onde a cripta terminava, a luz projetada em qualquer local apenas mostrava outros arcos ou aberturas ásperas, escavados da rocha, que provavelmente serviram como mausoléus familiares. Uma peculiaridade da cripta de Wet Waste, a qual eu não vira em outros lugares de tal descrição, era a organização bem-cuidada de crânios e ossos que estavam aglomerados a uma altura de 1,2 metro de cada lado. Os crânios estavam simetricamente empilhados até poucos centímetros do topo do arco baixo à minha esquerda, e os ossos das canelas estavam organizados da mesma forma à direita. *Mas o afresco!* Procurei ao redor, em vão. Ao perceber na parte mais interior da cripta um arco muito baixo e imenso, a entrada que não estava cheia de ossos, passei por debaixo dele e me vi em uma segunda câmara menor. Ao segurar a vela acima da cabeça, o primeiro objeto sobre o qual a luz se projetou foi o afresco, e de relance percebi que era único. Depois de apoiar algumas de minhas coisas com a mão trêmula em uma prateleira de pedra áspera próxima, a qual fora obviamente uma mesa de credência, examinei a obra mais de perto. Era um retábulo do que devia ter sido o altar na época em que padres foram banidos. O afresco pertencia ao início do século XV e estava tão perfeitamente preservado que eu quase conseguia traçar os limites do trabalho de cada dia no gesso, como o artista tinha pincelado e alisado com a espátula. O assunto era a Ascensão, gloriosamente retratada. Mal consigo descrever meu estado de enlevação enquanto fiquei parado olhando para ele, e refleti que aquele magnífico espécime de afresco inglês seria levado ao conhecimento do mundo por mim. Depois de finalmente me recompor, abri a bolsa de desenho e, depois de acender todas as velas que tinha levado, comecei a trabalhar.

Brian caminhava perto de mim e, embora estivesse muito feliz com a companhia dele em minha solidão, desejei diversas vezes que o tivesse deixado para trás. Ele parecia inquieto, e nem mesmo a visão de tantos ossos parecia exercer um efeito tranquilizador sobre meu cão. Por fim, no entanto, depois de repetidos comandos, Brian se deitou, vigilante mas imóvel, sobre o piso de pedra.

Devo ter trabalhado durante muitas horas, e estava parando para descansar os olhos e as mãos quando reparei pela primeira vez a quietude intensa que me cercava. Nenhum som de *mim* chegava ao mundo exterior. O relógio da igreja, que badalava tão alta e exaustivamente conforme eu descia os degraus, não tinha, desde então, lançado o mais ínfimo sussurro da língua de ferro para baixo dos degraus. Tudo estava silencioso como um túmulo. Aquilo *era* um túmulo. Aqueles que tinham descido até ali tinham, de fato, descido para o silêncio. Repeti as palavras comigo mesmo, ou melhor, elas se repetiram para mim.

Desceram para o silêncio.

Fui despertado de meus devaneios por um ruído baixo. Fiquei sentado, imóvel, e ouvi. Morcegos ocasionalmente frequentam mausoléus e locais subterrâneos.

O ruído continuou, um ruído baixo, sorrateiro, muito desagradável. Não sei que tipos de sons morcegos fazem, se são agradáveis ou não. Subitamente, ouvi o barulho de algo caindo, uma pausa momentânea e, então, um chacoalhar quase imperceptível, porém distinto, como de uma chave.

Eu tinha deixado a chave na fechadura depois de trancá-la, e agora me arrependia de ter feito aquilo. Eu me levantei, peguei uma das velas e voltei para a cripta maior — embora não me ache afeminado a ponto de ficar nervoso ao ouvir um barulho que não consigo imediatamente identificar, em ocasiões como aquela devo dizer com sinceridade que preferiria que elas não acontecessem. Quando me aproximei da porta de ferro, ouvi outro som diferente (quase diria apressado). A impressão que tive era de muita pressa. Quando cheguei à porta e segurei a vela perto da fechadura para tirar a chave, percebi que a outra chave, pendurada por um tipo de barbante na companheira, se mexia levemente. Preferia não tê-la encontrado daquele jeito — não parecia haver motivo para tal fato —, mas coloquei as duas chaves no bolso e me virei para voltar ao trabalho. Quando me virei, vi no chão o que causara o ruído mais alto que tinha ouvido: uma caveira que evidentemente acabara de escorregar do lugar no alto de uma das paredes de ossos e rolara até quase meus pés. Ali atrás, a alguns centímetros a mais do topo de um arco, estava o lugar de onde a caveira se desprendera. Eu me abaixei para pegá-la, mas temendo desprender mais crânios ao mexer na pilha, e sem apreço por recolher os dentes espalhados, deixei-a ali e voltei ao trabalho, no qual em breve fiquei tão completamente absorto que fui despertado apenas pelas velas começando a queimar mais fracas e se apagar uma após a outra.

Então, com um suspiro de arrependimento, pois não estava perto de terminar, eu me virei para ir embora. O pobre Brian, que jamais chegara a se acostumar com o lugar, vibrou de alegria. Quando abri a porta de ferro, ele passou por mim, e um momento depois ouvi meu cão choramingando e raspando — quase diria, esmurrando — a porta de madeira. Tranquei a porta de ferro e corri pela passagem o mais rápido possível e, quase antes de eu entreabrir a outra porta, pareci sentir um farfalhar além de mim para o ar livre, e Brian estava saltitando para cima dos degraus e para fora da vista. Quando parei para puxar a chave, me senti bastante isolado e abandonado. Quando saí mais uma vez para a luz do sol, havia a leve sensação ao meu redor, no ar, de liberdade exultante.

Já era fim da tarde e, depois de caminhar de volta para a casa paroquial para devolver as chaves, persuadi as pessoas da taverna a me deixarem me juntar a elas na refeição familiar, que estava posta na cozinha. Os habitantes de Wet Waste eram pessoas primitivas, com os modos francos e desinibidos que prosperam em locais isolados, principalmente nas partes selvagens de Yorkshire. Mas eu não fazia ideia de que, com a existência dos correios e dos jornais baratos, tal ignorância em relação ao mundo exterior existia em qualquer canto, por mais que remoto, da Grã-Bretanha.

Quando coloquei um dos filhos da vizinha no colo — uma linda menininha com a mais pálida coroa de cabelo loiro que eu já vira — e comecei a desenhar imagens para ela dos pássaros e das bestas de outros países, fui imediatamente cercado por uma multidão de crianças, e até mesmo de adultos, enquanto outros foram até as portas e olharam de longe, chamando uns aos outros na língua estridente e desconhecida que então descobri se chamar “Broad Yorkshire”.

Na manhã seguinte, quando saí do quarto, percebi que havia algo errado na cidade. Um burburinho de vozes chegou até mim quando passei pelo bar e, na casa seguinte, pude ouvir pela janela aberta um choro de lamentação agudo.

A mulher que trouxe meu café da manhã estava chorando, e em resposta a minhas perguntas, me disse que a filha da vizinha, a menininha que eu apoiara no colo na noite anterior, tinha morrido durante a noite.

Senti pena do luto geral que a morte da criaturinha pareceu incitar, e o choro incontrollável da pobre mãe tirou meu apetite.

Saí às pressas, cedo, para meu trabalho, fazendo a visita no caminho para pegar as chaves e, com Brian como companheiro, desci mais uma vez até a cripta e desenhei e medi com tanta concentração que naquele dia não me deu

tempo para prestar atenção a ruídos reais ou imaginários. Brian também, na ocasião, pareceu bastante contente e dormiu pacificamente ao meu lado no piso de pedra. Depois de trabalhar o máximo possível, guardei os livros com arrependimento por não ter terminado, como esperava. Seria necessário voltar mais uma vez por um breve período no dia seguinte. Quando devolvi as chaves no fim daquela tarde, o velho clérigo me encontrou à porta e me pediu para entrar e tomar chá com ele.

— E o trabalho prosperou? — perguntou o homem, enquanto estávamos sentados na longa sala baixa para a qual eu acabara de ser levado, e onde o clérigo parecia morar.

Eu disse a ele que sim e mostrei.

— Você já viu o original, é claro — comentei.

— Uma vez — respondeu o homem, olhando fixamente para o desenho. Era óbvio que ele não gostava de ser comunicativo, então voltei a conversa para a idade da igreja. — Tudo aqui é velho. Quando eu era jovem, há quarenta anos, e vim para cá porque não tinha meios de sustento e estava muito ansioso para me casar naquela época, me senti sufocado por ser tudo tão velho. Por esse lugar ser tão afastado do mundo, pelo qual eu às vezes tinha anseios difíceis de suportar, tinha escolhido meu destino e, com ele, era forçado a me contentar. Meu filho, não se case na juventude por amor, o que de fato, nessa idade, é um grandioso poder e afasta o coração dos estudos. As crianças se destroem com a ambição. E também não se case na meia-idade, quando uma mulher é vista apenas como uma mulher, e a conversa dela é cansativa, para que não leve o fardo de uma esposa para a velhice.

Eu tinha uma visão própria sobre casamento — minha opinião é de que uma companheira bem-escolhida com apreço pela vida doméstica e temperamento dócil e devotado pode ser de assistência material para um homem profissional. Mas, uma vez que minhas opiniões estavam formadas, não me cabia discuti-las com outros, então mudei de assunto e perguntei se as cidades vizinhas eram tão antiquadas quanto Wet Waste.

— Sim, tudo por aqui é velho — repetiu o clérigo. — A estrada pavimentada que leva a Dyke Fens é uma antiga estrada para animais de carga, feita inclusive na época dos romanos. Dyke Fens, que é bem próxima daqui, coisa de apenas seis ou sete quilômetros, também é velha e esquecida pelo mundo. A Reforma jamais a alcançou, parou aqui. Em Dyke Fens ainda tem um padre e um sino, e se curvam diante de santos. É uma heresia condenável, e semanalmente eu a aponto para meu povo, mostrando as

verdadeiras doutrinas. Ouvi falar que esse mesmo padre se entregou ao Maligno a tal ponto que prega contra mim dizendo que escondo as verdades do Evangelho de meu rebanho, mas não dou atenção a isso, nem ao panfleto dele a respeito das Homilias Clementinas, no qual arrogantemente contradiz aquilo que expus e provei sem sombra de dúvida, com relação à palavra *Asafe*.

O velho divagava levemente em seu assunto preferido e levou algum tempo até que eu pudesse sair. Então, ele me seguiu até a porta e só escapei porque o velho sacristão passou mancando naquele momento e pediu pela atenção do clérigo.

Na manhã seguinte, fui buscar as chaves pela terceira e última vez. Tinha decidido partir cedo no dia seguinte. Estava cansado de Wet Waste, e certo pesar me pareceu recair sobre o lugar. Havia uma sensação de problema no ar, como se, embora o dia estivesse claro e o céu limpo, uma tempestade se aproximasse.

Naquela manhã, para meu assombro, as chaves me foram recusadas quando as pedi. Não aceitei, entretanto, a recusa como definitiva — tenho por regra jamais aceitar uma recusa como definitiva — e, depois de um breve atraso, fui levado até a sala na qual, como de costume, o clérigo estava sentado — ou melhor, caminhava de um lado para outro.

— Meu filho — disse ele, com veemência — sei porque veio, mas é inútil. Não posso emprestar as chaves de novo.

Respondi que, pelo contrário, esperava que ele as me desse imediatamente.

— É impossível — repetiu o clérigo. — Cometi um erro, erro grave. Jamais me desfarei delas de novo.

— Por que não?

O clérigo hesitou e então disse, devagar:

— O velho clérigo, Abraham Kelly, morreu ontem à noite. — O homem pausou, e continuou: — O médico acaba de vir me contar o que é um mistério para ele. Não desejo que o povo do lugar saiba, e ele só mencionou para mim, mas descobriu no pescoço do velho e também, porém mais levemente no da criança, marcas de estrangulamento. Ninguém além dele viu, e o médico está confuso em como explicar isso. Eu, infelizmente, posso explicar apenas de uma forma, apenas de uma forma!

Não entendi o que tudo aquilo tinha a ver com a cripta, mas, para agradar ao velho, perguntei que forma era aquela.

— É uma longa história e, talvez, possa parecer tolice para um estranho, mas eu a contarei, pois acho que a não ser que ofereça um motivo para manter as chaves, você não deixará de pedir por elas.

“Eu disse a princípio, quando me perguntou, que a cripta estava fechada pelos últimos trinta anos, e de fato estava. Há trinta anos, um certo Sir Roger Despard deixou essa vida. Era o senhor da casa de Wet Waste e Dyke Fens, o último de sua família, a qual agora está, graças ao Senhor, extinta. Foi um homem de vida cruel, não temia a Deus e não respeitava aos homens, não tinha compaixão ou inocência, e o Senhor parecia tê-lo entregue aos atormentadores ainda neste mundo, pois Despard sofria muito devido aos vícios, mais particularmente o da bebida, e, em certas estações, e foram muitas, ele parecia possuído por sete diabos, sendo uma abominação para sua casa e a origem de amargura para todos, tanto ricos quanto pobres.

“E, por fim, tendo enchido seu cálice de perversidade, veio a morrer, e fui aconselhá-lo no leito de morte, pois soube que o terror lhe tomara e que imaginações malignas o envolviam por todos os lados, de modo que poucos do que estavam com Despard conseguiam suportar sua presença. Mas, quando o vi, soube que não havia espaço para a penitência, e Despard debochou de mim e de minha superstição, mesmo quase morrendo, e jurou que não havia Deus ou anjos, e todos estavam condenados como ele. No dia seguinte, perto da noite, as dores da morte o tomaram, e Despard vociferou mais excessivamente, alegando que era estrangulado pelo Maligno. Na mesa dele estava a faca de caça e, com a última força, o homem se esticou e a segurou, nenhum homem o impediu, e fez um grandioso juramento de que se queimasse no inferno, deixaria uma de suas mãos aqui na terra, que ela jamais descansaria até que tivesse tirado sangue do pescoço de outro e o estrangulado, mesmo ele próprio sendo estrangulado. Então, ele cortou a própria mão direita na altura do pulso, nenhum homem ousou se aproximar para impedi-lo, e o sangue jorrou pelo chão, do teto do quarto abaixo, e Despard morreu.

“E me chamaram à noite e me contaram sobre o juramento. Aconselhei que nenhum homem deveria falar daquilo e peguei a mão morta, que ninguém se aventurara a tocar, e a coloquei ao lado de Despard no caixão. Achei que seria melhor que a levasse consigo, para que pudesse tê-la caso, talvez, algum dia, depois de tantas tribulações, fosse movido a estender as mãos para Deus. Mas a história se espalhou, e o povo teve medo, quando Despard foi enterrado no lugar de seus ancestrais. Por ser o último da família e pela cripta

estar cheia, mandei fechá-la e guardei as chaves eu mesmo, não permitindo que homem algum entrasse naquele lugar, porque Despard era mesmo um homem de vida maligna, e o diabo ainda não foi completamente derrotado, e nem atirado, acorrentado, ao lago do fogo. Então, com o tempo, a história morreu, pois em trinta anos muito é esquecido. Quando você veio e me pediu pelas chaves, a princípio estava disposto a negá-las, mas achei que fosse uma superstição vã e percebi que pediu uma segunda vez pelo que foi primeiramente negado. Deixei que as levasse, porque vi que não era uma curiosidade fútil, mas um desejo de melhorar o talento que lhe foi dado, que o levou a pedir por elas.”

O velho parou, e permaneci em silêncio, me perguntando qual seria a melhor forma de conseguir as chaves apenas mais uma vez.

— Com certeza, senhor — falei —, alguém tão culto e um leitor ávido como você não pode ser levado por uma superstição tola.

— Não creio — respondeu o clérigo. — No entanto, é estranho que desde que a cripta foi reaberta duas pessoas tenham morrido, e a marca está evidente no pescoço do velho e visível no da criança. Nenhum sangue foi tirado, mas da segunda vez o aperto foi mais forte do que da primeira. Da terceira vez, talvez...

— Superstição como essa — comentei, em tom autoritário — é uma total perda de fé em Deus. Você mesmo afirmou isso.

Assumi um tom de moralidade que costuma ser eficaz com pessoas racionais de mente humilde.

O clérigo concordou e admitiu não ter fé assim como um grão de mostarda. Porém, mesmo quando o levei até esse ponto, travei uma batalha severa pelas chaves. Finalmente, provei meu argumento quando expliquei ao clérigo que se alguma influência maligna *tivesse* sido libertada no primeiro dia, de uma forma ou de outra, estava fora agora, pelo bem ou pelo mal, e nenhuma entrada ou saída minha poderia fazer diferença. Eu era jovem, ele era velho. E, por estar muito abalado pelo que acontecera, o clérigo cedeu por fim, e ganhei as chaves dele.

Não negarei que desci os degraus naquele dia com uma leve e indecifrável repugnância, a qual apenas se acentuou quando tranquei as duas portas atrás de mim. Lembrei então, pela primeira vez, o leve balançar da chave e os outros sons em que reparei no primeiro dia, e como uma das caveiras tinha caído. Fui até o local onde ainda estava. Já disse que essas paredes de caveiras foram construídas tão altas que ficavam a poucos centímetros do

topo dos arcos baixos que davam para partes mais distantes do mausoléu. O deslocamento da caveira em questão tinha deixado um pequeno buraco grande o bastante apenas para que eu colocasse a mão dentro. Reparei, pela primeira vez, sobre o arco acima do buraco, com um brasão entalhado, e o nome, agora quase apagado: Despard. Aquele, sem dúvida, era o mausoléu Despard. Não pude resistir a mover mais algumas caveiras e olhar lá dentro, segurando a vela o mais perto do buraco que consegui. O mausoléu estava cheio. Em uma pilha alta, um sobre o outro, estavam velhos caixões, resquícios de caixões e ossos espalhados. Atribuo minha atual vontade de ser cremado à dolorosa impressão que aquele espetáculo causou em mim. O caixão mais perto do arco, sozinho, estava intacto, exceto por uma grande rachadura na tampa. Não consegui que um feixe de luz da vela se projetasse sobre as placas de latão, mas não tinha dúvidas de que aquele era o caixão do pernicioso Sir Roger. Recoloquei as caveiras no lugar, inclusive aquela que rolara para baixo, e terminei meu trabalho com cuidado. Não fiquei lá mais do que uma hora, mas fiquei feliz por partir.

Se pudesse ter deixado Wet Waste imediatamente, eu o teria feito, pois tinha um desejo irracional de deixar a cidade, mas descobri que apenas um trem parava durante o dia na estação da qual eu viera e que não seria possível chegar a tempo do trem daquele dia.

Então, me conformei com o inevitável e caminhei com Brian durante o resto da tarde e até tarde da noite, desenhando e fumando. O dia estava opressivamente quente e, mesmo depois de o sol se pôr atrás da extensão de planície queimada, pareceu esfriar muito pouco. Nenhum vento soprava. À noite, quando eu estava cansado de perambular pelas ruas, subi até meu quarto e depois de contemplar de novo meu estudo terminado do afresco, comecei a trabalhar escrevendo a parte do artigo que dizia respeito a ele. Como regra, escrevo com dificuldade, mas naquela noite as palavras me vieram com uma velocidade alada e, com elas, uma impressão constante de que precisava me apressar, que estava quase sem tempo. Escrevi e escrevi, até que as velas tremeluziram e se apagaram, e tentei terminar sob o luar, o qual, até eu tentar escrever sob ele, tinha parecido claro como o dia.

Precisei deixar meu manuscrito de lado e, sentindo que era cedo demais para me deitar — o relógio da igreja marcava apenas dez horas da noite —, me sentei diante da janela aberta e me inclinei para fora para tentar tomar ar fresco. Era uma noite de beleza excepcional. Enquanto eu olhava para fora, minha pressa ansiosa e o imediatismo mental se apaziguaram. A lua, um

círculo perfeito, estava — se tal expressão poética é permitida — velejando por um céu tranquilo. Cada detalhe da pequena cidade era tão claramente iluminado pelo luar como se fosse pleno dia, assim como a igreja adjacente com os teixos antigos, enquanto até mesmo a planície adiante estava tenuamente iluminada, como se por trás de papel-vegetal.

Eu me sentei por um longo tempo, recostado contra o batente da janela. O calor ainda estava intenso. Não sou, por regra, facilmente enlevado ou prontamente desapontado, mas, enquanto me sentava naquela noite na solitária cidade entre os pântanos, com a cabeça de Brian apoiada no meu joelho, como, ou por que, não sei, uma grande depressão gradualmente me tomou.

Minha mente voltou para a cripta e para os incontáveis mortos deitados ali. A visão do objetivo para o qual toda a vida humana, a força e a beleza viajam no fim não tinha me afetado naquele primeiro momento, mas, agora, o próprio ar ao meu redor parecia pesado com a morte.

Qual era o objetivo, eu me perguntei, de trabalhar e se sacrificar, e moer meu coração e minha juventude no moinho do esforço longo e extenuante, ao ver que no túmulo a loucura e o talento, a vadiagem e o trabalho se deitam juntos, e são igualmente esquecidos? O trabalho pareceu se estender diante de mim até que meu coração doesse quando pensava nele, até o fim da vida e, então, vinha, como recompensa pelo meu trabalho, o túmulo. Mesmo que eu fosse bem-sucedido, se, depois de desgastar minha vida com a labuta, eu obtivesse sucesso, o que me restava no fim? O túmulo. Um pouco mais cedo, enquanto mãos e olhos ainda eram fortes para trabalhar, ou um pouco mais tarde, quando todo o poder e a visão tivessem sido levados deles — cedo ou tarde apenas *o túmulo*.

Não peço desculpas pelo teor excessivamente mórbido de tais reflexões, pois creio que tenham sido causadas pelos efeitos lunares que me coloquei a descrever. A lua, em suas diversas fases, sempre exerceu notável influência no que muitos chamam de lado subdominante, ou seja, o poético de minha natureza.

Eu me levantei quando a lua veio ver onde eu me sentava, e, ao deixar a janela aberta, me recompus e fui me deitar.

Caí no sono quase imediatamente, mas não creio que tenha dormido por muito tempo até o momento em que fui acordado por Brian. Ele estava grunhindo em um tom grave e abafado, como costumava fazer no sono, quando o nariz estava enterrado em seu tapete. Mandei que ele se calasse e,

como ele não obedeceu, me virei na cama para encontrar minha caixa de fósforos ou algo para atirar contra o cão. O luar ainda estava no quarto, e, quando olhei para Brian, vi que ele levantou a cabeça e evidentemente acordou. Eu o repreendi e estava prestes a cair no sono quando o cachorro começou a grunhir de novo, de uma forma grave e selvagem que me acordou de vez. Logo, ele estremeceu e se levantou, e começou a caminhar pelo quarto. Eu me sentei na cama e o chamei, mas Brian não me deu atenção. De repente, vi que ele parou sob o luar, exibiu os dentes e se agachou, acompanhando com os olhos algo no ar. Eu o observei horrorizado. Ele estava ficando louco? Os olhos dele estampavam raiva, e a cabeça se moveu levemente, como se seguisse os movimentos rápidos de um inimigo. Então, com um grunhido furioso, Brian deu um salto do chão e disparou com grandes saltos pelo quarto até mim, se chocando contra a mobília, com os olhos se revirando, atacando e dilacerando desesperadamente o ar com os dentes. Vi que ele tinha ficado louco. Saltei para fora da cama e, ao correr até ele, peguei Brian pelo pescoço. A lua passara para trás de uma nuvem, mas, na escuridão, senti Brian se virar contra mim, senti quando ele se levantou e quando os dentes se fecharam em meu pescoço. Eu estava sendo estrangulado. Com toda a força do desespero, mantive a mão no pescoço de Brian e, depois de arrastá-lo pelo quarto, tentei esmagar a cabeça de meu cão contra a grade de ferro de minha cabeceira. Era minha única chance. Senti o sangue escorrendo por meu pescoço. Era sufocante. Depois de um momento de luta assustadora, bati com a cabeça de Brian contra a barra e ouvi o crânio dele ser esmagado. Eu o senti estremeecer com força, ouvi um gemido, e então desmaiei.

QUANDO RECOBREI a consciência, estava deitado no chão, cercado pelas pessoas da casa, minhas mãos vermelhas ainda agarradas ao pescoço de Brian. Alguém segurava uma vela na minha direção, e a corrente da janela fazia a chama aumentar e oscilar. Olhei para Brian. Ele estava morto. O sangue da cabeça esmagada escorria devagar por minhas mãos. O grande maxilar estava preso em algo que — sob a luz trêmula — eu não conseguia ver.

Eles aumentaram um pouco a luz.

— Ah, Deus! — gritei. — Ali! Vejam! Vejam!

— Ele perdeu a cabeça — disse alguém, e eu desmaiei de novo. Fiquei doente por cerca de duas semanas sem recuperar a consciência, um desperdício de tempo no qual nem mesmo agora consigo pensar sem me arrepender. Quando recobrei a consciência, vi que estava sendo cuidado com atenção pelo velho clérigo e pelas pessoas da casa. Ouvia falar com revolta da insensibilidade do mundo como um todo, mas, de minha parte, posso dizer com sinceridade que recebi muito mais cuidados do que tenho tempo para retribuir. Pessoas do campo, em particular, são incrivelmente cuidadosas com estranhos doentes.

Não consegui descansar até ter visto o médico que cuidou de mim e recebido a garantia dele de que eu estaria bem para ler meu trabalho no dia marcado. Depois que essa ansiedade constante se foi, disse a ele o que vira antes de desmaiar da segunda vez. O médico ouviu com atenção e então me assegurou, de uma forma que deveria ser reconfortante, que eu estava sofrendo uma alucinação devido, sem dúvida, ao choque da loucura súbita de meu cão.

— Viu o cão depois de morto? — perguntei.

Ele disse que sim. O maxilar inteiro estava coberto com sangue e espuma; os dentes pareciam trincados devido a uma convulsão, mas, como o caso fora obviamente de extraordinária hidrofobia virulenta, devido ao calor intenso, o médico mandou enterrarem o corpo imediatamente.

MEU COMPANHEIRO PAROU de falar quando chegamos a nossas acomodações e subimos. Então, acendendo uma vela, ele vagarosamente abaixou a gola.

— Vê que ainda tenho as marcas — disse meu amigo —, mas não temo morrer de hidrofobia. Fui informado que tais cicatrizes peculiares não poderiam ter sido feitas pelos dentes de um cão. Se olhar com atenção, verá a pressão de cinco dedos. É esse o motivo pelo qual uso gola alta.

Sir Arthur Conan Doyle

Conan Doyle (1859-1930) foi um visitante habitual do Liceu e bom amigo tanto de Henry Irving quanto de Bram Stoker, que apresentou a primeira peça de Doyle, *A Story of Waterloo*, com grande aclamação da crítica, em Bristol, em setembro de 1894. “Para mim, *Waterloo* como uma peça teatral é perfeita, e a atuação de Irving nela foi o ponto alto da arte histriônica”, declarou Stoker posteriormente. No mesmo ano da estreia de *Waterloo*, o romance clássico de vampirismo psíquico de Doyle, *A parasita*, foi publicado como o primeiro volume da série Constable Acme Library. O segundo volume, relacionado a ele, foi *The Watter’s Mou* de Bram Stoker. Os dois volumes estão adornados com atraentes decorações de Laurence Housman. (Uma entrevista reveladora com Conan Doyle feita por Bram Stoker apareceu no *Daily Chronicle* em fevereiro de 1908).

A PARASITA

I

24 DE MARÇO. A primavera está quase conosco agora. Do lado de fora da janela de meu laboratório, a enorme castanheira está carregada de botões grandes, viscosos e gomosos, alguns dos quais já começaram a se abrir em pequenas petecas verdes. Conforme se caminha pelas ruas, tem-se a consciência das forças da natureza exuberantes e silenciosas que trabalham ao redor. A terra úmida tem cheiro fértil e viçoso. Brotos verdes despontam por toda parte. Os galhos estão enrijecidos pela seiva, e o ar inglês úmido e pesado está carregado de um perfume levemente resinoso. Botões nas sebes, cordeirinhos sob elas — em todo lugar, o trabalho da reprodução avança!

Consigo ver do lado de fora e sentir por dentro. Também temos nossa primavera quando as pequenas arteríolas se dilatam, a linfa flui em um ritmo mais forte, as glândulas trabalham com mais esforço, regulando, deixando passar e segurando. Todo ano, a natureza reajusta a máquina toda. Posso sentir o fermento em meu sangue nesse momento, e conforme a luz fria do sol se derrama por minha janela, poderia dançar em volta dela como um mosquito. E deveria, mas Charles Sadler subiria correndo para saber qual era o problema. Além do mais, devo me lembrar de que sou o professor Gilroy. Um velho professor pode se dar ao luxo de ser natural, mas quando a boa sorte deu uma das primeiras cátedras da universidade para um homem de 43 anos, ele deve tentar interpretar esse papel consistentemente.

Que sujeito é Wilson! Se ao menos eu pudesse despejar o mesmo entusiasmo na fisiologia que ele despeja na psicologia, deveria me tornar Claude Bernard, no mínimo. A vida, a alma e a energia dele inteiras trabalham com um único fim. Wilson cai no sono comparando os resultados do último dia e acorda para planejar as pesquisas do dia seguinte. No entanto, fora do estreito círculo dos que acompanham seus procedimentos, ele recebe tão pouco crédito. Fisiologia é uma ciência reconhecida. Se eu acrescentar sequer um tijolo a um prédio, todos veem e aplaudem. Mas Wilson está

tentando alicerçar as fundações para uma ciência do futuro. O trabalho dele é feito no subterrâneo, e não aparece. Mas Wilson segue sem reclamar, correspondendo-se com cem semimaníacos com esperanças de encontrar uma testemunha confiável, peneirando cem mentiras pela chance de encontrar um pequeno grão de verdade, comparando velhos livros, devorando livros novos, experimentando, ensinando, tentando atizar em outros o feroz interesse que o consome. Sou tomado por espanto e admiração quando penso nele, mas, quando Wilson pede que eu me associe às suas pesquisas, sinto-me compelido a dizer que, no atual estado delas, oferecem poucos atrativos para um homem que é dedicado à ciência exata. Se ele pudesse me mostrar algo positivo e objetivo, talvez eu me sentisse tentado a abordar a questão do lado fisiológico. Enquanto metade dos assuntos estiverem maculados pelo charlatanismo e a outra metade pela histeria, nós, fisiologistas, devemos nos contentar com o corpo e deixar a mente para nossos descendentes.

Sem dúvida, sou um materialista. Agatha diz que sou um de primeira linha. Digo a ela que é um excelente motivo para encurtar nosso noivado, pois tenho necessidade urgente da espiritualidade dela. No entanto, posso alegar ser um exemplo curioso do efeito da educação sobre o temperamento, já que por natureza eu sou, a não ser que me engane, um homem bastante psíquico. Fui um menino nervoso, sensível, um sonhador, um sonâmbulo, cheio de impressões e intuições. Meu cabelo preto, meus olhos castanhos, meu rosto magro e cor de oliva, os dedos nervosos, são todas as características de meu verdadeiro temperamento e fazem com que especialistas como Wilson me reivindiquem como deles. Mas meu cérebro transborda com conhecimento exato. Eu me treinei para lidar apenas com fatos e provas. Conjeturas e fantasias não têm lugar em meu sistema de pensamentos. Mostre-me o que posso ver com meu microscópio, cortar com o bisturi, pesar na balança, e devotarei a vida à sua investigação. Mas quando me pede para estudar sentimentos e impressões, sugestões, me pede para fazer o que é de mau gosto e até mesmo desmoralizante. Um afastamento da razão pura me afeta como um cheiro ruim ou música desafinada.

O que é motivo mais do que suficiente para que eu esteja um pouco desanimado para ir à casa do professor Wilson esta noite. Ainda assim, sinto que dificilmente conseguiria me esquivar do convite sem ser grosseiro, e agora que a sra. Marden e Agatha vão, é claro que não recusaria se pudesse. Mas preferiria me encontrar com elas em qualquer outro lugar. Sei que Wilson me arrastaria para essa nebulosa semiciência dele se pudesse. Em seu

entusiasmo, é perfeitamente impermeável a indiretas ou repreensões. Nada menos do que uma verdadeira briga o fará entender minha aversão à coisa toda. Não tenho dúvidas de que Wilson tem algum novo hipnotista ou clarividente ou médium ou charlatão de algum tipo que vai exhibir para nós, pois até mesmo o seu entretenimento acompanha o seu hobby. Bem, será um deleite para Agatha, de toda forma. Ela se interessa por isso, como mulheres geralmente se interessam pelo que é vago e místico e indefinido.

22:50. Este meu hábito de escrever diários é, suponho, o resultado daquele hábito mental científico sobre o qual escrevi hoje de manhã. Gosto de registrar impressões enquanto são recentes. Uma vez por dia, pelo menos, tento definir minha posição mental. É uma rotina útil de autoanálise e tem, creio, um efeito tranquilizador sobre o caráter. Sinceramente, devo confessar que meu caráter precisa de todo endurecimento que eu possa dar a ele. Temo que, apesar de tudo, muito de meu temperamento neurótico permaneça, e que esteja longe daquela precisão fria e calma caracterizada por Murdoch ou Pratt-Haldane. Caso contrário, por que as tolices que testemunhei essa noite deixaram meus nervos agitados de forma que mesmo agora estou todo ansioso? Meu único conforto é que nem Wilson, nem a srta. Penelosa ou mesmo Agatha poderiam saber de minha fraqueza.

E o que no mundo me eriçou? Nada, ou tão pouco que parecerá ridículo quando eu relatar.

As Marden chegaram à casa de Wilson antes de mim. Na verdade, fui um dos últimos a chegar e encontrei a sala lotada. Mal tive tempo de dizer uma palavra para a sra. Marden e para Agatha, que estava encantadora vestida de branco e rosa, com lindas espigas de trigo no cabelo, quando Wilson veio puxar a manga de minha camisa.

— Você queria algo objetivo, Gilroy — disse ele, me puxando para um canto. — Meu caro colega, tenho um fenômeno, um fenômeno!

Deveria ter ficado mais impressionado por não ter ouvido aquilo antes. O espírito otimista de Wilson transforma qualquer vaga-lume em estrela.

— Impossível questionar a boa-fé dessa vez — replicou ele em resposta, talvez, a algum brilho de diversão em meus olhos. — Minha mulher a conhece há muitos anos. As duas vêm de Trinidad, sabe. A srta. Penelosa só está na Inglaterra há um ou dois meses e não conhece ninguém fora do círculo da universidade, mas lhe asseguro que as coisas que ela nos contou bastam para estabelecer a clarividência com uma base científica absoluta. Não há nada como ela, amador ou profissional. Venha ser apresentado!

Não gosto de nenhum desses negociantes de mistérios, mas menos ainda do amador. Com o artista pago se pode avançar nele e expô-lo assim que se consegue revelar o truque. Ele está ali para enganar você, e você está ali para desvendá-lo. Mas o que faz com a amiga da esposa de seu anfitrião? Subitamente acender uma luz e expô-la tocando um banjo contrabandeado? Ou atirar corante de cochonilha no vestido de noite dela enquanto a mulher passeia sorrateiramente com a garrafa de fósforo e trivialidades sobrenaturais? Seria um escândalo, e você seria visto como um grosseiro. Então tem a escolha entre ser isso ou simplório. Eu não estava de bom humor quando segui Wilson até a dama.

Alguém menos semelhante à minha ideia de uma pessoa das Índias Ocidentais não poderia haver. Ela era uma criatura pequena e frágil, bem acima dos 40 anos, eu diria, com um rosto pálido e macilento, e o cabelo de um tom bem claro de castanho. A presença dela era insignificante e os modos eram acanhados. Em qualquer grupo de dez mulheres, ela teria sido a última a ser escolhida. Os olhos talvez fossem a característica mais notável, e também, sinto-me compelido a dizer, a característica menos agradável. Eram de cor cinza — cinza com um tom de verde — e a expressão deles me parecia decididamente furtiva. Eu me pergunto se furtiva é a palavra, ou se deveria ter dito destemida? Pensando bem, felina teria expressado melhor. Uma muleta apoiada na parede me informou o que era dolorosamente evidente quando ela se levantou: que uma das pernas era aleijada.

Então, fui apresentado à srta. Penelosa, e não me escapou o fato de que, à menção de meu nome, ela olhou para Agatha. Wilson evidentemente andara falando. Em breve, sem dúvida, pensei, ela me informaria por maneiras ocultas que estou noivo de uma jovem com espigas de trigo no cabelo. Eu me perguntei quanto mais Wilson estaria lhe contando sobre mim.

— O professor Gilroy é terrivelmente cético — comentou ele. — Espero, srta. Penelosa, que possa convertê-lo.

Ela olhou para mim com interesse.

— O professor Gilroy está muito certo em ser cético se não viu nada convincente — respondeu a srta. Penelosa. — Achei — acrescentou ela — que você seria um excelente objeto de estudo.

— Para que, posso perguntar? — falei.

— Bem, para o mesmerismo, por exemplo.

— De acordo com minha experiência, mesmerizadores escolhem suas cobaias entre aqueles que são mentalmente insanos. Todos os resultados são

viciados, ao que me parece, pelo fato de que estão lidando com organismos anormais.

— Qual destas jovens diria que possui um organismo normal? — perguntou ela. — Gostaria que selecionasse aquela que lhe parece ter a mente mais equilibrada. Que tal a moça de rosa e branco? Srta. Agatha Marden, acho que é assim que se chama.

— Sim, eu atribuiria relevância a qualquer resultado dela.

— Jamais testei até que ponto ela é impressionável. É claro que algumas pessoas respondem muito mais rapidamente do que outras. Posso perguntar até que ponto se estende seu ceticismo? Suponho que admita o sonho mesmerizador e o poder da sugestão?

— Admito nada, srta. Penelosa.

— Minha nossa, achei que a ciência tivesse chegado mais longe do que isso. É claro que eu não saberia nada sobre o lado científico... Só conheço o que posso fazer. Está vendo a moça de vermelho, por exemplo, perto do vaso japônês. Desejarei que ela venha até nós.

A srta. Penelosa se curvou para a frente quando falou e deixou cair o leque no chão. A moça se virou e veio direto até nós, com um olhar inquisidor no rosto, como se alguém a tivesse chamado.

— O que acha disso, Gilroy? — gritou Wilson, em um tipo de êxtase.

Não ousei dizer a ele o que achava daquilo. Para mim, era o mais descarado e desavergonhado ato de impostura que eu já testemunhara. O conluio e o sinal foram óbvios demais.

— O professor Gilroy não está satisfeito — falou a srta. Penelosa, olhando para mim com os olhinhos estranhos. — Meu pobre leque levará o crédito por esse experimento. Bem, devemos tentar outra coisa. Srta. Marden, tem alguma objeção a que eu a envergonhe?

— Ah, eu adoraria! — gritou Agatha.

A essa altura, a companhia estava reunida ao nosso redor em um círculo, os homens com a camisa despontando do casaco, as mulheres de pescoço branco, alguns espantados, outros críticos, como se fosse algo entre uma cerimônia religiosa e o entretenimento de uma feiticeira. Uma poltrona de veludo vermelho tinha sido empurrada até o centro, e Agatha estava recostada nela, um pouco corada e levemente trêmula pela animação. Eu conseguia ver pelas espigas de trigo que vibravam. A srta. Penelosa se levantou do assento e ficou de pé diante de Agatha, apoiando-se na muleta.

Era notável uma mudança na mulher. Ela não parecia mais pequena e insignificante. Vinte anos tinham sumido da idade dela. Os olhos brilhavam, um toque de cor surgira nas bochechas amareladas, a silhueta dela inteira tinha se expandido. Assim como eu vira um sujeito de olhos vazios, sem vida, mudar em um instante para alegria e vida quando incumbido de uma tarefa na qual se sentiu o mestre. Ela olhou para Agatha com uma expressão que me irritou até o fundo da alma — a expressão com que uma imperatriz romana poderia ter olhado para uma escrava ajoelhada. Então, com um gesto ágil, imperioso, ela ergueu os braços e os desceu devagar diante do corpo.

Eu estava observando Agatha com atenção. Durante três passes, ela pareceu estar apenas se divertindo. No quarto, observei um leve brilho nos olhos dela, acompanhado por uma dilatação das pupilas. No sexto, houve um rigor momentâneo. No sétimo, as pálpebras de Agatha começaram a descer. No décimo, os olhos dela estavam fechados, e sua respiração estava mais lenta e mais profunda do que o normal. Tentei, enquanto observava, preservar minha calma científica, mas uma agitação tola, infundada, me percorria. Creio que a tenha escondido, mas senti o que sente uma criança no escuro. Não podia ter acreditado que ainda estava aberto a tal fraqueza.

— Ela está em transe — falou a srta. Penelosa.

— Ela está dormindo! — gritei.

— Acorde-a, então!

Puxei Agatha pelo braço e gritei ao ouvido dela. Ela poderia estar morta, considerando o efeito que causei. O corpo estava ali, na poltrona de veludo. Os órgãos funcionavam — o coração, os pulmões. Mas a alma! Tinha escapulido para além de nosso mundo. Para onde teria ido? Que poder a teria destituído? Fiquei confuso e perplexo.

— O que dizer do sono mesmerizador — observou a srta. Penelosa. — E quanto à sugestão, o que quer que eu sugira a srta. Marden vai infalivelmente fazer, seja agora ou depois de ter acordado do transe. Exige provas disso?

— Mas é claro! — respondi.

— Então terá. — Vi um sorriso percorrer o rosto dela, como se um pensamento divertido a tivesse atingido. Ela parou e sussurrou ao ouvido da cobaia. Agatha, que fora tão surda a mim, assentiu com a cabeça enquanto ouvia. — Acorde! — gritou com uma batida forte da muleta no chão. Os olhos de Agatha se abriram, o brilho vagarosamente sumiu e a alma olhou mais uma vez para fora depois de seu estranho eclipse.

Fomos embora cedo. Agatha não estava pior devido à bizarra excursão, mas eu estava nervoso e inquieto, incapaz de ouvir ou responder à torrente de comentários que Wilson despejava para meu benefício. Dei boa noite à srta. Penelosa quando ela passou um pedaço de papel para minha mão.

— Por favor, perdoe-me — disse ela —, se uso recursos para superar seu ceticismo. Abra este bilhete às dez horas amanhã de manhã. É só um pequeno teste particular.

Não consigo imaginar o que ela queria dizer, mas aqui está o bilhete, e será aberto conforme instruído. Minha cabeça dói, e já escrevi o bastante por hoje. Amanhã, ousar dizer que o que parece tão inexplicável assumirá outra forma. Não entregarei minhas convicções sem luta.

25 DE MARÇO. Estou espantado, estupefato. Está claro que devo reconsiderar minha opinião sobre o assunto. Mas primeiro, deixe-me registrar o que ocorreu.

Eu tinha terminado o café da manhã e estava revendo uns diagramas com os quais ilustraria minha aula, quando minha empregada entrou para dizer que Agatha estava em meu escritório e desejava me ver imediatamente. Olhei para o relógio e vi, com surpresa, que eram apenas nove e meia.

Quando entrei no cômodo, Agatha estava de pé no tapete diante da lareira, me olhando. Algo na pose dela me deu calafrios, e contive as palavras que subiam até meus lábios. Agatha usava o véu baixo pela metade, mas eu conseguia ver que ela estava pálida e com a expressão tensa.

— Austin — falou Agatha —, vim dizer que nosso noivado chegou ao fim.

Cambaleei. Acredito que tenha literalmente cambaleado. Sei que me vi recostado contra a estante de livros, em busca de apoio.

— Mas... mas... — gaguejei. — Isso é muito súbito, Agatha.

— Sim, Austin, vim até aqui dizer que nosso noivado chegou ao fim.

— Mas, de certo, — gritei — me dará um motivo! Isso é atípico de você, Agatha. Diga-me como tive a infelicidade de ofendê-la.

— Está tudo acabado, Austin.

— Mas por quê? Você deve estar sob alguma ilusão, Agatha. Talvez tenham dito falsidades a meu respeito. Ou pode ter entendido errado algo que eu lhe disse. Apenas me diga o que é, e uma palavra pode consertar tudo.

— Precisamos considerar que está tudo acabado.

— Mas me deixou ontem à noite sem um indício de qualquer desentendimento. O que poderia ter ocorrido nesse intervalo para mudar tanto você? Deve ter sido algo que aconteceu ontem à noite. Andou refletindo e reprova minha conduta. Foi o mesmerismo? Você me culpou por deixar que aquela mulher exercesse o poder dela sobre você? Sabe que ao primeiro indício eu deveria ter interferido.

— É inútil, Austin. Está tudo acabado.

A voz de Agatha soava fria e calculada; os modos dela estavam estranhamente formais e severos. Parecia, para mim, que estava decidida a não ser levada para uma discussão ou explicação. Quanto a mim, estava trêmulo com inquietude, e virei o rosto de lado, tão envergonhado que Agatha visse minha perda de controle.

— Deve saber o que isso significa para mim! — gritei. — É a destruição de todas as minhas esperanças e a ruína de minha vida! Com certeza, você não me infligirá tal punição sem me ouvir. Dirá qual é o problema. Considere o quanto seria impossível para mim, sob quaisquer circunstâncias, tratar você dessa forma. Pelo amor de Deus, Agatha, me diga o que fiz!

Ela passou por mim sem dizer uma palavra e abriu a porta.

— É inútil, Austin — respondeu Agatha. — Considere nosso noivado terminado. — Um instante depois, ela se fora, e antes que eu conseguisse me recompor o bastante para segui-la, ouvi a porta do corredor se fechar atrás de Agatha.

Corri para o quarto para trocar de casaco, com a ideia de correr até a casa da sra. Marden, mãe de Agatha, para perguntar a ela qual era a causa de meu infortúnio. Estava tão abalado que mal consegui amarrar o cadarço das botas. Jamais me esquecerei daqueles terríveis dez minutos. Tinha acabado de vestir o sobretudo quando o relógio sobre a lareira soou dez horas.

Dez! Associei o pensamento ao bilhete da srta. Penelosa. Estava diante de mim na mesa, e o abri às pressas. Estava rabiscado com lápis em uma caligrafia inclinada peculiar.

Caro professor Gilroy [dizia o bilhete]: Peço desculpas pela natureza pessoal do teste que lhe dou. O professor Wilson mencionou o relacionamento entre você e meu objeto desta noite, e me dei conta de que nada poderia ser mais convincente para você do que se eu sugerisse à srta. Marden que ela deveria visitá-lo às nove e meia amanhã de manhã e suspender o noivado por meia hora mais ou menos. A ciência é tão

exata que é difícil fazer um teste satisfatório, mas estou convencida de que esta pelo menos é uma ação que a srta. Marden muito improvavelmente faria em seu livre-arbítrio. Esqueça tudo que ela possa ter dito, pois realmente não tem nada a ver com isso, e não se lembrará de nada a respeito. Escrevo este bilhete para encurtar sua ansiedade e para suplicar que me perdoe pela infelicidade momentânea que minha sugestão deve ter lhe causado.

Atenciosamente,
Helen Penelosa

Na realidade, quando li o bilhete, fiquei aliviado demais para sentir raiva. Foi uma liberdade. Com certeza, uma liberdade grande demais tomada por uma senhora que só conhecera uma vez. Mas, afinal de contas, eu a desafiei com meu ceticismo. Pode ter sido, como disse a srta. Penelosa, um pouco difícil planejar um teste que me satisfizesse.

Mas ela o fizera. Não poderia haver dúvida alguma. Para mim, a sugestão hipnótica estava finalmente determinada. Ela ocuparia seu lugar dali em diante como um dos fatos da vida. Que Agatha, a qual, de todas as mulheres que conheço, tem a mente mais equilibrada, tivesse sido reduzida a uma condição de automatismo parecia ser uma certeza. Uma pessoa, de longe, a controlara como um engenheiro no litoral guia um torpedo Brennan. Uma segunda alma tinha entrado, ao que parecia, e empurrado a de Agatha para fora, e tomara conta do mecanismo nervoso dela, dizendo: “Vou controlar isso por meia hora.” E Agatha devia estar inconsciente quando veio e quando voltou. Será que conseguiria voltar em segurança pelas ruas em tal estado? Coloquei o chapéu e corri até Agatha para ver se estava tudo bem com ela.

Sim. Estava em casa. Fui conduzido para a sala de estar e a encontrei sentada com um livro no colo.

— É cedo para uma visita, Austin — disse ela, sorrindo.

— A sua foi mais cedo ainda — respondi.

Agatha pareceu confusa.

— O que quer dizer? — perguntou ela.

— Não saiu hoje?

— Não, de modo algum.

— Agatha — falei, com seriedade —, você se importaria em me dizer exatamente o que fez esta manhã?

Ela riu de minha sinceridade.

— Está com sua expressão profissional, Austin. Veja só o que acontece quando se fica noiva de um homem da ciência. No entanto, direi, embora não consiga imaginar para o que quer saber. Eu me levantei às oito horas. Tomei café meia hora depois. Vim para esta sala dez minutos depois das nove e comecei a ler as “Memórias de madame Remusat”. Em poucos minutos, ofendi a senhora francesa ao cair no sono sobre as páginas, e a você, senhor, cometi a lisonja de sonhar com você. Faz apenas poucos minutos que acordei.

— E se encontrou onde estava antes?

— Ora, onde mais eu me encontraria?

— Você se importa de me dizer, Agatha, o que sonhou a meu respeito? Realmente, não é mera curiosidade de minha parte.

— Eu apenas tive a vaga impressão de que você estava no sonho. Não lembro de nada com muita clareza.

— Se não saiu hoje, Agatha, como seus sapatos estão empoeirados?

Um olhar de ofensa percorreu o rosto dela.

— Sinceramente, Austin, não sei qual é seu problema esta manhã. Alguém poderia achar que duvida de minha palavra. Se minhas botas estão empoeiradas, deve ser, é claro, porque calcei um par que a criada não limpou.

Estava perfeitamente evidente que ela não sabia de nada sobre o assunto, e refleti que, afinal de contas, talvez fosse melhor que eu não esclarecesse. Poderia assustá-la, e não serviria a qualquer propósito a meu ver. Não falei mais no assunto, portanto, e saí logo depois para dar minha aula.

Mas estou muito impressionado. De repente, meu horizonte de possibilidades científicas foi enormemente ampliado. Não me espanto mais com a energia e o entusiasmo demoníacos de Wilson. Quem não trabalharia tão duro se tivesse um amplo campo inexplorado nas mãos? Ora, o formato desconhecido de um nucléolo ou a frívola peculiaridade de uma fibra muscular estriada vista sob lentes de 300 diâmetros me encheram de exultação. Como essas pesquisas parecem tolas quando comparadas com esta que tange as próprias raízes da vida e a natureza da alma! Sempre vi o espírito como produto da matéria. O cérebro, achei, secretasse a mente, como o fígado secreta a bile. Mas como é possível quando vejo a mente trabalhar de longe e brincar com a matéria como um músico toca um violino? O corpo não dá origem à alma, então, mas é o instrumento bruto pelo qual o espírito se manifesta. O moinho não cria o vento, apenas o indica. Era o oposto de todo o meu pensamento habitual, mas era inegavelmente possível e digno de investigação.

E por que eu não deveria investigar? Vejo que sob a data de ontem escrevi: “Se pudesse ver algo positivo e objetivo, talvez eu me sentisse tentado a abordar a questão pelo aspecto fisiológico.” Bem, consegui meu teste. Serei tão bom quanto minha palavra. A investigação, tenho certeza, seria de imenso interesse. Alguns de meus colegas podem olhar torto para ela, pois a ciência é cheia de preconceitos irracionais, mas se Wilson tem coragem nas convicções dele, posso ter também. Eu o visitarei amanhã de manhã — à ele e à srta. Penelosa. Se pôde nos mostrar isso, é provável que possa mostrar mais.

II

26 DE MARÇO. Wilson ficou, como antecipei, muito animado com minha conversão, e a srta. Penelosa também se mostrou comportadamente satisfeita com o resultado do próprio experimento. É estranho como é uma criatura silenciosa, pálida, exceto quando usa seu poder! Mesmo falar sobre ele dá cor e vida à mulher. Ela parece se interessar particularmente por mim. Não consigo deixar de observar como seus olhos me seguem pela sala.

Tivemos uma conversa muito interessante sobre os poderes dela. É adequado registrar a opinião da srta. Penelosa, embora não possa, é claro, conter qualquer peso científico.

— Você está na parte mais superficial do assunto — comentou ela, quando expressei espanto com o exemplo notável de sugestão que ela me mostrara. — Não tive influência direta na srta. Marden quando ela foi visitá-lo. Não estava nem pensando nela naquela manhã. O que fiz foi programar a mente dela como poderia programar o alarme de um relógio, de forma que à hora marcada ele dispararia sozinho. Se seis meses, em vez de doze horas, tivessem sido sugeridos, teria sido igual.

— E a se a sugestão fosse me assassinar?

— Ela inevitavelmente o teria feito.

— Mas é um poder terrível! — gritei.

— É, como você diz, um poder terrível — concordou a srta. Penelosa, com seriedade —, e quanto mais o conhecer, mais terrível lhe parecerá.

— Posso perguntar — eu disse — o que quis dizer com a sugestão de essa ser apenas a parte mais superficial do assunto? O que considera o essencial?

— Prefiro não dizer.

Fiquei surpreso com a decisão da resposta dela.

— Você entende — expliquei — que não é por curiosidade que pergunto, mas com esperança de que possa encontrar alguma explicação científica para os fatos que me apresenta.

— Sinceramente, professor Gilroy — respondeu a srta. Penelosa —, não estou interessada em ciência e não me importo se ela pode ou não classificar esses poderes.

— Mas eu achei...

— Ah, isso é bastante diferente. Se tornar um assunto pessoal — interrompeu-me ela, com o mais agradável dos sorrisos —, ficarei muito feliz em contar o que desejar saber. Deixe-me ver... O que me perguntou? Ah, sobre os demais poderes. O professor Wilson não acredita neles, mas são tão verdadeiros quanto esse. Por exemplo, é possível que um controlador adquira total controle sobre o objeto, considerando que o último seja bom. Sem qualquer sugestão anterior, pode obrigá-lo a fazer o que quiser.

— Sem o conhecimento do objeto?

— Isso depende. Se a força fosse exercida com intensidade, ele não saberia mais do que sabia a srta. Marden quando foi à sua casa e o assustou tanto. Ou, se a influência foi menos poderosa, pode estar consciente do que faz, mas ser incapaz de se impedir de fazer.

— Ele teria, então, perdido a própria força de vontade?

— Essa força de vontade teria sido sobrepujada por uma mais forte.

— Já exerceu esse poder?

— Diversas vezes.

— Sua vontade é tão forte assim?

— Bem, não depende inteiramente disso. Muitos têm vontades fortes que não podem ser afastadas. A questão é ter o dom de projetá-la em outra pessoa e suplantar a dela. Percebo que o poder varia de acordo com minha força e minha saúde.

— Praticamente, manda sua alma para o corpo de outra pessoa.

— Bem, pode colocar dessa forma.

— E o que seu corpo faz?

— Apenas se sente letárgico.

— Bem, mas não há risco para sua saúde? — perguntei.

— Pode haver um pouco. Deve-se tomar o cuidado de jamais deixar de vez a própria consciência. Caso contrário, pode ter alguma dificuldade em reencontrar o caminho de volta. Deve sempre preservar a conexão. Creio que

me expresso muito mal, professor Gilroy, mas é claro que não sei como colocar essas coisas em termos científicos. Estou apenas dando minhas próprias experiências e explicações.

Bem, leio isto agora por lazer e me espanto comigo mesmo! Este é Austin Gilroy, o homem que conquistou seu lugar com o poder de racionalização rigorosa e com a devoção aos fatos? Aqui estou, seriamente recontando as fofocas de uma mulher que me diz como a alma dela pode ser projetada do corpo e como, enquanto está em letargia, consegue controlar as ações de pessoas distantes. Aceito isso? Claro que não. Ela deve provar e comprovar antes que eu chegue a uma conclusão. Mas, se ainda sou um cético, pelo menos deixei de ser debochado. Nós nos sentaremos esta noite e ela tentará produzir algum efeito mesmerizador em mim. Se conseguir, será um ótimo ponto inicial para nossa investigação. Ninguém pode *me* acusar, de forma alguma, de cumplicidade. Se ela não conseguir, precisamos encontrar um objeto de estudo acima de qualquer suspeita. Wilson é perfeitamente imune.

22:00. Creio que esteja no limiar de uma investigação que marcará um período. Ter o poder de examinar esses fenômenos de dentro — ter um organismo que responderá, e ao mesmo tempo um cérebro que observará e criticará — com certeza é uma vantagem única. Tenho muita certeza de que Wilson daria cinco anos da vida dele para ser tão suscetível quanto eu me revelei ser.

Não havia ninguém, exceto Wilson e a esposa dele. Eu estava sentado com a cabeça recostada, e a srta. Penelosa, de pé à frente, um pouco à esquerda, usou as mesmas carícias longas e lentas que usou com Agatha. A cada uma delas, uma corrente de ar morno parecia me atingir e incitar uma animação e um brilho por todo o meu corpo, da cabeça aos pés. Meus olhos estavam fixos no rosto da srta. Penelosa, mas, conforme eu olhava, as suas feições pareciam se embaçar e dissipar. Eu estava consciente apenas dos olhos dela voltados para mim, cinzentos, intensos, impenetráveis. Eles cresceram mais e mais, até se transformarem subitamente em dois lagos montanhosos na direção dos quais eu parecia cair com uma rapidez assustadora. Gesticulei com os ombros, e, quando o fiz, alguma camada mais interior da mente me informou que o tremor representava o rigor que eu tinha observado em Agatha. Um instante depois, atingi a superfície dos lagos, agora fundidos em um, e mergulhei para baixo d'água com um peso na cabeça e um zumbido nos ouvidos. E desci, desci e desci. Então, com um deslize, subi de novo até conseguir ver a luz passando, forte, pela água verde. Eu estava quase na

superfície quando a palavra “Acorde!” ecoou em minha cabeça, e, com um sobressalto, me vi de novo na poltrona, com a srta. Penelosa apoiada na muleta e Wilson, com o caderno na mão, olhando por cima do ombro dela. Não senti qualquer peso ou cansaço. Pelo contrário, embora o experimento tenha acontecido a apenas uma hora ou pouco mais, eu me sinto tão desperto que estou mais disposto para ir ao escritório do que para o quarto. Tenho uma bela visão dos experimentos interessantes que se estendem diante de nós, e estou cheio de impaciência para começá-los.

27 de março. Um dia livre, pois a srta. Penelosa vai com Wilson e a esposa dele visitar os Sutton. Comecei a ler “Magnetismo animal”, de Binet e Ferré. Que águas estranhas e profundas são essas! Resultados, resultados, resultados — e a causa é um mistério absoluto. É estimulante para a imaginação, mas preciso me manter alerta com relação a isso. Que não façamos inferências, deduções, e não tenhamos além de fatos sólidos. *Sei* que o transe mesmerizador é verdadeiro; *sei* que a sugestão mesmerizadora é verdadeira; *sei* que sou, eu mesmo, sensível a essa força. Essa é minha posição atual. Tenho um grande caderno que dedicarei completamente aos detalhes científicos.

Longa conversa com Agatha e a sra. Marden à noite sobre nosso casamento. Achamos que as férias de verão (o início delas) seriam a melhor época para o casamento. Por que deveríamos atrasar? Até mesmo os poucos meses até lá me chateiam. Mesmo assim, como diz a sra. Marden, há muitas coisas para serem organizadas.

28 de março. Mesmerizado de novo pela srta. Penelosa. Experiência muito parecia com a anterior, exceto pela insensibilidade, que veio mais rápido. Ver Caderno A para temperatura da sala, pressão barométrica, pulsação e respiração, conforme medidos pelo professor Wilson.

29 de março. Mesmerizado de novo. Detalhes no Caderno A.

30 de março. Domingo, e um dia livre. Qualquer interrupção de nossos experimentos me chateia. No momento, apenas abarcam os sinais físicos que acompanham a leve, a total e a extrema insensibilidade. Depois, esperamos passar para os fenômenos da sugestão e da lucidez. Professores demonstraram tais coisas em mulheres em Nancy e Salpetriere. Será mais convincente quando uma mulher demonstrar em um professor, com um segundo professor como testemunha. Que eu seja o objeto — eu, o cético, o materialista! Pelo menos, mostrei que minha devoção à ciência é maior do

que minha consistência pessoal. Morder nossa língua é o maior sacrifício que a verdade exige de nós.

Meu vizinho, Charles Sadler, o belo e jovem demonstrador de anatomia, veio essa noite devolver um volume dos “Arquivos” de Virchow, o qual emprestei a ele. Eu o chamo de jovem, mas, na verdade, é um ano mais velho do que eu.

— Soube, Gilroy, que a srta. Penelosa está fazendo experimentos em você — comentou Sadler. — Bem — continuou ele, quando confirmei —, se eu fosse você, não deixaria prosseguir. Vai me achar muito impertinente, sem dúvida, mas, mesmo assim, sinto que é meu dever aconselhar você a não se relacionar mais com ela.

É claro que perguntei a ele por quê.

— Estou em uma posição da qual não posso entrar em detalhes tão livremente quando desejaria — respondeu ele. — A srta. Penelosa é amiga de meu amigo, e minha posição é delicada. Só posso dizer isto: que eu mesmo já fui o objeto de alguns dos experimentos da mulher, e que eles deixaram uma impressão bastante desagradável em minha mente.

Ele não poderia esperar que eu me desse por satisfeito com aquela resposta, e tentei com afinco tirar algo mais definitivo de Sadler, mas sem sucesso. Seria concebível que ele estivesse com inveja de eu o ter substituído? Ou seria um daqueles homens da ciência que se sente pessoalmente ferido quando fatos são contrários às suas opiniões pré-concebidas? Sadler não pode supor de verdade que porque tem algum ressentimento eu devo, portanto, abandonar uma série de experimentos que prometem resultados tão frutíferos. Ele pareceu irritado com a forma trivial com que tratei os avisos sombrios, e nos despedimos com um pouco de frieza de ambos os lados.

31 de março. Mesmerizado pela srta. P.

1º de abril. Mesmerizado pela srta. P. (Caderno A.)

2 de abril. Mesmerizado pela srta. P. (Tabela esfigmográfica registrada pelo professor Wilson.)

3 de abril. É possível que essa sequência de mesmerismos seja custosa à constituição geral. Agatha diz que estou mais magro e com olheiras mais escuras. Tenho consciência de uma irritabilidade nervosa que não tinha observado em mim antes. O menor dos barulhos, por exemplo, me assusta, e a estupidez de um aluno me deixa exasperado em vez de me divertir. Agatha deseja que eu pare, mas digo a ela que todo percurso de estudo é uma provação e que não se pode jamais chegar a um resultado sem pagar um

preço por ele. Quando ela vir a sensação que meu trabalho iminente sobre “A relação entre mente e matéria” pode gerar, entenderá que vale um desgaste nervoso. Eu não deveria me sentir surpreso se conseguisse minha iniciação na Royal Society por ele.

Mesmerizado novamente à noite. O efeito se produziu mais rapidamente agora, e as visões subjetivas são menos acentuadas. Tomo notas detalhadas sobre cada sessão. Wilson partirá para a cidade por uma semana ou dez dias, mas não interromperemos os experimentos, os quais dependem para seu valor tanto de minhas sensações quanto das observações dele.

4 de abril. Devo me manter cautelosamente vigilante. Uma complicação invadiu nossos experimentos que eu não havia antecipado. Em minha ansiedade por efeitos científicos, fiquei tolamente cego às relações humanas entre a srta. Penelosa e eu. Posso escrever aqui o que não sussurraria a vivalma. A infeliz mulher parece ter se apegado a mim.

Não diria tal coisa, mesmo na privacidade de meu diário íntimo, se não tivesse chegado a um ponto em que é impossível ignorar. Durante algum tempo — quer dizer, pela última semana — houve sinais que ignorei e nos quais me recusei a pensar. A alegria dela quando chego, o desapontamento quando me vou, a ansiedade para que eu vá frequentemente, a expressão dos olhos dela, o tom da voz — tentei pensar que não significavam nada, e eram, talvez, apenas os modos fervorosos das Índias Ocidentais que ela possui. Mas, ontem à noite, quando despertei do sono mesmerizador, estendi a mão, inconscientemente, involuntariamente, e segurei a dela. Quando recobrei a consciência, estávamos sentados de mãos dadas, e ela me olhava com um sorriso esperançoso. O mais terrível é que me senti compelido a dizer o que ela esperava que eu dissesse. Que canalha falso seria eu! Como eu me detestaria hoje se tivesse cedido à tentação daquele momento! Mas, graças a Deus, fui forte o bastante para me levantar em um salto e correr para fora do quarto. Fui grosseiro, temo, mas não podia, não, eu não *podia* confiar em mim mesmo por mais um momento. Eu, um cavalheiro, um homem de honra, noivo de uma das moças mais doces da Inglaterra — e em um momento de paixão irracional, quase proferi amor por essa mulher que mal conheço. Ela é muito mais velha do que eu e aleijada. É monstruoso, odioso, e, no entanto, o impulso foi tão forte que, caso tivesse permanecido mais um minuto, teria me comprometido. O que foi aquilo? Preciso ensinar aos outros como funciona nosso organismo, e o que sei sobre ele? Teria sido o súbito levante de uma camada inferior de minha natureza — um instinto primitivo brutal

subitamente se impondo? Eu quase consegui acreditar nas histórias de obsessão por espíritos malignos, de tanto que a sensação foi sobrepujante.

Bem, o incidente me coloca em uma posição muito infeliz. Por um lado, sou bastante adverso a abandonar uma série de experimentos que já chegaram tão longe, e que prometem resultados tão brilhantes. Por outro, se essa infeliz mulher concebeu uma paixão por mim... Mas devo ter cometido algum erro terrível. Ela, com a idade e a deformidade! É impossível. Sabia sobre Agatha, entendia qual era minha posição. Apenas sorriu por diversão, talvez, quando meu estado zozzo segurou a mão dela. Foi meu cérebro parcialmente mesmerizado que deu um significado àquilo e saltou com uma agilidade selvagem para agarrá-lo. Eu queria poder me convencer de que foi isso de fato. No todo, talvez, o plano mais sábio seria adiar nossos demais experimentos até o retorno de Wilson. Escrevi um bilhete para a sra. Penelosa, portanto, sem aludir à ontem à noite, mas dizendo que uma urgência no trabalho poderia me fazer interromper nossas sessões durante alguns dias. Ela respondeu, com bastante formalidade, dizendo que, se eu mudar de ideia, a encontrarei em casa na hora habitual.

22 horas. Ora, ora, como sou fraco! Estou começando a me conhecer melhor ultimamente e, quanto mais sei, mais baixo é o apreço que sinto por mim. De fato, nem sempre fui tão fraco assim. Às quatro horas, teria rido para qualquer um que me dissesse que eu deveria ir para a casa da srta. Penelosa essa noite, no entanto, às oito horas, eu estava à porta de Wilson como sempre. Não sei como ocorreu. A influência do hábito, suponho. Talvez exista uma loucura do mesmerismo, como há uma do ópio, e sou vítima dela. Só sei que conforme trabalhava em meu escritório, ficava cada vez mais inquieto. Eu me agitava e me preocupava, não conseguia concentrar a mente nos papéis diante de mim. Por fim, quase antes de me dar conta do que fazia, peguei o chapéu e corri para cumprir com meu compromisso habitual.

Tivemos uma noite interessante. A sra. Wilson estava presente durante a maior parte do tempo, o que evitou a vergonha que pelo menos um de nós devia ter sentido. Os modos da srta. Penelosa foram os mesmos de sempre, e ela não expressou surpresa com minha vinda, apesar do bilhete. Não havia nada no comportamento dela que mostrasse que o incidente de ontem a impressionara, então estou determinado a torcer para que eu o tenha sobrevalorizado.

6 de abril (noite). Não, não, não, eu não o sobrevalorizei. Não posso mais fingir que não vejo que essa mulher concebeu uma paixão por mim. É monstruoso, mas é verdade. De novo, essa noite, acordei do transe mesmerizador e encontrei minha mão na dela, e tive aquele sentimento odioso que me impele a jogar fora minha honra, minha carreira, tudo, por essa criatura que, como vejo claramente quando estou longe da influência dela, não possui qualquer charme dessa Terra. Mas, quando estou perto dela, não sinto isso. Ela desperta algo em mim, algo maligno, algo em que eu preferiria não pensar. Ela também paralisa o melhor de minha natureza boa, ao passo que estimula o pior. Decididamente, não é bom para mim estar perto dela.

A noite passada foi pior do que a anterior. Em vez de fugir, de fato fiquei um tempo sentado com a mão na dela falando sobre os assuntos mais íntimos. Falamos de Agatha, entre outras coisas. Com o que eu poderia estar sonhando? A srta. Penelosa disse que Agatha era convencional, e concordei. Por uma ou duas vezes, proferiu disparates sobre ela e não protestei. Que criatura tenho sido!

Por mais que tenha me provado fraco, ainda tenho força o bastante para dar um fim a esse tipo de coisa. Não acontecerá de novo. Tenho razão suficiente para fugir quando não posso lutar. Desse domingo à noite em diante, jamais me sentarei com a srta. Penelosa de novo. Nunca! Que os experimentos fiquem de lado, que a pesquisa chegue ao fim. Qualquer coisa é melhor do que encarar essa monstruosa tentação que me faz tão desprezível. Não disse à srta. Penelosa, mas simplesmente ficarei longe. Ela poderá descobrir o motivo sem nenhuma palavra minha.

7 de abril. Fiquei longe, como falei. É uma pena destruir uma investigação tão interessante, mas seria uma pena ainda maior destruir minha vida, e *sei* que não posso confiar em mim quando estou com aquela mulher.

23 horas. Que Deus me ajude! Qual é meu problema? Estou ficando louco? Vou tentar me acalmar e refletir. Antes de tudo, descreverei exatamente o que ocorreu.

Eram quase oito horas quando escrevi as frases que iniciaram esse dia. Sentindo-me estranhamente inquieto e ansioso, deixei meus aposentos e caminhei para passar a noite com Agatha e a mãe dela. As duas observaram que eu estava pálido e exausto. Por volta das nove horas, o professor Pratt-Haldane chegou, e jogamos uma partida de uíste. Tentei concentrar minha atenção nas cartas, mas a sensação de inquietude aumentou até que achei

impossível combatê-la. Simplesmente não *conseguiu* ficar sentado quieto à mesa. Por fim, no meio de uma rodada, soltei as cartas e, com um pedido de desculpas incoerente sobre ter um compromisso, corri para fora da sala. Como se em um sonho, tenho a vaga lembrança de disparar pelo corredor, pegar o chapéu do cabide e bater a porta atrás de mim. Também como se num sonho, tenho a impressão da fileira dupla de lâmpadas a gás, e minhas botas sujas me dizendo que devo ter corrido pelo meio da rua. Estava tudo enevoado e estranho e sobrenatural. Fui à casa de Wilson. Vi a sra. Wilson e a srta. Penelosa. Mal me lembro do que conversamos, mas lembro que a srta. P. agitou a ponta da muleta para mim de forma brincalhona, e me acusou de estar atrasado e de ter perdido o interesse em nossos experimentos. Não houve mesmerismo, mas fiquei por algum tempo e acabo de retornar.

Meu cérebro está novamente bastante nítido, e consigo pensar no que aconteceu. É absurdo supor que é mera fraqueza e força do hábito. Tentei explicar dessa forma na outra noite, mas não será mais o suficiente. É algo muito mais profundo e mais terrível do que isso. Ora, quando eu estava à mesa de uíste dos Marden, fui arrastado para longe como se o laço de uma corda tivesse sido lançado ao meu redor. Não posso mais esconder isso de mim. A mulher me agarrou. Estou nas garras dela. Mas preciso manter a cabeça e raciocinar a respeito e decidir o que é melhor fazer.

Mas que tolo cego eu fui! Tenho sido! Em meu entusiasmo pela pesquisa, caminhei direto para o poço, embora ele estivesse aberto diante de mim. Ela mesma não me avisou? Não me disse, como posso ler agora em meu diário, que quando adquire poder sobre um objeto, pode obrigá-lo a fazer a vontade dela? E ela conseguiu esse poder sobre mim. Estou, no momento, à mercê dessa criatura de muleta. Devo ir quando ela quer. Devo fazer como deseja. Pior de tudo, devo me sentir como ela deseja. Eu a odeio e a temo, mas, enquanto estou sob o seu feitiço, ela sem dúvida pode me obrigar a amá-la.

Há algum consolo na ideia, então, de que aqueles impulsos odiosos pelos quais tenho me culpado não vêm de fato de mim. São transferidos dela, ainda que não pudesse ter adivinhado no momento. Sinto-me mais limpo e mais leve por esse pensamento.

8 de abril. Sim, agora, em plena luz do dia, escrevendo friamente e com tempo para refletir, sou impelido a confirmar tudo que escrevi em meu diário ontem à noite. Estou em uma posição horrível, mas, acima de tudo, não posso perder a cabeça. Devo empunhar meu intelecto contra os poderes dela. Afinal de contas, não sou um fantoche tolo, para dançar na ponta de um barbante.

Tenho energia, cérebro, coragem. Apesar de todos os truques demoníacos, ainda posso derrotá-la. Posso! Eu *devo*, ou o que será de mim?

Deixe-me tentar racionalizar! Essa mulher, por explicação dela mesma, pode dominar meu sistema nervoso. Pode se projetar em meu corpo e tomar controle dele. Tem uma alma parasítica — sim, ela é um parasita, um parasita monstruoso. Rasteja para dentro de minha estrutura como o caranguejo-ermitão para a concha do búzio. Estou impotente. O que posso fazer? Estou lidando com forças sobre as quais nada sei e não posso contar a ninguém sobre minhas atribulações. Eles me tachariam de louco. Com certeza, se isso fosse revelado, a universidade diria que não tem utilidade para um professor controlado pelo diabo. E Agatha! Não, não, devo enfrentar isso sozinho.

III

LI MINHAS anotações sobre o que a mulher falou a respeito dos poderes dela. Há uma questão que me enche de desapontamento. Ela deixa implícito que, quando a influência é leve, o objeto sabe o que está fazendo, mas não consegue se controlar, enquanto que, quando é forte, ele fica absolutamente inconsciente. Ora, sempre soube o que fiz, embora menos na noite passada do que nas ocasiões anteriores. Isso parece querer dizer que ela ainda não exerceu seus poderes totais sobre mim. Será que algum dia um homem esteve nessa posição?

Sim, talvez sim, e muito perto de mim também. Charles Sadler deve saber algo sobre isso! As vagas palavras de aviso dele fazem sentido agora. Ah, se ao menos eu o tivesse ouvido naquela época, antes de participar dessas repetidas sessões para forjar os elos da corrente que me amarram! Mas eu o verei hoje. Pedirei desculpas por ter tratado esse aviso com tanta leviandade. Verei se pode me aconselhar.

16 horas. Não, ele não pode. Falei com ele e Sadler mostrou tal surpresa com as primeiras palavras com que tentei expressar meu segredo inominável que não prossegui. Até onde consegui entender (por indícios e inferências em vez de por qualquer frase), a experiência do próprio Sadler foi limitada a algumas palavras ou olhares como aconteceu comigo. O abandono dele da srta. Penelosa é, em si mesmo, um sinal de que Sadler jamais esteve, de fato, nas garras dela. Ah, se ao menos soubesse do que escapou! Tem que

agradecer ao seu temperamento saxão fleumático por isso. Sou sombrio e celta, e as garras dessa bruxa estão profundamente enterradas em meus nervos. Será que algum dia as tirarei? Será que serei o mesmo homem que era há apenas duas semanas?

Preciso considerar o que é melhor fazer. Não posso deixar a universidade no meio do semestre. Se eu fosse livre, a solução seria óbvia. Partiria imediatamente e viajaria para a Pérsia. Mas será que ela me permitiria partir? E será que a influência não me alcançaria na Pérsia, e me traria de volta ao alcance da muleta? Só posso descobrir os limites desse poder infernal por minha amarga experiência. Lutarei e lutarei e lutarei — e o que mais posso fazer?

Sei muito bem que por volta das oito horas desta noite, aquele anseio pela companhia dela, aquela inquietude irresistível, tomará conta de mim. Como a superarei? O que devo fazer? Preciso tornar impossível deixar o quarto. Trancarei a porta e jogarei a chave pela janela. Mas, então, o que farei pela manhã? Esqueça o amanhã. Preciso, a todo custo, quebrar essa corrente que me segura.

9 de abril. Vitória! Eu me saí esplendidamente bem! Às sete horas da noite passada, jantei apressadamente, me tranquei no quarto e joguei a chave no jardim. Escolhi um romance alegre e me deitei na cama durante três horas tentando lê-lo — mas, de fato, em um estado terrível de trepidação, esperando a cada instante que me tornaria consciente do impulso. Nada do tipo aconteceu, no entanto, e acordei esta manhã com a sensação de que um pesadelo sombrio tinha sido levado de mim. Talvez a criatura tenha percebido o que fiz e entendeu que era inútil tentar me influenciar. De toda forma, eu a derrotei uma vez e, se posso fazer uma vez, posso fazer de novo.

Foi bastante esquisito com a chave pela manhã. Por sorte, havia um jardineiro abaixo, e pedi que ele a jogasse para cima. Sem dúvida, o homem achou que eu tivesse acabado de deixar cair. Mandarei aparafusar portas e janelas e farei com que seis homens fortes me segurem na cama antes de me entregar a tal controle de novo.

Recebi um bilhete da sra. Marden esta tarde pedindo que eu fosse vê-la. Pretendia fazer isso de qualquer forma, mas não esperava encontrar notícias ruins à espera. Parece que os Armstrong, pelos quais Agatha tem apreço, devem chegar, de Adelaide, no *Aurora*, e escreveram para a sra. Marden e Agatha para se encontrarem na cidade. Provavelmente ficarão fora por um mês ou seis semanas, e, como o *Aurora* deve chegar na quarta-feira, as duas

devem ir de imediato — amanhã, se ficarem prontas a tempo. Minha consolação é que, quando nos reencontrarmos, não haverá mais separação entre Agatha e eu.

— Quero que faça uma coisa, Agatha — falei, quando estávamos a sós. — Se por acaso esbarrar com a srta. Penelosa, na cidade ou aqui, precisa me prometer que nunca mais permitirá que ela mesmerize você.

Agatha abriu os olhos.

— Ora, no outro dia mesmo você estava dizendo como era tudo interessante, como estava determinado a terminar seus experimentos.

— Eu sei, mas mudei de ideia desde então.

— E não fará mais?

— Não.

— Fico tão feliz, Austin. Não sabe o quanto anda pálido e exausto ultimamente. Era, de fato, nossa principal objeção a ir para Londres agora, não desejamos partir com você tão abatido. E seus modos andam tão estranhos, principalmente naquela noite em que deixou o professor Pratt-Haldane para bancar o fantoche. Estou convencida de que esses experimentos são muito ruins para seus nervos.

— Também acho, querida.

— E para os nervos da srta. Penelosa também. Soube que ela está doente?

— Não.

— A sra. Wilson nos contou ontem à noite. Ela descreveu como uma febre nervosa. O professor Wilson volta essa semana, e, é claro, a sra. Wilson está muito ansiosa para que a srta. Penelosa esteja melhor de novo, pois ele tem um programa de experimentos que está animado para realizar.

Fiquei feliz com a promessa de Agatha, pois bastava que aquela mulher tivesse um de nós em suas garras. Por outro lado, fiquei preocupado ao ouvir sobre sua doença. Diminui bastante a vitória que pareci conquistar na noite passada. Lembro que ela disse que perda de saúde interferia em seu poder. Pode ser por isso que consegui me controlar com tanta facilidade. Ora, ora, preciso tomar as mesmas precauções esta noite e ver o que acontece. Fico amedrontado como uma criança quando penso nela.

10 de abril. Tudo correu bem ontem à noite. Achei graça da expressão do jardineiro quando precisei mais uma vez chamá-lo esta manhã para pedir que jogasse minha chave para cima. Pedirei um nome com os serventes se esse tipo de coisa continuar. Mas a grande questão é que fiquei no quarto sem a menor vontade de deixá-lo. Acredito que esteja me desvencilhando dessa

ligação inacreditável — ou seria apenas porque o poder da mulher está inativo até que recupere a força? Posso apenas rezar pelo melhor.

As Marden partiram esta manhã, e a luz parece ter deixado o sol da primavera. No entanto, está muito belo ao se refletir nas castanheiras verdes diante de minhas janelas e dá um toque de alegria às paredes pesadas, manchadas de líquen, dos velhos dormitórios. Como a natureza é doce, suave e apaziguadora! Quem diria que nela também espreitam forças tão vis, possibilidades tão odiosas! Pois, é claro que entendo que essa coisa terrível que me atacou não é sobrenatural ou preternatural. Não, é uma força natural que essa mulher pode usar e a qual a sociedade ignora. O mero fato de que diminui com o estado de saúde dela mostra o quanto está sujeita às leis físicas. Se eu tivesse tempo, talvez investigasse até o fim e chegasse ao antídoto. Mas não se pode domar o tigre quando se está sob as garras dele. Pode-se apenas tentar se desvencilhar dele. Ah, quando olho no espelho e vejo meus olhos escuros e meu rosto espanhol demarcado, anseio por um borribo de vitríolo ou um surto de varíola. Um ou outro poderiam ter me salvado dessa calamidade.

Acredito que posso ter problemas esta noite. Duas coisas me fazem temer isso. A primeira é que encontrei a sra. Wilson na rua, e ela me disse que a srta. Penelosa está melhor, embora ainda fraca. Percebo que desejo de coração que a doença tivesse sido fatal. A outra é que o professor Wilson volta em um ou dois dias, e a presença dele serviria como uma amarra sobre ela. Não temeria nossas sessões se uma terceira pessoa estivesse presente. Por esses dois motivos, tenho um pressentimento de problemas esta noite, e devo tomar as mesmas precauções de antes.

10 de abril. Não, graças a Deus tudo correu bem ontem à noite. Não conseguiria mesmo encarar o jardineiro de novo. Tranquei a porta e deslizei a chave por baixo, de modo que tive de pedir que a faxineira me deixasse sair de manhã. Mas a precaução foi desnecessária, pois não tive vontade alguma de sair. Três noites subsequentes em casa! Com certeza, estou perto do fim de minhas atribulações, pois Wilson voltará hoje ou amanhã. Devo ou não contar a ele o que passei? Estou convencido de que não terei a mínima empatia. Wilson me veria como um caso interessante e leria um trabalho sobre mim na próxima reunião da Sociedade Psíquica, no qual discutiria seriamente a possibilidade de eu ser um mentiroso descarado e sopesaria isso contra as chances de eu estar nos estágios iniciais da loucura. Não, não encontrarei conforto em Wilson.

Estou me sentindo maravilhosamente em forma e bem. Não acho que algum dia já ensinei com mais disposição. Ah, se ao menos conseguisse tirar essa sombra de minha vida, como eu seria feliz! Jovem, relativamente abastado, na linha de frente de minha profissão, noivo de uma jovem linda e encantadora — não tenho tudo que um homem poderia querer? Apenas uma coisa me perturba, mas que coisa é essa!

Meia-noite. Enlouquecerei. Sim, esse será o fim de tudo. Enlouquecerei. Não estou longe disso agora. Minha cabeça lateja enquanto a descanso na mão quente. Estou tremendo por completo, como um cavalo amedrontado. Ah, que noite eu tive! E, no entanto, também tenho motivo para estar satisfeito.

Sob o risco de me tornar motivo de piada para minha faxineira, mais uma vez deslizei a chave por baixo da porta, aprisionando-me durante a noite. Então, achando cedo demais para dormir, me deitei com as roupas do corpo e comecei a ler um dos romances de Dumas. De repente, fui agarrado — agarrado e arrastado do sofá. Só posso descrever dessa forma a natureza sobrepujante da força que me atacou. Eu me agarrei ao cobertor. Agarrei a madeira. Creio que devo ter gritado em meu frenesi. Foi tudo inútil, está tudo perdido, *devo* ir. Não havia como escapar. Somente durante a doença eu resisti. A força logo se tornou dominadora demais para isso. Agradeço aos céus por não haver observadores ali para interferir. Não poderia ter respondido por mim se houvesse. E, além da determinação de sair, também me veio o julgamento mais frio e aguçado para escolher os meios. Acendi uma vela e tentei, ajoelhado diante da porta, puxar a chave com a ponta de pena de uma caneta. Mas era curta demais, e empurrou a chave mais para longe. Então, com persistência silenciosa, peguei um estilete de uma das gavetas, e com isso consegui puxar a chave de volta. Abri a porta, entrei no escritório, tirei uma foto de mim mesmo da escrivaninha, escrevi algo sobre ela, coloquei no bolso interno do meu casaco e saí correndo para a casa de Wilson.

Estava tudo maravilhosamente nítido, porém desassociado do resto de minha vida, como os incidentes do sonho mais vívido podem ser. Uma estranha consciência dupla tomou conta de mim. Havia a predominante determinação alheia, que estava disposta a me puxar para o lado de sua dona, e havia a personalidade mais fraca protestando, a qual reconheci como sendo eu mesmo, puxando, com fraqueza, contra o impulso sobrepujante como um terrier poderia fazer contra a coleira. Consigo me lembrar de reconhecer essas

duas forças conflitantes, mas não lembro de nada de minha caminhada, ou de como fui recebido na casa.

É muito vívida, no entanto, minha lembrança de como encontrei a srta. Penelosa. Ela estava recostada no sofá no pequeno quarto em que nossos experimentos tinham ocorrido. A cabeça da mulher estava apoiada na mão, e uma pele de tigre a cobria parcialmente. A srta. Penelosa pareceu esperançosa quando entrei, e, quando a luz da lâmpada recaiu sobre o rosto dela, vi que estava muito pálida e magra, com olheiras escuras sob os olhos. Ela sorriu para mim e apontou para um banquinho ao lado dela. Apontou com a mão esquerda, e eu, correndo ansiosamente para a frente, peguei a mão — sinto desprezo por mim ao pensar nisso — e a levei apaixonadamente aos lábios. Então, sentando-me no banquinho e ainda segurando a mão dela, dei à srta. Penelosa a foto que tinha levado comigo, e falei e falei e falei — de meu amor por ela, de meu pesar pela doença dela, de minha alegria pela recuperação, do sofrimento que foi estar ausente uma noite sequer do lado dela. A srta. Penelosa continuou me olhando silenciosamente com olhos dominantes e sorriso provocador. Lembro-me de que uma vez passou a mão pelo meu cabelo como se acaricia um cão, e isso me deu prazer — a carícia. Fiquei animado com ela. Era o escravo da srta. Penelosa, de corpo e alma e, naquele momento, eu me deliciava com a escravidão.

Então, veio a abençoada mudança. Jamais me diga que não existe Providência! Eu estava à beira da perdição. Meus pés estavam na borda do precipício. Seria coincidência que nesse exato momento a ajuda viria? Não, não, não — existe uma Providência, e sua mão me puxou de volta. Há algo no universo mais forte do que essa mulher demoníaca com seus truques. Ah, que bálsamo para meu coração pensar assim!

Quando ergui o olhar para a srta. Penelosa, tomei consciência de uma mudança nela. O rosto, que antes estava pálido, estava agora horrendo. Os olhos estavam vazios, as pálpebras caíam, pesadas, sobre eles. Acima de tudo, o olhar de confiança serena tinha sumido das feições da mulher. A sua boca estava mais frágil. A testa, franzida. Ela estava com medo e indecisa. E, quando observei a mudança, meu próprio espírito estremeceu e lutou, tentando, com dificuldade, se desvencilhar das garras que o seguravam — garras que, a cada momento, se afrouxavam.

— Austin — sussurrou a srta. Penelosa —, tentei fazer demais. Não estava forte o bastante. Ainda não me recuperei de minha doença. Mas não conseguiria mais viver sem ver você. Não me deixará, não é, Austin? Essa é

apenas uma fraqueza passageira. Se me der apenas cinco minutos, serei eu mesma de novo. Passe-me o pequeno decantador sobre a mesa à janela.

Mas eu havia recuperado minha alma. Conforme a força dela se dissipava, a influência se esvaiu de mim e me deixou livre. E eu estava agressivo — amarga e destemidamente agressivo. Pelo menos, uma vez eu poderia fazer aquela mulher entender quais eram meus verdadeiros sentimentos em relação a ela. Minha alma estava cheia de um ódio tão bestial quanto o amor contra o qual eu reagia. Era a paixão selvagem e assassina do servo revoltado. Poderia ter pego a muleta ao lado dela e a usado para golpear o seu rosto. A mulher ergueu as mãos, como se para evitar um golpe, e se encolheu para longe de mim no canto do sofá.

— O *brandy*! — arquejou ela. — O *brandy*!

Peguei o decantador e virei nas raízes de uma palmeira à janela. Então, peguei a fotografia da mão dela e a rasguei em cem pedaços.

— Sua mulher vil, eu faria um serviço à sociedade se você jamais deixasse esse quarto com vida!

— Amo você, Austin! Amo você! — choramingou ela.

— Sim — gritei —, e Charles Sadler antes de mim. E quantos outros antes disso?

— Charles Sadler! — arquejou ela. — Ele falou com você? Então, Charles Sadler, Charles Sadler! — A voz saiu dos lábios dela como o sibilar de uma cobra.

— Sim, conheço você, e outros também conhecerão. Criatura sem vergonha! Sabia qual era minha situação. Mas usou seu poder vil para me trazer para seu lado. Pode até fazer isso de novo, mas pelo menos lembrará que me ouviu dizer que amo a srta. Marden do fundo da alma e que odeio, abomino você! Sua visão e o som de sua voz me encham de horror e nojo. Pensar em você me causa repulsa. É assim que me sinto em relação a você, e, se desejar, por meio de seus truques, me atrair mais uma vez para seu lado, como fez esta noite, terá, no mínimo, creio, pouca satisfação ao tentar fazer de amante um homem que lhe contou a verdadeira opinião que tem sobre você. Pode colocar as palavras que quiser em minha boca, mas não deixe de se lembrar...

Parei, pois a cabeça da mulher se reclinara para trás, e ela desmaiara. Não conseguiu suportar o que eu tinha a dizer! Que brilho de satisfação me dá pensar que, aconteça o que acontecer, no futuro ela não pode se enganar quanto a meus verdadeiros sentimentos em relação a ela. Mas o que

acontecerá no futuro? O que ela fará a seguir? Ouso não pensar. Ah, se ao menos pudesse ter esperanças de que me deixará em paz! Mas quando penso no que disse a ela... Não importa, fui mais forte do que a srta. Penelosa pela primeira vez.

11 de abril. Mal dormi na noite passada, e pela manhã estava tão fraco e febril que fui obrigado a pedir que Pratt-Haldane desse aula por mim. Foi a primeira vez que faltei. Eu me levantei ao meio-dia, mas minha cabeça dói, minhas mãos tremem, e meus nervos estão em um estado deplorável.

E quem me visitaria esta noite se não Wilson? Acaba de voltar de Londres, onde ensinou, leu trabalhos, participou de reuniões, expôs um médium, conduziu uma série de experimentos sobre transferência de pensamentos, entreteve o professor Richet, de Paris, passou horas olhando para dentro de um cristal e obteve algumas evidências sobre a passagem de matéria por meio de matéria. Tudo isso ele despejou aos meus ouvidos com um único fôlego.

— Mas você! — gritou ele, por fim. — Não parece bem. E a srta. Penelosa está bastante prostrada hoje. E quanto aos experimentos?

— Eu os abandonei.

— Tsc-tsc! Por quê?

— O assunto me parece perigoso.

E ele pegou o grande caderno marrom.

— Isso é de grande interesse. Que base tem para dizer que é perigoso? Por favor, diga seus fatos em ordem cronológica, com datas aproximadas e nomes de testemunhas confiáveis com os endereços permanentes.

— Antes de tudo, pode me dizer se já registrou casos em que o mesmerizador obtém controle sobre o objeto e usa para fins malignos?

— Dezenas! — gritou Wilson, exultante. — Crime por sugestão...

— Não estou falando de sugestão. Estou dizendo quando um impulso súbito acomete a pessoa de longe... um impulso incontrollável.

— Obsessão! — gritou ele, esganiçado, em um êxtase de satisfação. — É uma condição raríssima. Temos oito casos, cinco bem comprovados. Não quer dizer... — A exultação dificultava a articulação de Wilson.

— Não, não quero. Boa noite! Se me dá licença, não me sinto muito bem. — Então, por fim, me liberei dele, que ainda empunhava o lápis e o caderno. Meus problemas podem ser difíceis de suportar, mas pelo menos é melhor abraçá-los eu mesmo do que acabar exposto por Wilson, como uma aberração em um circo. Ele não vê seres humanos. Tudo para Wilson é um caso e um fenômeno. Morrerei antes de voltar a falar com ele sobre o assunto.

12 de abril. Ontem foi um dia de abençoada quietude, e tive uma noite calma. A presença de Wilson é de grande consolação. O que a mulher pode fazer agora? Com certeza, depois de me ouvir dizer o que eu disse, terá o mesmo desprezo por mim que tenho por ela. Não poderia, não, ela não *poderia* desejar ter um amante que a tivesse insultado tanto. Não, creio que estou livre do amor dela, mas e quanto ao ódio? Não poderia usar esses poderes para vingança? Tsc! Por que eu deveria me amedrontar com sombras? A mulher se esquecerá de mim, e eu me esquecerei dela, e tudo ficará bem.

13 de abril. Meus nervos recuperaram sua forma. Realmente acredito que tenha vencido a criatura. Mas devo confessar que vivo em suspense. Ela está bem de novo, pois soube que estava dirigindo com a sra. Wilson por High Street à tarde.

14 de abril. Desejo poder escapar desse lugar de vez. Devo viajar para o lado de Agatha assim que terminar o semestre. Suponho que seja uma fraqueza deplorável, mas essa mulher me dá nos nervos de uma forma terrível. Eu a vi de novo, e falei com ela.

Foi logo depois do almoço, eu estava fumando um cigarro em meu escritório quando ouvi os passos de meu criado, Murray, no corredor. Estava fracamente consciente de um segundo passo audível por trás, e mal me incomodara em especular quem poderia ser, quando de repente um ruído me tirou da cadeira com a pele arrepiada de apreensão. Jamais observara antes o tipo de ruído emitido pelo bater de muletas, mas meus nervos trêmulos me disseram que eu o ouvia agora no estalo agudo da madeira que se alternava com as batidas abafadas dos pés. Um instante depois, meu criado a levou para dentro.

Não tentei as convenções habituais da sociedade, ela também não. Simplesmente fiquei de pé, com o cigarro aceso na mão, e a olhei. Ela, por sua vez, me olhou em silêncio e com aquele olhar eu me lembrei como, nestas páginas, tentei definir a expressão dos olhos da srta. Penelosa, se eram furtivos ou destemidos. Hoje eram destemidos — frios, inexoravelmente frios.

— Bem — disse ela, por fim —, ainda pensa como da última vez que o vi?

— Sempre pensei daquela maneira.

— Vamos nos entender, professor Gilroy — disse a srta. Penelosa, devagar. — Não sou a pessoa mais segura com quem brincar, como já deve ter percebido. Foi você quem me pediu para entrar em uma série de

experimentos, foi você quem conquistou minha afeição, foi você quem proferiu seu amor por mim, foi você quem me trouxe a própria fotografia com palavras de afeição nela, e, por fim, foi você que, na mesma noite, achou adequado me insultar da forma mais ultrajante, falando comigo como nenhum homem jamais ousou até hoje. Diga-me que aquelas palavras saíram de você em um momento de paixão e estou pronta para esquecer e perdoar. Não falou sério, falou, Austin? Não me odeia de verdade?

Talvez tivesse sentido pena daquela mulher deformada — tal anseio por amor subitamente atravessou a ameaça no olhar dela. Mas, então, pensei no que eu tinha passado, e meu coração se acendeu como faísca.

— Se já me ouviu falar em amor — respondi —, sabe muito bem que foi sua voz que falou, não a minha. As únicas palavras verdadeiras que já consegui dizer a você foram as que ouviu da última vez que nos encontramos.

— Eu sei. Alguém o colocou contra mim. Foi ele! — Ela bateu com a muleta no chão. — Bem, sabe muito bem que eu poderia colocá-lo neste minuto rastejando aos meus pés como um cão. Não me encontrará novamente em um momento de fraqueza, quando pode me insultar impunemente. Cuidado com o que faz, professor Gilroy. Está em uma posição terrível. Ainda não percebeu o controle que tenho sobre você.

Gesticulei com os ombros e me virei.

— Bem — continuou ela, depois de uma pausa —, se despreza meu amor, devo testar o que pode ser feito com medo. Você sorri, mas chegará o dia em que virá gritando, pedindo o meu perdão. Sim, você se prostrará no chão diante de mim, apesar do orgulho, e amaldiçoará o dia em que me transformou de melhor amiga em inimiga mais amarga. Cuidado, professor Gilroy! — Vi a mão branca tremer no ar, e o rosto que dificilmente era humano, de tão contraído que estava pela paixão. No instante seguinte, ela se foi e ouvi o ágil mancar e bater pelo corredor.

Mas a srta. Penelosa deixou um pesar em meu coração. Vagos pressentimentos do infortúnio próximo pesam sobre mim. Tento em vão me persuadir de que são apenas palavras de ódio vazio. Consigo me lembrar muito claramente daqueles olhos vazios para me convencer. O que devo fazer — ah, o que devo fazer? Não sou mais mestre de minha alma. A qualquer momento, essa parasita desprezível pode se espreitar para dentro de mim, e então? Preciso contar meu terrível segredo a alguém — preciso contar, ou enlouquecerei. Se tivesse alguém que sentisse empatia e me aconselhasse! Wilson está fora de questão. Charles Sadler só entenderia até onde a

experiência dele o levou. Pratt-Haldane! É um homem equilibrado, um homem de bastante razão e diligência. Vou até ele. Contarei tudo a ele. Que Deus queira que ele possa me aconselhar!

IV

18:45. NÃO, É INÚTIL. Não existe ajuda humana para mim. Devo lutar contra isso sozinho. Dois caminhos se encontram diante de mim: posso me tornar o amante dessa mulher, ou preciso suportar tais perseguições que ela pode infligir sobre mim. Mesmo que ela não faça nada, serei um poço de apreensão. Mas ela pode me torturar, pode me deixar louco, pode me matar: eu nunca, nunca, nunca cederei. O que ela pode infligir que seria pior do que a perda de Agatha e saber que sou um mentiroso declarado, que abandonei o título de cavaleiro?

Pratt-Haldane foi bastante amigável e ouviu minha história com toda educação. Mas quando olhei para as feições pesadas dele, para seus olhos preguiçosos e para a mobília imponente do escritório que o cercava, mal consegui contar o que tinha ido dizer. Era tudo tão substancioso, tão material. Além do mais, o que eu mesmo teria dito apenas um mês antes caso um de meus colegas tivesse se aproximado com tal história de possessão demoníaca? Talvez eu fosse menos paciente do que ele. De fato, Pratt-Haldane tomou notas de meu relato, perguntou quanto chá eu bebia, se tinha dores de cabeça súbitas, sonhos malignos, se ouvia ruídos, via lampejos — todas perguntas que apontavam para a crença dele de que a congestão cerebral era o cerne de meus problemas. Por fim, o professor me dispensou com declarações comuns sobre exercícios ao ar livre e evitar excitação dos nervos. A receita dele, que foi de cloral e brometo, eu enrolei e joguei na sarjeta.

Não, não posso pedir ajuda para qualquer ser humano. Se me consultar mais, podem ligar os pontos e acabarei em um sanatório. Posso apenas me agarrar à coragem com as duas mãos e rezar para que um homem honesto não seja abandonado.

15 de abril. É a primavera mais doce na memória dos homens. Tão verde, tão amena, tão linda! Ah, que contraste entre a natureza do lado de fora e minha alma tão destruída com dúvida e terror! Foi um dia comum, mas sei

que estou à beira de um abismo. Sei disso e, no entanto, sigo com a minha rotina. O único ponto positivo é que Agatha está feliz e bem, e fora de qualquer perigo. Se essa criatura tivesse as mãos em nós dois, o que não faria?

16 de abril. A mulher é engenhosa em seus tormentos. Sabe como sou afeito ao trabalho, e quanto minhas aulas são conceituadas. Então, é desse ângulo que me ataca. Terminará, posso ver, com a perda de minha posição de professor, mas lutarei até o fim. Ela não me afastará sem confronto.

Não estava consciente de mudança alguma durante minha aula essa manhã, exceto por um minuto ou dois em que tive uma tonteira e vertigem que passou rapidamente. Pelo contrário, eu me parabenizei por ter tornado a matéria (as funções dos corpúsculos vermelhos) tanto interessante quanto clara. Fiquei surpreso, portanto, quando um aluno entrou em meu laboratório após a aula e declarou estar confuso com a discrepância entre as minhas afirmações e aquelas nos livros-texto. Ele me mostrou o caderno, no qual estava registrado que em certa parte da aula defendi as heresias mais ultrajantes e não científicas. É claro que neguei e declarei que ele me entendeu errado, mas, ao comparar as anotações dele com as dos colegas, ficou claro que o aluno estava certo, e que eu tinha de fato feito as afirmações mais absurdas. Explicarei como o resultado de uma aberração momentânea, mas tenho certeza de que será a primeira de uma série de ocorrências. Falta apenas um mês agora para o fim do semestre, e rezo para que consiga aguentar até lá.

26 de abril. Dez dias se passaram desde que tive coragem de escrever algo no diário. Por que deveria registrar minha humilhação e degradação? Jurei jamais abri-lo de novo, mas a força do hábito é grande, e aqui me encontro registrando mais uma vez minhas experiências terríveis — com um humor bastante semelhante àquele com que um suicida toma notas do veneno que o matou.

Bem, a queda que antecipei chegou — e ocorreu ontem mesmo. As autoridades da universidade tiraram as aulas de mim. Foi feito da forma mais delicada, sob pretexto de uma medida temporária para me aliviar dos efeitos do excesso de trabalho, e para me dar a oportunidade de recuperar minha saúde. Mesmo assim, foi feito, e não sou mais o professor Gilroy. O laboratório está ao meu encargo, mas tenho poucas dúvidas de que em breve também serei afastado de lá.

A questão é que minhas aulas se tornaram motivo de chacota na universidade. Minha turma estava lotada de alunos que vinham ver e ouvir o que o excêntrico professor diria a seguir. Não posso entrar nos detalhes de minha humilhação. Ah, aquela mulher demoníaca! Não há limite para a zombaria e a imbecilidade que forçou sobre mim. Eu começava a aula bem, mas sempre com a sensação de um eclipse iminente. Então, quando sentia a influência, lutava contra ela, combatendo com mãos em punho e gotas de suor na testa, enquanto os alunos, ao ouvir minhas palavras incoerentes e ao observar minhas convulsões, rugiam às gargalhadas diante dos ataques do professor. Então, depois que a mulher praticamente me dominava, saíam as coisas mais ultrajantes — piadas tolas, sentimentalismos, como se eu estivesse propondo um brinde, trechos de baladas, abusos pessoais até mesmo contra algum membro da turma. Então, em um momento, meu cérebro se desanuviava de novo, e a aula seguia decorosamente até o fim. Não era à toa que minha conduta tinha sido o assunto das faculdades. Não é à toa que o conselho da universidade foi obrigado a oficialmente tratar do escândalo. Ah, aquela mulher demoníaca!

E a pior parte é minha solidão. Aqui sento eu, em uma simples janela inglesa em arco, olhando para uma rua inglesa comum com os transportes extravagantes e os policiais patrulhando, e atrás de mim há uma sombra que está completamente deslocada da época e do lugar. No berço do conhecimento, sou preso e torturado por um poder que a ciência desconhece. Nenhum magistrado me ouviria. Nenhum artigo discutiria meu caso. Nenhum médico acreditaria em meus sintomas. Meus amigos mais íntimos a veriam apenas como um sinal de degeneração cerebral. Estou desconectado por completo de meus pares. Ah, aquela mulher demoníaca! Que ela tome cuidado! Pode me pressionar demais. Quando a lei não pode ajudar um homem, ele pode fazer a própria lei.

Ela me encontrou na High Street ontem à noite e falou comigo. Bom para ela, talvez, que não tenha sido entre as sebes de uma solitária estrada de campo. A mulher me perguntou, com o sorriso frio, se eu já fora disciplinado. Não ousei responder.

— Devemos tentar dar mais uma volta no parafuso — disse a srta. Penelosa.

Cuidado, minha senhora, cuidado! Eu a tive à minha mercê uma vez. Talvez tenha outra chance.

28 de abril. A suspensão de minha aula também teve o efeito de tirar da mulher a forma de me perturbar, então aproveitei dois abençoados dias de paz. Por fim, não há motivo para desespero. Simpatia transborda sobre mim de todos os lados, e todo mundo concorda que é minha devoção à ciência e a natureza árdua de minhas pesquisas que abalaram meu sistema nervoso. Recebi uma carinhosa mensagem do conselho me aconselhando a viajar para o exterior e expressando a confiança de que poderei retomar minhas obrigações quando tiver início o semestre de verão. Nada poderia ser mais lisonjeiro do que as alusões deles à minha carreira e aos meus serviços à universidade. Apenas durante infortúnios se pode testar a própria popularidade. Essa criatura pode se cansar de me atormentar, e então tudo pode ficar bem. Que Deus permita!

29 de abril. Nossa cidadezinha pacata teve uma pequena sensação. O único crime que conhecemos é quando um estudante de graduação ébrio quebra algumas lâmpadas ou sai na briga com um policial. Na noite passada, no entanto, ocorreu uma tentativa de invadir a filial do Banco da Inglaterra, e estamos todos em polvorosa, em consequência.

Parkinson, o gerente, é amigo íntimo meu, e eu o encontrei muito agitado quando fui até lá depois do café da manhã. Se os ladrões tivessem invadido a casa de contabilidade, ainda precisariam enfrentar os cofres, de forma que a defesa foi consideravelmente mais forte do que o ataque. De fato, o último parece ter sido bastante formidável. Duas das janelas inferiores têm marcas como se um cinzel ou um instrumento semelhante tivesse sido empurrado sob elas para forçar a abertura. A polícia deve ter uma boa pista, pois a madeira tinha sido pintada de verde no dia anterior, e pelas manchas, é evidente que parte passou para as mãos ou as roupas do criminoso.

16:30. Ah, aquela maldita mulher! Aquela três vezes maldita mulher! Não importa! Ela não me derrotará! Não, ela não o fará! Mas, ah, aquela diaba! Tomou minha cátedra. Agora, tomará minha honra. Não há nada que eu possa fazer contra ela, nada além de... Ah, mas com o quanto que estou nervoso, não consigo pensar nisso!

Foi há cerca de uma hora que entrei em meu quarto, e estava penteando o cabelo diante do espelho, quando de repente meus olhos repousaram sobre algo que me deixou tão enjoado e frio que me sentei na beira da cama e comecei a chorar. Faz um longo ano desde que derramei lágrimas, mas todos os meus nervos se foram e só pude chorar e chorar com luto e ódio impotentes. Ali estava meu casaco doméstico, aquele que costumo vestir após

o jantar, pendurado no cabide perto do armário, com a manga direita pesadamente manchada do pulso ao cotovelo com pinceladas de tinta verde.

Então, foi isso o que ela quis dizer com mais uma volta no parafuso! Primeiro fez de mim um imbecil em público. Agora me marcaria como um criminoso. Dessa vez fracassara. Mas e quanto à próxima? Não ousou pensar nisso — e em Agatha e minha pobre e velha mãe! Queria estar morto!

Sim, essa foi a outra volta no parafuso. E foi também o que ela quis dizer, sem dúvida, quando afirmou que eu ainda não tinha percebido o poder que tinha sobre mim. Revejo o registro de minha conversa com ela e percebo como declara que com o leve uso da força de vontade dela, o objeto estaria consciente e, com uso mais forte, inconsciente. Na noite passada, eu estava inconsciente. Podia ter jurado que dormi profundamente na cama sem sequer sonhar. No entanto, aquelas manchas me dizem que me vesti, saí, tentei abrir as janelas do banco e retornei. Fui visto? É possível que alguém tenha me visto fazer aquilo e me seguiu até minha casa? Ah, que inferno minha vida se tornou! Não tenho paz, nenhum descanso. Mas minha paciência está chegando ao fim.

22 horas. Limpei o casaco com terebintina. Não acho que alguém poderia ter me visto. Foi com a chave de fenda que fiz as marcas. Eu a encontrei toda coberta de tinta e a limpei. Minha cabeça dói como se fosse estourar, e tomei cinco grãos de antipirético. Se não fosse por Agatha, teria tomado cinquenta e acabado com isso.

3 de maio. Três dias pacatos. Essa inimiga infernal é como um gato com um rato. Ela me solta apenas para me golpear de novo. Nunca me sinto tão assustado quanto quando está tudo calmo. Meu estado físico é deplorável — soluço eterno e ptose da pálpebra esquerda.

Soube que as Marden voltarão no dia depois de amanhã. Não sei se estou feliz ou triste. Estavam a salvo em Londres, mas aqui podem ser arrastados para a rede miserável na qual me debato. Devo contar a elas sobre isso. Não posso me casar com Agatha enquanto souber que não sou responsável por minhas ações. Sim, preciso contar a elas, mesmo que acabe com tudo entre nós.

Esta noite há o baile da universidade, e preciso ir. Deus sabe que jamais me senti menos disposto para festividades, mas não posso deixar que se diga que não estou em condições de aparecer em público. Se for visto lá e conversar com alguns dos catedráticos da universidade, ajudará muito a mostrar a eles que seria injusto tirar minha cadeira de mim.

23:30. Fui ao baile. Charles Sadler e eu fomos juntos, mas voltei antes dele. Esperarei acordado por Sadler, no entanto, pois, de fato, temo ir dormir estas noites. Ele é um sujeito alegre e prático, e uma conversa me acalmará os nervos. No todo, a noite foi um enorme sucesso. Falei com todos que têm influência, e acho que os fiz perceber que minha cadeira ainda não está completamente vazia. A criatura estava no baile — incapaz de dançar, é claro, mas sentada com a sra. Wilson. Diversas vezes, os olhos dela repousaram sobre mim. Quase foram a última coisa que vi antes de deixar o salão. Em certo momento, eu estava sentado de lado em relação a ela, observei-a e vi que o olhar da srta. Penelosa estava seguindo outra pessoa. Era Sadler, que dançava no momento com a segunda srta. Thurston. A julgar pela expressão dela, é bom para Sadler que não esteja nas garras dela como eu estou. Ele não sabe do que escapou. Acho que ouço os passos dele na rua agora, e vou descer para deixá-lo entrar. Se ele quiser...

4 de maio. Por que parei daquela forma ontem à noite? Jamais cheguei a descer, ao que parece — ou pelo menos não me lembro de fazê-lo. Mas, por outro lado, não me lembro de deitar. Uma de minhas mãos está terrivelmente inchada esta manhã, mas não lembro de tê-la ferido ontem. Tirando isso, estou me sentindo muito melhor com a festividade de ontem à noite. Mas não consigo entender como é que não encontrei Charles Sadler quando pretendia tão avidamente fazê-lo. Seria possível — meu Deus, é provável demais! Será que ela me guiou em alguma dança demoníaca de novo? Descerei até Sadler para perguntar a ele.

Meio-dia. A coisa chegou a uma crise. Minha vida não vale a pena. Mas, se morrer, ela também virá. Não a deixarei para trás para enlouquecer outro homem como me enlouqueceu. Não, cheguei ao limite de minha tolerância. Ela me tornou o homem mais desesperado e perigoso que caminha pela Terra. Deus sabe que jamais tive coragem de ferir uma mosca. No entanto, se colocasse as mãos naquela mulher, ela não deixaria este quarto com vida. Eu a verei hoje mesmo, e a criatura aprenderá o que esperar de mim.

Fui até Sadler e o encontrei, para minha surpresa, na cama. Quando entrei, ele se sentou e virou para mim com uma expressão que me deixou enjoadado.

— Ora, Sadler, o que aconteceu? — gritei, mas meu coração esfriou quando falei.

— Gilroy — respondeu Sadler, murmurando com os lábios inchados —, há algumas semanas tenho a impressão de que você está louco. Agora sei que

está, e que é perigoso também. Não fosse pelo fato de que não quero fazer um escândalo na faculdade, você agora estaria nas mãos da polícia.

— Quer dizer... — gritei.

— Quero dizer que quando abri a porta ontem à noite você correu contra mim, me golpeou com os dois punhos no rosto, me derrubou, me chutou violentamente na lateral do corpo e me deixou caído, quase inconsciente, na rua. Olhe para sua mão, que serve de testemunha contra você.

Sim, ali estava, inchada, com as articulações esponjosas, como se após um golpe terrível. O que eu poderia fazer? Embora ele tivesse me tachado de louco, precisava contar tudo. Eu me sentei na cama de Sadler e contei meus problemas desde o início. Desembuchei tudo, com mãos trêmulas e palavras incandescentes que poderiam ter levado convicção ao mais cético.

— Ela odeia você e me odeia! — gritei. — Ela se vingou ontem à noite de nós dois de uma só vez. Viu quando fui embora do baile, e deve ter visto você também. Sabia quanto tempo levaria para que você chegasse em casa. Então, só precisou usar a vontade maligna. Ah, seu rosto ferido é algo pequeno perto de minha alma ferida!

Sadler ficou chocado com minha história. Isso estava evidente.

— Sim, sim, ela me viu sair do salão — murmurou ele. — É capaz disso. Mas seria possível que reduziu você a isto? O que pretende fazer?

— Acabar com isso! Estou desesperado. Darei um aviso hoje, e a próxima vez será a última.

— Não faça nada precipitado.

— Precipitado! A única coisa precipitada é que eu adie mais uma hora. — Com isso, corri para meu quarto e aqui estou, à beira do que pode ser a grande crise de minha vida. Devo começar imediatamente. Ganhei uma coisa hoje, pois fiz um homem, pelo menos, perceber a verdade sobre esse meu monstruoso experimento. Se o pior acontecer, esse diário permanece como prova do que me incitou.

Noite. Quando fui à casa de Wilson, fui levado para cima e vi que ele estava sentado com a srta. Penelosa. Por meia hora, precisei aturar a conversa agitada de Wilson sobre a pesquisa recente a respeito da natureza exata do êxtase espiritual, enquanto a criatura e eu nos sentávamos em silêncio olhando um para o outro, de cada lado da sala. Vi uma diversão sinistra nos olhos da mulher, e ela devia ter visto ódio e ameaça nos meus. Tinha perdido as esperanças de conversar com ela quando Wilson foi chamado da sala e fomos deixados sozinhos por alguns momentos.

— Ora, professor Gilroy... ou seria sr. Gilroy? — falou a srta. Penelosa, com aquele sorriso amargo. — Como está seu amigo, o sr. Charles Sadler, depois do baile?

— Sua diaba! Chegou ao fim de seus truques agora. Não os aceitarei mais. Ouça o que eu digo. — Caminhei pela sala e sacudi a mulher pelos ombros. — Tão certo quanto há um Deus no céu, juro que se tentar mais uma de suas diabruras sobre mim, tomarei sua vida por isso. Venha o que vier, tomarei sua vida. Cheguei ao fim do que um homem pode suportar.

— As contas não estão acertadas entre nós — ameaçou ela, com uma paixão que se igualava à minha. — Posso amar e posso odiar. Você teve sua escolha. Escolheu repudiar o primeiro. Agora precisa testar o segundo. Será preciso um pouco mais para destruir seu espírito, vejo, mas será destruído. A srta. Marden volta amanhã, pelo que sei.

— O que isso tem a ver com você? É uma distração que você sequer ouse pensar nela. Se eu desconfiar de que você a ferirá...

A srta. Penelosa estava assustada, eu podia ver, embora tentasse controlar. Ela leu o pensamento obscuro em minha mente e se encolheu diante de mim.

— Ela é sortuda por ter tal amor. Você de fato ousa ameaçar uma mulher solitária. Devo parabenizar a srta. Marden pelo protetor dela.

As palavras soaram amargas, mas a voz e os modos foram ainda mais ácidos.

— Não adianta falar — afirmei. — Só vim aqui para dizer a você, e para dizer com seriedade, que seu próximo ultraje contra mim será o último. — Com isso, ao ouvir os passos de Wilson nas escadas, saí da sala. Sim, ela podia parecer venenosa e mortal, mas, apesar disso, está começando a ver que tem tanto a temer de mim quanto eu dela. Assassinato! Soa feio. Mas não se fala em assassinar uma cobra ou assassinar um tigre. Que ela se cuide agora.

5 de maio. Encontrei Agatha e a mãe dela na estação às onze horas. Está tão radiante, tão alegre, tão linda. E estava tão feliz ao me ver. O que fiz para merecer tal amor? Voltei para casa com elas, e almoçamos juntos. Todos os problemas pareceram, por um momento, terem sido levados de minha vida. Ela me diz que estou pálido, parecendo preocupado e doente. Aquela querida criança atribui minha condição à minha solidão e à negligência de uma criada. Rezo para que jamais saiba a verdade! Que a sombra, se houver sombra, se deite, sempre escura, sobre minha vida, e deixe a dela sob o sol. Acabo de voltar da casa de Agatha, sentindo-me como um novo homem.

Com ela ao meu lado, acho que poderia mostrar coragem para qualquer coisa que a vida me lance.

17 horas. Agora, deixe-me tentar ser preciso. Deixe-me tentar dizer exatamente como ocorreu. Está fresco em minha mente, e posso registrar corretamente, embora não seja provável que virá o dia em que me esquecerei do ocorrido hoje.

Tinha voltado da casa das Marden depois do almoço e estava cortando algumas seções microscópicas em meu micrótomo de congelação quando, em um instante, perdi a consciência da forma súbita e odiosa que se tornou tão familiar para mim ultimamente.

Quando recobrei os sentidos, estava sentado em um pequeno aposento, muito diferente daquele em que estive trabalhando. Era aconchegante e iluminado, com sofás cobertos de chita, cortinas coloridas e milhares de pequenos bibelôs na parede. Um pequeno relógio ornamental tiquetaqueava diante de mim, e os ponteiros marcavam três e meia. Era tudo bastante familiar para mim, mas encarei por um momento, de uma forma meio confusa, até que meus olhos recaíram sobre uma fotografia de mim mesmo sobre o piano. Do outro lado estava uma da srta. Marden. Então, é claro, me lembrei de onde estava. Estava no quarto de Agatha.

Mas como cheguei ali, o que eu queria? Um pesar terrível tomou meu coração. Tinha sido mandado para lá em alguma tarefa demoníaca? Será que a tarefa já fora cumprida? Com certeza sim. Caso contrário, por que me seria permitido recobrar a consciência? Ah, a agonia daquele momento! O que eu tinha feito? Saltei de pé desesperado e, quando o fiz, um pequeno frasco de vidro caiu de meus joelhos no tapete.

Estava incólume quando o peguei. No exterior estava escrito “Ácido Sulfúrico. Forte”. Quando abri a tampa de vidro redonda, uma fumaça forte subiu devagar, e um cheiro pungente e sufocante tomou o quarto. Eu o reconheci como aquele que guardava para testes químicos em meu quarto. Mas por que trouxera um frasco de vitríolo para o quarto de Agatha? Não era com aquele líquido espesso e fétido que mulheres ciumentas destruíam a beleza das rivais? Meu coração pareceu parar quando segurei o frasco contra a luz. Graças a Deus, estava cheio! Nenhum mal tinha sido feito ainda. Mas se Agatha tivesse entrado um minuto antes, não teria sido certo que a parasita infernal dentro de mim teria jogado a coisa nela? Ah, não suportarei pensar nisso! Mas devia ser esse o propósito. Por que mais eu o teria trazido? Ao

pensar no que eu poderia ter feito, meus nervos exaustos cederam e me sentei, trêmulo e me contorcendo, os restos miseráveis de um homem.

Foi o som da voz e o farfalhar do vestido dela que me recompuseram. Ergui o rosto e vi os olhos azuis de Agatha, tão cheios de carinho e pena, olhando para mim.

— Precisamos levar você para o campo, Austin — falou Agatha. — Precisa de descanso e paz. Parece terrivelmente doente.

— Ah, não é nada! — respondi, tentando sorrir. — Foi apenas uma fraqueza momentânea. Estou bem de novo agora.

— Sinto muito por manter você esperando. Pobre rapaz, deve ter ficado aqui uma meia hora! O vigário estava no escritório e, como eu sabia que não gosta dele, achei melhor que Jane o trouxesse para cá. Achei que o homem jamais iria embora!

— Graças a Deus que ele ficou! Graças a Deus que ele ficou! — gritei, histérico.

— Por quê? O que há com você, Austin? — perguntou Agatha, segurando meu braço conforme eu cambaleei ao me levantar da cadeira. — Por que está tão feliz que o vigário ficou? E o que é essa garrafinha na sua mão?

— Nada — berrei, colocando-a no bolso. — Mas preciso ir. Tenho algo importante a fazer.

— Como você parece sério, Austin! Nunca vi seu rosto assim. Está irritado?

— Sim, estou irritado.

— Mas comigo?

— Não, não, querida! Você não entenderia.

— Mas não me disse por que veio.

— Vim perguntar se sempre me amará, não importa o que eu faça, ou que sombra possa recair sobre meu nome. Acreditaria e confiaria em mim, por mais que as aparências possam estar contra seu noivo?

— Sabe que sim, Austin.

— Sim, sei que sim. O que farei será por você. Sou compelido a isso. Não há outra forma, minha cara! — Beijei Agatha e saí correndo do quarto.

A época de indecisão chegar ao fim. Contanto que a criatura ameaçasse minhas perspectivas e minha honra, haveria uma dúvida quanto ao que eu deveria fazer. Mas agora, quando Agatha — minha inocente Agatha — estava em perigo, meu dever estava por fim diante de mim como uma estrada bifurcada. Não tinha arma, mas isso jamais me impediu. De que arma

precisaria, quando sentia cada músculo trêmulo com a força de um homem em frenesi? Corri pelas ruas, tão determinado no que deveria fazer que estava apenas vagamente consciente quando encontrei com o professor Wilson, correndo com igual pressa, pela direção oposta. Sem fôlego, mas determinado, cheguei à casa e toquei a campainha. Uma criada de bochechas lívidas abriu a porta e ficou ainda mais pálida quando viu o rosto que a olhava de volta.

— Leve-me imediatamente até a srta. Penelosa — exige.

— Senhor... — arquejou a mulher. — A srta. Penelosa morreu essa tarde, às três e meia!

Mary E. Braddon

Mary Elizabeth Braddon (1835-1915) é reconhecida como a mais entusiasmada e produtiva de todas as romancistas-sensação do século XIX. Depois do enorme sucesso de *Lady Audley's Secret* (em 1862) veio *Aurora Floyd*, *Eleanor's Victory*, *Sir Jasper's Tenant*, e quase setenta outros romances populares. Foi amiga próxima de Bram e Florence Stoker durante muitos anos. Quando escreveu para Stoker em 23 de junho de 1897 parabenizando-o por *Drácula*, acrescentou: “Conversaremos mais a respeito em breve! Depois que eu tiver lido com seriedade e refletido sobre ele. Tenho minha entediante história sobre transfusão com a boa Lady Ducayne — mas sua ‘dama branca’...!”. “A boa Lady Ducayne”, da srta. Braddon, apareceu na revista *Strand Magazine* em fevereiro de 1896, com belas ilustrações de Gordon Browne, filho de “Phiz”. Não foi reimpressa em nenhum dos livros subsequentes dela.

A BOA LADY DUCAYNE

I

BELLA ROLLESTON tinha decidido que a única forma de ter um ganha-pão e ajudar a mãe com uma migalha ocasional seria sair pelo grande mundo desconhecido como companheira de uma dama. Estava disposta a recorrer a qualquer senhora rica o suficiente para lhe pagar um salário, e excêntrica o bastante para desejar uma companhia contratada. Cinco xelins relutantemente separados daqueles vinte que eram tão raros à mãe e filha e que se dissolviam tão rápido, cinco sólidos xelins, foram entregues a uma senhora bem-vestida em um escritório em West Harbeck Street na esperança de que essa mesma Pessoa Superior encontrasse uma situação e um salário para a srta. Rolleston.

A Pessoa Superior olhou para as duas meias-coroas sobre a mesa, para o local em que a mãe de Bella as tinha colocado, para se certificar de que não eram florins, antes de escrever a descrição das qualificações e dos requerimentos de Bella com uma letra formidável.

— Idade? — perguntou a mulher, ríspidamente.

— Dezoito em julho passado.

— Alguma habilidade?

— Não. Não tenho habilidade alguma. Se tivesse, gostaria de ser governanta, uma dama de companhia para o estágio mais inferior.

— Temos algumas damas muito habilidosas em nossos livros como damas de companhia ou acompanhantes supervisoras.

— Ah, eu sei! — tagarelou Bella, loquaz com seu candor da juventude. — Mas é algo bem diferente. Mamãe não pode comprar um piano desde que eu tinha 12 anos, então creio que tenha me esquecido como se toca. Como precisei ajudar mamãe com a costura, não tive muito tempo para estudar.

— Por favor, não desperdice tempo explicando o que não pode fazer, mas tenha a bondade de me contar o que pode fazer — falou a Pessoa Superior, devastadora, com a caneta apoiada entre dedos delicados esperando para

escrever. — Pode ler em voz alta durante duas ou três horas seguidas? É ativa e prestativa e acorda cedo, caminha bem, de temperamento dócil, obediente?

— Posso dizer sim a todas as perguntas, exceto com relação a ser dócil. Acho que tenho um temperamento muito bom, e estou ansiosa a obedecer a qualquer um que pague por meus serviços. Gostaria que sentissem que mereço meu salário.

— O tipo de senhoras que vêm até mim não gostaria de uma companheira faladeira — apontou a Pessoa, severamente, depois de terminar de escrever no livro. — Minha conexão está principalmente entre a aristocracia e, naquela classe, deferência considerável é esperada.

— Ah, é claro, mas é muito diferente quando estou falando com você. Quero lhe contar a meu respeito de uma vez por todas.

— Fico feliz porque será apenas uma vez! — disse a Pessoa, pelo canto da boca.

A Pessoa era de idade indefinida, bem coberta por um vestido de seda preta. Tinha compleição esbranquiçada pelo pó e um belo punhado de cabelo de outra pessoa no alto da cabeça. Talvez o frescor e a vivacidade joviais de Bella tivessem um efeito irritante nos nervos enfraquecidos por oito horas por dia naquele segundo andar superaquecido em Harbeck Street. Para Bella, o apartamento oficial, com o carpete de Bruxelas, cortinas e cadeiras de veludo e um relógio francês tiquetaqueando alto sobre a chaminé de mármore sugeria o luxo de um palácio em comparação com outro segundo andar em Walworth, onde a sra. Rolleston e a filha tinham conseguido sobreviver durante os últimos seis anos.

— Acha que tem alguma coisa em seus contatos que me serviria? — quis saber Bella, hesitante, depois de uma pausa.

— Ah, querida, não. Não tenho nada à vista no momento — respondeu a Pessoa, que tinha arrastado as meias-coroas de Bella para uma gaveta, distraidamente, com as pontas dos dedos. — Veja bem, você é tão crua... tão jovem para ser companheira de uma dama de posição. É uma pena não ter educação o suficiente para governanta de crianças... seria mais condizente.

— E acha que levará muito tempo até que me consiga uma situação? — perguntou Bella, duvidosa.

— Realmente não sei dizer. Tem algum motivo em especial por estar tão impaciente... não um caso amoroso, espero?

— Um caso amoroso! — gritou Bella, com as bochechas inflamadas. — Que absurdo. Quero uma situação porque mamãe é pobre e detesto ser um

fardo para ela. Quero um salário que possa dividir com ela.

— Não haverá muito para dividir com o salário que você provavelmente conseguirá com sua idade, com seus... modos bastante toscos — disse a Pessoa, que achava as bochechas cor de peônia, os olhos alegres e a vivacidade irredutível de Bella cada vez mais opressivos.

— Talvez possa ter a bondade de me devolver a taxa para que eu leve até uma agência onde a conexão não é tão aristocrática — falou Bella, que, conforme tinha dito à mãe no ensaio para a entrevista, estava determinada a não ser deixada de lado.

— Não encontrará agência que possa fazer mais por você do que a minha — respondeu a Pessoa, cujos dedos tortos jamais recusavam dinheiro. — Precisarás esperar por sua oportunidade. Seu caso é excepcional, mas pensarei em você e, se algo adequado aparecer, escreverei. Não posso dizer mais do que isso.

O aceno em parte arrogante daquela cabeça majestosa, acrescida do peso do cabelo emprestado, indicou o fim da entrevista. Bella voltou para Walworth — bateu os pés severamente a cada centímetro do caminho pela tarde de setembro — e imitou a Pessoa Superior para diversão da mãe e da senhoria, que permanecera na pequena sala de estar surrada depois de trazer a bandeja de chá para aplaudir a imitação da srta. Rolleston.

— Minha cara, minha cara, que bela imitadora ela é! — exclamou a senhoria. — Deveria ter deixado que se apresentasse no palco, querida. Talvez tivesse feito fortuna como atriz.

II

BELLA AGUARDOU e torceu, e ouviu as batidas do carteiro que traziam um punhado de cartas para os apartamentos do térreo e do primeiro andar, e tão poucas para aquele humilde segundo andar, onde mãe e filha se sentavam, costurando com as mãos e com a roca e o pedal, na maior parte do dia. A sra. Rolleston era uma dama por nascimento e educação, mas tivera a má sorte de se casar com um patife — durante os últimos seis anos, fora a pior das viúvas, uma esposa cujo marido a abandonara. Ainda bem que era corajosa e trabalhadeira e uma boa costureira, e conseguira se manter, com a única filha, fazendo mantas e casacos para uma casa na região de West End. Não era uma

vida luxuosa. Alojamento barato em uma rua aos pedaços vicinal à Walworth Road, jantares escassos, comida caseira, roupas surradas, era essa a vida de mãe e filha — mas se amavam tão profundamente, e a natureza fizera as duas tão alegres que elas davam um jeito de ser felizes.

Mas agora essa ideia de sair pelo mundo como companheira de uma senhora rica tinha se enraizado na mente de Bella e, embora idolatrasse a mãe — e embora a separação entre mãe e filha sem dúvida fizesse em pedaços dois corações que se amavam —, a menina ansiava pela empreitada, e pela mudança e a agitação, assim como os pajens de outrora desejavam ser cavaleiros, e partir para a Terra Sagrada para cruzar lanças com o infiel.

Ela ficou cansada de correr escada abaixo sempre que o carteiro batia apenas para ouvir “nada para você, senhorita” do criado de rosto sujo que pegava as cartas do chão do corredor.

— Nada para você, senhorita — repetiu, sorrindo, o criado do alojamento, até que, por fim, Bella tomou coragem, foi até Harbeck Street e perguntou à Pessoa Superior como era possível que nenhuma situação tivesse sido encontrada para ela.

— Você é jovem demais — disse a Pessoa —, e quer um salário.

— É claro que quero — respondeu Bella. — Outras pessoas não querem salários?

— Moças da sua idade geralmente querem um lar confortável.

— Eu não — disparou Bella. — Quero ajudar mamãe.

— Pode voltar aqui em uma semana, ou, se eu souber de algo dentro desse tempo, escreverei.

Nenhuma carta veio da Pessoa e, em exatamente uma semana, Bella colocou o melhor chapéu, aquele que raramente tomara chuva, e foi andando até Harbeck Street.

Era uma tarde escura de outubro, e havia um cinza no ar que poderia se transformar em névoa antes da noite. As lojas da Walworth Road reluziam fortemente em meio àquela atmosfera cinzenta e, embora para uma jovem criada em Mayfair ou Belgravia as vitrines daquelas lojas pudessem ser indignas de um olhar, eram uma armadilha e uma tentação para Bella. Havia tantas coisas que ela desejava, e jamais poderia comprar.

Harbeck Street costuma estar vazia durante essa estação morta do ano, uma rua muito, muito longa, uma perspectiva infinita de casas eminentemente respeitáveis. O escritório da Pessoa ficava na ponta mais afastada, e Bella olhou para o fim daquela paisagem longa e cinzenta quase em desespero,

mais cansada do que o habitual com a caminhada de Walworth. Enquanto olhava, uma carruagem passou, uma carruagem antiquada, amarela, com as molas em formato de “c”, puxada por dois cavalos cinza, com o cocheiro mais imponente conduzindo-os, e um alto criado de libré sentado ao lado dele.

Parece a carruagem da fada madrinha, pensou Bella. Imagino se não começou como uma abóbora.

Foi uma surpresa quando Bella chegou à porta da Pessoa e encontrou a carruagem amarela parada diante dela, e o alto criado de libré à espera perto da porta. Bella quase teve medo de entrar e conhecer a dona daquela esplêndida carruagem. Vira apenas de relance, quando a carruagem passou, um chapéu de plumas e um trecho de pele de arminho.

O esperto pajem da Pessoa a levou para cima e bateu à porta do escritório.

— Srta. Rolleston — anunciou o homem, como se pedisse desculpas, enquanto Bella esperava do lado de fora.

— Deixe-a entrar — disse a Pessoa, rapidamente, e então Bella a ouviu murmurar algo em voz baixa para a cliente.

Bella entrou com seu frescor, radiante, a personificação da juventude e da esperança, e, antes de olhar para a Pessoa, seu olhar foi atraído para a dona da carruagem.

A moça jamais vira alguém tão velha quanto a senhora sentada diante da lareira da Pessoa: uma figurinha idosa, envolta do queixo aos pés em um manto de arminho — com o rosto velho e enrugado sob o chapéu de plumas, tão surrado pela idade que parecia apenas um par de olhos e um queixo proeminente. O nariz também era proeminente, mas entre o queixo pontiagudo e os grandes olhos brilhantes, o pequeno nariz aquilino mal se podia ver.

— Esta é a srta. Rolleston, Lady Ducayne.

Dedos como garras, brilhando com joias, levaram óculos de lentes duplas até os olhos pretos brilhantes de Lady Ducayne e, pelos óculos, Bella viu aqueles olhos sobrenaturalmente brilhantes aumentados a um tamanho gigante, e olhando de modo terrível para ela.

— A srta. Torpinter me contou tudo a seu respeito — disse a velha voz que pertencia aos olhos. — Tem boa saúde? É forte e ativa e capaz de comer bem, dormir bem, caminhar bem, capaz de aproveitar tudo que há de bom na vida?

— Jamais soube o que é estar doente ou ociosa — respondeu Bella.

— Então, acho que servirá para mim.

— É claro, caso as referências sejam perfeitamente satisfatórias — intrometeu-se a Pessoa.

— Não quero referências. A moça parece honesta e inocente. Eu a aceitarei sob confiança.

— Tão típico de você, cara Lady Ducayne — murmurou a srta. Torpinter.

— Quero uma jovem forte cuja saúde não me cause problemas.

— Foi tão infeliz nesse aspecto — comentou a Pessoa, cuja voz e os modos tinham recuado até uma doçura derretida com a presença da mulher.

— Sim, fui bastante desafortunada — resmungou Lady Ducayne.

— Mas tenho certeza de que a srta. Rolleston não a desapontará, apesar da experiência com a srta. Tomson, que parecia o retrato da saúde, e a srta. Blandy, que disse jamais ter visto um médico depois de ter sido vacinada...

— Mentiras, sem dúvida — murmurou Lady Ducayne, e então, ao se virar para Bella, perguntou, rispidamente: — Não se importa de passar o inverno na Itália, suponho?

Na Itália! A própria palavra era mágica. O belo rosto jovem de Bella corou.

— É o sonho de minha vida ver a Itália — falou ela, arquejando.

De Walworth para a Itália! Como tal jornada parecera distante, impossível, para aquela sonhadora romântica.

— Bem, seu sonho pode se realizar. Prepare-se para partir de Charing Cross no trem de luxo em uma semana, às onze horas. Certifique-se de estar na estação quinze minutos antes da hora. Meu pessoal cuidará de você e da bagagem.

Lady Ducayne se levantou da cadeira, com a ajuda da bengala, e a srta. Torpinter a acompanhou até a porta.

— E com relação ao salário? — indagou a Pessoa no caminho.

— Salário, ah, o mesmo de sempre, e se a jovem quiser o pagamento do trimestre adiantado, pode me escrever pedindo o cheque — respondeu Lady Ducayne, despreocupadamente.

A srta. Torpinter desceu com a cliente e esperou que ela se sentasse na carruagem amarela. Quando retornou, estava levemente sem fôlego e tinha retomado os modos de superioridade que Bella achava tão avassaladores.

— Pode se achar incomumente sortuda, srta. Rolleston — disse a srta. Torpinter. — Tenho dezenas de moças em meus livros que poderia ter recomendado para essa situação, mas lembrei que tinha dito que viesse essa tarde e pensei em lhe dar uma oportunidade. A velha Lady Ducayne é uma

das melhores pessoas em meus livros. Paga cem por ano para a companheira e cobre todas as despesas de viagem. Viverá no luxo.

— Cem por ano! Isso é bom demais! Precisarei me vestir com muita pompa? Lady Ducayne entretém muito?

— Na idade dela! Não, vive em reclusão, no próprio apartamento, com a criada francesa, o cocheiro, o médico, o mensageiro.

— Por que as outras companheiras a deixaram?

— A saúde delas lhes falhou!

— Pobrezinhas, então precisaram partir?

— Sim, precisaram partir. Suponho que gostaria do salário do trimestre adiantado?

— Ah, sim, por favor. Terei coisas a comprar.

— Muito bem, escreverei pedindo o cheque de Lady Ducayne, e o mandarei a você, após deduzir minha comissão pelo ano.

— Sim, claro, tinha me esquecido da comissão.

— Não acha que mantenho esse escritório por prazer.

— É claro que não — murmurou Bella, lembrando-se dos cinco xelins de taxa de admissão. Mas ninguém poderia esperar cem por ano e um inverno na Itália por cinco xelins.

III

Da srta. Rolleston, em Cap Ferrino, para a sra. Rolleston, em Beresford Street, Walworth.

Como queria que pudesse ver este lugar, minha querida. O céu azul, o bosque de oliveiras, os laranjais e os limoeiros entre os penhascos e o mar — abrigando-se na fenda das grandes colinas — e com ondas de verão dançando até a estreita faixa de pedras e plantas, que é a noção italiana de uma praia! Ah, como queria que pudesse ver tudo, querida mãe, e se

deliciar nesse sol, que torna tão difícil crer na data que encabeça esta folha de papel. Novembro! O ar é como o de um junho inglês — o sol está tão quente que não consigo andar alguns metros sem uma sombrinha. Ao pensar em você em Walworth enquanto estou aqui! Poderia chorar ao pensar que talvez jamais veja essa linda costa, esse maravilhoso mar, essas flores de verão que florescem no inverno. Há uma sebe de gerânios rosa sob minha janela, mãe — uma sebe espessa e viçosa, como se as flores fossem selvagens —, e há rosas “gloire de Dijon” subindo por arcos e paliçadas ao longo de todo o pátio — um jardim de rosas florido em novembro! Apenas imagine! Jamais poderia imaginar o luxo desse hotel. É quase novo, e foi construído e decorado sem preocupação com as despesas. Nossos aposentos são decorados com cetim azul-pálido, o que ressalta a compleição envelhecida de Lady Ducayne, mas como ela se senta o dia todo em um canto da varanda tomando sol, exceto quando está na carruagem, e a noite toda na poltrona próxima ao fogo, e jamais vê ninguém exceto os próprios empregados, a compleição dela importa muito pouco.

Tem a mais linda suíte de quartos no hotel. Meu quarto fica dentro do dela, o quarto mais belo — todo de cetim azul e renda branca —, com mobília esmaltada branca, espelhos em todas as paredes, até

que eu conheça meu perfil atrevido como nunca. O quarto fora, na verdade, destinado a ser o toucador de Lady Ducayne, mas ela pediu que um dos sofás de cetim azul fosse arrumado como uma cama para mim — a cama mais linda, que posso arrastar para perto da janela nas manhãs ensolaradas, pois fica sobre rodas e pode ser movida sem dificuldade. Sinto como se Lady Ducayne fosse uma avó engraçada que subitamente surgiu em minha vida, muito, muito rica, e muito, muito bondosa.

Ela não é nada exigente. Leio bastante em voz alta para ela, e Lady Ducayne cochila e balança a cabeça enquanto o faço. Às vezes, a ouço gemer no sono — como se tivesse sonhos perturbados. Quando está cansada de minhas leituras, pede a Francine, a aia, que leia um romance francês para ela, e ouço os risos e os gemidos de vez em quando, como se estivesse mais interessada naqueles livros do que em Dickens ou Scott. Meu francês não é bom o suficiente para acompanhar Francine, que lê muito rápido. Tenho bastante liberdade, pois Lady Ducayne me diz para sair e me divertir. Perambulo pelas colinas durante horas. Tudo é tão lindo. Eu me perco nos bosques de oliveira, sempre subindo mais e mais na direção da floresta de pinheiros, e depois dos pinheiros há montanhas nevadas que exibem apenas os picos brancos acima das

colinas escuras. Ah, pobrezinha de você, como posso fazer com que entenda como é esse lugar — você, cujos pobres olhos cansados têm apenas o lado oposto de Beresford Street para ver? Às vezes não passo do pátio diante do hotel, que é um lugar favorito de relaxamento para todos. Os jardins ficam abaixo, e as quadras de tênis, onde às vezes jogo com uma menina muito legal, a única pessoa no hotel com quem fiz amizade. É um ano mais velha do que eu, e veio a Cap Ferrino com o irmão, um médico — ou estudante de medicina, que será médico. Ele passou no exame da ordem dos médicos em Edimburgo logo antes de partirem de casa, Lotta me contou. Ele veio para a Itália só por causa da irmã. Ela teve um ataque preocupante no peito no verão passado e foi recomendado um inverno fora. São órfãos, sozinhos no mundo, e tão afeitos um ao outro. É muito bom que eu tenha uma amiga como Lotta. Ela é tão respeitável. Não consigo deixar de usar essa palavra, pois algumas das jovens desse hotel se portam de uma forma que sei que faria você estremecer. Lotta foi criada por uma tia, bem no interior do país, e não sabe quase nada sobre a vida. O irmão não a deixa ler um romance, francês ou inglês, que não tenha lido e aprovado antes.

“Ele me trata como criança”, disse Lotta para mim, “mas não me importo, pois é bom saber que alguém me

ama, e que se importa com o que faço, e até mesmo com meus pensamentos”.

Talvez seja isso o que torna algumas moças tão ansiosas para se casar — o anseio por alguém forte e corajoso e honesto e verdadeiro, que se importe com elas e lhes dê ordens. Não quero ninguém, querida mãe, pois tenho você, e você é o mundo para mim. Nenhum marido jamais poderia se colocar entre nós duas. Se algum dia me casasse, ele teria apenas o segundo lugar em meu coração. Mas não suponho que algum dia me casarei, ou sequer saberei o que é receber um pedido de casamento. Nenhum rapaz tem condições de se casar com uma moça sem um centavo hoje em dia. A vida é cara demais.

O sr. Stafford, irmão de Lotta, é muito inteligente e muito bondoso. Acha que é bastante difícil para mim ter de viver com uma mulher tão velha quanto Lady Ducayne, mas, por outro lado, não sabe o quanto somos pobres — você e eu — e como me parece maravilhosa a vida nesse belo lugar. Sinto-me desprezível e egoísta por aproveitar todos os meus luxos enquanto você, que precisa deles muito mais do que eu, não tem nenhum — mal sabe como são, não é, querida? — pois meu pai cafajeste começou a apostar nos cães logo depois de se casarem, e desde então a vida foi problemas e cuidados e luta para você.

ESSA CARTA FOI ESCRITA quando Bella estava há menos de um mês em Cap Ferrino, antes que a novidade tivesse desgastado a paisagem, e antes que o prazer dos arredores luxuosos tivesse começado a enjoar. Ela escrevia toda semana para a mãe, cartas tão longas quanto apenas jovens que viveram próximas da mãe podem escrever — cartas que são como um diário de coração e mente. Ela escrevia alegremente sempre, mas, quando o novo ano começou, a sra. Rolleston achou que detectou um tom de melancolia por baixo de todos aqueles detalhes vívidos sobre o lugar e as pessoas.

Minha pobre menina está com saudades de casa, pensou ela. O coração de Bella está em Beresford Street.

Talvez fosse porque sentia falta da nova amiga e companheira, Lotta Stafford, que se fora com o irmão para um breve passeio por Gênova e Spezzia, até Pisa. Deveriam retornar antes de fevereiro — mas, enquanto isso, Bella se sentia muito solitária entre todos aqueles estranhos cujos modos e cujas ações ela descrevia tão bem.

O instinto materno estava certo. Bella não estava tão feliz quanto durante aquela primeira descarga de espanto e prazer que acompanhara a mudança de Walworth para o Riviera. De alguma forma, não sabia como, o cansaço a tomara. Não amava mais subir as colinas, não mais agitava o galho de laranjeira com pura alegria no coração conforme os pés leves saltitavam pelo solo áspero e a grama espessa na encosta da montanha. O odor de alecrim e tomilho, e o sopro fresco do mar não mais a enchiam de felicidade. Bella pensava em Beresford Street e no rosto da mãe com um anseio doentio, estavam tão longe — tão longe! E então ela pensava em Lady Ducayne, sentada ao lado dos galhos de oliveira empilhados no salão superaquecido — pensava naquele perfil de quebra-nozes murcho e naqueles olhos brilhantes, com um terror invencível.

Visitantes do hotel tinham dito que o ar de Cap Ferrino era relaxante — mais adequado à idade do que à juventude, à doença do que à saúde. Sem dúvida que era. Bella não estava tão bem quanto estivera em Walworth, mas disse a si mesma que sofria apenas da dor da separação da querida companheira de sua infância, a mãe que fora enfermeira, irmã, amiga, lisonjeira, todas as coisas do mundo para ela. Bella derramara muitas lágrimas por causa daquela separação, passara muitas horas melancólicas no pátio de mármore com olhos desejosos voltados para o oeste, com um anseio no coração a milhares de quilômetros de distância.

Estava sentada no local preferido, uma quina na ponta leste do pátio, uma reentrância silenciosa protegida por laranjeiras, quando ouviu dois *habitués* do Riviera conversando no jardim abaixo. Estavam sentados em um banco contra a parede da varanda.

Bella não tinha intenção de ouvir a conversa, até que o som do nome de Lady Ducayne atraiu sua atenção, e então ela ouviu sem qualquer intenção maliciosa. Não estavam contando segredos — apenas conversando sobre uma conhecida do hotel.

Eram duas pessoas idosas que Bella conhecia apenas de vista. Um clérigo inglês que passara o inverno fora durante metade da vida e uma solteirona rechonchuda, confortável, bem de vida, cuja bronquite crônica a obrigava a migrar todos os anos.

— Eu a encontrei pela Itália durante os últimos dez anos — falou a dama —, mas jamais descobri a verdadeira idade dela.

— Dou a ela cem anos, e nem um a menos — respondeu o clérigo. — As lembranças dela chegam ao período regencial. Estava evidentemente em seu auge na época, e a ouvi dizer coisas que mostram que esteve na sociedade parisiense quando o Primeiro Império estava em sua melhor época, antes de Josephine se divorciar.

— Ela não fala muito agora.

— Não, não lhe resta muita vida. É sábia por se manter reclusa. Apenas me pergunto por que aquele velho e cruel charlatão, o médico italiano dela, não lhe tirou a vida anos atrás.

— Acho que deve ser o contrário, e que ele a mantém viva.

— Minha cara srta. Manders, acha que charlatanismo estrangeiro algum dia já manteve alguém com vida?

— Bem, lá está ela... e nunca vai a lugar algum sem ele. Com certeza, o homem tem um ar desagradável.

— Desagradável — repetiu o clérigo —, não acredito que o próprio demônio possa vencê-lo em feiura. Sinto pena daquela pobre jovem que precisa viver entre a velha Lady Ducayne e o dr. Parravicini.

— Mas a velha é muito boa com suas companheiras.

— Sem dúvida. É bastante desapegada do dinheiro. Os criados a chamam de “boa Lady Ducayne”. É uma versão feminina, velha e enrugada de Crespo, e sabe que jamais conseguirá gastar todo o dinheiro. Não gosta da ideia de outros se utilizando dele quando ela estiver no caixão. As pessoas que vivem até a idade dela se apegam à vida como se escravizadas. Ouso dizer que é

generosa com as pobres meninas, mas não pode fazê-las felizes. As jovens morrem a serviço dela.

— Não diga as jovens, sr. Carton. Sei de uma pobre menina que morreu em Mentone na primavera passada.

— Sim, e outra pobre moça morreu em Roma há três anos. Eu estava lá na época. A boa Lady Ducayne a deixou lá com uma família inglesa. A moça teve todo conforto. A velha deu muitas liberdades a ela, mas a jovem morreu. Estou dizendo, srta. Manders, não é bom para qualquer moça viver com dois horrores como Lady Ducayne e Parravicini.

Eles conversaram sobre outras coisas — mas Bella mal ouviu. Ela ficou sentada, imóvel, e um vento frio pareceu soprar sobre ela das montanhas e espreitar, vindo do mar, até que a jovem estremeceu ali mesmo, sentada à luz do sol, sob o abrigo das laranjeiras em meio a toda aquela beleza e luz.

Sim, eram bizarros, de fato, aqueles dois — ela tão parecida com uma bruxa aristocrática em sua velhice enrugada; ele sem idade definida, com um rosto que era mais como uma máscara de cera do que qualquer fisionomia humana que Bella tinha visto. O que importava? A velhice é venerável, e digna de toda reverência, e Lady Ducayne fora muito bondosa com ela. O dr. Parravicini era um estudante inofensivo que raramente tirava os olhos do livro que estava lendo. Tinha uma sala de estar particular, onde fazia experimentos de química e ciências naturais — talvez de alquimia. O que importava a Bella? Ele sempre fora educado com ela, daquela forma distante. Bella não podia estar mais satisfeita com a situação — naquele hotel majestoso, com a velha rica.

Sem dúvida, sentia falta da jovem inglesa que fora tão amigável e talvez sentisse falta do irmão da jovem, pois o sr. Stafford conversara bastante com Bella — se interessara pelos livros que lia, e pela forma com que a jovem se divertia quando não estava de serviço.

— Deve vir para nosso pequeno salão quando estiver “de folga”, como chamam as enfermeiras do hospital, e podemos ouvir música. Sem dúvida, você toca e canta? — A isso, Bella precisou admitir com um rubor de vergonha que tinha se esquecido de como se tocava o piano há eras.

— Mamãe e eu costumávamos tocar duetos às vezes à noite, sem acompanhamento — respondeu Bella, e seus olhos se encheram de lágrimas quando ela pensou na humilde sala, no descanso de meia hora do trabalho, na máquina de costura onde deveria haver um piano, e na voz melancólica da mãe dela, tão doce, tão verdadeira, tão querida.

Às vezes, Bella se perguntava se algum dia veria a amada mãe de novo. Presságios estranhos lhe vinham à mente. Sentia raiva de si mesma por se entregar a pensamentos melancólicos.

Um dia, interrogou a aia francesa de Lady Ducayne a respeito das duas companheiras que tinham morrido nos últimos três anos.

— Eram pobres criaturas frágeis — disse Francine a ela. — Pareciam jovens e bastante alegres quando vieram até milady, mas comiam demais e eram preguiçosas. Morreram de luxúria e ócio. Milady foi boa demais com elas. Não tinham nada para fazer, então começaram a imaginar coisas, imaginar que o ar não lhes fazia bem, que não conseguiam dormir.

— Durmo muito bem, mas tive um sonho estranho por várias vezes desde que cheguei à Itália.

— Ah, é melhor não começar a pensar em sonhos, ou será como aquelas moças. Eram sonhadoras, e sonharam até o cemitério.

O sonho incomodava um pouco Bella não porque era terrível ou assustador, mas por causa de sensações que ela jamais sentira antes no sono — um ranger de rodas que giravam no cérebro dela, um ruído alto como um tufão, mas rítmico como o tique-taque de um relógio gigante. Então, no meio desse caos de ventos e ondas, ela parecia mergulhar em um bolsão de inconsciência, para fora do sono em direção a um sono muito mais profundo — total extinção. E então, depois daquele intervalo vazio, vinha o ruído de vozes, e novamente o ranger de rodas, mais e mais alto — e de novo o vazio — e então Bella não via mais nada até a manhã, quando acordava, sentindo-se lânguida e oprimida.

Ela relatou o sonho para o dr. Parravicini certo dia, na única ocasião em que quis o conselho profissional dele. Sofrera gravemente com os mosquitos antes do Natal — e quase se assustara ao encontrar um ferimento no braço que só podia atribuir à picada venenosa de um daqueles torturadores. Parravicini colocou os óculos e avaliou a marca violenta no braço branco e redondo de Bella, enquanto ela estava de pé diante dele e de Lady Ducayne com a manga puxada acima do cotovelo.

— Sim, isso é mais do que uma brincadeira — comentou o médico —, ele a pegou no alto de uma veia. Que vampiro! Mas nenhum mal foi feito, *signorina*, nada que um pequeno curativo meu não cure. Deve sempre me mostrar qualquer mordida dessa natureza. Pode ser perigoso se negligenciada. Essas criaturas se alimentam de veneno e o disseminam.

— E de pensar que criaturas tão minúsculas podem morder assim — disse Bella. — Meu braço parece ter sido cortado por uma faca.

— Se eu mostrasse o ferrão de um mosquito sob meu microscópio, você não se surpreenderia com isso — respondeu Parravicini.

Bella precisou aturar as mordidas de mosquito, mesmo quando apareciam sobre uma veia e produziam aquela ferida horrível. As feridas eram recorrentes, a intervalos consideráveis, e Bella encontrou no curativo do dr. Parravicini uma cura rápida. Se ele fosse o charlatão que os inimigos diziam ser, tinha ao menos a mão leve e um toque delicado quando realizava aquela pequena operação.

De Bella Rolleston para a sra. Rolleston — 14 de abril.

Minha querida — veja o cheque do salário do meu segundo trimestre, 25 libras. Não há ninguém para abocanhar dez libras pela comissão de um ano como da última vez, então é tudo seu, mamãe querida. Tenho bastante dinheiro para despesas da quantia em espécie que trouxe comigo, quando você insistiu que eu ficasse com mais do que queria. Não é possível gastar dinheiro aqui — exceto com gorjetas ocasionais para criados, ou esmolas para pedintes e crianças — a não ser que se tenha muito a gastar, pois tudo aquilo que alguém poderia querer comprar — casco de tartaruga, corais, renda — é tão ridiculamente caro que apenas um milionário poderia olhar para essas coisas. A Itália é um sonho de beleza, mas, para fazer compras, prefiro Newington Causeway.

Você me pergunta tão sinceramente se estou bem que temo que minhas cartas tenham sido muito entediantes. Sim, querida, estou bem — mas não estou tão forte quanto estava quando caminhava pela região de West End para comprar 250 gramas de chá — apenas para uma caminhada — ou até Dulwich para ver os quadros. A Itália é relaxante, e sinto-me como o que as pessoas aqui chamam “relaxada”. Mas imagino seu querido rosto preocupado conforme lê isto. De fato, e de fato, não estou doente. Estou apenas um pouco cansada dessa linda paisagem — como suponho que se deva cansar de ver um dos quadros de Turner se pendesse eternamente da parede adiante. Penso em você a toda hora, todos os dias — penso em você e em nosso aconchegante quarto — nossa pequena, querida e surrada sala, com as poltronas dos resquícios de seu velho lar, e Dick cantando na gaiola dele acima da máquina de costura. O querido, esganiçado, enlouquecedor Dick, um capricho nosso, era tão apaixonadamente afeito a nós. Por favor, diga na próxima carta que ele está bem.

Minha amiga Lotta e seu irmão jamais voltaram, no fim das contas. Foram de Pisa a Roma. Mortais felizes! E devem ir aos lagos italianos em maio — que lago ainda não foi decidido quando Lotta me escreveu pela última vez. Ela tem sido uma adorável correspondente

e confidenciou todos os breves flertes a mim. Vamos todos a Bellaggio semana que vem — perto de Gênova e Milão. Não é encantador? Lady Ducayne viaja pelas rotas mais fáceis — exceto quando está entocada em um trem de luxo. Pararemos por dois dias em Gênova e um em Milão. Que tédio serei para você com minhas conversas sobre a Itália quando voltar para casa.

Com muito amor — e ainda mais amor, de sua Bella, que a adora.

IV

HERBERT STAFFORD e a irmã conversavam sobre a bela menina inglesa de compleição saudável, a qual dava um toque tão agradável de coloração rosada em meio àqueles postos macilentos no Grand Hotel. O jovem médico pensava nela com um carinho piedoso — na completa solidão da moça naquele enorme hotel onde havia tanta gente, nas amarras daquela mulher tão idosa, enquanto todos eram livres para pensar em nada e apenas aproveitar a vida. Era um destino difícil, e a pobre criança era evidentemente devotada à mãe, e sentia a dor da separação. *Apenas as duas, e tão pobres, e significam o mundo todo uma para a outra*, pensou ele.

Lotta disse ao irmão certa manhã que eles deveriam se encontrar de novo em Bellaggio.

— A velha e a corte dela chegarão antes de nós — explicou ela. — Ficarei encantada ao ver Bella novamente. Ela é tão radiante e alegre, apesar da ocasional saudade de casa. Jamais me afeiçoei a uma jovem tão rápido quanto a ela.

— Gosto mais dela quando mostra saudades de casa — falou Herbert —, pois é quando tenho certeza de que tem um coração.

— O que você sabe de corações exceto pela dissecação? Não se esqueça de que Bella é pobre. Ela me disse em confidência que a mãe faz mantas para

uma loja na região de West End. Dificilmente se chega mais ao fundo do poço do que isso.

— Não pensaria menos dela se a mãe fabricasse caixas de fósforo.

— Não no sentido abstrato, é claro que não. Caixas de fósforo são um trabalho honesto. Mas você não poderia se casar com uma moça cuja mãe faz mantas.

— Ainda não chegamos a considerar essa questão — respondeu Herbert, que gostava de provocar a irmã.

Com dois anos de prática hospitalar, ele vira muito das sombrias realidades da vida para ter qualquer preconceito com classe. Câncer, tuberculose, gangrena, doenças que fazem um homem ter pouco respeito pelas diferenças externas que diversificam a máscara da humanidade. O núcleo é sempre o mesmo — temerosa e maravilhosamente criado —, um objeto de pena e terror.

O sr. Stafford e a irmã chegaram em Bellaggio em uma bela noite de maio. O sol se punha conforme o vapor se aproximava do píer, e toda aquela glória das flores roxas que sobem em cada parede nessa estação do ano ruborizava e se intensificava à luz tênue. Um grupo de damas estava de pé no píer observando as chegadas e, entre elas, Herbert viu um rosto pálido que o assustou e lhe arrancou a compostura habitual.

— Ali está ela — murmurou Lotta, de braço dado com o irmão —, mas como está terrivelmente mudada. Ela parece arrasada.

Estavam apertando a mão de Bella minutos depois, e um rubor iluminou o pobre rosto contraído da jovem com o prazer da reunião.

— Achei que viriam esta noite — falou Bella. — Estamos aqui há uma semana.

Ela não acrescentou que fora até o píer toda noite ver o barco chegar, e muitas outras vezes durante o dia. O hotel Grand Bretagne ficava perto, e fora fácil para Bella escapulir até o píer quando o sino do barco soava. Ela sentiu uma alegria ao reencontrar aquelas pessoas, uma sensação de estar com amigos, uma confiança que a bondade de Lady Ducayne jamais lhe inspirara.

— Ah, pobre querida, como deve ter ficado terrivelmente doente — exclamou Lotta, quando as duas jovens se abraçaram.

Bella tentou responder, mas a voz estava embargada com lágrimas.

— Qual é o problema, querida? Aquela terrível influenza, suponho?

— Não, não, não estive doente, apenas tenho me sentido mais fraca do que costumava. Não acho que o ar de Cap Ferrino me fez muito bem.

— Deve ter lhe feito abominavelmente mal. Nunca vi tamanha mudança em ninguém. Deixe que Herbert a examine. Ele é perfeitamente qualificado, sabe. Tratou de tantos pacientes com influenza em Londres. Ficaram felizes por receber conselhos de um médico inglês de forma amigável.

— Tenho certeza de que é muito inteligente! — hesitou Bella. — Mas não há problema algum. Não estou doente e, se estivesse doente, o médico de Lady Ducayne...

— Aquele homem horrível com o rosto amarelo? Preferiria que um dos Bórgia me passasse uma receita. Espero que não tenha tomado nenhum dos remédios dele.

— Não, querida, não tomei nada. Não reclamei de estar doente.

Isso foi dito conforme os três caminhavam para o hotel. Os aposentos dos Stafford tinham sido reservados com antecedência, belos quartos no térreo, que se abriam para o jardim. Os apartamentos mais majestosos de Lady Ducayne ficavam no andar acima.

— Acho que estes aposentos ficam logo abaixo dos nossos — observou Bella.

— Então, será mais fácil para você descer até nós — respondeu Lotta, o que não era exatamente verdade, pois a grandiosa escada ficava no centro do hotel.

— Ah, será fácil o bastante — comentou Bella. — Temo que terão muito de minha companhia. Lady Ducayne dorme metade do dia nesse clima quente, então tenho bastante tempo livre, e fico tão deprimida ao pensar em mamãe e em meu lar.

A voz dela falhou na última palavra. Não teria pensado naquele pobre alojamento que recebia a denominação de lar com mais carinho do que se fosse o mais belo que a arte e a riqueza tivesse criado. Bella se deprimia e se lamentava naquele adorável jardim, com o lago iluminado pelo sol e as colinas românticas espalhando sua beleza diante dela. Estava com saudades de casa e tinha sonhos, ou melhor, uma ocasional recorrência daquele único pesadelo, com todas as sensações estranhas — era mais como uma alucinação do que um sonho, o ranger das rodas, mergulhar no abismo, lutar para voltar à consciência. Bella teve o sonho logo antes de deixar Cap Ferrino, mas não desde que fora a Bellaggio, e começou a torcer para que o ar naquele distrito de lagos lhe fizesse melhor e que aquelas estranhas sensações jamais voltassem.

O sr. Stafford escreveu uma receita e mandou fazer no boticário perto do hotel. Era um tônico poderoso e, depois de dois frascos, e uma ou duas remadas no lago, além de uma perambulação pelas colinas e os campos onde as flores de primavera faziam a terra parecer o paraíso, o humor e a aparência de Bella melhoraram como se por mágica.

— É um tônico maravilhoso — disse Bella, mas talvez no fundo do coração soubesse que a voz carinhosa do médico e a mão amiga que a ajudara a entrar e sair do barco, e os cuidados zelosos que a acompanharam por terra e lago tivessem algo a ver com a cura.

— Espero que não se esqueça que a mãe dela faz mantas — disse Lotta, em aviso.

— Ou caixas de fósforo, é a mesma coisa, até onde sei.

— Quer dizer que em nenhuma circunstância pensaria em se casar com ela?

— Quero dizer que, se algum dia amar uma mulher ao ponto de pensar em me casar com ela, riquezas ou classe não terão valor para mim. Mas temo... temo que sua pobre amiga não viva para ser esposa de homem algum.

— Acha que ela está tão doente assim?

Ele suspirou e deixou a pergunta sem resposta.

Certo dia, enquanto colhiam jacintos selvagens em um campo alto, Bella contou ao sr. Stafford sobre o pesadelo.

— É curioso apenas porque mal parece um sonho — explicou ela. — Ouso dizer que se poderia encontrar alguma racionalidade para ele no senso-comum. A posição de minha cabeça no travesseiro, ou a atmosfera, ou algo.

Então Bella descreveu as sensações: como, no meio do sono, vinha uma sensação súbita de sufocamento, as rodas rangendo, tão altas, tão terríveis, e depois um vazio, na sequência um retorno à consciência para o estado desperto.

— Já recebeu clorofórmio, de um dentista, por exemplo?

— Nunca... o dr. Parravicini me fez essa pergunta uma vez.

— Há pouco tempo?

— Não, há muito tempo, quando estávamos no trem de luxo.

— O dr. Parravicini lhe prescreveu algo desde que começou a se sentir fraca e doente?

— Ah, ele me deu um tônico umas vezes, mas detesto remédios e tomei muito pouco da coisa. Por outro lado, não estou doente, apenas mais fraca do que costumava ser. Eu era ridiculamente forte e saudável quando vivia em

Walworth, e costumava fazer longas caminhadas todos os dias. Mamãe me obrigava a fazer aquelas caminhadas até Dulwich ou Norwood, por medo que eu sofresse por ficar demais à máquina de costura. Às vezes, mas muito raramente, ela ia comigo. Costumava ficar trabalhando em casa enquanto eu aproveitava ar fresco e os exercícios. E tomava muito cuidado com nossa comida, por mais que fosse simples, deveria ser sempre nutritiva e variada. Devo aos cuidados de mamãe ter me tornado uma criatura tão grande e forte.

— Não parece grande ou forte agora, pobrezinha — falou Lotta.

— Creio que a Itália não me faz bem.

— Talvez não seja a Itália, mas estar entocada com Lady Ducayne que a deixou doente.

— Mas jamais fico entocada. Lady Ducayne é incrivelmente bondosa e me permite perambular ou me sentar na varanda o dia todo, se eu quiser. Li mais romances desde que me juntei a ela do que em toda minha vida.

— Então é muito diferente das idosas comuns, que costumam escravizar os funcionários — observou Stafford. — Eu me pergunto por que leva uma dama de companhia se tem tão pouca necessidade de interação.

— Ah, sou apenas parte das propriedades dela. Lady Ducayne é incomumente rica, e o salário que me dá nem conta. A respeito do dr. Parravicini, sei que é um médico inteligente, pois cura minhas terríveis mordidas de mosquito.

— Um pouco de amônia faria isso, no estágio inicial da mordida. Mas não há mosquitos para incomodá-la agora.

— Ah, se há. Fui mordida logo antes de deixarmos Cap Ferrino.

Ela puxou a manga larga e mostrou a cicatriz, que Herbert observou com atenção, com uma expressão surpresa e confusa.

— Isso não é mordida de mosquito — falou Herbert.

— Ah, é sim, a não ser que haja cobras ou víboras em Cap Ferrino.

— Não é sequer uma mordida. Está brincando comigo. Srta. Rolleston, permitiu que aquele desprezível charlatão italiano realizasse uma sangria em você. Mataram o maior homem da Europa moderna assim, lembre-se disso. Como é tola.

— Jamais fiz uma sangria na vida, sr. Stafford.

— Besteira! Deixe-me ver o outro braço. Há mais mordidas de mosquito?

— Sim. O dr. Parravicini diz que tenho a pele ruim para cicatrização e que o veneno age de forma mais virulenta comigo do que com a maioria das pessoas.

Stafford examinou os dois braços de Bella sob o sol, as cicatrizes novas e antigas.

— Você recebeu mordidas muito feias, srta. Rolleston — disse ele —, e se algum dia encontrar o mosquito, darei uma lição nele. Mas por enquanto, diga-me, minha cara, me dê sua palavra de honra, conte como contaria a uma amiga que está sinceramente ansiosa por sua saúde e felicidade, como contaria a sua mãe se ela estivesse aqui para perguntar, tem algum conhecimento de qualquer causa para essas cicatrizes, exceto mordidas de mosquito, qualquer suspeita?

— De forma alguma! Não, por minha honra! Jamais vi um mosquito morder meu braço. Nunca se vê esses terríveis diabinhos. Mas já os ouvi zumbindo sob as cortinas e sei que tive uma dessas pestes zumbindo em volta de mim.

Mais tarde, naquele dia, Bella e os amigos estavam tomando chá no jardim enquanto Lady Ducayne fazia o passeio da tarde com o médico dela.

— Por quanto tempo pretende ficar com Lady Ducayne, srta. Rolleston? — perguntou Herbert Stafford, depois de um silêncio pensativo, interrompendo subitamente a conversa trivial das duas moças.

— Por quanto tempo me pagar 25 libras por trimestre.

— Mesmo que sinta sua saúde falhando enquanto a serve?

— Não é o serviço que prejudicou minha saúde. Pode ver que não tenho nada para fazer. De fato, leio em voz alta por uma hora ou mais, uma ou duas vezes por semana, escrevo uma carta ocasionalmente para um comerciante inglês. Jamais terei o tempo tão livre com outra pessoa. Além disso, ninguém mais me pagará cem libras por ano.

— Então, pretende prosseguir até se destruir... Morrer no trabalho?

— Como as duas outras damas de companhia? Não! Se algum dia me sentir gravemente doente, doente de verdade, pegarei um trem e voltarei para Walworth sem hesitar.

— O que houve com as outras duas damas?

— Ambas morreram. Foi um grande infortúnio para Lady Ducayne. Por isso ela me contratou, me escolheu porque eu era corada e robusta. Deve se sentir bastante desapontada porque fiquei pálida e fraca. Aliás, quando contei a ela sobre o bem que seu tônico me fez, disse que gostaria de vê-lo e conversar sobre o caso dela.

— E eu gostaria de ver Lady Ducayne. Quando ela disse isso?

— Antes de ontem.

— Perguntaria se ela gostaria de me ver esta noite?

— Com prazer! Imagino o que achará dela... Ela tem uma aparência terrível para um estranho, mas o dr. Parravicini diz que um dia foi uma beldade famosa.

Eram quase dez horas quando o sr. Stafford foi chamado por Lady Ducayne, cujo mensageiro o conduziu até o salão da senhora. Bella estava lendo em voz alta quando o visitante foi recebido, e ele reparou no abatimento nos tons baixos e doces, o esforço evidente.

— Feche o livro — disse a voz idosa e rabugenta. — Está começando a arrastar as palavras como a srta. Blandy.

Stafford viu uma pequena figura curvada sobre os galhos de oliveira empilhados — uma figura idosa e encolhida com um belo traje de brocado preto e carmesim, um pescoço magro se elevando da massa de renda veneziana antiga, envolta em diamantes que brilhavam como vaga-lumes conforme a velha cabeça trêmula se voltava na direção do médico.

Os olhos que encararam Stafford eram quase tão brilhantes quanto os diamantes — a única coisa viva naquela máscara fina de papel. O médico vira rostos terríveis no hospital — rostos nos quais a doença estampara máscaras horrorosas —, mas jamais vira um rosto que o impressionara tão dolorosamente quanto aquela compleição murcha, com o horror indescritível da morte conquistada, um rosto que deveria estar oculto sob a tampa de um caixão há muitos e muitos anos.

O médico italiano estava de pé do outro lado da lareira, fumando um cigarro e olhando para a minúscula velha curvada sobre a lareira como se estivesse orgulhoso dela.

— Boa noite, sr. Stafford. Pode ir para seu quarto, Bella, e escrever a infinita carta para sua mãe em Walworth — disse Lady Ducayne. — Creio que ela escreva uma página sobre cada flor selvagem que descobre no bosque e nos campos. Não sei o que mais consegue encontrar para escrever — acrescentou, conforme Bella se retirou em silêncio para o belo quarto dentro do espaçoso apartamento de Lady Ducayne. Ali, como em Cap Ferrino, a jovem dormia em um quarto adjacente ao da velha.

— Você é um homem da medicina, pelo que soube, sr. Stafford.

— Sou um médico qualificado, mas não comecei a exercer.

— Começou em minha dama de companhia, como ela me contou.

— Prescrevi para ela, de fato, e fico feliz ao saber que minha receita lhe fez bem. Mas vejo essa melhora como temporária. O caso dela requererá um

tratamento mais drástico.

— Esqueça o caso dela. Não há nada de errado com a moça, absolutamente nada, exceto baboseiras de menina: liberdade demais e pouco trabalho.

— Entendo que duas das companheiras anteriores da senhora morreram da mesma doença — falou Stafford, olhando primeiro para Lady Ducayne, que acenou impacientemente com a velha cabeça trêmula, então para Parravicini, cuja compleição amarelada tinha empalidecido um pouco sob o escrutínio de Stafford.

— Não me incomode com minhas companheiras, senhor — respondeu Lady Ducayne. — Mande chamá-lo para uma consulta sobre mim mesma, não um bando de meninas anêmicas. Você é jovem, e a medicina é uma ciência progressista, pelo que dizem os jornais. Onde estudou?

— Em Edimburgo... e em Paris.

— Duas boas escolas. Conhece todas as novas teorias, as descobertas modernas, que lembram as bruxarias medievais de Albertus Magnus e George Ripley. Estudou hipnose, eletricidade?

— E a transfusão de sangue — falou Stafford, muito devagar, olhando para Parravicini.

— Fez alguma descoberta que ensina a prolongar a vida humana, algum elixir, algum tipo de tratamento? Quero minha vida prolongada, rapaz. Aquele homem ali tem sido meu médico há trinta anos. Ele faz o possível para me manter viva, dentro de seu conhecimento. Estuda todas as novas teorias de todos os cientistas, mas é velho. Fica mais velho a cada dia, está perdendo a capacidade cerebral, é preconceituoso, não consegue conceber novas ideias, não consegue entender novos sistemas. Vai me deixar morrer se eu não tomar cuidado.

— Você é de uma ingratidão inacreditável — retrucou Parravicini.

— Ah, não precisa reclamar. Paguei muito a você para que me mantivesse viva. Cada ano de minha vida engordou seus cofres. Sabe que não receberá nada depois que eu morrer. Minha fortuna inteira será deixada para um lar para mulheres pobres de qualidade que chegaram aos 90 anos. Vamos lá, sr. Stafford, sou uma mulher rica. Me dê mais alguns anos sob o sol, mais alguns anos sobre a Terra, e darei a você o valor de um requintado consultório em Londres. Vou acomodá-lo na região de West End.

— Quantos anos tem, Lady Ducayne?

— Nasci no dia em que Luís XVI foi guilhotinado.

— Então, acho que já aproveitou sua parcela de luz do sol e dos prazeres da Terra, e que deveria gastar os dias que lhe restam se arrependendo de seus pecados e tentando compensar as jovens que foram sacrificadas pelo seu amor à vida.

— O que quer dizer com isso, senhor?

— Ah, Lady Ducayne, preciso colocar sua crueldade e a crueldade ainda maior de seu médico em palavras mais simples? A pobre garota que você agora emprega foi reduzida de uma saúde robusta para uma condição de perigo absoluto pela cirurgia experimental do dr. Parravicini, e não tenho dúvidas de que as outras duas jovens que sucumbiram a seu serviço foram tratadas por ele da mesma maneira. Eu poderia demonstrar por conta própria — com evidências bastante convincentes, a um júri de homens da medicina — que o dr. Parravicini está realizando sangrias na srta. Rolleston, depois de fazê-la desmaiar com clorofórmio, a determinados intervalos, desde que a moça está a seu serviço. A deterioração na saúde dela fala por si só. As marcas de bisturi nos braços da moça são inconfundíveis, e a descrição dela de uma série de sensações, as quais a srta. Rolleston chama de um sonho, aponta indubitavelmente para a administração de clorofórmio enquanto ela dormia. Uma prática tão nefasta, tão assassina, deve, se exposta, resultar em uma sentença apenas menos severa do que a punição por assassinato.

— Acho graça — falou Parravicini, com um gesto despreocupado dos dedos magros — de suas teorias e de suas ameaças. Eu, Parravicini Leopold, não temo que a lei possa questionar nada do que fiz.

— Leve a moça embora e não me faça mais ouvir sobre ela — gritou Lady Ducayne, com a voz fina e idosa que combinava tão pouco com a energia e o fogo do velho cérebro maligno que dominava aqueles impropérios. — Que volte para a mãe, não quero mais moças para morrer a meu serviço. Há moças de sobra pelo mundo, Deus sabe.

— Se algum dia empregar outra companhia, ou aceitar outra jovem inglesa a seu serviço, Lady Ducayne, farei a Inglaterra inteira ecoar a história de sua crueldade.

— Não quero mais jovens. Não acredito nos experimentos dele. São cheios de perigos tanto para mim quanto para a moça. Uma bolha de ar e morrerei. Não quero mais desse charlatanismo perigoso. Encontrarei outro homem, um homem melhor do que você, senhor, um desbravador como Pasteur ou Virchow, um gênio para me manter viva. Leve sua jovem embora, rapaz. Case-se com ela, se quiser. Escreverei para ela um cheque de mil libras e

deixarei que parta e viva de carne e cerveja, e que fique forte e rechonchuda de novo. Não farei mais tais experimentos. Ouviu, Parravicini? — gritou Lady Ducayne, em tom vingativo, com o rosto amarelado e enrugado deformado pela fúria, os olhos irritadiços para ele.

OS STAFFORD LEVARAM Bella Rolleston para Varese no dia seguinte. Ela não gostou nada de deixar Lady Ducayne, cujo salário liberal pagava tanta ajuda para sua querida mãe. Herbert Stafford insistiu, no entanto, tratando Bella com a mesma frieza de um médico de família, e ela fora entregue aos totais cuidados dele.

— Acredita que sua mãe a deixaria aqui para morrer? — perguntou Herbert. — Se a sra. Rolleston soubesse o quanto você está doente, viria às pressas buscá-la.

— Jamais melhorarei enquanto não retornar a Walworth — respondeu Bella, que estava desanimada e afeita às lágrimas naquela manhã, uma reação depois do bom humor do dia anterior.

— Tentaremos uma ou duas semanas em Varese primeiro — comentou Stafford. — Quando conseguir subir até a metade do Monte Generoso, sem sentir qualquer palpitação, voltará a Walworth.

— Pobre mãe, como ficará feliz ao me ver e desapontada por eu ter perdido uma posição tão boa.

Essa conversa aconteceu no barco, enquanto partiam de Bellaggio. Lotta fora até o quarto da amiga às sete horas daquela manhã, muito antes que as pálpebras murchas de Ducayne se abrissem para a luz do dia, antes de até mesmo Francine, a aia francesa, estar de pé, e a ajudou a fazer a mala com o essencial. Então, apressou Bella escada abaixo e porta afora antes que a jovem apresentasse qualquer resistência extenuante.

— Tudo bem — assegurou-lhe Lotta. — Herbert teve uma boa conversa com Lady Ducayne ontem à noite e ficou acertado que você partiria esta manhã. Ela não gosta de inválidos, entende.

— Não — suspirou Bela. — Ela não gosta de inválidos. Foi um infortúnio que eu me arrasasse, como a srta. Tomson e a srta. Blandy.

— De toda forma, não está morta, como elas — replicou Lotta —, e meu irmão diz que você não vai morrer.

Parecia algo terrível ser dispensada daquela forma repentina, sem uma palavra de despedida da patroa.

— Eu me pergunto o que dirá a srta. Torpinter quando eu for até ela em busca de outra situação — especulou Bella, pesarosa, enquanto ela e os amigos tomavam café da manhã a bordo do vapor.

— Talvez jamais queira outra situação — falou Stafford.

— Quer dizer que nunca estarei bem o bastante para ser útil a ninguém?

— Não, não quero dizer nada disso.

Foi depois do jantar em Varese, quando Bella fora levada a tomar uma taça inteira de Chianti — e ficou bastante zozza depois daquele estimulante ao qual não estava habituada —, que o sr. Stafford tirou uma carta do bolso.

— Esqueci de lhe dar a carta de *adieu* de Lady Ducayne! — falou ele.

— O quê? Ela escreveu para mim? Fico tão feliz, odiei ter partido de uma forma tão fria, pois, afinal de contas, foi muito bondosa comigo e, se eu não gostava dela, era apenas porque era terrivelmente velha.

Bella abriu o envelope. A carta era breve e objetiva: “Adeus, criança. Vá e se case com seu médico. Junto segue um presente de despedida para seu enxoval. Adeline Ducayne”

— Cem libras, o salário de um ano inteiro... não... ora, é... Um cheque de mil libras! — gritou Bella. — Que velha alma generosa! Ela é realmente uma coisinha bondosa e velha.

— Ela apenas sentirá falta de estar perto de você, Bella — comentou Stafford.

Ele tinha passado a usar o primeiro nome de Bella enquanto estavam a bordo do navio. Parecia natural agora que a moça estava sob os cuidados do médico, até que os três voltassem para a Inglaterra.

— Eu me encarregarei dos privilégios de um irmão mais velho até chegarmos a Dover — disse Stafford. — Depois disso... bem, deve ser como você quiser.

A questão do relacionamento futuro deles deve ter sido satisfatoriamente resolvida antes de cruzarem o canal, pois a carta seguinte de Bella à mãe comunicava três fatos surpreendentes.

Primeiro, que o cheque que seguia de mil libras deveria ser investido em debêntures no nome da sra. Rolleston e seria dela, como salário principal, pelo resto da vida.

Segundo, que Bella voltaria imediatamente para Walworth.

Por fim, que se casaria com o sr. Herbert Stafford no outono seguinte.

“E tenho certeza de que o adorará, mamãe, tanto quanto eu”, escreveu Bella. “Foi tudo por causa da boa Lady Ducayne. Jamais poderia ter me

casado se não tivesse conseguido esse sustento para você. Herbert diz que conseguiremos aumentar o montante conforme os anos passarem e que, onde quer que vivamos, sempre haverá um quarto em nossa casa para você. A palavra ‘sogra’ não o apavora.”

Sabine Baring-Gould

Sabine Baring-Gould (1834-1924), nobre e clérigo de Lew Trenchard, será sempre associado aos grandiosos hinos que escreveu, em especial “Onward, Christian Soldiers”, mas foi incrivelmente prolífico em outros ramos da literatura, incluindo romances, biografias, livros religiosos e de viagens e estudos sobre antiguidades e folclore. A fascinante obra *The Book of Were-Wolves: Being an Account of a Terrible Superstition* [O livro dos lobisomens: o relato de uma terrível superstição] (1865), continha muitos relatos supostamente verdadeiros a respeito tanto de lobisomens quanto de vampiros, e ainda é uma das mais importantes sobre o assunto. Bram Stoker usou tanto esse livro quanto *Curious Myths of the Middle Ages* [Mitos curiosos da Idade Média] enquanto pesquisava lendas e folclore do leste europeu antes de escrever *Drácula*. “Um dedo morto” foi publicado como série na revista semanal *Woman*, em 21 de abril, 28 de abril e 5 de maio em 1897, um mês antes da primeira edição de *Drácula*, e foi reimpresso na coletânea de contos sobrenaturais de Baring-Gould: *A Book of Ghosts* [O livro dos fantasmas] (1904).

UM DEDO MORTO

I

POR QUE A National Gallery não atrai tantos visitantes quanto, digamos, o Museu Britânico, não sei explicar. O último não contém muito que, se poderia supor, atraia o interesse do visitante comum. O que dizer de pedras pré-históricas e ossos arranhados? De esculturas assírias? De hieróglifos egípcios? Os estatuários grego e romano são frios e mortos. As pinturas na National Gallery brilham com cores e estão imbuídas de vida. No entanto, por algum motivo, alguns transeuntes cansados perambulam bocejando, enquanto multidões enchem os corredores do Museu Britânico, e conversam e trocam observações sobre os objetos ali expostos, sobre a data e o significado a respeito dos quais não fazem a menor ideia.

Eu estava pensando nessa questão, e tentando desvendar tal enigma certa manhã enquanto me sentava na sala dos mestres ingleses da grande coleção em Trafalgar Square. No mesmo momento, outro pensamento surgiu em minha mente. Eu passara pelas salas dedicadas às escolas estrangeiras e então entrara naquela destinada a Reynolds, Morland, Gainsborough, Constable e Hogarth. A manhã fora promissora durante um tempo, mas perto do meio-dia uma densa neblina tingida de ferrugem descera, tornando quase impossível ver os quadros, e absolutamente impossível lhes fazer justiça. Eu estava cansado, então me sentei em uma das cadeiras e caí na reflexão, a princípio, sobre por que a National Gallery não é tão popular quanto deveria ser; e, em seguida, por que a Escola Britânica não tinha período inicial, como as escolas da Itália e dos Países Baixos. Podemos ver a arte do pintor desde a primeira iniciação na península italiana, e entre os flamengos. Ele inicia seu progresso como uma criança, e podemos acompanhar cada estágio do crescimento. Não é assim com a arte inglesa. Ela ganha vida com maturidade total e esplêndida. Quem havia antes de Reynolds e Gainsborough e Hogarth? Os grandes nomes dos pintores de retratos e de objetos que deixaram suas telas nas paredes de nossas casas de campo são estrangeiros: Holbein, Kneller, Van

Dyck e Lely como retratistas; Monnoyer para obras sobre flores e frutas. Paisagens, objetos-figuras, todos eram importações, nenhum deles cultivado em casa. Como isso aconteceu? Será que não havia um pintor nativo? Será que o modismo pisoteou os começos pictóricos assim como zombou e escarneceu a música nativa?

Ali havia alimento para a contemplação. Sonhando na neblina marrom, olhando através dela, sem ver suas belezas, para a pintura de Hogarth de Lavinia Fenton como Polly Peachum, sem me perguntar como uma beleza tão indiferente poderia ter cativado o duque de Bolton e o segurado durante trinta anos, tomei consciência de mim e dos arredores devido à estranha conduta de uma dama que se sentara em uma cadeira próxima a mim, também desencorajada pela neblina, esperando que dispersasse.

Não havia reparado nela. No momento, não me lembro exatamente de como era. Até onde me lembro, era de meia-idade e estava vestida de forma discreta e elegante. Não foram o rosto ou o vestido que me chamaram a atenção e perturbaram meus pensamentos — o efeito que descrevo foi produzido pelos movimentos e pelo comportamento estranhos dela.

A dama estava sentada, exausta, provavelmente pensando em nada, ou em nada especial, quando, ao virar os olhos e perceber que não conseguia enxergar as pinturas, passou a me estudar. Aquilo me preocupou imensamente. Um gato pode olhar para o rei, mas ser contemplado por uma dama é elogio o suficiente para agradar qualquer cavalheiro. Não foi vaidade gratificante que perturbou meus pensamentos, mas a consciência de que minha aparência causou, antes de tudo, uma surpresa espantosa, então sobressalto indisfarçado e, por fim, um terror indescritível.

Ora, um homem pode se sentar em silêncio apoiado na ponta do guarda-chuva e internamente se enaltecer, aquecido e iluminado pela consciência de que é vigiado com admiração por uma linda mulher — até mesmo quando é um homem de meia-idade e não se veste de acordo com a moda —, mas homem nenhum consegue manter a compostura quando se descobre objeto de aversão e terror.

O que era? Passei a mão pelo queixo e pelo lábio superior, pensando que não seria impossível que eu pudesse ter esquecido de me barbear naquela manhã e, em meio à confusão, não considereei que a neblina impediria que a dama descobrisse tal negligência, caso tivesse ocorrido — o que não tinha. Sou um pouco desleixado, talvez, no que diz respeito a me barbear quando estou no campo, mas, quando estou na cidade, jamais.

A ideia seguinte que me ocorreu foi — fuligem. Será que uma fuligem londrina, aninhada naquela atmosfera densa como sopa de ervilha, tinha pousado em meu nariz e o sujara? Apressadamente tirei o lenço de seda do bolso, umedeci e passei no nariz, depois em cada bochecha. Então, virei os olhos para o canto e olhei para a dama, para saber se com esse gesto tinha me livrado do que havia de questionável em minha aparência.

Então vi que os olhos dela, dilatados pelo terror, estavam fixos não em meu rosto, mas em minha perna.

Minha perna! O que poderia aquele membro inofensivo ter de tão apavorante? Pela manhã, estivera dormente — chovera à noite e admito que ao deixar o hotel dobrei as bainhas da calça. É um procedimento não muito incomum, não tão ultrajante a ponto de provocar o olhar petrificado daquela mulher.

Se fosse apenas isso, eu desceria as bainhas da calça.

Então, vi a mulher sair da cadeira em que estava e ir para uma mais afastada de mim, ainda com os olhos fixos em minha perna — na altura do joelho. Deixara cair o guarda-chuva e agarrava o assento da cadeira com as duas mãos, conforme recuava.

Mal preciso dizer que estava com a mente e os sentimentos intensamente perturbados, e esqueci tudo a respeito da origem das escolas inglesas de pintores, e a questão a respeito de o Museu Britânico ser mais popular do que a National Gallery.

Pensando que talvez tivesse sido encharcado por uma carruagem enquanto atravessava Oxford Street, passei a mão pela lateral rapidamente, com uma sensação de irritação, e então toquei algo frio, pegajoso, que acelerou meu coração, me sobressaltou e me fez dar um passo adiante. No mesmo momento, a dama, com um grito de terror, se colocou de pé e com as mãos erguidas, fugiu da sala, deixando o guarda-chuva onde havia caído.

Havia outros visitantes na Galeria dos Retratos além de nós dois, e eles passavam pelo salão e se viraram diante do grito da mulher e olharam surpresos quando ela se foi.

O policial posicionado na sala foi até mim e perguntou o que havia acontecido. Eu estava tão agitado que mal sabia o que responder. Disse que podia explicar o que acontecera tão bem quanto ele mesmo. Reparei que a dama estampava uma expressão esquisita e se comportava de forma extraordinária, e que seria melhor que o policial se encarregasse do guarda-chuva dela e esperasse que a mulher retornasse para reivindicá-lo.

O questionamento do policial foi enervante, pois me impediu de imediatamente investigar o motivo do alarme dela e do meu — o da dama devido a algo que devia ter visto em minha perna, e o meu devido a algo que decididamente senti subindo por minha perna.

O efeito entorpecedor e nauseante sobre mim ao tocar o objeto que eu não vira não passaria tão rápido. De fato, senti como se minha mão estivesse contaminada, e como se eu não pudesse descansar até que a tivesse lavado e, se possível, lavado a sensação que tinha se produzido.

Procurei no chão, examinei minha perna, mas não vi nada. Como estava de sobretudo, era provável que ao me levantar da cadeira a aba tivesse recaído sobre a calça e ocultado a coisa, o que quer que fosse. Portanto, removi o sobretudo e o sacudi, e então olhei para minha calça. Não havia nada em minha perna, e nada caiu do sobretudo quando o sacudi.

Como de bom-tom, vesti novamente o sobretudo e saí às pressas da Gallery. Então, tomei o caminho mais rápido possível, sem de fato correr, até a estação Charing Cross, segui pelo estreito caminho que levava ao metrô, onde entrei no estabelecimento de banho e cabelo de Faulkner e pedi água quente para lavar a mão, além de ensaboá-la. Banhei a mão na água mais quente que pude suportar, utilizei sabonete carbólico e, depois de uma esfregada — principalmente do lado esquerdo, onde minha mão tinha encontrado o objeto que tanto me afetara —, saí. Cheguei a flertar com a ideia de ir ao Princess Theatre naquela noite e de garantir um ingresso pela manhã, mas qualquer pensamento a respeito do teatro se esvaiu de mim. Não conseguia livrar o coração das sensações de náusea e frio que tinham sido produzidas pelo toque. Entrei no Gatti para almoçar e pedi algo, esqueço o que foi, mas, quando foi servido, percebi que tinha perdido o apetite. Não conseguia comer nada — a comida me dava nojo. Eu a afastei intocada e, depois de beber algumas taças de clarete, deixei o restaurante e voltei para o hotel.

Sentindo-me enjoado e tonto, joguei o sobretudo no encosto do sofá e me deitei na cama.

Não sei se o fiz por algum motivo em particular, mas, quando me deitei, estava com os olhos sobre o casaco.

A densidade da névoa tinha passado e havia luz de novo, não de primeira qualidade, mas o suficiente para que um londrino enxergasse, de forma que consegui ver tudo no quarto, embora através de um véu, de modo opaco.

Não achei que estivesse com a mente cheia. Os únicos momentos em que, até onde sei, minha mente está de fato passiva ou inerte são aqueles em que atravesso o Canal no *The Foam* de Dover a Calais, quando estou sempre, sob qualquer tempo, vergonhosamente enjoado na embarcação — e com a mente vazia. Mas naquele momento, deitado na cama, desconfortável, inquieto, sem saber por que, vivenciava a mesma condição mental de inatividade. Mas não durou muito.

Vi algo que me assustou.

Primeiro, pareceu que a aba do bolso do sobretudo estava em movimento, erguendo-se. Não prestei muita atenção àquilo, pois imaginei que a vestimenta estivesse deslizando até o assento do sofá a partir do encosto, e que esse deslocamento da gravidade causasse o movimento que observei. Mas logo percebi que não era esse o caso. Aquilo que movia a aba era algo dentro do bolso que se debatia para sair. Consegui ver que estava subindo por dentro e que, quando chegou à abertura, perdeu equilíbrio e caiu de novo. Consegui discernir aquilo pelas projeções e endentações no tecido, os quais se moviam conforme a criatura, ou o que quer que fosse, subia pela costura.

— Um rato — falei e esqueci em que condições estava. Eu estava interessado. — O diabinho! Como conseguiu entrar em meu bolso? Usei esse sobretudo a manhã inteira!

Mas não, não era um rato. Vi algo branco despontar de debaixo da aba e a seguir foi revelado um objeto que, apesar de revelado, não pude entender, nem consegui distinguir o que era.

Movido pela curiosidade, me apoiei sobre o cotovelo. Com isso, fiz barulho, a cama rangeu. Imediatamente a coisa caiu no chão, permaneceu esticada por um momento, para se recompor, depois começou, com os movimentos de um verme, a correr pelo chão.

Há uma lagarta chamada “mede-palms”, porque quando avança puxa a cauda para onde a cabeça está e depois lança adiante toda a extensão do corpo, e mais uma vez puxa a extremidade, formando a cada vez um arco, e a cada passo medindo a extensão total. O objeto que eu agora via no chão avançava precisamente como a lagarta mede-palms. Tinha a cor de uma larva de queijo e quase dez centímetros de extensão. Não era, no entanto, como uma lagarta, a qual é flexível no corpo todo. O objeto, ao que me parecia, era articulado em dois lugares, uma articulação era mais discreta do que a outra. Durante um instante, fiquei tão paralisado pelo assombro que permaneci imóvel, olhando para a coisa conforme rastejava pelo carpete —

um carpete verde esmaecido com flores de um verde mais escuro, quase preto.

A coisa tinha, ao que parecia, uma cabeça lustrosa bem-definida, mas, como a luz não era tão brilhante, eu não conseguia distinguir tão claramente, e, além disso, os movimentos rápidos impediam uma análise detalhada.

Prontamente, com um choque ainda mais espantoso do que o produzido pela aparição do objeto na abertura do bolso do sobretudo, me convenci de que o que via era um dedo, um indicador humano, e de que a cabeça lustrosa era nada menos do que uma unha.

O dedo não parecia ter sido amputado. Não havia sinal de sangue ou laceração onde a articulação deveria estar, mas a extremidade do dedo, ou raiz, na verdade, se dissolvia em algo indiscernível e eu não conseguia distinguir sua raiz.

Não conseguia ver mão, nenhum corpo atrás daquele dedo, absolutamente nada a não ser um dedo que tinha uma pequena faísca de vida quente dentro dele, nenhuma coloração, como se sangue não circulasse ali. E esse dedo estava em movimento constante, rastejando pelo carpete na direção de um armário contra a parede da lareira.

Disparei da cama e persegui o dedo.

Evidentemente, o dedo ficou alarmado, pois apressou o passo, chegou ao armário e foi para debaixo dele. Quando cheguei à peça de mobília, o dedo sumira. Acendi um fósforo de bolso e o segurei sob o armário, o qual se elevava cinco centímetros do chão, sobre pés, mas não consegui ver o dedo.

Peguei meu guarda-chuva e o empurrei sob o armário, o arrastei para a frente e para trás, direita e esquerda, e puxei poeira para fora — e nada mais sólido.

II

FIZ A MALA no dia seguinte e voltei para minha casa no campo. Todo o desejo de diversão na cidade sumira, e a capacidade de fazer negócios também se fora.

Abatimento e aflição tomaram conta de mim, e minha cabeça parecia um labirinto. Era incapaz de fixar os pensamentos em qualquer coisa. Algumas vezes, estava disposto a crer que minha sanidade me abandonava. Outras

vezes, que estava no limiar de uma enfermidade severa. De toda forma, caso estivesse propenso a perder a cabeça ou não, ou cair de cama, o lar era o único lugar para mim. Então me apressei para casa, como deveria. Ao chegar lá, meu criado, como sempre, levou a mala para meu quarto, abriu, mas não a desfez. Sou contrário a que ele remova o conteúdo de minha mala Gladstone, não porque haja algo que ele não possa ver, mas porque coloca minhas coisas onde não as consigo encontrar. Minhas roupas — pode muito bem colocá-las onde quiser e ao lugar a que pertencem, e esse último ele conhece melhor do que eu; mas, por outro lado, carrego comigo outras coisas que não um terno e mudas de linho e flanela. Há cartas, papéis, livros — e os devidos destinos desses itens são conhecidos apenas por mim. Um criado tem o talento único e maligno de guardar objetos literários e itens diversos em lugares tais que é preciso ao dono meio dia para encontrá-los. Embora eu estivesse desconfortável e minha cabeça estivesse girando, abri e desfiz a mala. Enquanto realizava a tarefa, vi algo enroscado em minha caixa de colarinhos, cuja tampa tinha se quebrado pela pressão da sola de uma bota. Tirei a tampa danificada para ver se meus colarinhos tinham sido arruinados, quando algo enroscado do lado de dentro subitamente se ergueu e saltou, como uma larva de queijo, para fora da caixa, pela borda da mala Gladstone, e se apressou para longe pelo chão de uma forma que já me era familiar.

Não duvidei por um momento do que era — ali estava o dedo novamente. Viera comigo de Londres para o campo.

Para onde foi em sua corrida pelo chão não sei dizer, fiquei pasmo demais para observar.

Mais tarde, ao anoitecer, sentei em minha poltrona, peguei um livro e tentei ler. Estava cansado devido à viagem, aos passeios pela cidade e ao desconforto e ao assombro causados pela aparição do dedo. Eu me sentia desgastado. Era incapaz de prestar atenção ao que lia e, antes de me dar conta, caí no sono. Despertado por um instante pela queda do livro de minhas mãos, voltei à inconsciência. Não tenho certeza de que um cochilo em uma poltrona faz algum bem. Em geral me deixa em uma condição semiembasbacada e com dor de cabeça. Cinco minutos em posição horizontal na cama valem trinta minutos em uma poltrona. É isso que funciona comigo. Ao dormir em posição sentada, a cabeça é uma dificuldade: cai para a frente ou oscila para um lado ou outro, e precisa ser puxada de volta para uma posição na qual a linha até o centro de gravidade percorra as costas. Caso

contrário, ela carrega o corpo consigo em um tipo de capotagem da poltrona ao chão.

Dormi, na ocasião da qual estou falando, muito bem, pois estava exausto, mas fui despertado não pela cabeça caindo sobre o braço da poltrona, ou pelas costas tombando atrás dela, mas por uma sensação fria se estendendo do pescoço até o coração. Quando acordei, estava em posição diagonal, com a orelha direita apoiada no ombro direito, expondo o lado esquerdo do pescoço. E era ali — onde a jugular pulsa — que eu sentia a maior intensidade de frio. Sacudi o ombro esquerdo enquanto esfregava o pescoço com o colarinho do casaco. Imediatamente algo caiu no chão e, de novo, vi o dedo.

Meu asco e horror foram intensificados quando percebi que ele arrastava algo que poderia ser uma meia velha, e que, a princípio, tomei como tal.

O sol do anoitecer entrava pela janela como um raio dourado brilhante que iluminou o objeto conforme ele era arrastado. Com essa iluminação, consegui distinguir o que era. Não é fácil descrever, mas tentarei.

O dedo que vi era sólido e material — o que ele arrastava consigo não era nenhuma das duas coisas, ou estava em uma condição nebulosa, protoplasmática. O dedo estava preso a uma mão que se solidificava em matéria, em processo de adquirir solidez. Unia-se à mão um braço em condição bastante vaporosa, e tal braço pertencia a um corpo humano em uma condição ainda mais vaporosa e imaterial, que era arrastado pelo chão pelo dedo, assim como um bicho-da-seda arrasta o emaranhado da teia. Eu conseguia ver pernas e braços, e cabeça e as abas de um paletó seguindo aos tropeços e se entrelaçando e se desenroscando de novo de uma forma promíscua. Não havia ossos, músculos ou substância na figura — os membros estavam presos ao tronco, o qual não tinha coluna, mas não eram funcionais, e dependiam inteiramente do dedo que os puxava como uma pilha de partes conforme avançava.

Toda a matéria vaporosa parecia tão confusa que acho — não posso dizer com certeza que era o caso, mas a impressão que tive foi essa — que uma das órbitas oculares olhava por uma narina, e a língua pendia para fora de uma das orelhas.

No entanto, foi apenas por um momento que vi esse corpo germinal. Não posso chamar por outro nome aquilo que não tinha mais substância do que fumaça. Vi apenas enquanto era arrastado sob o raio de sol. Assim que foi

puxado para fora da luz e para a sombra adiante, não consegui enxergar nada, apenas o dedo rastejante.

Não tive energia moral ou força física suficientes para me levantar, perseguir e pisar no dedo, esmagando-o com a sola do sapato. Ambas pareceram drenadas de mim. O que aconteceu com o dedo, aonde foi, como conseguiu se esconder, não sei. Tinha perdido a força para perguntar. Fiquei sentado na cadeira, com frio, encarando o espaço à frente.

— Com licença, senhor — disse uma voz —, o sr. Square está lá embaixo, engenheiro elétrico.

— Hã? — Virei o rosto com uma expressão sonhadora.

Meu criado estava à porta.

— Com licença, senhor, o cavalheiro gostaria de permissão para verificar a casa e se certificar de que o aparato elétrico está em ordem.

— Ah, de fato! Sim, suba com ele.

III

RECENTEMENTE, TINHA colocado a iluminação de minha casa sob responsabilidade de um engenheiro elétrico, um homem muito inteligente, sr. Square, com o qual tinha feito sincera amizade.

Ele construíra um barracão com um dínamo escondido e confiara a fiação a subordinados, pois estava ocupado com outros pedidos e não poderia supervisionar cada detalhe em pessoa. Mas não era o tipo de homem que deixaria algo passar despercebido e sabia que a eletricidade não era uma força com a qual se brinca. Trabalhadores ruins ou descuidados costumam não proteger suficientemente os fios, ou negligenciar a inserção do chumbo que serve como válvula de segurança caso a corrente seja forte demais. Casas podem ser incendiadas, humanos acabarem fatalmente eletrocutados pela negligência de um trabalhador ruim ou desleixado.

O aparato de minha mansão acabara de ser finalizado e o sr. Square tinha vindo inspecioná-lo para se certificar de que tudo estava certo.

Entusiasta pelo assunto, ele via por uma ampla perspectiva, cujos limites não podiam ser previstos.

— Todas as forças — disse, certa vez, o sr. Square — estão correlacionadas. Quando se tem força em uma forma, pode-se transformá-la

nisso ou naquilo, como bem quiser. Em uma forma é força motriz, em outra é luz, em outra, calor. Agora temos eletricidade para iluminação. Nós a empregamos, mas não tão livremente quanto nos Estados Unidos, para impulsionar veículos. Por que deveríamos ter cavalos puxando nossos coches? Só deveríamos usar bondes elétricos. Por que queimamos carvão para aquecer as canelas? Existe a eletricidade, que não elimina fumaça imunda como o carvão. Por que deveríamos deixar que as marés desperdicem a energia delas no Tâmis? Em outros estuários? Ali temos a natureza nos abastecendo, de graça, com toda força que queremos para impulsionar, aquecer, iluminar. E direi mais, meu caro senhor. Mencionei três modos de força e exemplifiquei um número limitado de usos para os quais pode se voltar a eletricidade. Como é com a fotografia? Não é luz elétrica se tornando um agente artístico? Aposto que em breve virá um agente terapêutico também.

— Ah, sim. Ouvi falar de alguns impostores com seus cintos vitais.

O sr. Square não gostou da informação que entreguei. Ele estremeceu, mas retomou o pensamento.

— Não sabemos como direcioná-la corretamente, é só isso — alegou ele. — Não me aprofundei no assunto, mas outros o farão, aposto. Teremos a eletricidade usada tão livremente quanto agora usamos pós e pílulas. Não acredito em coisas de médicos. Creio que a doença tome o homem porque a ele falta força física para resistir a ela. Ora, não é óbvio que está começando pelo lado errado quando ataca a doença? O que se quer é fornecer energia, compensar a falta de força física, e força é força onde quer que se encontre, aqui motriz, ali de iluminação, e assim por diante. Não entendo por que um médico não deveria utilizar a maré avançando sob a London Bridge para restaurar o vigor frágil de todos que estão lânguidos e são presa da desordem na metrópole. Tal momento virá, aposto, e não é só isso. Força é força, em todo lugar. Força política, força moral, força física, força dinâmica, calor, luz, ondas de maré, e por aí vai... São todas uma, todas uma. Em algum momento, saberemos como galvanizá-la em aptidão e energia moral e todas as consciências e as vontades fracas e desvirtuadas com que precisamos lidar, e tal coisa sempre existirá na civilização moderna. Não sei como fazê-lo. Não sei como será feito, mas, no futuro, o padre e o médico tomarão a eletricidade como o principal, não, como o único agente. Agente esse que pode tirar a força de qualquer lugar, do rio que corre, do vento, da onda de maré.

Ele riu e esfregou as mãos.

— Darei um exemplo, para mostrar as grandiosas possibilidades da eletricidade, usada de forma bruta. Em determinada cidade grande bem no oeste dos Estados Unidos, um lugar avançado também, mais do que Nova York, tinham bondes elétricos pelas ruas para cima e para baixo, para todo canto. Os sindicalistas trabalhando para a companhia exigiram que os não sindicalizados fossem dispensados. Mas a companhia não providenciou. Em vez disso, dispensou os sindicalistas. Tinha na reserva números suficientes dos outros, então preencheu todas as vagas de uma vez. Os sindicalistas não gostaram disso e combinaram que em determinada hora de determinado dia todos os fios deveriam ser cortados. A companhia soube disso por meio de espões e descarregou, especialmente para eles, três vezes a energia em todos os fios. No momento combinado, os grevistas subiram nos postes para cortar os cabos e desceram dezenas de vezes mais rápido do que subiram, aposto. Então, seguiram as chamadas para os hospitais de todos os cantos para que mandassem maqueiros para carregar os homens aleijados, alguns com pernas quebradas, braços, costelas. Dois ou três quebraram o pescoço. Acredito que a companhia tenha sido incrivelmente misericordiosa, não colocou força o suficiente para transformá-los em cinzas ali mesmo. Talvez a opinião pública não gostasse disso. Mas parou a greve, isso sim. Grande efeito moral, tudo feito pela eletricidade.

Era dessa forma que o sr. Square era afeito a divagar. Ele me interessava, e cheguei a pensar que havia algo importante no que dizia — que as sugestões não eram meras baboseiras. Fiquei feliz ao vê-lo entrar em meu quarto, guiado por meu empregado. Não me levantei da cadeira para apertar a mão dele, pois não tinha energia o suficiente para fazê-lo. Com o tom de voz lânguido, dei-lhe boas-vindas e pedi que se sentasse. O sr. Square me olhou surpreso.

— Por quê? Qual é o problema? — indagou ele. — Você não parece bem. Não está com a gripe, está?

— Como é?

— A influenza. Uma em cada três pessoas está alegando que tem, e a venda de eucalipto anda imensa, não que eucalipto funcione. Micróbios de influenza de fato! Por que se importariam com o eucalipto? Desceu alguns degraus na escada da vida desde a última vez que o vi, senhor. Como explica isso?

Hesitei a respeito de mencionar as circunstâncias extraordinárias que tinham ocorrido, mas Square era um homem que não permitiria evasivas. Era

franco e direto, e em dez minutos tinha tirado a história toda de mim.

— Muito perturbador para seus nervos esse... um dedo rastejante. É uma história infinitamente bizarra.

Então, ficou em silêncio, considerando.

Depois de alguns minutos, o sr. Square se levantou e disse:

— Vou olhar as instalações, então reconsiderarei esse seu assunto e verei se consigo desvendá-lo. Sou um pouco afeiçoado a esse tipo de coisa.

O sr. Square não era um *yankee*, mas tinha vivido por algum tempo na América, e era dado a falar como um americano. Usava expressões, termos do discurso comuns nos Estados Unidos, mas não tinha nada do sotaque transatlântico. Era um homem sem qualquer afetação em todos os outros âmbitos — essa era sua única fraqueza, e era inofensiva.

O homem era tão detalhista em tudo o que fazia que eu não esperava que retornasse logo em seguida. Ele examinaria cada parte do motor do dínamo, e todas as conexões e os interruptores. Isso o ocuparia por algumas horas. Como o dia estava quase no fim, eu sabia que o sr. Square não poderia realizar o que queria naquela noite, e, por isso, dei ordens para que um quarto fosse preparado para ele. Então, como minha cabeça doía e minha pele queimava, pedi ao criado que se desculpassem por minha ausência no jantar, e que dissesse ao sr. Square que fui forçado a voltar para a cama pela enfermidade — e que acreditava que estava prestes a me prostrar com um ataque de influenza.

O criado — um bom sujeito que está comigo há seis anos — ficou preocupado com minha aparência e insistiu para que eu permitisse que ele chamasse um médico. Não tinha confiança no médico local e, se mandasse chamar outro da cidade mais próxima, eu o ofenderia — e um desentendimento talvez se seguisse —, então me recusei. Se estava mesmo prestes a sofrer um ataque da influenza, sabia tanto quanto qualquer médico como me cuidar. Quinino, quinino — era só isso. Encarreguei o homem de acender uma pequena e tênue lâmpada, para me dar iluminação suficiente para encontrar uma limonada na mesa de cabeceira e um lenço de bolso, e para conseguir ver as horas. Depois que ele fez isso, ordenei que me deixasse.

Deitei na cama, queimando, cheio de dor de cabeça e com as órbitas dos olhos em chamas.

Se caí no sono ou perdi a consciência por um tempo, não sei dizer. Talvez tenha desmaiado. Não me lembro de nada depois de ter me deitado e tomado um gole de limonada que me pareceu ter gosto de sabão — até que fui

despertado por uma sensação dolorosa nas costelas — uma dor lenta, insistente e torturante, latejando em intensidade momentaneamente. Semiconsciente, estava em parte sonhando e em parte ciente do sofrimento real. A dor era real, mas nos devaneios achei que um imenso verme entrava pela lateral do meu corpo entre as costelas. Parecia que eu o via. Ele se contorcia em meia-lua, retornava à posição original, e de novo se contorcia, movendo-se como uma sovela, não como uma broca, a qual depois forma uma revolução completa.

Isso, obviamente, deve ter sido um sonho, uma alucinação apenas, pois eu estava deitado de costas com os olhos voltados para o pé da cama, e a colcha, os cobertores e os lençóis intervinham entre meus olhos e a lateral do meu corpo. Mas na febre se vê sem os olhos, e em todas as direções através de todos os obstáculos.

Completamente desperto por uma pontada insuportável, tentei gritar e consegui me jogar para o lado direito, aquele em que sentia a dor. Imediatamente senti recuar a coisa que sovelava, se posso usar a palavra, entre minhas costelas.

Então vi, de pé ao lado da cama, uma figura com o braço sob as cobertas, removendo-o devagar. A mão foi vagarosamente puxada de debaixo das cobertas e repousou no edredom com o indicador estendido.

A figura era de um homem usando roupas maltrapilhas com um rosto cruel e macilento, a testa recuada, um corte de cabelo de estilo francês e bigode, o cabelo preto. O maxilar e o queixo estavam cobertos por uma barba espetada, como se o barbear tivesse sido negligenciado por duas noites. A figura não parecia totalmente sólida, mas da consistência de um coágulo. Enquanto eu o olhava, ele recuou, deslizando para trás de uma forma esquisita, como se sobrecarregado pelo peso da mão, que era a parte mais substancial — de fato a única porção substancial dele. A figura recuou se inclinando, embora não fosse mais puxada pelo dedo, como se não tivesse existência material. Se era a mesma, adquiria uma consistência e uma solidez que não possuía antes.

Como ela desapareceu não sei dizer, nem para onde foi. A porta se abriu e Square entrou.

— O quê?! — exclamou ele, com a voz alegre. — É influenza?

— Não sei... acho que é aquele dedo de novo.

IV

— AGORA, VEJA BEM — disse Square. — Não aceitarei mais que essa maldição pregue suas peças. Conte-me tudo a respeito.

Eu estava tão exausto, tão fraco, que não conseguia fazer um relato coerente do que acontecera, mas Square me fez apenas algumas perguntas pontuais e trouxe à tona os fatos principais. Ele os ordenou na própria mente organizada, para formar um todo coeso.

— Há uma característica no caso — disse Square — que me parece notável e importante. A princípio, apenas um dedo, então a mão, depois uma figura nebulosa presa à mão, sem coluna vertebral, sem consistência. Por fim, uma forma completa, com consistência e coluna vertebral, mas a última em condição gelatinosa, e a figura inteira suplantada pelo peso da mão, assim como mão e figura anteriormente eram suplantadas pelo peso do dedo. Simultaneamente a essa compactação e consolidação da figura, veio sua degeneração e perda de força vital e, em uma palavra, de saúde. O que você perde, aquele objeto adquire, e o que ele adquire, obtém pelo contato com você. Isso está bem claro, não está?

— Ouso dizer que sim. Não sei. Não consigo pensar.

— Suponho que não. A faculdade do pensamento foi drenada de você. Muito bem, devo pensar por você, e pensarei. Força é força, e verá que posso lidar com seu visitante de tal forma que se provará um dissuasivo moral tão digno quanto aquele empregado nos sindicalistas em greve em... não importa onde foi. Essa não é a questão.

— Teria a bondade de me servir um pouco de limonada?

Tomei a bebida ácida, mas sem alívio. Ouvi Square, mas sem esperanças. Queria ser deixado só. Estava cansado da dor, cansado de tudo, até mesmo da vida. Era uma questão de indiferença para mim se eu me recuperaria ou se deixaria de existir.

— Ele retornará em breve — comentou o engenheiro. — Como dizem os franceses: *l'appetit vient en mangeant*. Já atacou você três vezes, não ficará satisfeito sem mais uma mordida, e se conseguir mais uma, acho que será praticamente o seu fim.

O sr. Square esfregou o queixo e colocou as mãos nos bolsos da calça. Essa era também uma mania adquirida nos Estados Unidos — e uma mania deselegante. As mãos, quando não estavam ativas ou ocupadas, iam para dentro dos bolsos, inevitavelmente gravitavam ali. As damas não gostavam

de Square, diziam que não era um cavalheiro. Mas não era porque dizia coisas “de mau tom”, apenas porque falava com elas, olhava para elas, caminhava com elas sempre com as mãos nos bolsos. Vi uma dama dar as costas deliberadamente a Square por causa dessa mania.

De pé agora com as mãos nos bolsos, Square observava minha cama e falou, alegremente:

— Antiquada e ruim, com dossel de quatro mastros. Não deveria ser permitida, imagino. Completamente insalubre.

Eu não estava em condições de refutar. Gosto de uma cama com dossel com cortinas na cabeça e nos pés — não que eu as feche, mas me dá uma sensação de privacidade que falta às camas com dossel apenas na cabeça.

Se há uma janela aos pés da pessoa, é possível se deitar na cama sem claridade nos olhos, e mesmo assim sem escurecer o quarto ao se fechar as cortinas. Há muito que se dizer em favor do dossel de quatro mastros, mas não naquela ocasião.

O sr. Square tirou as mãos dos bolsos e começou a brincar com o ponto elétrico perto da cabeceira de minha cama, prendeu a ele um fio, puxou em um semicírculo pelo chão e enfiou o botão na ponta do fio em minha mão, na cama.

— Fique de olhos abertos — disse ele. — E com a mão fechada e coberta. Se aquele dedo voltar a fazer cócegas em suas costelas, cutuque-o com o ponto elétrico. Cuidarei do interruptor detrás da cortina.

Então Square sumiu.

Eu estava indiferente demais em minha ruína para virar a cabeça e observar onde estava ele. Permaneci inerte, com o botão na mão, e os olhos fechados, sofrendo e pensando em nada a não ser nas dores lancinantes em minha cabeça e na lombar, nas costas e nas pernas.

Algum tempo devia ter se passado antes que eu voltasse a sentir o dedo ocupado em minhas costelas. Ele apalpava, mas não mais perfurava. Eu sentia a mão inteira, não apenas um dedo, e a mão era bem real, fria e úmida. Eu estava ciente, não sei como, de que, se a ponta do dedo chegasse ao lado esquerdo, à região do meu coração, a mão, por assim dizer, repousaria sobre ele com a palma fria por cima e que na mesma hora, meu coração pararia de bater e, como Square talvez expressasse, eu “bateria as botas”.

Em um gesto de autopreservação, puxei o botão do fio elétrico contra a mão — contra um dos dedos, acho — e ouvi um ruído rouco, esganiçado. Virei a cabeça languidamente e vi a forma, mais substancial do que antes,

contorcendo-se em um êxtase de dor, tentando inutilmente tirar o braço de debaixo dos lençóis e a mão do ponto elétrico.

No mesmo momento, Square saiu de detrás da cortina, com uma risada áspera, e falou:

— Achei que deveríamos consertá-lo. Ele está preso e não pode escapar. Agora vamos aos particulares. Mas não o libertarei até saber tudo a seu respeito.

A última frase foi direcionada não a mim, mas à aparição.

Nesse momento, ele me pediu para afastar o ponto da mão da figura — do ser — o que quer que fosse, mas para estar com ele pronto, de sobreaviso. Square seguiu a catequizar meu visitante, o qual se movia inquieto dentro do círculo de fio, mas não podia escapar dele. O ser respondeu com a voz fina, esganiçada, que parecia vir de longe e tinha um tom queixoso. Não fingirei transmitir tudo que foi dito. Não consigo me lembrar de nada do que ocorreu. Minha memória foi afetada pela doença, assim como o corpo. Mas prefiro passar os fragmentos dos quais me lembro e daquilo que Square me contou que ouviu.

— Sim... fui malsucedido, sempre fui. Nada funcionava comigo. O mundo estava contra mim. A sociedade estava. Odeio a sociedade. Não gosto de trabalho também, jamais gostei. Mas gosto de me manifestar contra o que está estabelecido. Odeio a família real, a propriedade privada, os nobres, tudo que existe, exceto o povo, quero dizer, os desempregados. Sempre odiei. Não conseguia o emprego que queria. Quando morri, me enterraram em um caixão barato, muito barato, e me deram um túmulo horrível, barato, e um cortejo barato, e nenhum monumento. Não queria nada. Ah! Há muitos de nós. Todos descontentes. Descontentes! Isso é uma paixão, é sim, entra nas veias, preenche o cérebro, ocupa o coração. É o tipo de câncer divino que toma posse do homem inteiro e o torna insatisfeito com tudo e o faz odiar tudo. Mas precisamos de nossa porção de felicidade em algum momento. Todos a desejamos de uma forma ou de outra. Alguns acham que há um estado futuro de graça, então têm esperança e buscam alcançá-la, pois a esperança é um cabo e âncora que se prende ao que é real. Mas quando não se tem tal esperança, não se acredita em qualquer estado futuro, deve procurar por felicidade na vida aqui. Não a conseguimos quando estávamos vivos, então tentamos tomá-la depois de mortos. Podemos fazer isso, se conseguirmos sair de nossos caixões baratos e desprezíveis. Mas não até que a maior parte de nós tenha apodrecido. Se restam um ou dois dedos que

conseguem subir à superfície, aqueles caixões baratos se desfazem bem rápido. Então, a única parte sólida que resta de nós consegue puxar consigo o restante que foi para o nada, e saímos tateando atrás dos vivos. Os abastados, se conseguirmos alcançá-los, os trabalhadores pobres e honestos, se não conseguimos. Nós também os odiamos, pois estão satisfeitos e felizes. Se alcançarmos qualquer um desses e conseguirmos tocá-lo, então podemos sugar a sua força vital para dentro de nós, e nos recuperar às custas do indivíduo. Era o que eu estava prestes a fazer com você. Tornar-me célebre. Quase solidificado como um novo homem. Receberia outra chance de viver. Mas eu a perdi. Esse meu azar, perco tudo. Sempre perdi, exceto a tristeza e o desapontamento, disso eu tenho muito.

— O que são vocês? — perguntou Square. — Anarquistas sem emprego?

— Alguns de nós atendem por esse nome, alguns por outras designações, mas somos todos um, leais a apenas um monarca: a soberana insatisfação. Somos criados para sentir desgosto pelo trabalho manual, e crescemos vadios, resmungando de tudo e emburrados com a sociedade que nos cerca e a providência que está acima de nós.

— E como se chamam agora?

— Como nos chamamos? Nada. Somos os mesmos, em outra condição, só isso. As pessoas certa vez nos chamaram de anarquistas, niilistas, socialistas, niveladores, e agora nos chamam de influenza. O vocabulário adquirido sobre micróbios e bacilos e bactérias. Malditos sejam os micróbios, bacilos e as bactérias! Somos a influenza, somos os fracassos sociais, os insatisfeitos com tudo, saindo de nossos túmulos horríveis e baratos na forma de doença física. Somos a influenza.

— Aí está, creio! — exclamou Square, triunfante. — Não disse que todas as forças estavam relacionadas? Se é o caso, então todas as negações, as deficiências de força são a mesma em suas diversas manifestações. Falam de insatisfação divina como uma força que impulsiona o progresso! Besteira, é uma paralisia de energia. Transforma tudo o que absorve em ácido, inveja, rancor, amargura. Não inspira nada, mas apodrece todo o sistema moral. E aqui está: insatisfação moral, social, política em outra forma, não aspecto. Só isso. O anarquismo está para o corpo político como a influenza para o corpo físico. Enxerga isso?

— Si-i-i-i-m — Acredito que tenha sido minha resposta, então caí na terra dos sonhos.

Eu me recuperei. O que Square fez com a coisa, eu não sei, mas acredito que a tenha reduzido à sua condição anterior: negativa e em putrefação.

Vincent O’Sullivan

Vincent James O’Sullivan (1868-1940) foi uma figura onipresente nos círculos literários da Londres dos anos 1890, próximo de Oscar Wilde, George Moore, Frank Harris e Bram Stoker, embora seus dois melhores amigos fossem Ernest Dowson e Aubrey Beardsley. Produziu muitos contos e vinhetas detalhados e imorais à elaborada maneira *fin de siècle*. Duas obras da primeira coletânea dele, *A Book of Bargains* [O livro das barganhas] (1896), apareceram em diversas antologias de histórias de fantasmas — “When I Was Dead” e “The Business of Madame Jahn” —, mas a maioria das demais jamais foi republicada. “Vontade” foi tirado da obra *The Green Window* [A janela verde], publicado por Leonard Smithers em 1899. Anteriormente, apareceu com um título diferente, “Le Scarabée funèbre”, na revista parisiense *Mercurie de France*. Na França, O’Sullivan passou os últimos anos na pobreza, sobrevivendo de caridade e da ocasional venda de artigos para a *Dublin Magazine*. Seu último livro foi o elucidativo *Aspects of Wilde* [Aspectos de Wilde] (1936).

VONTADE

I

SERÁ QUE OS MORTOS ainda têm poder depois de serem deitados na terra? Será que nos governam, pelo poder dos mortos, dos terríveis tronos? Será que seus olhos fechados se tornam faróis ameaçadores e suas mãos se estendem para queimar nossos pés nos caminhos que marcaram? Ah, com certeza quando os mortos são entregues ao pó, o poder deles cede ao pó!

Habitualmente, durante as longas tardes de verão, enquanto se sentavam juntos em uma janela recuada que dava para o parque das Fontes Sombrias, ele pensava nessas coisas, pois era na hora do pôr do sol, quando a casa melancólica era banhada em carmesim, que ele mais odiava a esposa. Estavam juntos havia alguns meses, e os dias eram sempre passados da mesma forma — sentados à janela de uma grande sala com mobília escura de carvalho, tapeçaria pesada e cortinas púrpura suntuosas, nas quais um curioso cheiro fraco de lavanda estava sempre presente. Durante uma hora, ele a encarava com intensidade, enquanto ela se sentava adiante — alta e pálida e frágil, com o cabelo preto caído na altura do pescoço e as mãos lânguidas virando as páginas de um missal com iluminuras. Ele olhava mais uma vez para o parque das Fontes Sombrias, onde estava o rio, como um sonho prateado, ao fundo. Ao pôr do sol, o rio se tornava para ele turbulento e agourento, uma poça de sangue, e as árvores, vestidas em escarlata, empunhavam espadas em chamas. Durante longos dias, eles se sentavam em uma sala, sempre em silêncio, observando as sombras passarem de prata a carmesim, de carmesim a cinza, de cinza a preto. Se por um raro acaso se aventurassem pelo lado de fora e passassem dos portões do parque das Fontes Sombrias, ele talvez ouvisse um transeunte dizer a outro:

— Como ela é bela!

E então o ódio pela esposa aumentava cem vezes.

Portanto, ele a estava envenenando de modo certo e permanente — com um veneno mais ardiloso e sutil do que aquele no anel de Cesar Bórgia —

com um veneno destilado nos olhos. Estava drenando a vida dela enquanto a encarava — drenando as veias, ressentindo-se das batidas do coração dela. Ele não sentia necessidade dos venenos lentos que definham a carne, dos venenos pavorosos que incendeiam o cérebro, pois o ódio era um veneno que ele entornava sobre o corpo branco dela, até que não mais tivesse forças para segurar a alma em fuga. Exultante, ele a via ficar cada vez mais fraca conforme o verão passava: nem um dia nem uma hora se passava em que ela não sucumbisse aos olhares dele. E, quando no outono vieram os dois longos desmaios dela, que se assemelhavam à catalepsia, ele intensificou sua vontade de odiar, pois sentia que o fim estava próximo.

Finalmente, certa noite, quando o céu estava cinza durante um pôr do sol de inverno, ela estava deitada no sofá da sala escura, e ele soube que a esposa morria. Os médicos tinham ido embora com morte nos lábios, e os dois foram deixados, no momento, a sós. Então ela o chamou para seu lado, longe da janela recuada à qual estava sentado, olhando para o parque das Fontes Sombrias.

— Tem sua vontade — disse a mulher. — Estou morrendo.

— Minha vontade? — murmurou ele, gesticulando com as mãos.

— Xiii! — gemeu ela. — Acha que não sei? Há dias e meses senti que drenava a vida do meu corpo para você, que poderia deitar minha alma ao chão. Durante dias e meses enquanto me sentei com você, caminhei ao seu lado, me vi implorando misericórdia. Mas não cedeu, e tem sua vontade feita, pois sigo para a morte. Tem sua vontade e meu corpo está morto, mas minha alma não pode morrer. Não! — gritou ela, levantando-se um pouco nos travesseiros: — Minha alma não morrerá, mas viverá, e empunhará um cetro onipresente que se acenderá com as estrelas.

— Minha esposa!

— Pensou em viver sem mim, mas jamais estará sem mim. Durante longas noites, quando a lua estiver escondida, durante dias sombrios em que o sol esteja apagado, estarei ao seu lado. No mais profundo caos iluminado pelo relâmpago, no mais alto cume das montanhas, você não escapará de mim. Você é meu vínculo, pois foi esse o pacto que fiz com os Cardinais da Morte.

À meia-noite ela morreu. Dois dias depois, eles a carregaram para um túmulo preparado no entorno de uma abadia em ruínas, e ali a deitaram na cova. Depois que ele a viu ser enterrada, deixou o parque das Fontes Sombrias e viajou para terras distantes. Adentrou os países mais desconhecidos e difíceis, viveu durante meses entre mares árticos, participou

de cenas trágicas e bárbaras. Acostumou-se a cenas de crueldade e terror: à angústia de mulheres e crianças, à agonia e ao medo dos homens. Quando retornou, depois de anos de aventura, foi morar em uma casa cujas janelas davam para as ruínas da abadia e para o túmulo da esposa, ainda que a janela à qual tinham anteriormente se sentado juntos desse para o parque das Fontes Sombrias.

Ali ele passou dias sonolentos e noites em claro — noites pintadas com imagens monstruosas e tumultuadas, e movidas por sonhos que os despertavam. Fantasma selvagens e terríveis passavam diante dele, cidades em ruínas envoltas em luz fria se edificavam em seu quarto, enquanto nos ouvidos ressoava a marcha de exércitos que recuavam e avançavam, o repique de esquadrões e o barulho da guerra se deflagrando. Ele era assombrado por mulheres que rezavam para que tivesse piedade, estendendo mãos suplicantes — sempre mulheres —, e que às vezes estavam mortas. Quando por fim chegava o dia e os olhos cansados dele se voltavam para o túmulo solitário, ele se tranquilizava com alguma droga oriental e deixava que as horas passassem lentamente conforme caía em longos devaneios, murmurando às vezes consigo mesmo as cadências exuberantes, sonoras, embalantes dos poemas em prosa de Baudelaire, ou frases meditativas abafadas, cheias dos mistérios dos quartos íntimos da vida e da morte, das páginas de Sir Thomas Browne.

Certa noite, a última da lua, ele ouviu um ruído de arranhões na janela e, ao abrir o caixilho, sentiu o odor pesado que impregna mausoléus e catacumbas onde os mortos estão sepultados. Então, viu que um besouro — um besouro, enorme e irreal — tinha rastejado pela parede da casa desde o cemitério e agora rastejava pelo chão do quarto. Com uma agilidade incrível, o besouro subiu em uma mesa próxima a um sofá no qual ele costumava se deitar. Quando se aproximou do inseto, estremecendo com desprezo e nojo, percebeu, para seu horror, que tinha dois olhos vermelhos como manchas de sangue. Embora enojado por ódio à coisa, aqueles olhos o fascinaram — o prenderam como se fossem presas. Naquela noite, as outras visões o deixaram, mas o besouro jamais o libertou — não! O inseto o hipnotizou, deixando-o sentado chorando e indefeso, estudando aquela forma horrível, pensando nas presas, refletindo sobre o que comia. Durante toda a noite, que pareceu um século — durante as horas pulsantes —, ele se sentou oprimido pelo horror, olhando para aquele verme inominável e pegajoso. Com a primeira luz do alvorecer, o besouro deslizou para fora, deixando um rastro

do mesmo cheiro de cemitério, mas o dia não trouxe descanso, pois os sonhos foram assombrados pela coisa abominável. O dia todo uma música soou nos ouvidos dele — uma música entoada com paixão e a lamúria da derrota, fúnebre e cheia de grande alarme. Durante todo o dia, sentiu como se estivesse em batalha contra alguém de armadura enquanto ele mesmo estava desequipado e indefeso — o dia todo, até que a noite escura viesse, quando viu o monstro terrível rastejando vagarosamente da abadia em ruínas, e o calvário tranquilo e abandonado que ficava ali, à vista. Calmo por fora, mas abaixo, talvez — como seria perturbado, tomado pela tempestade! Trepidante, com uma sensação de culpa irremível, ele esperou o verme — o mensageiro dos mortos. E aquela noite e aquele dia eram os tipos de noites e dias que viriam. Desde a noite da lua nova até a noite em que a lua começava a minguar, o besouro permanecia no túmulo, mas era tão terrível o alívio daquelas horas, a transição era tão abrupta, que ele não podia fazer nada a não ser estremecer com uma depressão de loucura. As circunstâncias sequer se aproximavam daquelas de horror e nojo físicos: nuvens de medo espiritual o envolviam — ele sentia que esse aborto, esse visitante inominável era realmente um agente que reivindicava sua vida, e que a carne lhe caía dos ossos. E assim ele passava cada dia ansiando, angustiado, pela noite, até que, por fim, chegava a deturpada noite cheia de ansiedade e dor sobrepujantes.

II

AO ALVORECER, quando o orvalho ainda pesava sobre a grama, ele seguia para o cemitério e se punha de pé diante dos portões de ferro do mausoléu no qual a esposa repousava. Enquanto estava ali, repetindo litânias insanas de súplica, atirava ao mausoléu coisas de valor inestimável: as peles de tigres e de leopardos devoradores de homens; as peles de bestas que bebiam do Ganges, e de bestas que chafurdavam na lama do Nilo; gemas que serviam de ornamento aos faraós; presas de elefantes e corais pelos quais homens deram a vida. Então, de braços estendidos, com uma voz que se revoltava contra o céu, ele gritava:

— Leve tudo, ó alma vingativa, e me deixe em paz! Não é suficiente?

Depois de algumas semanas, ele foi ao mausoléu de novo, levando consigo um cálice benzido encrustado em joias que fora usado por um padre durante

uma missa e um cibório do mais puro ouro. Ele encheu os recipientes com o vinho raro de um lote perdido e, ao colocá-los no mausoléu, gritou com uma voz de tempestade:

— Leve estes, ó implacável alma, e poupe seu vínculo! Estes não bastam?

E, por fim, trouxe consigo os braceletes da mulher que amava, cujo coração partiu quando a deixou para aplacar os mortos. Ele trouxe uma longa mecha do cabelo dela e um lenço encharcado com as suas lágrimas. O mausoléu se encheu com a tristeza do sussurro que levou tremores ao seu coração:

— Ó, minha esposa, *estes* não bastam?

Mas se tornou claro para aqueles que eram próximos a ele que tinha chegado ao fim da vida. O ódio que sentia da morte, o medo de sua carícia irredutível lhe dava forças — e ele parecia resistir com as mãos finas a um agressor corpóreo. Mais claramente e com cores mais intensas do que as visões de delírio, ele viu a companhia que avançava para enfrentá-lo: na luz mais forte, ele contemplou o cenário que cerca os portais da dissolução. No momento supremo, foi com relutância muito maior do que aquela do avarento que é forçado a se separar do ouro, com angústia mais intensa do que aquela do amante que é arrancado da mulher, que ele abriu mão da alma.

Em uma noite ardilosa e cinzenta de outono, carregaram-no para ser enterrado no mausoléu ao lado da esposa. E isso era o que ele desejava, pois achou que em nenhum outro mausoléu, por mais escuro que fosse, a escuridão seria tão tranquila; em nenhum outro local de descanso seria permitido que ele repousasse. Conforme o carregavam, entoavam uma majestosa trenodia — um canto que tinha o ritmo e a ascensão intensos de uma marcha triunfante, a qual cavalgava os ventos e se lamentava entre os galhos de árvores antigas. Ao chegarem ao mausoléu, entregaram-no ao túmulo e se ajoelharam no chão para rezar por paz de espírito. *Requiem aeternam dona ei, Domine!*

Mas, conforme se preparavam para deixar o interior da abadia em ruínas, um diálogo começou dentro do mausoléu — um diálogo tão maravilhoso, de natureza e causa tão terríveis que enquanto ouviam se entreolhavam sob o crepúsculo com cenhos franzidos e rostos pálidos.

Primeiro a voz de uma mulher.

— Você chegou.

— Sim, cheguei — respondeu a voz de um homem. — Entrego-me a você, a conquistadora.

— Esperei por muito tempo. Durante anos, me deitei aqui enquanto a chuva encharcava as pedras e a neve pesava sobre meus seios. Durante anos, enquanto o sol dançava sobre a terra e a lua sorria seu sorriso doce sobre os jardins e coisas agradáveis. Deitei-me aqui na companhia do verme e compactuei com ele. Você não fez senão minha vontade, foi o brinquedo de minhas mãos mortas. Ah, roubou meu corpo de mim, mas roubei de você sua alma!

— E há paz para mim, agora, por fim?

A voz da mulher ficou mais alta e ecoou pelo mausoléu como uma trombeta ressoando.

— A paz não é minha! Você e eu estamos por fim juntos na cidade daquela que governa um poderoso império. Agora sucumbiremos diante da rainha da Morte.

Os observadores afastaram os portões do mausoléu e abriram os dois caixões. Em um caixão bolorento encontraram o corpo de uma mulher com a compleição e o calor daqueles que acabam de morrer. Mas o corpo do homem estava corrompido e horrível, como um cadáver deitado há anos em um cemitério.

H.B. Marriott Watson

Henry Brereton Marriott Watson (1863-1921) foi um escritor australiano, educado na Nova Zelândia e que morou na Inglaterra desde 1885. Escreveu quase cinquenta romances e coletâneas de contos de 1888 até 1919. Seu mais famoso conto de terror, “The Devil of the Marsh” [O demônio do pântano] (1893), apareceu em diversas antologias. “O quarto de pedra” retirado de *The Heart of Miranda* [O coração de Miranda] 1898), é uma das diversas histórias de vampiros escritas por autores populares na virada do século XIX, influenciados diretamente pelo sucesso de *Drácula*. Os contos em *The Heart of Miranda* foram dedicados a Henry James.

O QUARTO DE PEDRA

SOMENTE NO INÍCIO do verão, Warrington tomou posse da abadia Marvyn. Ele comprara a propriedade no outono anterior, mas o lugar caíra em tal decadência devido aos percalços do tempo que, passados mais de seis meses, se tornara inabitável. O atraso, no entanto, foi conveniente a Warrington, pois os Bosanquet passavam o inverno no exterior, e nada mais adequado do que passar com eles. Jamais houve um homem que perseguiu a paixão com tanto ardor. Estava sempre às saias da srta. Bosanquet e prometeu ser um marido tão presente quanto era um amante agarrado. Portanto, só após o retorno desse exílio prolongado que Warrington teve a oportunidade de inspecionar os reparos ordenados pelo arquiteto. Ele não tinha nada fora do comum com relação ao caráter, mas era cheio de impulsos de bondade e afeito a ímpetos. Quando me chamou em seus aposentos, falou com alguma animação sobre sua abadia, assim como sobre o casamento iminente, e, por fim, em uma demonstração de sincero afeto, declarou que fomos íntimos por tanto tempo e tão ininterruptamente que eu, e ninguém mais, deveria ajudá-lo a deixar a casa aconchegante e a se casar com sua noiva. De fato, sempre estivera subentendido entre nós que eu deveria servi-lo na cerimônia, mas com aquela declaração parecia que eu deveria começar meus deveres ainda mais cedo. A ideia de férias de verão em Utterbourne me agradava. Era uma cidade encantadora, localizada na encosta de uma colina florestada e ao lado do mar. Eu conhecia vagamente o distrito devido a uma excursão a cavalo que fiz por aquela parte de Devonshire — e, anos antes, antes mesmo de Warrington ganhar seu dinheiro, eu vira as ruínas da abadia de longe, com a curiosidade educada de um turista de passagem.

Eu as examinava agora com novos olhos conforme subíamos a avenida. A face que a antiga construção apresentava ao vale era um projeto magnífico, mas agora estava muito desgastada e erodida. Parte dela, a ala direita, julguei ter há muito perdido a utilidade como moradia, pois as paredes tinham ruído, imensos buracos se abriam nas fundações e o telhado estava bastante quebrado. Warrington tinha muito inteligentemente deixado aquela parte à

mercê da própria decadência sinistra — a ala esquerda fora a parte restaurada, e na qual habitaríamos. A entrada, confesso, era um pouco medíocre, pois o amplo portal fora tijolado e uma porta moderna comum dava para o espaçoso terraço e os jardins sinuosos. Mas, à exceção disso, o trabalho de restauração fora feito com habilidade e deferência, e o interior mantivera sua dignidade nativa ao mesmo tempo em que assumira um ar de verdadeiro conforto. O velho carvalho fora reparado de acordo com os projetos originais, e os grandes cômodos foram alterados apenas o suficiente para adaptá-los ao uso diário.

Warrington foi de um cômodo a outro, evidentemente satisfeito, direcionando minha atenção para isso ou aquilo, e requisitando, ansioso, meus parabéns e minha aprovação. Meus comentários devem tê-lo satisfeito, pois o lugar me pareceu muito atraente. A única crítica que ousei fazer foi observar o tamanho dos quartos e indagar se não poderiam diminuir as insignificantes figuras humanas que deveriam acolher.

Warrington riu.

— De maneira alguma — disse ele. — Fogueiras crepitantes no inverno naquelas belas e antigas lareiras. E, quanto ao verão, quanto mais espaço melhor. Nós seremos felizes.

Segui Warrington pelo nobre corredor e paramos diante de uma pequena porta de carvalho bem escuro.

— Os quartos — explicou Warrington, quando virou a chave — ficam todos lá em cima, mas o meu ainda não está pronto. Além do mais, o estou reservando. Não dormirei nele até... Você sabe — concluiu, sorrindo com a sugestão de timidez.

Entendi muito bem. Ele escancarou a porta.

— Vou usar este por enquanto — prosseguiu. — Quartinho esquisito, não é? Costumava ser algum tipo de biblioteca. O que acha?

Entramos enquanto ele falava, então paramos, distribuindo olhares daquela forma vaga e geral na qual um quarto é avaliado. Era um aposento de proporções muito menores do que os demais, e fracamente iluminado por duas janelas estreitas e longas recuadas nas grandes paredes. A cama e a mobília moderna pareciam estranhamente dissonantes da privacidade antiquada. As paredes eram pintadas de forma tosca com afrescos bárbaros que datavam, especulei, do século XIV, e o piso era de pedra, desgastado com os sulcos e os calombos dos pés de muitas gerações. Conforme eu absorvia esses fatos, fui tomado por uma curiosidade súbita a respeito

daqueles Marvyn mortos que residiram na abadia por tanto tempo. Aquele aposento silencioso parecia sugerir perguntas sobre a história deles — falava eloquentemente sobre eras passadas e ações passadas, então caídas no esquecimento. Ali, dentro daquelas espessas paredes, nenhum eco do mundo exterior poderia entrar, nenhum som ecoaria dentro daquela reclusão solitária. Mesmo o silêncio parecia dialogar a respeito dos acontecimentos antigos daquela casa extinta.

Warrington se inquietou e se virou subitamente para mim.

— Espero que não tenha umidade — disse ele, estremecendo levemente.
— Parece bastante solene. Achei que a mobília o alegraria.

— Acho que será bem confortável — falei. — Você jamais será perturbado por ruídos, não importa a hora.

— Verdade — respondeu Warrington, hesitante; então, rapidamente, em um dos impulsos: — Ora, Heywood, há silêncio demais aqui para mim. — E gargalhou. — Ah, ficarei muito bem por um mês ou dois. — E com isso, Warrington pareceu retornar ao bom humor plácido de antes.

A corrente de pensamentos que teve início naquele aposento sombrio serviu para me distrair diversas vezes ao longo do dia. Interroguei Warrington no jantar, feito em uma das salas menores, abarcando uma linda paisagem do vale e do mar. Warrington sacudiu a cabeça. Arqueologia, assim como qualquer outra coisa fora dos limites da própria vida, interessava muito pouco a ele.

— Os Marvyn morreram em 1714, creio — contou, indiferente. — Alguém me contou isso... O homem de quem comprei, acho. Poderiam muito bem ter mantido o lugar desde então, mas acho que a casa só foi ocupada duas vezes entre aquela data e hoje, e da última vez foi há quarenta anos. Teria apodrecido de vez caso eu não a tivesse comprado. Talvez a sra. Batty possa dizer. Ela viveu por estes lados quase a vida inteira.

Para me agradar, e tomado, não duvido, por certo orgulho pela nova posse, Warrington fez a pergunta à governanta assim que ela apareceu, logo depois, mas parecia que o conhecimento da mulher ia pouco além do de Warrington, embora tivesse reunido vagas histórias do campo. Os Marvyn não tinham deixado um nome de boa reputação, se os boatos eram verdadeiros — à família, ações sombrias eram creditadas. Também foram infelizes nas fortunas e se extinguíram subitamente. Quanto ao restante, os eventos tinham ficado muitas gerações para trás para serem conhecidos agora entre as memórias da cidade.

Warrington, que estava mais ansioso para discutir o futuro do que para relembrar o passado, estava intensamente animado com seus anseios. St. Pharamond, a casa de Sir William Bosanquet, ficava do outro lado do vale — a pouco menos de oito quilômetros — e, como a família agora retornara, era fácil perdoar a agitação de Warrington.

— O que acha? — perguntou mais tarde naquela noite. E, ao me dar um tapinha no ombro, continuou: — Já viu Marion. Esta é a casa. Não sou sortudo? Maldição, Heywood, não sou crente, mas estou disposto a agradecer a Deus! Não sou um cara ruim, mas não sou santo. Que bom que não apenas os virtuosos são recompensados. Na verdade, costuma ser o contrário. Devo isto a... pelo Senhor, nem sei a quem devo. É meu dinheiro? É claro que Marion não dá a mínima para isso, mas então, veja bem, talvez não a tivesse conhecido sem o dinheiro. É claro que há também a casa. Sou grato por ter o dinheiro. De toda forma, eis minha nova vida. Apenas olhe em volta e observe, velho amigo. Se soubesse o quanto um homem pode sentir vergonha de si mesmo...! Mas aqui está, consegui. Sabe que meu coração é decente, deve considerar minha vida a partir de hoje. — E, com esse rompante, Warrington ergueu o copo entre os dedos trêmulos devido ao calor das emoções e entornou o vinho.

Warrington foi justo ao alegar ser um bom sujeito — e, de fato, eu mesmo fiquei um pouco comovido com o sentimento evidente. Lembro-me de que apertamos as mãos com muita afeição, e minha simpatia foi o prelúdio para uma longa confiança, a qual se estendeu até uma hora bem avançada.

Ao pé da escadaria, onde nos despedimos, Warrington me deteve.

— Este é o último de meus dias de caprichos — disse ele, com um sorriso. — Altas horas, bebida, tudo vai embora. Você verá. Boa noite. Sabe onde fica seu quarto. Estarei de pé muito antes de você. — E com isso, Warrington sumiu rapidamente para a escuridão que pairava pelas partes mais baixas da passagem.

Eu o observei ir embora e me dei conta muito vagamente da tênue impressão que a vela dele projetava naquele canal de iluminação opaca. Pareceu um fiapo de luz que iluminava o nada. O próprio Warrington estava envolto na escuridão que prevalecia, mas, muito depois, e mesmo quando os passos dele tinham cessado sobre o espesso tapete, o minúsculo brilho era visível, avançando e tremeluzindo ao longe.

Minha janela, que era moderna, dava para uma pequena varanda na qual, como a noite estava morna e eu estava indisposto para dormir, passei meia

hora aproveitando o ar. Eu estava em um humor sentimental, e meus pensamentos se voltaram para as sugestões que a conversa com Warrington induzira. Somente quando me deitei, depois de apagar a luz, eles se voltaram para o aposento quadrado e escuro no qual meu anfitrião passaria a noite. Como disse, eu estava desperto, devido, sem dúvida, à intensa onda de emoções que tínhamos encorajado. Mas em breve meus desejos se tornaram inarticulados e incoerentes, e então fui tomado pelo sono profundo.

Warrington se levantou antes de mim, como ele havia previsto, e me encontrou na sala do café da manhã.

— Como você se entrega ao sono! — comentou ele, sorrindo. — Esmurrei sua porta durante meia hora.

Pedi desculpas pelo meu comportamento, usando o ar limpo do campo em minha defesa, e mencionei que tive dificuldade em pegar no sono.

— Eu também — observou ele, quando nos sentamos à mesa. — Ficamos muito animados, suponho. Vejamos o que tem aí, Heywood. Ovos? Ora, maldição, pode-se enjoar de ovos! — Ele franziu a testa e levantou uma terceira tampa. — Por que em nome do senso comum a sra. Batty não pode nos dar mais variedade? — Ele estava impaciente.

Critiquei a insatisfação dele, sugerindo que ficaríamos muito bem. De fato, o descontentamento dele me pareceu muito desnecessário. Mas supus que ele tivesse sido bastante mimado ao longo de tantos anos da vida em clubes.

Ele se sentou sem responder e começou a fazer o prato de forma bastante animada.

— Há algo que terei aqui, Heywood — observou. — Terei coisas de boa qualidade. Não deixarei que a vida no campo signifique uma vida desconfortável. Um homem não pode mudar os hábitos de uma vida inteira.

Em contraste com as confissões exaltadas da noite anterior, isso me atingiu com uma sensação de diversão, e a incongruência pode ter ocorrido a Warrington, pois ele continuou:

— Marion não é forte em excesso, sabe, e precisa das coisas *comme il faut*. Ela não deve descer até um nível inferior. O pior desses rústicos é que eles não têm imaginação. — Warrington ergueu um pedaço de bacon com o garfo e observou com nojo. — Agora, veja isto! Por que diabo não aceitam dicas de um povo civilizado como os franceses?

Era tão incomum que Warrington exibisse tanta petulância que atribui aquilo a uma noite ruim e, sem descobrir a conexão de meus pensamentos, perguntei o que achara do quarto dele.

— Ah, muito bom, muito bom — respondeu Warrington, com indiferença. — Não é tão frio quanto imaginei. Mas dormi mal. Sempre durmo mal em uma cama estranha. — E, afastando o prato, ele acendeu um cigarro. — Depois que terminar esse lixo, Heywood, daremos um passeio pela abadia.

O bom humor retornou durante nosso passeio, e ele me mostrou várias melhorias que pretendia fazer, com um toque do antigo ardor. A ala esquerda da casa, como eu disse, estava completa, mais um pouco afastadas ficavam as ruínas de uma capela. Cercada por um pequeno muro coberto por musgo, era cheia de charme pitoresco — a chancela sem telhado estava tomada por ervas-daninhas, mas os corredores estavam intactos. Grama crescia entre as pedras e o chão, e muitas eras tinham penetrado por rachaduras na parede até aquele recinto sagrado. A quietude solene da ruína, mantida pelo feitiço da morte, me assombrou um pouco, mas sobre Warrington, aparentemente, não causou qualquer impressão. Ele se preocupava apenas que eu apreciasse a distinção de tal propriedade. Eu pisei e afastei as ervas-daninhas dos azulejos do corredor, e consegui discernir sobre eles as ruínas das letras, há muito obliteradas pela corrosão do tempo.

— Há tumbas — falei.

— Ah, sim — respondeu Warrington, com certo prazer. — Acredito que os Marvyn utilizavam como mausoléu. Estão todos enterrados aqui. Em bom latão, pelo que me disseram.

As associações do lugar me interessavam. O aspecto da abadia encarava o passado — parecia se recusar a se entregar ao presente —, e, de alguma forma, a ideia daquelas duas maçantes vidas decentes que deveriam ser vividas sob seu abrigo tinham um toque de incongruência. As criadas de chapéu branco e os mordomos pomposos que perambulariam pelos corredores representavam uma visão ridícula ao lado de minhas fantasias sobre a construção antiga. Apesar de tudo isso, eu invejava Warrington e a casa dele e assim lhe disse, com um toque de humor sobre eu ser mais adequado para apreciar as glórias do lugar do que ele mesmo.

Warrington riu.

— Ah, não sei — disse ele. — Gosto da aparência de velho mundo tanto quanto você. Sempre tive a ideia de algo venerável. Parece nos servir de ancestrais. — E Warrington estava sem dúvida encantado com meu entusiasmo.

Mas, no almoço, novamente, ele retornou à irritação de antes, porém com outra questão provocando sua raiva. Recebera uma carta pelo segundo correio

do dia da srta. Bosanquet, a qual, a julgar pela perplexidade de Warrington, devia ser incomumente confusa. Ele leu e releu a carta, franzindo a testa.

— O que inferno ela quer dizer? — perguntou Warrington, hesitante. — Primeiro faz planos para irmos até lá hoje, e agora não consigo entender se vamos até St. Pharamond ou se eles vêm até nós. Apenas veja aqui... por favor, Heywood?

Li o bilhete, mas não consegui oferecer uma solução final, ao que Warrington se transtornou de novo:

— É típico de mulheres, jamais conseguem dizer algo diretamente. Por que, em nome da bondade, não poderia deixar as coisas como estavam? Está vendo — observou, em resposta, como imaginei, ao meu silêncio —, não sabemos o que fazer agora. Se ficarmos aqui, eles podem não vir, e se formos, provavelmente cruzaremos com eles. — E Warrington estalou os dedos com irritação.

Eu estava bastante alegre, talvez porque a responsabilidade não fosse minha, e ousei sugerir que poderíamos cavalgar até lá e retornar se nos desencontrássemos. Mas Warrington dispensou a sugestão ao dizer:

— Não, ficarei. Não sairei em uma tarefa de tolo. — Então, chamou minha atenção para um ponto da decoração da sala.

Os Bosanquet não chegaram à tarde, e o mau humor de Warrington aumentou. A saudade do amor servia de desculpa, mas ele com certeza não era uma companhia agradável. Estava azedo e irritadiço, e não se podia dizer uma frase para a qual ele não encontrava uma réplica. Ficou tão desagradável que por fim encontrei um pretexto para deixá-lo e perambulei para os fundos da abadia até o interior da velha capela. O dia terminava e o sol de verão brilhava incandescente pelas janelas a oeste sobre o corredor vazio. As eras farfalhavam pelas aberturas nas paredes, e o gramado alto oscilava formando sombras sobre os corpos dos mortos esquecidos. Enquanto eu estava de pé contemplando esse efeito e meditando sobre as sortes passadas da abadia, minha atenção recaiu sobre uma grande pedra de mármore, sobre a qual a luz amarela se projetou de repente. As letras apagadas ganharam mais definição diante de meus olhos e li, devagar:

— *Aqui jaz o corpo de Sir Rupert Marvyn.*

Além de uma data, muito difícil de decifrar, não havia mais nada — elegia, estilo, registro, considerações religiosas que eram comuns ao período, nenhuma palavra. Li os numerais diversas vezes como 1723 e 1745, mas, como quer que fossem, era provável que a pedra cobrisse o local de descanso

do último Marvyn. A história daquela casa fútil me interessava muito, em parte pelo bem de Warrington e em parte devido a um interesse natural meu por registros antigos. Então, fiz uma nota mental sobre o nome e a data.

Quando voltei, o rancor de Warrington sumira por completo, dando lugar a uma mistura de animação turbulenta. Ele pediu desculpas, bem-humorado, pelo mau temperamento.

— Foi o desapontamento por não ver Marion — explicou-se. — Entenderá um dia, velho amigo. Mas, de toda forma, iremos até lá amanhã. — Então, passou a animar o jantar com uma ostentação de amizade que eu raramente testemunhara nele. Comecei a suspeitar que tivera mais notícias de St. Pharamond, embora tivesse escolhido esconder esse fato de mim.

O vinho estava notável — embora o próprio Warrington não fosse o melhor juiz, confiara a seleção a um bom paladar. Fizemos uma refeição alegre, bebemos mais do que era prudente e fumamos nossos charutos na varanda, ao ar puro. Ele estava inquieto. Empurrou a taça para longe.

— Direi uma coisa, velho amigo — falou. — Darei a você um jogo de bilhar. Tenho uma mesa boa.

Protestei. O ar estava delicioso demais, e eu não estava com humor para testar minha inteligência. Warrington riu, embora tenha parecido bastante desapontado.

— É quase um sacrilégio jogar bilhar em uma abadia — respondi, brincando. — O que pensariam os fantasmas dos velhos Marvyn?

— Ah, à força com os Marvyn! Você está sempre falando neles.

Ele se levantou e entrou na casa, voltando em breve com uma garrafa de uísque e copos.

— Experimente isto — disse Warrington. — Não tomamos licores. — E depois de servir a bebida destilada, ele a bebeu em um único gole.

Fiquei olhando, pois Warrington raramente bebia destilados — era mais um bebedor de vinho. Além do mais, ele devia ter tomado quase todo o conteúdo do copo. Mas Warrington não reparou em minha surpresa e, ao se sentar, acendeu outro charuto.

— Não quero que as coisas sejam tranquilas por aqui — observou, reflexivo. — Não acredito em sua vida rústica estagnada. O que pretendo fazer é manter o lugar aquecido, com muitas festas na casa, coisas acontecendo o ano todo. Espero que venha para a caçada, Ned. A vegetação está promissora este ano.

Assenti suficientemente ansioso, e Warrington voltou a tagarelar:

— Não sei se usarei muito a abadia. Acho que viverei na cidade grande parte do tempo. É mais alegre por lá. Mas não sei. Gosto do lugar. Quero dizer, foi uma compra muito boa, não há dúvida disso. Olhe aqui — Warrington se afastou subitamente —, traga seu copo e mostrarei uma coisa.

Eu estava com pouca vontade de me mover, mas Warrington foi tão imperativo que o segui com um suspiro. Entramos em um dos quartos menores que dava para a varanda, e que fora transformado em uma biblioteca confortável. Warrington abriu as janelas.

— Eis o ar para você! — gritou ele. — Agora sente-se. — E depois de caminhar até um armário, pegou uma segunda garrafa de uísque. — Irlandês! — disparou, batendo a garrafa na mesa. — Pode escolher. — Então, se virou de novo para o armário e rapidamente se sentou com as mãos sob a mesa. — Agora, então, Ned — continuou, com uma risada breve: —, encha o copo e nos divertiremos. — Com isso, jogou um baralho de cartas sobre a mesa.

Abri os olhos, pois não suponho que Warrington tenha tocado em cartas desde os tempos da faculdade. Mas, interpretando meu olhar do jeito dele, Warrington gritou:

— Ah, ainda não estou casado. Warrington ainda é dono de si mesmo. Pôquer? Hã?

— O que quiser — falei, resignado.

Uma expressão peculiar de prazer reluziu nos olhos de Warrington, e ele embaralhou as cartas com fervor.

— Corte — disse Warrington, e se serviu de mais uísque.

Era vergonhoso jogar ali, com a linda noite do lado de fora, mas não parecia haver alternativa. Warrington teve uma rodada de sorte, embora tenha jogado com pouca habilidade, e a animação dele aumentava conforme vencia.

— Vamos apostar dez xelins — sugeriu Warrington.

Fiz que não com a cabeça.

— Está se esquecendo de que não sou milionário — respondi.

— Deixe disso! Gosto de um jogo que valha a vitória. Bem, comece.

Os olhos de Warrington brilhavam sobre as cartas, e ele as dedilhava com afeição genuína. O comportamento do homem me deixava espantado. Comecei a vencer.

O rosto dele aos poucos estampou uma expressão tediosa, desanimada. Ele jogava avidamente, com avareza. Contestava meus pontos e estava beligerante.

— Ah, já jogamos o bastante! — gritei, insatisfeito.

— Por Jó, não faça isso! — exclamou, se colocando de pé em um salto. — Você é o vencedor, Heywood, e prefiro vê-lo amaldiçoado antes de livrá-lo de minha vingança!

As palavras me assustaram, não menos do que a fúria que entoou no sotaque dele. Eu o olhei estupefato. A parte branca dos olhos estava selvagemmente exposta, e um olhar deprimido, irritadiço, se estampava em seu rosto. De repente, fui tomado pela suspeita de algo no pescoço de Warrington.

— O que é isso? — perguntei. — Você se cortou.

Warrington levou a mão ao rosto.

— Besteira — respondeu, irritadiço.

Olhei com mais atenção, então percebi meu erro. Era uma marca redonda, levemente vermelha, do tamanho de um florim, na saliência do pescoço, e atribuí à pressão accidental de algum botão.

— Vamos! — insistiu, impaciente.

— Droga, Warrington! — falei, pois imaginei que estivesse agitado demais devido ao uísque que tomara. — São apenas algumas libras. Por que ficar tão nervoso? Pode ser amanhã.

Depois de um momento, o olhar dele ficou sério e Warrington deu uma risada esquisita.

— Ah, está bem, isso serve — respondeu. — Mas estou tão infernalmente agitado.

— Uísque — falei, animado.

Ele olhou para a garrafa.

— Quantos copos tomei? — E assobiou. — Por Jó, Ned, isso não vai dar certo! Preciso me recompor. Venha, vamos ver a noite.

Fiquei muito feliz por sair da mesa, e logo voltamos à varanda. Warrington ficou em silêncio, e o olhar dele constantemente seguia para o outro lado do vale, onde a lua subia, e na direção em que indicara estar St. Pharamond. Quando deu boa noite, ele parecia preocupado.

— Espero que durma melhor — comentou.

— E você também — acrescentei.

Ele sorriu.

— Não acho que acordarei a noite toda — respondeu. Então, quando eu me virava para ir embora, ele me segurou rapidamente pelo braço. — Ned — disse ele, impulsivamente, e com muita sinceridade —, não deixe eu me fazer

de tolo de novo. Sei que é a animação por tudo. Mas quero estar o melhor possível para ela.

Apertei a mão dele.

— Tudo bem, velho amigo. — E nos separamos.

Acho que nunca dormi mais profundamente do que naquela noite. A primeira coisa de que me dei conta foi o canto de tordos do lado de fora de minha janela. Eu me levantei e olhei adiante, e o sol estava alto no céu oriental, a grama e o verde recente das árvores brilhavam com orvalho. Com uma sensação desconfortável de que era muito tarde, eu me vesti apressadamente e desci. Warrington esperava por mim na sala do café da manhã, como na manhã anterior, e, quando ele se virou da janela à minha chegada, a visão daquele rosto me espantou. Estava macilento e exaurido, e os olhos estavam injetados de sangue — era um rosto arrasado e selvagem devido aos exageros. Warrington não respondeu minha pergunta, mas se sentou com um ar moroso.

— Agora que chegou — disse ele, emburrado — podemos muito bem começar. Mas não é minha culpa que o café esteja frio.

Eu o observei com olhar crítico e fiz um comentário a respeito de sua aparência.

— Você não me parece muito disposto — falei. — Outra noite ruim?

— Não, dormi muito bem — respondeu, indelicadamente. Então, continuou depois de uma pausa: — Que tal isto, Heywood: me dará minha vingança depois do café da manhã.

— Loucura — disse eu, depois de um silêncio momentâneo. — Você vai até St. Pharamond.

— Ao inferno! — Foi a réplica dele. — Não se pode sempre ter trabalho pelas mulheres. Você parece muito indisposto a me enfrentar de novo.

— Eu não o enfrentarei esta manhã — retuquei com aspereza, pois os modos do homem me incomodaram. — Esta noite, se quiser, e então essa bobagem termina.

Warrington disse algo como um resmungo sussurrado, e o restante da refeição se passou em silêncio. Mas nutri uma suspeita inquietante a respeito dele, e, afinal de contas, era meu amigo, com quem tinha obrigação de não discutir. Então, quando ele se levantou, eu me aproximei.

— Veja bem, Warrington. O que há com você? Andou bebendo? Lembre-se do que me pediu ontem à noite?

— Segure essa maldita boca! — Foi a única resposta que ele ofereceu ao me dar as costas, mas exibindo vergonha.

Mas eu não seria dispensado daquela maneira, e falei de forma um pouco mais ríspida:

— Vamos esclarecer isto, Warrington. Se está doente, entenderei, mas não ficarei aqui com você nesse humor pestilento.

— Não estou doente — respondeu ele, exasperado.

— Olhe para si mesmo — gritei, e o virei para o espelho acima da lareira.

Warrington se assustou um pouco, e um franzido de perplexidade se estampou na testa dele.

— Pelo Senhor! Este não sou eu, Ned — disse Warrington, com outra voz. — Devo ter ficado bêbado na noite passada. — E com um tipo de grunhido, ele me direcionou um olhar de dar pena.

— Venha. — Senti-me obrigado a responder. — Recomponha-se. A jornada lhe fará bem. E chega de uísque.

— Não, pelos Céus, não! — gritou Warrington, veementemente, e pareceu estremecer. Mas então, subitamente tomando meu braço, ele saiu da sala.

A manhã estava quieta e dourada. Os olhos de Warrington seguiram adiante, para o vale.

— Venha até os estábulos, Ned — disse ele, impulsivamente. — Deve escolher sua montaria.

Fiz que não com a cabeça.

— Escolherei a sua, mas não vou com você. — Warrington pareceu surpreso. — Não, vá sozinho. Não quer um companheiro em tal tarefa. Ficarei aqui e seguirei com minhas investigações sobre os Marvyn.

Uma careta tomou conta do rosto de Warrington, mas apenas por um instante.

— Tudo bem, velho amigo, faça como quiser. De toda forma, sairei agora mesmo. — E rapidamente, quando o cavalo dele foi trazido, Warrington ria com alegria. — Terá um dia tedioso, Ned. Mas a culpa é sua, seu imprestável. Almoçará sozinho, pois só voltarei tarde. — E, alegremente empunhando o chicote, Warrington saiu cavalgando pela entrada.

Foi um alívio para mim estar livre dele, pois, na verdade, os humores de Warrington tinham me desgastado os nervos, e eu não queria férias de tal natureza inquietante. Quando ele retornasse, não tinha dúvidas de que seria com um rosto diferente, e, enquanto isso, eu seria uma excelente companhia para mim mesmo. Depois do almoço, me diverti por meia hora com truques

bobos na mesa de bilhar e, cansado do passatempo, esbarrei com a governanta ao retornar pelo corredor. Era uma mulher mais próxima dos sessenta do que dos cinquenta anos, com uma silhueta rechonchuda e aconchegante e uma expressão amigável. Os olhos dela me convidaram respeitosamente para uma conversa, e, parando, consenti. Ela perguntou se eu gostava do meu quarto e como estava dormindo.

— É uma bela vista, senhor — disse a mulher. — Era onde a velha Lady Marvyn dormia.

Ao que parecia, a mulher servira como criada da cozinha aos antigos donos da abadia, quase cinquenta anos antes.

— Ah, conheço a velha casa de trás para frente — afirmou ela — e arrumei os quartos com o sr. Warrington.

Estávamos diante do portal baixo que dava para o quarto de Warrington, e meus olhos inconscientemente dispararam naquela direção. A sra. Batty seguiu meu olhar.

— Não queria que ele ficasse ali, mas estava determinado — defendeu-se a mulher. — É pequeno para um quarto, e em minha opinião não é adequado para mais do que um quarto para cochilos. Era para isso que Sir William o usava.

Abri a porta e passei pelo portal, e a governanta me seguiu.

— Não é adequado — repetiu ela, olhando em volta —, e acredito que seja úmido, senhor.

De novo, tive uma sensação curiosa de que o silêncio falava ao meu ouvido. A atmosfera era espessa e pesada, e um cheiro almiscarado, como de tapeçarias velhas, penetrou em minhas narinas. O quarto todo parecia indescritivelmente escuro, apesar das novas cortinas. Fui até a janela estreita e olhei pelos vidros em losango. Do lado de fora, ainda que embaçadas, era possível ver através do vidro velho e manchado, as ruínas da capela, que me confrontavam, expostas e imponentes, à luz amarela do sol. Eu me virei.

— Não há fantasmas na abadia, suponho, sra. Batty? — perguntei, como brincadeira.

Mas ela levou minha pergunta muito a sério.

— Jamais ouvi falar de um, senhor — protestou a sra. Batty —, e, se houvesse tal coisa, eu saberia.

Enquanto eu me aproximava dela, um rangido estranho e baixo se tornou audível, e, ao olhar para cima, vi em um canto do telhado alto e arqueado um rosto horrível me observando com olhos pretos e estreitos. Confesso que

fiquei muito espantado com a aparição, mas no momento seguinte percebi o que era. A criatura pendia com as asas carnudas feias estendidas sobre uma cabeça de pedra grotesca que me olhava com malícia, o focinho de aparência maligna se projetando para dentro do quarto. O animal estava imóvel, devolvendo cada olhar meu, até que, movido pela repulsa daquela presença, uni as mãos e dei um grito alto. Então, vagorosamente formando um círculo em torno do telhado, a criatura sumiu batendo as asas para algum canto escuro das vigas. A sra. Batty ficou chocada e expressou surpresa porque o animal conseguiu se esconder por tanto tempo.

— Ah, morcegos vivem em buracos — respondi. — Deve haver algum pequeno acesso pela alvenaria. — Mas o incidente tinha lançado um calafrio desconfortável por meu corpo mesmo assim.

Mais tarde naquele dia, comecei a reconhecer que, à exceção de um retorno repentino para a cidade, meu tempo não seria passado muito agradavelmente. Mas era um problema pessoal, pois dizia respeito ao próprio Warrington, que me incomodava ainda mais. Ele voltou de St. Pharamond em um temperamento melancólico e terrível, muito diferente da natureza gentil que tinha. Parecia que discutira rudemente com a srta. Bosanquet, mas o motivo não consegui descobrir, e também não insisti por uma explicação. Mas os ares do ódio dele ainda subiam quando nos encontramos, e nosso jantar foi uma refeição muito deprimente. Warrington estava em tal grau de irritação que tornava impossível falar com ele, e logo me retraí para meus pensamentos. Eu vi, no entanto, que ele bebia demais, como, de fato, ficou evidente a seguir, quando me chamou para a biblioteca. Mais uma vez, pegou aquele baralho odioso e fui obrigado a jogar, pois Warrington me lembrou grosseiramente que eu lhe havia prometido uma revanche.

— Entenda, Warrington — falei, com firmeza —, que jogo esta noite, mas nunca mais, independentemente do resultado. Na verdade, estou quase decidido a voltar à cidade amanhã.

Warrington me olhou ao se sentar, mas não disse nada, e o jogo começou. Ele perdeu feio de primeira, e como nada o satisfazia a não ser que constantemente aumentássemos a aposta, em pouco tempo ganhei várias centenas de libras. Warrington aceitou muito mal os revezes, transtornando-se de tempos em tempos com alguma exclamação de ódio, e questionando, petulante, minhas jogadas e murmurando juras aos sussurros. Mas eu estava decidido a não lhe dar motivo para reclamar de mim naquela única noite e, ignorando os ataques insanos do mau temperamento dele, joguei consistente e

silenciosamente. Conforme meus ganhos aumentavam, Warrington mudava de cor — a expressão dele se tornava horrenda, e os olhos acompanhavam minhas ações com suspeita. Por fim, Warrington se levantou e, avançando a passos largos para o outro lado da mesa, pegou minha mão com ferocidade enquanto eu pegava duas cartas.

— Maldito! Enxergo seus truques — gritou, em frenesi. — Solte essa mão, está ouvindo? Solte essa mão ou...

Mas ele não continuou, pois, ao me levantar também, desvencilhei a mão da dele e avancei contra Warrington, com um frenesi quase tão intenso quanto o dele. Mas de repente e, mesmo ao abrir a boca para falar, parei com um grito de horror. O rosto de Warrington estava lívido até os lábios, os olhos injetados e sobre o branco cinzento da pele, bem no centro do pescoço, a cicatriz vermelha redonda, incandescente e feia como um ferimento, me encarou.

— Warrington! O que é isto? O que você... — E aponte, alarmado, para o local.

— Cuide da própria vida — disse ele, com escárnio. — Entendo que quer desviar atenção de sua trapaça. Mas esse truque não funcionará comigo.

Sem dizer mais uma palavra, atirei as fianças à mesa e, me virando, deixei a sala. Estava furioso com Warrington e decidido a deixar a abadia pela manhã. Subi a escada até meu quarto e então, sentando-me na varanda, tentei recuperar minha compostura.

Quanto mais eu considerava, mais indesculpável era o comportamento de Warrington. Ele sempre fora um homem cortês, bastante gentil por natureza, mas nos últimos dias não passou de um selvagem. Parecia óbvio que devia estar doente ou ficando louco. Conforme pensei nisso, me dei conta da conjectura com uma certa piedade. Se fosse o caso de Warrington estar perdendo a cabeça, que terrível a tragédia diante do novo e maravilhoso futuro que se revelava em sua vida. Estimulado por essa crescente convicção, decidi descer para vê-lo, mais ainda porque agora me lembrava da voz suplicante dele ao me pedir ajuda na noite anterior. Não seria possível que esse apelo patético viesse do instinto de autopreservação dos loucos?

Eu o encontrei ainda na biblioteca: a cabeça caída na mesa, e o estado da garrafa de uísque no braço apenas evidenciava mais a condição dele. Eu o sacudi vigorosamente e Warrington abriu os olhos.

— Warrington, você precisa se deitar.

Ele sorriu e me cumprimentou com muita afeição. Obviamente, não estava tão bêbado quanto eu supunha.

— Que horas são, Ned? — perguntou Warrington.

Eu disse que era uma hora da manhã, ao que ele se levantou bruscamente.

— Senhor, estava dormindo. Ajude-me, Ned. Não acho que eu esteja sóbrio. Onde você estava?

Eu o ajudei a ir para o quarto, e ele se despiu devagar, e com esforço. De alguma forma, enquanto eu o observava, cedi a um impulso desconhecido e falei, de súbito:

— Warrington, não durma aqui. Venha dividir o quarto comigo.

— Meu caro amigo — respondeu Warrington, com uma risada debochada —, o seu não é o único quarto na casa. Posso usar meia dúzia se quiser.

— Bem, use um deles.

Warrington fez que não com a cabeça.

— Vou dormir aqui — respondeu ele, obstinado.

Não me esforcei mais para influenciá-lo, pois, afinal de contas, agora que as palavras tinham sido ditas, eu não tinha qualquer motivo para dar a ele ou a mim mesmo a respeito de minha sugestão. Então o deixei. Quando fechei a porta, e estava me virando para seguir pela passagem, ouvi muito claramente, como me pareceu, um grito de súplica, abafado e baixo mas muito perturbador, vindo do quarto. Abri a porta de novo. Warrington estava na cama, e o ruído alto da respiração dele me informou que estava dormindo. Era impossível que pudesse ter proferido o grito. Uma lâmpada noturna estava acesa ao lado da cama dele, projetando uma iluminação forte nas proximidades e sombras grotescas nas paredes. Quando me virei para ir embora, ouvi um agitar de asas, um rápido bater delas atrás de mim, e o quarto foi mergulhado em escuridão. A criatura obscena que vivia nos recessos do telhado devia ter derrubado a minúscula lâmpada com as asas. Então, a respiração de Warrington cessou e não ouvi qualquer som. Depois, mais uma vez, o silêncio pareceu me envolver lenta e pesadamente e sussurrar para mim. Tive a vaga sensação de ser sobrepujado, de ser seduzido e chamado e atraído por algo no ar ao redor — um tipo de horror tomou conta de mim, e me desvencilhei do círculo invisível e corri para fora do quarto. A porta rangeu atrás de mim e, conforme corri pelo corredor, mais uma vez pareceu ecoar em meus ouvidos o baixo e melancólico grito.

ACORDEI, NO CREPÚSCULO sombrio que precede o alvorecer, de um sono perturbado e povoado por sonhos malignos. Os pássaros não tinham começado seu dia ainda, e um amplo silêncio recaía sobre os jardins da abadia. Ao olhar pela janela, vi de relance uma silhueta escura caminhando com cautela pela esquina da capela em ruínas. O andar furtivo, assim como a aparição de um homem tão cedo, me surpreendeu. Depois de me vestir com pressa, corri para o andar de baixo, abri a porta de entrada e saí. Quando cheguei à varanda que dava para o corredor, parei subitamente, pois ali, diante de mim, com a cabeça no chão e olhando por entre o gramado alto, estava o alvo de minha perseguição. Então, avancei e coloquei a mão no ombro dele. Era Warrington.

— O que está fazendo aqui? — perguntei.

Ele se virou e me olhou espantado. Os olhos dele tinham uma expressão confusa, e ele piscou, perplexo, antes de responder.

— Ah, é você? — disse Warrington, baixinho. — Achei... O que foi?

— Segui você até aqui. Vi apenas sua silhueta e achei que pudesse ser algum intruso.

Warrington evitava meus olhos.

— Achei que tivesse ouvido um grito aqui fora — respondeu ele.

— Warrington, volte para a cama.

Ele não respondeu, e, dando-lhe o braço, o guiei para longe. À porta, ele parou e ergueu o olhar para mim.

— Acha que é possível... — começou Warrington, como se para indagar algo a mim, então se interrompeu de novo. Com um leve tremor, ele foi para o quarto, e eu o segui. Warrington se sentou na cama e voltou os olhos distraidamente para a janela gradeada. A sombra preta da capela era visível pela gelosia. — Não diga nada a respeito disso. Não deixe que Marion saiba.

Eu ri, mas foi uma risada esquisita.

— O quê? Que ficou alarmado por um grito de ajuda e foi procurar como um cavaleiro? — perguntei, brincando.

— Você ouviu, então? — disse Warrington, ansioso.

Fiz que não com a cabeça, pois não encorajaria os devaneios dele.

— É melhor ir dormir — respondi — e se livrar desses pesadelos.

Warrington suspirou e se deitou no travesseiro, com a roupa que usava. Antes que eu o deixasse, ele caiu em sono profundo.

Se eu esperava um humor azedo no café da manhã, estava muito errado. Não havia indício das perturbações noturnas dele. Warrington não parecia

sequer se lembrar delas, e não fez qualquer alusão a nossa aventura ao alvorecer. Leu uma carta com atenção e a jogou para mim dando um sorriso.

— Senhor, mulheres são esquisitas! — exclamou, com uma risada rouca.

Olhei para a carta sem pensar, mas, depois de ler metade dela, deixei de lado. Com certeza não era destinada aos meus olhos, e me espantei com a indelicadeza de Warrington ao tornar público o que era um assunto bastante íntimo. O bilhete era da srta. Bosanquet, e destinado ao coração de Warrington, pois fora confeccionado com afeição calorosa e carinhosa. Nenhum homem deveria ver tais cartas, exceto aquele para quem são escritas.

— Como vê, eles vêm jantar aqui — observou Warrington, despreocupadamente. — Pode-se confiar em uma moça para fazer as pazes se a deixar sozinha por tempo o suficiente.

Não respondi. Embora a grosseria de Warrington tivesse me irritado, pensei com satisfação no retorno do bom humor dele, o qual atribuí à reconciliação.

Quando fui para a varanda, a criada tinha entrado para retirar as coisas do café da manhã. Ouvi uma leve exclamação atrás de mim, e Warrington se aproximou com uma risada alta.

— Aquela é uma jovem muito bela! — disse ele, sem cerimônia. — Fico feliz por a sra. Batty tê-la contratado. Gosto de ter criadas bonitas.

Subitamente interpretei o incidente e gesticulei com os ombros.

— Você está grosseiro essa manhã, Warrington — exclamei, irritado.

Ele apenas riu.

— Você é um cão tedioso e beato, Heywood — replicou. — Venha. — E me arrastou para fora de forma nada amigável.

Eu tinha me esquecido de como ele podia ser o perfeito anfitrião, mas naquela noite ele exibiu o que tinha de melhor. Os Bosanquet chegaram cedo. Sir William era um homem tranquilo, afeito a livros e vinho, e agora eu tinha uma ideia do gosto que compusera a adega de Warrington. A srta. Bosanquet era tão encantadora quanto eu me lembrava — e se havia alguma objeção que meus olhos ansiosos poderiam fazer ao próprio Warrington era que ele parecia muito agitado, uma falha que, sob as circunstâncias, eu conseguia perdoar. Sir William permaneceu à mesa, tomando o vinho. Warrington, que fora bastante comedido na bebida, estava inquieto, e, por fim, desculpando-se com sua forma graciosa, me deixou para fazer companhia ao baronete. Eu era o menos indisposto a fazê-lo, pois estava ansioso para não me intrometer com os amantes, e Sir William discutia a história da abadia. Ele tinha um velho

livro em algum lugar na própria biblioteca sobre ela e, ao ver que eu estava interessado, me convidou para pesquisá-lo.

Conversamos por muito tempo, e somente mais tarde o terrível acontecimento que devo narrar ocorreu. A noite estava fechada e opressora, graças ao trovão, que já retumbava longe ao sul. Quando nos levantamos, descobrimos que Warrington e a srta. Bosanquet estavam no jardim, e até lá seguimos. Como não os encontramos a princípio, Sir William, que notara, com inquietude, a tempestade que se aproximava, me deixou para fazer os preparativos para seu retorno. Caminhei pelas trilhas sozinho, aproveitando um cigarro. Tinha chegado aos arbustos na ponta mais afastada da capela quando ouvi vozes — a de um homem, áspera e rouca, a de uma mulher, suplicante e embebida em medo. Um grito agudo se seguiu e, sem hesitar, avancei pela vegetação rasteira na direção dos falantes. A visão com que me deparei me chocou. Escuridão caía, acesa por clarões agourentos: as duas figuras se destacavam nos arbustos, em uma atitude de luta. Não tinha como confundir as vozes de tão perto. Ouvi a de Warrington, brusca com ódio e de tom quase selvagem, gritando:

— Você fará!

Então, se seguiu o murmúrio da jovem, um choro baixo, e um grito lancinante. Corri para a frente e o segurei pelo braço quando, para meu horror, percebi que ele tomara o pulso da jovem com as duas mãos e o torcia com violência, como o hábito cruel de garotos na escola. A crueldade malevolente da ação me chocou tanto que por um instante permaneci imóvel. Quase ouvi os ossos do frágil pulso se quebrarem. Então, em um segundo, agarrei as mãos de Warrington com força e o atirei violentamente ao chão. A garota caiu com ele e, quando a peguei, Warrington também se levantou e, fechando os punhos, fez menção de me atacar. Em vez disso, ele se virou e saiu, emburrado e com uma expressão de ódio feroz no rosto, pela vegetação rasteira.

A srta. Bosanquet recobrou os sentidos logo depois e, embora a agonia da dor deva ter sido considerável para uma jovem delicada, creio que tenha sido mais pelo horror inacreditável do ato que ela tenha desmaiado. De minha parte, não havia o que ser dito: nenhuma palavra relativa ao incidente ousou passar por meus lábios. Perguntei se estava bem, e então, apoiando o braço dela no meu, a guiei gentilmente na direção da casa. O coração da srta. Bosanquet batia forte contra mim, e ela estava ofegante, apoiando-se em mim para se segurar. Diante da capela, parei, sentindo que não deveria ousar

deixá-la ser vista em tal condição — tão espantada pela atrocidade daquela coisa toda.

— Venha descansar aqui dentro — sugeri, e entramos na capela.

Apoiei a srta. Bosanquet em uma placa de mármore e fiquei de pé, esperando, ao lado dela. Falei nervosamente sobre algo, por falta de assunto — sobre o estado da capela e sobre o túmulo intrigante que tinha descoberto. Recuperando-se um pouco, a srta. Bosanquet se juntou às minhas observações. Estava claro que ela se continha com severidade. Afastei as plantas e li em voz alta a inscrição no túmulo de Sir Rupert e, virando-me para o seguinte, que estava tomado pela vegetação, fingi procurar com mais esforço. Enquanto me inclinava ali, quando, sem perceber, de repente achei o ponto sobre o qual encontrei Warrington de pé naquela manhã. Com um gesto, afastei as ervas-daninhas, puxando algumas com os dedos, e, ajoelhando-me ao crepúsculo, me curvei sobre o monumento. Então, um clarão intenso relampejou no céu e um forte estalo de trovão se seguiu. A srta. Bosanquet se levantou espantada, e eu também. Os céus estavam acesos, na verdade, pela luz do sol, e, quando me virei, meus olhos recaíram sobre a pedra agora descoberta. As letras lampejaram diante de meus olhos: *“Priscilla, Lady Marvyn.”*

Então, as nuvens se abriram e a chuva caiu em jatos, berrando e dançando sobre o telhado antigo acima.

Estávamos sob um abrigo muito precário, e eu não tinha certeza se a srta. Bosanquet deveria correr o risco naquele edifício frágil e destruído. Durante uma estiagem momentânea, consegui levá-la até a casa. Encontrei Sir William em um estado de nervos perturbados. Era um homem medroso, e o trovão o transtornara, mais ainda porque ele e a filha agora estavam detidos ali pela tempestade por algum tempo. Não havia possibilidade de se aventurarem na natureza por uma hora ou mais. Warrington não estava do lado de dentro, e ninguém o vira. À luz, o rosto da srta. Bosanquet me espantou. Os olhos dela estavam arregalados e amedrontados, e a pele estampava um branco bastante esmaecido. Obviamente, estava bem perto de uma crise de nervos. Encontrei a sra. Batty e disse a ela que a jovem tinha se abalado com a tempestade, sugerindo que seria melhor que ela se deitasse um pouco. Retornando comigo, a governanta levou a pobre garota, e Sir William e eu fomos deixados juntos. Ele caminhava impacientemente pela sala, e perguntava se havia sinal de melhora no tempo. Também perguntava por Warrington, irritadiço. O fardo de toda a noite terrível pareceu recair sobre

mim. Ao passar pelo corredor, reencontrei a sra. Batty. As feições normalmente plácidas dela estavam perturbadas e assustadoras.

— Qual é o problema? — perguntei. — A srta. Bosanquet...

— Não, senhor, acho que está dormindo — respondeu a governanta. — Está... está no quarto do sr. Warrington.

Eu me espantei.

— Não há outros quartos? — perguntei, abruptamente.

— Nenhum pronto, senhor, exceto o seu — respondeu ela —, e achei...

— Deveria tê-la levado até lá! — A mulher me olhou e abriu a boca. — Pelos céus! — falei, irritado. — Qual é o problema? Todos estão loucos esta noite.

— Alice se foi, senhor — disparou a mulher.

Alice, eu me lembrava, era o nome de uma das criadas.

— O que quer dizer? — perguntei, pois o ar de pânico implicava algo mais severo do que as palavras. O trovão ressoou sobre a casa e fez sumir a voz da sra. Batty.

— Não deve estar lá fora nessa tempestade, deve ter se abrigado em algum lugar — comentei.

Com isso, as amarras da língua dela se soltaram e a governanta desembuchou sua história. Era uma narrativa abominável.

— Onde está o sr. Warrington? — perguntei, mas a sra. Batty sacudiu cabeça.

Um momento de silêncio se passou entre nós e nos entreolhamos, espantados.

— Ela ficará bem — concluí, como se esquecendo o assunto.

A governanta entrelaçou as mãos.

— Jamais teria pensado! — repetiu a mulher, desapontada. — Jamais teria pensado!

— Houve algum engano — falei, mas, de alguma forma, sabia bem. De fato, senti no momento que estava quase preparado para isso.

— Ela correu para a cidade — sussurrou a sra. Batty. — Deus sabe aonde ia! O rio fica naquela direção.

— Não fale besteiras! — exclamei. — É tudo um engano. Venha, tem algum *brandy*?

Levada de volta ao aspecto material de seus deveres, a sra. Batty saiu às pressas, com certa brusquidão, e retornou com uma garrafa e copos. Tomei um gole grande e voltei para Sir William. Ele estava transtornado e maldizia

o tempo incessantemente. Precisei ouvir a cadeia de infortúnios que Sir William relatava sobre as plantações da estação. Parecia tudo tão fútil, com a filha dele envolvida na terrível tragédia em um quarto vizinho. Sir William melhorou depois de um *brandy* e ficou mais alegre, mas perguntava com frequência sobre Warrington.

— Ah, ele foi pego pela tempestade e se abrigou em algum lugar — expliquei, vagamente. Eu me perguntei se o dia seguinte chegaria.

Aos poucos, aquele trovão seguiu devagar para a parte norte do céu e apenas clarões esporádicos queimavam acima. Durava agora mais de duas horas. Sir William declarou intenção de partir e perguntou pela filha. Chamei a sra. Batty e a mandei acordar a srta. Bosanquet. Quase imediatamente uma batida soou à porta e a governanta estava ao portal com uma expressão nervosa, exigindo me ver. Sir William olhava pela janela e felizmente não a viu.

— Por favor, venha até a srta. Bosanquet, senhor — pediu ela, muito assustada. — Por favor, venha logo.

Alarmado, eu segui pelo corredor e entrei no quarto de Warrington. A garota estava deitada na cama com o cabelo solto sobre o travesseiro. Os olhos dela, arregalados e cheios de terror, encaravam o teto, e as mãos se agarravam e retorciam o cobertor como se sentisse a agonia da dor. A jovem arquejou, como se estivesse lutando para tomar fôlego enquanto era sufocada. A aparência dela era de alguém nas mãos assassinas de um agressor.

Eu me inclinei.

— Aproxime a luz, rápido — gritei para a sra. Batty. Quando coloquei a mão no ombro da srta. Bosanquet para levantá-la, a criatura que vivia no quarto se levantou da sombra na ponta mais afastada da cama e planou com um farfalhar das asas até a cornija. Com uma exclamação de horror, eu trouxe a cabeça da garota para a frente e a luz da vela brilhou no rosto pálido dela. Sobre a pele macia do pescoço esguio da srta. Bosanquet havia uma marca vermelha redonda, do tamanho de um florim.

Ao ver aquilo, quase soltei a jovem no travesseiro de novo, mas, controlando meus nervos, eu a abracei e, erguendo o corpo dela da cama, carreguei-a para fora do quarto. A sra. Batty seguiu.

— O que faremos? — perguntou ela, com a voz baixa.

— Nós a levaremos para longe desse maldito quarto! Para qualquer lugar, a entrada, a cozinha até.

Eu a deitei em um sofá na sala de jantar e, depois de despachar a sra. Batty para pegar *brandy*, dei à jovem um gole. Devagar, o horror sumiu dos olhos dela. Eles se fecharam, e a srta. Bosanquet olhou para mim.

— O que você...? Onde estou? — perguntou ela.

— Estava indisposta — respondi. — Por favor, não se agite ainda.

A srta. Bosanquet estremeceu e voltou a fechar os olhos.

Muito pouco foi dito além disso. Sir William pediu pelos cavalos dele e, conforme o céu limpava, não tentei detê-lo — na verdade, o quanto antes a srta. Bosanquet deixasse a abadia, melhor para ela. Em meia hora, a jovem se recuperou o suficiente para partir e eu a ajudei a entrar na carruagem. Ela jamais mencionou o ataque, mas me agradeceu por minha gentileza. E foi isso. Ninguém perguntou por Warrington, nem mesmo Sir William. Ele se esquecera de tudo, exceto da ansiedade para voltar. Quando a carruagem se afastou dos degraus, vi a marca no pescoço da jovem, agora mais fraca.

Esperei até tarde da madrugada, mas não havia sinal de Warrington quando fui me deitar. Ele também não apareceu quando desci para o café da manhã. Uma carta com a letra dele, no entanto, e com o selo de Londres, me aguardava. Era um rabisco deplorável, a caligrafia em que se poderia encontrar as emoções desesperadas que o arrasaram. Warrington implorava por meu perdão. “Sou um demônio?”, perguntava ele. “Estou louco? Não era eu! Não era eu!”, repetia Warrington, ressaltando a frase com traços impetuosos. “Você sabe”, escrevia ele, “e sabe, portanto, que está tudo acabado para mim. Vou para o exterior hoje. Jamais verei a abadia de novo”.

Era bom que tivesse partido, pois mal acredito que conseguiria encará-lo. No entanto, estava irritado comigo mesmo por deixar o caso naquela confusão terrível. Senti que era minha incumbência enfrentar os problemas e tentei fazê-lo da melhor forma possível. A sra. Batty me deu notícias da menina, Alice. Era muito ruim, embora não tão ruim quanto temíamos. Consegui fazer arranjos imediatamente, os quais esperava que enterrassem aquele caso lamentável por enquanto. Restava a srta. Bosanquet, mas essa dificuldade parecia além de minha capacidade. Não conseguia ver uma saída da tragédia. Não ouvi nada, exceto que estava doente — uma doença atribuída por todos ao choque pela exposição à tempestade. Apenas eu sabia que não era isso, e uma vaga indisposição para fugir das responsabilidades da posição me manteve em Utterbourne.

Foi durante aqueles dias antes de minha visita a St. Pharamond que voltei a atenção mais particularmente para a coisa que se forçara de modo incessante

sobre mim. Jamais fui um homem supersticioso — as fofocas de velhas matronas me interessavam apenas como um observador curioso e apático. No entanto, estava incomodado com o ocorrido na abadia, e foi com alguma relutância que decidi fazer mais um teste no quarto de Warrington. A sra. Batty recebeu minha determinação para mudar de quarto sem resistência, mas protestando devido à umidade no Quarto de Pedra. Estava claro que as suspeitas dela não se alinhavam às minhas. Na segunda noite, após a partida de Warrington, ocupei o quarto pela primeira vez.

Fiquei acordado por algumas horas, com uma lâmpada de leitura ao lado da cama e um livro de viagens na mão. Sentindo-me muito cansado, apaguei a luz e fui dormir. Nada me distraiu naquela noite. De fato, dormi mais profunda e pacificamente do que antes naquela casa. Também me levantei com uma sensação de animação e só quando estava me vestindo diante do espelho me lembrei das circunstâncias de minha missão. Porém, fui distraído, rapidamente afastado do temperamento alegre. Levemente visível em meu pescoço estava a mesma marca redonda que eu já vira estampada em Warrington e na srta. Bosanquet. Com isso, todas as minhas antigas dúvidas retornaram com força total, intensificadas e determinadas. Minha mente retornava ao morcego, e contos de sangue sendo sugado por tais criaturas malignas se reavivaram em minha memória. Mas quando me lembrei de que essas eram criaturas estrangeiras e eu estava na Inglaterra, afastei os contos com facilidade. Mesmo assim, a impressão daquela marca permanecia e me alarmava. Não poderia ter surgido por acidente — e supor tantas coincidências era absurdo. O enigma residia em mim, insolúvel, e os dedos do pesar lentamente me tomavam.

Mesmo assim, dormi novamente no quarto. Sem companhia, exceto eu mesmo, e estando entediado e chateado, temo que tenha bebido mais álcool do que era de costume, e o resultado foi que mais uma vez dormi profundamente. Acordei por volta das três da manhã e fiquei surpreso ao encontrar a lâmpada ainda acesa. Tinha me esquecido dela, em meu estado estúpido de sonolência. Quando me virei para apagá-la, o morcego planou por mim e circulou por um instante acima de minha cabeça. Eu estava tão sobrepujado pelo torpor que mal notei e, assim que minha cabeça repousou, caí na inconsciência. A marca vermelha estava mais forte na manhã seguinte — no entanto, como no dia anterior, ela esmaeceu com o cair da noite. Mas apenas observei o fato sem preocupação. De fato, agora o assunto de minha investigação parecia estar bastante remoto. Eu estava ficando indiferente,

supus, devido à familiaridade. Mas a solidão se tornava íntima de mim, e passei um dia bastante inquieto. Uma cavalgada breve que fiz na tarde foi a única experiência agradável do dia. Refleti que se tal fardo continuasse, eu deveria me apressar para voltar à cidade. Não tinha desejo de seguir os passos de Warrington, pelo bem dele. A noite foi tão tediosa que depois que passeei pela propriedade e entrei na capela sob o luar, voltei à biblioteca e tentei passar o tempo com as cartas de Warrington. Mas não era divertido sem um antagonista que me enfrentasse, e eu estava soltando o baralho, irritado, quando um dos criados entrou com o uísque.

Somente muito depois me dei conta do curso de minha ação, mas mesmo na hora eu estava ciente de uma curiosa sensação intrínseca de vergonha. Tenho certeza de que a coisa aconteceu naturalmente e que não houve estranheza em como o abordei. E nem, depois da surpresa inicial, o homem ofereceu objeção. Mais tarde, mal se esperava que o fizesse, pois estava vencendo muito rapidamente. O motivo adivinhei depois, mas, durante a jogada, fiquei espantado ao reparar como minha irritação aos poucos aumentava de modo estranho. Por fim, joguei as cartas no chão e me levantei. O homem, com um sorriso no qual o triunfo se misturava ao desconforto, também se levantou.

— Maldito seja, saia! — gritei, com raiva.

Fiel à posição dele, o homem me respondeu com respeito e obedeceu. Fiquei sentado, encarando a mesa. Corando de repente, lembrei a loucura grotesca dos eventos daquela noite e meus olhos recaíram sobre a garrafa de uísque. Estava quase vazia. Então fui dormir.

Vozes gritaram a noite toda naquele quarto — vozes baixas e suplicantes. Não havia nada que me alarmasse nelas. Pareciam, de certa forma, me embalar no sono. Mas, rapidamente, um grito mais agudo me despertou do estado semiacordado e, ao me levantar, escancarei a janela. O vento soprava em torno da abadia, varrendo seus ruídos contra os cantos e as torres da casa. A capela escura estava quieta ao luar e atraiu meus olhos. Mas, resistindo a um impulso estranho e inexplicável de ir mais longe, voltei para a cama.

Os eventos do dia seguinte são melhor relatados sem comentários.

No café da manhã, encontrei uma carta de Sir William Bosanquet me convidando a ir até St. Pharamond. Imediatamente, tomei consciência de um anseio por ir: parecia, de alguma forma, que eu estava esperando por aquilo. A visita tomou proporções absurdas, e fiquei impaciente pela tarde.

Sir William foi educado, mas não, como achei, cordial. Ele não fez alusão alguma a Warrington, o que me fez inferir que fora informado da partida, e também me perguntei se o convite que se estendia a mim seria um ato de cortesia a um estranho solitário mais do que o desejo por minha companhia. De toda forma, quando Sir William sugeriu que eu deveria ficar para o jantar, aceitei de prontidão, pois, para ser sincero, ainda não vira a srta. Bosanquet e tinha uma estranha curiosidade por fazê-lo. Quando, por fim, ela apareceu, fiquei chocado, talvez pela primeira vez, com sua beleza. Sem dúvida, era uma jovem bela, embora tivesse um ar delicado de saúde frágil.

Depois do jantar, Sir William se lembrou por acaso do livro sobre a abadia que prometera me mostrar e, depois de uma breve caçada na biblioteca, nós o encontramos. Em seguida, Sir William foi chamado para fora e, com um pedido de desculpas, me deixou. Com uma ansiedade curiosa, folheei o volume e me sentei para ler.

Fora publicado no início do século e se dedicava a relatar a história da abadia e de seus donos. Mas foi um capítulo em especial que me interessou — aquele que narrava o destino do último Marvyn. A família se tornara extinta devido a uma tragédia sangrenta — esse fato me manteve transfixado. A própria narrativa, há muito passada pela memória da tradição, era ali disposta em frases diretas. Os nomes de Sir Rupert Marvyn e Priscilla, Lady Marvyn, me abalaram de modo estranho, mas principalmente o último. Devia ter alguma ligação com aquelas pedras de túmulos na capela da abadia — com certeza, me afetaram intimamente. A história daquela família maligna era manchada de sangue e descolorida, e o fim era harmonicamente adequado — um holocausto lúgubre de crime. Houve dois irmãos, mas era difícil escolher qual vida fora mais terrível. Se havia uma, a de William, o mais novo, era a pior — de acordo, ao menos, com o que contava a narrativa. Os detalhes dos excessos dele não tinham sobrevivido, mas estava bastante óbvio que ambos eram jogadores notórios. A história das mortes dos irmãos estava envolta em dúvida, o tema de conjecturas apenas e probabilidades, pois ninguém estava presente à exceção de três notáveis atores — os quais se envolveram, juntos, em uma destruição sangrenta. Priscilla, a esposa de Sir Rupert, era suspeita de uma intriga com o cunhado. Parecia que fora maculada pela corrupção da família à qual se casara. Mas, de acordo com um segundo boato, relatado pelo autor, havia dúvidas se a mulher não seria a pior dos três. Nada se sabia de sua ascendência — retornara com o apaixonado Sir Rupert à abadia depois de uma das ausências prolongadas dele e fora aceita

como esposa legal do homem. Essa era a mulher cuja famosa beleza levava a um pecado terrível entre os irmãos.

Na noite que serviu de testemunha à extinção da miserável família, os dois irmãos estavam jogando juntos. Sabia-se pelas vozes elevadas que estavam discutindo e supõe-se que, no fervor do vinho e na luxúria do jogo, o mais jovem provocou Sir Rupert com relação à esposa. Com isso — mas são apenas conjecturas —, o mais velho o esfaqueou até a morte. Entende-se, ao menos, que àquela altura os barulhos de uma luta e um grito de amargura foram ouvidos. O relato dos criados dizia que ao ouvir tal ruído, Lady Marvyn correu para o quarto e trancou a porta atrás de si. O medo tomava conta dos criados, há muito habituados aos modos selvagens da casa. De acordo com as testemunhas, nenhum outro som se seguiu à entrada de Lady Marvyn. No entanto, quando as portas foram por fim arrombadas pelas autoridades, os três corpos foram encontrados no chão.

Não havia registro de como Sir Rupert e a esposa encontraram seu fim. “Essa tragédia”, prosseguia a escritura, “ocorreu no Quarto de Pedra sob a escada”.

Eu tinha chegado a esse ponto quando a entrada da srta. Bosanquet me distraiu. Lembro-me de me levantar zozinho — a sala girava ao meu redor. Uma determinação, à qual até então eu resistira e silenciosamente cultivara como uma compulsão, agora me sobrepujou.

— Achei que meu pai estivesse aqui — explicou a srta. Bosanquet, olhando rapidamente pela sala.

Expliquei as circunstâncias e ela hesitou, próxima a mim, com um leve ar de vergonha.

— Não lhe agradei adequadamente, sr. Heywood — disse a srta. Bosanquet, em voz baixa, pouco articulada. — Foi muito atencioso e gentil. Deixe que eu agradeça agora. — E terminou com um minúsculo e trêmulo soluço.

De alguma forma, um impulso tomou conta de minha língua. Recentes devido à leitura daquele capítulo, possibilidades bizarras povoavam minha mente, considerações estranhas me incitavam.

— Srta. Bosanquet — falei, abruptamente —, deixe-me falar um pouco sobre aquilo. Não entrarei em detalhes.

— Por favor... — interrompeu ela, com um gesto de encolhimento, como de alguém que recuaria alarmado.

— Não — continuei, muito determinado —, ouça-me. Não é por brincadeira que a forçaria a se lembrar. Você testemunhou atos perturbadores. Viu um homem sob a influência da loucura temporária. Não, você mesma foi vítima de tal fenômeno inexplicável.

— O que quer dizer? — perguntou ela, tensa.

— Não direi mais — respondi. — Incitaria gargalhadas suas. Não, você não ria, mas minhas frágeis suspeitas ainda a deixariam incrédula. Mas se fosse verdade, e se aqueles fossem fenômenos de uma breve loucura, com certeza transformaria sua memória em túmulo e enterraria o passado.

— Não posso fazer isso — replicou a srta. Bosanquet, em tom de voz baixo.

— O quê? — perguntei — Daria as costas a seu amante, ora, até mesmo a seu amigo, porque ele estava tomado pela doença? Considere, por favor. Se seu ente mais querido na Terra delirasse de febre na cama e a negasse em seus delírios, tratando-a de forma desprezível, não seria ele a tratá-la assim. Quando ele estivesse livre da loucura e restabelecesse a razão, você não se esqueceria, não preferiria se lembrar da insanidade com a piedade da afeição?

— Não entendo o que quer dizer — sussurrou ela.

— Você leu a Bíblia. Já se perguntou a respeito dos espíritos demoníacos que possuíam pobres vítimas. Por que deveria acreditar que essas coisas deixaram de existir? Somos dogmáticos demais em relação a nosso mundo moderno. Quem pode dizer sob que influência maligna uma alma pode se encontrar, e por conta própria?

Ela me olhou com sinceridade, buscando meus olhos.

— São implicações estranhas — falou ela, em voz muito baixa.

Mas, de alguma forma, mesmo quando a encarei, a determinação de minha missão me falhou. Meu olhar, eu senti, a devorava impiedosamente. A luz brilhou contra as feições pálidas e tímidas da srta. Bosanquet, e elas me queimavam com uma atração irresistível. Estendi a mão e tomei a dela com delicadeza. Ela aceitou meu toque, como se reconhecesse meus objetivos gentis. Durante todo o tempo, eu experimentava uma sensação de felicidade selvagem. Em meu sangue corria, como se fosse fogo, um impulso terrível, e eu sabia que segurava a mão da srta. Bosanquet com muita força. Ela mesma pareceu tomar consciência disso, pois fez um esforço para puxar os dedos, ao que a paixão que percorria meu corpo me fez segurá-los com mais força e gargalhar alto. Vi uma expressão de dúvida recair sobre o olhar dela, e o colo levemente oculto da srta. Bosanquet inflou com um pequeno tremor. Eu

estava ciente de que a puxava com firmeza em minha direção. De súbito, os olhos espantados da srta. Bosanquet, desviando-se de meu rosto, se arregalaram com um lampejo de terror, e, desvencilhando a mão, ela recuou com um grito, o olhar avertido para meu pescoço.

— Aquela marca maldita! O que é isso? O que é isso? — gritou a srta. Bosanquet, estremecendo da cabeça aos pés.

Em um instante, o sangue selvagem cantou em minha mente, avancei contra ela. O que teria se seguido não sei, mas naquele momento a porta se abriu e Sir William voltou. Ele nos olhou consternado, mas a srta. Bosanquet desmaiou e, no momento seguinte, o pai estava ao lado dela. Fiquei por perto, a observando recobrar os sentidos com uma fúria inominável, como uma besta cuja presa foi roubada. Sir William se virou para mim e, do modo mais cortês, me implorou para deixar a infeliz cena. A filha, disse ele, não estava nada forte, e Sir William sugeriu que eu deveria deixá-los por um tempo.

Relutantemente, obedeci, mas, ao sair da casa, entrei em um pânico súbito. A possessão demoníaca se fora e, em estado de tremedeira covarde, selei o cavalo e cavalguei para a abadia como se minha vida dependesse da velocidade.

Cheguei por volta das dez horas da noite e imediatamente dei ordens para que minha cama fosse preparada no antigo quarto. Naquela condição abalada, as influências sinistras daquele quarto de pedra me aterrorizavam — e somente depois de beber muito recuperei minha compostura.

Mas estava destinado a dormir pouco. Estava determinado a guardar meus pensamentos a respeito do assunto até a manhã, mas o feitiço do quarto era forte sobre mim. Acordei depois da meia-noite com uma sensação irresistível me atraindo para lá. Estava consciente do impulso e o combati, mas no fim sucumbi. Depois de vestir as roupas, peguei uma vela acesa e descí. Escancarei a porta do quarto e olhei para dentro, prestando atenção, como se em busca de uma voz de boas-vindas. O silêncio era sepulcral, mas, assim que atravessei o umbral da porta, vozes pareceram me cercar e me chamar. Fiquei de pé, oscilando, com uma fascinação curiosa. Sabia que não podia voltar para meu quarto — e não tinha desejo de fazê-lo. Enquanto estava de pé, com a vela acesa contra a escuridão, reparei no chão, em uma alcova. Eu me abaixei e a examinei, passando os dedos sobre a pedra. Ela se moveu ao meu toque. Depois de apoiar a vela no chão, coloquei os dedos nas pontas e puxei com força. Quando o fiz, os sons que ecoavam em meus ouvidos

sumiram, e no momento seguinte a pedra se virou com um ruído e revelou um buraco de escuridão impenetrável.

O trecho de abismo que então se abriu diante de meus olhos tinha quase um metro quadrado. A vela que aproximei dele projetou uma luz fraca sobre um degrau de pedra trinta ou sessenta centímetros abaixo, e era óbvio ser uma escada que se ligava às profundezas. Se fora usada como adega nos tempos idos, eu não sabia dizer, mas em breve sanaria essa dúvida, pois, movido por uma estranha ansiedade, passei as pernas para dentro do buraco e desci com cuidado com a vela na mão. Havia vários degraus até o chão, que se revelou uma passagem estreita. A catacumba seguia reta como uma flecha diante de meus olhos, e, devagar, fui em frente. O ar naquele confinamento era úmido e frio, e o som de meus pés ecoava naquelas paredes, abafado e triste. Mas segui em frente e, com infinita cautela, devo ter penetrado em uma câmara mais ampla. Ali o ar era mais fresco, e consegui perceber com ajuda da vela que as dimensões do lugar eram espaçosas. Acima, um raio solitário de luar, deslizando por entre uma fenda, me informou que eu não estava longe do nível da terra. Ele se projetava sobre um bloco de pedra, o qual se erguia do meio da catacumba, e que eu agora inspecionava com interesse. Quando a vela projetou a luz tremeluzente sobre ele, percebi onde estava. Mal precisei das letras toscas sobre os caixões para me informar que ali era a catacumba da família dos Marvyn. Então, comecei a perceber por todos os lados sobre os quais minha luz fraca recaía, os restos em ruínas dos mortos esquecidos — caixões entregues à putrefação, ossos e crânios sorridentes repousando em cantos, dispostos pelas mãos da sorte e do tempo. Tal variedade formidável dos restos mortais da pobre família me levou a estremecer. Olhei daqueles terríveis memoriais mais uma vez para o altar central, no qual os dois caixões repousavam naquele silêncio sombrio. A tampa tinha caído de um, revelando a meus olhos o esqueleto cinzento de um homem que debochava e me olhava com malícia. Pareceu de certa forma, a meus olhos fascinados, desafiar minha mortalidade, me convidando também ao rude e grotesco sono da morte. Eu soube, como que por instinto, que estava diante dos ossos de Sir Rupert Marvyn, o protagonista daquele terrível crime que trancafiara três almas na ruína eterna. A observação daquele miserável espetáculo me deixou imóvel por um momento, e me aproximei um passo e projetei a luz sobre o segundo caixão.

Quando o fiz, tomei ciência de uma mudança dentro de mim. Os pensamentos graves e melancólicos que cultivava e a tendência severa de

minhas reflexões solenes deram lugar a uma estranha exultação, uma sensação maldita de felicidade. Meu pulso latejava com fervor e, como meus olhos estavam fixos na prata manchada da chapa, estiquei a mão ansiosa e trêmula e toquei a tampa. Ela chacoalhou levemente sob meus dedos. Perturbado pelo barulho, retirei rapidamente os dedos, mas, se foi o ímpeto fornecido por meu toque, ou alguma circunstância horrível e inominável — só Deus sabe — devagar e com delicadeza, uma fenda se abriu entre a tampa e o restante do caixão! Diante de meu olhar espantado, a coisa terrível aconteceu, e, no entanto, eu não estava consciente do terror, apenas da surpresa e — parece terrível admitir — de uma sensação de expectativa ansiosa. A tampa se ergueu vagarosamente de um lado e, conforme o fez, o espaço escuro entre ela e o caixão foi iluminado de modo suave. Naquele momento, minha vela frágil, que diminuía pouco a pouco, estremeceu e fischou. Tive a impressão de ver de relance algo, no momento, vestido em branco e prata dentro do caixão. Então, ouvi um farfalhar de asas e um ruído chiado dentro da catacumba. Dei um grito e, recuando, pisei em falso. A vela tremeluzente foi lançada de minha mão, e caí de barriga para baixo no chão, na escuridão. No momento seguinte, um cobertor de chamas lampejou na câmara e iluminou os esqueletos grotescos ao meu redor. Ao mesmo tempo, um grito estridente ecoou. Fiquei de pé em um salto e olhei, zozado, para a conflagração. A catacumba inteira estava em chamas. Tonto e horrorizado, corri às cegas para a entrada, mas, ao fazê-lo, o grito horrível perfurou meus ouvidos de novo, e vi o morcego planar e circundar agilmente até as chamas. Então, encontrando a saída, disparei com toda a velocidade devido ao terror pela passagem, apalpando as paredes para achar o caminho, e me chocando dezenas de vezes durante a fuga aterrorizada.

Depois de chegar ao quarto, empurrei a pedra e ouvi. Nenhum som era audível. Com o rosto lívido e o corpo arranhado e sangrando, corri para fora do quarto, tranquei a porta atrás de mim e subi até meu quarto. Ali, me servi de um copo cheio de *brandy*.

PASSARAM-SE SEIS MESES até o retorno de Warrington. Durante esse tempo, ele vendeu a abadia. Era inevitável que o fizesse. No entanto, o novo dono não encontrou problemas com a propriedade, e o Quarto de Pedra ainda é usado como quarto em certas ocasiões, sendo considerado bastante antiquado. Mas há alguns fatos que não se pode refutar — e era esse o caso. Em minha

relação com a tragédia, não tentei dar explicações, nem mesmo para mim. E aparece agora pela primeira vez impressa, é claro que com nomes fictícios.

Hume Nisbet

Hume Nisbet (1849-1923) foi mais um emigrante australiano (nascido na Escócia) que esteve em voga na Londres do fim do período vitoriano e eduardiano. Seus livros mais populares eram sobre aventuras românticas passadas na Australásia e nas Índias Orientais, em geral ilustrados por ele mesmo. As duas histórias seguintes foram retiradas do anuário de Natal dele, intitulado *Stories Weird and Wonderful* [Histórias estranhas e maravilhosas] (1900). O destino das “outras vítimas” de Drácula durante a estadia dele na Inglaterra jamais foi registrado, mas “A donzela vampira” poderia facilmente ter sido uma delas!

A DONZELA VAMPIRA

ERA EXATAMENTE O TIPO de residência que eu estava procurando havia duas semanas, pois estava naquele estado mental quando a renúncia absoluta à sociedade é uma necessidade. Perdera a confiança em mim mesmo e estava farto de meus pares. Havia uma inquietude estranha em meu sangue — uma privação estéril em meu cérebro. Objetos e rostos familiares não me agradavam mais. Eu queria ficar sozinho.

Com esse humor se depara toda mente sensível e artística quando seu possuidor está estafado ou vivendo há muito tempo em um local. É o indício da natureza para que ele procure novos pastos — o sinal de que um retiro se faz necessário.

Se não ceder, ele se arrasa e se torna excêntrico e hipocondríaco, assim como hipercrítico. É sempre um mau sinal quando um homem se torna excessivamente crítico e censurador a respeito do próprio trabalho ou o de outras pessoas, pois significa que está perdendo as porções vitais de trabalho, frescor e entusiasmo.

Antes de eu chegar ao estágio deprimente da crítica, fiz minha mala e, ao pegar o trem para Westmorland, comecei minha jornada em busca da solidão, recebendo o ar e os arredores românticos.

Deparei-me com muitos lugares durante as perambulações daquele início de verão que pareceram ter quase as condições requeridas, mas algum defeito tolo me impedia de decidir. Às vezes, era a paisagem, da qual eu não gostava. Em outras, tomei uma antipatia súbita pela senhoria ou pelo senhorio, e senti que os abominaria antes que uma semana fosse passada sob seus cuidados. Outros lugares que me poderiam ter sido adequados eu não podia ter, pois não queriam um inquilino. O destino me empurrava até esse Chalé no Pântano, e ninguém pode resistir ao destino.

Certo dia, me encontrei em um pântano amplo e sem trilhas perto do mar. Dormira em uma pequena aldeia na noite anterior, mas ela já estava 12 quilômetros às minhas costas — e desde que dera as costas à aldeia não vira qualquer sinal de humanidade. Eu estava sozinho com um lindo céu acima,

um vento morno cheio de ozônio soprando sobre os montes pedregosos e cobertos de urze, e nada para perturbar minhas meditações.

Qual era a extensão do pântano, eu não fazia ideia. Só sabia que ao seguir em linha reta chegaria aos penhascos oceânicos, então talvez, depois de um tempo, chegaria a uma aldeia de pescadores.

Tinha provisões na sacola e, por ser jovem, não temia a noite sob as estrelas. Estava inspirando o delicioso ar de verão e mais uma vez recuperando o vigor e a felicidade que tinha perdido. Meu cérebro ressecado pela cidade estava se hidratando novamente.

As horas se seguiram com meus passos, até que eu tivesse percorrido cerca de vinte quilômetros desde a manhã quando vi diante de mim, ao longe, um solitário chalé de pedra com um telhado de telhas toscamente dispostas.

— Acamparei lá, se possível — disse a mim mesmo conforme apressei o passo na direção do local.

Para alguém em busca de uma vida tranquila e livre, nada poderia ter sido mais adequado do que aquele chalé. Ele ficava na beira de penhascos altos com a porta voltada para o pântano e o muro do quintal de frente para o oceano. O som das ondas dançando chegou a meus ouvidos como uma canção de ninar conforme me aproximei — como retumbariam quando chegassem os ventos de outono e as aves marinhas se fossem gritando para o abrigo da vegetação?

Um pequeno jardim se estendia à frente, cercado por um muro de pedras com altura suficiente para alguém se encostar preguiçosamente quando disposto. Tal jardim era como uma chama de cor, o vermelho predominando, com aqueles outros tons suaves que papoulas cultivadas assumem quando florescem, pois era apenas isso que crescia no jardim.

Conforme me aproximei, reparando na variedade singular de papoulas e na limpeza caprichada das janelas, a porta da frente se abriu e surgiu uma mulher que me impressionou favoravelmente de imediato quando, com alegria, seguiu pela entrada até o portão e o abriu como se para me receber.

A mulher era de meia-idade e quando jovem devia ter sido impressionantemente bela. Era alta e ainda formosa, com pele macia e lisa, feições normais e uma expressão calma que me deu uma sensação de descanso na mesma hora.

Às minhas perguntas ela respondeu que podia me dar tanto um assento quanto um quarto, e me convidou para entrar para que eu visse as acomodações. Enquanto olhava para o cabelo macio e preto da mulher, e para

os olhos castanhos tranquilos, senti que não seria muito caprichoso com a acomodação. Com tal senhoria, sem dúvida eu encontraria o que estava buscando.

Os quartos superavam minhas expectativas, cortinas brancas singelas e roupa de cama com perfume de lavanda, uma sala de estar simples, mas aconchegante sem parecer entulhada. Com um suspiro de alívio infinito, soltei a sacola e aceitei o acordo.

A mulher era viúva e tinha uma filha, a qual não vi no primeiro dia, pois estava indisposta e confinada ao quarto, mas no dia seguinte estava melhor, então nos conhecemos.

A comida era simples, mas perfeitamente adequada para a estadia: delicioso leite e manteiga com bolinhos caseiros, ovos frescos e bacon. Depois de um chá reconfortante, fui deitar contente em meus aposentos.

Embora estivesse feliz e cansado, a noite não foi nada confortável. Atribuí isso à cama estranha. Dormi, de fato, mas o sono foi povoado por sonhos que me fizeram acordar tarde e cansado. No entanto, uma boa caminhada no pântano me restaurou, e voltei com um belo apetite para o café da manhã.

Certas condições da mente, com circunstâncias agravantes, são necessárias antes que até mesmo um rapaz possa se apaixonar à primeira vista, como Shakespeare mostrou em *Romeu e Julieta*. Na cidade, onde tantos rostos belos passavam por mim a cada hora, eu permanecia estoico, mas assim que entrei no chalé depois daquela caminhada matinal sucumbi aos estranhos charmes da filha de minha senhoria: Ariadne Brunnell.

Ela estava um pouco melhor naquela manhã e pôde me conhecer no café, pois fazíamos as refeições juntos enquanto eu era inquilino delas. Ariadne não era linda no sentido estritamente clássico: a compleição dela era lividamente branca e a expressão marcante demais para ser agradável à primeira vista. Porém, como a mãe me informara, andava doente fazia um tempo, o que explicava aquele defeito. As feições da jovem não eram normais, o cabelo e os olhos pareciam pretos demais contra aquela pele tão branca, e os lábios eram vermelhos demais para qualquer um, exceto para as ilustrações excessivas de Aubrey Beardsley.

Ainda assim, meus sonhos fantásticos da noite anterior, com a caminhada matinal, tinham me preparado para me sentir hipnotizado por essa inválida moderna digna de um pôster.

A solidão do pântano com o canto do oceano tinha envolvido meu coração com um anseio melancólico. A incongruência daquelas papoulas ostensivas e

evanescentes, agitando seus matizes atordoantes diante daquele urzal severo, me fez estremecer quando me aproximei do chalé e, por fim, aquela materialização estranha de contrastes chocantes completou minha subjugação.

Ariadne se levantou da cadeira quando a mãe a apresentou e sorriu ao estender a mão. Segurei aquele floco de neve macio e, ao fazê-lo, uma leve excitação percorreu meu corpo e repousou em meu coração, o qual parou, naquele momento, de bater.

Esse contato pareceu ter afetado a jovem tanto quanto me afetou — um óbvio ruborescer, como uma chama branca, iluminou o rosto dela, de forma que brilhou como se uma lâmpada de alabastro tivesse sido acesa. Os olhos pretos da jovem ficaram mais suaves e mais lacrimosos quando nossos olhares se cruzaram, e seus lábios escarlates se umedeceram. Era uma mulher viva agora, enquanto antes parecera meio cadáver.

Ariadne permitiu que a mão branca e esguia permanecesse na minha por mais tempo do que a maioria das pessoas faz durante uma introdução, e ela a retirou devagar, ainda me olhando com o olhar fixo por um segundo ou dois depois disso.

Olhos aveludados e infinitos eram aqueles, mas, antes de se desviarem dos meus, pareceram ter absorvido toda minha força de vontade e me tornaram o escravo abjeto da jovem. Pareciam poças profundas e escuras de água cristalina, mas me preencheram com fogo e me privaram de força. Afundei na cadeira quase tão languidamente quanto havia me levantado da cama naquela manhã.

No entanto, tomei um bom café da manhã e, apesar de Ariadne mal ter comido, aquela garota estranha se levantou muito mais revigorada e com um leve rubor nas bochechas — o que a melhorou tanto que parecia mais jovem e quase linda.

Eu fora até ali procurando a solidão, mas desde que vira Ariadne parecia que tinha ido apenas em busca dela. A jovem não era muito espirituosa — na verdade, ao me recordar, não me lembro de nenhuma observação espontânea dela, que respondia a minhas perguntas com monossílabos e me deixava completando palavras. Porém, era insinuante e parecia guiar meus pensamentos em sua direção e falar comigo com os olhos. Não consigo descrevê-la com detalhes, só sei que, desde o primeiro olhar e o primeiro toque que ela me deu, fiquei enfeitiçado e não conseguia pensar em mais nada.

Foi uma paixão rápida, perturbadora e voraz que me possuiu. O dia todo eu a seguia como um cachorro, toda noite sonhava com aquele rosto branco reluzente, aqueles olhos pretos irredutíveis, aqueles lábios escarlates úmidos, cada manhã eu me levantava mais lânguido do que estivera no dia anterior. Às vezes, sonhava que ela estava me beijando com aqueles lábios vermelhos enquanto estremecia ao contato das madeixas pretas sedosas que cobriam meu pescoço. Às vezes que flutuávamos no ar, os braços dela ao meu redor e o longo cabelo envolvendo nós dois como uma nuvem de nanquim, enquanto eu me deitava de costas e indefeso.

Ariadne foi comigo depois do café da manhã naquele primeiro dia até o pântano e, antes de voltarmos, revelei meu amor e recebi a anuência dela. Eu a segurei em meus braços e aceitei os beijos da jovem em resposta aos meus, sem estranhar que tudo aquilo tivesse acontecido rápido demais. Ela era minha, ou melhor, eu era dela, sem uma pausa. Eu disse a Ariadne que fora o destino que me enviara até ela, pois não tinha dúvidas a respeito de meu amor, e ela respondeu que eu lhe devolvera a vida.

Agindo sob conselho dela, e também devido a uma timidez natural, não informei à mãe dela a rapidez com que as coisas tinham progredido entre nós. No entanto, apesar de ambos agirmos com a máxima circunspecção possível, não tinha dúvidas de que a sra. Brunnell conseguia ver o quanto estávamos envolvidos. Os apaixonados não são diferentes de ostras ao ocultarem as coisas. Eu não tinha medo de pedir à sra. Brunnell pela filha dela, pois a mulher já mostrara ser favorável a mim e confiara a mim confidências a respeito da posição dela na vida. Portanto, eu sabia que, no que dizia respeito a posição social, não haveria protestos em relação ao nosso casamento. Elas viviam naquele local solitário pelo bem da saúde e não tinham criados porque não conseguiam quem aceitasse serviço tão longe de outras pessoas. Minha chegada fora oportuna e bem-vinda para mãe e filha.

Contudo, pelo decoro, resolvi atrasar minha confissão por uma ou duas semanas e esperar por uma oportunidade favorável para fazê-la discretamente.

Enquanto isso, Ariadne e eu passávamos o tempo de uma forma completamente desocupada, à moda dos lotófagos. A cada noite eu me retirava para o quarto pensando começar o trabalho no dia seguinte, e toda manhã me levantava lânguido, devido àqueles sonhos perturbadores, sem conseguir pensar em nada que não fosse minha amada. Ela ficava forte a cada dia, enquanto eu parecia ocupar seu lugar como inválido, mas eu estava mais

desesperadamente apaixonado do que nunca e apenas ficava feliz quando estava com ela. Ariadne era minha estrela-guia, minha única felicidade — minha vida.

Não íamos muito longe, pois eu preferia me deitar na urze seca e observar o rosto iluminado e os olhos intensos de Ariadne enquanto ouvia o avanço das ondas distantes. O amor me deixava preguiçoso, pensei, pois, somente quando um homem tem tudo que deseja ao seu lado, ele é capaz de imitar o gato doméstico e se deitar sob o sol.

Fiquei rapidamente encantado. Meu desencantamento veio com igual rapidez, embora muito antes de o veneno deixar meu sangue.

Certa noite, duas semanas depois de minha chegada ao chalé, voltei de uma deliciosa caminhada ao luar com Ariadne. A noite estava quente e a lua, cheia, e por isso deixei a janela do quarto aberta para que entrasse o pouco de brisa que havia.

Estando mais exausto do que de costume, só tive forças para retirar as botas e o casaco antes de me atirar, cansado, sobre as cobertas e cair quase que imediatamente no sono sem tomar a dose do licor noturno que era sempre colocada à mesa — e que eu sempre entornava sedento.

Tive um sonho apavorante naquela noite. Achei que tivesse visto um morcego-monstro, com o rosto e as madeixas de Ariadne, voar pela janela aberta e enterrar os dentes brancos e os lábios escarlates em meu braço. Tentei me debater e espantar o horror, mas não consegui, pois parecia acorrentado e hipnotizado por um prazer sonolento enquanto a besta sugava meu sangue com uma voracidade cruel.

Olhei sonolento para fora e vi uma fileira de corpos de rapazes deitados no chão, cada um com uma marca vermelha nos braços, na mesma parte em que a vampira agora me sugava, e me lembrei de ter visto e me perguntado a respeito de tal marca em meu braço nas duas últimas noites. Com um lampejo, entendi o motivo de minha estranha fraqueza, e no mesmo momento uma súbita picada de dor me despertou do prazer onírico.

A vampira, em sua ansiedade, mordera muito profundamente naquela noite, alheia ao fato de que eu não tinha tomado a bebida adulterada pela droga. Quando acordei, eu a vi completamente revelada pela lua da meia-noite, com as madeixas pretas fluindo livres e os lábios vermelhos colados a meu braço. Com um grito de horror, eu a joguei para trás, vendo um último relance dos olhos selvagens, do rosto branco brilhante e dos lábios manchados de sangue. Então, corri noite afora, movido pelo medo e pelo

ódio, e não parei em minha fuga enlouquecida até colocar quilômetros entre mim e aquele maldito Chalé no Pântano.

O VELHO RETRATO

MOLDURAS ANTIGAS SÃO um hobby meu. Estou sempre à caça entre os moldureiros e comerciantes de curiosidades, buscando algo singular e único no que diz respeito a molduras de pinturas. Não me importo muito com o que está moldurado, pois, por ser pintor, é um capricho meu primeiro obter a moldura e depois fazer uma pintura que acho que se adeque à provável história e ao design da estrutura. Dessa forma, tenho ideias curiosas e acho que também originais.

Certo dia de dezembro, cerca de uma semana antes do Natal, comprei um belo mas desgastado exemplar de madeira entalhada em uma loja perto do Soho. O acabamento dourado tinha sido quase todo apagado, e três das quinas estavam quebradas. No entanto, eu esperava conseguir restaurá-las a partir da única que restava. Quanto à tela dentro da moldura, estava tão borrada com poeira e manchas do tempo que eu só conseguia distinguir que fora um retrato muito mal pintado de alguém, uma pessoa comum, borrada ali por um pobre pintor de quinta para preencher a moldura de segunda mão que o dono devia ter comprado barato — como eu fizera depois dele —, mas, como a moldura estava boa, levei a tela estragada junto, imaginando que poderia ser útil.

Durante os dias seguintes, minhas mãos estiveram cheias de trabalho de um ou outro tipo, de modo que apenas na véspera de Natal encontrei tempo para examinar minha compra, a qual estava apoiada, voltada para a parede, desde que eu a levava para o estúdio.

Sem ter o que fazer naquela noite, e sem disposição para sair, peguei a pintura e a moldura e, dispondo-as sobre a mesa, com uma esponja, uma bacia de água e um pouco de sabão, comecei a lavá-las, de forma que pudesse examiná-las melhor. Seu estado era terrível, e acho que usei quase um pacote de sabão em pó, e precisei trocar a água uma dezena de vezes antes que a imagem começasse a aparecer na moldura e o retrato dentro dela exibisse sua rusticidade horrorosa, o desenho vil e a intensa vulgaridade. Era o rosto inchado e avarento de um coletor de impostos, com um estoque abastado de

joias em exibição, como costuma ser com tais obras-primas, nas quais as feições não são consideradas tão importantes quanto uma fidelidade rigorosa ao retratar tais artigos como a corrente de um relógio e selos, anéis e broches no peito — estavam todos lá, tão naturais e rígidos quanto a realidade.

A moldura me encantou, e o retrato me deixou satisfeito por não ter enganado o vendedor pelo preço que paguei. Estava olhando a monstruosidade quando a lâmpada a gás a iluminou diretamente e me perguntei como o dono poderia ter ficado feliz ao ser retratado daquela maneira quando algo ao fundo atraiu minha atenção — uma leve marca sob a cobertura fina, como se o retrato tivesse sido pintado sobre outro objeto.

Não era muito evidente, mas o bastante para me fazer correr até o armário, onde eu mantinha, além de uma abundância de retalhos, as essências de vinho e o óleo de terebintina, com os quais comecei a desfazer impiedosamente o taverneiro com a vaga esperança de que poderia encontrar algo que valesse a pena observar por baixo.

Foi um processo lento, e também delicado, de modo que era quase meia-noite quando os anéis de ouro e a compleição vermelha desapareceram e outra imagem surgiu diante de mim. Então, dando uma última limpeza, sequei a pintura e a coloquei sob boa luz em meu cavalete, enquanto enchia e acendia o cachimbo. Depois, me sentei para olhar a imagem.

O que tinha libertado da vil prisão de tinta tosca? Não precisava montá-la para saber que aquele desmazelado pintor cobrira e maculara um trabalho tão além da compreensão dele quanto as nuvens estão das lagartas.

O busto e a cabeça de uma jovem de idade indeterminada, misturados a uma riqueza sombria de acessórios pintados como apenas pode pintar a mão de um mestre que não precisa mostrar seu conhecimento — e que aprendeu a encobrir sua técnica. Era tão perfeito e natural em sua dignidade sombria mas silenciosa, como se tivesse vindo do pincel de Moroni.

Um rosto e um pescoço perfeitamente descoloridos naquela branquidão pálida, com as sombras trabalhadas com tanta habilidade que não podiam ser vistas, e essa característica teria encantado a determinada rainha Bess.

Quando olhei pela primeira vez, vi no centro de uma vaga escuridão um trecho de luz cinza fraca que sumia na sombra. Então, o cinza pareceu ficar mais claro quando me afastei da imagem e me recostei na cadeira até que as feições se sobressaíram suavemente e se tornaram claras e definidas, ao passo que a figura se destacou do fundo, como se fosse tangível, embora, tendo lavado a imagem, eu sabia que tinha sido pintada com suavidade.

Um rosto determinado, com nariz delicado, bem delineado, embora pálido, lábios e olhos como cavernas escuras sem uma faísca de luz. O cabelo estava solto em torno da cabeça e das bochechas ovais, cheio, sedoso, muito preto e sem brilho, escondendo a porção superior da testa da jovem, e caía em ondas retas e indefinidas sobre o seio esquerdo, deixando a parte direita do pescoço transluzente exposta.

O vestido e o fundo eram sinfonias de ébano, mas cheios de cores sutis e sensibilidade magistral — um vestido de veludo com ricos brocados e um fundo que representava um amplo espaço recuado, maravilhosamente sugestivo e assombroso.

Reparei que os lábios pálidos estavam levemente entreabertos e exibiam um lampejo dos dentes superiores frontais, o que ressaltava a expressão de determinação no rosto. Um lábio superior curto que se retraía para cima, com o lábio inferior carnudo e sensual — ou melhor, se a cor estivesse nele, teria sido.

Era um rosto estranho que eu ressuscitara naquela madrugada da véspera de Natal. Com a palidez passiva, parecia que o sangue tinha sido drenado do corpo dela, e que eu encarava um cadáver de olhos abertos.

A moldura também, reparei pela primeira vez, com seus detalhes, parecia ter sido projetada com a intenção de passar a ideia de uma vida na morte — o que antes pareciam arabescos de flores e frutas eram agora desprezíveis vermes viperinos entrelaçados a ossos sepulcrais que tais vermes cobriam de forma decorativa. Um desenho terrível, apesar do trabalho exótico, que me fez estremecer e desejar ter deixado a limpeza para o dia.

Não sou, de forma alguma, de temperamento nervoso, e teria rido se alguém me dissesse que eu estava com medo. No entanto, enquanto estava ali sozinho, com aquele retrato diante de mim no estúdio solitário, longe de todo contato humano — pois nenhum dos outros estúdios era ocupado naquela noite, e o zelador saía de férias —, desejei ter passado a noite de uma forma mais adequada, já que, apesar de um bom fogo no fogão e da luz do gás, aquele rosto determinado e os olhos assombrosos exerciam uma estranha influência sobre mim.

Ouvi os relógios de diferentes campanários soarem a última hora do dia, um após o outro, como ecos assumindo a deixa, morrendo ao longe. Mesmo assim, me sentei, enfeitiçado, olhando para aquele estranho retrato, com o cachimbo negligenciado na mão e um estranho cansaço me tomando.

Eram os olhos que se fixavam em mim com as profundezas imensuráveis e a intensidade cativante. Eles não projetavam luz, mas pareciam atrair minha alma e, com isso, minha vida e minha força, conforme eu permanecia inerte diante deles, até que, sobrepujado, perdi a consciência e sonhei.

Achei que a moldura ainda estava no cavalete com a tela, mas a mulher tinha saído dela e se aproximava de mim parecendo flutuar, deixando para trás sua catacumba cheia de caixões, alguns fechados enquanto outros estavam deitados ou de pé e abertos, exibindo o conteúdo cinzento das mortalhas pútridas e manchadas.

Só conseguia ver a cabeça e os ombros da mulher com a parte superior daquele tecido sombrio, e a profusão de cabelo solto e preto como nanquim.

Ela estava comigo, aquele rosto pálido tocando meu rosto e aqueles lábios frios e sem sangue colados aos meus com um beijo íntimo e demorado, enquanto o macio cabelo preto me cobria como uma nuvem e me excitava por completo com uma sensação deliciosa que, embora me enfraquecesse, me intoxicava de prazer.

Quando eu respirava, ela parecia absorver o ar rapidamente para dentro de si, me devolvendo nada, ficando mais forte conforme eu enfraquecia, enquanto o calor de meu contato passava para ela e a fazia palpitar com vitalidade.

O horror da morte iminente me tomou de súbito e, com um esforço desesperado, afastei a mulher e me levantei da cadeira tonto por um momento e sem saber onde estava. Então, minha consciência retornou e olhei em volta ansiosamente.

O gás ainda mantinha acesa a lâmpada vibrante, enquanto o fogo queimava, vermelho, no fogão. No relógio sobre a lareira, pude ver que era meia-noite e meia.

A tela e a moldura ainda estavam no cavalete, mas, quando olhei, o retrato tinha mudado: um rubor febril surgira nas bochechas, os olhos brilhavam com vida e os lábios sensuais estavam vermelhos e de aparência madura com uma gota de sangue ainda no lábio inferior. Em um terror desesperado, peguei minha espátula e cortei o retrato da vampira, rasguei os fragmentos mutilados, os enfiando em meu fogão, e os observei queimarem com um prazer selvagem.

Ainda tenho a moldura, mas ainda não tive coragem de pintar um objeto adequado para ela.

Vernon Lee

“Vernon Lee” (pseudônimo de Violet Paget, 1856-1935) escreveu toda sua aclamada ficção bizarra em um período relativamente curto, de 1881 a 1911. “Marsias em Flandres” foi escrito em 1900, mas não apareceu em uma coletânea até 1927 (*For Maurice: Five Unlikely Tales* [Para Maurice: Cinco contos improváveis]). Montague Summers certa vez declarou que “nem mesmo Le Fanu e M.R. James podem ser colocados à frente do gênio dessa dama”.

MARSIAS EM FLANDRES

I

— ESTÁ CERTO. Este não é mesmo o crucifixo original. Outro foi colocado no lugar. *Il y a eu substitution.* — E o velho e baixinho antiquário de Dunes assentiu misteriosamente, fixando os olhos mediúnicos em mim.

Ele disse isso com um sussurro quase inaudível — por acaso, estávamos na vigília de Exaltação da Santa Cruz, e a igreja, que um dia fora famosa, estava cheia de quase membros do clero decorando-a para o dia seguinte e de senhoras com chapéus estranhos fazendo barulho com baldes e vassouras. O antiquário tinha me levado até ali assim que cheguei, para evitar que a multidão de fiéis o impedisse de me mostrar tudo na manhã seguinte.

O famoso crucifixo era exibido por trás de fileiras e mais fileiras de velas apagadas, cercado por cordões de flores de papel e musselina colorida, guirlandas de pinheiro-bravo doce, e coberto de resina. Dois candelabros acesos o iluminavam.

— Foi feita uma troca — concluiu ele, olhando em volta para que ninguém o ouvisse. — *Il y a eu substitution.*

À primeira vista, eu observara, como qualquer um teria feito, que o crucifixo tinha toda a aparência de um trabalho francês do século XIII, ousadamente realista, enquanto o crucifixo da lenda, que era um trabalho de São Lucas — e que pendera durante séculos no Santo Sepulcro em Jerusalém e aparecera milagrosamente na praia de Dunes em 1195 —, sem dúvida teria uma aparência mais ou menos bizantina, como seu milagroso companheiro de Lucca.

— Mas por que teria sido feita uma troca? — indaguei, inocentemente.

— Shh, shh — respondeu o antiquário, franzindo a testa. — Aqui não... depois, depois...

Ele me levou pela igreja toda, um dia tão famosa pelas peregrinações; mas cuja maré de devoção, como o próprio mar que a deixou em um pântano salgado sob os penhascos, recuou ao longo dos séculos. Era uma igrejinha

muito decente, de modéstia charmosa e projeto gótico, feita de uma delicada pedra pálida — a qual a maresia fragmentou —, com bases e capitéis e entalhes ornamentais, e manchas de um lindo verde intenso. O antiquário me mostrou onde o transepto e o campanário foram deixados inacabados quando os milagres diminuíram no século XIV. E ele me levou até o curioso aposento da sentinela — um grande cômodo alguns degraus acima, no trifório —, com uma lareira e assentos de pedra para os homens que guardavam o precioso crucifixo dia e noite. Houvera inclusive colmeias na janela, dissera o antiquário, e ele se lembrava de ainda as ver quando criança.

— Era comum, aqui em Flandres, ter uma sala vigiada nas igrejas contendo relíquias importantes? — perguntei, pois não conseguia me lembrar de ter visto algo semelhante antes.

— De forma alguma — respondeu ele, olhando em volta para se certificar de que estávamos sozinhos —, mas era necessário aqui. Nunca ouviu falar sobre em que consistiam os principais milagres dessa igreja?

— Não — sussurrei de volta, gradualmente contagiado pelo ar misterioso dele —, a não ser que aluda à lenda de que a figura do Salvador quebrou todas as cruzes até que a verdadeira fosse trazida pelo mar.

Ele sacudiu a cabeça, mas não respondeu, e desceu os degraus íngremes até a nave, enquanto me demorei um momento olhando para ela do aposento da sentinela. Jamais tive uma impressão tão curiosa de uma igreja. Os candelabros de cada lado do crucifixo giravam devagar, formando grandes poças de luz que eram interrompidas pelas sombras das colunas aglomeradas, e entre os bancos da nave movia-se a faísca da lâmpada do sacristão. O lugar estava cheio do cheiro de galhos de pinheiro cobertos de resina, evocando dunas e encostas montanhosas e, dos grupos barulhentos abaixo, subia um tagarelar de vozes femininas, além de um ruído de água e bater de galochas. Aquilo vagamente sugeria preparativos para um sabá de bruxas.

— Que tipo de milagres aconteciam nessa igreja? — indaguei, quando passamos para a praça escura — E o que quis dizer com terem trocado o crucifixo, a respeito de uma *substitution*? — Parecia bem escuro do lado de fora. A igreja se erguia preta, uma vaga massa inclinada de botaréus e telhados altos, contra o céu aquoso iluminado pela lua. As grandes árvores do cemitério atrás da igreja oscilavam com a brisa do mar, e as janelas projetavam amarelo, como portais em chamas, na escuridão.

— Por favor, observe o efeito marcante das gárgulas — disse o antiquário, apontando para cima.

Elas se projetavam para fora, vagas bestas selvagens, do limite do telhado — e, o que era verdadeiramente assustador, era possível ver o luar, amarelo e azul, pelas mandíbulas abertas de algumas delas. Uma lufada de vento soprou as árvores, fazendo o galo dos ventos chacoalhar e ranger.

— Minha nossa, aquelas gárgulas-lobos parecem uivar de verdade — exclamei.

O velho antiquário riu.

— A-ha — respondeu ele —, não falei que essa igreja testemunhou coisas que nenhuma outra testemunhou na comunidade cristã? E ainda se lembra delas! Aí está, já conheceu uma igreja tão selvagem antes?

E, enquanto ele falava, subitamente misturou-se ao murmúrio do vento e aos gemidos do galo dos ventos um som esganiçado e oscilante de tubos do lado de dentro.

— O organista experimentando a *vox humana* para amanhã — observou o antiquário.

II

NO DIA SEGUINTE, comprei uma das histórias impressas do milagroso crucifixo que estavam vendendo em volta da igreja — e também no dia seguinte, meu amigo, o antiquário, teve a bondade de me contar tudo o que sabia sobre o assunto. Entre meus dois informantes, pode-se dizer que o que se segue é uma história verdadeira.

No outono de 1195, depois de uma noite de tormenta assustadora, um barco foi encontrado naufragado no litoral de Dunes, que na época era uma aldeia de pescadores à boca do Nys, diretamente oposta a um terrível recife submerso.

O barco estava quebrado e virado. Perto dele, na areia e na grama retorcida, repousava uma figura de pedra do Salvador crucificado, sem a cruz, o que parece provável, e também sem os braços, que tinham sido feitos de blocos separados. Diversas pessoas imediatamente se apresentaram para reivindicá-la: a pequena igreja de Dunes, em cujo terreno a figura fora encontrada; os barões de Croy, que tinham os direitos dos destroços naquela costa; e também a grande abadia de St. Loup de Arras, que possuía soberania espiritual do lugar. Mas um homem santo que morava perto dos penhascos teve uma visão

que resolveu a disputa. O próprio São Lucas apareceu para ele e lhe disse que fora o artesão original da figura; que era uma de três que pendiam no Santo Sepulcro de Jerusalém; que três cavaleiros, um normando, um toscano e um homem de Arras tinham, com a permissão do Céu, roubado as figuras dos infiéis e as colocado em barcos não navegados; que uma das imagens naufragara na costa da Normandia perto de Salenelles; que a segunda chegara ao litoral não muito distante da cidade de Lucca, na Itália, e que aquela terceira fora a embarcada pelo cavaleiro de Artois. Com relação ao local do seu descanso final, o eremita, com a autoridade de São Lucas, recomendou que a estátua deveria decidir a questão por conta própria. De tal forma, a figura crucificada foi solenemente relançada ao mar. No dia seguinte, foi encontrada de novo no mesmo local, entre a areia e a grama retorcida à boca do Nys. Foi então depositada na pequena igreja de Dunes — e muito em breve os grupos de crentes que traziam oferendas de todo lugar tornaram necessário e possível reconstruir a igreja santificada pela presença da imagem.

A Santa Efégie de Dunes — *Sacra Dunarum Effigies*, como foi chamada — não fez o tipo comum de milagres. Mas sua fama se espalhou muito devido às maravilhas sem igual que se tornaram companheiras constantes da existência da figura. A efégie, como mencionado, fora descoberta sem a cruz à qual obviamente tinha sido pregada, e nenhuma busca ou tempestade subsequente trouxe os pedaços faltantes à luz, apesar das muitas orações que foram oferecidas com tal propósito. Depois de algum tempo, portanto, e de bastante discussão, ficou decidido que uma nova cruz seria fornecida para pendurar a efégie. E certos pedreiros habilidosos de Arras foram chamados até Dunes para aquilo. Mas — veja bem! — exatamente no dia seguinte à cruz ter sido erguida com solenidade na igreja, um fato inédito e aterrorizante foi descoberto. A efégie, que pendia reta na noite anterior, tinha mudado de posição e estava violentamente inclinada para a direita, como se em um esforço de se soltar.

Isso foi atestado não somente por centenas de leigos, mas pelos padres do lugar, que notificaram o fato em um documento, o qual existiu nos arquivos episcopais de Arras até 1790, para o abade de St. Loup, o soberano espiritual deles.

Tal acontecimento foi o início de uma série de ocorrências misteriosas que espalhou a fama do maravilhoso crucifixo por toda a comunidade cristã. A efégie não permanecia na posição em que tinha milagrosamente se ajustado:

era encontrada, a intervalos de tempo, virada de outra forma em relação à cruz, e sempre como se tivesse passado por contorções violentas. Um dia, cerca de dez anos depois de ter sido entregue pelo mar, os padres da igreja e os cidadãos de Dunes descobriram a efígie pendurada na forma original, esticada e simétrica, mas — que assombro! — com a cruz quebrada em três pedaços, caídos nos degraus da capela.

Certas pessoas, que viviam no fim da cidade mais próxima da igreja, relataram terem sido despertadas no meio da noite pelo que acreditaram ser um violento estrondo de trovão, mas que, sem dúvida, era o ruído da cruz caindo; ou talvez — quem sabe? —, o ruído com o qual a terrível efígie se libertou e expurgou a cruz estranha dela. Pois era este o segredo: a efígie, feita por um santo e chegada a Dunes por milagre, encontrara algum vestígio de impureza na pedra à qual fora pregada. Tal foi a imediata explicação dada pelo prior da igreja, em resposta a manifestações enraivecidas do abade de St. Loup, que expressou a própria reprovação de milagres tão incomuns. De fato, foi descoberto que o pedaço de mármore não fora limpo do toque humano pecaminoso com os ritos necessários antes de a figura ser pregada a ele — um esquecimento gravíssimo, mas desculpável. Então, uma nova cruz foi encomendada, embora se tenha observado que muito tempo foi perdido com isso, e a consagração ocorreu apenas anos depois.

Enquanto isso, o prior tinha mandado construir o aposento da sentinela, com a lareira e o recesso, e obtido permissão do próprio Papa para que um clérigo ordenado vigiasse a relíquia dia e noite, temendo que tal maravilha pudesse ser roubada, pois a relíquia tinha, àquela altura, destruído por completo todos os crucifixos semelhantes, e a aldeia de Dunes, pela frequência dos peregrinos, crescera e tão logo se tornara cidade, propriedade do agora fabulosamente abastado prior da Santa Cruz.

Contudo, o abade de St. Loup via a questão com desgosto. Embora nominalmente permanecessem vassalos dele, os priores de Dunes tinham tramado para aos poucos obter do Papa privilégios que os deixavam de fato independentes e, em especial, que lhes davam imunidades a ponto de mandarem para o tesouro de St. Loup apenas uma pequena porção do dinheiro do tributo dos peregrinos. O abade Walterius, em particular, se mostrou ativamente hostil ao fato. Ele acusou o prior de Dunes de ter usado as sentinelas para inventarem histórias de movimentos e ruídos estranhos realizados pela efígie ainda sem cruz, e de sugerir, aos ignorantes, mudanças mais críveis em sua disposição, agora que não havia mais a linha reta da cruz

para verificar. Então, finalmente, a nova cruz foi feita e consagrada, e no dia do ano da Exaltação da Santa Cruz, a efígie foi pregada a ela na presença de um imenso grupo de clérigos e leigos. A efígie, supôs-se, ficaria satisfeita, e nenhuma ocorrência incomum contribuiria ou talvez fatalmente compromettesse sua reputação santa.

Tais expectativas foram desapontadas. Em novembro de 1293, depois de um ano de estranhos boatos com relação à efígie, descobriu-se novamente que a figura se moveu e que continuou se movendo — ou melhor (a julgar pela posição na cruz), se contorcendo. Na véspera de Natal do mesmo ano, a cruz foi jogada ao chão uma segunda vez e despedaçada. O padre de serviço foi, ao mesmo tempo, encontrado, acredita-se, morto no aposento da sentinela em que residia. Outra cruz foi feita e consagrada em particular e colocada no lugar, e um buraco no telhado serviu de pretexto para fechar a igreja por um tempo — e para realizar os ritos de purificação necessários depois de sua poluição pelos trabalhadores. De fato, foi observado em tal ocasião que o prior de Dunes se esforçou tanto para diminuir e, se possível, esconder os milagres quanto o predecessor dele fizera o possível para divulgar os milagres anteriores mundo afora. O padre que estivera de serviço na fatídica véspera de Natal desapareceu misteriosamente, o que fez com que muitos acreditassem que tivesse enlouquecido e estivesse confinado à prisão do prior, por medo das revelações que pudesse fazer. Àquela altura, e não sem o encorajamento dos abades de Arras, histórias extraordinárias tinham começado a circular a respeito dos ocorridos na igreja de Dunes. A igreja, vale lembrar, ficava um pouco acima da cidade, isolada e cercada por grandes árvores. Era cercada pela propriedade do prior e, exceto pelo lado da água, por altos muros. Ainda assim, havia aqueles que afirmassem que, quando o vento vinha daquela direção, ouviam barulhos estranhos oriundos da igreja durante a noite. Durante tempestades, principalmente, ouviam-se sons que eram descritos como urros, gemidos e a música de danças rústicas. Um mestre marítimo afirmou que durante o Halloween, conforme o barco dele se aproximava da entrada do Nys, ele vira a igreja de Dunes brilhantemente acesa, as imensas janelas incandescentes. Mas suspeitava-se que o homem estivesse bêbado e que tivesse exagerado o efeito da fraca luz que brilhava do aposento da sentinela. O interesse dos cidadãos de Dunes coincidia com o do prior, pois prosperavam bastante com as peregrinações — e tais histórias eram prontamente caladas. No entanto, sem dúvida chegavam aos ouvidos do

abade de St. Loup. E, por fim, ocorreu um evento que fez com que todos emergissem à superfície.

Durante a Vigília de Todos os Santos, em 1299, a igreja foi atingida por um raio. A nova sentinela foi encontrada morta no meio da nave e a cruz, partida em duas, e — ah, horror! — a efígie tinha sumido. O medo indescritível que tomou conta de todos foi apenas intensificado pela descoberta da efígie caída atrás do altar, em uma pose de convulsão assustada e, diziam os rumores, enegrecida pelo raio.

Esse foi o fim dos acontecimentos estranhos em Dunes.

Um conselho eclesiástico foi formado em Arras, e a igreja foi mais uma vez fechada por quase um ano. Em seguida, foi reaberta e consagrada novamente pelo abade de St. Loup, a quem o prior da Santa Cruz serviu humildemente durante a missa. Uma nova capela fora construída, e nela o milagroso crucifixo foi exibido, vestido em brocado e pedras mais esplêndidos do que o habitual, com a cabeça quase escondida por uma das coroas mais lindas já vistas — um presente, dizia-se, do duque da Borgonha.

Todo esse novo esplendor e a presença do próprio grande abade foi explicada aos fiéis quando o prior se apresentou para anunciar que um último e grandioso milagre tinha acontecido. A cruz original, na qual a figura pendera na Igreja do Santo Sepulcro, e em favor da qual a efígie execrara todas as outras cruzes feitas por mãos menos sagradas, tinha aparecido na praia de Dunes, no mesmo local em que, cem anos antes, a figura do Salvador fora descoberta na areia.

— Esta — disse o prior — era a explicação para as ocorrências terríveis que encheram nossos corações de angústia. A Santa Efígie está satisfeita, descansando em paz. Seus poderes milagrosos seriam empregados somente em conceder as preces aos fiéis.

Metade da predição se tornou realidade: daquele dia em diante, a efígie jamais mudou de posição, mas também nenhum milagre notável foi registrado. A devoção a Dunes diminuiu, outras relíquias ofuscaram a Sagrada Efígie, e as peregrinações escassearam para meras reuniões locais. Além disso, a igreja jamais foi terminada.

O que acontecera? Ninguém jamais soube, adivinhou ou talvez sequer perguntou. Mas quando, em 1790, o palácio arquiiepiscopal de Arras foi dispensado, um escrivão da vizinhança comprou grande parte dos arquivos a preço de lixo, por curiosidade histórica ou esperando obter fatos que pudessem satisfazer sua aversão ao clérigo. Tais documentos permaneceram

sem avaliação durante muitos anos, até que meu amigo, o antiquário, os comprou. Entre eles, tirados desordenadamente do palácio do arcebispo, havia papéis diversos referentes à extinta abadia de St. Loup de Arras e, entre os últimos, uma série de observações referentes aos negócios da igreja de Dunes — eram, de acordo com o que a natureza fragmentada dos documentos explicava, as minutas de uma inquisição feita em 1309, e continham a deposição de várias testemunhas. Para compreender seu significado, é necessário lembrar que foi na mesma época em que começaram os tribunais de inquisição — e também quando os processos contra os templários moldaram a forma das inquisições de modo a ajudar às finanças do país enquanto serviam ao interesse da religião.

O que parece ter acontecido é que depois da catástrofe da Vigília de Todos os Santos em outubro de 1299, o prior, Urbain de Luc, se viu subitamente ameaçado com a acusação de sacrilégio e bruxaria, de obter os milagres da efígie por meios demoníacos, e de converter a igreja dele em uma capela do Maldito.

Em vez de apelar aos altos tribunais eclesiásticos, como os privilégios obtidos pela Santa Sé teriam lhe garantido, o prior Urbain imaginou que tal acusação viria do vingativo abade de St. Loup e, abandonando suas pretensões para se salvar, ele se entregou à mercê do abade a quem, até então, esnobara. O abade parece ter se dado por satisfeito pela submissão, e a questão parece ter sido abandonada depois de alguns procedimentos legais preliminares — segundo parte das notas encontradas entre os arquivos arquiiepiscopais de Arras. Meu amigo, o antiquário, gentilmente me permitiu traduzir do latim algumas destas, e as forneço aqui, deixando que o leitor conclua o que puder das mesmas.

“Item. O abade se expressa satisfeito porque Sua Reverência o prior não teve conhecimento pessoal ou fez acordos com o Maldito (Diabolus). No entanto, a gravidade da acusação requer...” — aqui a página está rasgada.

“Hugues Jacquot, Simon le Couvreur, Pierre Denis, residentes de Dunes, sendo interrogados, atestam:

“Que os ruídos da Igreja da Santa Cruz sempre aconteceram em noites de tempestades fortes, precedendo naufrágios na costa. Eram muito variados, como trepidações terríveis, gemidos, uivos como os de lobos e o ocasional som de flauta. Um certo Jehan, que foi duas vezes marcado e açoitado por

acender fogueiras na costa e levar navios a naufragarem à boca do Nys, a quem foi prometida imunidade, depois de dois ou três leves puxões na roda, atestou o seguinte: que o bando de arruaceiros ao qual pertence sempre soube quando uma tempestade perigosa se formava devido aos ruídos emitidos pela igreja de Dunes. A testemunha diversas vezes pulou os muros e espreitou no cemitério da igreja, esperando ouvir tais ruídos. Ele não estava familiarizado com os uivos e rugidos mencionados pelas testemunhas anteriores. Ouviu um compatriota contar que passou ali na noite em que os uivos eram tantos que o compatriota achou que era perseguido por uma alcateia, embora se saiba que nenhum lobo é visto por essas partes há trinta anos. Mas a própria testemunha é da opinião de que o mais singular dos ruídos, e aquele que sempre predizia as piores tempestades, era um ruído de flautas e sopros (*quod vulgo dicuntur flustes et musettes*) tão doce que o rei da França não poderia ter um ruído mais doce em sua corte. Ao ser interrogado sobre ter visto alguma coisa, a testemunha responde: ‘Que viu a igreja intensamente iluminada da areia, mas ao se aproximar a encontrou na escuridão, exceto pela luz no aposento da sentinela. Que certa vez, ao luar, quando os sopros, a flauta e os uivos estavam incomumente altos, ele achou ter visto lobos e uma figura humana no telhado, mas que fugiu de medo e não pode ter certeza.’

“Item. Sua Senhoria o abade deseja que o Digníssimo Reverendo Prior responda com a verdade, colocando a mão sobre o Evangelho, se ouviu ou não tais barulhos.

“O Digníssimo Reverendo Prior nega ter ouvido qualquer coisa semelhante. Mas, sendo ameaçado com outros processos (a roda?), reconhece que ouvia falar de tais ruídos pela sentinela em serviço.

“*Pergunta:* O Digníssimo Reverendo Prior ouviu mais alguma coisa da sentinela?

“*Resposta:* Sim; mas sob o sigilo do confessionário. A última sentinela, especificamente, a morta pelo raio, fora um padre reprovável, que cometeu os mais graves crimes e foi obrigado a buscar asilo, e o qual o prior mantivera ali pela dificuldade de encontrar um homem corajoso o suficiente para a posição.

“*Pergunta:* O prior interrogou sentinelas anteriores?

“*Resposta:* As sentinelas deviam revelar apenas em confessionário o que tinham ouvido. Os predecessores do prior mantiveram o sigilo da confissão inviolável, e, embora indigno, o próprio prior desejasse fazer o mesmo.

“*Pergunta:* O que aconteceu com a sentinela que foi encontrada desmaiada depois do ocorrido no Halloween?”

“*Resposta:* O prior não sabe. A sentinela estava louca. O prior acredita que tenha sido enclausurada por esse motivo.”

Uma surpresa desagradável fora, aparentemente, arranjada para o prior Urbain de Luc, pois o registro seguinte afirma que:

“Item. Por ordem de Sua Magnificência, o senhor abade, alguns servos do senhor abade mencionado apresentam Robert Baudouin, padre, antes sentinela da Igreja da Santa Cruz, que foi mantido por dez anos na prisão por Sua Reverência o prior, como homem de mente insana. A testemunha manifesta grande terror ao se ver na presença de Suas Senhorias, principalmente na de Sua Reverência o prior. E se recusa a falar, escondendo o rosto nas mãos e emitindo gritos. Ao ser confortada com palavras gentis pelos presentes, até mesmo mais graciosamente por meu senhor o próprio abade, *etiam* ameaçada com a roda se continuasse obstinada, tal testemunha depõe como se segue, não sem muitas lamúrias, gritos e balbucios ininteligíveis como fazem os loucos.

“*Pergunta:* Ele se lembra do que aconteceu na Vigília de Todos os Santos, na igreja de Dunes, antes de desmaiar no chão da igreja?”

“*Resposta:* Ele não se lembra. Seria um pecado falar de tais coisas diante de grandiosos senhores espirituais. Além do mais, não passa de um homem ignorante, e também louco. E a fome dele é grande.

“Depois de receber o pão branco da mesa do próprio senhor abade, a testemunha é de novo inquirida.

“*Pergunta:* O que ele se lembra dos eventos da Vigília de Todos os Santos?”

“*Resposta:* Acha que nem sempre foi louco. Acha que nem sempre esteve preso. Acha que um dia esteve em um barco no mar etc.

“*Pergunta:* A testemunha acha que algum dia esteve na igreja de Dunes?”

“*Resposta:* Não se lembra. Mas tem certeza de que nem sempre esteve preso.

“*Pergunta:* A testemunha algum dia ouviu algo assim? (Meu senhor, o abade, secretamente ordenou que certo tolo a seu serviço, um excelente músico, tocasse a flauta atrás de Arras.)

“A esse som, a testemunha começou a tremer e chorar e caiu de joelhos, e segurou a túnica de meu senhor o abade, escondendo a cabeça ali.

“*Pergunta:* De onde vem tanto terror, estando na presença paternal de um príncipe tão clemente quanto o senhor abade?”

“*Resposta:* A testemunha não suporta mais a flauta. Congela seu sangue. O padre disse ao prior diversas vezes que não permanecerá mais nos aposentos da sentinela. Teme pela própria vida. Não ousa fazer o sinal da cruz ou recitar suas orações por medo do Grande Homem Selvagem. O Grande Homem Selvagem pegou a cruz e a quebrou ao meio e jogou disco com ela na nave. Todos os lobos marcharam para baixo do telhado uivando e dançaram sobre as patas traseiras enquanto o Grande Homem Selvagem tocava flauta no altar principal. A testemunha se cercou com uma sebe de pequenas cruces, feitas de palha de centeio quebrada, para manter o Grande Homem Selvagem longe dos aposentos da sentinela. Ah — ah — ah! Ele está tocando de novo! Os lobos estão uivando! Ele está formando a tempestade.

“*Item:* Nenhuma outra informação pode ser extraída da testemunha, pois ela caiu no chão como um homem possuído e precisou ser retirada da presença de Sua Senhoria o abade e de Sua Reverência o prior.”

III

AQUI AS MINUTAS da inquisição são interrompidas. Será que aqueles grandiosos dignitários espirituais conseguiram aprender mais sobre as terríveis ocorrências na igreja de Dunes? Será que adivinharam sua causa?

— Pois houve uma causa — disse o antiquário, dobrando os óculos depois de ler as notas para mim —, ou, mais estritamente, a causa ainda existe. E entenderá, apesar daqueles padres letrados de seis séculos atrás não conseguirem.

E, ao se levantar, ele pegou uma chave da prateleira e me levou para o pátio de casa, que se situava no Nys, um quilômetro e meio abaixo de Dunes.

Entre as plantações baixas se via o pântano salgado, lilás com as lavandas do mar, a ilha dos Pássaros, um grande banco de areia na boca do Nys, onde todos os tipos de aves marinhas se reúnem; e além dele, o mar revoltado, esbranquiçado pelas ondas, sob uma iluminação alaranjada tempestuosa. Do outro lado, no continente, e surgindo acima dos telhados da fazenda, estava a igreja de Dunes, com o campanário pontiagudo e as silhuetas irregulares das torres, dos botaréus, das gárgulas e dos pinheiros curvados pelo vento, pretos contra o céu oriental de um vermelho intenso agourento.

— Eu disse — relatou o antiquário, parando com a chave na fechadura de uma grande casa exterior — que houve uma *substitution*, que o crucifixo atualmente em Dunes não é aquele lançado como que por milagre pela tempestade de 1195. Acredito que o atual pode ser identificado como uma estátua de tamanho real, cujo recibo existe nos arquivos de Arras, confeccionada para o abade de St. Loup por Estienne Le Mas e Guillaume Pernel, pedreiros, no ano 1299, ou seja, no ano da inquisição e do fim de todas as ocorrências sobrenaturais em Dunes. Quanto à efígie original, você a verá e compreenderá tudo.

O antiquário abriu a porta para uma passagem íngreme e cavernosa, acendeu uma lanterna e seguiu à frente. Era obviamente a adega de algum prédio medieval; e um cheiro de vinho, de madeira úmida e de galhos de abeto de incontáveis toras empilhadas preenchia a escuridão entre colunas espessas.

— Aqui — disse o antiquário, erguendo a lanterna —, foi enterrado sob esta catacumba e perfuraram o torso dele com uma estaca de ferro, como um vampiro, para evitar que se levantasse.

A efígie estava de pé contra a parede escura, cercada por galhos. Era maior do que uma estátua em tamanho natural e estava nua, com os braços quebrados na altura dos ombros. A cabeça, com cabelo emaranhado, estava erguida com esforço, e o rosto, com barba por fazer, contorcido de dor. Os músculos retesados como os de alguém pendurado pela crucificação, os pés unidos por corda. A figura me era familiar de diversas galerias. Eu me aproximei para examinar a orelha: tinha formato de folha.

— Ah, você entendeu o mistério todo — comentou o antiquário.

— Entendi — respondi, sem saber até que ponto os pensamentos dele realmente iam — que esta suposta estátua de Cristo é um sátiro da antiguidade, um Marsias aguardando punição.

O antiquário assentiu.

— Isso mesmo — disse ele, sarcasticamente —, essa é a explicação. Mas acredito que o abade e o prior não estivessem tão errados ao perfurá-lo com a estaca de ferro quando o retiraram da igreja.

Louise J. Strong

Como suas contemporâneas, *Harpers*, *Pearsons*, *Pall Mall* e outras revistas de qualidade da virada do século, a *Cosmopolitan* (publicada em Nova York) era um baú dos tesouros de ficção sobrenatural, estranha e bizarra. Continha contos da maioria dos escritores principais da época, incluindo Bram Stoker, cuja narrativa esquecida de aventura, “The Red Stockade” [A palhaça vermelha], decorada com ilustrações de crocodilos e cabeças empaladas em longos mastros, apareceu na edição de setembro de 1894. Um jovem artista chamado John Barrymore era um daqueles que mostrava grande futuro como ilustrador do macabro (com “The Canonic Curse” [A maldição canônica], em 1902), anos antes de se tornar o mundialmente famoso nos palcos e nas telas. “Uma história não científica”, de Louise Jackson Strong, é uma combinação única das temáticas de Drácula e Frankenstein, com um pequeno exército de monstruosidades vampírescas criadas em laboratório. Esta história apareceu originalmente na edição de fevereiro de 1903 da *Cosmopolitan* ilustrada por E. Hering.

UMA HISTÓRIA NÃO CIENTÍFICA

ELE ESTAVA SENTADO, tenso e rígido de animação, ansiedade, incredulidade. Seria possível, depois de tantos anos de estudos, esforços e fracassos? Será que por fim o sucesso o recompensara? Ele mal ousou respirar, para não perder nada do maravilhoso espetáculo. Por quanto tempo estava sentado daquele jeito, ele não sabia. Não se movia havia horas — ou seriam dias? —, exceto para ajustar a luz com o botão que segurava.

O laboratório dele, ao pé do jardim, era iluminado dia e noite na sala central (sua oficina particular) com eletricidade, e ninguém podia entrar a não ser que tivesse privilégio especial.

Algumas coisas ele realizara pelo bem da humanidade, e esperava realizar mais, porém, acima de tudo, estava tentando, esforçando-se para criar o germen da vida. Gastara muitos anos, e muito de sua grande fortuna, em experimentos malsucedidos. Enfrentara ridicularização e descrença com indiferença estoica, impulsionado pela convicção de que finalmente comprovaria suas teorias. Diversas e diversas vezes, a derrota e o desapontamento tinham afastado as esperanças. Diversas e diversas vezes, ele se recompusera e prosseguira com persistência obstinada.

E agora! Ainda não conseguia acreditar! Ele se recostou e tapou os olhos fechados com as mãos. Talvez tivesse imaginado — os nervos exaustos o teriam enganado. Seria uma ilusão de ótica? Acontecera antes. Houve vezes em que sentiu que tinha afastado o véu e vislumbrado o segredo, apenas para descobrir que alguns movimentos fracassados eram tudo que existia de sua criação. Com uma pressa súbita, ele se virou para o vidro de novo.

A-ah! Ele respirou fundo, quase como se gritasse. Não era ilusão de ótica, nem delírio da mente. A criatura — era simplesmente uma criatura viva — tinha crescido, assumido forma, mesmo naqueles poucos momentos. Ela vivia! Respirava! Movia-se! E era dele o poder que dera vida à criatura! Ele respirou ofegante. O coração batia galopante e o sangue acelerava em suas veias.

Mas logo o senso científico tomou à frente e ele cuidadosa e detalhadamente estudou o prodígio. O crescimento era fenomenal — a rapidez da expansão era inacreditável. Ela tomou forma, desenvolveu membros, fez repetidas tentativas de se locomover, e por fim se impulsionou para fora do líquido confeccionado com habilidade do receptáculo de vidro no qual fora criada.

Com isso, o letrado professor se colocou de pé com um salto, em um movimento de exultação. O impossível fora alcançado! Vida! Vida, por tanto tempo o mistério e o desespero do homem, tinha surgido pela vontade dele. Somente ele, de toda a humanidade, tinha o segredo na palma da mão. O professor avançou pela sala em um êxtase cego de triunfo. Lágrimas rolaram, involuntária e descontroladamente, por suas bochechas. Ele gesticulava com os braços descoordenadamente, como se desafiasse a própria onipotência. Naquele momento, se sentia como um verdadeiro deus! Podia criar mundos e povoá-los! Foi tomado por um desejo incandescente de sair correndo e proclamar, do alto do telhado das casas, o seu feito, para deixar pasmos os colegas cientistas e os teólogos.

Ele desabou, ofegante, na cadeira, e lutou para se recompor e apaziguar a mente. Ainda não estava na hora de tornar público o incrível êxito. Devia esperar até que o desenvolvimento completo provasse que era, de fato, uma criação viva — com natureza animal e desejos.

A criatura tinha se deitado, estremecendo, no piso de mármore, respirando regular e constantemente, fazendo movimentos descoordenados. Os membros, que antes pareciam apenas tentáculos se debatendo, cresceram até virarem braços e pernas longos e finos, com mãos que pareciam garras e pés chatos com seis dedos. A criatura perdeu a forma esférica — uma protuberância irregular, na qual se situava o orifício para respiração, se expandiu em uma cabeça com feições rudimentares. O professor pegou a espátula e virou a criatura. Ela respondeu ao toque com um esforço para se levantar: a cabeça oscilou fracamente, e duas fendas se abriram no rosto vago, das quais olhos vazios como os de peixes o olhavam. A criatura cresceu! A cada momento, estava maior, mais desenvolvida. O crescimento era tão perceptível quanto o movimento do ponteiro das horas do relógio.

— Provavelmente, é da ordem dos primatas — observou o professor. — Simiesco. Parece uma estranha caricatura de humano.

Uma abertura surgiu na cabeça oblonga, formando uma boca sem lábios sob o caroço que era o nariz. Orelhas grandes despontaram de cada lado.

A semelhança caricatural com humanos aumentava conforme a criatura envelhecia. Ela engatinhou um pouco, se sentou, fez diversos esforços inúteis, e por fim foi bem-sucedida ao se levantar. Deu alguns passos cambaleantes. Emitiu ruídos chiados e bufados com os movimentos, e balbuciou como idiota. Por fim, se agachou sobre as ancas, os joelhos ossudos flexionados contra a pança rotunda, as mãos segurando os tornozelos.

— A atitude dos homens primitivos — murmurou o professor.

Por um bom tempo, a criatura ficou agachada, embora aumentando de tamanho e começando a exhibir uma inteligência rudimentar, olhando em volta com olhos que evidentemente enxergavam — reparavam nas coisas: a lâmpada, o vidro e o latão reluzentes, e, acima de tudo, ela mesma.

Não tinha manifestado desejo algum, mas, quando uma mosca voou perto da criatura, foi apanhada e enfiada na boca com uma rapidez incrível e um ruído de sucção ávida. Diante de tal expressão de animalismo, a mão do professor tremeu tão violentamente que ele mal conseguiu registrar o ocorrido.

Apenas nervosismo! O professor não admitiria para si mesmo uma sensação de receio espantado. Estava exausto. Durante dias, mal se alimentara e apenas cochilara, a intervalos longos. Um sono de meia hora o renovaria, e a criatura não podia mudar muito em tal período de tempo, pois o desenvolvimento corporal parecia quase completo. A cabeça do professor recaiu sobre os braços, e ele dormiu profundamente.

Foi despertado por uma sensação de sufocamento e mordidas no pescoço. O professor se levantou com um grito, empurrando uma massa pegajosa que deitara o peso sobre a lateral virada do rosto dele. Pelos céus misericordiosos! Era a besta o atacando — os dentes, que o professor não vira antes, buscavam o seu pescoço!

A criatura ficou deitada onde o professor a jogou, a longa língua lambendo a boca sem formato, os olhos brilhantes com a sede de sangue despertada. Em uma onda de repulsa, o professor a golpeou com violência.

Ele ficou chocado com o que fizera — parecia ter cometido um crime ao golpear a criatura.

Foi até a antessala, onde comida fresca era deixada para ele todos os dias, e selecionou alimentos diferentes, indagando se algum satisfaria uma criatura que passara a existir de uma forma tão maravilhosa.

A criatura o encontrou, com expectativa alerta, e comeu, com uma voracidade desprezível, de tudo que o professor lhe apresentara.

Aparentemente, possuía todos os sentidos animais — todos foram testados, exceto a audição. O professor disse algumas palavras em tom de voz simples, e a criatura ergueu o rosto com uma expressão inquisidora.

O professor caminhou de um lado para outro da sala pensativo e perplexo. Será que teria faculdades mentais além daquelas de um animal comum? Não esperara produzir nada além de uma forma de vida inferior. Jamais imaginou que uma criatura feita por ele teria consciência da própria existência — essa era uma responsabilidade para a qual não estava pronto.

Com o corpo e a mente exaustos, o professor trancou a criatura na sala central e desabou no sofá do escritório para descansar durante a noite.

A criatura estava de pé quando ele entrou na manhã seguinte e, ao dar um passo na direção dele, recitou corretamente cada palavra que o professor dissera na noite anterior, como se repetisse uma lição, mostrando uma expectativa ansiosa por aprovação.

— Pelos céus! — disparou o professor, apoiando-se contra a porta.

— Pelos céus! — repetiu a criatura, com as pequenas órbitas dos olhos brilhando.

O professor avançou na direção da criatura como se para forçar que tal evidência de racionalidade inteligente fosse engolida. A criatura fugiu, mantendo a mesa entre os dois. Encurralada, ela caiu de joelhos e ergueu as mãos suplicantes, murmurando uma oração — uma oração feita pela própria consciência!

Apavorado, aterrorizado, o professor a observou, assegurando-se, trêmulo, de que muitos animais faziam ruídos imitados — papagaios prontamente aprendiam a fala humana.

A curiosa criatura não exibiu crescimento corporal durante vários dias — talvez tivesse atingido a maturidade, e em breve daria sinais de decaimento. Um caroço já surgira em seu peito, o qual ela cutucava inquietamente. O professor não deveria atrasar mais sua exposição. No entanto, ele hesitava em fazê-lo até ter mais certeza a respeito da criatura.

Ele testou o poder dela com uma infinidade de palavras que a criatura não apenas repetiu com facilidade mas aprendeu com perfeição, murmurando-as diversas vezes, formulando e reformulando várias frases propriamente ditas com diversas definições, as quais ela parecia submeter, em comparação, a algum despertar interior de inteligência.

Certa vez, depois de murmurar por um longo tempo, a criatura foi até o professor, com uma perplexidade tímida, e fez a assombrosa pergunta:

— O que sou?

E quando o professor respondeu que ela não era algo bonito, a pobre criatura saiu, repetindo as palavras. Como alguém se recuperando de uma longa inconsciência, parecia buscar uma pista vagamente relembrada sobre a própria identidade.

O medo tomou conta do professor! Era impossível! Ah, impossível que tivesse aprisionado uma alma humana em forma tão terrível! Uma alma que, aos poucos, entenderia o mal que o professor tinha feito a ela! Não! Não! O professor afastou o pensamento como um devaneio insano. Mas, mesmo assim, não fizera nada ilegal. O homem era livre para usar seu intelecto ao máximo. Tinha trazido à existência uma criatura viva, mas não era responsável além do corpo. Que o guardador de almas se responsabilizasse pelo resto.

Possivelmente algum espírito há muito desencarnado, que ficara inteligente durante a liberdade, animara a criatura, e seu desenvolvimento completo abriria um canal para conhecimentos dos quais a Terra jamais soubera antes — e o mundo ecoaria o nome do professor, e honra e fama seriam dele! De novo, o professor ficou exultante enquanto registrava o desenvolvimento mental da criatura, tão rápido quanto o desenvolvimento do corpo desajeitado, e com bastante da mesma distorção. A criatura o reconhecia como criador, era reverente a ele e obedecia a seus comandos.

O caroço, que o professor tinha achado ser um sintoma de envelhecimento, tomou a aparência de uma grande escama e caiu. Quando o professor quis examiná-la mais de perto, a criatura colocou a mão sobre a escama, olhando para ele com uma expressão de hostilidade e esperteza, pela primeira vez desobedecendo ao seu comando — e o professor não forçaria a obediência.

Ele ficou perplexo na manhã seguinte ao ver que a escama tinha se desenvolvido em uma segunda criatura! Em torno dela, a primeira pairava com evidente alegria e orgulho, chamando a atenção do professor para ela com balbucios incontrolados de uma criança. Ele não imaginou que a criatura tinha o poder de criar vida, mas ali estava uma reprodução com facilidade e rapidez maior do que a de qualquer criatura existente de tamanho semelhante.

A segunda criatura, alimentada e ensinada pela primeira, amadureceu em corpo e mente ainda mais rápido. Elas inventaram ou descobriram uma linguagem própria — um estranho jargão (do qual o professor não entendia

nada), pelo qual trocavam pensamentos e conversavam —, a qual o professor tentou em vão fazer com que a reduzissem a uma escrita, para que ele pudesse obter a sabedoria que esperava.

A reprodução prosseguiu — enquanto o professor submetia as criaturas a muitos testes para determinar a natureza delas.

Conforme cresciam em idade e quantidade, começaram a demonstrar menos reverência ao professor. Uma animosidade surgia, que irrompia às vezes como uma torrente horrível de invectivas — uma mistura da fala estranha das criaturas e a do professor.

Quando ele não realizava os desejos delas, as criaturas choramingavam deprimidamente — indagando: “Por quê?”, “Por quê?” — ou lhe atiravam desafios blasfemos.

Tais coisas o convenceram de que elas eram uma ordem inferior da humanidade. Possuíam almas, pois nenhuma outra criatura além do homem observava, gostando ou não, a forma corporal em que elas se manifestavam. O professor estava dividido e tomado pelo pesar e por uma sensação esmagadora de culpa e responsabilidade. Era como se tivesse começado uma avalanche que poderia sobrepujar o mundo.

As criaturas já haviam se tornado um pesado fardo. O professor era obrigado a fazer visitas noturnas aos mercados em busca de comida para satisfazer a voracidade delas — comida que atirava às criaturas como se faz com cães, e sobre a qual elas se atiravam e pela qual brigavam, xingando a gula umas das outras. Mas, com uma palavra de reprovação do professor, elas se uniam contra ele, uma por todas.

Toda a complacência pelo trabalho que fizera desaparecera. O professor jamais conseguiria exhibir aos olhos mortais aquelas criaturas repulsivas. O único pensamento dele era a pergunta não respondida: o que deveria fazer com elas? Sobre isso, ele refletia continuamente sem chegar a uma conclusão, porque nem cogitava destruir criaturas que possuíam inteligência humana, por mais distorcidas e degradadas, tanto quanto não consideraria tirar a vida de um idiota nato ou de um louco.

Absorto em pensamentos, ele deixou de trancar a porta um dia e, ao se levantar, encontrou as criaturas povoando o escritório. Ao lado da alta claraboia, havia uma grande janela, bem fechada por uma tranca interna pesada, acima da qual havia uma longa abertura estreita para a entrada de ar. Algumas das criaturas, agarradas à tranca e ao caixilho da janela e emitindo gritos baixos e agudos, como lobos sentindo o cheiro da presa, tinham subido

até a abertura e olhavam para fora com olhos brilhantes. Elas raspavam e balbuciavam, com as línguas quentes fazendo movimentos ansiosos, a saliva pingando das bocas feias — imagens horríveis de apetite animal não saciado.

E o que incitava tanto a voracidade monstruosa? Os filhos do professor brincando no gramado, as vozes inocentes se erguendo como música celestial em contraste com os sons infernais do lado de dentro. Uma gargalhada alta fluiu pelo ar e a ansiedade das criaturas aumentou até virar fúria — com dentes e unhas, tentaram aumentar a abertura, sem ouvir aos comandos aterrorizados do professor.

Em um frenesi de ódio, ele pegou uma barra de ferro e desceu as criaturas até o chão, guiando-as com golpes e maldições até o quarto delas. Elas fugiram diante da ira do professor, mas, quando ele deu as costas para trancar a porta, avançaram sobre ele, com tentativas desesperadas de alcançar o seu pescoço.

Depois de uma batalha intensa, o professor as espancou e as mandou chorosas para um canto.

— Monstros! Monstros! — gritou ele, pálido com a descoberta. — Monstros que comeriam carne humana! A que maldição dei vida! É do diabo!

— Diabo. Diabo. Sim, diabo — murmurou uma criatura, com um reconhecimento lascivo e malicioso nos olhos oblíquos.

Naquele momento, o professor entendeu seu dever. Toda hesitação sumiu e ele se decidiu — elas deveriam ser destruídas, e ele poderia não sobreviver à destruição.

Por intuição, ou do poder do oculto que possuíam, que estava além de qualquer coisa que o professor já encontrara em homens, as criaturas adivinharam a decisão dele quase imediatamente após ela tomar forma e se prostraram com gritos de piedade. As criaturas se apressaram em dispor aos pés do professor oferendas de conciliação — cartas, lápis, livros de imagens, tudo que o professor fornecera para a diversão e a instrução delas —, implorando pela vida, a vida que o próprio professor lhes dera.

As orações e as oferendas foram rejeitadas por ele e as criaturas se tornaram suas inimigas declaradas. Determinadas a escapar da prisão, cada entrada do professor era uma batalha contra os esforços persistentes delas de ganhar controle da porta, a única saída da sala.

Elas não se feriam com facilidade. Nenhuma perfuração ou hematomas resultaram dos golpes violentos com a barra. Seria possível destruí-las? A substância corporal delas lembrava massa pegajosa na aparência, com a

consistência de borracha. O professor jamais dominara o nojo que sentia o suficiente para tocar em uma. Não podia fazer experimentos nelas, mas acreditava que as substâncias químicas que pretendia usar com os explosivos mas acreditava que poderosos, tornariam o trabalho da aniquilação ágil e completo.

As preparações eram atrasadas e atrapalhadas pelas tentativas intermináveis de sobrepujá-lo. Assim que ele se concentrava no trabalho, as criaturas rastejavam e espreitavam com insistência maligna para executar um novo ataque. Certa vez, em um movimento de defesa, o professor perfurou o corpo de uma com uma ferramenta afiada e quase se sufocou com os gases que saíram do fluido amarelo e visceral que escorreu do ferimento.

Depois de escapar do levante assustado e indignado que se seguiu, ele ficou de pé na janela do escritório para se recuperar da náusea que o deixara tonto.

— Só isso já os tornaria inimigos formidáveis da humanidade — murmurou o professor. — O assassinato de uns poucos faria um exército recuar. Se soltos, estão em quantidade suficiente, com todas as características infernais, para devastar essa cidade populosa. Que criador desgraçado e impotente que sou! Se pudesse voltar no tempo, ocuparia meu lugar ao lado do mais ignorante dos trabalhadores e não mais mexeria com a prerrogativa do Todo-Poderoso!

Em algumas horas, o ferimento estava curado, sem nenhuma cicatriz, mas as criaturas tinham descoberto um novo motivo para temer o professor e andavam curvadas, com expressão de raiva, comentando a respeito dele com epítetos desavergonhados e insultuosos.

Ele encontrou um bilhete da esposa na caixa de correio, informando-o da chegada na cidade de um renomado cientista cuja vinda deveria-se aos arranjos dele, meses antes. Havia muita insatisfação expressada a respeito da ausência do professor, e exigências feitas para que participasse de um banquete iminente.

“É claro que irá”, escreveu a mulher. “E, querido, chegue cedo o bastante para dar um pouco de tempo para sua família. Mal o vemos há semanas e, embora eu tenha obedecido às regras, ando tão desejosa por vê-lo que estou tentada a transgredir e tomar a ousadia de ir até você. O bebê, que começava a ficar em pé quando o viu pela última vez, já corre com facilidade sobre as perninhas firmes e consegue dizer ‘papa’ direitinho. Venha, querido. Algumas horas conosco o deixarão descansado.”

Descansado, de fato! Nem mesmo o próprio paraíso parecia mais doce ao homem miserável do que o lampejo de seu lar. A querida esposa, contente em viver a vida que a onipotência tinha planejado para ela; as doces crianças, diária e harmoniosamente desenvolvendo novos gracejos da mente e do corpo como lindas flores — ele não veria a maturidade completa dos filhos, pela qual esperara tanto. Com um gemido, o professor abaixou a cabeça e chorou lágrimas amargas — lágrimas que significavam a renúncia da própria vida.

Tudo estava pronto quando o dia do banquete chegou. Ele só precisava apertar um pequeno botão no chão e as poderosas correntes de eletricidade disparariam pela sala, movendo forças tão poderosas e de ação tão imediata que o local inteiro se tornaria uma chama de intensidade que nenhuma matéria concebível poderia suportar.

O professor tomara precauções extraordinárias para esconder o trabalho da curiosidade e da esperteza das criaturas, protegendo o botão que controlava tudo com uma cobertura metálica, a qual estava presa ao chão por parafusos.

E agora ele olhava para as criaturas, catalogando a feiura delas, como se para preparar um trabalho as descrevendo para a reunião de autoridades científicas. Pigmeus, entre 0,9 e 1,2 metro de altura; extremamente fortes; membros longos, finos e retorcidos, em alguns de extensão desigual; corpos espessos e atarracados; cabeças pontudas, carecas exceto por um tufo de cabelo no alto; enormes orelhas que se abanavam, soltas, como de cães; o nariz, um pouco mais do que narinas dilatadas; a boca, uma simples fenda longa, com dentes protuberantes; e olhos — ah! —, olhos que mostravam muito mais do que inteligência animal. Eram pequenos, oblíquos, bem próximos, pretos como miçangas, as únicas pálpebras consistiam em membranas esbranquiçadas que os cobriam a intervalos — mas brilhavam e reluziam com paixão, se fechavam com lágrimas e se arregalavam sem reflexão. Aqueles olhos estavam fixos no professor naquele momento, com ousadia, ameaça, medo, revolta e, acima de tudo, julgamento incandescente. Mesmo os menores, dos quais havia muitos de diferentes tamanhos, o olhavam com ressentimento e ódio, enquanto se encolhiam, como ratos assustados, de um canto a outro, conforme o professor se movia.

Se um acidente o colocasse, por um segundo, em poder das criaturas, o bando inteiro estaria sobre ele e o dilaceraria, como fariam com qualquer ser humano. No entanto, era tão estranha e tão monstruosa tal criação sem precedentes, misturando a ferocidade do mais inferior dos animais com a mente e a alma humanas, que o professor achou que seria possível ensiná-las

a ler e a escrever, e a resolver problemas matemáticos. E talvez fossem capazes de considerável educação — mas sem um traço de redenção. O mundo não tinha lugar para tal coisa.

A preferência das criaturas por sangue era assombrosa — de toda a comida que o professor oferecera, preferiam carne crua, e quanto mais sangrenta melhor. Ele fornecera uma quantidade para ocupá-las enquanto estivesse fora e as deixara grunhindo.

O professor tentou afastar as criaturas de seus pensamentos quando trancou as portas. Durante algumas horas, seria livre, destituído do tormento e da antecipação. Mas uma profunda melancolia obscurecia a felicidade da reunião com a família, e a tristeza se sentou com ele à mesa de jantar. Ele não participou das festividades e das discussões, e estava tão indisposto a fazê-lo que ninguém o chamou. Apenas quando o convidado ilustre tocou no assunto da possibilidade — ou da impossibilidade, como ele via — de produzir vida, quimicamente, o interesse do professor despertou.

— Jamais pode ser feito — afirmou o convidado —, pois dar o sopro da vida é prerrogativa apenas do Onipotente.

— Ah, mas o professor Levison acredita no contrário, e espera algum dia nos assombrar com uma criatura criada por ele. Besta ou humana, precisaremos esperar que o tempo revele! — retrucou um dos convidados, com leve sarcasmo.

— É na impossibilidade de determinar de antemão o que a criação será que reside minha objeção ao homem assumir tal responsabilidade, mesmo que ele pudesse, de alguma forma, realizá-la. Pois quem poderia dizer que calamidade não seria trazida para a humanidade na forma de uma monstruosidade detestável, cujas intenções malignas estariam fora de controle? A ciência tem um amplo campo para pesquisa. Não é preciso desviar e se intrometer onde o sucesso, se possível, possa querer dizer desastre generalizado.

O professor se encolheu como se tivesse sido golpeado, e o desejo que sentira momentaneamente de exhibir sua criação para os debochados e provar a realidade de sua presunção, se esvaiu com o desespero quando ele pensou que maldição intolerável e diabólica era aquela criação.

Não, não restava nada além de silêncio e aniquilação. O professor se perguntava vagamente qual seria a posição dele e das criaturas naquele lugar além do fervilhante círculo de fogo pelo qual, em breve, passariam juntos.

Sua esposa estava alarmada com o rosto exausto dele e com a apatia inexpressiva com que falava na reunião, pela qual antes ansiara com tanta animação.

— Querido — disse a mulher, suplicante —, está se exaurindo. Largue tudo e descanse. De que importarão todos os experimentos e as descobertas do mundo se não tivermos você? Vamos lá, tire umas férias e sairemos em nossa viagem há muito planejada.

— Não posso agora — respondeu o professor, de forma tão decisiva que a esposa achou inútil insistir.

— De toda forma, pode se dar algumas horas de descanso. Não volte para o laboratório esta noite.

— Ah, mas eu preciso! — exclamou ele. Então, abraçando a mulher, acrescentou: — Minha cara, não posso ficar agora, mas planejo tirar um longo descanso em breve. — Isso era para o conforto dela depois.

O professor olhou com um carinho saudoso para os filhos que dormiam e se despediu da mulher com uma solene finalidade, de forma que aumentou a ansiedade dela.

— É como se ele jamais esperasse nos ver de novo — murmurou a mulher, em lágrimas.

Do escritório, o professor ouvia as criaturas saltando, gargalhando, discutindo, esquecidas, como crianças, do destino iminente que tão claramente viam na presença dele. O professor tinha pena, mas não podia salvá-las.

E a hora chegara — todas as coisas esperavam pelo último ato. Mas, como o criminoso condenado se despedindo do mundo com um último e demorado olhar, o professor desejou mais um lampejo de despedida do lar em que não mais entraria.

Ao entrar na antessala, abriu a veneziana e se inclinou para fora. Como a noite era quieta! Com que precisão divina todas as coisas seguiam seu rumo determinado, seguras e guiadas pela Onipotência! O professor enlevou o coração com uma oração por proteção e bênção sobre a casa silenciosa que continha seus entes queridos. O quanto lhe eram queridos ele jamais soubera até aquela triste hora em...

O que era isso? O dia do juízo final teria irrompido com toda sua terrível grandiosidade? A terra chacoalhou com trovões terríveis, os próprios céus foram encobertos por chamas de explosão — então, subitamente, silêncio e escuridão envolveram o professor.

Ele abriu os olhos e olhou em volta, esforçando-se para pensar. Estava na própria cama e, com certeza, aquele era o querido rosto da sua esposa, banhado em lágrimas felizes, com o corpo curvado sobre o dele, perguntando:

— Querido marido, está melhor? Você me reconhece?

Ele assentiu, sorrindo levemente. Então, a memória retornou e uma torrente de pensamentos saiu dos lábios dele.

— Shh! Shh! — A mulher o impediu com a mão macia. — Não fale. Eu lhe contarei tudo, pois sei que não descansará caso contrário. Houve uma explosão assustadora no laboratório, tão assustadora que foi ouvida do outro lado da cidade. O prédio todo pareceu explodir de uma vez em chamas e... ah, meu querido! Tememos que estivesse lá dentro, mas uma providência gentil deve tê-lo mandado para a outra sala, pois foi atirado pela janela do corredor e resgatado dos escombros em chamas. — A mulher parou para controlar as emoções.

— Quanto tempo? — perguntou ele.

— Três semanas, e você estava com uma febre delirante até dois dias.

— Tudo foi destruído? — sussurrou o homem, ansiosamente.

— Sim, querido. Nada restou além de alguns destroços de metal retorcido. Mas não nos importaremos com isso quando sua preciosa vida foi poupada. Pode reconstruir tudo quando estiver recuperado.

— Pertença a você e às crianças agora — murmurou o professor, uma resposta ambígua, atraindo o rosto da mulher para o dele, sentindo que a vida poupada não lhe pertencia.

Estava claro para ele o que tinha acontecido. As criaturas tinham soltado os parafusos da capa que cobria o botão, e elas mesmas causaram a própria destruição. Com um suspiro de gratidão, o professor caiu em um sono de descanso.

Horacio Quiroga

Descrito como o equivalente sul-americano mais próximo a Poe, Horacio Quiroga (1878-1937) foi um magnífico contador de histórias, cuja própria vida trágica se refletia nos seus estudos psicológicos mórbidos e nos contos de horror gótico. Passou muitos anos nas selvas do norte da Argentina e suas histórias mais populares compõem o volume *Contos da selva*. “O travesseiro de penas”, um de seus contos bizarros mais memoráveis, foi originalmente publicado em 1907.

O TRAVESSERO DE PENAS

A LUA DE MEL de Alicia lhe causara tremores quentes e frios. Era uma jovem loira, angelical e tímida, cujos devaneios infantis de ser uma noiva tinham sido resfriados pela personalidade grosseira do marido. Ela o amava muito mesmo assim, embora às vezes estremecesse de leve quando, ao voltarem à noite juntos para casa, ela lançava um olhar furtivo para a impressionante estatura de Jordan, que andava silencioso há uma hora. Ele, de sua parte, a amava profundamente, mas jamais deixava transparecer.

Durante três meses — tinham se casado em abril —, viveram em um tipo especial de felicidade. Sem dúvida, Alicia teria desejado menos severidade no rigoroso paraíso do amor, carinho mais expansivo e menos cauteloso, mas os modos impassíveis do marido sempre a continham.

A casa em que viviam não ajudava em nada para apaziguar os calafrios e os tremores de Alicia. A brancura do pátio silencioso — frisas, colunas e estátuas de mármore — produzia a impressão invernal de um palácio encantado. Dentro do brilho glacial do estuque, as paredes vazias reafirmavam a sensação de frieza desagradável. Conforme se passava de um quarto para outro, o eco dos passos reverberava pelo imóvel, como se o longo abandono tivesse sensibilizado a ressonância.

Alicia passou o outono naquele estranho ninho de amor. Tinha determinado, no entanto, que deitaria um véu sobre os antigos sonhos e viveria como uma bela adormecida na casa hostil, tentando não pensar em nada até que o marido chegasse, toda noite.

Não era estranho que a jovem tivesse emagrecido. Teve um leve ataque de influenza que se arrastou traiçoeiramente durante dias. Depois daquilo, a saúde da jovem nunca mais foi a mesma. Por fim, certa tarde, ela conseguiu ir até o jardim, apoiada no braço do marido. Alicia olhou em volta languidamente. De repente, Jordan, com profundo carinho, passou a mão muito devagar pela cabeça da mulher, e ela imediatamente caiu em lágrimas, envolvendo o pescoço dele com os braços. Por um bom tempo, Alicia gritou todos os temores que mantinha em silêncio, dobrando os soluços ao sentir a

mais leve carícia de Jordan. Então, o choro cessou e ela ficou de pé por um longo tempo, com o rosto escondido no pescoço de Jordan, sem se mover nem dizer uma palavra.

Aquele foi o último dia em que Alicia esteve boa o bastante para se levantar. No dia seguinte, ela acordou se sentindo fraca. O médico de Jordan a examinou com muita atenção, prescrevendo tranquilidade e repouso absoluto.

— Não sei — disse o médico a Jordan à porta da casa. — Ela está com uma fraqueza que não consigo explicar. E sem vômitos ou nada... se acordar amanhã como hoje, ligue-me imediatamente.

Quando acordou no dia seguinte, Alicia estava pior. Houve uma consulta. Concordou-se que era uma anemia de progressão incrível, completamente inexplicável. Alicia não teve mais surtos de desmaios, mas estava visivelmente caminhando para a morte. As luzes ficavam o dia todo acesas no quarto dela, e o silêncio era absoluto. Horas se passavam sem o menor dos ruídos. Alicia cochilava. Jordan praticamente vivia no escritório, que também estava sempre aceso. Com persistência incansável, ele caminhava incessantemente de um lado para o outro do cômodo. O carpete engolia os passos do homem. Às vezes, entrava no quarto e continuava a caminhada silenciosa de um lado para outro, margeando a cama, parando por um momento em cada ponta para olhar a esposa.

Alicia começou a ter alucinações, vagas imagens que a princípio pareciam flutuar no ar e então desciam ao nível do chão. Com os olhos arregalados, ela encarava continuamente o carpete de cada lado da cabeceira da cama e, uma noite, se concentrou de repente em um ponto. Então, abriu a boca para gritar e gotículas de suor brotaram e seus nariz e lábios.

— Jordan! Jordan! — suplicou ela, rígida de medo, ainda encarando o carpete.

Jordan correu para o quarto e, quando Alicia o viu surgir, gritou de terror.

— Sou eu, Alicia, sou eu!

Ela olhou, confusa, para o marido, olhou para o carpete, olhou de novo para Jordan e, depois de um longo momento de confrontação estupefata, recuperou os sentidos. Ela sorriu e tomou a mão do marido, acariciando-a, trêmula, por meia hora.

Entre as alucinações mais persistentes, estava a de um antropeide apoiado sobre as pontas dos dedos no carpete, encarando-a.

Os médicos voltaram, mas sem solução. Viram diante deles uma vida que se esvaía, uma vida que ia embora dia após dia, hora após hora, sem que compreendessem. Durante a última consulta, Alicia ficou deitada em estupor enquanto os médicos lhe tomavam o pulso, passavam o pulso inerte dela de um para outro. Eles a observaram por um bom tempo em silêncio e então seguiram para a sala de jantar.

— Ufa... — O médico-chefe desencorajado gesticulou com os ombros. — É um caso inexplicável. Há pouco que possamos fazer...

— Essa é minha última esperança! — resmungou Jordan. E ele cambaleou às cegas contra a mesa.

A vida de Alicia estava se esvaindo no subdelírio da anemia, um delírio que ficava pior com as horas do crepúsculo, mas que se aliviava um pouco depois do alvorecer. A doença não piorava durante o dia, mas a cada manhã Alicia acordava pálida como a morte, quase desmaiada. Parecia que apenas à noite sua vida era drenada com novas retiradas de sangue. Sempre que acordava, Alicia tinha a sensação de estar deitada, desabada na cama, com um peso de um milhão de quilos sobre o corpo. Depois do terceiro dia assim, ela não deixou mais a cama. Mal movia a cabeça. Não queria que a cama fosse tocada, nem mesmo para arrumar os lençóis. Os terrores crepusculares avançavam na forma de monstros que se arrastavam na direção da cama e subiam na colcha com esforço.

Então, Alicia perdeu a consciência. Nos dois últimos dias, ela murmurava incessantemente, a voz fraca. As luzes iluminavam o quarto e o escritório dando-lhes aspecto fúnebre. No silêncio mortal da casa, o único som era o delírio monótono do quarto e os ecos abafados dos passos eternos de Jordan.

Por fim, Alicia morreu. A criada, quando entrou depois para desfazer a cama vazia, encarou o travesseiro, espantada, por um momento.

— Senhor! — A mulher chamou Jordan com a voz baixa. — Há manchas no travesseiro que parecem sangue.

Jordan se aproximou rapidamente e se curvou sobre o travesseiro. De fato, na fronha, dos dois lados da marca deixada por Alicia, havia dois pequenos pontos escuros.

— Parecem perfurações... — murmurou a criada depois de um momento de observação imóvel.

— Segure contra a luz — disse Jordan a ela.

A criada ergueu o travesseiro, mas imediatamente o soltou e ficou parada encarando o objeto, lívida e trêmula. Sem saber por que, Jordan sentiu os

pelos da nuca se arrepiarem.

— O que foi? — murmurou ele com a voz rouca.

— É muito pesado — sussurrou a criada, ainda trêmula.

Jordan pegou o travesseiro — estava extraordinariamente pesado. Ele o carregou para fora do quarto e, sobre a mesa da sala de jantar, rasgou a fronha e a capa com um corte. As penas do alto flutuaram para longe, e a criada, com a boca escancarada, deu um grito de terror e cobriu o rosto com os punhos fechados: no fundo da fronha, entre as penas, movendo lentamente as pernas peludas, estava um animal monstruoso, uma bola viva e viscosa. Estava tão inchado que mal era possível distinguir sua boca.

Noite após noite, depois que Alicia se deitara na cama, aquela abominação sorratamente levava a boca — a probóscide, melhor dizendo — às têmporas da garota, sugando o sangue dela. A perfuração mal era perceptível. O afofamento diário do travesseiro sem dúvida, a princípio, atravancara seu progresso, mas, assim que a moça não conseguira mais se mover, a sucção se tornara vertiginosa. Em cinco dias, em cinco noites, o monstro drenara a vida de Alicia.

Tais parasitas de criaturas de penas, minúsculos em seu ambiente natural, chegam a enormes proporções sob algumas condições. Sangue humano parece ser particularmente favorável a eles, e não é raro encontrá-los em travesseiros de penas.

Algernon Blackwood

Algernon Blackwood (1869-1951) está sem dúvida na primeira linha dos escritores de terror. Sempre interessado no oculto e no misticismo da natureza, foi membro da Ordem Hermética da Aurora Dourada (que atraiu diversos conhecidos próximos de Stoker, inclusive Pamela Colman Smith e J.W. Brodie Innes, e escritores como Arthur Machen e A.E. Waite). Uma das histórias mais famosas de Blackwood, “The Transfer” [A transferência], é de temática vampiresca. Porém, nenhuma das coletâneas publicadas do autor continha seu único conto vampiresco tradicional, “A estranha morte de Morton”, que apareceu pela primeira vez na revista *The Tramp* (dezembro de 1910), ilustrado por F. Gregory Brown.

A ESTRANHA MORTE DE MORTON

O ANOITECER SE dissolvia em escuridão conforme os dois homens seguiam lentamente pela floresta densa de pinheiros que cobria as encostas da montanha. Estavam cansados da longa subida, pois nenhum dos dois era jovem, e o dia de julho fora quente. A pequena estalagem deles ficava mais adiante no vale, entre os pomares que separavam a floresta dos vinhedos.

Nenhum dos homens falava muito. O maior liderava, carregando a sacola, e o companheiro dele, mais velho, mais baixo, evidentemente o mais cansado dos dois, seguia a passos curtos. De vez em quando, tropeçava em rochas soltas. Uma mente observadora teria adivinhado que tais tropeços não se deviam apenas à fadiga, mas ao seu estado absorto, que o deixava descuidado da forma como caminhava.

— Tudo bem aí atrás? — gritava o homem grande vez ou outra, dando uma olhada para trás.

— Hã? O quê? — respondia o outro, sobressaltado ao sair de um devaneio.

— O ritmo está muito rápido?

— Nem um pouco. Estou chegando. — E uma vez ele acrescentou: — Pode se apressar e jantar, se tiver vontade. Não demorarei muito depois de você.

Mas o grande amigo não aceitou a sugestão. Ele manteve a mesma distância entre os dois. Fazia a mesma pergunta de tempos em tempos. Uma ou duas vezes *ele* também parou e olhou para trás.

Daquela forma, se afastaram do limite da floresta. Um silêncio profundo encobria todo o vale. A cordilheira de calcário que tinham escalado refletia branca e fantasmagórica sobre eles a partir do céu que escurecia. No meio da jornada, o vento do anoitecer parou para observar a beleza do luar — para manter os galhos imóveis de modo que a luz pudesse passar por eles e entremear suas formas prateadas no musgo abaixo.

E, quando pararam um momento para observar aquilo, um passo soou atrás dos homens, nos galhos macios de pinheiro, e o mais velho, ainda um pouco atrás, se virou sobressaltado como se tivesse sido chamado pelo nome.

— Aí está aquela menina, de novo! — falou ele, e a voz expressava uma mistura curiosa de prazer, surpresa e... apreensão.

Por um trecho de luar via-se a silhueta de uma jovem, que olhou para eles como se prestes a parar, mas pensou duas vezes, sorriu levemente e seguiu para fora de vista, dentro da escuridão que os cercava. A lua apenas se refletiu nos olhos e nos dentes dela, fazendo com que brilhassem. O resto do corpo dela permaneceu em sombras. O efeito foi assombroso — quase como se cabeça e ombros pairassem sozinhos no ar, observando-os com aquele sorriso reluzente, então se dissipando.

— Vamos, pelo amor de Deus — gritou o homem maior. Havia impaciência no jeito dele, não grosseria. O outro se demorou um momento, olhando com atenção para a escuridão na qual a menina tinha sumido. O amigo repetiu a exclamação e, um momento depois, os dois emergiram na estrada alta, com as luzes da aldeia à vista adiante, e a floresta atrás como um vasto manto que continha a noite em suas dobras.

Por alguns minutos, nenhum dos homens falou. Então, o homem grande esperou que o amigo o alcançasse.

— A respeito de todo esse vale do Jura — disse ele, imediatamente —, me parece algo... muito estranho. — Então, ajustou a sacola com vigor às costas. Foi um gesto de protesto inconsciente. — Algo bizarro — acrescentou, e prosseguiu a um bom ritmo.

— Mas extraordinariamente belo...

— Atrai mais a você do que a mim, acho. — Foi a curta resposta.

— As superstições pitorescas ainda sobrevivem aqui — observou o homem mais velho. — Elas atingem a imaginação, mesmo sem querer.

Uma pausa se seguiu, durante a qual o outro homem tentou apressar o passo. O assunto obviamente o deixava impaciente por algum motivo.

— Talvez — disse o maior, de imediato. — Embora eu ache que seja devido à curiosa solidão do lugar. Quero dizer, estamos no meio da Europa turística, mas completamente remota. É um cantinho tão esquecido do mundo. A contradição é assombrosa. Por outro lado, estar tão perto da fronteira também, com o relógio mudando uma hora por quilômetro e meio a partir da aldeia, nos faz pensar no tempo como irreal e imaginário. — O homem riu. Ele deu também vários outros motivos. O amigo admitiu o valor de cada um e concordou em parte. Mesmo assim se virava ocasionalmente para olhar para trás. A cadeia montanhosa que tinham escalado estava visível ao luar.

— Estranho — comentou ele —, mas não vejo aquela fazenda em que conseguimos o leite em lugar nenhum. Deveria ser fácil de ver daqui.

— Dificilmente, sob esse luar. Era um lugar bastante esquisito, eu achei — respondeu. Não negava a atmosfera curiosamente sugestiva da região, apenas queria encontrar explicações satisfatórias. — Eis um exemplo, quero dizer. Não gostei muito dela, daquela fazenda, mas não faço ideia do motivo. Fez com que eu me sentisse desconfortável. Aquela menina surgiu tão de repente, embora o lugar tenha parecido deserto. E o silêncio dela era tão estranho. Por que não conseguia responder uma única pergunta? Fico feliz por não ter tomado o leite. Eu o cuspi. Gostaria de saber onde o consegui, pois não havia sinal de uma vaca ou de uma cabra em lugar algum!

— Eu entornei o meu, apesar do gosto — retrucou o mais velho, sorrindo para a súbita inconstância do companheiro.

Muito abruptamente, então, o homem maior se virou para encará-lo. Seria apenas efeito do luar, ou a pele dele se tornara pálida sob as queimaduras de sol?

— Estou dizendo, velho — insistiu ele, com o rosto grave e sério. — O que acha que ela era? O que a fez ter aquela aparência e por que acha que nos seguiu?

— Acho que ela estava *me* seguindo... — foi a resposta lenta.

As palavras, e particularmente o tom de convicção com o qual foram ditas, desagradaram o maior, que já se arrependia de ter falado de modo tão honesto o que pensava. Com um companheiro tão criativo, tão impressionável, tão nervoso, fora tolo e insensato. O homem maior liderou o caminho para casa a um ritmo que fez o outro chegar cinco minutos atrás dele, ofegante, manco e transpirando como se tivesse corrido.

— Sou muito a favor de seguirmos para a Suíça amanhã, ou no dia seguinte — ariscou-se a dizer naquela noite, na escuridão do quarto com duas camas. — Acho que já basta desse lugar. Não? O que acha?

Mas não veio resposta da cama do outro lado do quarto, pois seu ocupante dormia profundamente e roncava.

— Morto de cansaço, imagino! — murmurou o homem consigo mesmo, e então se virou para seguir o exemplo do amigo. Mas, por um bom tempo, o sono se recusou a vir. Pensamentos e sensações esquisitos e indesejados o mantiveram acordado, de um tipo que ele raramente tinha, e dos quais desgostava. Era besteira, mas o deixavam desconfortável, de forma a fazer

formigarem os nervos. O homem se revirou na cama. — Estou exausto — convencia-se —, só isso.

As estranhas sensações que o mantinham acordado não eram fáceis de analisar, talvez, mas a origem era óbvia: elas pairavam em torno da imagem daquele chalé deserto e acabado na cadeia montanhosa em que tinham parado para se refrescar horas antes. Era uma fazenda, dilapidada e suja, cujo nome se estampava em grandes letras pretas contra um fundo azul na parede acima da porta: “La Chenille”. No entanto, não havia viva alma em lugar algum da propriedade: as portas estavam trancadas; as venezianas das janelas fechadas; chaminés sem fumaça; poeira, abandono e ruína à mostra por todo lugar.

Então, quando se viraram para ir embora, depois de muitos gritos em vão e batidas à porta, um rosto surgiu por um instante em uma janela, cuja veneziana estava entreaberta. O amigo viu primeiro e chamou em voz alta. O rosto assentiu em resposta, e imediatamente uma jovem deu a volta pela casa, aparentemente por uma porta dos fundos, e ficou parada encarando os dois, de uma curta distância.

E a partir daquele instante, até onde ele se lembrava, aquelas sensações estranhas tinham entrado em seu coração — medo, desconfiança, apreensão. Ao pensar naquilo, enquanto estava deitado na cama, na escuridão, seu cabelo se arrepiava. Havia algo a respeito daquela menina que atingiu a alma dele com frieza. Mas era apenas uma coisinha, muito bonita, até mesmo sedutora, com uma fascinação viperina nos olhos e nos movimentos. E, embora só tivesse respondido aos pedidos deles por refrescos com um sorriso, sem emitir uma única palavra, conseguiu passar a impressão de que era uma pessoinha mandona que poderia se tornar muito desagradável se quisesse. Apesar do charme inegável, havia em torno dela uma atmosfera sinistra. Ele mesmo fez a maior parte das perguntas, mas foi o amigo mais velho que ganhou o benefício do sorriso da menina. Os olhos dela mal deixaram o rosto do mais velho, e em certo momento chegou bem perto dele e tocou seu braço.

A parte estranha, ao que parecia para ele, era que não conseguia se lembrar de modo algum como a menina estava vestida, ou qual era a cor dos olhos e do cabelo dela. Era quase como se a tivesse *sentido*, em vez de tê-la visto.

O leite — a menina trouxera uma jarra e dois potes de madeira depois de um breve desaparecimento em volta da casa — era, bem, tinha um gosto tão estranho que o homem não foi capaz de engolir, cuspendo-o. O amigo, por outro lado, seco de sede, bebeu do pote até a última gota, rápido demais até

para sentir o gosto, e, enquanto bebia, mantinha os olhos fixos nos da menina, que estava bem perto diante dele.

Desde aquele momento, o amigo tinha, de alguma forma, mudado. Ele começou a dizer coisas incomuns, falando sobre o “Chenille” e a menina e o sabor delicioso e delicado do leite — embora tudo formulado de um jeito que soava singular, pouco familiar, até mesmo desagradável. Agora que tentava se lembrar das frases, as palavras de fato lhe fugiam, mas a lembrança do desconforto e da apreensão que causaram ao homem maior permaneciam. E a noite sempre destaca tais lembranças!

Além de tudo isso, a menina os seguira. Era tolo e absurdo sentir as coisas que sentia, mas ali estavam as sensações, e que bem fazia discutir? Aquela menina o assustara. A mudança no amigo fora, de uma forma ou de outra, um sinal de perigo. Mais do que isso, não sabia dizer. Uma explicação talvez surgisse mais tarde, mas por enquanto o principal desejo dele era escapar daquele lugar e levar o amigo para longe também.

E com tal pensamento o sono o levou — pesadamente.

As janelas estavam escancaradas. Do lado de fora, havia um jardim com um muro bastante alto e um portão que era mantido fechado porque dava para campos particulares e depois, por uma passagem de fundos, para o cemitério e a pequena igreja. Quando estava aberto, os hóspedes da estalagem utilizavam a passagem e se perdiam na rede de campos e vinhedos, pois não havia um caminho adequado naquela direção para a estrada ou as montanhas. Costumavam acabar no cemitério e voltavam para a aldeia passando pela igreja, que estava sempre aberta, ou batendo às portas das cozinhas das outras casas e explicando a situação. Por isso, o portão passou a ser mantido fechado para evitar problemas.

Depois de várias horas de sono febril e nada restaurador, o homem maior se virou na cama e acordou. Tentou se esticar, mas não conseguiu. Então se sentou, ofegante, com uma sensação de sufocamento. E sob a tênue luz das estrelas da noite de verão, viu que o amigo estava de pé e se movendo pelo quarto. Lembrando-se de que às vezes o velho andava durante o sono, ele o chamou tranquilamente:

— Morton, velho amigo — disse ele, com a voz baixa, sem um toque de autoridade no tom —, volte para a cama! Já caminhou o suficiente por hoje!

E a silhueta, obediente como costumam ser os sonâmbulos, cruzou o quarto e desapareceu entre as sombras sobre a própria cama. O outro homem se deitou e se acomodou em uma posição confortável de novo para dormir, mas

o calor do quarto, a cama curta e a interrupção cansativa do sono tornaram difícil perder a consciência. Ele obrigou os olhos a continuarem fechados, e o corpo a cessar com a inquietude, mas havia algo lhe mordiscando a mente como um rato fantasma que jamais o deixava cruzar a fronteira para o esquecimento. O homem maior dormiu com um olho aberto, como diz o ditado. Odores de feno, flores e solo aquecido entraram pela janela aberta. Com eles também vinham, vez ou outra, ruídos — pequenos ruídos que o perturbavam sem jamais serem altos o bastante para lhe chamar a atenção de vez.

Talvez, afinal, tivesse perdido a consciência por um momento — quando, de repente, um pensamento surgiu com uma rapidez aguçada em sua mente e o sobressaltou até um estado de total despertar. Ficou assombrado por não ter entendido antes. Era o seguinte: a silhueta que vira não era *a silhueta do amigo*.

Imediatamente, ficou alarmado, antes que pudesse pensar ou debater, um suor frio brotou por todo o seu corpo. O homem maior vasculhou à procura de fósforos, mas não conseguiu encontrá-los. Então, lembrando-se de que havia luz elétrica, passou os dedos pela parede e ligou o pequeno interruptor branco. Com a claridade repentina que preencheu o quarto, ele viu de imediato que a cama do amigo estava desocupada. E sua mente, agindo então instintivamente, sem um processo de racionalidade consciente, disparou como um relâmpago para a caminhada do dia — para a decrepita “Chenille”, o copo de leite, o comportamento estranho do amigo — e para a menina.

No mesmo segundo, o homem reparou que o odor no quarto que até então acreditara ser a mistura dos cheiros dos campos, das flores e da noite, era, de fato, outra coisa: era o odor de terra recém-revirada. Imediatamente depois daquele pensamento, veio outro. Aqueles ruídos baixos que ouvira do lado de fora da janela não eram sons noturnos comuns, o murmúrio do vento e insetos: eram passos se movendo suave e sorrateiramente pelas pequenas trilhas de granito lascado.

O homem se vestiu rápido, reparando ao fazê-lo que o pijama do amigo estava sobre a cama, e que ele também tinha se vestido. Além disso, percebera que a porta tinha sido destrancada e estava entreaberta em pouco mais de um centímetro. Não havia dúvida de que *tinha* dormido de novo: entre o presente e o momento em que vira a figura, se passou um intervalo considerável. Alguns minutos depois, o homem tinha descido a escada com cautela e estava de pé na trilha do jardim, ao luar. Enquanto estava ali, sua

mente se encheu de histórias que o proprietário contara alguns dias antes sobre as superstições que ainda viviam no imaginário popular e assombravam aquele pequeno e remoto vale coberto de pinheiros. Pensar naquela menina o deixou nauseado. O odor de terra recém-revirada permanecia nas narinas e fazia o enjoo aumentar. Total e determinadamente, o homem rejeitara as ficções monstruosas que ouvira, mas, apesar de tudo aquilo, não podia evitar que lhe tocassem a imaginação enquanto ele estava ali de pé, nas primeiras horas da manhã, sozinho com a escuridão e o silêncio. O feitiço era inegável — apenas uma mente sem sensibilidade poderia ter ignorado.

O homem vasculhou o pequeno jardim de ponta a ponta. Vazio! Ele parou diante do portão alto, olhando entre as barras de ferro, úmido com sereno em suas mãos. Longe, do outro lado dos campos adiante, o homem achou que viu algo se mover. Um segundo depois, teve certeza. Algo lá longe, à direita, além das árvores, estava inquieto. Era no cemitério.

E essa descoberta definitiva lançou um tremor de horror e angústia pelo corpo dele, da cabeça aos pés. O homem proferiu o nome do amigo com os lábios, mas o som não saiu. Algum instinto mais profundo o avisou para se conter. Em vez disso, depois de esforços incríveis, o homem pulou aquele portão de ferro e caiu na grama encharcada do outro lado. Então, tirando vantagem de toda cobertura que conseguiu encontrar, correu, ágil e sorrateiramente, na direção do cemitério. No caminho, sem saber bem por que, pegou um graveto pesado e, um momento depois, estava de pé e observando diante de um muro baixo que separava os campos do cemitério dos da igreja.

Ali, ao lado dos túmulos, com as guirlandas metálicas horrorosas e coroas de flores murchas, o homem discerniu a figura do amigo. Ele estava curvado, agachado no chão. Atrás dele se erguiam dois teixos volumosos, e contra a escuridão das árvores a forma do amigo era de fácil visibilidade. Não estava sozinho. Diante do homem velho, curvada perto dele, ao que parecia, havia outra figura — de silhueta suave, sombreada e esguia.

Daquela vez, o homem maior encontrou a própria voz e chamou alto:

— Morton, Morton! — gritou ele. — O que em nome dos céus você está fazendo? Qual é o problema...?

E assim que a voz grave do homem interrompeu a quietude da noite com o clamor, a figurinha, meio que escondendo o amigo, se virou e o encarou. O homem viu um rosto branco com olhos brilhantes e dentes quando a forma se ergueu. O luar a pintava com palidez própria e estranha — era esquisita,

irreal, horrível. E sobre a boca, escorrendo dos lábios ao queixo, havia uma mancha carmesim intensa.

No momento seguinte, a figura deslizou com um movimento bizarro de flutuação na direção das árvores e desapareceu entre os teixos e os túmulos na direção da igreja. O graveto pesado, atirado rodopiando atrás dela, caiu inofensivamente no meio do caminho, derrubando uma cruz metálica da base de um túmulo erguido. E o homem que o atirara correu o mais rápido que pôde na direção da silhueta curvada do amigo, mal reparando no grito estridente e choroso que soou, trêmulo, pelo ar noturno, originado da forma que sumira. Nem reparou que diversos túmulos, recém-feitos, mostravam sinais de terem sido recentemente revirados, e que o odor de terra revirada que notara no quarto tinha ficado mais forte. Toda a atenção do homem estava voltada para a silhueta a seus pés.

— Morton, homem, levante-se! Acorde, pelo amor de Deus! Estava andando enquanto...

Então as palavras morreram em seus lábios. A atitude antinatural dos ombros do amigo e a forma como a cabeça se voltava para trás para mostrar o pescoço o atingiram como um golpe na cara. Não havia sinal de movimento. O homem levantou o corpo inerte e sem resistir e o carregou, sem se lembrar como depois, de volta para a estalagem.

Era tudo um pesadelo terrível — um pesadelo cujo horror apavorante se prolongou para a vida desperta. Ele tomou ciência do proprietário e da esposa se movendo de um lado para outro da cama, do médico da aldeia entrando na cena e de que dava uma descrição confusa e febril de tudo que sabia, contando como o amigo era um sonâmbulo diagnosticado e todo o resto. Mas não percebeu a verdade até que viu o rosto do médico depois que ele se levantou do longo exame.

— Vai acordá-lo? — O homem se ouviu perguntando. — Ou vai deixá-lo dormir até de manhã? — E a expressão do médico, mesmo antes da resposta que confirmasse, lhe informou da verdade.

— Ah, *monsieur*, temo que seu amigo jamais acordará! É o coração, veja bem, *hélas*, é falência súbita do coração!

As cenas finais da pequena tragédia que então trouxe um fim abrupto e terrível às férias não precisam de descrição, pois de forma alguma são essenciais para esta estranha história. Há um ou dois detalhes curiosos, no entanto, que ficaram conhecidos depois. O primeiro era que durante algumas semanas antes houve sinais de perturbação entre túmulos recém-feitos no

cemitério, os quais as autoridades tentavam ligar às perambulações noturnas do louco da aldeia — em vão. O segundo era que, na manhã após a morte, um rastro de sangue fora encontrado pelo piso da igreja, como se alguém tivesse passado por ali da entrada dos fundos até a da frente. Um serviço especial foi realizado naquela semana para limpar o prédio sagrado do mal daquela mancha, pois os aldeões, enterrados em suas superstições, declararam que nada humano poderia ter feito aquelas marcas, exceto um vampiro perturbado à meia-noite durante sua ocupação terrível entre os mortos.

À exceção de tais boatos fúteis, no entanto, o homem, de luto, contou detalhes notáveis que não podem ser tão facilmente ignorados, pois ele teve uma rápida conversa com o médico, ao que parece, que o impressionou profundamente. O médico, um homem inteligente, prosaico como granito, o interrogou bem detalhadamente sobre a vida e os hábitos recentes do amigo morto. O médico ouviu a história da escalada até “Chenille” com um assombro que não conseguiu esconder.

— Mas não existe tal chalé! — disse ele. — Não existe “Chenille”. Há muito tempo, cinquenta anos ou mais, houve tal lugar, mas foi destruído pelas autoridades devido à reputação maligna das pessoas que lá moravam. Eles o queimaram. Nada resta hoje além de alguns pedaços de parede e fundação quebradas.

— Reputação maligna...?

O médico gesticulou com os ombros.

— Viajantes, até mesmo camponeses, desapareciam — respondeu o médico. — Uma senhora morava lá com a filha, e leite envenenado supostamente era utilizado. Mas a vizinhança as acusou de coisa pior do que simples assassinato...

— De que forma?

— Disseram que a menina era uma vampira — respondeu o médico, brevemente. Depois de um momento de hesitação, ele acrescentou, virando o rosto ao dizer: — É algo curioso, no entanto, aquele buraco minúsculo no pescoço de seu amigo, pequeno como um furo de alfinete, mas tão profundo. E o coração... Eu lhe contei? Estava quase drenado de sangue.

Alice e Claude Askew

Entre os detetives psíquicos literários que investigavam fantasmas, vampiros, elementais e outras manifestações do oculto durante os vinte anos que precederam a Primeira Guerra Mundial, os mais famosos foram John Silence, de Algernon Blackwood; John Carnacki, de William Hope Hodgson; Flaxman Low, de Hesketh Prichard; e, é claro, o grande professor Abraham Van Helsing, de Bram Stoker. Um dos menos conhecidos é Aylmer Vance, que investigou uma série de casos estarrecedores nas páginas da *Weekly Tale-Teller* durante o verão de 1914. Ele era a criação dos bastante populares escritores Alice e Claude Askew, casados, mais conhecidos pelos romances *The Shulamite* [A sulamita] e *The Etonian* [O etoniano]. Formavam um casal incrivelmente dedicado e prolífico, habitualmente vistos nas horas de lazer e em encontros sociais acrescentando breves duas mil palavras a um manuscrito conjunto sempre que uma festa se desanimava. Embora tenham produzido mais de cem volumes (em pouco mais de doze anos), as histórias de Aylmer Vance não foram reunidas em livro até 1998. Os Askew morreram heroicamente quando um navio-hospital afundou em 5 de outubro de 1917.

AYLMER VANCE E A VAMPIRA

AYLMER VANCE RESIDIA em Dover Street, Picadilly, e agora que eu tinha decidido seguir sua trajetória e aceitá-lo como meu instrutor em questões psíquicas, achei conveniente me hospedar na mesma casa. Aylmer e eu rapidamente nos tornamos amigos próximos, e ele me mostrou como desenvolver a clarividência que eu possuía e da qual não estava ciente. E posso dizer de imediato que tal dom provou útil em diversas ocasiões importantes.

Ao mesmo tempo, me fiz útil para Vance de outras formas, entre as quais, aquela de agir como registrador de suas muitas e estranhas aventuras. Pessoalmente, Vance jamais se importou muito com publicidade e levou um tempo antes que eu conseguisse persuadi-lo, no interesse da ciência, a me permitir fazer qualquer relato detalhado de suas experiências para o mundo.

Os incidentes que vou narrar ocorreram logo depois de passarmos a residir juntos, e enquanto eu ainda era, de certa forma, novato.

Era por volta das dez horas da manhã quando um visitante foi anunciado. Ele mandou um cartão que estampava o nome Paul Davenant.

O nome me era familiar, e me perguntei se seria o mesmo sr. Davenant que era tão conhecido pela habilidade de jogar polo e pelo sucesso como cavaleiro amador, principalmente nos obstáculos. Era um jovem de riqueza e posição social, e me lembrei de que tinha se casado, havia quase um ano, com uma jovem que fora considerada a maior beldade na época. Todos os jornais ilustrados publicaram os retratos deles, e me lembro de pensar como eram um casal impressionantemente lindo.

O sr. Davenant foi chamado para entrar, e a princípio não tive certeza se aquele era o indivíduo que eu tinha em mente, pois estava tão macilento, pálido e doente. Um homem de boa compleição e proeminente na época do casamento, agora adquirira uma postura lânguida, de ombros curvados e um andar com os pés arrastados, enquanto o rosto, principalmente nos lábios, estava abatido a um nível alarmante.

No entanto, era o mesmo homem, pois por trás de tudo aquilo pude reconhecer a sombra da boa aparência que certa vez distinguira Paul Davenant.

Ele ocupou a cadeira que Aylmer ofereceu — depois da troca das habituais civilidades preliminares — e então olhou, hesitante, em minha direção.

— Quero me consultar em particular com você, sr. Vance — disse Davenant. — A questão é de importância considerável para mim, e, se posso dizer, de natureza um pouco delicada.

É claro que imediatamente me levantei para sair da sala, mas Vance colocou a mão em meu braço.

— Se o assunto está relacionado com pesquisa na minha área em especial, sr. Davenant — disse Vance —, se há qualquer investigação que deseja que eu faça em seu nome, ficarei feliz se incluir o sr. Dexter em nossa confiança. O sr. Dexter me auxilia no trabalho. Mas, é claro...

— Ah, não — interrompeu Davenant —, se é esse o caso, por favor, que o sr. Dexter permaneça. Acho — acrescentou, olhando para mim com um sorriso amigável: — que é um homem de Oxford, não é, sr. Dexter? Foi antes de meu tempo, mas ouvi seu nome ligado ao rio. Você remou em Henley, a não ser que eu esteja muito enganado.

Admiti o fato, com prazer e orgulho. Era muito empenhado no remo naquela época, e a proeza de um homem na escola e na faculdade lhe é sempre cara ao coração.

Depois daquilo, rapidamente entramos em termos amigáveis, e Paul Davenant prosseguiu e se confidenciou a Aylmer e eu.

— Mal me reconheceriam como o mesmo homem de um ano atrás — começou ele, chamando atenção para sua aparência. — Ando perdendo peso constantemente nos últimos seis meses. Vim da Escócia há uma semana, para me consultar com um médico de Londres. Vi dois. Na verdade, eles se consultaram a meu respeito, mas o resultado, sinto dizer, está longe de satisfatório. Não parecem saber qual é realmente meu problema.

— Anemia, coração — sugeriu Vance. Estava avaliando o visitante com intensidade, mas sem qualquer indício de que o fazia. — Acredito que não seja raro acontecer que vocês atletas exagerem, que forcem demais o coração...

— Meu coração é bastante saudável — interrompeu Davenant. — Fisicamente está em condições perfeitas. O problema parece ser que não tem sangue o suficiente para bombear para minhas veias. Os médicos

perguntaram se eu tinha sofrido um acidente que envolvesse grande perda de sangue, mas não sofri. Não sofri qualquer acidente e, quanto a anemia, bem, não pareço exibir os sintomas comuns dela. O inexplicável é que perdi sangue sem saber e, aparentemente, isso vem acontecendo há um tempo, pois estou ficando pior aos poucos. Era quase imperceptível a princípio, não um colapso repentino, entende, mas uma falência gradual da saúde.

— Eu me pergunto — observou Vance, pausadamente — o que o levou a se consultar comigo, pois conhece, é claro, a direção que sigo em minhas investigações. Posso perguntar se tem razão para considerar que seu estado de saúde se deva a alguma causa que possamos descrever como superfísica?

Um leve rubor tomou as bochechas brancas de Davenant.

— Há circunstâncias curiosas — respondeu, em um tom de voz baixo e sincero. — Ando revirando-as na mente, tentando ver luz em meio a elas. Ouso dizer que é tudo a mais pura loucura e preciso informar que não sou um homem supersticioso. Não quero dizer que sou incrédulo, mas jamais pensei em tais coisas, tive uma vida ativa demais. Mas, como falei, há circunstâncias curiosas a respeito do meu caso, e por isso decidi me consultar com você.

— Contará tudo sem reservas? — quis saber Vance. Eu conseguia ver que ele estava interessado. Estava sentado para a frente na cadeira, os pés apoiados em um banquinho, os cotovelos sobre os joelhos, o queixo nas mãos, uma de suas posturas preferidas. — Você tem — sugeriu Vance, pausadamente — alguma marca no corpo, qualquer coisa que possa associar, por mais que remotamente, com sua atual fraqueza e saúde frágil?

— Curioso que faça essa pergunta — replicou Davenant —, porque tenho uma marca curiosa, um tipo de cicatriz, que não consigo explicar. Mas mostrei aos médicos e eles me asseguraram de que não poderia ter qualquer coisa a ver com minha condição. De toda forma, se tivesse, seria algo alheio à experiência deles. Acho que imaginaram que não fosse nada além de um sinal de nascença, um tipo de pinta, pois me perguntaram se eu a tive durante a vida inteira, mas posso jurar que não. Só reparei pela primeira vez há cerca de seis meses, quando minha saúde começou a decair. Mas podem ver por conta própria.

Ele afrouxou o colarinho e expôs o pescoço. Vance se levantou e observou a marca suspeita com atenção. Ficava um pouquinho à esquerda do centro do pescoço, logo acima da clavícula, e, como Vance observou, diretamente sobre os grandes vasos sanguíneos da área. Meu amigo me chamou para que

eu também a pudesse examinar. Qualquer que fosse a opinião dos médicos, Aylmer estava muito interessado.

No entanto, havia muito pouco a ser mostrado. A pele estava intacta, e não havia sinal de inflamação. Havia duas marcas vermelhas separadas por quase três centímetros, cada uma das quais inclinada em formato crescente. Eram mais visíveis por causa da peculiar brancura da pele do sr. Davenant.

— Não deve ser nada importante — disse Davenant, com uma gargalhada um pouco desconfortável. — Acho que as marcas estão sumindo.

— Já as notou mais inflamadas do que estão no momento? — indagou Vance. — E se sim, foi em alguma ocasião especial?

Davenant refletiu.

— Sim — respondeu ele, depois de um instante —, houve momentos. Normalmente, acho que talvez invariavelmente, quando acordo pela manhã, as percebo maiores e mais irritadas. E senti uma leve dor, um formigamento, ah, muito leve, e nunca me preocupei com isso. Mas agora que falou, creio que naquelas mesmas manhãs me senti cansado e acabado, uma sensação de esgotamento fora do normal para mim. E certa vez, sr. Vance, eu me lembro muito bem de que havia uma mancha de sangue perto da marca. Não pensei em nada no momento, e apenas a limpei.

— Entendo. — Aylmer Vance voltou para a cadeira e convidou o visitante a fazer o mesmo. — E agora o senhor disse que há algumas circunstâncias peculiares com as quais deseja me familiarizar. Pode fazê-lo?

Então, Davenant ajustou o colarinho e prosseguiu com sua história. Contarei tudo que posso, sem qualquer referência às ocasionais interrupções de Vance e eu.

Paul Davenant, como falei, era um homem de riqueza e posição social, então, em todos os sentidos da palavra, era um marido adequado para a srta. Jessica MacThane, a jovem que se tornou sua esposa. Antes de chegar aos incidentes que dizem respeito à perda de saúde, o sr. Davenant teve muito o que contar sobre a srta. MacThane e a história da família dela.

Era de ascendência escocesa e, embora tivesse algumas feições características, não era de fato escocesa na aparência. A beleza da srta. MacThane era do extremo Sul, e não das Terras Altas da Escócia, de onde se originava. Nomes nem sempre se adequam a seus donos, e o da srta. MacThane era peculiarmente inadequado. Ela fora, de fato, batizada Jessica em um tipo de esforço patético para neutralizar o óbvio desvio do tipo comum. Havia um motivo para isso, o qual em breve descobriríamos.

A srta. MacThane era notável por seu maravilhoso cabelo ruivo, cabelo do tipo que raramente se encontra fora da Itália — não o ruivo celta —, e era tão longo que chegava aos pés dela, além de ter um brilho extraordinário, de forma que parecia quase ter vida própria. Portanto, a srta. MacThane tinha a compleição que se esperaria com tal cabelo, do branco-marfim mais imaculado e nada marcado por sardas, como costuma ser o caso das jovens ruivas. A beleza dela vinha de uma ancestral feminina que fora trazida para a Escócia de alguma terra estrangeira — ninguém sabia exatamente de onde.

Davenant se apaixonou pela srta. MacThane quase imediatamente, e tinha todos os motivos para crer, apesar dos muitos admiradores da moça, que o amor dele era correspondido. Àquela época, sabia muito pouco da história pessoal da jovem. Sabia apenas que a srta. MacThane era muito abastada, uma órfã, e a última representante de uma família que em outros tempos ficara famosa nos anais da história — ou melhor, infame, pois os MacThane tinham se distinguido mais pela crueldade e luxúria por sangue do que por atos de cavalheirismo. Um clã de ladrões arruaceiros no passado, tinham ajudado a acrescentar muitas páginas ensanguentadas à história do próprio país.

Jessica morara com o pai, que tinha uma casa em Londres, até a morte dele, quando a jovem tinha cerca de quinze anos. A mãe dela morrera na Escócia quando Jessica era ainda uma criança pequena. O sr. MacThane fora tão afetado pela morte da esposa que, com a filha pequena, abandonou a propriedade escocesa de uma vez por todas — ou era o que se acreditava —, deixando-a ao encargo de um administrador — embora, de fato, houvesse pouco trabalho para este, pois quase não restavam residentes. O Castelo Blackwick carregara durante muitos anos uma reputação nada invejável.

Depois da morte do pai, a srta. MacThane foi morar com a sra. Meredith, que tinha ligação com sua mãe — do lado do pai não restava parentes. Jessica era a última de um clã que um dia fora tão extenso que o casamento entre parentes era tradição na família, mas, devido a isso, nos últimos duzentos anos os MacThane escassearam até a extinção.

A sra. Meredith apresentou Jessica à sociedade, o que jamais teria acontecido se o sr. MacThane estivesse vivo, pois era um homem temperamental, egoísta e prematuramente velho — ele parecia desgastado pelo peso de um grande luto.

Bem, falei que Paul Davenant rapidamente se apaixonou por Jessica, e pouco tempo depois ele pediu a mão da jovem em casamento. Para grande

surpresa de Davenant — pois o homem tinha grande motivo para crer que a srta. MacThane gostava dele —, recebeu uma recusa. A jovem não lhe deu explicação, embora tivesse caído em um rompante de lágrimas miseráveis.

Chocado e amargamente desapontado, ele consultou a sra. Meredith, com quem, por acaso, tinha uma relação amigável, e pela mulher descobriu que Jessica já recebera várias propostas, todas de nossos homens mais cobiçados, mas que rejeitara uma após a outra.

Paul se consolou ao pensar que talvez Jessica não os amasse, embora tivesse certeza de que gostava dele. Sob tais circunstâncias, decidiu tentar de novo.

E Devenant o fez, com um resultado melhor. Jessica considerou seu amor, mas ao mesmo tempo repetiu que não se casaria com ele. Amor e casamento não eram para ela. Então, para total espanto de Davenant, a jovem declarou que nascera amaldiçoada — uma maldição que cedo ou tarde se revelaria e que, além disso, devia agir de forma cruel, talvez fatalmente, sobre qualquer um a quem ela se unisse. Como poderia permitir que um homem amado assumisse tal risco? Acima de tudo, pois o mal era hereditário, havia uma questão com relação à qual Jessica estava decidida: nenhuma criança jamais a chamaria de mãe — deveria ser a última de seu clã.

É claro que Davenant ficou espantado e tendeu a considerar que Jessica tinha enfiado alguma ideia absurda na cabeça, uma ideia que um pouco de racionalidade da parte dele afastaria. Havia apenas outra explicação possível. Seria loucura o que ela temia?

Mas Jessica fez que não com a cabeça. Não sabia de loucura alguma na família. O mal era mais profundo e mais sutil do que aquilo. Então, Jessica contou a Davenant tudo o que sabia.

A maldição — ela usou tal palavra por falta de uma melhor — estava ligada ao clã antigo do qual se originara. O pai de Jessica sofrera dela, e o pai e o avô dele antes. Todos os três tinham desposado mulheres jovens que morreram de forma misteriosa, de alguma doença debilitante, dentro de poucos anos. Se tivessem cumprido a tradição familiar do casamento dentro da família, isso talvez não tivesse acontecido, mas, no caso deles, como a família estava tão perto da extinção, não fora possível.

A maldição — ou o que quer que fosse — não matava aqueles que carregavam o nome MacThane, ela só os tornava um perigo para os demais. Era como se absorvessem das paredes encharcadas de sangue do castelo letal

uma mácula mortal que reagia terrivelmente sobre aqueles com quem tinham contato, principalmente os mais próximos e mais queridos.

— Sabe o que meu pai disse que temos predisposição a nos tornarmos? — disse Jessica, estremecendo. — Ele usou a palavra vampiros. Paul, pense bem, vampiros, predadores do sangue vital de outros.

Então, quando Davenant estava quase rindo, Jessica o impediu.

— Não — gritou ela —, não é impossível. Pense. Somos uma família decadente. Desde o início dos tempos, nossa história foi marcada por derramamento de sangue e crueldade. As paredes do Castelo Blackwick estão impregnadas do mal, cada pedra poderia nos contar sua história de violência, dor, luxúria e assassinato. O que se pode esperar daqueles que passaram a vida entre tais paredes?

— Mas você não o fez — apontou Paul. — Você foi poupada, Jessica. Foi levada depois que sua mãe morreu, e não se lembra de Blackwick, nada mesmo. E não precisa colocar os pés nele de novo.

— Temo que o mal esteja em meu sangue — respondeu Jessica, com tristeza —, embora tenha consciência dele agora. E quanto a não retornar a Blackwick, não tenho certeza se posso evitar. Pelo menos meu pai me avisou a respeito disso. Disse que há algo lá, alguma força sedutora, que me chamará para o castelo mesmo que eu não queira ir. Mas, ah, não sei, não sei, e é isso que torna tudo tão difícil. Se ao menos pudesse acreditar que tudo não passa de superstição boba, poderia ser feliz de novo, pois quero aproveitar a vida, e sou jovem, muito jovem, mas meu pai me contou essas coisas quando estava no leito de morte. — Jessica acrescentou as últimas palavras em tom baixo e espantado.

Paul insistiu para que a jovem lhe contasse tudo o que sabia, e, por fim, Jessica revelou outro fragmento da história familiar que parecia ter alguma importância para o caso. Dizia respeito à semelhança impressionante de Jessica àquela ancestral feminina que tinha vivido há duzentos anos antes, cuja existência parecia ter pressagiado a queda gradual dos MacThane.

Um tal Robert MacThane, desviando-se das tradições da família, que exigiam que não se casasse fora do clã, levou para casa uma esposa de terras estrangeiras, uma mulher de beleza incrível, que possuía volumes reluzentes de cabelo ruivo e uma compleição de brancura marfim — tal qual se destacara mais ou menos em todas as fêmeas do clã nascidas da linhagem direta.

Não demorou muito para que aquela mulher passasse a ser vista na vizinhança como uma bruxa. Histórias estranhas circulavam no exterior com relação aos feitos dela, e a reputação do Castelo Blackwick se tornou pior do que nunca.

Então, um dia, ela desapareceu. Robert MacThane estivera fora em algum negócio durante um dia e, ao retornar, descobriu que a mulher sumira. A vizinhança foi vasculhada, mas sem sorte, e então Robert, que era um homem violento e que idolatrava a esposa estrangeira, acusou alguns dos residentes dos quais suspeitava, correta ou incorretamente, de atividade criminosa, e os fez serem assassinados a sangue frio. Assassinato era fácil naquela época, mas o alarde se seguiu de tal maneira que Robert precisou fugir, deixando os dois filhos sob cuidados da ama, e por muito tempo o Castelo Blackwick ficou sem um mestre.

Mas a reputação maligna persistiu. Dizia-se que Zaida, a bruxa, embora morta, ainda se fazia sentir. Muitos dos filhos dos residentes e jovens da vizinhança adoeceram e morreram — possivelmente de causas bastante naturais —, mas isso não evitou que um manto de terror baixasse sob o campo, pois dizia-se que Zaida era vista — uma mulher pálida vestida de branco — flutuando pelos chalés à noite e, por onde ela passava, doença e morte viriam.

Desde então, a fortuna da família declinou. Herdeiro sucedeu herdeiro, mas assim que eles se instalavam no Castelo Blackwick, suas naturezas, quaisquer que fossem antes, pareciam passar por alguma mudança. Era como se os herdeiros absorvessem todo o peso do mal que maculara o nome da família — como se de fato se tornassem vampiros, trazendo a praga para qualquer um que não fosse diretamente ligado à casa.

Então, aos poucos, Blackwick foi sendo abandonado pelos residentes. A terra ao redor do castelo foi deixada sem cultivo — as fazendas estavam vazias. Aquilo persistira até o presente, pois os camponeses supersticiosos ainda contavam as histórias da misteriosa mulher branca que pairava pela vizinhança, cuja aparição prenunciava a morte — e, possivelmente, algo ainda pior.

No entanto, parecia que os últimos representantes dos MacThane não conseguiam abandonar o lar ancestral. Tinham riquezas, o suficiente para serem felizes em outro lugar, mas, atraídos por algum poder que não conseguiam combater, tinham preferido passar a vida na solidão do castelo

agora quase em ruínas, isolados pelos vizinhos, temidos e execrados pelos poucos residentes que ainda se agarravam à terra.

Assim acontecera com o avô e o tataravô de Jessica. Cada um deles se casou com uma jovem, e em cada caso a história de amor fora breve demais. O espírito vampiro ainda estava solto, expressando-se — ou parecia — pelos representantes vivos de gerações passadas do mal, e sangue jovem era exigido como sacrifício.

A eles se sucedera o pai de Jessica. Não aprendera pelos exemplos, mas seguira os exatos passos deles. E o mesmo destino recaíra sobre a esposa que ele apaixonadamente idolatrava. Ela morrera de uma anemia perniciosa — foi o que disseram os médicos —, mas o homem se via como o assassino dela.

No entanto, diferentemente dos predecessores, o sr. MacThane se afastara de Blackwick — e o fizera pelo bem da filha. Jessica não sabia, no entanto, que o pai retornara ano após ano, pois havia vezes em que o desejo apaixonado pelos salões e corredores sombrios do velho castelo, pelas vastas extensões de pântano e pelos pinheirais, o tomava com tal força que não resistia. Então, o sr. MacThane sabia que para a filha, assim como para ele mesmo, não havia escapatória e avisou Jessica, quando o alívio da morte lhe foi por fim concedido, qual seria o destino dela.

Aquela foi a história que Jessica contou ao homem que desejava torná-la sua esposa, e Davenant a entendeu, como qualquer homem faria, como uma superstição tola, os delírios de uma mente exausta. Por fim — talvez não tivesse sido muito difícil, pois Jessica o amava de coração e alma —, Paul conseguiu convencê-la a pensar como ele, a afastar pensamentos mórbidos, como ele os chamou, da mente, e a aceitar se casar com ele em breve.

— Assumirei qualquer risco que quiser — declarou Davenant. — Até mesmo viverei em Blackwick se desejar. Pensar em você, minha linda Jessica, como vampira! Ora, jamais ouvi tamanha besteira na vida.

— Papai disse que me pareço muito com Zaida, a bruxa — protestou a jovem, mas Paul a silenciou com um beijo.

Então se casaram e passaram a lua de mel no exterior. No outono, Paul aceitou um convite para uma festa em uma casa na Escócia, para a caça do tetraz, um esporte que ele adorava, e Jessica concordou com ele que não havia motivo para abandonar esse prazer.

Talvez algo incauto, aventurar-se na Escócia, mas àquela altura o jovem casal, mais apaixonado do que nunca, tinha superado os medos. Jessica estava esbanjando saúde e felicidade, e mais de uma vez declarou que, se

passassem pela vizinhança de Blackwick, gostaria de ver o velho castelo por curiosidade, apenas para mostrar o quanto tinha superado de vez os terrores tolos que costumavam assombrá-la.

Aquilo pareceu um plano bastante sábio para Paul. Então, certo dia, como de fato estavam hospedados não muito longe, se dirigiram para Blackwick e, ao encontrarem o administrador, conseguiram que lhes mostrasse o castelo.

Era uma grande construção acastelada, acinzentada pela idade, e em alguns lugares em ruínas, desabando. Ficava em uma encosta íngreme, de cuja rocha parecia fazer parte, e de um lado havia um precipício até um córrego montanhoso trinta metros abaixo. Os ladrões MacThane, dos velhos tempos, não podiam ter desejado uma fortaleza melhor.

Nos fundos, subindo pela encosta da montanha, havia pinheirais escuros, dos quais, aqui e ali, rochedos ásperos despontavam, com formatos fantásticos, alguns como silhuetas humanas gigantes e disformes, que ficavam de pé como se montassem guarda sobre o castelo e o estreito vale, de onde apenas se podia aproximar.

Tal vale estava sempre cheio de sons estranhos, misteriosos. Podia ter sido um refúgio do vento, o qual, mesmo em dias calmos, soprava para cima e para baixo, como se buscasse uma saída, e gemia entre os pinheiros e assobiava nos rochedos e gritava gargalhadas insanas ao ser atirado de um lado para outro das elevações rochosas. Era como a queixa das almas perdidas — foi esta a expressão que Davenant utilizou: a queixa das almas perdidas.

A estrada, pouco mais do que uma trilha agora, passava pelo vale. Depois de acompanhar um lago pequeno mas profundo, que mal via a luz do sol por estar tão fechado pelas árvores altas, subia a colina até o castelo.

E o castelo! Davenant usou poucas palavras para descrevê-lo, mas de alguma forma eu pude ver o edifício sombrio na mente, e parte do horror à espreita ali dentro se comunicou com meu cérebro. Talvez meu sentido clarividente tivesse me ajudado, pois quando Davenant falou sobre ele, eu já parecia familiarizado com os grandes salões de pedra, os longos corredores, escuros e frios, até mesmo no mais claro e quente dos dias, os quartos escuros com painéis de carvalho, e a ampla escadaria central acima da qual um dos primeiros MacThane liderara uma dúzia de homens a cavalo em perseguição a um cervo que se refugiara dentro do castelo. Havia a fortaleza também, com paredes tão espessas que a destruição do tempo não tivera efeito sobre elas, e

sob a fortaleza havia calabouços que podiam contar histórias terríveis de males antigos e dores remanescentes.

Bem, o sr. e a sra. Davenant visitaram o máximo que o administrador pôde mostrar daquele edifício agourento, e Paul, de sua parte, pensou agradavelmente em seu lar em Derbyshire, a requintada mansão de estilo georgiano, com todos os confortos modernos, onde propusera se assentar com a esposa. Então, sentiu uma espécie de choque quando, conforme iam embora, Jessica pegou a mão dele e sussurrou:

— Paul, você prometeu, não foi, que não me recusaria nada?

Ela estivera estranhamente quieta até proferir tais palavras. Paul, levemente apreensivo, assegurou a esposa de que só precisava pedir — mas o discurso não veio do coração, pois ele imaginava o que a ela desejava.

Jessica queria morar no castelo — ah, apenas por um tempinho, pois tinha certeza de que em breve se cansaria dele. Mas o administrador dissera a Jessica que havia papéis, documentos, que ela precisava examinar, pois a propriedade era sua agora — e, além do mais, estava interessada naquela casa de seus ancestrais e queria explorá-la com mais minúcia. Ah, não, não estava nada influenciada pela antiga superstição — não era essa a atração. Tinha superado de vez aquelas ideias tolas. Paul a curara, e como ele mesmo estava tão convencido de que eram infundadas, não deveria se importar de conceder à esposa um desejo.

Aquele foi um argumento plausível, não era fácil de refutar. No fim, Paul cedeu, embora não sem lutar. Ele sugeriu retificações. Que ao menos consertasse o lugar para Jessica — o que levaria tempo —, ou que adiassem a visita para o ano seguinte — no verão — e não se mudassem enquanto o inverno se aproximava.

Porém, Jessica queria evitar a demora, e odiava a ideia de redecorar. Ora, estragaria a ilusão de lugar antigo, e, além do mais, seria um desperdício de dinheiro, pois ela só pretendia ficar ali por uma ou duas semanas. A casa em Derbyshire não estava pronta — precisavam aguardar o papel secar nas paredes.

Então, depois que a estadia com amigos terminou, foram para Blackwick. O administrador empregou alguns criados inexperientes e tornou as coisas, no geral, o mais confortáveis possível para o casal. Paul estava preocupado e apreensivo, mas não podia admitir aquilo à esposa depois de tão abertamente proclamar suas teorias sobre o assunto da superstição.

Estavam casados havia três meses na época — nove tinham se passado desde então, e jamais deixavam Blackwick por mais de algumas horas. Agora, Paul estava em Londres, sozinho.

— Diversas e diversas vezes — declarou ele —, minha mulher me implorou para que eu partisse. Com lágrimas nos olhos, quase de joelhos, me suplicou para que a deixasse, mas me recusei, a não ser que ela me acompanhasse. Mas esse é o problema, sr. Vance, ela não consegue. Há algo, algum horror misterioso, que a mantém ali como se estivesse presa por grilhões. Isso a segura com mais força ainda do que segurou o pai dela. Descobrimos que ele costumava passar seis meses, no mínimo, de cada ano, em Blackwick, meses em que fingia estar viajando no exterior. Veja bem, o feitiço, ou o que quer que seja a coisa amaldiçoada, jamais o soltou de fato.

— Nunca tentou levar sua mulher embora? — perguntou Vance.

— Sim, diversas vezes, mas foi inútil. Ela ficava tão doente assim que passávamos dos limites da propriedade que eu a levava de volta. Certa vez, chegamos até Dorekirk, a cidade mais próxima, entende, e achei que seria bem-sucedido se ao menos conseguisse passar a noite. Mas ela fugiu. Saiu por uma janela, pretendendo voltar a pé, à noite, todos aqueles longos quilômetros. Então, chamei médicos, mas era eu quem queria os médicos, não ela. Eles ordenaram que eu me fosse, mas me recusei a obedecer até agora.

— Sua mulher mudou de algum jeito... fisicamente? — interrompeu Vance.

Davenant refletiu.

— Mudou — afirmou ele —, sim, mas tão sutilmente que mal sei como descrever. Está mais linda do que nunca, mas não é a mesma beleza, se consegue me entender. Falei sobre a pele branca dela. Bem, agora está mais evidente do que nunca, pois os lábios se tornaram tão vermelhos, são quase como uma mancha de sangue no rosto de Jessica. E o lábio superior tem uma curva peculiar que não acho que tinha antes e, quando ela gargalha, não sorri, entende o que quero dizer? Então, o cabelo... perdeu todo o brilho maravilhoso. É claro que sei que está preocupada comigo, mas isso também é tão peculiar, pois, às vezes, como contei, ela me implora para deixá-la, mas, talvez apenas por alguns minutos, envolve meu pescoço com os braços e diz que não pode viver sem mim. Sinto como se houvesse uma luta acontecendo dentro dela, que Jessica só está cedendo aos poucos à terrível influência, qualquer que seja, que é ela mesma quando me implora para ir embora e

depois me pede para ficar... e nesses momentos a fascinação é mais intensa. Ah, não consigo deixar de me lembrar do que me disse antes de nos casarmos, e aquela palavra... — Davenant abaixou a voz. — A palavra “vampiro”...

Ele passou as mãos pela testa, que estava molhada de suor.

— Mas isso é absurdo, ridículo — murmurou Davenant —, essas crenças fantásticas ruíram anos atrás. Vivemos no século XX.

Uma pausa se seguiu. Então, Vance disse, em voz baixa:

— Sr. Davenant, como expôs suas confidências, como encontrou médicos que não puderam ajudar, vai me deixar tentar ajudar? Acho que posso ser útil, se já não for tarde demais. Caso concorde, sr. Dexter e eu o acompanharemos, como sugeriu, para o Castelo Blackwick, o mais rápido possível, pela conexão desta noite para o Norte. Sob circunstâncias normais, eu diria, como tem valor à vida, que não retornasse...

Davenant sacudiu a cabeça.

— Esse conselho eu jamais ouviria — declarou ele. — Já tinha decidido, sob quaisquer circunstâncias, viajar para o Norte esta noite. Fico feliz porque ambos me acompanharão.

Então, ficou decidido. Nós combinamos de nos encontrar na estação e logo depois Paul Davenant se foi. Quaisquer outros detalhes que restassem para contar ele nos informaria durante a jornada.

— Um caso curioso e muito interessante — observou Vance quando estávamos sozinhos. — O que acha, Dexter?

— Suponho — respondi, com cautela — que exista tal coisa como vampirismo mesmo nesses dias de civilização avançada. Posso entender a influência maligna que uma pessoa muito velha pode ter sobre uma jovem se, por acaso, estiverem constantemente em contato, o tecido desgastado absorvendo vitalidade saudável para sustento próprio. E há algumas pessoas, eu mesmo consigo pensar em muitas, que parecem deprimir e minar as energias de outras, muito inconscientemente, é claro, mas sente-se que essa vitalidade de alguma forma passou de uma para outra. E, nesse caso, quando a força tem séculos de idade, expressando-se de uma forma misteriosa pela esposa de Davenant, não seria possível crer que Paul seja fisicamente afetado por ela, embora a coisa toda seja meramente mental?

— Você acha então — indagou Vance — que é meramente mental? Digame, se é o caso, como explica as marcas no pescoço de Davenant?

Para tal pergunta não encontrei resposta e, embora tivesse insistido para que Vance me desse sua opinião, ele não arriscaria ir além por enquanto.

De nossa longa jornada até a Escócia, não preciso dizer nada. Não chegamos ao Castelo Blackwick até o fim da tarde do dia seguinte. O lugar era exatamente como eu o concebera — como já o descrevi. E uma sensação de tristeza se assentou sobre mim assim que nosso carro nos deixou na estrada irregular que dava para o Vale dos Ventos — uma tristeza que se intensificou quando penetramos a abundante frieza do castelo.

A sra. Davenant, que fora informada por telegrama de nossa chegada, nos recebeu com cordialidade. Não sabia de nossa verdadeira missão, nos via apenas como amigos do marido. Era bastante prestativa com ele, mas havia algo contido no tom de voz, o que me deixou com uma vaga inquietude. A impressão que tive foi de que a mulher era compelida a tudo que falava ou fazia por alguma força exterior a ela — mas, é claro, aquela era uma conclusão à qual as circunstâncias das quais eu tinha ciência poderiam ter me levado. Em todos os outros aspectos, era encantadora, e havia um encanto extraordinário a respeito de sua aparência e de seus modos, que me fizeram entender a força de uma observação feita por Davenant durante nossa jornada.

— Quero viver pelo bem de Jessica. Tirá-la de Blackwick, Vance, e sentir que tudo ficará bem. Iria até o inferno para que ela fosse devolvida a mim, como era.

E agora que eu via a sra. Davenant, entendia do que Paul estava falando com aquelas últimas palavras. O encanto dela era mais forte do que nunca, mas não era natural, não o de uma mulher normal, como Jessica fora. Era o encanto de uma Circe, de uma bruxa, de uma feiticeira, e, como tal, era irresistível.

Tivemos uma prova sólida do mal dentro da mulher logo depois de chegarmos. Era um teste que Vance preparara às escondidas. Davenant mencionara que nenhuma flor crescia em Blackwick, e Vance declarou que deveríamos levar algumas conosco como presente para a senhora da casa. Ele comprou um buquê de rosas de um branco puro na pequena cidade em que descemos do trem, pois o carro fora enviado para nos buscar.

Logo depois de chegarmos, ele presenteou a sra. Davenant com as flores. Ela as aceitou, ao que me pareceu, com nervosismo, e, assim que as tocou, elas se despedaçaram, em uma chuva de pétalas murchas, no chão.

— Precisamos agir imediatamente — disse Vance para mim quando estávamos descendo para o jantar naquela noite. — Não podemos nos atrasar.

— Do que tem medo? — sussurrei.

— Davenant ficou uma semana fora — respondeu ele, sombriamente. — Ele está mais forte do que quando partiu, mas não o suficiente para sobreviver a perda de mais sangue. Precisa ser protegido. Há perigo esta noite.

— Quer dizer protegê-lo da mulher dele? — Estremeci diante do horror da sugestão.

— Isso o tempo mostrará. — Vance se virou para mim e acrescentou algumas palavras com sinceridade intensa: — A sra. Davenant, Dexter, está no momento pairando entre duas condições. A coisa maligna ainda não a dominou por completo. Lembra-se do que Davenant disse, sobre como implorava para que ele se fosse, e no momento seguinte suplicava para que ficasse? Ela está lutando, mas está sucumbindo aos poucos, e essa última semana, passada sozinha, fortaleceu o mal. E é isso que preciso combater, Dexter, será uma luta de força de vontade, uma luta que ocorrerá em silêncio até que uma ou outra conquiste o domínio. Se prestar atenção, vai enxergar. Se alguma mudança se apresentar na sra. Davenant, saberá que venci.

Então, eu soube em que direção meu amigo escolhera agir. Deveria ser uma guerra da vontade dele contra o poder misterioso que descera aquela maldição contra a casa de MacThane. A sra. Davenant devia ser libertada do charme fatal que a dominava.

E eu, sabendo do que estava acontecendo, pude observar e entender. Percebi que a luta silenciosa tinha começado até mesmo enquanto jantávamos. A sra. Davenant não comeu quase nada e parecia desconfortável. Ela se agitava na cadeira, falava bastante e gargalhava — era a gargalhada sem sorriso, como Davenant descrevera. E assim que conseguiu rir, se retirou.

Mais tarde, enquanto estávamos sentados no escritório, pude sentir o choque das forças de vontade. O ar na sala pareceu elétrico e pesado, carregado com forças imensas mas invisíveis. E do lado de fora, em volta do castelo, o vento assobiava, gritava e gemia — era como se todos os MacThane mortos e enterrados, um exército sombrio, tivessem se reunido para a batalha do clã deles.

E tudo enquanto nós quatro, no escritório, nos sentávamos conversando sobre frivolidades comuns a uma conversa pós-jantar! Essa foi a parte

extraordinária. Paul Davenant não suspeitava de nada e eu, que sabia, precisava interpretar meu papel. Mas mal tirei os olhos do rosto de Jessica. Quando a mudança ocorreria, ou se seria, de fato, tarde demais!

Por fim, Davenant se levantou e observou que estava cansado e que se deitaria. Não havia necessidade para que Jessica se apressasse. Ele dormiria naquela noite no toucador, e não queria ser incomodado.

E foi naquele momento, quando os lábios de Davenant encontraram os de Jessica para um beijo de boa noite, conforme ela envolvia o marido com os braços de feiticeira, ignorando nossa presença, com os olhos brilhando de fome, que a mudança ocorreu.

Veio com um grito destemido e ameaçador do vento, e um chacoalhar do caixilho da janela, como se a horda de fantasmas do lado de fora estivesse prestes a invadir. Um suspiro longo e trêmulo saiu dos lábios de Jessica, os braços dela caíram dos ombros do marido e a mulher recuou, oscilando um pouco de um lado para outro.

— Paul — gritou ela, e de alguma forma o timbre da voz de Jessica tinha mudado —, foi desprezível de minha parte trazer você de volta para Blackwick, tão doente como está! Mas partiremos, querido. Sim, partirei também. Ah, pode me levar embora, leve-me embora amanhã? — Ela falava com uma sinceridade intensa, inconsciente, o tempo todo, do que estava acontecendo. Longos tremores agitavam o corpo de Jessica. — Não sei por que quis ficar aqui — repetia ela. — Odeio esse lugar, de verdade, é maligno, maligno.

Depois de ouvir tais palavras, comemorei, já que o sucesso de Vance estava garantido. Mas eu descobriria que o perigo ainda não tinha passado.

Marido e mulher se separaram, cada um foi para o próprio quarto. Reparei no olhar agradecido, e até confuso, que Davenant deu para Vance, vagamente ciente, como deveria estar, de que meu amigo era de alguma forma responsável pelo que ocorrera. Ficou decidido que planos para a partida seriam discutidos pela manhã.

— Fui bem-sucedido — comentou Vance, apressadamente, quando estávamos a sós —, mas a mudança pode ser transitória. Devo manter guarda essa noite. Vá se deitar, Dexter, não há nada que possa fazer.

Obedeci, embora preferiria também ter ficado de guarda — de guarda contra um perigo que eu não entendia. Fui para o quarto, um aposento escuro e escassamente mobiliado, mas sabia que era impossível dormir. Então, como já estava vestido, fui me sentar diante da janela aberta, pois agora o vento que

esbravejara em torno do castelo tinha se dissipado até virar um gemido baixo entre os pinheiros — um soluço de agonia desgastada pelo tempo.

E foi quando estava sentado que reparei na figura branca que saiu do castelo por uma porta que não consegui ver, e, com as mãos unidas, correu pelo pátio até o bosque. Foi apenas um lampejo, mas me convenci de que a silhueta era de Jessica Davenant.

Instintivamente soube que algum grande perigo era iminente. Era, acho, o indício de desespero que aquelas mãos unidas representavam. De toda forma, não hesitei. Minha janela ficava a certa altura do chão, mas a parede abaixo dela estava coberta por trepadeiras e fornecia bom apoio. A descida foi bem fácil. Eu a terminei bem a tempo de iniciar a perseguição na direção certa, para dentro do denso bosque que se agarrava à encosta da colina.

Jamais me esquecerei daquela perseguição insana. Havia espaço o suficiente para me permitir seguir a trilha irregular, a qual, por sorte — pois agora eu havia perdido de vista meu alvo —, era o único caminho possível que ela poderia ter tomado. Não havia rotas perpendiculares, e o bosque era denso demais dos dois lados para permitir desvios.

Ele pareceu cheio de sons terríveis — gemidos, lamúrias e gargalhadas terríveis. O vento, é claro, e os gritos de pássaros noturnos — uma vez senti o farfalhar de asas bem perto do rosto. Mas não conseguia me livrar do pensamento de que, eu mesmo era perseguido, que as forças do inferno estavam reunidas contra mim.

A trilha chegou a um fim repentino, no limite do lago sombrio que já mencionei. E agora percebia que chegara, de fato, bem a tempo, pois diante de mim, mergulhada até o joelho na água, reconheci a figura vestida de branco da mulher que eu estava perseguindo. Ao ouvir meus passos, ela virou a cabeça, ergueu os braços e gritou. O cabelo ruivo dela caiu, volumoso, sobre os ombros, e o rosto de Jessica, conforme vi naquele momento, era intensamente humano, devido à dor e ao remorso que estampava.

— Vá! — gritou Jessica. — Pelo amor de Deus, deixe-me morrer!

Mas cheguei ao lado de Jessica quase no momento em que ela falou. Jessica lutou comigo — procurou em vão se desvencilhar de minhas mãos —, implorou, ofegante, para que eu permitisse que se afogasse.

— É a única forma de salvá-lo! — disse ela, arquejando. — Não entende que sou amaldiçoada? Pois fui eu... eu... que suguei o sangue dele! Sei disso agora, a verdade me foi revelada essa noite! Sou uma vampira, sem esperança

nesse mundo ou no próximo, então, pelo bem dele, pelo bem dessa criança não nascida, deixe-me morrer, deixe-me morrer!

Será que algum dia súplica tão terrível foi feita? No entanto, eu... o que eu podia fazer? Com cuidado, sobrepujei a resistência de Jessica e a puxei de volta para a margem. Quando chegamos à margem, Jessica estava deitada como um peso morto em meus braços. Eu a deitei sobre uma encosta coberta de musgo e, ajoelhando ao lado da mulher, olhei com atenção para o rosto dela.

Foi então que eu soube que tinha feito o certo, pois o rosto para o qual olhava não era o da Jessica vampira, como vira naquela tarde, era o rosto de Jessica, a mulher que Paul Davenant amara.

E MAIS TARDE, Aylmer Vance contou a própria história:

— Eu esperei — disse ele —, até saber que Davenant estava dormindo, e então entrei no quarto dele para montar guarda ao lado da cama. E em breve ela chegou, como achei que viria, a vampira, a coisa amaldiçoada que se alimentou das almas dos parentes, tornando-os como ela depois de também passarem para a Terra das Sombras, e tirando sustento para a tarefa abominável do sangue daqueles que são estranhos à família. O corpo de Paul e a alma de Jessica, foi por um e para o outro, Dexter, que lutamos.

— Quer dizer... — hesitei — Zaida, a bruxa?

— De fato — concordou Vance. — Dela é o espírito maligno que recaiu como uma praga sobre a casa MacThane. Mas acho que pode ter sido exorcizada para sempre.

— Diga-me.

— Ela foi até Paul Davenant na noite passada, como deve ter feito antes, disfarçada de esposa dele. Sabe que Jessica tem uma semelhança marcante com a ancestral. Paul abriu os braços, mas ela foi destituída da presa, pois eu havia tomado precauções: coloquei uma proteção no peito de Davenant enquanto ele dormia, o que destituiu a vampira do poder maligno. Ela disparou gritando do quarto, uma sombra, ela que, um minuto antes, olhara para Paul com os olhos de Jessica e falara com ele com a voz de Jessica. Os lábios vermelhos eram os lábios de Jessica e estavam próximos dos de Paul quando os olhos dele se abriram e Paul enxergou a mulher pelo que era — um fantasma horrível da corrupção dos anos. Então, o feitiço foi removido, e ela fugiu para o lugar de onde veio...

Vance se interrompeu.

— E agora? — indaguei.

— O Castelo Blackwick deve ser demolido — respondeu Vance. — É o único jeito. Cada pedra dele, cada tijolo dele ser transformado em pó e queimado com fogo, pois aí está a causa de todo o mal. Davenant concordou.

— E a sra. Davenant?

— Acho — respondeu Vance, cautelosamente — que tudo pode ficar bem com ela. A maldição será removida com a destruição do castelo. Jessica não sucumbiu sob a influência dela, graças a você. Era menos culpada do que imaginava, ela mesma era a caça, e não a caçadora. Mas não conseguia compreender o remorso quando percebeu, como estava fadada a perceber, o papel que teve. E o conhecimento da criança por vir... a herança fatal dela...

— Eu entendo — murmurei, estremecendo. Então, sussurrei baixinho: — Graças a Deus!

Ulric Daubeny

Ulric Evan Daubeny (1888-1922) foi, como M.R. James, tanto um notório estudioso-antiquário quanto um bom escritor de histórias de fantasma. A coletânea injustamente esquecida dele, *The Elemental: Tales of the Supernormal and the Inexplicable* [O elementar: Contos sobre o supernormal e o inexplicável], foi publicada por G. Routledge em 1919, cinco anos após a mesma companhia publicar *O convidado de Drácula e outros contos de terror e mistério*, de Bram Stoker, em um formato semelhante e barato. Daubeny pode muito bem ter sido influenciado pela clássica coletânea de Bram Stoker, e “O sumagre” é um dos melhores e mais singulares contos de todo o gênero vampiresco. Os livros de não ficção dele no campo do antiquariato foram *Orchestral Wind Instruments* [Instrumentos de sopro de orquestra], *Ancient and Modern* [Antigo e moderno] (1920), *Ancient Cotswold Churches* [Antigas igrejas de Cotswold] (1921; publicado no impressionante formato *in quarto*, seguindo a mesma linha do posterior *Abbeys and Suffolk and Norfolk* [Abadias e Suffolk e Norfolk], de M.R. James), e *How to Choose Antiques* [Como selecionar antiguidades] (1924). Daubeny poderia ter se tornado um dos maiores escritores britânicos de ficção sobrenatural e horror caso não tivesse sido levado pela meningite aos 34 anos.

O SUMAGRE

— COMO É VERMELHO aquele sumagre!

Irene Barton murmurou algo banal, pois para ela a árvore trazia lembranças dolorosas. A visitante, ignorando o fato, elaborou.

— Sabe, Irene, aquela árvore me dá arrepios! Não sei explicar, mas não é uma árvore boa, não é uma árvore *do bem*. Por exemplo, por que suas folhas estão vermelhas em agosto, quando não deveriam mudar de cor até outubro?

— Que ideias estranhas você tem, May! A árvore é boa o bastante, embora seu significado para mim seja triste. Pobre Spot, nós o enterramos sob ela há dois dias. Venha ver o túmulo.

As duas mulheres deixaram a varanda, onde a conversa acontecia, e caminharam despreocupadamente pelo gramado, ao fim do qual, em um isolamento quase assombroso, crescia o sumagre. Pelo menos a sra. Watcombe, que mostrara tanto interesse na árvore, questionara se era de fato um sumagre, pois a folhagem era incomum, e os galhos estavam tortos e retorcidos de forma irreconhecível. Naquele momento mesmo, as folhas se encontravam manchadas com borrifos de um carmesim esmaecido, mas, em vez de caídas, tinham um aspecto inchado, como se a exuberância de seu crescimento não fosse de todo saudável.

Durante vários minutos, ficaram de pé observando o pequeno e patético túmulo, e o silêncio só foi quebrado quando a sra. Watcombe disparou sob a árvore e voltou com algo na mão.

— Irene, olhe este tordo morto. Pobrezinho! Que plumagem esplêndida, no entanto, mal tem o peso de uma ameixa!

A sra. Barton olhou o pássaro com a testa franzida.

— Não entendo o que acontece com os pássaros, May, a não ser que alguém coloque veneno. Frequentemente os encontramos mortos pelo jardim, e em geral abaixo ou bem perto dessa árvore.

Difícil dizer se a sra. Watcombe ouviu. A atenção dela parecia divagar naquela manhã, e ela estava estudando os galhos retorcidos do sumagre com um escrutínio pensativo.

— Curioso que as folhas mudem de cor nesta época do ano — murmurou ela. — Lembra a doença da pobre Geraldine. Essa árvore exercia enorme fascínio sobre ela, sabe. Era bastante escarlate então, mas era apenas junho, e mal terminara de brotar.

— Minha cara May! Está com folhas vermelhas no cérebro essa manhã! — replicou Irene, sem saber se ficava irritada ou interessada. — Não consigo entender por que está tão preocupada com a cor. É apenas o resultado de dois dias de calor excessivo, pois mal se tocou em uma folha quando enterrei o pobre e velho Spot.

A conversa parecia absurdamente trivial, mas depois que a sra. Watcombe se foi, Irene não conseguia tirar da mente a doença fatal da prima. A notícia chegara a eles como um choque daquilo que é absolutamente inesperado. A pobre Geraldine, que sempre fora tão forte, ter sido vitimada pela anemia aguda! Era quase inacreditável que falência do coração tivesse posto fim à sua vida jovem e doce, depois de alguns dias de convalescência. É claro que o evento triste tinha trazido uma mudança assombrosa para Irene e o marido dela, dando aos dois, no lugar de uma casa entulhada no subúrbio, aquela linda casa de campo, Cleeve Grange. Tudo para ela estava cheio do prazer das novidades, pois governava como senhora da encantadora residência havia apenas uma curta semana. Hilary, o marido de Irene, era, ainda, estranho às mais íntimas das atrações do lugar, pois ficara detido em Londres para liquidar os negócios.

Vários dias se passaram, em grande parte dedicados apenas ao prazer obstinado de organizar e reorganizar o novo lar. Conforme o tempo passou, as manchas carmesins no sumagre desbotaram, as folhas ficaram verdes de novo, embora caídas, como se precisassem de água. Irene reparou naquilo durante as visitas diárias ao patético túmulo do cachorrinho, tentando fazer com que flores criassem raízes ali — mas não importava o que fizesse, elas sempre morriam. Nada, nem mesmo grama, crescia sob o sumagre. Apenas morte parecia prosperar ali, ponderou Irene em um momento passageiro de depressão, enquanto procurava por mais pássaros mortos. Mas nenhum caíra desde o tordo, recolhido pela sra. Watcombe.

Certa noite, com o calor dentro de casa tendo se tornado insuportável, Irene passeava pelo jardim, os passos levando-a mecanicamente até o pequeno túmulo sob o sumagre. Sob o luar hesitante, o tronco e os galhos tortos da velha árvore pareciam um assento improvisado, e, sentindo-se cansada, ela subiu no abrigo natural e se recostou, inspirando o ar frio da noite.

Imediatamente, caiu no sono e, de uma forma curiosamente vívida, sonhou com Hilary; que ele terminara os negócios em Londres e estava voltando para casa. Os dois se encontravam à noite, perto do portão do jardim, e Hilary abria os braços e envolvia o corpo dela. Logo o sonho começou a mudar, tomando ares de pesadelo. O céu ficou estranhamente escuro, os braços, dominadores, enquanto o rosto que tinha se abaixado para beijar o pescoço de Irene não era o do jovem marido: era lascivo, maligno, retorcido como o tronco de uma árvore erodida. Gelada de terror, Irene lutou longa e desesperadamente contra a visão, para ser por fim despertada pelos próprios soluços amedrontados. Mas o retorno da consciência não dissipou o pesadelo de imediato. Na imaginação, Irene ainda era envolvida pelos braços violentos, e somente depois de uma luta às cegas, semidesperta, se libertou e saiu correndo pelo gramado, na direção da porta iluminada.

Na manhã seguinte, a sra. Watcombe visitou e submeteu Irene a um escrutínio perplexo.

— Como está pálida, Irene. Sente-se doente?

— Doente! Não, apenas um pouco cansada. Acho esse tempo quente muito desgastante.

A sra. Watcombe a estudou com cautela, pois a palidez no rosto de Irene estava muito acentuada. Em contraste, um ponto vermelho vívido se estampava no pescoço fino, um centímetro ou mais abaixo do ouvido. Intuitivamente, Irene levantou a mão e se voltou para a amiga para explicar.

— Está tão dolorido. Acho que devo ter arranhado a pele, ontem à noite, quando estava sentada perto do sumagre.

— Sentada perto do sumagre! — repetiu a sra. Watcombe, surpresa. — Que curioso você fazer isso. A pobre Geraldine costumava fazer o mesmo, logo antes de cair doente. No entanto, no final, foi tomada por completo terror da árvore. Minha nossa, mas ela está bem vermelha de novo essa manhã!

Irene se virou na direção da árvore, que exalava uma leve fragrância. De fato, as folhas não mais caíam, e também não se podia vê-las. Estavam salpicadas mais uma vez de carmesim, e as florescências tinham recuperado o vigor de antes.

— Ai! — exclamou Irene, voltando-se às pressas para a casa. — Isso me lembrou de um pesadelo terrível. Minha cabeça não está boa. Vamos entrar e conversar sobre outra coisa!

Conforme o dia avançou, o calor ficou mais opressor, e a noite trouxe consigo uma quietude curiosa, a quietude que tão frequentemente precede uma tempestade fortíssima. Nenhum pássaro oferecera seu canto vespertino, nenhuma brisa era suficiente para agitar uma única folha: tudo estava envolto no silêncio da expectativa.

O intervalo entre o jantar e a hora de dormir é sempre entediante quando se está acostumado à companhia e, sozinha, a inquietude de Irene aumentou por um instante. Primeiro o teto, depois a própria atmosfera pareceu pesar sobre a cabeça dela. Embora janelas e portas estivessem todas escancaradas, a falta de brisa na casa ficou cada vez menos suportável, até que, por puro desespero, Irene escapuliu para o jardim, onde uma iluminação repentina no horizonte avisou uma tempestade iminente. Sentindo-se um pouco perdida, ela perambulou sem rumo por um tempo, pausando às vezes para ouvir os ecos dos trovões distantes, até que, por fim, se viu diante do túmulo desolado de Spot. A visão a tomou de uma sensação de solidão total, e as lágrimas brotaram nos olhos dela, em um anseio doloroso pela companhia do fiel animal de estimação.

Movida não se sabe pelo que, Irene foi até os confortáveis galhos do velho sumagre e, aconchegada em uma posição de repouso, começou logo a oscilar a cabeça de sono. Depois, ficou em dúvida se havia dormido ou se a experiência toda não fora um tipo de pesadelo desperto. Algo do sonho da noite anterior retornou — dessa vez, porém, com mais horror; pois começou sem a visão agradável do marido. Em vez disso, braços insistentes como gravetos se fecharam sobre ela, o aperto era como um torno, tão forte que Irene mal conseguia respirar. E para baixo disparou a terrível cabeça, enrugada e marcada por todos os pecados, seguindo para o pescoço branco e liso como uma besta selvagem sobre a presa. Os lábios horríveis começaram a morder a pele de Irene... Ela lutou desesperadamente, insanamente, pois para seus sentidos sonolentos, os próprios galhos da árvore tinham adquirido vida, enroscando-se de modo impiedoso ao seu redor, agarrando-se determinados a braços e pernas e rasgando o vestido dela. Enfim, a dor levou Irene a um esforço heroico, a dor de algo, talvez um galho, enterrando-se profundamente em seu pescoço desprotegido. Com um grito abafado, Irene se libertou e, encorajada por um rompante súbito de trovão, ela correu cambaleante até o abrigo da casa.

Depois de chegar ao aconchegante salão de estar, Irene afundou em uma poltrona, arquejando para tomar fôlego. Lufadas de vento refrescante vieram

pelas janelas abertas, e, embora a atmosfera ficasse rapidamente menos estagnada, uma hora se passou até que Irene conseguisse fazer esforço o suficiente para ir para o quarto no segundo andar, até a cama. Lá, mais um choque a esperava. O rosto pálido e macilento refletido no espelho mal podia ser reconhecido. Aos olhos faltava brilho. Os lábios estavam brancos. A pele pendia, flácida, da carne retraída, dando ao rosto um ar de velhice prematura. Uma gota minúscula de sangue seco, o borrão solitário de cor, manchava o tom de giz do pescoço. Ao pegar um espelho de mão, Irene examinou a mancha com preocupação momentânea. Era o velho ferimento reaberto, uma ferida de aparência violenta, quase como a mordida de algum animal pequeno, ou de dentes muito afiados. Doía demais...

A sra. Watcombe, ao irromper na sala do café da manhã no dia seguinte, com sugestões de uma expedição até a cidade vizinha, ficou chocada com a aparência de Irene e insistiu em buscar o médico. A sra. Watcombe fez um alarde durante a consulta e insistiu em um exame da cicatriz no pescoço de Irene. Paciente e médico tinham visto aquilo como um detalhe insignificante, mas, por fim, o último submeteu a marca a um escrutínio levemente perplexo, aconselhando que deveria ser mantida fechada. Ele sugeriu que Irene sofria de anemia e que seria bom ficar o mais quieta possível, recuperando a força com boa alimentação, janelas abertas e uma seleção de pílulas e tônicos. Mas, apesar de tais arranjos reconfortantes, ninguém ficou totalmente satisfeito. O médico não tinha segurança, Irene tinha certeza de que não podia estar anêmica, enquanto a sra. Watcombe estava obcecada com receios próprios, perfeitamente indefiníveis, mas nada menos perturbadores. Ela deixou a casa como uma mulher determinada ao fardo dos cuidados. Ao passar pela entrada, o olhar da sra. Watcombe se voltou para o velho sumagre, mais carmesim agora, mais exuberante em florescência do que vira desde a época da doença fatal de Geraldine.

— Odeio aquela velha árvore horrível! — murmurou a mulher, então acrescentou, tomada por uma premonição inominável: — O marido dela precisa saber. Vou mandar uma mensagem imediatamente.

Irene, como uma mulher, fez proveito do repouso involuntário ao iniciar uma reorganização da sala das caixas, a única parte do novo lar que ainda permanecia inexplorada. Entre o que seria jogado fora, havia um pequeno caderno, aparentemente não utilizado. Por curiosidade, Irene o pegou e ficou surpresa ao descobrir, por uma inscrição, que a prima Geraldine pretendia usar o caderno como diário. Uma data aparecia — apenas alguns dias antes

da morte da pobre moça —, mas não havia entrada alguma, embora as duas primeiras páginas tenham sido removidas. Quando Irene apoiou o caderno, um pedaço de papel rabiscado flutuou até o chão. Ela se curvou, e continuou se curvando, sem fôlego, encarando as palavras que tinham sido escritas pela mão da prima: *Sumagre me fascina...*

De alguma forma inexplicável, aquilo dizia respeito a ela. Era óbvio de qual árvore se tratava, o velho sumagre no fim do gramado. Ele fascinava a ela, Irene, embora ela só tivesse reconhecido o fato naquele momento. Buscando às pressas pelo caderno, Irene descobriu, perto do fim deste, papéis rasgados, evidentemente as duas primeiras páginas do diário. Irene virou os pedaços com afobação. A maioria delas não tinha mais do que uma palavra curta, ou porções de uma mais longa, mas poucos fragmentos maiores se provaram mais esclarecedores e, cheia de apreensão nervosa, Irene carregou o caderno até o escritório e passou o resto da tarde tentando remendar as páginas rasgadas.

Enquanto isso, a sra. Watcombe estava preocupada e ansiosa com a doença inesperada de Irene. A pele, a languidez, até mesmo a curiosa marca no pescoço, davam motivos para nervosismo, pois correspondiam aos mesmos sintomas exibidos pela prima Geraldine durante os poucos dias que precederam sua morte. Ela desejou que o médico da cidade, que cuidara do caso anterior, retornasse logo das férias, pois seu substituto parecia, infelizmente, carecer daquela decisão autoritária que é tão consoladora para pacientes, parentes e amigos. Sentindo-se, como uma velha amiga, responsável pelo bem-estar de Irene, a sra. Watcombe mandou notícias a Hilary, contando sobre a doença repentina e aconselhando o homem a retornar sem demoras.

A urgência do telegrama o alarmou, tanto que Hilary deixou Londres no primeiro trem que conseguiu pegar, chegando a Cleve Grange logo depois do anoitecer.

— Onde está sua patroa? — Foi a primeira pergunta dele quando a criada o encontrou no corredor.

— No andar de cima, senhor. Reclamou que se sentia cansada e disse que se deitaria.

Hilary correu até o quarto de Irene, apenas para encontrá-lo vazio. Ele chamou, fez sinal para os criados. Em um momento, a casa inteira depertou, mas Irene não se encontrava em lugar nenhum. Considerando possível que

ela tivesse ido até a sra. Watcombe, Hilary estava prestes a sair quando a própria senhora Watcombe foi levada para dentro.

— Vi as luzes de seu táx... — começou a mulher, interrompendo a frase no meio ao ver o olhar de inquisição de Hilary.

— Onde está Irene?

— Irene? Meu querido Hilary, ela não está aqui?

— Não. Não conseguimos encontrá-la em lugar algum. Achei que pudesse estar com você.

Em menos de um segundo, o rosto da sra. Watcombe exibiu perplexidade. Então, a expressão mudou para preocupação deprimente.

— Está naquela árvore! Tenho certeza! Hilary, precisamos buscá-la agora mesmo!

Sem entender, o homem seguiu a mulher agitada até o jardim, tropeçando às cegas ao encalço dela pela gramado. A escuridão era intensa, e um vento terrível os empurrava para trás como se com mãos vivas. O vestido branco de Irene, ao longe, se tornou discernível, destacando-se sutilmente contra o fundo preto e obscurecido em algumas partes pelos galhos retorcidos do velho sumagre. Marido e amiga agarraram o corpo dormente, mas os galhos se agitaram ao vento com intensidade, e na imaginação confusa de Hilary, foi como se literalmente tivessem precisado arrancar o corpo do abraço da árvore. Por fim, retornaram ao abrigo da casa e deitaram a carga inanimada no sofá. Irene estava inconsciente, pálida como a morte e com a expressão do rosto retorcida de dor. O velho ferimento no pescoço, agora sem as ataduras, tinha sido reaberto, e estava úmido de sangue.

Hilary correu para buscar o médico, enquanto a sra. Watcombe e os criados carregaram Irene para o quarto dela. Diversas horas se passaram até que Irene recuperasse a consciência e, durante tal período, Hilary foi sutil, porém firmemente excluído do quarto da convalescente. Espantado e inconsolável, ele perambulou, inquieto, pela casa, até que sua atenção foi atraída para a quantidade incomum de pedaços de papel rasgados na mesa de Irene. Ele viu que a esposa estava separando os pedaços e os unindo conforme as frases se tornavam completas. O trabalho mal chegara à metade, mas o que se podia ler pareceu muito esquisito:

O assento no velho sumagre me fascina. Encontro-me voltando até ele inconscientemente — não, até mesmo contra minha vontade. Ah, mas as visões como pesadelos que sempre me traz! Nelas pareço mergulhar nas

profundezas do terror. A memória delas espreita minha mente, e todo dia minhas forças se dissipam.

O dr. H. fala em anemia...

Irene chegara até aí. Sem saber por que o fazia, Hilary decidiu completar a tarefa, mas o frio do início da manhã tomou o ar antes que ele terminasse. Com câibras e dormência, Hilary afastava a cadeira quando um passo soou à porta e a sra. Watcombe entrou.

— Irene está melhor — avisou ela, de imediato. — Está dormindo, e o dr. Thomson diz que não há mais perigo imediato. A pobre criança está fraca e sem sangue.

— May... diga-me, qual é o significado de tudo isto? Por que Irene ficou tão doente? Não consigo entender!

A expressão da sra. Watcombe ficou severa.

— Até mesmo o médico admite estar perplexo — respondeu ela, em voz muito baixa. — Todos os sintomas apontam para uma perda súbita e excessiva de sangue, embora em casos de anemia aguda...

— Por Deus! Mas... não como Geraldine? Não acredito!

— Eu também não. Ah, Hilary, pode achar que sou louca, mas não consigo deixar de pensar que há alguma influência desconhecida e terrível em curso. Irene estava saudável há três dias, e foi o mesmo com Geraldine antes de ela adoecer. Os casos são tão semelhantes... Irene estava tentando me contar algo a respeito de um diário, mas estava exausta demais para se fazer entender direito.

— Diário? O diário de Geraldine, talvez? Deve ser sobre ele. Acabei de terminar de juntar algumas páginas, mas, sinceramente, não consegui entender nada!

A sra. Watcombe observou a letra e analisou de novo, com mais cuidado. Enfim, ela leu a segunda parte em voz alta.

— Ouça, Hilary! Isto me parece importante.

Dr. H. fala em anemia. Pelos céus, tomara que esteja certo, pois meus pensamentos às vezes seguem para uma direção que pressagia loucura — ou é o que me diriam as pessoas, se eu tivesse coragem de confidenciar tais coisas. Preciso lutar sozinha, agarrando-me ao conhecimento de que é normal que pessoas anêmicas fiquem obcecadas por desejos nada

saudáveis. Se ao menos não tivesse lido aquelas terríveis palavras sugestivas em Barrett...

— Barrett? O que isso quer dizer, May?

— Espere um pouco. Barrett? Talvez *Tradições do campo*, de Barrett. Notei uma cópia na biblioteca. Vamos até lá. Pode nos dar a pista!

O livro foi encontrado com facilidade, e um marcador indicava a passagem a que Geraldine aparentemente se referia.

Em Cleeve, fui lembrado de outra dessas tradições, que tão rapidamente desaparece diante da disseminação da educação. Dizia respeito à velha crença em vampiros, espíritos dos mortos malignos, que, à noite, assumem forma humana e varrem o campo em busca de vítimas. Suspeitos de vampirismo, se pegos, eram enterrados com a boca cheia de alho, com uma estaca enterrada no coração, e considerados inofensivos, ou, ao menos, confinados àquele local específico.

Há uns trinta anos, um velho apontou uma árvore que se dizia ter brotado de tal estaca. Até onde me lembro, era uma variação incomum de sumagre, e fora abarcada durante uma expansão recente do jardim do velho Grange...

— Venha aqui fora — disse a sra. Watcombe, interrompendo um silêncio longo e solene. — Quero que veja aquela árvore.

O céu estava misturado ao rosa do início do alvorecer, e os arbustos, as flores, até mesmo o orvalho na grama refletiam algo do esplendor rosa. O sumagre sozinho se destacava, sombrio e ameaçador. Durante a noite, as folhas tinham se tornado horríveis, salpicadas de roxo. A exuberância era oleosa, inchada, sobrenaturalmente vigorosa, como a de alguma erva daninha rançosa e venenosa.

A sra. Watcombe, olhando de longe, falou, em tom de voz assustado e rouco:

— Está vendo, Hilary! Estava exatamente assim quando... quando Geraldine morreu!

Quando a noite caiu, o fim do gramado estava estranhamente vazio. No lugar da velha árvore, havia uma enorme pilha de brasas incandescentes — enorme porque o sumagre estava cheio demais de seiva escura e pegajosa para queimar sem ajuda de quantidades maiores de outra madeira.

Muitas semanas se passaram antes que Irene tivesse se recuperado o suficiente para caminhar até o pequeno túmulo de Spot. Ficou surpresa ao encontrá-lo quase escondido por um leito de alho.

Hilary explicou que foi a única planta que conseguiram fazer crescer ali.

M.R. James

Embora o embaixador dos escritores britânicos de histórias de fantasmas, Montague Rhodes James (1862-1936), não fosse especialmente fã de *Drácula*, pois achava que “sofria em excesso”, aspectos de vampirismo surgiam de vez em quando em seus contos, principalmente “Count Magnus” e “An Episode of Cathedral History” [Um episódio da Catedral Histórica]. Uma variação tardia do tema estava evidente em “O poço das lamentações”, escrito para a tropa de escoteiros de Eton College (James se tornou reitor de Eton em 1918) e lido diante da fogueira do acampamento em Worbarrow Bay, em agosto de 1927, “resultando em que muitos meninos tivessem uma noite perturbada, pois o cenário da história era bem próximo ao do acampamento”.

O POÇO DAS LAMENTAÇÕES

NO ANO DE 19— havia dois membros da Tropa de Escoteiros vinculada a uma famosa escola chamados, respectivamente, Arthur Wilcox e Stanley Judkins. Tinham a mesma idade, residiam na mesma casa, eram da mesma divisão e, naturalmente, eram membros da mesma patrulha. Eram tão semelhantes na aparência que causavam ansiedade e confusão, e até mesmo irritação, aos mestres que tinham contato com os meninos. Ah, mas como eram diferentes por dentro, ah, sim!

Foi para Arthur Wilcox que o reitor disse, olhando para cima com um sorriso conforme o menino entrou no escritório dele:

— Ora, Wilcox, teremos um déficit nos fundos para os prêmios se você ficar por aqui muito tempo! Aqui, aceite este exemplar com bela encadernação de *Life and Works of Bishop Ken*, e com meus sinceros parabéns a você e a seus excelentes pais.

Foi Wilcox, novamente, em quem o reitor reparou ao passar pelos campos de atividades físicas e, ao parar por um momento, observou para o vice-reitor:

— Aquele garoto tem uma testa notável!

— Tem mesmo — respondeu o vice-reitor. — Significa genialidade ou água no cérebro.

Como escoteiro, Wilcox conseguia todos os distintivos e as honras pelos quais competia. O Distintivo de Cozinheiro, o Distintivo de Cartografia, o Distintivo de Salvamento, o distintivo por recolher pedaços de jornal, o distintivo por não bater a porta ao deixar uma sala de estudos, entre outros. Sobre o Distintivo de Salvamento eu posso ter algo a dizer quando chegarmos à descrição de Stanley Judkins.

Não se pode ficar surpreso ao ouvir que o sr. Hope Jones acrescentou um verso especial a cada uma das músicas em honra de Arthur Wilcox, ou que o diretor-substituto caiu em lágrimas ao lhe entregar a Medalha da Boa Conduta na linda caixa cor vinho: a medalha que fora para ele por voto unânime do oitavo ano. Eu disse unânime? Estou enganado. Houve um

dissidente, Judkins caçula, que disse que tinha excelentes motivos para agir de tal forma. Ele compartilhava, ao que parece, um quarto com seu irmão mais velho. Não se pode, novamente, se espantar com o fato de que, nos anos que se seguiram, Arthur Wilcox foi o primeiro, e até então o único menino, a se tornar capitão tanto da escola quanto dos residentes externos, ou que a carga de executar os deveres das duas posições, mais as tarefas normais da escola, foi tão severa que um repouso total de seis meses, seguido por uma viagem ao redor do mundo, foram declarados como necessidades absolutas pelo médico da família.

Seria uma tarefa agradável acompanhar os passos que o levaram a obter a suma proeminência que agora possui, mas, por enquanto, chega de Arthur Wilcox. O tempo urge e precisamos nos voltar para um assunto muito diferente, a carreira de Stanley Judkins — o mais velho dos irmãos Judkins.

Stanley Judkins, como Arthur Wilcox, atraía a atenção das autoridades, mas de uma forma bastante diferente. Foi para ele que o diretor-substituto disse, sem dar um sorriso alegre:

— Ora, de novo, Judkins? Não precisa persistir muito neste código de conduta, meu menino, para ter motivos para se arrepender de ter entrado nessa academia. Aqui, leve isto, e isto, e considere-se muito sortudo por não levar isso e isso!

Foi Judkins, novamente, em quem o reitor reparou conforme passava pelos campos de atividades físicas, quando uma bola de críquete o acertou com força considerável no tornozelo e uma voz não muito longe gritou:

— Obrigado, jogue de volta!

— Eu acho que aquele menino deveria pegar a bola de críquete por conta própria! — disse o reitor, parando por um momento para esfregar o tornozelo.

— Sim, de fato — concordou o vice-reitor — e, se chegar perto, farei o melhor para dar outra coisa a ele.

Como escoteiro, Stanley Judkins não conseguiu distintivos, exceto aqueles que conseguiu roubar dos membros de outras patrulhas. Na competição de culinária, foi descoberto tentando colocar rojões dentro do forno dos competidores ao lado. Na competição de costura, conseguiu costurar dois meninos muito firmemente, com um efeito desastroso quando eles tentaram se levantar. Para o Distintivo de Organização, ele foi desqualificado, pois durante as atividades escolares do meio do verão, não conseguiu ser dissuadido de mergulhar os dedos no nanquim: como ele disse, pelo frescor.

Para um pedaço de papel que pegava, devia soltar pelo menos seis cascas de banana ou de laranja. Mulheres de idade, ao verem Judkins se aproximando, imploravam em lágrimas para que o menino não carregasse os baldes d'água delas para o outro lado da rua. Sabiam muito bem qual seria o resultado inevitável. Mas foi na competição de salvamento que a conduta de Stanley Judkins foi mais reprovável e teve os efeitos mais severos. A prática, como sabem, era jogar um menino escolhido de uma série inferior, de dimensões adequadas, completamente vestido, com as mãos e os pés atados, na parte mais profunda da represa Cuckoo e contar o tempo do escoteiro cuja vez fosse a de salvá-lo. Em todas as ocasiões em que se inscrevia nessa competição, Stanley Judkins era tomado, no momento crítico, por um ataque severo de câibras, o que o fazia rolar no chão e emitir gritos alarmantes. Isso distraía a atenção dos presentes em relação ao menino na água, e não fosse pela presença de Arthur Wilcox, a taxa de mortes seria grande. Dessa forma, o diretor-substituto achava necessário ser firme e declarar que a competição deveria ser cancelada. Fora em vão que o sr. Beasley Robinson insistira que em cinco competições apenas quatro dos meninos das séries mais baixas tinham, de fato, sucumbido. O diretor-substituto disse que estava longe dele querer interferir com o trabalho dos escoteiros, mas que três daqueles meninos tinham sido membros valiosos do coral, e tanto ele quando o dr. Ley sentiam que o inconveniente causado pelas perdas superava as vantagens das competições. Além do mais, a correspondência com os pais dos meninos tinha se tornado irritante, e até mesmo estressante — não estavam mais satisfeitos com o formulário impresso que o diretor-substituto mandava —, e mais de um dos pais tinha visitado Eton e tomado muito do valioso tempo do substituto com queixas. Então, a competição de salvamento se tornara algo do passado.

Em suma, Stanley Judkins não tinha valor para os escoteiros, e falou-se em mais de uma ocasião em informá-lo que seus serviços não eram mais requisitados. Essa solução era fortemente defendida pelo sr. Lambart, mas, no fim das contas, soluções mais brandas prevaleciam, e ficava decidido dar a Judkins uma nova chance.

DESSA FORMA, nós o encontramos no início das férias do meio do verão de 19 — no acampamento dos escoteiros do lindo distrito de W (ou X) no país D (ou Y).

Era uma linda manhã, e Stanley Judkins e um ou dois amigos — pois ele tinha amigos — estavam deitados tomando sol no alto da colina. Stanley estava deitado de barriga pra baixo, com o queixo apoiado nas mãos, olhando para longe.

— Imagino o que seja aquele lugar — disse ele.

— Que lugar? — perguntou um dos outros.

— Aquele aglomerado no meio do campo ali abaixo.

— Oh, ah! Como eu deveria saber o que é?

— Por que quer saber? — quis saber outro.

— Não sei: gosto da aparência. Como se chama? Ninguém tem um mapa? — disse Stanley. — E se chamam de escoteiros!

— Aqui está um mapa — disse Wilfred Pipsqueak, sempre equipado —, e o lugar está marcado. Mas está dentro do círculo vermelho. Não podemos ir até lá.

— Quem se importa com o círculo vermelho? — respondeu Stanley. — Mas não tem nome no seu mapa bobo.

— Bem, pode perguntar a esse velho sujeito como se chama, se está tão determinado a descobrir. — “Esse velho sujeito” era um velho pastor que se aproximara e estava atrás dos meninos.

— Bom dia, jovens — disse ele —, um belo dia para seus afazeres, não é?

— Sim, obrigado — respondeu Algernon de Montmorency, com a educação nativa. — Pode nos dizer como se chama aquele aglomerado ali? E o que há dentro dele?

— Claro que posso dizer — respondeu o pastor. — Aquele é o “poço das lamentações”, isso mesmo. Mas não tem que se preocupar com isso.

— É um poço que há ali? — disse Algernon. — Quem o usa?

O pastor gargalhou.

— Ora — disse ele —, não há homem ou ovelha por estas partes que use o “poço das lamentações”, e não o fizeram durante todos os anos em que morei aqui.

— Bem, esse recorde será quebrado hoje — replicou Stanley Judkins —, porque vou pegar uma água dele para o chá!

— Pelos céus, jovem cavalheiro! — exclamou o pastor, com a voz de espanto. — Não fale assim! Ora, seus mestres não lhe avisaram para que não passassem por lá? Devem ter avisado.

— Sim, avisaram — respondeu Wilfred Pipsqueak.

— Cale a boca, seu burro! — brigou Stanley Judkins. — Qual é o problema com o poço? A água não é boa? De toda forma, se fosse fervida ficaria boa.

— Não sei se há algo de errado com a água — falou o pastor. — Só sei que meu velho cão não chegava perto daquele campo, e muito menos eu ou qualquer um que tivesse um pinga de cérebro na cabeça.

— Mais tolos eles — replicou Stanley Judkins, de imediato, com grosseria e sem precisão gramatical. — Quem se feriu indo até lá?

— Três mulheres e um homem — respondeu o pastor, em tom severo. — Agora, ouçam bem. Conheço essas partes de cá e vocês não, e posso dizer isto: nos últimos dez anos nenhuma ovelha se alimentou naquele campo, e plantação alguma cresceu nele, e a terra é boa. Podem muito bem ver daqui o estado que está com arbustos espinhentos, e brotos e lixo de todo tipo. *Você* está de óculos, jovem cavalheiro — disse ele a Wilfred Pipsqueak —, consegue ver eles.

— Sim — falou Wilfred —, mas vejo que há trilhas. Alguém deve passar por ali às vezes.

— Trilhas! — disse o pastor. — Acredito em você! Quatro trilhas: três mulheres e um homem.

— O que quer dizer com três mulheres e um homem? — indagou Stanley, virando-se pela primeira vez e olhando para o pastor (ele estava falando de costas para Stanley até então: era um menino malcriado).

— O que quero dizer? Ora, o que digo: três mulheres e um homem.

— Quem são eles? — perguntou Algernon. — Por que vão até lá?

— Alguns talvez pudessem perguntar quem *eram* — respondeu o pastor —, mas foi antes do meu tempo que encontraram seu fim. E por que vão até lá é mais do que os filhos dos homens podem dizer: exceto que ouvi que eram todos maus quando estavam vivos.

— Por George, que coisa esquisita! — murmuraram Algernon e Wilfred, mas Stanley estava debochado e emburrado.

— Ora, não está dizendo que estão mortos? Que besteira! Devem ser todos tolos por acreditarem nisso. Quem já os viu, eu gostaria de saber?

— *Eu* já os vi, jovem cavalheiro! — disse o pastor. — Vi de perto daquela parte da colina: e meu velho cão, se pudesse falar, diria que os viu no mesmo momento. Era quase quatro horas do dia, bastante parecido com o de hoje. Eu os vi, cada um deles, sair de fininho dos arbustos e ficar de pé e seguir devagar pelas trilhas na direção das árvores no meio, onde está o poço.

— E como eles eram? Conte! — disseram Algernon e Wilfred, ansiosos.

— Retalhos e ossos, jovens cavalheiros: todos os quatro. Retalhos flutuando e ossos brancos. Parecia que eu podia ouvir os estalos conforme eles se moviam. Muito devagar seguiam, e olhando de um lado para o outro.

— Como eram os rostos deles? Você conseguiu ver?

— Não tinham muito que se podia chamar de rosto — falou o pastor —, mas consegui ver que tinham dentes.

— Senhor! — exclamou Wilfred. — E o que fizeram quando chegaram até as árvores?

— Não sei dizer, senhor — respondeu o pastor. — Não ia ficar naquele lugar e, se tivesse ficado, acabaria olhando para meu velho cão: ele se fora! Tal coisa nunca tinha feito antes, me deixar, mas deixou e, quando o encontrei, estava naquele estado como se não me conhecesse, e pronto para pular no meu pescoço. Mas fiquei falando com ele e depois de um tempo lembrou de minha voz e veio rastejando como uma criança pedindo perdão. Nunca mais quero vê-lo daquele jeito, e nem qualquer outro cão.

O cão, que tinha se aproximado e estava fazendo amizades, olhou para o mestre e expressou concordância total com o que o pastor dizia.

Os meninos pensaram por um momento no que tinham ouvido. Depois, Wilfred falou:

— E por que se chama “poço das lamentações”?

— Se estivesse aqui no pôr do sol de uma noite de inverno, não iria querer saber por quê. — Foi a resposta do pastor.

— Bem, não acredito em uma palavra — respondeu Stanley Judkins —, e vou até lá na próxima chance que tiver. Uma pinoia que não vou!

— Então, não seguirá minhas ordens? — falou o pastor. — Nem de seus mestres que os avisaram? Vamos lá, jovem cavalheiro, não lhe falta razão, eu suporia. O que eu ganharia contando um monte de mentiras? Não há nada de valor para mim naquele campo, mas não gostaria de ver um jovem sujeito como você morto na flor da idade.

— Acho que há algo de muito valor para você lá — retrucou Stanley. — Acho que tem uma destilaria de uísque ou algo assim por lá, e quer manter os outros longe. Tudo besteira. Vamos voltar, garotos.

Eles se viraram. Os outros dois disseram ao pastor:

— Boa noite. — E também: — Obrigado.

Mas Stanley não disse nada. O pastor gesticulou com os ombros e ficou onde estava, olhando os meninos com tristeza.

No caminho de volta para o acampamento, houve uma grande discussão sobre a coisa toda, e Stanley ouviu o mais diretamente possível que tipo de tolo seria se fosse até o “poço das lamentações”.

Naquela noite, entre outros avisos, o sr. Beasley Robinson perguntou se todos os mapas tinham o círculo vermelho marcado.

— Fiquem atentos — disse ele — para não ultrapassar o círculo.

Diversas vozes — entre elas a voz emburrada de Stanley Judkins — disseram:

— Por que não, senhor?

— Porque não — respondeu o sr. Beasley Robinson — e, se isso não basta, não posso ajudar. — Ele se virou e falou com o sr. Lambart em voz baixa, depois disse: — Explicarei o seguinte: fomos pedidos para avisar os escoteiros a respeito daquele campo. É muita bondade do povo nos deixar acampar aqui, e o mínimo que podemos fazer é obedecer. Tenho certeza de que concordam.

Todos disseram:

— Sim, senhor! — Exceto Stanley Judkins, o qual se ouviu murmurar: — Obediência a eles uma pinoia!

NO INÍCIO da tarde do dia seguinte, o diálogo a seguir foi ouvido:

— Wilcox, todos da sua tenda estão aí?

— Não, senhor, Judkins não está!

— Aquele garoto é o incômodo mais infernal que já foi inventado! Onde acha que está?

— Não faço ideia, senhor.

— Mais alguém sabe?

— Senhor, me pergunto se ele não foi até o “poço das lamentações”.

— Quem disse isso? Pipsqueak? O que é o Poço das Lamentações.

— Senhor, é aquele lugar no campo perto... bem, senhor, é em um aglomerado de árvores em um campo de arbustos.

— Quer dizer que fica dentro do círculo vermelho? Pelos céus! O que o faz pensar que ele tenha ido até lá?

— Bem, estava terrivelmente ansioso para saber a respeito ontem, e estávamos falando com um pastor, e ele nos contou muito a respeito e nos aconselhou a não ir até lá, mas Judkins não acreditou no homem e disse que pretendia ir.

— Jovem asno! — disse o sr. Hope Jones. — Levou algo consigo?

— Sim, acho que levou um pouco de corda e uma lata. Dissemos que ele seria um tolo se fosse.

— Pequeno selvagem! Como, diabo, ousa assaltar nossos estoques dessa forma! Bem, vamos lá vocês três, precisamos ir atrás dele. Por que as pessoas não conseguem obedecer às ordens mais simples? O que o homem lhes disse? Não, não se demore, conte no caminho.

E lá se foram — Algernon e Wilfred falando rapidamente e os outros dois ouvindo com preocupação. Por fim, chegaram naquela elevação da colina que dava para o campo do qual o pastor falara no dia anterior. A vista abarcava o lugar por completo. O poço dentro do aglomerado de abetos curvados e retorcidos estava visível, assim como as quatro trilhas que se curvavam entre os arbustos espinhentos e densos.

Fazia um belo dia de calor brando. O mar parecia um piso de metal. Não havia sopro do vento. Estavam todos exaustos quando chegaram ao topo, então desabaram na grama quente.

— Nenhum sinal dele ainda — disse o sr. Hope Jones —, mas precisamos parar aqui um pouco. Vocês estão exaustos, e eu também. Fiquem de olhos abertos. Acho que vi os arbustos se mexerem.

— Sim — falou Wilcox —, eu também. Olhem... não, não pode ser ele. Mas é alguém, levantando a cabeça, não é?

— Achei que fosse, mas não tenho certeza.

Silêncio por um momento.

— É ele sim, com certeza — falou Wilcox —, subindo pela sebe na ponta mais afastada. Não estão vendo? Com uma coisa brilhante. É a lata que ele falou que tinha.

— Sim, é ele, e está seguindo direto para as árvores — respondeu Wilfred. Naquele momento, Algernon, que estava olhando com atenção total, deu um grito.

— O que é aquilo na trilha? De quatro... Ah, é a mulher. Ah, não me deixem olhar para ela! Não deixem que isso aconteça! — E ele rolou para o lado, agarrando-se à grama e tentando enterrar a cabeça nela.

— Pare com isso! — disse o sr. Hope Jones, em voz alta, mas foi inútil. — Prestem atenção! Preciso descer até lá. Você fique parado aqui, Wilfred, e vigie aquele menino. Wilcox, corra o mais rápido possível para o acampamento e busque ajuda.

Eles saíram correndo, os dois. Wilfred ficou sozinho com Algernon e fez o possível para acalmá-lo, mas, de fato, não ficou muito feliz também. De vez

em quando, olhava para baixo da colina, na direção do campo. Viu o sr. Hope Jones se aproximando a passos rápidos e então, para sua grande surpresa, viu o homem parar, olhar para cima e em volta, se virar rapidamente e desviar do caminho! Qual poderia ser o motivo? Wilfred olhou para o campo e viu uma figura terrível — algo vestindo retalhos pretos — com trechos brancos escapulindo pela roupa: a cabeça, apoiada em um pescoço longo e fino, meio oculta por um tipo de chapéu sem forma e escurecido. A criatura gesticulava com braços finos na direção do salvador que se aproximava, como se para mantê-lo afastado. Entre as duas figuras, o ar parecia estremecer e brilhar de uma forma que Wilfred jamais vira. E conforme olhava, ele mesmo começou a sentir algo como uma ondulação ou confusão na cabeça, o que o fez ponderar qual seria o efeito em alguém mais próximo da influência daquilo. Ele afastou o rosto e viu Stanley Judkins abrindo caminho bem rapidamente na direção do aglomerado, e da forma certa dos escoteiros: pisando com o cuidado de não tocar galhos frágeis ou ser pego por braços de galhos. Embora Wilfred não visse nada, suspeitava de algum tipo de emboscada e estava tentando se aproximar sem fazer barulho. Wilfred viu tudo aquilo, e viu mais também. Com um pesar súbito no coração, viu alguém entre as árvores, esperando. E então mais alguém — outra das terríveis figuras pretas — seguindo pela trilha do outro lado do campo, olhando de um lado para o outro, como o pastor descrevera. Pior de tudo, ele viu uma quarta figura — sem dúvida um homem — saindo dos arbustos alguns metros atrás do pobre Stanley e, dolorosamente, ao que parecia, rastejando para a trilha. Por todos os lados, a miserável vítima estava encurralada.

Wilfred estava com os nervos à toda. Ele correu até Algernon e sacudiu o amigo.

— Levante-se — disse ele. — Grite! Grite o mais alto que conseguir. Ah, se tivéssemos um apito!

Algernon se recompôs.

— Ali está um — falou ele —, o de Wilcox. Deve ter deixado cair.

Então, um menino apitou, o outro gritou. No ar quieto, o som foi levado. Stanley ouviu, parou e se virou. De fato, um grito foi ouvido mais lancinante e pavoroso do que qualquer um que os meninos na colina pudessem dar. Era tarde demais. A figura agachada atrás de Stanley avançou nele e o agarrou pela cintura. Aquela horrível coisa que estava de pé gesticulando com os braços gesticulou novamente, mas agora exultante. Aquela que espreitava entre as árvores se arrastou até a gente e também esticou os braços como se

para agarrar algo que vinha em sua direção. Outra, mais afastada, apressou o passo e se aproximou, acenando alegremente. Os meninos observaram tudo em um instante de silêncio terrível e mal conseguiram respirar ao observar a terrível luta entre o homem e sua vítima. Stanley golpeou com a lata, a única arma que tinha. A aba de um chapéu preto quebrado caiu da cabeça da criatura e exibiu um crânio branco com manchas que podiam ser fiapos de cabelo. Àquela altura, uma das mulheres tinha chegado aos dois e estava puxando a corda que estava enroscada em torno do pescoço de Stanley. Entre elas, as criaturas o sobrepujaram em um segundo. Os gritos terríveis cessaram e as três criaturas passaram para o círculo do aglomerado de abetos.

Porém, por um momento, parecia que o resgate poderia vir. O sr. Hope Jones, dando passadas rápidas, parou, se virou, pareceu esfregar os olhos e começou a correr *na direção* do campo. Mais: os meninos olharam para trás e viram não apenas uma tropa de figuras do acampamento se aproximando no alto da colina seguinte, mas também o pastor correndo para cima da encosta da colina em que estavam. Eles chamaram, gritaram, correram alguns metros na direção dele, e depois voltaram. O pastor acertou o passo.

Mais uma vez, os meninos olharam na direção do campo. Não havia nada. Ou melhor, havia algo entre as árvores? Por que havia uma névoa entre as árvores? O sr. Hope Jones tinha passado pela sebe e mergulhava entre os arbustos.

O pastor ficou ao lado de Wilfred e Algernon, ofegante. Os dois correram até ele e se agarraram aos braços do homem.

— Elas o pegaram! Nas árvores! — Foi tudo o que conseguiam dizer, diversas e diversas vezes.

— O quê? Estão me dizendo que ele foi até lá depois de tudo que contei ontem? Pobre jovenzinho! Pobre jovenzinho! — O pastor teria dito mais, mas outras vozes interromperam. Os salvadores do acampamento tinham chegado. Depois de algumas palavras breves, todos dispararam pela colina.

Tinham acabado de entrar no campo quando encontraram o sr. Hope Jones. Por cima do ombro dele, estava o cadáver de Stanley Judkins. O homem o cortara do galho no qual encontrara o menino pendurado, oscilando de um lado para outro. Não havia uma gota de sangue no corpo.

No dia seguinte, o sr. Hope Jones saiu com um machado e com a intenção expressa de cortar todas as árvores do aglomerado e de queimar cada arbusto do campo. Ele voltou com um corte feio na perna e o cabo do machado

quebrado. Não conseguiu acender uma faísca de fogo e em árvore alguma conseguiu deixar a mínima impressão.

Ouvi falar que a população atual do campo do “poço das lamentações” consiste em três mulheres, um homem e um menino.

O choque vivenciado por Algernon de Montmorency e Wilfred Pipsqueak foi severo. Ambos deixaram o acampamento imediatamente; e o ocorrido sem dúvida deixou um pesar — embora passageiro — sobre os que ficaram. Um dos primeiros a recuperar a alegria foi Judkins caçula.

E esta, cavalheiros, é a história da carreira de Stanley Judkins, e de uma parte da carreira de Arthur Wilcox. Creio que jamais tenha sido contada. Se tem uma moral, ela é, acredito, óbvia — se não tem nenhuma, não posso fazer nada.

Barry Pain

Barry Eric Odell Pain (1864-1928) nasceu em Cambridge e foi educado nas Sedbergh School e Corpus Christi College, em Cambridge. Aos 25 anos, seu conto “The Hundred Gates” [Os mil portões] foi aceito para publicação na *Cornhill Magazine*, e logo em seguida ele se tornou um contribuidor regular para *Punch* e *The Speaker*. Durante as quatro décadas seguintes, esse prolífico autor produziu uma profusão de ensaios e artigos para jornal, assim como escreveu romances, contos e poemas, em geral com tom levemente humorado e satírico. O humor era, no entanto, apenas um aspecto da produção diversa de Pain. Ele também escreveu contos de teor sombrio e macabro, entre os quais são notáveis “The Moon Slave” [O escravo da lua] e “The Undying Thing” [A coisa imortal]. Seu romance mais popular com um elemento sobrenatural é *An Exchange of Souls* [Troca de almas] (1911), que recebe o crédito de ter inspirado H.P. Lovecraft a escrever seu clássico “A coisa na soleira da porta” para a revista *Weird Tales*. A história que se segue, que retrata um vampiro arbóreo, apareceu originalmente em uma coletânea póstuma, *Short Stories of Today and Yesterday* [Contos de hoje e de ontem] (1928), mas foi provavelmente escrita muito antes.

A ÁRVORE DA MORTE

I

NO FRIO DA NOITE, eu sempre a via. Ela vinha do rio com as outras mulheres. Era um grande momento quando ela, que tinha passado o dia todo no meu coração, surgia diante de meus olhos. Às vezes, logo se perdia, ia para a casa do pai. Às vezes, se agachava com as outras à parede de uma cabana marrom para ouvir o velho contador de histórias, e era maravilhoso ver aquela história refletida nos olhos dela conforme ouvia, como a imagem de uma palmeira num rio profundo. Às vezes, ela até mesmo passava andando por mim e falava comigo, e aquelas noites seriam lembradas por muito tempo com êxtase e pesar.

Um dia fui ao contador de histórias. Ele tinha a pele escura e não era de nossa raça, viera de um país longínquo e viajara por muitos meses pelo rio. Alguns diziam que tinha fugido para se salvar.

— Esta noite — disse eu a ele — suplico que saia e nos conte suas histórias.

Ele gesticulou para mim em recusa, dizendo que não o faria. Porém, quando mostrei o presente que tinha levado para ele, o contador de histórias consentiu. Eu o fiz porque meus olhos doíam por vê-la, e eu não suportaria se naquela noite ela passasse por mim rapidamente.

E quando o negro começou a desenhar com o cajado na areia, e a contar histórias daquele país distante de onde viera, ela estava entre aqueles reunidos para ouvir. Olhei para ela como alguém torturado pela sede que vê de muito longe a água que beberia.

Ele nos contou sobre uma árvore chamada de árvore da morte. Disse que a semente era como prata reluzente de se olhar, e do tamanho do punho de um homem. Se alguém a colocasse na terra, durante dois anos nada surgiria, e então viria o milagre, pois entre o alvorecer e o pôr do sol, a árvore chegaria à maturidade total, crescendo com rapidez incrível até duas vezes a altura de um homem, e morreria de novo. E, durante essas curtas horas de vida, tal

árvore buscava beber o sangue de um homem, emanando uma forte fragrância que trazia o sono e a morte, e prendendo a vítima com longas e retorcidas gavinhas. E cada gavinha estava coberta de bocas para sucção, como a boca de uma sanguessuga.

Então ele nos contou a história de uma mulher sem fé e da vingança tardia de um homem. Secretamente, à noite, o homem plantou a semente da árvore da morte no jardim do amante de sua esposa. Mas quando, em dois anos, a árvore nasceu, matou a mulher pela qual o amante abandonara a esposa do primeiro. O corpo branco foi encontrado pela manhã, sepultado sob a morte e decadente ruína da árvore, e, além disso, foram encontradas as três sementes prateadas que a árvore tinha produzido.

— E, em toda a Terra — disse o homem —, restam apenas essas três sementes. Por a árvore ser tão maligna, aquelas sementes ainda não foram plantadas. — Por duas vezes, o contador de histórias exibiu os dedos das duas mãos e os dobrou de novo. — Sim, vinte vezes desde então o rio encheu e secou. E por mais cinco anos a semente prateada deve ser guardada e vigiada. E então, o poder da vida, que é o poder do mal, terá abandonado aquelas sementes e elas serão brinquedos inofensivos, e nunca mais homem ou mulher testemunharão a grandiosa magia da árvore da morte.

Relato a história dele em poucas palavras. Ele contou em muitas, tornando-a um quadro vivo, de forma que parecíamos todos ver conforme acontecia e ouvir as exatas palavras que eram ditas. E, durante todo o tempo, meus olhos estavam fixos na mulher que eu amava em vão. Ela estava hipnotizada, respirando profundamente, e seus dedos rasgavam em pedaços as flores e o hibisco escarlate que levava, as pétalas caíam na areia como gotas de sangue. O pôr do sol também estava vermelho-sangue naquela noite.

Quando ele terminou de falar, ouvimos um chacal muito longe no deserto. Então, um menino, rindo, disse que o homem dizia muitas mentiras.

— Filho de um cão, eu não minto — respondeu o homem, com uma fúria repentina. — Eu conto o que vi e sei. Nesta mão, nesta mesmíssima mão, segurei a semente prateada da árvore da vida. Sim, sim. — Ele se levantou e ficou parado de pé, e baixou a voz até um sussurro. — Pois não fui eu mesmo quem plantou a semente no jardim do amante de minha mulher?

Ficamos todos em silêncio, e ele se virou e foi embora. E depois, pela primeira vez naquela tarde, a mulher me viu e fez um gesto com a mão para mim. Então, eu a segui até a margem do rio, e lá nos sentamos por um instante e conversamos sob a luz de uma linda lua.

II

— VOCÊ ME ELOGIA e diz que sou muito bonita — disse ela. — Pode ser e pode não ser verdade, mas é agradável ouvir. Traz muitos presentes para a casa de meu pai, e, de novo, é agradável receber presentes. Acho que pagou o velho contador de histórias, pois ele obviamente mostrou mais respeito a você do que aos outros. E essa é a melhor parte, pois um dia é como o outro, e seguimos continuamente no mesmo círculo, como o boi de olhos vendados que puxa a água do jardim. E, ao ouvir histórias, vivemos muitas vidas e estamos sempre mudando. Mas então... então você declara seu amor por mim, e aceitaria que eu lhe desse o meu. Como alguém pode dar o que não tem? Outros também falam de amor para mim e recebem a mesma resposta. Pode ser que ainda seja muito jovem, pois sou muito jovem, e um dia o fogo queime em mim, mas agora, quando você fala em amor, é como se eu olhasse para as palavras de um escriba e não tivesse habilidade para lê-las. E, no entanto, no entanto, há algo que eu diria.

— Continue. Sua voz é doce de ouvir.

— É sobre a história que ouvimos. Acho que há verdade nela, mesmo que não seja inteiramente verdadeira. Direi o seguinte, e não falei a mais ninguém sobre isso. Há dois anos, uma senhora estava morrendo em casa, e aqueles que deveriam cuidar dela fugiram de medo. Eu levei água para ela, do rio. A senhora bebeu, sedenta, pois a febre a tomava. Então, a mulher me pediu para despejar um pouco da água na palma fechada de minha mão esquerda e mantê-la ali, para que ela pudesse olhar. A senhora olhou por muito tempo, tanto que minha mão tremeu. Então, ela disse palavras de que jamais me esqueci e que jamais repeti até agora. Estas são as palavras: “Os olhos dos mortos viram além, e como eu digo será. O objeto de seu amor virá até você levando na mão uma bola que não é de prata, mas da cor da prata, e naquela bola haverá vida e morte.”

“Esta noite eu soube que a bola deve ser a semente da árvore da morte. Não sei onde ela está. O velho disse que era vigiada. Pode ser que seja preciso sair em uma longa e perigosa jornada, e que sangue precise ser derramado, e que um preço alto precise ser pago. Mas isto eu sei: no dia em que você vier até mim segurando na mão uma semente da árvore da morte, me encherei tanto de amor por você que minha cabeça oscilará para baixo e meus olhos se fecharão, e meu corpo e minha alma serão seus.”

E, com uma voz que ficara subitamente rouca, respondi:

— E não contou a mais ninguém sobre isso?

— Não foi o que eu disse? E também, se jurar que trará para mim a semente prateada, não contarei a mais ninguém até que fique claro que você tenha fracassado. Escolhi você por muitos motivos. É gentil e, quando minha beleza se for e você deixar de me amar, não começará a me bater. Não é tão rico quanto alguns daqueles me procuram, mas também não guarda sua riqueza com a mão tão fechada quanto eles. Também pagou o contador de histórias para minha alegria, não pagou?

— Para sua alegria e pela alegria de meus olhos sobre você.

— É como pensei. E sem isso, talvez eu jamais tivesse ouvido falar da árvore da vida ou compreendido o segredo de meu futuro. E embora agora não o ame, nem um pouco, é o primeiro com quem falo. Mas se acha que é muito difícil ou que há muitos perigos, então...

— Ah, espere! — falei. — Acredite em mim, nem por um momento houve dúvida em minha mente. Se em algum lugar da Terra existe aquela semente prateada, juro que a encontrarei e trarei para você, e nada, exceto a morte, me impedirá.

— Isso basta. E quando a trará?

— Ainda não sei quanto tempo levará. Esperará por um ano, se for preciso?

— Sim, por um ano. Mas já vi o amor fugir como água. Se, quando segurar a semente em sua mão, não mais me amar, então não a traga até mim, ou trará com ela o pesar.

Apontei para o rio aos nossos pés.

— O rio corre eternamente — disse eu —, mas está sempre presente. Assim como meu amor por você.

E, quando nos despedimos, falei:

— Então deseja ter essa semente da árvore?

— Para mim, não passa de um sinal do destino. Se a trouxer, eu o amarei. Porém, se não estiver destinado, então outro a trará, e amarei a ele. Quanto à própria semente, como é maligna, será combustível para o fogo. Ou talvez — ela me olhou com determinação — eu a guarde até que não tenha mais poder de ferir, e poderá servir como brinquedo para as crianças que eu tiver.

Naquela noite dormi mal, meus pensamentos transitavam entre alegria e tristeza como uma bola passada entre as mãos dos jogadores. Era alegria ela ter falado comigo sentada próxima a mim, ter confiado a mim um segredo, ter me dado, por vontade própria, a chance de ganhar seu amor.

Era tristeza ela ainda não me amar e que, se eu fracasse na aventura, jamais me amaria, e amaria outro. Não, o homem dissera que havia três sementes da árvore da morte. Poderia acontecer de, se eu encontrasse uma, outro homem também encontrar outra, e ele, sendo mais rápido, ou tomando um caminho mais curto, poderia tirar de mim minha amada.

Além disso, embora nessa aventura eu pudesse arriscar tudo, se não estivesse destinado, fracassaria. E se estivesse destinado, então, embora permanecesse sentado em casa sem nada arriscar, uma mão invisível colocaria na minha a semente prateada da árvore. Então, retornei à sabedoria que é velha, e forte e cruel como a rocha de granito: aquilo que está escrito, está escrito, e o que será, será.

No entanto, que prazer poderia eu tirar de pó de ouro e de gemas, de rebanhos e terra fértil, se não tivesse aquela mulher? Sem ela, a própria vida era inútil. Então, estava determinado a arriscar tudo. Não tinha visto isso eu mesmo, e não ouvira falar em tantas histórias: que aquele que por vontade própria faz um grande sacrifício, no fim é recompensado?

III

Encontrei o velho homem negro, como esperava, deitado na cama, embora o sol tivesse nascido havia algumas horas. Ele estava sempre desocupado, embora ainda tivesse forças para trabalhar. Aqueles que, por acaso, ouviam as suas histórias, levavam pequenos presentes. Mas, se alguém encomendasse uma história, como eu tinha feito, então o presente era maior; e assim ele vivia.

E a princípio, quando entrei, vindo da forte luz do sol, a cabana parecia escura, mas logo enxerguei bem o homem e soube quem dera a ele o roupão que vestia e quem dera aqueles chinelos que estavam no chão ao seu lado.

E depois de nossas palavras de cumprimento, eu disse ao homem:

— Tenho em mente um assunto importante sobre o qual preciso falar com você, para o qual desejo sua ajuda. Se puder me ajudar, em troca, darei muitos presentes riquíssimos. Venha até meu jardim, onde podemos conversar em particular, e há sombra agradável, e os frutos do ano passado ainda pendem de minha laranjeira.

Então o homem disse, com cortesia, que eu sem dúvida tinha ascendência divina e que ele estava às minhas ordens. E, ao se levantar da cama, o homem calçou os chinelos e veio se arrastando atrás de mim.

Sentado sob a laranjeira, ele bebia do café que eu tinha lhe servido, mas as laranjas que dei, o homem envolveu em uma dobra do roupão para outra hora.

— Ontem à noite — falei —, você nos contou sobre a árvore da morte.

— E por esse motivo — respondeu o homem — uma mulher me trouxe essa manhã pão e café, mas o café não era bom como esse.

— Ela era linda?

— Era uma canção de amor, mas, infelizmente, sou velho agora. Depois que comi e bebi, saí e encontrei aquele filho de um cão que disse que eu havia mentido, e bati nele com meu chinelo até que o menino uivou, pois eu havia contado sobre coisas que já foram e que ainda são. Verdade, também tenho histórias de coisas que podem ser, e essas são mais belas. Mas e daí? Podem os jovens insultar os velhos? Mas o assunto para o qual precisa de minha ajuda, peço que me conte.

— Vou procurar uma das três sementes prateadas da árvore da morte, pois sem ela, minha vida e a riqueza que tenho não são nada. Preciso ter aquela semente. Pode me dizer até onde preciso ir e o que preciso fazer para obtê-la?

— Se um homem viajar com a máxima rapidez e sem jamais parar, pode fazer a jornada em quatro meses.

— Então em quatro meses eu a realizarei.

— Há perigos na estrada, ladrões e bestas perigosas.

— Não os temo. — E mostrei ao homem a adaga que levava.

— Mas chegará a um país onde o estranho é suspeito, e o lugar em que a semente prateada é mantida estranho algum pode entrar; e há três proteções: um círculo, dentro dele um segundo círculo, e dentro desse, um terceiro círculo. Pode manchar sua pele até que esteja escura como a minha, mas não pode falar a língua daquele povo e não conhece as maneiras deles. E se quisesse atingir seu objetivo pela violência, seria um homem contra uma legião de homens. Então, se for, duas coisas são certas. A primeira é que jamais sequer verá a semente prateada, e a segunda é que morrerá muito em breve.

— Não tem ajuda melhor para me dar do que essa?

— Pode haver outra forma. Disse com sinceridade que é um assunto importante. É um que deve ser considerado com longa reflexão. Se me

permitir, vou embora agora e ponderar a respeito. E amanhã, a esta hora, estarei de volta.

Então, dei a ele um presente e o deixei ir. O roupão estava curiosamente inchado com as tantas laranjas que ele carregava.

No dia seguinte, o homem voltou e falou:

— Há uma forma, e apenas uma. Pode trazer o que você procura, mas não é certo. Se aceitar, duas coisas serão necessárias. A primeira é que precisa confiar completamente em mim, mais do que a maioria dos homens confiaria nos irmãos. Segunda, o custo será grande, tanto que de todas as suas posses lhe restará pouco.

— Tem certeza de que essa é a única forma?

— É a única forma.

— Eu aceito. Conte-me.

— Não pode ir, mas posso ir por você. E também estou muito disposto a ir. Há vinte anos sou um estranho neste lugarejo, e meu país me chama. Conheço a língua do povo e todos os modos deles. Além disso, eu mesmo já fui da guarda mais interior do templo e sei de muito que está escondido da maioria dos homens de minha raça. Se há um homem na Terra que pode obter a semente da árvore da morte, esse homem sou eu. Mas preciso ser capaz de subornar homens, e são do tipo que um pequeno presente não os tentará.

— Quando retornará?

— No nono mês a partir do dia em que começar, você deve ter a semente prateada, ou de minha mão, ou da mão de um mensageiro confiável.

— Confiar em você, que eu pelo menos conheço, tudo bem. Devo também confiar em um mensageiro que não conheço?

— Pode fazê-lo sem medo, pois ele não receberá a metade final da recompensa até que tenha entregue a semente em suas mãos. Além disso, saberá que, se nos trair, a vida dele, e a vida daqueles que mais ama e que deixará para trás estarão perdidas.

— É uma longa jornada, e você é velho.

— Ainda tenho força, pois não gastei muita com trabalho demais. Além do mais, há dois que viajam com agilidade: o jovem que vai até a amada e o velho que retorna, enfim, ao país nativo.

— Não tem medo de ser roubada, já que carregará consigo muita riqueza.

— Se eu seguisse com uma caravana de camelos abastecidos, viajando como um mercador rico, então o perigo seria grande. Porém, minha riqueza estará escondida em um cinto preso ao corpo e parecerei um homem pobre.

Há de fato a chance de que a morte, de um jeito ou de outro, me leve, mas tanto você quanto eu sabemos que preciso arriscar.

— Como sabe que encontrará as sementes prateadas? Como se sabe que são malignas, não poderiam ter sido destruídas?

— Não, pois se sabe que o mal deve morrer sozinho, e que os que tentarem destruí-lo criarão um mal ainda pior que recairá sobre as cabeças deles.

— Quando você mesmo a plantou no jardim do amante de sua esposa, a semente estava, na época, guardada no templo? Se foi o caso, como conseguiu, então, entregar tais grandiosos presentes e obter a semente?

— O templo era triplamente guardado, e eu mesmo era um dos guardas do interior, mas a semente não estava nele então, e a natureza dela não era conhecida, exceto por mim, até dois anos depois que eu a plantei. Obtive aquela semente de outro jeito, e suplico para que não me pergunte, pois foi vergonhoso para mim.

Muitas outras perguntas eu fiz ao homem, e para todas ele deu pronta resposta. Porém, não tive muito discernimento, minha mente estava cheia de pensamentos sobre minha amada. E fiz tudo como ele instruiu.

Então, por muitos dias, vendi minhas posses até que o homem dissesse:

— Basta.

Depois disso, viajei com ele por três dias até uma cidade em que havia um grande bazar, mas nossos negócios não eram com o bazar, e sim na casa dos principais mercadores, pois compramos diamantes, esmeraldas e pérolas. E entre as pérolas, havia duas que eram gêmeas, sendo iguais em tamanho e formato, peso e cor. Quando o homem guardou tal tesouro no cinto que usaria, deixou uma das pérolas gêmeas de fora e a colocou em minha mão, pedindo que eu a guardasse com o máximo cuidado.

— Pois — disse ele — sou um idoso, e é mais provável que escolha morrer na terra de meus pais. O mensageiro que enviarei com a semente prateada fará o grande juramento de meu povo, prometendo que não cometerá negligência, traição ou desobediência. Se algum homem fizer tal juramento e o quebrar, então em todo o mundo não há lugar para se esconder de vingança ágil e terrível. Por tal motivo, nenhum dos homens de meu povo faz esse juramento a não ser por uma grande recompensa.

— É justo.

— Por isso darei a ele uma das pérolas gêmeas quando partir. Quando chegar e colocar em suas mãos a semente prateada, você dará a ele a outra pérola. O homem retornará e me mostrará as duas pérolas, e esse será o sinal

de que cumpriu com o juramento, e terei por escrito a liberação dele. Então, o mensageiro venderá as pérolas e conseguirá uma mulher e uma casa, e eu mesmo poderei morrer em paz.

O homem encontrou um barco de vela marrom que subia o rio com um vento favorável até a cidade seguinte, carregando cana de açúcar. E depois de um pequeno pagamento ao dono do barco, ele se deitou na cana de açúcar e saiu de meu campo de vista. O dia todo o homem dormiria no barco, e à noite deixaria o barco e compraria um asno, ágil e de passos firmes, e trotaria a noite toda. Então prosseguiria, de uma forma ou de outra, tomando a melhor oportunidade oferecida, ou a que sua inteligência pudesse confeccionar, até que chegasse ao fim da jornada.

IV

NO DIA EM QUE o homem partiu, fiz meus cálculos. Minha casa e meu jardim murado me restavam, e havia mantimentos o suficiente para mais um mês. Todo o resto — rebanhos e terra fértil, e o tesouro que eu tinha de meu pai — foi transformado em pequenas pedras, e essas pedras eram carregadas para longe de mim em volta da barriga de um homem negro que eu jamais veria de novo. Dali há mais um mês, parecia que eu, que contratara outros para trabalhar para mim, deveria, eu mesmo, trabalhar por contrato.

Para a maioria dos homens, tais pensamentos seriam sombrios, e eles teriam rasgado as próprias roupas e amaldiçoado a própria loucura que lhes trouxera tanta ruína. Porém, para mim, era uma fonte de alegria.

— Agora, de fato — disse eu —, fiz voluntariamente um enorme sacrifício e, no fim, terei minha recompensa.

E naquela noite, como era de costume, esperei para ver minha amada voltar do rio. E quando ela passou por mim, fez um gesto para que eu esperasse. Depois de deixar a moringa na casa do pai, ela voltou até mim.

Era a primeira vez que falava comigo desde a noite em que ouvimos falar da árvore da morte e depois nos sentamos diante do rio juntos. De fato, eu poderia ter falado com ela, mas temia que, se a importunasse demais, perderia a predileção que tinha aos olhos dela.

— Nos últimos dias — disse minha amada —, ouvi muitas tolices sobre você e sobre o velho contador de histórias. Aqueles que sabem de algumas

coisas, mas não têm a chave delas, sempre adivinham errado. Mas eu tenho a chave. Gostaria de ouvir o que sei?

— Suas palavras são para mim a mais doce música.

— Alguns dizem que o homem foi contar histórias em outras aldeias, que por uma história ele pode receber muitos presentes. Outros dizem que foi visitar o próprio país, e ainda que saiu para avaliar alguma casa ou terra que você pretende comprar para substituir o que vendeu. De fato, ele se foi, e outro dormirá em sua cabana esta noite. É verdade que ele voltou para o próprio país, mas sei que ele foi buscar para você a semente prateada, embora tenha declarado para mim que iria você mesmo, mesmo que lhe custasse a vida, pois seu amor por mim era tão grandioso.

Então, contei a ela, explicando que estivera, de fato, disposto a ir, e por que não pôde ser daquela forma. E ela respondeu:

— Se um homem arrisca a vida por uma mulher, essa é a maior prova do valor que dá a ela. Mas se compra outro homem para arriscar a vida, demonstra sabedoria maior que o primeiro. No entanto, em outros aspectos não agiu com sabedoria, pois o velho pode morrer ou ser um ladrão. E, mesmo que ele viva e seja digno de confiança, pode fracassar em conseguir a semente prateada. Mesmo que a consiga, pode fracassar em entregá-la a você. Então, se sua loucura é do tamanho de seu amor por mim, ainda me sinto lisonjeada, mas com menor intensidade. Enquanto isso, não haverá ninguém para me contar uma história, para tornar a noite fria agradável para mim. Além do mais, aquilo que deu para me conquistar não pode dar novamente para me sustentar. E também, meu pai me deu um sermão, e...

Aqui ela parou e desenrugou a testa, então riu.

— Desconsidere tais palavras. Se estiver destinado para mim, com certeza o amarei muito. É este ar pesado que me faz dizer coisas amargas. E também não sou eu sozinha que estou inquieta devido a ele. O próprio rio está inquieto, agitando-se e debatendo-se, e há ódio no sol poente. Em algum lugar esta noite haverá devastação e grande desolação.

E nisso ela falava a verdade, pois, naquela noite, o terremoto chegou, me despertando de um sono profundo. Os abalos mal tocaram a cidade. Em minha casa, duas jarras se quebraram e senti a terra se mover sob mim. Três cabanas de barro foram derrubadas, em ruínas, de forma que houve muita oração e muitos gritos até que viesse o alvorecer.

Julguei que a força total do terremoto tivesse se dissipado no deserto, então, quando o alvorecer chegou, selei um asno e cavalguei para o deserto

para ver o que acontecera. E como o ar agora estava fresco e sereno, a viagem me foi agradável. E logo vi que a silhueta de uma grande rocha tinha mudado em relação a como era antes. Então cavalguei até ela e vi que a rocha tinha se partido, revelando a entrada de uma tumba.

Desci do asno e entrei por uma pequena brecha, mas estava escuro demais do lado de dentro para discernir alguma coisa. Voltei para casa e não contei o que vi, para que outros não se adiantassem a mim.

Naquela noite, enquanto a aldeia dormia e tudo estava em paz, de novo eu cavalguei, levando comigo uma espada e uma boa lanterna. E a noite toda passei naquela tumba.

Acho que era a tumba de alguém de sangue real. Tinha muitas câmaras com lindas pinturas nas paredes, que cobriam cada lado do corredor da entrada e, dali em diante, havia belos degraus largos que conduziam para baixo, mas um pouco cobertos de areia e fragmentos de rocha. Jamais vi tal tesouro — cálices e bandejas, anéis e estatuetas, todos do mais puro ouro. E havia também ornamentos de pedras preciosas.

Muito daquele tesouro enterrei naquela noite em outro local, marcando o lugar de forma que ninguém, exceto aquele que tinha feito a marca, fosse capaz de enxergar. E em muitas das noites que se seguiram, enterrei mais tesouros. Não tive ninguém para me ajudar, pois não podia confiar em ninguém.

Então, mais uma vez, foi necessário que eu retornasse àquela grandiosa cidade. À noite, carreguei dois camelos com tesouros, escondendo de forma que parecesse que só levavam forragem. E mesmo então, viajei com muito medo, com a adaga sempre pronta à mão e incitando os camelos à velocidade máxima deles.

Porém estava escrito que eu deveria chegar em segurança. Fui bem-recebido nas casas dos principais mercadores com os quais tinha negociado antes e dispus do tesouro.

Dessa forma, por acaso, tudo do que abria mão para que pudesse ter a semente prateada e, portanto, o coração de minha amada, me foi novamente restaurado, e a princípio fiquei muito contente.

Mas depois meus olhos se abriram e, com grande angústia, vi o que recaíra sobre mim, pois por livre vontade eu fizera o sacrifício e não fora aceito — e aquilo que fora dado retornou novamente às minhas mãos. Que recompensa, então, eu poderia esperar?

— Sem dúvida — falei —, o terremoto levou o velho contador de histórias conforme viajava à noite, e o homem está enterrado sob rochas caídas ou se afogou no rio. E o desejo de meu coração me foi tirado.

Naquela mesma noite, falei com um homem que, enquanto viajava na direção da aldeia no dia seguinte ao terremoto, encontrara o homem negro. Então, em vão, colocamos nossas chaves na porta que está sempre trancada. Aquilo que está escrito, está escrito, e o que será, será. Não mais ousei prever minha felicidade ou meu sofrimento. Cruzei os braços e esperei.

Mais uma vez, à noite, minha amada falou comigo:

— Falam de você na aldeia desta forma. Dizem que você vendeu muito e que agora compra muito. Que, na diferença de preço, leva vantagem. Essa é a sabedoria dos tolos que fala, pois não têm a chave. Mas eu tenho. Sei que, depois de ter vendido tudo, deu para o homem negro, de modo que até me perguntei se meu pai me entregaria de bom grado àquele que ficara pobre. Como, então, tem meios para comprar tanto? Ou mentiu para mim, e o homem negro não levava qualquer riqueza de pedras preciosas no cinto, ou fez alguma grande magia. Se foi o primeiro caso, então o homem negro não enviará a semente prateada, pois não era do feitio dele fazer muito por pouco, e você não está destinado a mim. Mas, se foi o segundo, suplico que me mostre como fazer a mesma magia, para que possa deixar meu pai muito feliz e também comprar para mim um novo vestido e um bracelete de ouro.

— Não menti para você e não fiz magia alguma. Como me entregou seu segredo e guardou no coração o que lhe contei até agora, confiarei em você mais uma vez. Estava destinado que eu encontrasse um grande tesouro, compensando-me por tudo que entreguei ao homem negro. Não me pergunte mais sobre isso, mas diga por que deseja um novo vestido e um bracelete de ouro.

— Tenho uma prima, e ela é linda, mas não tão linda quanto você acha que sou. E chegou o momento de ela se casar. Nem ela nem eu sabemos quem será o marido, mas ela é obediente e deixará à escolha do pai. Sem dúvida, ele escolherá um homem rico e haverá uma grandiosa festa para o casamento, que durará a noite toda, com música e dançarinas. Sem dúvida, serei convidada para a festança, e não me sentiria envergonhada lá, mas meu pai não é rico e jamais encontrou riqueza.

— Então é você que deve encontrar.

— O que devo encontrar?

— Uma bolsa escondida em um cesto de romãs. E esse cesto de romãs, enviarei para a casa de seu pai logo após a hora do nascer do sol de amanhã.

— Ouça. Seu amor por mim é como o deserto, e meu amor por você ainda não passa de um grão de areia. Ainda assim mandará esse presente?

— Ainda assim o mandarei.

Ela disse que, se aquilo se tornasse conhecido, as línguas dos maliciosos fariam mal dela, e, portanto, seria um segredo. E ela ficou feliz, como uma criança poderia ficar feliz com um pequeno presente. Ela dissera com sinceridade que ainda era muito jovem. Ria e brincava com as moças da idade dela. E nem por mim, nem por qualquer outro homem pensava em amor.

Porém, ainda assim o amor dormia profundamente nos olhos tranquilos dela, como o peixe de escamas douradas dorme no fundo de um lago profundo. E o tempo de despertar se aproximava.

V

AQUELE QUE SE diverte sabe como pode ser ágil a passagem do tempo, e aquele que espera por um evento sabe o quanto ele pode demorar. No entanto, oito meses se passaram desde a partida do velho contador de histórias, e ele dissera que no mês seguinte — o grandioso mês da fruição — eu receberia a semente prateada da árvore da morte — se, de fato, eu a recebesse.

Então, em cada passo eu parecia ouvir o som de um mensageiro se aproximando, e em cada som ouvia meu nome ser chamado. Meu sangue fervia como quando com febre e meu sono me abandonara, de forma que durante grande parte da noite eu caminhava sozinho de um lado para outro no jardim.

Durante toda a noite, na nona noite do mês, ouvi ao longe os sons de música e de festa. Era o casamento da prima de minha amada, e houve uma grandiosa festa. Porém, perto do alvorecer os sons diminuíram, e caminhei de um lado para outro no jardim. E, quando passei pela porta no muro do jardim, ouvi um som baixo e fui chamado pelo nome, mas não era a voz de algum mensageiro que chamava. Era a voz de minha amada.

Abri a porta e pedi que entrasse. Ela entrou sem dizer uma palavra, usando o novo vestido e o bracelete de ouro. Sob a luz cinzenta e terrível do

alvorecer, o rosto dela parecia ainda assombrosamente lindo, mas mudado.

— Está cansada? — perguntei.

Ela assentiu.

— Sim — falei —, a festa do casamento foi longa. Durante toda a noite ouvi a música. Seus olhos demonstram o cansaço. — E abri um tapete de seda para ela sob uma árvore, para que descansasse, me perguntando por que viria até mim de tal forma.

Ela se ajoelhou no tapete, curvou o corpo e cobriu o rosto com as mãos.

— Não estava na festança — disse ela. — Ah, tenho muito a dizer, e não há uma palavra que você poderá perdoar. Mas prometa que me ouvirá até o fim, e então... então faça comigo como quiser.

Então, meu coração esmaeceu e a fatalidade cantou em meus ouvidos.

— Ouvirei até o fim.

Então, ela se esticou no tapete, com as mãos entrelaçadas atrás da cabeça, e falou como uma criança cansada que repete uma longa lição:

— Ontem, ao alvorecer, fui me lavar na água do rio. Depois de recolocar o vestido e me levantar, percebi que um jovem vinha em minha direção, cavalgando um asno branco adornado de prata. Ele desmontou e me olhou por muito tempo. Tinha a pele mais escura do que a nossa, mas não tão escura quanto a do velho contador de histórias. E vi nos olhos dele aquilo que vi nos seus e nos olhos de outros homens. Soube que ele me desejava. Todo dia uma bela mulher pode identificar tal olhar. Mas não me comoveu, e foi como uma névoa diante de meus olhos.

“Ele disse seu nome e me perguntou onde poderia encontrá-lo, falando em nossa língua, porém devagar, como alguém que acaba de aprendê-la.

“— Se me seguir, levarei você até ele.

“— E depois? — perguntou ele. — Pois você é mais linda do que qualquer mulher nesta Terra, e é por você que meu amor tem esperado.

“Eu ri, pois ainda havia a névoa diante de meus olhos. Além do mais, tal fala era ousada e repentina, pois ele me via pela primeira vez.

“— Depois — respondi —, será como será. Enquanto isso, o que quer com esse homem?

“Ele voltou os olhos para longe de mim, como se temesse me olhar.

“— Me é proibido — disse ele — sequer falar a respeito.

“Agora, acredite você ou não, é verdade que as próximas palavras que eu disse só tiveram a intenção de envergonhá-lo um pouco. Pois não estava a névoa diante de meus olhos, de forma que eu não tinha bom discernimento?

Não passava eu apenas de uma semente de cardo levada pelo vento do destino?

“Eu disse, ainda rindo:

“— Você me ama, mas nega a primeira coisa que peço de você?

“E então ele me olhou de novo, respirou fundo, enfiou a mão no bolso e mostrou algo reluzente.

“— Como perguntou — disse ele —, veja! Preciso entregar isto a ele.

“Então, ele ficou diante de mim segurando na mão uma bola que não era de prata, mas da cor da prata, e na bola havia vida e morte. Assim foi determinado no início, antes que as estrelas brilhassem e antes que a Terra fosse moldada. A névoa saiu de meus olhos, e vi que não havia beleza como a dele. E, quando ele falou, a voz foi mais querida para mim do que qualquer voz que já ouvi. E nunca houve amor como aquele que queimava meu ser inteiro.

“— Está vendo! — gritou ele. — Quebrei o grande juramento e por isso a morte em breve me levará. Minhas horas estão contadas, mas, se forem horas de amor, o preço é pequeno. Pois não amo você? Pois não a idolatro?

“Baixei minha cabeça e meus olhos se fecharam. Caí de joelhos.

“— Senhor do meu coração! — falei. — Senhor de minha vida!”

Então, ela virou o rosto, e o corpo todo estremeceu com o choro.

Por alguns instantes, permaneci em silêncio. Depois falei:

— Terminou de contar o que tinha para me contar?

— Não, não! — gritou ela. — Não, não!

— Continue, então, e imploro para que fale rápido.

Então, ela ficou de pé e falou, segurando-se ao tronco da árvore como se para se apoiar.

— Ele tinha vindo pelo deserto, e na noite anterior tinha chegado à grande rocha. Ao encontrar uma enorme tumba na rocha, descansou ali pela noite, e ali deixou o equipamento, prosseguindo com o asno branco para encontrar você e assim completar a missão.

“Sabia pouco de tal missão. E como as pessoas já estavam agitadas na aldeia, ele me levou de volta consigo até a tumba na rocha. Cavalguei e ele correu ao meu lado, e em menos de uma hora estávamos lá sozinhos como nosso amor na escuridão fria da tumba.

“E, quando a noite se aproximou, tive medo que meu pai enviasse gente para todos os lados para me encontrar e eu, por acaso, fosse encontrada com meu amante. Então, me levantei e fui para a casa de meu pai, e quando ele

perguntou por que tinha ficado tanto tempo longe, respondi que estava ajudando com os preparativos da festança de minha prima. Além disso, coloquei o vestido novo e o bracelete de ouro no braço, e disse a ele que iria ao casamento. E ele ficou feliz e se deitou para dormir, pois é velho, frágil e indisposto para uma noite festejando.

“Então, com uma pressa ofegante, voltei para meu amante, sabendo que nossas horas eram poucas, e que a eternidade mal poderia conter nosso amor. Até uma hora atrás eu estava com ele, e foi necessário ver você. Eu me aproximei da porta de ferro retorcido de seu jardim e, ao ouvir seus passos, chamei. Então, chego ao cerne da questão.”

Aqui, fazendo uma pausa, ela me olhou atentamente. E logo continuou:

— Não há ódio ou misericórdia em seus olhos. Eles se tornaram como os olhos de uma imagem de pedra em um templo, olhos que não mudam e não veem. Ouça-me agora até o fim.

“Ele quebrou o grande juramento, e a punição é certa. Alguém virá até ele, ele não sabe quando, mas será muito em breve, e dirá a ele: ‘Mostre as pérolas gêmeas que são idênticas em todos os aspectos, pois esta é a prova de que cumpriu com o juramento.’

“E se ele não as tiver, deverá ser imediatamente morto. E, além disso, naquele país distante de onde veio, a vida da mãe dele será tomada, pois era ela a garantia dele no grande juramento. E não será a morte dele também a minha?

“Ele só tem uma das pérolas gêmeas, e a outra está em sua posse. Então, agora tem três vidas nas mãos.

“Pode ser que diga a si mesmo que eu era muito jovem, e que quando o tentei a quebrar o juramento, não sabia o que estava fazendo. E pode dizer ainda que seu ódio é contra o destino, e não contra essas sementes de cardo que o vento do destino uniu. Se fosse este o caso, e você me desse a pérola gêmea e nos deixasse partir com ela para o país dele, então não existe uma palavra entre todos os elogios que seja digna de tal nobreza.

“Mas o que peço pode ser mais do que qualquer homem pode dar. Então, se ainda me deseja, permanecerei aqui. E se me aceitar como esposa ou escrava, serei eternamente fiel e obediente. E não pedirei recompensa senão que por um mensageiro imediato envie a meu amante a pérola gêmea, para que ele se vá em paz. E eu mesma não o verei mais. Faça comigo o que quiser, mas não deixe este sangue sobre minha cabeça. A culpa é minha.

Além do mais, ele em parte cumpriu com o juramento, pois por mim envia a semente da árvore da morte. Rezo para que me atenda.”

É muito verdade que até então eu não sabia o que responder, mas enquanto ela falava, tirou do vestido aquela bola prateada reluzente e a estendeu para mim, e eu a peguei. Ainda estava quente com o calor do lindo corpo dela.

Em um segundo, enterrei minha adaga no corpo da jovem. Ela caiu aos meus pés, e um tremor percorreu seu corpo. Estava morta.

Voltei a ficar bastante calmo, minha mente estava nítida como água, e meu coração batia tranquila e calmamente. Eu sabia o que fazer.

Cavei uma cova profunda para ela em um canto do meu jardim. Então, puxei a adaga, envolvi o corpo dela no tapete de seda e enterrei minha amada e a semente prateada juntas.

Deixei a terra lisa sobre a cova e limpei a adaga. E, por fim, ficou tudo tão arrumado que o jardim parecia como na manhã anterior, e não havia traços do que eu fizera. E nenhum olho testemunhara aquilo.

Então, cavaleguei até a tumba que tinha encontrado na grande rocha, e que o amante da mulher também encontrara. Porém, ali, como temia, cheguei tarde demais, e meu trabalho tinha sido feito por mim.

O homem estava morto na entrada da tumba com uma faca no pescoço. O rolo de forragem que carregava para o asno fora espalhado como um sofá, e ao lado dele havia uma jarra d'água e um cálice de latão, mas o asno branco adornado com prata não estava mais ali. Supus que o homem que matara o mensageiro levava o animal, mas não levava a pérola gêmea, pois ela estava na mão aberta do morto. E ali a deixei. E deixei o homem morto para os abutres e chacais. E percebi que, durante todo o tempo em que o mensageiro viajara vindo daquele longínquo país, outro viajara logo atrás dele, vigiando para ver se o homem cumpriria o juramento, e com o poder de matá-lo caso o quebrasse.

Depois disso, voltei para casa e me deitei na cama, preparando-me para o que acreditava ser meu último sono, o qual se mesclaria, ao fim, com a morte. Mas a droga que tomei fracassou. Sono, de fato, tive, mas ao meio-dia do dia seguinte, acordei de novo. E no sono me foi revelado que não seria naquele momento nem daquela forma que eu morreria. Havia ainda dois anos adiante, enquanto a semente prateada despertaria onde eu a plantara, no próprio coração da morte.

VI

DIZIA-SE PELA ALDEIA que minha amada tinha fugido com um homem de outra raça — pois os dois tinham sido vistos juntos —, trazendo, então, vergonha à casa do pai dela. Também foi dito por outros que o rio a levava, pois tinha o hábito de se lavar em suas águas. E alguns diziam uma coisa, outros diziam outra, mas nenhum falava a verdade, e nenhum me acusou.

Conforme os meses ficavam para trás, mudei profundamente. A beleza de mulher alguma conseguia me comover, e nenhuma empreitada me atraía. Se riqueza imensa estivesse ao meu alcance, não teria estendido a mão para ela. Estava quase desprovido de desejos, exceto aquele de permanecer sozinho. Nunca havia convidados em minha casa, ou o som de música, ou de risos. O sono longo e doce à noite tinha me abandonado, e eu dormia espaçadamente a horas estranhas, sempre assombrado por sonhos que pareciam tão reais, que ao despertar eu mal sabia se estava acordado ou dormindo, assim como não sabia o que era matéria e o que era sombra.

Acordado ou dormindo, meu pensamento estava sempre naquela que eu amava. Desejava chamá-la da morte, que pudesse contar o quanto cheguei perto do perdão, e como uma coisa ínfima no final me levou à loucura. Sentia pesar porque ela jamais saberia disso. Não havia mais ciúme ou rancor em meu coração em relação a ela. Tinha sido como sempre fora, como semente de cardo levada pelo vento do destino.

Depois do primeiro ano de espera, eu às vezes a via ao passear pelo jardim no frio da noite. Ela vinha e sumia de novo, como fumaça espalhada pelo vento. E quando o segundo ano chegou, a visão se tornou mais frequente e permanecia mais tempo comigo. Até a ouvi falar. Ela estava sob minha laranjeira, abriu o vestido e apontou para o ferimento no seio.

— Você me feriu — disse ela. — Como pôde ferir quem amava?

Enfim, chegou o dia em que a árvore da morte deveria crescer até duas vezes o tamanho de um homem e deveria beber meu sangue e morrer de novo — tudo entre um alvorecer e um pôr do sol.

O sol ainda não terminara de nascer quando examinei a terra sobre o túmulo dela. Apenas eu tinha permissão de chegar àquela parte do jardim, e era com as próprias mãos que eu a mantinha livre de qualquer planta oportunista. E percebi que havia na terra fendas correspondentes aos raios do sol e, pelo centro das fendas, algo duro abria caminho. Era redondo no topo, e

de uma mistura de verde-escuro e carmesim, e na superfície havia pequenas gotas de umidade, como se suasse com a dificuldade de sair.

Então, voltei pelo jardim vazio até a casa vazia, pois no dia anterior tinha dispensado aqueles que me serviam. Eu me banhei e vesti um roupão branco, me certifiquei de que as portas estivessem bem trancadas e voltei para a árvore da morte. Ela se erguera agora até a altura de meu joelho, e ainda era apenas uma única haste subindo. Pareceu para mim que um leve vapor emanava dela. Ao me sentar, observei esse grandioso milagre.

Quando estava da altura de um homem, muitos caules se separaram do caule principal, exceto na base, onde se uniam à planta, e estes despontaram para fora e não cresceram mais. Porém, dos caules laterais, uma infinidade de tendões começou a descer, contorcendo-se no ar como se fossem serpentes. Olhando de perto, vi que cada um era coberto de pequenas bocas que se abriam e fechavam continuamente. Mas o caule central ainda crescia para cima, carregando no auge um volume curioso. Esse último cresceu em tamanho, e eu soube que dali viria a flor da árvore.

Era meio-dia. Recuei um pouco e ainda observava. Dos caules laterais, a infinidade de tendões desceu continuamente, cobrindo o chão de forma que sobre o local onde tinha disposto a mulher havia um mar de verde e carmesim se agitando. E logo após o meio-dia, a pesada massa na ponta do caule se abriu em três vagens. A casca delas era como seda clara e fina, e tinham veias como as veias de um homem. Eu conseguia vê-las inchando cada vez mais, e que algo branco parecia lutar dentro delas. O topo do caule oscilou suavemente para trás e para a frente como se sentisse dor.

Até então eu estava em silêncio. Mas, subitamente, a pele de uma daquelas vagens se rasgou de uma ponta à outra e, enquanto se rasgava, emitiu um som como o de uma mulher que é ferida. Da vagem rasgada, irrompeu uma flor branca de beleza espantosa, maior do que jamais vi, e da flor caiu uma nuvem de poeira dourada, brilhando ao sol, e o perfume dela, mesmo de longe, de onde eu estava, era tão rico que se tornava quase insuportável.

Então, gritei alto as palavras que me vieram:

— Ó, árvore do amor! Você, cujas raízes devoraram e absorveram em seu ser tudo que já amei na Terra, agora me leve também, para que possamos estar entrelaçados, e, depois da angústia e do mal da vida, possa haver paz. Ó, árvore do amor e da morte, me entrego a você! — Eu me aproximei devagar e me ajoelhei ao lado da árvore, olhando para cima. E duas vezes ouvi aquele grito, como de uma mulher que é ferida, quando a segunda e a terceira flores

irromperam. As nuvens de poeira dourada cegaram meus olhos, e o cheiro forte me sufocou. Caí por inteiro sobre aqueles tendões ameaçadores cujas pequenas bocas buscavam meu sangue. E o sono final chegou.

Escrevi isto eu, que há muito estou morto, de forma que meus ossos são pó e há muitos anos meu nome foi esquecido. E escrevi em uma língua estrangeira, e em uma terra estrangeira, e pela mão viva de alguém que não conheço.

E. Heron-Allen

Edward Heron-Allen (1861-1943) foi um notável estudioso e biólogo marinho que publicou diversos livros sobre suas especialidades: confecção de violinos, quirosofia e a história local de Selsey, onde morava. Na Primeira Guerra Mundial, foi alocado no departamento de inteligência de pessoal. Ainda é uma figura intrigante e muito misteriosa, merecedora de uma biografia completa. Era conhecido próximo de Bram Stoker desde os anos 1880, e escreveu um romance de vampirismo psíquico, *The Princess Daphne* [A princesa Daphne] (publicado em 1888). Muito depois, escreveu uma série de contos peculiares de terror sob o pseudônimo Christopher Blayre, do habitat fictício da Universidade de Cosmopoli. Tais contos foram reunidos em *The Purple Sapphire* [A safira roxa] (1921), expandidos e reimpressos como *The Strange Papers of Dr. Blayre* [Os estranhos documentos do dr. Blayre] (1932). Mais quatro contos de Cosmopoli foram impressos pelo próprio Heron-Allen em 1934, limitados a apenas cem cópias, e intitulados *Some Women at the University* [Algumas mulheres na universidade]. A temática “o sangue é a vida” permeia fortemente o livro, em especial a extensa história inspirada em Stoker, passada na Áustria, “Zum wildbad”, e o igualmente memorável conto menor reimpresso aqui: “Outra selvagem?”

OUTRA SELVAGEM?

Em *The Times*, 4 de novembro de 19—

“Em 2 de novembro, na Estação de Biologia Marinha, Baxmouth, resultado de um acidente, *Jennifer Sidonia Pendeen*, *bacharel em ciência.*, em seu vigésimo sexto ano. Funeral em Polperro, Cornwall, na segunda-feira, 5 de novembro, às duas horas da tarde.”

NOS ANOS FINAIS do século XIX, Bram Stoker, o eficiente e merecidamente celebrado diretor do teatro Liceu durante os prósperos anos de Sir Henry Irving e autor de muitas obras de ficção, a mais famosa das quais, atualmente, é seu romance vampiresco *Drácula*, publicou um conto intitulado “A selvagem”, uma história terrível, remível apenas devido à completa impossibilidade e ao antropomorfismo extravagantemente exagerado.

Nessa história, um turista norte-americano, debruçado sobre a ameia, ou o parapeito, do castelo de Nuremberg, solta uma grande pedra, a qual, ao cair no fosso abaixo, atinge e mata o único filhote de uma gata que por acaso estava deitada ao pé da fortaleza. Os esforços desesperados da mãe gato para escalar a parede e chegar ao assassino do gatinho dela são vividamente descritos. Mais tarde, no mesmo dia, quando o turista e os amigos dele visitam o Museu dos Instrumentos de Tortura, a gata entra com o grupo, do jeito dos gatos, e fica malignamente à espreita no salão da torre em que a “Dama de Ferro” é exibida pelo guia, o qual, ao puxar a alavanca, abre a “Dama”, revelando enormes estacas que, quando a “Dama” é fechada sobre a vítima que foi forçada a entrar nela, se enterram em diversos pontos vitais. Na ocasião do conto, depois de a alavanca ser puxada e as “portas” permanecerem abertas para a inspeção do interior pelos visitantes, o turista na história de Stoker questiona se um homem adulto poderia ser forçado a entrar e insiste em entrar na “Dama”. Nesse momento, a gata, que estava aguardando a oportunidade de vingança, avança no guia e arranha os olhos dele. O homem atacado, enlouquecido pela dor, solta a alavanca, as portas se

fecham sobre o turista e ele encontra uma morte terrível. Como falei, o antropomorfismo impossível da gata destitui a história de seu pavor, e ela foi recebida (como pretendia que se fosse) como um esforço sensacionalista engenhosamente visceral.

As circunstâncias que estou prestes a registrar me fizeram lembrar daquele conto. Eu as registro conforme ocorreram, e devo deixar que o leitor destas linhas chegue às próprias conclusões.

ENTRE MEUS ALUNOS mais brilhantes, e mais tarde minha assistente no Departamento de Zoologia da Universidade de Cosmopoli, estava a srta. Jennifer Pendeen, uma jovem da Cornualha que, após obter o diploma em ciências, se tornou demonstradora de equipamentos em meu departamento e, por fim, minha professora-assistente. A especialidade dela eram os peixes, e ela estava envolvida, na época sobre a qual escrevo, em um estudo intensivo de peixes-pescadores oceânicos, os ceratiídeos, que habitam o oceano aberto, vivendo normalmente de cerca de quinhentos a dois mil metros abaixo da superfície. Esses peixes são, em geral, de cor uniformemente preta, e a “isca” (ou “armadilha”) deles é um bulbo luminoso, o qual atrai a presa até a distância em que possa ser pega. Os dentes, que são longos, finos e muito afiados, podem ser voluntariamente inclinados para dentro da boca, tendo como resultado que, quando um peixe fica preso entre eles, não consegue sair, precisa seguir até o estômago — como os caules da grama rastejante. O peixe-pescador é felizmente (para ele) flexível e consegue engolir e “acomodar” peixes com diversas vezes seu peso e tamanho. Depois de pega pelos dentes do peixe-pescador, a vítima não consegue escapar, e o peixe-pescador não consegue abrir a boca e rejeitar a presa.

Uma peculiaridade importante e notável do peixe-pescador é que todos os peixes que nadam livremente são fêmeas, os machos são pequenos parasitas que vivem indissoluvelmente unidos a elas. Assim que o macho nasce, busca uma fêmea, à qual se prende — em qualquer lugar que consiga. Em pouco tempo, os lábios, a língua e os dentes do macho “se fundem” com a pele da fêmea, e os dois, a partir desse momento, estão inseparavelmente unidos. A boca do macho é fechada pela pele da fêmea e é com o tempo absorvida, e o macho não mais consegue se alimentar, sendo nutrido pela corrente sanguínea da fêmea, a qual chega a ele por meio de uma anastomose do sistema sanguíneo, que então se torna contínua e comum tanto a macho

quanto fêmea — de fato, o canal alimentar do macho se torna vestigial, e o estômago dele, rudimentar. O macho se torna um mero apêndice da fêmea, recebendo nutrição por vasos capilares no que antes era seu focinho. Essa condição é única no reino animal vertebrado. São conhecidos casos de fêmeas de um metro de comprimento cujos maridos parasitas não têm mais de oito centímetros, e de fêmeas que têm dois ou mais “maridos” soldados a elas, parasitando-as. Eles “se agarram” onde primeiro avançam, qualquer lugar — na cabeça, no abdômen ou na cauda —, e vivem felizes para sempre com uma esposa que pode ter mil vezes o tamanho deles.

A reprodução desses peixes aparentemente é impulsionada por um “anseio” na época da procriação, causado por algum *hormônio* que leva a fêmea a liberar as ovas, que são imediatamente fertilizadas pelo macho parasita — esse é o único evento e objetivo da existência dele. Fêmeas foram pegas sem machos parasitas, mas machos jamais foram pegos sozinhos, o que não é impressionante, considerando que vivem em escuridão perpétua, a maioria a temperaturas muito baixas, e raramente seriam contidos por uma rede grande e forte o bastante para capturar a fêmea.

ERA A ESSE NOTÁVEL grupo de peixes que Jennifer Pendeen dedicava sua atenção e seus estudos na época sobre a qual escrevo. A monografia de Jennifer sobre a espécie, cuja preparação era minha tarefa de certa forma melancólica, assim como cuidar da imprensa depois de sua trágica e misteriosa morte, é contribuição proeminente e a mais notável para a literatura sobre o assunto. A grande ambição de Jennifer, que, como veremos, foi por fim realizada, era obter um espécime vivo para estudar a história de vida dele.

Os obstáculos a isso pareciam insuperáveis, pois deve-se lembrar que esses peixes nadam a profundidades de 500 a 2 mil metros. Agora, considerando que a pressão atmosférica ao nível do mar é de 15 PSI, e que 10 metros de água do mar equivalem a 760 mmHg, que é a medida de 1 atm, a uma profundidade de 10 metros no mar, a pressão seria de 2 atm, ou 30 PSI; a 30 metros de profundidade, seria de 3 atm ou de 45 PSI — e assim por diante conforme se desce mais para o fundo. Então, a 3.600 metros, a pressão é de 360 atm, ou 5.400 PSI. O efeito da diminuição da pressão sobre peixes abissais é bastante conhecido. Conforme o peixe é puxado para a superfície, a diminuição de pressão faz com que as bexigas natatórias se expandam e,

depois de subirem até certa profundidade, continuam, como Sir John Murray colocou, “dando cambalhotas internamente”, e os peixes são mortos pelas distensões dos órgãos conforme a pressão se alivia mais e mais. Foi descoberto, no entanto, que peixes trazidos de profundidades moderadas, que para todos os fins pareciam mortos, podem ser ressuscitados ao serem mantidos em “câmaras compressoras”, nas quais a pressão não é muito menor do que aquela em que foram pegos. Ao se diminuir gradualmente a pressão, os fluidos intercelulares têm tempo de atingir o equilíbrio, e o peixe recupera as funções normais e a mobilidade aos poucos.

Foi diante desse problema que Jennifer Pendeen se viu, e a ele dedicou experimentos demorados e engenhosos, a princípio com peixes de profundidades moderadas, e pouco a pouco com espécimes de camadas mais profundas do oceano, os quais fez serem capturados em cilindros de cobre, que podiam ser hermeticamente fechados por um “mensageiro” (como é chamado) enviado pela linha quando os instrumentos delicados utilizados nos experimentos anunciavam que um peixe tinha entrado no cilindro.

A oportunidade, a qual durante os poucos anos da vida profissional Jennifer só pode acompanhar de longe, chegou quando a “Expedição de Exploração do Mar Profundo” foi organizada pela Universidade de Cosmopoli, sob liderança do capitão John Satterley, da Marinha Real, que personificava o fenômeno raro de um oficial naval de histórico de serviço notável que não era apenas um especialista em hidrografia (o que poderia, até certo ponto, ser esperado), mas também um brilhante biólogo marinho. Ele até mesmo servira durante seis meses, quando em casa, de licença, na Estação de Biologia Marinha Baxmouth, e os senhores do Almirantado o “aprovaram” para serviço com a expedição da Universidade de Cosmopoli a pedido do Senado. Ele mesmo era da Cornualha, e, como Jennifer Pendeen era filha de um velho amigo — embora a princípio tivesse uma visão um pouco humorística do “estudo” da jovem —, o capitão aos poucos passou a ter sincero interesse pelo assunto.

Sob a supervisão conjunta deles, um cilindro de cobre foi construído, testado para pressão implosiva e explosiva de até 90 atm, aberto dos dois lados, exceto pelas coberturas de dobradiças — “tampas” — de uma rede de fios finos. O dispositivo podia ser descido a qualquer profundidade e, depois que a profundidade desejada fosse obtida, as tampas de fios podiam ser abertas e, em dado momento, podiam ser substituídas por coberturas de cobre, as quais fechavam o cilindro hermeticamente. O interior era revestido

de chapa de cromo para suportar a ação da água do mar. Um aparelho elétrico indicava no deque quando um objeto acima de determinado tamanho entrava no cilindro, pelo peso e pela oscilação.

Essa armadilha de cilindro era submersa com uma “isca” de um punhado de pequenos peixes, os quais, é claro, eram mortos pela crescente pressão, mas permaneciam no cilindro. Esses, esperava-se, podiam atrair “habitantes das profundezas” maiores quando as pontas de fios fossem removidas ou abertas. Diversas vezes o cilindro “descera” durante diferentes espaços de tempo e fora puxado para cima de novo, sem que nada tivesse acontecido. Painéis de vidro nas laterais, protegidos por um círculo ou um anel removível, permitiam que os observadores vissem se havia algum peixe dentro, e frequentemente peixes (não ceratiídeos) subiam com o cilindro, eram libertados e explodiam no mesmo local. Um relato detalhado dos “resultados” deles não seria pertinente aqui, mas eles pescaram algumas criaturas bastante esquisitas.

Por fim, o momento tão esperado chegou — a presença de um grande peixe no cilindro foi indicada, e, como sempre, as pontas foram fechadas e o cilindro puxado para o deque. Do lado de dentro, havia um ceratiídeo de um metro e vinte centímetros, e o cilindro foi trazido às pressas para casa e colocado em um grande tanque estreito cheio de água do mar, mantida a uma temperatura apropriada, no Laboratório de Biologia Marinha de Baxmouth, onde Jennifer Pendeen aguardara recebê-lo. Por meio de um aparato engenhoso semelhante a um medidor de pressão, que podia ser fixado ao cilindro, o ceratiídeo foi cuidadosa e gradualmente “descomprimido”, e, como quis a boa sorte, se mantivera, e se manteve, vivo com os cadáveres dos “mártires da ciência” — que tinham sido enviados para baixo dentro do cilindro como isca. Em tempo muito menor do que Jennifer tinha previsto, o ceratiídeo chegou ao equilíbrio com o ambiente e foi solto para o tanque, que não era, pelo visto, pior do que o habitat natural.

O peixe ficou conhecido no laboratório como o “animal de estimação” de Jennifer. A pesquisadora era a única responsável por ele e — como uma verdadeira mulher da Cornualha — batizou o animal de “Isolda”. Preso abaixo da nadadeira peitoral direita do peixe havia um macho parasítico formado e aparentemente feliz — embora não o demonstrasse. A ele Jennifer batizou “Tristão”.

TESTEMUNHO NOTÁVEL do cuidado, da atenção e da eficiência principalmente de Jennifer Pendeen, mas também da equipe do Laboratório de Biologia Marinha de Baxmouth é o fato de que tal curioso *arranjo* se acomodou, viveu e prosperou no tanque em que habitava. Ao final de um mês, Jennifer começou a considerar todas as implicações do experimento biológico que tinha em mente, o qual era nada mais nada menos do que separá-los: realizar uma excisão em Tristão, e, por meio de um engenhoso sistema de alimentação artificial — se tal termo é cabível no caso de um peixe cuja boca e o sistema alimentar se tornaram vestigiais —, mantê-lo vivo. O interesse que o Departamento de Zoologia da universidade tomou pelo caso foi enorme, e era compartilhado pelo diretor e pela equipe do jardim zoológico e do aquário da cidade de Cosmopoli. Muitas foram as conferências que Jennifer teve com Sir George Amboyne, o professor-régio de medicina, e com Michelson, o procurador do zoológico, ambos, precisa ser dito de imediato, eram da opinião de que a ideia era fantástica e a execução, impossível, mas Sir George chegou a cooptar um eminente cirurgião para o caso, o qual se dispôs a realizar a operação sob direção e supervisão de Michelson. A teoria de Jennifer era que, se realizada com habilidade, de forma que não ferisse qualquer parte vital do peixe, Isolda não sofreria com a operação e Tristão poderia ser mantido vivo — *ein toller Einfall*, como Burger, o Leitor, colocou em alemão.

As condições e as formalidades impostas pelo Ato de Vivissecção de 1876 foram escrupulosamente obedecidas e a licença necessária foi obtida. Certa manhã, quando Tristão e Isolda habitavam o tanque havia quase dois meses, a operação foi realizada nas circunstâncias anteriormente mencionadas. Isolda foi “reparada” com cuidado e devolvida ao tanque — e, depois de algumas horas de inquietude, não pareceu pior após a separação. A única mudança aparente era que desenvolvera um nervosismo que até então não exibira e parecia avessa a permitir que Jennifer a tocasse e lhe fizesse “cócegas”, como antes estivera disposta a fazer. Como Jennifer observou: “Ela não confia mais em mim, e, quando a alimento, acho que gostaria de me morder. Seria terrível se enterrasse aqueles dentes curvos em minha mão!”

Com Tristão, temo dizer, foi diferente. Durante cerca de 24 horas, ele mostrou sinais inconfundíveis de vida, deitado de lado no fundo do pequeno tanque, mas, no dia seguinte, ele, também inconfundivelmente, morreu e recebeu o serviço decente prestado a mais um mártir da ciência.

Qualquer aluno ou biólogo que trabalha no Laboratório Baxmouth recebe, ao chegar, uma chave externa do prédio, de forma que possa visitar seu trabalho e observar o progresso a qualquer hora da noite assim como do dia. Dessa forma, muitos experimentos biológicos de grande importância foram auxiliados e os pesquisadores de muitos casos famosos passavam as noites no laboratório. Jennifer, que na época era hóspede do diretor e da esposa, tornou de praxe, pelo menos uma vez à noite, ir até o laboratório para ver como Isolda estava se saindo.

Foi cerca de três semanas depois do *Ehescheidung* que a criada que levava o chá matinal de Jennifer descobriu que ela não estava no quarto. Uma hora depois, ela não tinha retornado, embora as roupas estivessem onde as deixara na noite anterior. A questão foi relatada ao diretor. Ele presumiu que Jennifer estivesse na sala do tanque, como de costume, mas, quando ela não apareceu para o café da manhã, o diretor foi procurá-la.

O espetáculo que os olhos dele viram foi terrível. De pijama, com um fino xale de seda, Jennifer estava deitada, aninhada, no fundo do tanque, sobre Isolda. Pedindo ajuda, ele a puxou para fora, e Isolda veio junto, viva e se debatendo furiosamente. Ela pegara Jennifer pelo antebraço, pois, evidentemente, Jennifer se debruçara sobre a borda do tanque e estendera o braço para tocar o peixe. Os magníficos dentes curvos tinham encontrado o braço de Jennifer. Isolda não poderia ter soltado, *caso tivesse desejado ou se esforçado para fazê-lo*, e Jennifer, presa e envolta no xale, não poderia ter lutado para emergir devido à estreiteza do tanque, e o fato de que estava sobre a captora. Na opinião do médico que foi chamado, Jennifer estava morta havia cinco horas.

Outra selvagem?

E.R. Punshon

Ernest Robertson Punshon (1872-1956) começou a trabalhar aos catorze anos como secretário em um escritório de Londres. Ele logo se cansou dessa ocupação e emigrou para o Canadá (como Algernon Blackwood, que seguiu para o oeste ao mesmo tempo), pretendendo fazer fortuna plantando trigo. Isso não deu em nada, e durante os anos seguintes, ele perambulou pelo Canadá e pelos Estados Unidos. Depois de voltar para casa trabalhando para pagar a passagem em um cargueiro de gado, começou a escrever romances de suspense populares e jamais olhou para trás. *Punch* o descreveu como “um dos mais divertidos e fáceis de ler de nossos escritores sensacionalistas porque os personagens vivem de verdade e não são apenas peões do qual um mistério depende”. Principalmente lembrado pelos romances de detetive, também contribuiu para revistas com bons contos bizarros. “A pedra viva” surgiu na revista *Cornhill* em setembro de 1939 (mesmo volume que trazia “Letters to a Child”, de M.R. James).

A PEDRA VIVA

A vida dorme na pedra, sonha na planta e desperta no animal.

— Antigo ditado hindu

I

FOI OUVIDA uma risada generalizada.

O homenzinho esquisito de Londres, sorrindo para eles por trás dos enormes óculos com armação de tartaruga, podia ser tão escolado quanto os professores escolados sempre devem ser, mas imagine fazer uma pergunta daquelas quando o nome da pequena estalagem, “Os Homens Perdidos”, era uma grande piada naquele solitário distrito da Cornualha. Ora, sempre que algum dos habitantes desaparecia do próprio lar, ali, aquele confortável e aconchegante bar da estalagem “Os Homens Perdidos” era o lugar para se procurar e, em geral, encontrar. Um ou dois dos presentes detalhadamente explicaram o motivo da graça, e o pequeno professor ouviu com atenção.

— Entendo — disse ele.

Ele ocupava a cátedra de religião comparada da Grande Universidade do Sul, embora poucos ali soubessem o que era religião comparada — e provavelmente ninguém tivesse ouvido falar do seu grandioso trabalho sobre “Sacrifício Humano”, no qual ele traçou a história do ritual sombrio e maligno desde o início dos tempos (os dias de Abraão e Isaac) até os sutis vestígios de que ainda perdurava, como quando um menininho nas ruas da cidade pede uma moeda para o sujeito que ele pretende em breve oferecer ao fogo, ou, mais sinistra, a oferenda dos jovens de uma nação ao altar sacrificial daquele novo deus, o Estado, mesmo que todos soubessem que assombro e reverência são devidos a um professor, pois um professor é uma pessoa de conhecimento estranho, e, portanto, poderes estranhos, pois conhecimento é sempre poder.

Mas agora se sentiam mais à vontade, agora que ele havia mostrado que compartilhava da humanidade deles ao fazer uma pergunta tão simples e tendo precisado que uma piada tão simples lhe fosse explicada. O professor aceitou as risadas com bom humor. Ele perguntou por quanto tempo o nome estava em uso. Ninguém sabia. A maioria achava que o nome e a estalagem eram contemporâneos.

— Perguntei — explicou o professor — porque reparei no mapa que há uma rua aqui perto chamada “Via Perdida”.

As brincadeiras pararam tão abruptamente enquanto aquelas palavras fatais ecoaram detrás do bar:

— Chegou a hora, cavalheiros, a hora.

— Estava me perguntando — explicou o professor — se a estalagem recebeu o nome da via, ou se a via recebeu o nome da estalagem.

Ninguém parecia saber. Ninguém parecia se importar. A conversa mostrava tendências de que se converteria em apostas de futebol, um assunto desprezível, se não limitado. O professor não parecia interessado em apostas de futebol. Chegara de carro naquela tarde, vindo de Londres, sobrevivente tardio da temporada de turismo, pois estavam no escuro e frio mês de novembro, quando motoristas e caminhantes buscavam repouso. Ele aproveitou a oportunidade de uma pausa, quando todos estavam absortos contemplando em silêncio o curioso fato de que outros costumavam ganhar prêmios imensos nas apostas, mas nunca um deles, para observar:

— Não consegui distinguir pelo mapa para onde a via levava.

— Bem, não leva direito a lugar algum — explicou o estalajadeiro.

— Ora, bem, isso é esquisito — murmurou o professor. — Se não leva a lugar algum, por que existe?

Ninguém parecia saber isso também. Estava simplesmente ali. Sempre estivera ali. Só isso. Seguia até o topo da colina e, de certa forma, se perdia ali.

— Via Perdida, de fato — brincou o professor. — Talvez seja como conseguiu o nome. Suponho que, se não dá em lugar em algum, não costuma ser utilizada?

Começou a parecer que a via era, de fato, muito pouco utilizada. Se continuasse além da colina, teria fornecido um caminho curto e conveniente para o comércio da mais próxima, mas, por algum motivo, ninguém parecia ter pensado naquilo antes. Homens que trabalhavam nos campos pelos quais a via passava a usavam às vezes, e, no outono, grupos de catadores de amoras

— pois o alto da colina, onde a via por fim se perdia, era famoso pelas amoras. Porém, os catadores de amoras sempre andavam em grupo, ao que parecia, e nunca ficavam até tarde.

— Não, se tiverem juízo, não ficam — disse um idoso que até então mal falara. — E se ficarem, talvez eles é que desapareçam, ou alguns deles.

— Ora, vovô — intrometeu-se o estalajadeiro, em aviso.

— Faz trinta anos — retrucou o velho — e até hoje ninguém sabe dizer que fim levou Polly Hill.

— Não tinha algo no jornal no outro dia sobre uma jovem que desapareceu de algum lugar por aqui? — perguntou o professor.

— Essa é Aggie, a pequena Aggie Polton — disse outra pessoa.

— Bonitinha — comentou o estalajadeiro. — Por Deus, quando meninas se vão, têm seus motivos. Fujona, assim era Aggie.

Parecia que Aggie tinha uma reputação. Na maioria das noites, dizia a história, a jovem tinha um “encontro” com um ou outro rapaz da vizinhança. Em certa ocasião, pouco tempo antes, um desses “encontros” foi com o filho do açougueiro local. Ele não tinha conseguido guardar segredo. A mãe tinha suspeitas e, naturalmente, queria mais do que a coitada da pequena Aggie como nora, não importava o quanto fossem fascinantes os olhos azuis e os cachos da garota. A opinião geral era de que Aggie se sentira “injurizada”, ficara com medo de virar motivo de piada e partira para Londres, como sempre falara que faria, para se tornar uma daquelas moças fascinantes conhecidas como “Nippies”, cujos retratos nos jornais despertavam uma mistura de admiração e inveja em Aggie.

No entanto, era verdade que nenhum vestígio de Aggie fora encontrado em Londres ainda.

— Não é uma grande perda, uma moça como ela, deixando todos os rapazes agitados — acusou outra pessoa. — Mas creio que o sr. Phelps, da fazenda Tor, daria tudo para saber o que aconteceu com “Beleza de Bolton Três”.

— O que é isso? — perguntou o professor.

Foi explicado que “Beleza de Bolton Três” era um touro premiado que valia duzentas ou trezentas libras, perfeito em todos os sentidos, e tão dócil e pacífico que podia pastar nos campos sem que qualquer precaução especial fosse tomada. Era sempre guardado ao anoitecer, mas, na outra noite, quando um rapaz da fazenda foi buscar o touro como de costume, embora um pouco

mais tarde do que o normal, o animal não estava lá. Não havia sinal dele. Nada que indicasse o que acontecera.

— Curioso — falou o professor. — Curioso o relato sobre a jovem que acaba de ser mencionada. Também é curiosa a história de Polly Hill, há trinta anos. Curioso mais uma vez que o Registro Anual de sessenta anos atrás menciona que um valioso garanhão sumiu nessa vizinhança. Supostamente roubado pelo cavaliário, pois o próprio desapareceu no dia seguinte.

— Isso foi há sessenta anos — apontou o estalajadeiro, hesitante. — Eu não era nem nascido. — E deu ares de sugerir que o que acontecera antes de ter nascido não importava muito.

— Muitas leituras interessantes no Registro Anual — observou o professor —, e é esquisita a frequência com que essa vizinhança é mencionada, em intervalos de trinta anos. O touro do sr. Phelps estava no campo perto da Pedra da Caça? A que fica no alto da Via Perdida, não é?

— Isso mesmo — respondeu o estalajadeiro, um pouco surpreso diante daquela demonstração de conhecimento local —, mas não há mistério quanto ao sumiço do touro. Vale um punhado em dinheiro. Foi atraído para longe e escondido em algum lugar até que possa ser contrabandeado para terras estrangeiras.

— Não é tão fácil assim “atrair para longe” — replicou o idoso que falara de Polly Hill, perdida há muito tempo —, e alguém também se feriu, pois havia sangue na Pedra da Caça. Eu mesmo vi e não parei para procurar muito também.

— Por que se chama Pedra da Caça? — indagou o professor.

O estalajadeiro disse que supunha que sempre fora chamada assim. O professor perguntou se as manchas que deveriam ser sangue vistas na base da Pedra da Caça tinham sido examinadas ou analisadas. Ninguém pensou em fazer isso. Não parecia haver motivo. Fora mencionado que o único vestígio da recentemente desaparecida Aggie, a menina com aptidão para marcar “encontros” e ambição de algum dia se tornar uma “Nippy”, fora a bolsa de mão, encontrada perto da mesma Pedra da Caça. Provavelmente o “encontro” dela com o jovem herdeiro do açougue local tinha sido marcado ao pé da colina da Via Perdida. Quando ele não apareceu, Aggie devia ter subido a colina em vez de ir direto para casa, mas o que aconteceu com ela depois disso eram apenas conjecturas.

A porta se abriu e uma mulher mais velha olhou para dentro.

— Nosso Tim está aqui? — perguntou ela. — Não voltou para casa.

Ninguém vira o Tim dela, então a mulher se foi, resmungando. O estalajadeiro piscou um olho para o professor.

— Está atrás de coelhos — disse ele. — É onde Tim está, e será preso um dia. Mas há um bando de coelhos perto daquela Pedra da Caça.

O velho no canto se levantou para ir embora. À porta, ele se virou.

— Tim é um tolo se vai atrás de coelhos lá — comentou o velho —, pois se há coelhos lá, há mais do que coelhos também.

O velho saiu e o estalajadeiro riu, embora um pouco desconfortável.

— Ao ouvi-lo falar — disse o homem —, poderia pensar que há algo esquisito sobre aquele pedaço de granito que está no topo da colina desde o Dilúvio, de certa forma.

— Acho que vou dar uma olhada sozinho — observou o professor —, mas não esta noite.

— Não, eu não iria esta noite — concordou o estalajadeiro.

II

ERA MEIO-DIA antes que o professor, no dia seguinte, caminhasse devagar e com cautela pela Via Perdida, que mal era uma via, mas, de fato, uma estrada irregular com campos de um lado — o sul — e a encosta exposta da colina no outro —, o norte. Onde a terra cultivada cessava e o solo ficava áspero e nu, com esparsos arbustos de amoras a alguns intervalos, e muitas tocas de coelho ao redor, erguia-se a Pedra da Caça, um imenso bloco de granito oblongo e vertical, apoiado sobre um tipo de base áspera. Tinha pouco menos de três metros de altura e devia pesar muitas toneladas. Na face da pedra estavam entalhados sinais que um dia poderiam ter sido letras ou símbolos de algum tipo, mas que o vento e a chuva de incontáveis anos tinham, em parte, erodido. Puxada por sabe-se lá qual estranha e distante tribo de homens, em qual estranho início da humanidade, ou por meio de que tipo de dor ou sacrifício que deve ter sido arrastar aquele peso imenso da pedreira distante da qual tinha sido escavado, e ao longo dos lentos séculos permanecera de pé ali naquela encosta nua. Agora, na base, havia um homem corpulento sentado, fumando um charuto, e o professor acenou um cumprimento.

— Bela manhã, inspetor-chefe — disse ele —, mas não me sentaria aí se fosse você.

O inspetor-chefe Harris, da Scotland Yard, pareceu surpreso, mas se levantou mesmo assim, pois a mente dele era disciplinada, e tinha devido respeito por todos os professores.

— Por que não? — perguntou ele. — É firme o suficiente. Achei que tivesse sentido um tremor quando me sentei, mas não cairá ainda.

— Sabe alguma coisa sobre um rapaz local chamado Tim alguma coisa?

— Registrado como desaparecido. Ouviu falar disso?

— Sim.

— Talvez tenha algo a ver com o caso “Beleza de Bolton Três” — observou o inspetor, reflexivo —, mas não é muito provável que uma moça inteligente, alegre e jovem como essa Aggie Polton se misturasse com roubo de gado.

— Não.

— Bem, aí está.

— Reparou em alguma coisa por aqui?

— Nada, exceto... — E ele apontou para um rastro estranho, de marca simples no chão, como se algo imensamente pesado tivesse passado por ali.

— Parece que um rolo compressor passou por aqui, mas não pode ter sido isso, pode?

— Não. Reparou naquilo?

Ele apontou para uma mancha vermelho-amarronzada na base da pedra, exatamente onde o inspetor-chefe estivera sentado. O inspetor-chefe sacudiu a cabeça.

— O que é aquilo? — perguntou ele.

— Não sei — falou o professor —, mas acho que pode ser sangue.

Ele se afastou um pouco e passou a seguir onde as tocas de coelho pareciam mais numerosas, em uma elevação baixa, um pouco distante. Era um fragmento de rede que tinha pego e então voltou carregando-o nas mãos.

— É útil para prender coelhos? — quis saber o professor.

— Pode ser. Por quê?

— No pub pareciam achar que Tim tinha saído atrás de coelhos.

— Ora, não acha que alguém o sequestrou, acha?

— Não, sequestro não.

O inspetor-chefe saiu andando e se sentou de novo na base da Pedra da Caça. Ele se levantou às pressas e disse:

— Deus! Acho que está certo.

— O que é? — perguntou professor, virando-se subitamente.

— Achei ter sentido essa coisa se mover. Quero dizer, quando me sentei. Um tipo de movimento, de tremor. Como se pudesse tombar. — Ele apoiou a mão contra a pedra e empurrou. — Parece bem firme.

O professor estava olhando para o céu.

— Meio-dia. Muito bem. Não, acho que não há chance de isto cair.

— Ora, então — exclamou o inspetor-chefe. Ele pareceu muito preocupado e um pouco pálido. Então falou: — Juro que senti... algo. — Depois de uma pausa, durante a qual o professor ficou em silêncio, acrescentou: — Se não soubesse que não tomei nada, teria pensado que andei bebendo.

— Acho melhor irmos, sim?

O inspetor-chefe concordou, um pouco apressado. Estava olhando para trás por cima do ombro conforme se afastavam. Ele falou:

— Deve ser a névoa. Dá à coisa um tipo de aparência oscilante, como se para trás e para a frente, se sabe o que quero dizer.

— Não há névoa alguma — falou o professor.

Ele andava muito rapidamente. Às vezes quase corria.

— Por que a pressa? — falou o inspetor-chefe.

— Não sei — respondeu o professor. Então acrescentou, logo em seguida: — Acho que estava sentado onde as vítimas eram ofertadas quando aquela era uma pedra sacrificial.

— Argh! — exclamou o inspetor-chefe. — O suficiente para deixar qualquer um meio assustado.

— E mesmo que não soubesse... — disse o professor. Quando chegaram à base da estrada, continuou: — Quero que me consiga um boi, branco, sem manchas ou defeitos.

— Hã? Para que quer isso?

O professor explicou. O inspetor-chefe falou, com firmeza:

— Isso é loucura.

— Sim, eu sei — falou o professor.

— Se não fosse pelo que senti lá em cima... — respondeu o inspetor-chefe.

— Branco da cabeça à cauda, sem manchas ou defeitos — repetiu o professor.

— Certo. É um negócio esquisito. Sinto como se quisesse me retirar da minha mente.

— Quer dizer que quer me retirar — falou o professor, sombriamente. — Eu sei. Mas o que aconteceu com a pequena Aggie Polton? Onde está? O que aconteceu com o touro premiado do sr. Phelps? Onde está Tim, que subiu

para pegar coelhos e agora parece que não está em lugar algum? E por que a quase cada trinta anos o Registro Anual relata algum desaparecimento misterioso nesse distrito?

— Ah, como quiser — respondeu o inspetor-chefe, irritado. — Não acredito em uma palavra, e mais, não sei onde conseguir um, como é mesmo? Um boi branco sem manchas ou defeitos! Não somos comerciantes de gado na Yard.

O professor deu um endereço ao inspetor-chefe.

— Amigo meu — disse ele. — Conhecido no meio rural. Ligue para ele. Pedi para ver o que podia fazer.

O inspetor-chefe saiu para encontrar um telefone. O sol se punha quando um caminhão chegou contendo um belo boi jovem de pelo branco como a neve, sem manchas ou imperfeições da cabeça à cauda.

O professor olhou o animal com cuidado e pareceu satisfeito. Mais tarde, conforme a meia-noite se aproximava, sob o luar podia-se ver a imagem incomum de um professor escolado e um inspetor-chefe da Scotland Yard guiando devagar um boi branco como a neve para cima de uma via íngreme e estreita.

Era uma noite perfeita. O luar se projetava na terra como um mar sutil prateado, conferindo a todas as coisas um encantamento pálido e distante. Não havia um sopro de vento. Não havia criatura viva do lado de fora. Podia ter sido uma terra da qual toda a vida tinha fugido e por ela passava, lentamente, uma estranha procissão, o boi branco como a neve e os dois homens atrás.

— Fique bem para trás — sussurrou o professor.

O inspetor-chefe não precisava de tal aviso. Ele murmurou rapidamente:

— Muitos coelhos aqui, mas nenhum do lado de fora esta noite.

— Eles sabem — disse o professor.

Diante dos homens, lisa sob o luar branco, a grande pedra surgiu, de pé e à espera.

— Este luar prega peças nos olhos de um homem — falou o inspetor-chefe.

— De fato.

Eles caminharam por uma pequena trilha. Estavam bem perto agora, ou melhor, o boi estava bem perto. Os dois homens estavam alguns metros atrás. O boi parou e mugiu, inquieto, e o som pareceu viajar para longe pelo silêncio pesado da noite de lua.

— Estou arrepiado — disse o inspetor-chefe. — Não tomei uma bebida hoje, mas podia ter jurado que a pedra ficava do lado direito da estrada.

— Ficava mesmo — observou o professor. E acrescentou: — E fica.

O inspetor-chefe parou e encarou.

— Bem, estava a nossa esquerda agora mesmo — comentou ele.

— Estava mesmo — replicou o professor.

Os homens ficaram imóveis. O boi mugiu de novo, um chamado longo e grave. O professor pegou o braço do companheiro e disse:

— Não chegaremos mais perto.

— Não — concordou o inspetor-chefe. — Que barulho foi esse?

— Acho que são seus dentes batendo — respondeu o professor. — Ou os meus.

O boi seguiu em frente e mugiu mais uma vez. Ele ficou parado, avançou mais uma vez, muito devagar, como se irresistivelmente compelido.

— Olhe — gritou o professor.

Eles viram. Sob o pálido luar, viram com clareza. Viram a grande pedra como se tivesse se inclinado para a frente. Viram como ela se ergueu da base e se impulsionou na direção do boi que se aproximava. Terra e céu estavam silenciosos; silenciosos e imóveis estavam os dois homens; o boi estava tão silencioso quanto eles, conforme o grandioso e imóvel bloco daquela imensa pedra se ergueu, deixou a base firme e avançou em grandes saltos sobre o boi imóvel. O inspetor-chefe se virou e fugiu. O professor o seguiu. Eles correram como nunca, como poucos correram além deles, pois poucos além deles algum dia tiveram necessidade de tal velocidade apavorada. O inspetor-chefe caiu e, conforme caía, gritou, pois sentira algo roçar o tornozelo. Era apenas um galho que o fizera tropeçar, mas ele ainda gritava quando se levantou e continuou correndo, e nunca mais foi o mesmo homem.

Somente quando chegaram à estalagem, somente quando luzes se acenderam, somente quando vozes humanas amigáveis puderam ser ouvidas, encerraram aquela fuga desesperada e amedrontada.

Quando, por fim, ambos estavam a salvo no quarto do professor, na estalagem, ele falou:

— Eu sabia. Ao menos acho que sabia. Mas é algo diferente quando se vê por conta própria.

— Ninguém acreditará em nós — murmurou o inspetor-chefe. — Acho que também não acredito. Achei que tivesse me pegado quando aquela coisa

agarrou meu tornozelo — disse o homem, determinado: — O que isso significa?

— Ninguém acreditará em nós — concordou o professor. — Por que deveriam? Por quanto tempo, ninguém poderá adivinhar, mas, durante séculos, aquela coisa permaneceu ali e a ela foi ofertado todos os dias, talvez, o sangue de vítimas vivas, vítimas humanas também, até que, por fim, pois o sangue é a vida, a coisa começou a ter vida própria, tão maligna quanto o que a criou, e, quando os adoradores pararam de trazer vítimas, ela começou a procurar por conta própria, para preservar com o sangue delas a vida frágil que o sangue de outros começou a criar ali dentro.

— Quer dizer que a coisa bestial ganhou vida?

— Acho que estava despertando para a vida.

O inspetor-chefe foi até a janela e olhou para a noite de pálida iluminação.

— Acho que não vou dormir — disse ele. — Ou sonharia... sonharia com aquela coisa bestial descendo até aqui, destruindo a porta ou as paredes... O que um homem poderia fazer contra cinquenta toneladas de granito vivo?

— Esta noite será segura — respondeu o professor. — Segura pois ela está saciada. Saciada por provavelmente mais trinta anos. Dormente de novo está a vida dentro dela. Não arriscaremos outro despertar, no entanto. — O professor indicou as bagagens. — Há explosivos o suficiente ali para explodir metade da colina. Esperaremos até o meio-dia.

— Ninguém acreditará em nós — repetiu o inspetor-chefe. — Acho que nem eu acredito. Se acreditasse, acho que enlouqueceria.

— Nenhum de nós acreditará. É mais seguro não acreditar. — Depois de um tempo, ele acrescentou: — Não foi apenas naqueles tempos do início da humanidade que os homens criaram para si um deus que os destruiria.

Frederick Cowles

A última história desta antologia é até agora uma história não publicada do antiquário Frederick Cowles (1900-1948). Membro da Royal Society of Literature, durante toda a vida foi um estudioso e colecionador de histórias de fantasmas, “das cenas fantasmagóricas das tragédias gregas até as histórias de Le Fanu e Richard Middleton; desde a obra *Traité sur les Apparitions des Esprits* de Calmet até os trabalhos mais recentes de Montague Summers; desde *History of Magic*, de Ennemoser, até o eterno suspense *Drácula*”. As duas coletâneas de histórias de fantasmas e de horror, *The Horror of Abbot’s Grange* (1936) e *The Night Wind Howls* (1938), estão entre as mais raras e mais avidamente procuradas do gênero. Ele escreveu diversos contos vampíricos, inclusive “The Vampire of Kaldenstein”, e o próprio “The Horror of Abbot’s Grange”, ambos recentemente incluídos em outras antologias. “Princesa da escuridão” foi uma de diversas histórias sobrenaturais destinadas à terceira, e talvez melhor, coletânea, *Fear Walks the Night*, que foi publicada pela editora Ghost Story Press em 1993. Foi inspirada em uma visita de Cowles a Budapeste em julho de 1939.

PRINCESA DA ESCURIDÃO

I

NA PRIMAVERA de 1938, fui enviado a Budapeste em uma missão bastante delicada. Durante alguns anos, círculos diplomáticos em pelo menos cinco países europeus estavam um pouco perplexos com relação a uma tal princesa Bessenyei que aparecia esporadicamente na capital húngara, e da qual se suspeitava vagamente estar envolvida em espionagem internacional. A dama primeiro atraiu a atenção em 1925, quando apareceu em Budapeste e, tão de repente quanto, partiu depois de fascinar os admiradores por pouco mais de dois meses. Quase um ano se passou antes que a princesa fosse revista em público e, desde então, a intervalos variados, voltava à capital por períodos de seis semanas a três meses por vez.

Muitos boatos feios eram sussurrados a respeito da princesa. Dizia-se que as partidas da cidade sempre coincidiam com as misteriosas mortes de homens que tinham a reputação de serem seus amantes. Havia aqueles que afirmassem que uma mulher, estranhamente parecida com a princesa, tivera associação com Bela Kun, a famosa líder comunista, e que inspirara muitas das orgias de sangue realizadas pelo regime. Tal sugestão foi tratada como fofoca frívola, pois quem poderia creditar uma história que ligava uma aristocrata tão orgulhosa com a mais baixa dos cruéis criminosos que, por um breve momento, tiveram nas mãos incompetentes as rédeas do governo na Hungria?

Ninguém podia afirmar com certeza que encontrara a dama antes de 1925. Os únicos fatos que se podia aceitar, com alguma certeza, eram que a princesa era membro de uma família húngara muito antiga e que parecia ter riqueza ilimitada à disposição. A alegação da dama de possuir uma propriedade na fronteira da Transilvânia era inquestionável, pois um lugar chamado Bessenyei constava no mapa. A história de que era espiã era difícil de crer, pois, até onde se podia dizer, Budapeste era a única cidade que a princesa agraciava com sua presença. Mas a sugestão foi levada a sério em

alguns escalões, e minha viagem à Hungria deve ter sido embasada em alguma informação definitiva. Minha tarefa era conhecer a princesa e descobrir, se possível, algo a respeito do seu passado.

Budapeste, nos anos entre guerras, era um local de encontro favorecido por vigaristas de todo tipo, bem como um destino turístico muito popular. Era uma cidade adorável e romântica, e me lembro, com um prazer nostálgico, das luzes brilhando ao longo do Danúbio, da estátua de São Gerardo banhada pela luz e a eterna música cigana soando noite adentro.

Istvan Zichy era um de nossos agentes naquela época, e tínhamos nos tornado amigos relativamente próximos durante minhas muitas visitas ao país dele. Era um rapaz atraente e, por ser conde, andava pela alta sociedade. Istvan me cumprimentou calorosamente ao me encontrar na estação de trem *Nyugati Pályaudvar*, e conversou sobre coisas frívolas conforme dirigíamos para *Dunapalota*, o Palácio Danúbio, onde uma acomodação tinha sido reservada para mim. O conde se tornou mais sério na privacidade de minha suíte, e fiquei surpreso ao ver que via minha missão com certo desconforto.

— Não gosto disso, meu amigo — disse Istvan. — Há algo de esquisito a respeito da mulher, mas é besteira sugerir que seja espiã. A minha opinião é que é inteiramente má e adoradora do diabo. — Ele fez um breve sinal da cruz e, ao ver um sorriso involuntário em meu rosto, continuou: — Ah! Você ri de mim e acha que Istvan ficou supersticioso. Sou húngaro, e sei que nesse país as velhas crenças demoram para morrer. O que sabemos dessa princesa Bessenyei? Durante alguns meses, fica conosco em Budapeste e então volta para o castelo perto de Arad, um castelo que ninguém jamais visitou e que, até onde vai meu conhecimento, não passa de pouco mais de uma ruína. Quando ela deixa a cidade, imediatamente algum rapaz que se deleitou com as suas graças morre de um modo estranho. Espere até ver a moça. Acho que vai sentir calafrios na espinha.

— Mas — protestei — fui levado a crer que a princesa é muito bela.

— De fato, é linda — respondeu Istvan. — Mas não gosto do tipo de beleza dela. Uma cobra é algo esplêndido, para aqueles que gostam de cobras. Há outro assunto estranho para o qual devo lhe chamar a atenção. Por que os parentes dessa princesa nunca se revelam? Ela fala frequentemente do pai, mas ele jamais a acompanha a Budapeste, e não conheço ninguém que já o tenha visto.

— Parentes às vezes são um aborrecimento terrível. — Gargalhei. — Talvez a dama prefira manter os dela escondidos.

— É possível que prefira manter muitas outras coisas escondidas — respondeu ele. — Bem, meu amigo, ajudarei com o que puder, mas não invejo seu trabalho. Tudo está arrumado para que se encontre com a princesa amanhã à noite e possa tirar as próprias conclusões. Eu mesmo acho que, se é espiã, o governo para o qual trabalha é dominado por um cavalheiro com chifres na cabeça.

II

NA NOITE SEGUINTE, no hotel *Astoria*, fui apresentado à princesa. Istvan tinha trilhado o caminho até o encontro com cuidado, e fui mencionado como um rico nobre inglês em visita à Hungria a caminho de Constantinopla.

Não é fácil descrever a princesa, tampouco explicar minha primeira impressão dela. Era uma mulher magra, de altura mediana, com cabelo castanho-avermelhado e olhos verdes penetrantes. Ela parecia ter trinta anos, e o rosto e as mãos eram tão pálidos que pareciam não ter sangue, embora os seus lábios fossem sobrenaturalmente vermelhos. Reparei que a mão que estendeu para que eu beijasse era muito fria, e, quando sorriu, dentes pontiagudos como presas se revelaram. Conforme a noite avançou e pude examiná-la com mais atenção, fiquei cada vez mais confuso a seu respeito. Embora, quando em movimento, o rosto fosse o de uma jovem, em repouso havia um ar de idade indefinível ali. Sequer uma ruga marcava sua beleza, mas, naqueles estranhos momentos, era velho da forma como uma peça impecável de marfim pode ter sido entalhada há séculos. Então, embora os olhos fossem definitivamente verdes quando a luz se refletia neles, na sombra pareciam quase pretos.

Na maior parte do tempo, manteve uma conversa animada, discutindo todo tipo de assunto, desde a situação internacional até a peça que estava em exibição no *Nemzeti Színház*, o Teatro Nacional. A dama não comeu mais do que duas peras e bebeu apenas água gaseificada. Isso, depois descobri, era a prática invariável da princesa, e ninguém jamais a vira comer algo mais substancial. O líder da orquestra cigana parecia evitá-la o máximo possível e, em suas perambulações pelas mesas, raramente parava perto de nosso grupo. Quando parava, tomava o cuidado de ficar atrás da princesa. Uma vez ela

disparou uma observação ao líder da orquestra e tenho certeza de que vi medo nos olhos do homem.

Durante os dias seguintes, encontrei a princesa em diversas ocasiões, e ela sempre parecia alegre ao me ver. Em uma semana ou mais, nos tratávamos com intimidade, e, para dizer a verdade, eu a achava muito fascinante — embora, de alguma forma indescritível, eu tivesse medo da mulher. Certa noite, depois de dançarmos no *Hungaria*, eu a acompanhava de volta para o apartamento que alugara em um dos velhos palácios em Buda. Tínhamos acabado de atravessar a ponte *Széchenyi Lánchíd* quando o táxi freou e empurrou a princesa contra mim. Estendi o braço para segurá-la e ela pressionou o corpo contra o meu, erguendo o rosto com um convite tão óbvio nos olhos que me inclinei e beijei seus lábios vermelhos. A boca da princesa se abriu e senti os dentes afiados perfurarem meu lábio inferior. Tudo aconteceu em um momento, e, com a mesma rapidez, ela se afastou de mim com um suspiro longo e satisfeito. Então, riu baixinho. Foi um ruído desagradável, sem humor, e senti que ela secretamente se vangloriava por ter ganho algum propósito particular. Tal impressão se confirmou quando estávamos nos despedindo e a princesa disse, muito baixinho:

— Agora você é meu para sempre. Acho que vai sonhar comigo esta noite.

E sonhei com ela — e não foi uma boa experiência. Como de costume, li durante meia hora, apaguei a luz e me deitei para dormir. Suponho que devo ter apagado a luz, pois o que se seguiu só pode ter sido um sonho, apesar da aparente realidade. Achei que um raio de luz verde fraca tivesse entrado pela janela e, com ele, flutuando para dentro do quarto, veio a princesa Bessenyei. Usava um longo vestido branco, os dentes pareciam anormalmente longos, e os olhos brilhavam como esmeraldas frias. Eu estava impotente para proferir uma única palavra, embora soubesse que aqueles dentes em breve se fixariam em meu pescoço. Ela se aproximou, com saliva escorrendo da boca de uma forma repulsiva. Levantou os cobertores e, como uma cobra disparando sobre a vítima, se abaixou até meu pescoço. Um súbito tilintar de metal contra osso ressoou, e percebi que os dentes da princesa tinham atingido o pequeno crucifixo de prata que sempre uso no pescoço. Com um grito amargo e frustrado, ela se ergueu e vi o rosto pálido mudar de forma terrível. As bochechas se afundaram, os olhos se tornaram órbitas vazias, a boca, um buraco aberto — eu estava olhando para a cabeça repulsiva de um cadáver. De tal pesadelo, acordei suando frio e encontrei a janela escancarada e as cortinas oscilando à brisa. Não consegui dormir de novo naquela noite.

Na noite seguinte, Istvan e eu fomos a uma apresentação de gala na Ópera. A princesa estava lá com um grupo da embaixada alemã. Durante o intervalo, fomos até o camarote prestar respeito, e a primeira coisa que reparei foi que a boca da princesa estava desfigurada com uma cicatriz branca fina — marca que poderia ter sido feita com um pedaço fino de metal quente. Ela observou meu olhar e, com uma risada forçada, disse algo a respeito de ter sido descuidada com um cigarro.

Quase uma semana se passou antes que nos encontrássemos de novo, e foi um encontro accidental no *Allatkert* — o Jardim Zoológico de Budapeste. O parque estava quase deserto, pois era um dia frio, e esbarrei com a princesa na casa em que ficam os lobos siberianos. Ela pulara a cerca e estava acariciando os animais pelas barras da jaula. Fiquei espantado ao ver as bestas ferozes se comportando como cachorros grandes — rastejando ao toque dela e lambendo suas mãos.

— Cuidado! — exclamei, quando me aproximei. — De certo não é seguro tentá-los com carne tão delicada.

— Eles não vão me ferir — respondeu a princesa. — Estou acostumada com lobos e sei quando são perigosos.

Ela pulou o parapeito e passou para meu lado. Por alguns instantes, ficamos olhando os animais, então a convidei para tomar uma bebida comigo no restaurante. Ela se desculpou, dizendo que jamais comia entre refeições, mas sugeriu se sentar comigo enquanto eu tomava um café. Fomos até o café quase vazio e, sentados a uma mesa contra a parede, conversamos sobre frivolidades por um tempo. De repente, a princesa disse:

— Você é católico? — Admiti o fato e ela continuou: — Então, talvez tenha algo como uma pequena cruz ou medalha sagrada que poderia me dar para guardar. Amanhã preciso ir embora e talvez jamais nos encontremos.

— Tenho um pequeno crucifixo que sempre uso, mas tem valor sentimental, e não gostaria de dá-lo. Vamos para a cidade e comprarei uma lembrança de nossa amizade para você.

— Não! — exclamou a princesa, de forma mimada. — Quero algo que tenha uma associação pessoal de verdade, algo que você use. Veja bem, tenho afeição por você, e gostaria de me lembrar desses dias felizes.

Vi de súbito um brilho determinado naqueles olhos verdes e soube que ela estava ansiosa para estar de posse de minha cruz, e nada mais a satisfaria. Também percebi que o crucifixo era meu escudo contra algum perigo desconhecido, e, sem ele, estaria à mercê de um poder que não compreendia.

O mais casualmente possível, mudei de assunto e conversamos por mais dez ou 15 minutos. Então, a acompanhei até os portões, onde ela chamou um táxi e estendeu a mão para se despedir. Quando beijei seus dedos frios, ela sussurrou:

— Você recusou meu pedido, mas a cruz não o salvará. É meu para sempre, e posso esperar. — Os lábios vermelhos se entreabriram em um sorriso melancólico quando ela deu instruções ríspidas para o motorista e foi levada.

Fiquei suficientemente perturbado pelos eventos da manhã para buscar Istvan e contar a ele. Ele ouviu sem comentar enquanto eu falava da familiaridade da princesa com lobos e do desejo dela de possuir meu pequeno crucifixo. Também fiz um breve relato de meu sonho desagradável.

— Tudo confirma minhas suspeitas — disse Istvan, depois que terminei. — Essa mulher aparentemente atraente não é o que parece. Se eu fosse contar o que acredito que ela seja, temo que sobrecarregaria sua credulidade. Estou, no entanto, convencido de que, por você, alguma providência imediata precisa ser tomada para dar fim a algo tão demoníaco. Pode me fazer o favor de contar suas experiências a meu amigo professor Otto Nemetz?

— Está falando do famoso investigador psíquico e autor de tantos livros acadêmicos e monografias sobre assuntos do oculto?

— O próprio. O professor está muito interessado em nossa amiga princesa, e pode estar disposto a dar algumas informações surpreendentes a você em relação à dama.

— Ficarei contente em conhecê-lo — respondi. — Li muitos dos livros dele, e se o homem for tão interessante quanto o que escreveu, deve ser um indivíduo incrível.

— Prometo que não ficará desapontado — respondeu Istvan.

III

MEU AMIGO ME levou para o apartamento de Otto e, depois das apresentações necessárias, alegou ter outro compromisso e me deixou sozinho com o anfitrião. O professor era muito diferente do que eu imaginara. Em vez do homem alto e com ar de acadêmico com um aspecto levemente sinistro que eu imaginava, encontrei um sujeito baixo e redondo com olhos alegres e

brilhantes. Depois que Istvan se foi, Nemetz me levou até a ampla janela e falou com entusiasmo sobre a incrível vista do Danúbio. Era, de fato, uma cena maravilhosa daquela varanda do quarto andar — a fita prateada formada pelo rio bem abaixo, o Palácio Real e a igreja da coroação além dele, e, ao norte, os cumes azulados das montanhas que cercavam a cidade.

De repente, o professor me puxou de volta para o quarto, fechou a janela e disse:

— Agora vamos ao trabalho. — Ele me guiou até uma cadeira e, depois de tirar um molho de chaves do bolso, abriu uma gaveta na mesa. Depois de retirar um envelope envolto em feltro verde com muito cuidado, tirou a cobertura e colocou uma pequena pintura a óleo em minhas mãos. Era um retrato da princesa Bessenyei, e o artista capturara, com habilidade espantosa, o brilho maligno dos olhos verdes e a curva amargurada dos lábios vermelhos.

— A semelhança é notável — exclamei. — Quem é o artista?

— Quer dizer quem *foi* o artista. Foi pintada por Nicholas Erdösi e ele, isso pode surpreendê-lo, morreu em 1502.

— Mas é impossível! — protestei, com certa fraqueza. — É um retrato da princesa Bessenyei, mas, de acordo com sua afirmativa, tem mais de quatrocentos anos.

— Exato — respondeu o professor, aproximando a cadeira da minha e falando em tom baixo: — Essa, em minha opinião, é a idade da princesa. Acredito que essa mulher perturba o mundo há mais de quatrocentos anos. Não pense que sou louco. Ouça o que tenho a dizer antes de decidir desconsiderar as teorias como um devaneio fantástico.

O professor me deu os cigarros e acendeu o próprio charuto antes de prosseguir.

— Em algumas partes da Hungria, mais especificamente no distrito da Transilvânia, a crença em vampiros ainda existe. Ao longo dos séculos, acreditou-se que algumas pessoas podem, por meio das artes malignas, reter um vestígio da vida dentro da tumba. Preciso apenas direcionar você para *Philosophicae et Christianae Cogitationes de Vampiris*, de Johann Christofer Herenberg, como prova do fato de que tal crença foi seriamente estudada por homens acadêmicos. Os mortos profanos nutrem seus corpos com o sangue de homens e mulheres vivos e, quando esse sustento está disponível, podem caminhar pelo mundo e se portar como pessoas normais. O tempo e a distância não significam nada para o vampiro e, depois de um período de

repouso tranquilo no túmulo, ele é capaz de viver como um ser humano por até seis meses. Seu desejo por sangue fresco é inspirado por uma paixão que costuma se assemelhar ao amor, e as vítimas são conquistadas por um cortejo ardiloso. Normalmente, o vampiro não gosta de ficar longe de casa por um longo período e, na verdade, não consegue fazê-lo, a não ser que obtenha a nutrição que requer. No entanto, no túmulo, pode manter a aparência de uma vida saudável durante centenas de anos, contanto que se levante, de tempos em tempos, para beber sangue humano.

“É um fato reconhecido que algumas famílias nessa parte da Europa foram, na Idade Média, dominadas pela maldição vampírica devido às próprias atividades criminosas. Os Bessenyei foram uma dessas famílias. No século XV, alguns membros da família praticavam as artes obscuras, e o príncipe Lóránd era o pior deles. Sem dúvida, vendeu a alma ao Maligno e iniciou a filha, a princesa Gizella, em todos os rituais infames do satanismo. Ela se tornou o terror do campo, uma assassina reconhecida que, por fim, foi executada por suas maldades em 1506. Infelizmente, por respeito à posição da princesa, o corpo dela foi enterrado na capela do Castelo Bessenyei. Se tivesse sido queimado, muitos problemas teriam sido evitados, pois estou convencido de que ela e o pai estão tão ativos na tumba quanto estiveram em vida. Em ocasiões diferentes ao longo dos séculos, essa mulher surgiu no mundo, e é a pessoa que você conhece como princesa Bessenyei.”

— Essa história é, de fato, ridícula — interrompi. — Estou disposto a jurar que a princesa é uma mulher de carne e osso, e não acredito que sua teoria se sustente em investigação científica. Estamos no século XX, afinal de contas.

— Ela é, realmente, uma criatura de carne e osso — respondeu Nemetz. — Mas essa carne e esse osso têm mais de quatro séculos. Sei que tudo parece fantasia medieval, mas acredito ser verdade. Estou tão convencido que estou determinado a comprovar meu argumento e, ao fazer isso, livrar o mundo de um mal demoníaco. Húngaros são naturalmente supersticiosos, e será difícil encontrar alguém nesse país disposto a me dar a assistência de que preciso. Você é inglês e pode me ajudar, se quiser.

— Como isso é possível? — perguntei, hesitante, pois, ao me lembrar dos estranhos incidentes relacionados com o breve período em que conheci a princesa, me senti ser convencido contra a vontade.

— Venha comigo ao Castelo Bessenyei — sugeriu o professor baixinho. — Posso garantir sua proteção contra os não mortos, mas não prometo que as cenas que revelarei serão agradáveis. Você é, presumo, um homem de bons

nervos, não tem medo de coisas que podem viver em sua memória para sempre.

— Não tenho medo de nada que posso entender, mas isso está muito além de mim. Preciso descobrir tudo que puder a respeito da mulher, e, por esse motivo, e não outro, estou pronto para ajudá-lo, até mesmo a lhe acompanhar a Bessenyei.

— Que bom! — exclamou Nemetz. — Não podemos perder tempo, e começaremos às nove horas da manhã. Enquanto isso, podemos muito bem visitar o *Országos Levéltár*, o departamento de Arquivos do Estado, para ver se conseguimos alguma informação sobre os Bessenyei.

O professor pegou o chapéu e a bengala e logo estávamos correndo pela rua *Horthy Miklos*. Na ponte, o professor fez sinal para um táxi que nos levou por cima do rio até Buda, ao lado da igreja da coroação, para o moderno prédio em *Bécsikapu Tér*, a praça do Portão de Viena, onde todos os documentos do Estado húngaro estão abrigados. Logo estávamos com um educado oficial que, à maneira agradável do país, trouxe uma garrafa de vinho antes de cuidar de nosso pedido.

— Sim — falou o homem. — Ouvi falar do castelo, mas, até onde me lembro, fica em território em disputa. No entanto, deixarei que tenham toda informação disponível. — Ele tocou um sino e instruiu o subordinado, que respondeu aos chamados, a trazer determinados documentos e mapas. Quando estes estavam diante dele, o oficial nos deu a chocante informação de que a família Bessenyei, pelo menos a ramificação dela que era dona do castelo, tinha se extinguido em 1723.

— Mas — falei —, com certeza existe uma princesa Bessenyei que é muito conhecida na sociedade de Budapeste.

— Provavelmente vem de outra ramificação da família — respondeu o oficial. — O Castelo Bessenyei, com suas propriedades, parece ter se tornado propriedade do Estado em meados do século passado. O local pode ser pouco mais do que uma ruína pitoresca, e vejo em nossos registros que um zelador foi mantido ali até que estourasse a última guerra. Desde o Tratado de Trianon, não tivemos conexões oficiais com a propriedade, que parece estar em território ainda alvo de litígio. Se desejam visitar o local, não terão dificuldades, embora eu acredite ser improvável que haja um zelador na propriedade. Com certeza, não recebemos cobranças de manutenção nos últimos vinte ou trinta anos.

Depois de agradecer o homem pela ajuda, nos despedimos com cumprimentos mútuos de afeição, e Nemetz e eu retornamos a Budapeste.

IV

PONTUALMENTE ÀS nove horas do dia seguinte, o professor estava em meu hotel. Ele foi até a minha suíte e, depois de abrir um mapa na mesa, apontou para a estrada pela qual precisávamos seguir.

— A distância de fato — disse ele — é de pouco mais de cem milhas inglesas, mas creio que a parte final da viagem será por estradas ruins e não podemos esperar chegar a nosso destino antes do fim da noite. Pode ajudar passarmos a noite no castelo. Acha que pode enfrentar tal provação?

— Tendo aceitado esta aventura, estou em suas mãos. Se acha que deveríamos passar a noite na construção, concordo.

— Excelente! Mais uma coisa antes de começarmos. Está usando o crucifixo no pescoço?

Mostrei a ele a cruz na corrente fina e o professor emitiu um grunhido de aprovação. Ele me levou até o carro à espera, o qual ele mesmo dirigiria. Reparei em duas malas de viagem no assento traseiro, além de um pequeno pé de cabra.

No todo, foi uma jornada agradável com breves paradas em Kecskemét e Szeged. Nesse último local, fizemos uma refeição e inspecionamos a magnífica igreja votiva. A partir de Makó, as estradas mal passavam de trilhas de terra em meio a campos de milho e vinícolas. Enfim, chegamos a uma floresta sombria, e, no limite dela, havia um acampamento cigano. Nemetz parou o carro e chamou um dos homens, perguntando se podia nos direcionar até o castelo. O sujeito se aproximou do carro e parecia temer responder à pergunta. Quando o professor repetiu o pedido, o cigano soltou uma torrente de palavras acompanhadas de gestos ansiosos. Até onde entendi, o castelo ficava na floresta, mas era apenas uma ruína deserta. Era um lugar maligno, e deveríamos aceitar o bom conselho de ficar longe dele. Nemetz gargalhou e disse algo a respeito de visitar a princesa. Tal observação pareceu aumentar a agitação do homem, e os avisos incoerentes ecoaram em nossos ouvidos conforme nos afastamos no carro.

— Está vendo? — disse meu companheiro. — Até mesmo os ciganos têm medo do castelo, e sabem que é o lar de coisas malignas.

Estava tão escuro sob as árvores que precisamos acender as lanternas para enxergar o caminho. Depois de cerca de três quilômetros, houve uma interrupção nas árvores e duas colunas em ruínas, uma ainda encimada por um brasão, indicavam a aproximação de uma grande casa. De longe, podíamos ver o contorno de uma torre, mas a estrada da entrada estava tomada por vegetação e mal era discernível dos campos no entorno. O anoitecer caía quando viramos para a entrada e um uivo de gelar o sangue soou. Um lobo cinzento e magro saltou das sombras e avançou pela lateral do carro. Nemetz pisou nos freios, sacou um revólver e disparou três balas no animal. A uma distância tão curta, dificilmente ele teria errado o lobo. Mas, com um uivo de ódio, o animal recuou sobre as patas traseiras e correu em direção às árvores. Então, por toda a floresta, soaram os gritos de resposta de uma alcateia, uivando de raiva.

Além dos portões destruídos, a estrada seguia por uma selva que originalmente deveria ser um parque. Algumas árvores atrofiadas se inclinavam acima de um lago para o qual fluíam as águas de um pântano escuro, que atravessamos por uma ponte em ruínas.

Conforme nos aproximamos do castelo, pude ver que mal passava de um sobrado, com uma torre redonda do lado oeste e, além dela, uma construção afastada que parecia uma capela. Ao parar diante da porta principal, o professor me entregou uma poderosa tocha elétrica e, cada um de nós levando uma das malas, subimos os degraus quebrados.

— Quase não há chance de haver um zelador no lugar — falou Nemetz —, o que acho muito improvável. — Ele puxou uma corrente que pendia de uma pilastra e, bem longe, dentro da construção, um sino soou um ruído oco. Conforme os ecos se dissiparam, ouvimos os barulhos de passadas arrastadas e a pesada porta se abriu. Sob o portal, estava um homem alto, vestindo o traje escuro de um empregado antiquado. Ele levava uma vela acesa na mão, e a luz iluminou um rosto barbudo no qual os olhos possuíam um curioso brilho vermelho. Confesso que tive medo e desejei estar de volta no conforto agradável do *Dunapalota*, mas o professor não pareceu sequer abalado.

— É o zelador, presumo? — perguntou ele. O homem deu um aceno quase imperceptível e Nemetz continuou: — Somos dois viajantes que desejam abrigo para essa noite. Pode ser providenciado?

— As acomodações são precárias. — Foi a resposta, com uma voz frágil, oscilante. — Mas são bem-vindos mesmo assim. Entrem, cavalheiros. Entrem voluntariamente e se tornem os hóspedes do Castelo Bessenyei.

O homem se afastou para o lado, erguendo a vela, e entramos no prédio. O corredor, que parecia estar em um estado tolerável de manutenção, fedia a umidade e putrefação. Uma tapeçaria em frangalhos oscilava em uma parede, mas as outras estavam verdes com mofo. Nosso guia nos deu pouca oportunidade de examinar os arredores, pois, depois de bater a porta, nos levou para cima de uma ampla escadaria, que seguia por um corredor estreito no primeiro andar, e nos apressou para dentro de um quarto ao final deste. Aparentemente, era um grande apartamento, e a fraca luz da vela revelou um piso exposto, uma mesa pesada, duas cadeiras e um banco-baú de carvalho.

— Isto é o melhor que podemos oferecer — disse o estranho zelador. — Espero que tenham comida, pois não há nenhuma no castelo. Acharão, creio, que isso é melhor do que uma noite passada na floresta. — Com uma risada baixa, acrescentou: — Faz muitos anos desde que tivemos hóspedes aqui.

— Pode acender a lareira? — indagou o professor. — O quarto está frio como uma tumba.

— Sinto dizer que não há combustível no castelo — respondeu o homem. — Isso é tudo que podemos fornecer: um teto acima de suas cabeças e cadeiras nas quais podem esperar pelo alvorecer. Nem mesmo uma tumba é tão fria quanto os vivos acreditam. — Quando o homem falou, o uivo de um lobo soou sob as janelas. Com um pedido de desculpas murmurado, ele pegou a vela e saiu às pressas do quarto, nos deixando na semiescuridão.

A porta mal fora fechada quanto Nemetz a abriu de novo e, me pedindo para seguir, liderou o caminho pela passagem até a beira da escada. O velho descia e a vela dele projetava sombras bizarras nas paredes úmidas. Andando de um jeito estranho, como se deslizasse, ele se apressou até a pesada porta e a escancarou. Imediatamente, uma silhueta longa e cinza saltou sobre o portal e recuei de medo. Mas, diante de nossos olhos, o lobo se transformou em mulher. Era a princesa Bessenyei. Ouvimos os murmúrios da conversa baixa. A mulher ergueu o olhar para onde estávamos de pé. O professor me puxou de volta para uma sombra mais escura e observamos as duas figuras abaixo seguirem para uma porta perto do pé da escada e sumirem através dela. Esperamos alguns momentos e então, em silêncio, nos esgueiramos de volta para o quarto.

— Agora, sabemos qual é nossa situação — disse o professor, assentando a tranca enferrujada na porta. — A princesa está aqui e é óbvio que o zelador não é o que finge ser. Precisamos nos preparar para a noite.

Da primeira mala, o professor tirou uma lanterna portátil que era poderosa o bastante para iluminar o sombrio aposento. Vimos que a poeira dos anos cobria o piso e as barras das janelas estavam adornadas por teias de aranha. Um brasão de escudo estava entalhado acima da ampla lareira de pedra, e se repetia acima de cada uma das duas janelas. Nemetz pegou punhados de alho e espalhou a erva no portal dos quartos e nos batentes das janelas. Sobre a mesa, ele colocou um par de candelabros de latão que continham longas velas finas amarelas, as quais o professor acendeu.

— Estamos agora a salvo de um ataque direto — explicou ele. — Por algum motivo, os não mortos odeiam o cheiro de alho, que sempre foi considerado proteção certa contra os encantos deles. As velas foram abençoadas pelo arcebispo no último dia da Apresentação do Senhor, e, para deixar as coisas duplamente seguras, vou agora salpicar o aposento com água benta.

O professor tirou um frasco do bolso e, recitando a oração da aspersão, borrifou gotas de água benta em cada canto do apartamento. Então, aproximamos as cadeiras da mesa e fizemos uma refeição leve de sanduíches, acompanhados por uma garrafa de água gaseificada.

— Estará seguro o suficiente para dormir — comentou o professor depois de terminarmos a refeição. — Mas de jeito nenhum deve tentar deixar o quarto ou abrir porta ou janelas.

Por um tempo, conversamos sobre coisas comuns que pareciam ridiculamente irreais naquele ambiente sinistro, mas eu estava muito cansado e conseguia sentir as pálpebras pesando. Depois de um tempo, vi que meu companheiro achava difícil permanecer acordado. Ele desabou na mesa e apoiou a cabeça no braço. Eu também devo ter caído no sono, mas parecia que jamais tinha chegado a fechar os olhos. Tomei ciência de um brilho avermelhado que parecia vir da lareira e, por fim, se dissolveu em minúsculas partículas de poeira reluzente, a qual dançou sob a luz da tocha. Aos poucos, as partículas tomaram forma, a princípio nebulosa, então mais definida até que a princesa Bessenyei estivesse diante de mim. Os olhos verdes dela pareciam tenros e convidativos, e a princesa me pediu para segui-la. Eu sabia que precisava retirar o crucifixo do pescoço antes de me levantar da cadeira, mas vi que era impossível erguer as mãos, estava preso ao lugar e não

conseguia me mover. O rosto da mulher mudou conforme ela observava meus esforços inúteis de obedecer ao comando não dito. Frustração irritada brilhava em seus olhos. A boca da princesa se contorceu com malícia terrível, salivante, e ela expôs as presas brancas nos dentes. Então, a figura ficou embaçada e uma nuvem de poeira vermelha pairou à luz da lanterna antes de desaparecer. O grito faminto de um lobo, ecoando pelo castelo em ruínas, me despertou. Nemetz já estava de pé e levou o dedo aos lábios para pedir silêncio. Do outro lado da porta, vinha o sussurro sibilante de vozes, e o uivo do lobo ecoou de novo.

— Não há nada a temer — assegurou-me o professor. Ele prosseguiu, explicando que o vampiro frequentemente assume a forma de um lobo e, nesse disfarce, consegue satisfazer a sede de sangue. Suponho que o tom constante da voz do professor deva ter me embalado no sono de novo. Na próxima vez em que acordei, era manhã e o sol brilhava pelas janelas sujas. O homenzinho estava curvado sobre um fogão de acampamento e o aroma morno e amigável do café invadiu o apartamento.

V

TOMAMOS UM BOM café da manhã, pois Nemetz tinha levado um suprimento abundante de comida. Reparei, no entanto, que nenhuma carne foi fornecida, e isso foi explicado quando o professor observou que, ao lidar com o oculto, era melhor evitar carne. Depois da refeição, guardamos tudo de volta nas malas, preparando-as para serem carregadas no carro.

— O verdadeiro objetivo de nossa visita ainda será realizado — explicou meu companheiro. — A tarefa da qual nos incumbimos é livrar o mundo desta criatura maligna, e será preciso toda nossa coragem para obtermos sucesso. Que Deus queira que não falhemos.

Ele abriu a porta e estávamos carregando nossas coisas para o corredor quando parei com uma exclamação súbita. Logo abaixo do portal, escritas na poeira do chão, estavam as palavras: “Você é meu para sempre.” Nada que eu havia vivenciado durante minha associação com a princesa me afetou tanto quanto aquela estranha mensagem. Literalmente tremi de medo e foram necessárias todas as palavras de conforto de Nemetz para recuperar parte de

meu autocontrole. Mesmo assim, eu teria fugido do acordo se pudesse fazê-lo de modo honrado.

Não havia sinal do velho que tínhamos visto na noite anterior, e, à luz fria do dia, o castelo parecia uma ruína abandonada. Bisbilhotamos alguns dos quartos no térreo e, exceto por alguns artigos quebrados de mobília antiga, estavam vazios. No que evidentemente fora o salão de jantar, alguns dos painéis entalhados tinham sido arrancados das paredes de modo grosseiro, e pássaros tinham feito ninho nas fendas.

Antes de levarmos as malas para o carro, Nemetz retirou alguns itens e os colocou nos bolsos. Os itens incluíam um crucifixo de madeira, uma adaga de aparência cruel, um punhado de alho e a garrafa de água benta. Depois de pegar o pé de cabra, Nemetz liderou o caminho até a capela.

A pequena construção devia datar do início do século XIV e era graciosa. A porta se abriu ao nosso toque, e uma lufada de ar frio e úmido nos recebeu. O interior estava imundo e cheio de madeira caída. Alguns fragmentos dos vitrais ainda restavam nas janelas, e havia um altar de pedra na ponta leste. O professor subiu os degraus e examinou a pedra do altar. Estava coberta de fezes de pássaros e, depois de raspar parte da sujeira, ele apontou para trechos marrom-escuros que manchavam o centro da mesa. O professor também me mostrou que as cinco cruzes de consagração tinham sido removidas, e o receptáculo das relíquias estava vazio.

— Estas são as marcas de sacrifícios profanos — disse ele —, e provas de que este altar foi usado para a blasfêmia maligna da Missa Negra.

Nos fundos do altar, encontramos um lance de escadas estreitas que davam para as profundezas da terra. No fundo, havia uma pequena porta marcada com o mesmo brasão que tínhamos visto no castelo.

— Agora vem o verdadeiro teste — disse Nemetz. — Este é o mausoléu da família Bessenyei, e aqui encontraremos as evidências que buscamos. Rezemos para que a força nos permita exterminar esse negócio terrível.

Ao lado do altar profanado, nos ajoelhamos e pedimos ao céu que abençoasse nossos esforços, e que nos protegesse do mal. Então, o professor liderou o caminho para baixo dos degraus e tentou a porta do mausoléu. Estava aparentemente trancada, mas a tranca enferrujada logo cedeu ao pé de cabra e a porta abriu para dentro. Com um grito selvagem que congelou o sangue em nossas veias, algo bateu asas para fora da escuridão e disparou na direção do telhado da capela. Era apenas uma grande coruja branca, mas nossos nervos, tensos quase ao ponto de se partirem, ficaram muito abalados.

De minha parte, naquele momento, eu teria alegremente abandonado a tarefa da qual tínhamos nos incumbido. Mas o professor logo se recuperou e, com uma gargalhada envergonhada, apontou o feixe da lanterna para o mausoléu. Nossos olhos se depararam com uma visão horrível. Caixões de todos os formatos e tamanhos estavam encaixados em nichos pelas paredes, e a maioria deles estava aberta. Aqui e ali ossos despontavam, e o chão se encontrava coberto de fragmentos de corpos humanos, alguns com pedaços secos de carne ainda presos. No centro do lugar, dois grandes caixões de chumbo estavam lado a lado.

— São estes os que queremos — explicou o professor, avançando para o mausoléu. — Os demais não têm importância, pois podemos ver que seus habitantes sofreram o curso normal da corrupção da carne.

Ele colocou a tocha em minhas mãos e gesticulou para que eu a segurasse de forma que a luz recaísse sobre o primeiro dos dois caixões. Então, com o pé de cabra, ele abriu a tampa e descobriu que não estava selada de forma alguma. O professor a moveu um pouco, de forma que pudesse segurar pelas beiradas. Evidentemente, não era tão pesada quanto ele antecipara, pois Nemetz levantou a tampa com relativa facilidade. Ali, diante de nós, no caixão de chumbo, estava o corpo do homem que acreditamos ser o zelador do castelo. Ele parecia estar dormindo e, no repouso, as rugas cruéis da boca formavam um sorriso maligno.

— Como suspeitei — murmurou Nemetz. — Este é o príncipe Lorand, que deveria ter morrido no século XV. Veja por conta própria como vive no túmulo e pode se levantar quando a ocasião pede. Agora vamos ver o outro.

Nós nos viramos para o segundo caixão e, sem qualquer dificuldade, erguemos a tampa e a colocamos no chão. Eu estava mais ou menos preparado para a visão que nossos olhos encontraram, mas, mesmo assim, me deu um choque terrível. A luz da tocha nos mostrou a princesa Bessenyei, que para todos os fins descansava na tumba. Mal se podia descrever que a princesa dormia, pois os olhos cruéis estavam arregalados e brilhavam com um escárnio debochado. Ao olhar para aquele lindo rosto, era difícil acreditar que aquela mulher tinha caminhado pela terra por mais de quatro séculos e que a fonte da imunidade dela à morte era o sangue de pessoas inocentes que se tornavam suas vítimas. Mas fui convencido.

Nós nos viramos para o primeiro caixão e o professor sacou a adaga. Sussurrando para que eu segurasse a tocha com firmeza, ele ergueu o braço e enterrou a arma profundamente no coração da coisa no caixão. Um grito

sobrenatural de dor saiu dos lábios retorcidos, o corpo murchou de forma grotesca por alguns minutos e então, diante de nossos olhos, se transformou em poeira. Nemetz, que parecia bastante inabalado, colocou algumas cabeças de alho no caixão e borrifou água benta. Estávamos nos abaixando para erguer a tampa quando deixei cair a tocha e mergulhei o mausoléu em escuridão. Antes que conseguisse recuperar o objeto, uma gargalhada ríspida ecoou. Nós dois nos viramos e ali, emoldurada pelo estreito portal e envolta em um brilho pálido e fosforescente, estava a princesa, com os olhos verdes incandescentes de ódio infernal. Em um segundo, o professor sacou o revólver e o esvaziou contra a figura. Podia ter se poupado do trabalho, pois os tiros não fizeram efeito algum.

Depois de erguer a mão em um gesto de comando que pareceu nos imobilizar, a princesa se dirigiu a nós.

— Você, professor Nemetz — disse ela — tirou meu pai de mim e, por isso, pagará a pena. Fracassou em me destruir e nada pode salvá-lo de minha vingança quando a hora chegar, pois os não mortos não esquecem. — Então, ela se virou para mim e deu um sorriso lento e misterioso. — Não preciso lhe dizer mais uma vez que será meu no fim. Seus lábios tocaram os meus e, embora anos possam passar e mares possam nos dividir, irei até você quando chegar a hora.

Com tais palavras, a princesa desapareceu diante de nós. O poder foi devolvido a nossos braços e pernas e subimos correndo os degraus até a capela. Não havia sinal da princesa, mas, com um arrulho de deboche e o bater das asas, a grande coruja branca desceu planando e voou de volta para o mausoléu.

O professor parecia bastante abalado.

— Tarde demais — gemeu ele. — Tarde demais. Deveria ter percebido que é habilidosa demais nas artes malignas para se permitir destruir pelos métodos comuns.

Voltamos para o carro e logo dirigíamos pela floresta. Nemetz mal disse uma palavra. Ele dirigia como se tentasse escapar de um terror que o perseguia, e chegamos a Budapeste no fim da tarde. Dei ao professor um *brandy* forte em meu quarto, mas toda a vida parecia ter se esvaído dele.

— Devo, novamente, avisá-lo do perigo em que se encontra — falou o professor, antes de nos despedirmos. — Essa criatura tem uma paixão por você que se assemelha, até certo ponto, à paixão do amor violento. Jamais ficará satisfeita até que você tenha se tornado sua vítima, mesmo que precise

esperar por muitos anos. Posso apenas suplicar que se proteja de toda forma possível. Temo por você, e também temo por mim. A princesa prometeu vingança e estou convencido de que não passará muito tempo até que venha o ataque. Que Deus esteja com você, meu amigo. Se tudo estiver bem, o visitarei pela manhã.

Nunca mais vi o professor Nemetz vivo. Naquela mesma noite, ele foi morto da forma mais brutal. As autoridades decidiram que algum animal selvagem tinha conseguido entrar no apartamento do pobre homem, embora fosse impossível determinar como, pois ele fora literalmente dilacerado até a morte. Mas sei como e por que o professor morreu. Vi o terror brilhando nos olhos mortos dele e me lembrei do lobo cinzento e magro de Bessenyei.

Minha vez chegará. Eu me sinto seguro com a pequena cruz em volta do pescoço, mas ela encontrará alguma forma de sobrepujar o poder do objeto. Escrevo esta história para que a verdade possa ser conhecida e, talvez, se Deus permitir, alguém seja corajoso o suficiente para, de novo, tentar destruir os não mortos. Deixo esta cidade com medo no coração, pois sei que ela me seguirá até os confins da Terra.

*Epílogo do dr. Reginald Staines,
médico responsável pelo Sanatório Eastdown, Devon*

O manuscrito anterior foi escrito por Harvey Gorton, ex-membro do serviço diplomático, que foi admitido nesta instituição em 10 de novembro de 1939. O caso dele era de psicose, cuja principal característica era um delírio fixo de que era caçado pela mulher que chamava princesa Bessenyei. À exceção disso, era aparentemente normal e jamais causou problemas. Achei Gorton um homem bastante culto, e costumávamos conversar sobre a situação internacional. Ele estava muito inquieto com a guerra e parecia temeroso de que a Hungria, país pelo qual tinha grande afeição, não fosse levada para o conflito. Se o curso normal dos eventos fosse seguido, acho que teríamos efetuado uma cura completa em poucos meses.

Em 2 de dezembro, depois de uma neve fraca, Gorton caminhava pela propriedade quando tropeçou na raiz de uma árvore e caiu por quase dois metros por uma encosta, ferindo o ombro esquerdo. Estava com muita dor, e uma radiografia revelou uma fratura na ponta superior do úmero. Ficou decidido dar um anestésico para a redução. Gorton sempre usava um pequeno crucifixo no pescoço e reparei que, quando o cirurgião afastou o pingente

para examinar o ombro com mais atenção, o homem se agitou e protestou que a cruz não deveria, em hipótese alguma, ser removida. Injetamos pentolthal em uma veia no braço e, conforme Gorton ficava inconsciente, a enfermeira, com algum movimento desastrado, quebrou a corrente na qual a cruz estava pendurada e o pingente caiu no chão. O paciente ficou desacordado por cerca de quarenta segundos e, quando foi levado de volta para o quarto, o crucifixo foi aparentemente esquecido. Depois, Gorton ficou muito ansioso com relação à perda e chegou a tal estado que dei instruções para que lhe fosse devolvido. Infelizmente, a sala de operações tinha sido limpa e, embora a cruz tivesse sido encontrada, estava trancada na mesa da enfermeira-chefe. Ela deixara o serviço e era impossível recuperarmos o pingente até que ela voltasse.

Tentei acalmar Gordon, mas ele ficou agitadoíssimo com a coisa toda e exigiu que a mesa fosse arrombada. Como parecia que Gorton ficaria violento, dei a ele um sonífero forte, acreditando ser a melhor solução para o problema.

Mais tarde na mesma noite, depois de me assegurar de que o paciente dormia profundamente, fui até o vicariato durante uma hora para discutir com a esposa do vigário a formação de algumas turmas de primeiros-socorros. Mal me acomodei quando o telefone tocou e fui chamado de volta para o sanatório.

O lugar todo estava uma confusão. Meu suplente, o dr. Snell, relatou que, cerca de cinco minutos depois que parti, uma mulher, falando com um sotaque estrangeiro, visitou o sanatório e pediu para ver Gorton. Foi levada a uma sala de espera enquanto a enfermeira foi informar Snell do pedido. Ele disse que era impossível que Gorton fosse visitado, e a enfermeira, ao retornar para informar à visitante, encontrou a sala de espera vazia. Naquele momento, ela ouviu um grito de terror, e membros da equipe, correndo, encontraram a porta do quarto de Gorton escancarada. O pobre diabo estava deitado com metade do corpo para fora da cama, já morto. Quando fui examinar o cadáver, descobri que estava quase sem sangue algum — uma condição difícilíssima de descrever ou explicar. O único ferimento no corpo era um minúsculo par de furos no pescoço.

SOBRE O ORGANIZADOR

RICHARD DALBY foi editor e pesquisador literário conhecido por suas antologias de histórias de terror. Editou uma série de antologias pioneiras reconhecidas por sua qualidade, além de diversos livros populares de histórias de terror e thrillers com temáticas natalinas. Dalby também foi responsável por diversas edições de coleções de histórias de terror por autores pouco conhecidos e trabalhava assiduamente para promover autores contemporâneos. Ele faleceu em 4 de maio de 2017.

AUTORES PRESENTES NA COLETÂNEA

Algernon Blackwood
Alice e Claude Askew
Anne Crawford
Barry Pain
E. Heron-Alley
E.R. Punshon
Eliza Lynn Linton
Frederick Cowles
H.B. Marriott Watson
Horacio Quiroga
Hume Nisbet
Julian Hawthorne
Louise J. Strong
Mary Cholmondeley
Mary E. Braddon
M.R. James
Phil Robinson
Sabine Baring-Gould
Sir Arthur Conan Doyle
Ulric Daubeny
Vasile Alecsandri
Vernon Lee
Vincent O'Sullivan
William Gilbert



PUBLISHER
Omar de Souza

GERENTE EDITORIAL
Mariana Rolier

EDITORA
Alice Mello

COPIDESQUE
Anna Beatriz Seilhe

REVISÃO
Rebento Editorial

PROJETO DE MIOLO E DIAGRAMAÇÃO
Julio Moreira | Equatorium Design

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Osmane Garcia Filho

CONVERSÃO PARA E-BOOK
Abreu's System